

Robert Vannoy, Fundação da Profecia Bíblica, Palestra 1A

1. Introdução

1A. Descrição do Curso

Quero dizer algumas coisas sobre cada uma dessas folhas de apostila e acho que o lugar para começar é com a única página que diz “Descrição do curso”. Há um parágrafo que descreve o conteúdo básico do curso lá no topo dessa página. “Fundamentos da Profecia Bíblica tem um propósito duplo. Um, para apresentar ao aluno o fenômeno da profecia no antigo Israel.” O que veremos serão as características desse fenômeno profético sob esse título. Mas, em segundo lugar, “familiarizar o aluno com o conteúdo dos livros proféticos do Antigo Testamento”. Vejamos, quatro profetas maiores, doze profetas menores: qual era a mensagem deles? Qual foi o contexto histórico em que eles deram essa mensagem?

2A. O Fenômeno da Profecia

Assim, o primeiro propósito, isto é, o fenômeno da profecia, será realizado por meio de discussão em sala de aula, de questões como: Todos os profetas de Israel receberam um chamado especial para sua tarefa profética? Como explicar a origem do profetismo em Israel? Este é um fenômeno que foi simplesmente uma criação do gênio desse antigo povo israelita? Eles pegaram emprestado de algumas outras nações vizinhas que também supostamente tinham algum tipo de fenômeno profético? Esses são os tipos de perguntas que faremos. Vou explicar a origem do profetismo em Israel. Existem analogias com o profetismo de Israel entre outros povos antigos? Essa é uma pergunta que tem recebido muita atenção. É claro que muitas pessoas descem e dizem: “Sim, existem”. Como o antigo israelita poderia distinguir entre um verdadeiro e um falso profeta? Quando você lê os livros proféticos, fica particularmente claro em Jeremias, você terá Jeremias dizendo “Assim diz o Senhor”. E então aqui vem Hananias, outro profeta, e ele afirma: “Assim diz o Senhor.” No entanto, eles dão duas mensagens contraditórias. Coloque-se no lugar de um israelita. Quem você ouviria? Você é responsável por

obedecer à palavra do Senhor vinda da boca dos profetas de Deus para o seu povo. O que você faz quando dois profetas diferentes afirmam ser profetas de Deus com duas mensagens totalmente contraditórias? Então, como um israelita poderia distinguir entre um verdadeiro e um falso profeta?

3A. Os Profetas eram Funcionários do Culto?

Os profetas eram funcionários do culto? Há toda uma escola de pensamento que diz que os profetas eram muito parecidos com os sacerdotes empregados no templo como funcionários, e eles eram funcionários oficiais do serviço do santuário do templo. Bem, essa é a melhor maneira de entender quem era um profeta? Os profetas eram escritores? O que temos nesses livros proféticos? Isso vem da mão do profeta ou é apenas um registro muito posterior de tradições orais de proclamações proféticas?

4A. A profecia bíblica tem algum valor apologético?

A profecia bíblica tem algum valor apologético? Você pode argumentar a partir da profecia e seu subsequente cumprimento que, porque este corpo de homens falou com tanta antecedência sobre tais coisas notáveis que aconteceram muito mais tarde no tempo historicamente, isso é realmente uma evidência para a revelação genuína? Ou seja, essas pessoas estavam falando da parte de Deus sobre o que nenhum ser humano jamais poderia falar e, portanto, a Bíblia é verdadeira. Você pode fazer um argumento apologético de profecia e cumprimento para a veracidade da revelação divina? As pessoas olham para isso de duas maneiras diferentes; algumas pessoas dizem “sim”, algumas pessoas dizem “não”. Essas coisas são todas sobre o fenômeno do profetismo, e passaremos bastante tempo em sala de aula sobre essas questões porque isso é fundamental para a profecia bíblica.

5A. Princípios Hermenêuticos Importantes na escrita profética

Além dessas características gerais dos fenômenos proféticos no Antigo Testamento, será dada atenção aos princípios hermenêuticos que são importantes para a interpretação adequada da escrita profética do Antigo Testamento. A

interpretação da obra profética envolveu algumas questões que você não aborda em alguns dos outros gêneros de literatura do Antigo Testamento, como narrativas históricas ou literatura de sabedoria; cada um tem suas características únicas. Portanto, veremos alguns dos princípios hermenêuticos importantes para a interpretação dos escritos proféticos. As discussões incluirão coisas como a perspectiva do tempo profético, a condicionalidade das declarações proféticas, bem como a ideia de duplo sentido, dupla referência e o profeta falando com as mesmas palavras enquanto, ao mesmo tempo, tem em vista dois eventos diferentes, no que diz respeito ao cumprimento separados por uma longa distância no tempo.

6A. Tarefas de leitura

Agora, novamente, isso ainda faz parte desse fenômeno do profetismo, mas para chegar a esse segundo propósito de conteúdo, o aluno lerá cada um dos livros proféticos maiores e menores junto com a *Introdução ao Antigo Testamento e à Literatura Profética* de C. Hasel *Bullock*, onde ele pega cada livro e discute o conteúdo do livro, problemas interpretativos, contexto histórico e sua mensagem geral, etc. Portanto, quanto ao conteúdo da aula, não vou fazer muito com isso. Em grande parte, você vai ler os livros proféticos e a *Introdução de Bullock*. Na aula vou tratar de quatro dos profetas menores, Obadias, Joel, Jonas e Amós, e quando começar a chegar ao final do curso ensinarei Obadias, Joel, Jonas e Amós. Então, essa é a descrição geral do que faremos.

2. Objetivo do Curso

1A. Fenômenos proféticos

Vamos passar pelos objetivos e, no verso dessa página, quando chegarmos aos métodos, falarei sobre atribuições. Quanto aos objetivos do curso, parte disso é uma repetição do que acabei de dizer no parágrafo anterior. Primeiro, examinar o fenômeno do profetismo no antigo Israel, incluindo coisas como chamado profético, inspiração dos profetas, relações entre verdadeiros e falsos profetas, atos simbólicos, comparação entre profecia em Israel e profecia fora de Israel e valor

apologético da profecia bíblica. Vamos apenas passar por isso.

2A. Conteúdo Geral de Cada Livro Profético

Em segundo lugar, familiarizar-se com os escritos dos profetas de Israel, incluindo o conteúdo geral de cada livro, seu propósito e cenário histórico. Então essa é a parte do conteúdo.

3A. Princípios Hermenêuticos para os Escritos Proféticos

Terceiro, aprender alguns princípios de hermenêutica relativos aos escritos proféticos, tanto na teoria quanto na aplicação. Farei uma palestra sobre isso por mais ou menos uma sessão, mas quando chegarmos aos quatro profetas menores, aplicaremos esses princípios e veremos como alguns deles são relevantes para o texto.

4A. Teorias Críticas esp. Isaías e Daniel

1B. Isaías: Data e Autoria

Quarto, familiarizar-se com as teorias críticas sobre a autoria e o caráter dos livros proféticos, com atenção especial dada a Isaías e Daniel. A mensagem de Isaías vem de um homem chamado Isaías, o profeta, que viveu na época de Acáz e Ezequias, ou esse material veio de uma época muito posterior? Essa questão surge de forma muito aguda de Isaías 40 até o final do livro, de modo que, se você olhar para o comentário médio dos principais estudiosos da Bíblia, encontrará um comentário sobre o profeta Isaías que está nos capítulos 1-39. Então você encontrará o segundo volume sobre o que é chamado de Deutero-Isaías, ou o segundo Isaías, nos capítulos 40 até o final, que consistentemente é dito ser de alguém que não seja Isaías, o profeta. Por que eles dizem aquilo? Essa segunda parte do livro de Isaías assume que o cativo babilônico já ocorreu, o que ocorreu mais de 150 anos após o Isaías histórico. Claro, isso não aconteceu no tempo de Isaías, Isaías estava dizendo que aconteceria; ainda assim, os capítulos 40-66 parecem presumir que isso aconteceu e que agora Deus vai trazer Israel de volta do cativeiro. Especificamente, eles vão voltar do cativeiro sob o reinado de Ciro, o persa, que foi mencionado pelo nome. Ele viveu séculos depois da época

do profeta Isaías. Portanto, a questão é: como alguém poderia ter falado com tanta clareza e precisão sobre a ascensão do império persa e do governante Ciro, e que sob Ciro Israel retornaria do cativeiro? Nos estudos bíblicos convencionais, a conclusão é que isso é impossível. Isso deve ter sido escrito por alguém muito mais tarde, que viveu na época de Ciro e, portanto, ele sabia que Ciro existia. Então, vou examinar toda essa questão com Isaías porque é com Isaías e Daniel que essa questão é levantada com mais frequência e a autoria do livro é questionada.

2B. Daniel: Data e Autoria

Em Daniel você tem problemas muito semelhantes. Na primeira parte do livro você tem visões, mas na última parte do livro você tem essas profecias, que são descrições detalhadas, não apenas do fim dos tempos em que o anticristo surgirá, mas daquele período de tempo em que os judeus as pessoas foram perseguidas por um governante que saiu da divisão do reino de Alexandre, o Grande. Para Israel, essa foi uma época em que os selêucidas na Síria e os ptolomeus no Egito lutaram pela Terra Santa, disputando quem controlaria aquele território. Há guerras entre eles, isso é pelo Norte e pelo Sul. Em meio a isso, há uma descrição de ninguém menos que Antíoco Epifânio da Dinastia Selêucida, as descrições de suas perseguições ao povo judeu e a profanação do templo - história que claramente ocorreu no século II aC Como poderia Daniel, escrevendo antes de 500 aC, sabia com antecedência com tantos detalhes o que aconteceria 300 anos depois? Portanto, a conclusão geral dos principais estudos bíblicos foi, bem, Daniel não escreveu isso; ao contrário, foi alguém que viveu por volta de 160 ou 164 aC, na época de Antíoco Epifânio. Veremos alguns desses argumentos.

5A. Relevância dos Escritos Proféticos

Quinto, exploraremos como a mensagem dos escritos proféticos tem relevância para a igreja do século XXI. Você fará uma tarefa sobre isso e fará algumas leituras fora de Bullock. Essa é certamente uma questão importante, isso faz parte das Escrituras, pois Paulo disse: “toda a Escritura é inspirada por Deus e

proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça”; isso claramente inclui os livros proféticos do Antigo Testamento, mas como você encontra significado nesses livros para hoje?

3. Métodos

1A. leituras

Então esses são os objetivos gerais do curso. Se você virar o verso dessa página, “Métodos empregados para garantir os primeiros objetivos.” Eu já mencionei que você lerá a *Introdução de Bullock ao Antigo Testamento e aos Livros Proféticos*. Então, em conexão com seu significado para hoje, quero que todos leiam um capítulo de Elizabeth Achtemeier, de um volume chamado *Preaching from the Old Testament*. O capítulo sete desse volume é “Pregação dos profetas”, nas páginas 109-135 desse volume. Além disso, quero que você leia um dos dois livros a seguir: *Preaching from the Minor Prophets, de Elizabeth Achtemeier*, ou *Loving God and Disturbing Men: Preaching from the Prophets, de Donald Leggett*. O propósito de cada um é discutir como encontrar significado para hoje na pregação dos livros proféticos. Voltarei em um minuto para o que quero que você faça quando chegarmos à página de tarefas. Também quero que você leia cada um dos livros proféticos da Bíblia em inglês.

2A. Palestras e Artigos

As palestras complementarão as leituras, concentrando-se em vários aspectos dos fenômenos do profetismo e depois, como mencionei, nos livros de Obadias, Joel, Jonas e Amós. Quero encorajar a discussão em sala de aula. Agradeço sua interrupção a qualquer momento com perguntas, comentários ou o que quer que seja. Haverá um documento exegético sobre o livro de Oséias; Falarei mais sobre isso quando chegarmos às atribuições; haverá uma análise exegética de uma passagem de Amós, Amós 9:11-13, que se torna uma passagem bastante importante em relação ao estabelecimento de uma hermenêutica para a interpretação dos escritos proféticos porque esse texto em Amós 9:11-13 é retomado no livro do capítulo 15 de Atos. Ele é citado e interpretado de uma certa

maneira, mas há uma série de questões sobre exatamente como ele está sendo usado e quais conclusões podem ser tiradas. Portanto, quero que você trabalhe um pouco nessa passagem e farei algumas discussões em classe sobre essa passagem depois que você já tiver trabalhado nela. Na verdade, essa será a última aula do curso. Você também precisará escrever uma breve discussão sobre as leituras de Achtemeier e Leggett. No que diz respeito aos testes, há potencial para um questionário a cada semana sobre as leituras atribuídas por Bullock. Há um período intermediário e um final, e há este trabalho sobre Oséias que também será um fator na sua nota.

3A. atribuições

Se você for para esta página de tarefa e for para a página quatro, na parte inferior, perceberá que há o esquema de avaliação. Um quarto são testes sobre Bullock, a exegese de Amos e o relatório Achtemeier são considerados o equivalente a um teste, então tudo isso agrupado cumulativamente é um quarto de sua nota. O trabalho de Hosea é um quarto da sua nota, o meio e o final também são um quarto da sua nota. Portanto, há quatro fatores na nota. Agora, vamos voltar para a primeira página dessa folha de tarefa. Novamente listo as várias leituras: Bullock, capítulo sete de Achtemeier, depois Achtemeier ou Leggett, no topo. Essas são as coisas que você vai ler.

4A. Instruções do Termo de Oséias

O termo papel. O estudo deve ser feito no livro de Oséias, cujos resultados serão resumidos em um artigo de 15 a 20 páginas. Agora deixe-me alertá-lo; Eu não quero 25 páginas, mantenha 20 páginas ou menos, e isso é um desafio, por causa do que segue aqui, o que eu quero neste papel para se disciplinar. Mas 15-20 páginas, datilografadas em espaço duplo, com fonte de tamanho normal, usando a forma correta para notas de rodapé e bibliografia e assim por diante. Não estou tão preocupado com a forma que é, mas você deve ser consistente na forma, seguir a Universidade de Chicago, MLA ou qualquer outra coisa. O documento deve incluir a discussão dos seguintes assuntos, e há três tópicos. A primeira coisa que

quero que você inclua é uma discussão sobre o problema moral da esposa de Oséias, Gomer. O Senhor diz a Oséias para sair e se casar com uma prostituta. Isso tem incomodado muita gente. Como o Senhor poderia fazer isso? Bem, isso é um problema? O que está acontecendo aqui? Acho que se você começar a pesquisar isso, ficará surpreso com a quantidade de literatura que existe, por aí, sobre essa questão, e a enorme variedade de maneiras pelas quais as pessoas lidaram com esse problema e chegaram a uma conclusão . Liste dois artigos que também estão reservados na biblioteca como fotocópias. Eu acho que eles provavelmente serão úteis para entrar nessa questão. O primeiro é de um homem chamado H. Ebers “ The Matrimonial Life of Hosea ”, publicado em um volume de ensaios de um grupo de estudo do Antigo Testamento na África do Sul. É uma boa pesquisa das questões envolvidas. Em seguida, HH Rowley, “ The Marriage of Hosea ”, em um volume chamado *Men of God: Studies in Old Testament History and Prophecy* . Se você olhar esses dois artigos, vai entrar no assunto e partir daí para onde quiser. O que me interessa, no que diz respeito à discussão em seu artigo escrito, é sua própria conclusão e por que você chegou a essa conclusão. Você terá que mostrar alguma consciência de quais são todos os problemas ao fazer isso, mas eu realmente quero que você leia e pense sobre isso e, em seguida, coloque no papel qual é a sua própria conclusão, depois de ter passado por isso. Então essa é a primeira parte.

Em segundo lugar, quero que você leia Oséias várias vezes; não é um livro tão longo; é bastante complexo o modo como está organizado, mas leia-o e selecione algum versículo, seção ou tópico ou tema, ou você pode até fazer um estudo de palavra de uma palavra significativa. Tudo depende de você, mas selecione algo como um versículo, uma seção ou um tópico, diferente do tópico da esposa de Oséias (não quero que você volte a essa pergunta). Pegue outra coisa na segunda seção, algo que você ache interessante. Comente sobre isso, utilizando percepções derivadas da exegese da tradução hebraica. Em outras palavras, quero que você mostre alguma evidência de que está trabalhando com alguma questão

interpretativa no livro de Oséias e usando a Bíblia Hebraica no processo de trabalhar com isso. Essa é a segunda seção.

Então , a terceira seção é o significado do profeta para hoje. Faça alguns comentários sobre o significado do livro de Oséias para a época em que foi escrito e, em seguida, preencha a lacuna histórica; vivemos em um tempo, cultura, lugar e história de redenção totalmente diferentes dos de Oséias. Comente sobre seu significado para o povo de Deus no século XXI. Portanto, há três seções do artigo, eu diria três mini-artigos que quero que você resolva e que entregue como um único artigo, mas com essas três seções.

5A. Tarefas e datas de leitura de Bulloch

Agora, alguma dúvida sobre isso? Quero que você mostre evidências de que fez alguma pesquisa, mas não daria nenhuma extensão específica a isso. Deixe-me neste ponto pular para a página três. Você percebe como esse cronograma de atribuição funciona. As datas são datas de vencimento, então hoje é dia 9, a próxima terça é 16 de janeiro e eu quero que você leia de Bullock sua discussão sobre Obadias, Joel, Jonas e Amós. Eu apreciaria se você fizesse mais do que apenas lê-lo; Quero que você faça algumas anotações e internalize algumas delas, trabalhe nisso. Esteja pronto para um possível teste sobre Bullock, pois na semana seguinte você terá Hosea e Micaías; são apenas 40 páginas. Eu dei uma tarefa de leitura de Bullock para 30 de janeiro , que é para começar a trabalhar naquele artigo de Oséias, e você pode trabalhar naquele artigo de Oséias até o fim. Na semana seguinte, Isaías e Sofonias, então na semana seguinte, de volta à pesquisa do papel de Oséias, e então você chega a um meio termo. Então você está de volta a Bullock com Habacuque para Jeremias e Naum, e então Bullock para Daniel. Mas, em 6^{de março} , o papel de Hosea é devido. Em outras palavras, você tem duas datas de atribuição em aberto para trabalhar nisso, além de qualquer outro horário que esteja fazendo ao longo do caminho. Mas até terça-feira, 6 de março, quero que você entregue isso.

Agora há um asterisco lá, que no meio da página quatro você vê, uma

extensão de uma semana será concedida sem penalidade. Mas além de uma semana de atraso, deduzirei 5/10 de um ponto de nota por semana subsequente. Não vou deixar este trabalho até o final do curso; Eu quero que você tenha feito isso, 2/3 do curso, para que não se acumule no final. 13^{de março} você está de volta a Bullock; 20^{de março}, exegese de Amós. Darei a você uma planilha com algumas perguntas que quero que responda por escrito para essa tarefa. Darei a você em mais algumas semanas. Em seguida, discutirei a passagem de Amós 9, conforme mencionei, para terça-feira, 27 de março, que é nosso último horário de palestra. Terça-feira, 3^{de abril} é o exame final, quero que você entregue um resumo escrito de duas páginas das cinco coisas mais importantes que aprendeu lendo as duas leituras indicadas do capítulo sete de Achtemeier ou o livro de Leggett. Em outras palavras, esse é o material sobre a pregação dos profetas, e eu quero que você faça a leitura listada ali novamente e, em seguida, esboce as cinco coisas mais importantes que aprendeu com essa leitura. Então, 3^{de abril} é o exame final. Alguma dúvida sobre as tarefas?

6A. Crédito extra

No que diz respeito aos créditos extras, se você quiser fazer algum trabalho de crédito extra, pode fazê-lo lendo os capítulos um, dois, seis e sete do livro chamado *Continuity and Discontinuity, Perspectives on the Relationships Between the Testaments*, editado por John Feinberg, publicado pela Crossway Books em 1988. Esta é uma coleção de ensaios de pessoas que representam dois pontos de vista diferentes; alguns veem uma continuidade muito forte entre os Testamentos e realmente entre Israel e a Igreja, e outros veem uma continuidade mais distante entre os Testamentos e entre Israel e a Igreja. Quando você entra no que você pode chamar de “profecias do reino” do Antigo Testamento, muitas delas falam sobre o futuro de Israel. Do que ele está falando? É um futuro para Israel nacional ou étnico em algum sentido, ou você os espiritualiza e diz que está realmente falando sobre a Igreja, e a Igreja conseguiu, você pode dizer, Israel como o povo de Deus; não há futuro para Israel, e essas profecias devem ser entendidas como referências

à Igreja. É aí, em linhas bem gerais, que reside o ponto de diferença entre as pessoas da continuidade e as pessoas da descontinuidade. Este livro ficou esgotado por um tempo, mas acho que no ano passado ele voltou a ser impresso. Então, se você quiser comprá-lo, pode, mas se não quiser, as fotocópias desses quatro capítulos: um, dois, seis e sete, estão reservadas na biblioteca. Os artigos deste livro, como o título sugere, levantam a importante questão da continuidade e descontinuidade entre os Testamentos, o que é particularmente importante, especialmente quando se tenta interpretar as profecias do reino dos livros proféticos do Antigo Testamento. Essas profecias falam em linguagem figurada sobre a Igreja do Novo Testamento ? Ou eles se referem a um futuro que de alguma forma envolve algum tipo de reconstituição da nação de Israel? Vamos acertar isso quando você for para Obadiah, o primeiro livro sobre o qual você vai ler, porque no final de Obadiah fala sobre um futuro. Está falando sobre um futuro para Israel, ou está falando sobre a Igreja? Esta questão é encontrada em quase todos os livros proféticos.

7A. Comentários sobre Obadías, Joel, Jonas e Amós

Se você voltar à página três, notará que sua primeira leitura é Obadías, Joel, Jonas e Amós. E você percebe que os números das páginas estão no final do livro de Bullock. A página de Obadías 254, Joel é 324, e então Jonas está de volta ao começo. A razão pela qual designei Obadías, Joel, Jonas e Amós é que acho que essa é a ordem em que esses livros foram escritos. Acho que Obadías foi o mais antigo dos profetas do Antigo Testamento, mas isso entra nas questões de autoria e data de Obadías e data de Joel, que algumas pessoas atribuem datas posteriores. Nós vamos olhar para isso quando discutirmos isso. Acho que é melhor datar antes. Essa não é uma questão necessariamente entre intérpretes conservadores e intérpretes mais liberais; não é esse tipo de problema. É uma questão em que há muito espaço para desacordo e não está totalmente claro; é por isso que há discussão. Mas prefiro a visão que coloca Obadías cedo e Joel cedo, que discutirei

mais tarde. Então você vai ler as seções de Bullock na ordem que eu acho que é a ordem cronológica do aparecimento dos livros proféticos.

8A. Crédito Extra: Israel e o Documento da Igreja

Voltando à página 5: Essas profecias falam em linguagem figurada sobre a Igreja do Novo Testamento ou fazem referência a um futuro envolvendo algum tipo de nação reconstituída de Israel? A Bíblia vê um futuro para Israel ou Israel foi substituído pela Igreja? Existe uma palavra para isso, “supercessionismo” que diz que a Igreja simplesmente substituiu Israel, não há futuro para Israel. Você deve ler os capítulos acima, refletir sobre as questões que eles levantam e escrever um artigo de 8 a 10 páginas descrevendo suas próprias conclusões sobre essas questões. Isso não significa necessariamente que você deva concordar com a expressão de qualquer um dos lados da questão conforme representado nos ensaios que você leu. Pode muito bem haver outras alternativas. É claro que este é um assunto muito amplo e também muito complexo. É possível que você não consiga chegar a nenhuma conclusão firme no curto espaço de tempo que terá para trabalhar nisso. Estou ciente de que a maioria de vocês provavelmente está nos estágios iniciais de suas próprias reflexões teológicas e que questões como essa precisam ser trabalhadas por um período de tempo mais longo, em vez de curto, lutando com as questões; e posso dizer que esta não é uma pergunta simples.

9A. Crédito Extra: Instruções para o Documento de Posições da Geração Y

Claro, você entra em posições escatológicas, a escola amilenista geralmente sustenta que não há futuro para Israel; esse período milenar é agora; não há milênio; essas profecias são todas cumpridas em um sentido espiritual. A visão pré-milenista, ou mesmo pós-milenar, veria essas profecias como relacionadas a algum futuro para Israel, de alguma forma. Essas posições escatológicas existem há muito tempo e são constantemente debatidas. Mas espero que este projeto o encoraje a pelo menos dar alguns passos experimentais para encontrar seu próprio caminho nessas questões e, então, capacitá-lo a identificar algumas das questões pendentes que ainda não foram resolvidas em sua mente. Em outras palavras, é um

objetivo familiarizar-se com o debate, tentando trabalhá-lo, vendo inicialmente a que conclusões preliminares você pode chegar. Essas questões não resolvidas também podem fazer parte da discussão do seu artigo. A data prevista é 27^{de março}, última aula antes do exame final; observe que diz "não há extensão". Se você fizer o trabalho, um A aumentará sua nota final em 0,75, $\frac{3}{4}$ de uma nota. E na escala de notas, você sabe, um "A" é 4, um "B" é 3, "C" é 2; então se você tiver uma média 3 para todos os outros componentes do curso, quando você tirar isso, se você tirar um "A" você terá um 3,75 em vez de 3. Alguma pergunta sobre o crédito extra?

4. Outros recursos

Esses outros folhetos são para uso à medida que avançamos. Há um esboço de aula que seguirei em nossas aulas; há uma legenda da bibliografia para o esboço da aula teórica e, em seguida, há aquele conjunto de citações que também é fundamental para o esboço da aula teórica, mas inclui parágrafos reais retirados de algumas das entradas na bibliografia. Depois, há um conjunto de slides do PowerPoint; Não tenho muitos slides para este curso, mas há alguns.

1A. Bibliografia Comentários

Posso comentar sobre a bibliografia, você percebe o primeiro título: "Volumes de referência geral sobre os livros proféticos". Aqui listei alguns outros livros semelhantes a Bullock que examinam os materiais proféticos. Bullock é o primeiro listado lá, mas há duas pesquisas dos profetas que surgiram nos últimos dois anos que são realmente muito boas, são muito diferentes, mas são ambas muito boas. Robert Chisholm, *Manual dos Profetas*, Baker 2002; Chisholm está no Seminário de Dallas. E a última entrada, O. Palmer Robertson, *O Cristo dos Profetas*, Presbyterian Reformed, 2004. Se você quiser olhar para dois outros tipos de pesquisas dos livros proféticos, esses dois são bem diferentes. A de Robertson é mais teológica, mas ambas são boas.

A Enciclopédia de Profecia Bíblica de J. Barton Payne é um guia completo para as previsões das escrituras e seu cumprimento. Isso foi escrito há alguns anos, em 1973, mas acho que ainda está disponível. É um volume muito interessante

porque o que Payne faz é percorrer toda a Escritura e isolar cada declaração da Escritura que ele considera ser uma declaração profética, referindo-se a algo no futuro. Então ele interpreta cada um deles, e ele tem categorias de tempo no que diz respeito ao cumprimento: cumprimento no Antigo Testamento, cumprimento no período intertestamentário, cumprimento no período do Novo Testamento, cumprimento em algum momento na Era da Igreja, cumprimento do período milenar, e cumprimento no estado eterno. Ele dá números para todas essas coisas e as mapeia. Portanto, o que você encontra nesta enciclopédia é uma fonte de referência; se você está lidando com algum versículo ou previsão, você pode olhar para ele, ver pelo menos a interpretação de Payne e onde ele acha que você encontraria cumprimento; você nem sempre tem que concordar com ele. Mas é útil como uma referência, pelo menos, para que você continue um pouco disso. A primeira parte desse livro é uma longa introdução ao fenômeno profético, e é como o que você está fazendo na introdução deste curso; discutindo alguns dos fenômenos do profetismo em Israel.

A outra coleção, *Israel's Prophets*, editada por Robert Gordon, é uma coleção de ensaios muito acadêmicos, principalmente por estudiosos bíblicos tradicionais, publicada em 1995. Então, mais recentemente, Gordon McConville escreveu, *The Prophets: Exploring the Old Testament*, Volume Four, Intervarsity, 2002. É muito parecido com Bullock, Chisholm, Robertson, uma pesquisa dos livros proféticos. Gordon McConville certamente seria considerado um evangélico, mas ele é muito mais aberto a Dêutero-Isaías, uma data tardia de Daniel, algumas dessas coisas, do que um conservador ou evangélico mais mediano. Há algumas coisas boas lá, mas eu recomendo que você tenha cuidado ao usá-las; no entanto, eu prestaria atenção a isso.

Transcrição de Hope Johnson
Edição inicial por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundação da Profecia Bíblica, Palestra 1B

1. Profetismo no Antigo Israel: Algumas Observações Gerais

Vamos começar então com o numeral romano I em seu contorno.

“Profetismo no Antigo Israel: Algumas Observações Gerais.”

A. O profetismo em Israel é um fenômeno único

A. sob isso é “Profetismo em Israel é um Fenômeno Único”. Acho que podemos dizer que o movimento profético do antigo Israel constitui um fenômeno único, não apenas na história de Israel em si, mas também em toda a história humana, embora frequentemente sejam feitas tentativas de encontrar paralelos com o movimento profético em Israel. Aqui você tem uma corrente de 400 anos de profetas surgindo e falando a palavra de Deus para este pequeno grupo de pessoas, Israel localizado na terra de Canaã. Começando com Obadiah, que eu acho que provavelmente data de 835 aC, esse é o mais antigo dos profetas. Malaquias tem cerca de 435, então você vê que se estende por 400 anos. Pense na história deste país que tem pouco mais de 400 anos, então estamos falando de um período de tempo enorme. Durante esse longo período de tempo, um após o outro, Deus levantou esses indivíduos e deu-lhes uma palavra de si mesmo, a mensagem para seu povo.

1. Aptidão única de vários países

Às vezes, argumenta-se que vários povos ou nações têm uma habilidade particular, uma aptidão particular, ou experiência ou proficiência em alguma área de pensamento intelectual, esforço ou habilidade artística, criativa ou qualquer coisa que seja reconhecida por outras pessoas e mantida em alta estima. Pense na Grécia antiga: eles tinham seus escultores. Você vê que os resultados de seu trabalho estão em alguns dos grandes museus do mundo e pode se surpreender com sua habilidade. Eles também tiveram grandes filósofos que tiveram grandes pensamentos, então a Grécia teve um dom especial para produzir filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Você pensa em Roma, eles tiveram comandantes

militares e juristas; o sistema jurídico romano certamente teve muita influência. Você pensa na Inglaterra como os colonizadores; eles enviaram seus administradores por todo o mundo e criaram o Império Britânico. Você pensa nos Estados Unidos com economistas, princípios de gestão de negócios e tipo de pesquisa e desenvolvimento de alta tecnologia. A Alemanha tem os compositores Bach, Brahms e Beethoven, bem como muitos filósofos e teólogos proeminentes. A Alemanha parece ter tido uma inclinação, dom ou disposição de espírito particular para produzir pessoas desse tipo. Então você pode olhar para os povos e ver que certas nações parecem ter habilidades particulares em certos empreendimentos.

2. O Gênio de Israel Produzindo Profetas

Mas você vê o que alguns fazem é olhar para algo assim e dizer, da mesma forma que a Alemanha produziu esses grandes compositores, Israel mostrou gênio na produção de profetas. Então esse fenômeno de profetismo que você vê é colocado no mesmo nível desses produtos da habilidade e do gênio humanos que são encontrados entre outros povos. Acho que esse tipo de abordagem perde de vista a principal diferença que existe entre os profetas de Israel e essas obras geniais de outros povos, de outros tempos e lugares. Em outras palavras, penso que o profetismo, pela própria definição do que é, é um fenômeno principalmente distinto e diferente de qualquer outra realização do espírito humano em toda a história humana.

3. Revelação Divina

Parece-me que, em virtude de seu caráter de revelação divina, a profecia no antigo Israel deve ser definida como um fenômeno único. Em outras palavras, Deus diz, e veremos muitos desses textos provavelmente mais tarde nesta manhã: “Porei minhas palavras em sua boca”. Ele diz isso a Jeremias. Não era tanto Jeremias que estava falando. Era Deus quem estava falando através de Jeremias.

4. Profetas Investidos por Deus

Mesmo alguém como Ronald Clements, que escreveu um livro chamado

Old Testament Prophecy em 1996 e não é evangélico, faz esta declaração: “Em nenhum outro lugar da antiguidade foi preservada tal coleção literária; literatura profética, na escala do Antigo Testamento, continua sendo um produto totalmente único do antigo Israel”. Em outras palavras, não havia apenas alguns indivíduos isolados que viviam e falavam, que afirmavam estar falando por Deus; este movimento durou um período de 400 anos.

Agora é uma coisa muito única. Acho que quando você olha para a Bíblia, o que você vê é que os profetas são apresentados a nós como indivíduos dotados por Deus com a função profética. Eles foram dotados por Deus com a função profética para que a palavra de Deus pudesse ser dada a Israel, e através de Israel dada ao resto do mundo. A Bíblia apresenta claramente as palavras dos profetas como palavras de Deus, e não como palavras dos próprios profetas. Por essa razão, acho que podemos dizer que a mensagem profética conforme apresentada nas Escrituras não é apresentada como produto da criatividade ou engenhosidade humana. Não é isso que está acontecendo. É antes o produto da revelação divina. É a revelação divina em um sentido muito especial e direto. Agora eu não acho que a importância dessa distinção pode ser enfatizada demais. Desde o início você tem que ser claro sobre o que está acontecendo com os profetas. Agora voltaremos à discussão de como o elemento humano trabalha com o divino, porque esses homens, como seres humanos, também tiveram um papel na formulação dessas coisas. Como você descompacta isso? Como você descreve essa combinação do porta-voz humano de um lado e da revelação divina do outro? Nós vamos chegar a isso eventualmente. Então esse é A. “O profetismo em Israel é um fenômeno único.”

B. Os profetas eram servos de Deus investidos da função profética

Agora vamos passar para B. “Os profetas eram servos de Deus investidos com a função profética”. Eu tenho três sub-pontos sob isso. Primeiro “Os Profetas eram Servos de Deus”. EJ Young escreveu um livro sobre os profetas chamado *My Servants the Prophets*. A razão pela qual ele usou isso como um título é que este é

um rótulo que você encontrará anexado aos profetas em numerosas referências no Antigo Testamento, eles são servos de Deus. Quero examinar apenas algumas dessas referências com você. Em 2 Reis 9:7, um profeta diz a Jeú: “Eu te unjo rei sobre o povo de Israel do Senhor. Você deve destruir a casa de Acabe, seu mestre. Eu vingarei o sangue de, (observe), meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor derramado por Jezabel.” Em 2 Reis 17:13, o Senhor advertiu Israel e Judá por meio de todos os seus profetas e videntes: “Afastem-se de seus maus caminhos, observem meus mandamentos e decretos de acordo com toda a lei que ordenei a seus pais que obedecessem e que transmiti a vocês por meio de meus servos, os profetas”. Jeremias 7:25: “Desde o tempo em que seus antepassados deixaram o Egito até agora (e esse é o fim do período do Antigo Testamento), dia após dia, repetidamente, enviei meus servos, os profetas, mas eles não ouviram mim ou preste atenção. Eles eram de dura cerviz, fizeram mais mal do que seus antepassados.” Jeremias 25:4: “E embora o Senhor tenha enviado todos os seus servos, os profetas, a vocês repetidas vezes, vocês não ouviram nem prestaram atenção.” Eu poderia continuar com inúmeras outras referências desse tipo, descrevendo os profetas como servos de Deus. O próprio Deus os chama de “meus servos”.

1. Alguns dos Profetas Receberam um Chamado Especial para a Tarefa Profética

Agora 1. sob B. é “Alguns dos Profetas Receberam um Chamado Especial para a Tarefa Profética”.

a. Chamado de Isaías

Quero mencionar quatro deles onde isso é descrito, e o primeiro e provavelmente o mais impressionante é Isaías 6:1-13. Você lê no primeiro versículo desse capítulo: “No ano em que o rei Uzias morreu, vi o Senhor sentado no trono, alto e exaltado, e a aba de seu manto enchia o templo”. Depois, há uma descrição desses serafins dizendo: “Santo, santo, santo é o Senhor Todo-Poderoso”. Isaías teve essa visão do Senhor ao mesmo tempo em que teve uma visão de sua própria condição pecaminosa diante do Senhor; então ele diz no

versículo três “Ai de mim, estou arruinado, porque sou um homem de lábios impuros; Vivo no meio de um povo de lábios impuros; meus olhos viram o Rei; o Senhor Todo-Poderoso”. Esta é uma experiência visionária para Isaías. Ele vê isso, ele vê a si mesmo e sua condição pecaminosa, e diz: “Ai de mim”. Então um daqueles serafins pega esta brasa do altar e toca sua boca com ela, e diz: “Sua culpa foi tirada; seu pecado foi expiado. E ouvi a voz do Senhor dizer: 'Quem enviarei, quem irá por nós?' Eu disse: 'Aqui estou, envie-me.’” Então o Senhor comissiona Isaías, Isaías responde, e o Senhor diz no versículo nove: “Vá e conte a este povo.” A mensagem que ele tem não é muito agradável, sua mensagem é em grande parte uma mensagem de julgamento e punição vindouros. Mas vai cair em ouvidos surdos. E foi basicamente isso que aconteceu com o ministério de Isaías. Embora o julgamento venha, no final desse capítulo, você encontra uma breve nota de esperança; um remanescente permanecerá fiel ao Senhor. Mas aqui está claramente o chamado e a comissão de Isaías para ser um profeta, para ser essa pessoa que proclama a mensagem de Deus a um povo que não estava disposto a ouvir e obedecer.

b. chamada de Jeremias

Em segundo lugar, Jeremias, se você olhar para o primeiro capítulo de Jeremias, versículos quatro e seguintes, você lê: “A palavra do Senhor veio a mim dizendo: 'antes de te formar no ventre, eu te conheci, antes de você nascer, Eu te separei. Eu o designei como um profeta para as nações.' 'Ah, soberano, Senhor', eu disse, 'não sei falar, sou apenas uma criança.' Mas o Senhor me disse: 'Não diga que sou apenas uma criança, você deve ir a todos a quem eu te enviar e dizer tudo o que eu te ordeno, não tenha medo deles, pois estou com você e o salvarei, ' declara o Senhor. Então o Senhor estendeu a mão, tocou minha boca e me disse (e isso se torna um texto importante no que diz respeito ao fenômeno profético). 'Agora coloquei minhas palavras em sua boca. Veja hoje eu te designo para as nações, eu te designo sobre nações e reinos para arrancar, para derrubar, para reconstruir e plantar.’” Aqui a palavra do Senhor vem a Jeremias; ele tenta fugir da

responsabilidade e da dificuldade inerentes à tarefa profética, dizendo que se sente muito fraco, muito jovem, incapaz de fazer o trabalho. Mas o Senhor diz: “Não diga isso. Vai a todos a quem eu te enviar, e faze tudo o que eu te mando, e eu porei as minhas palavras na tua boca”.

c. chamada de Ezequiel

Também temos um chamado para Ezequiel, descrito nos três primeiros capítulos do livro. Não vou perder tempo lendo tudo isso, mas se você leu isso, lembre-se no primeiro capítulo, Ezequiel vê esta carruagem do trono de Deus, que é esta carruagem com rodas puxada por quatro criaturas e naquele trono carruagem, acima dela, você lê no versículo 26 do primeiro capítulo: “Acima da expansão sobre suas cabeças está o que parecia um trono de safira, e bem acima do trono havia uma figura como a de um homem. Eu vi que do que parecia ser sua cintura para cima, ele parecia um metal brilhante como se estivesse cheio de fogo. E que dali para baixo ele parecia fogo e luzes brilhantes o cercavam como a aparência de um arco-íris e as nuvens em um dia radiante assim eram as nuvens ao seu redor.” O que foi isso? Essa era a aparência da semelhança da glória do Senhor, então ele tem essa visão de Deus, assim como Isaías teve. “Quando eu vi isso, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de alguém falando, ele me disse: ‘Filho do homem, fique de pé, eu falarei com você.’” E qual é a mensagem? Versículo três: “Filho do homem, estou enviando você aos israelitas, a nação rebelde que se rebelou contra mim.” Versículo quatro, “O povo a quem eu te envio é obstinado e teimoso. Diga-lhes: ‘Assim diz o Soberano Senhor’”, e quer eles ouçam ou deixem de ouvir, e muitas vezes deixarão de ouvir, mas isso não é responsabilidade sua. Quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são uma casa rebelde, saberão que um profeta esteve no meio deles: “Vou dar a minha palavra a esse povo, por meio de você, e você, filho do homem, não tenha medo deles ou de suas palavras. Versículo sete, “você deve falar (o quê?) Minhas palavras para eles.” (Palavras de quem?) “Minhas palavras, ouçam ou não, pois são rebeldes, mas você, filho do homem, ouça o que eu digo a você, não se rebele como aquela casa rebelde. Abra

a boca (e aqui está a coisa notável) e coma o que eu lhe der. E o que ele está dando a ele? Ele lhe dá um pergaminho. Em ambos os lados estavam escritas palavras de lamento e luto. “Ele me disse: 'Filho do homem, coma o que está diante de você; coma este pergaminho. (Agora lembre-se de que esta é uma situação visionária.) Então vá e fale com a casa de Israel.' Então eu abri minha boca e ele me deu o pergaminho para comer. Agora ele me disse: 'Filho do homem, coma o rolo que estou lhe dando, e encha seu estômago com ele.' Então eu comi, e na minha boca ficou doce como mel”. Eu acho que o que está acontecendo com este pergaminho que deve ser comido é que simbolicamente aquele pergaminho é a mensagem de que Ezequiel deve fazer o seu ao comê-lo. Enquanto ele faz isso, mesmo que seja uma mensagem de julgamento, a mensagem que ele diz, “tem gosto doce como mel em minha boca”. Esta foi a palavra de Deus.

d. Chamada de Amós

Esses são três profetas com um chamado bastante claro; Isaías, Jeremias e Ezequiel. Em Amos há algo semelhante a isso, e há uma série de questões aqui e vamos voltar e discuti-las mais tarde em outro contexto. Mas observe em Amós 7:15, Amós foi para o reino do norte. Amós vem de Judá, e sobe a Betel do Reino do Norte, no tempo de Jeroboão II e profetiza contra Jeroboão, rei do Reino do Norte. No versículo 12, Amazias, um sacerdote de Betel, diz a Amós: “Saia, vidente, volte para a terra de Judá”. Não quero você aqui em cima. Então ele diz: “Ganhe seu pão lá e faça sua profecia lá. Não profetize mais em Betel, porque este é o santuário do rei no templo do reino”. Amós responde àquele sacerdote Amazias do Reino do Norte e diz: “Eu não era profeta nem filho de profeta, mas era pastor e cuidava de figueiras sicômoras. Mas o Senhor me tirou de cuidar do rebanho e me disse: 'Vai profetizar ao meu povo Israel.'” Agora, então, aqui está a palavra do Senhor. Então, o que Amós está dizendo é: “Eu não era originalmente um profeta, mas o Senhor me chamou e me disse para ir e dar esta mensagem, e é isso que estou fazendo”. Certo, então esses são quatro exemplos de profetas que receberam um chamado especial para uma tarefa profética.

2. Para alguns profetas, nenhum chamado especial é registrado

Número 2. Para alguns profetas, nenhum chamado especial é registrado, mas todos os profetas demonstram uma consciência de que são dotados da função profética. Então, não acho que haja informação bíblica suficiente para concluir que todo profeta recebeu algum tipo de chamado especial para a tarefa profética, como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Amós receberam. Eles podem ter, mas não há registro disso. Quando você pensa sobre toda essa questão do chamado, acho que há algumas outras coisas a serem observadas; Acho que existem alguns exemplos de indivíduos que desempenharam uma função profética de forma muito clara, que claramente não receberam um chamado.

a. Balaão

Acho que um exemplo primário disso é o adivinho pagão Balaão, em Números 22-25, que havia sido contratado por Balaque, rei de Moabe, para amaldiçoar Israel. Balaão tentou fazer isso, mas não conseguiu. O Senhor colocou outras palavras em sua boca e, em vez de amaldiçoar Israel, abençoou Israel e disse que todas essas grandes coisas aconteceriam a Israel, para grande desgosto do rei de Moabe, que esperava outra coisa. Agora Balaão era um adivinho pagão, mas acho que você pode dizer ao mesmo tempo que ele era um verdadeiro profeta. Deus colocou suas palavras em sua boca. Existem algumas profecias notáveis nos oráculos de Balaão. Então ele era um verdadeiro profeta; ele desempenhou uma função profética. Eu não acho que você pode dizer que ele recebeu uma ligação como Isaías, Jeremias e Ezequiel receberam.

b. David desempenhou outras funções também

Existem outros indivíduos que são claramente profetas, mas que também desempenham alguma outra função na teocracia; pense em Davi. Davi foi ungido para ser rei, e o Espírito Santo veio sobre ele para equipá-lo para essa tarefa. Mas ele também é referido como um profeta. Claro, há muitos Salmos escritos por Davi, e qualquer parte da Escritura é certamente obra de um profeta – a palavra de Deus por meio daquele indivíduo humano. Em 2 Samuel 23:2, Davi até fala do

Espírito Santo vindo sobre ele. Em 2 Samuel 23:2, muitas vezes chamado de as últimas palavras de Davi, ele diz: “O Espírito do Senhor falou por meu intermédio. Sua palavra estava na minha língua.” Isso se parece muito com o que você tem com Isaías: “Coloco minhas palavras em sua boca”. O Senhor colocou suas palavras na boca de Davi, mas Davi não era “um profeta” no sentido de que ele recebeu um chamado dessa maneira profética, e ele era um rei. Ezequiel era um sacerdote. Agora, Ezequiel recebeu o chamado para ser um profeta, mas se você olhar para Ezequiel 1:3, ele era um sacerdote e desempenhou uma função dupla de profeta e sacerdote.

c. Profetas cientes de que haviam sido dotados por Deus com a função profética

Acho que o que está claro é que quando os profetas falam em nome de Deus, eles o fazem de uma forma que indica que eles sabem que foram dotados por Deus com essa função profética. Em outras palavras, eles sabem quando estão falando sua própria palavra ou as palavras de Deus. Eles estão conscientes disso. Isso é verdade quer recebam algum tipo de chamado especial para desempenhar essa função profética, quer o Senhor simplesmente venha sobre eles. Eles estão cientes de que são investidos por essa função profética e pelo próprio Senhor. Assim, para alguns profetas não é registrado nenhum chamado especial, mas todos os profetas demonstram consciência de que são dotados da função profética.

3. A investidura da função profética era um poder ao qual nenhum profeta poderia resistir

Em terceiro lugar, apenas um breve comentário sobre o seguinte ponto: “A investidura da função profética era um poder ao qual nenhum profeta poderia resistir”.

a. Amós

No capítulo três de Amós, há uma passagem interessante, começando no versículo quatro, você lê: “Brameja o leão no meio do mato, quando não tem presa?” Esta é uma série de relações de causa e efeito: se você ouvir um leão rugindo, provavelmente há uma razão para isso. “Ele rosna em sua toca quando

não pega nada? Um pássaro cai em uma armadilha no chão onde nenhuma armadilha foi armada? Uma armadilha surge na terra quando não há nada para pegar? Quando uma trombeta soa na cidade, o povo não treme? Quando o desastre chega à cidade, o Senhor não o causou? Certamente o Senhor Soberano não faz nada sem revelar seus planos a seus servos, os profetas”. Há aquela frase novamente “meus servos, os profetas”. Mas então observe o versículo oito: “rugiu o leão, quem não temerá?” Quando um leão rugir vai causar medo. “O Soberano Senhor falou, quem pode senão profetizar? O Senhor fala, quem pode deixar de profetizar?” Esse era um poder ao qual um homem não podia resistir. Acho que o que Amós está dizendo aqui é que um homem deve ficar com medo quando um leão começa a rugir perto dele e ele não pode fazer nada além de ficar com medo, então um homem deve profetizar quando Deus lhe disser. Você não pode se retirar dela.

b. Jeremias

Jeremias diz que tentou se retirar dela. Isso está em Jeremias 20 versículo nove. Jeremias diz: “Se eu disser que não o mencionarei nem falarei mais em seu nome, sua palavra está em meu coração como um fogo encerrado em meus ossos. Estou cansado de contê-lo, na verdade não posso. Ele deve falar. Portanto, a investidura pela função profética era um poder ao qual o homem não podia resistir. Balaão não pôde resistir a isso; ele fez o que não queria fazer. Ele abençoou Israel em vez de amaldiçoá-lo.

C. A Função do Profeta é a Proclamação da Palavra de Deus

Tudo bem, vamos para C. “A Função do Profeta é a Proclamação da Palavra de Deus.” Já foi enfatizado e continuarei a fazer isso por um tempo enquanto discutimos isso. O verdadeiro profeta não traz suas próprias palavras; ele não traz seus próprios pensamentos, suas próprias ideias. Quando ele fala, ele traz as palavras e os pensamentos de Deus. Se você vai perguntar qual é a diferença entre os verdadeiros profetas e os falsos profetas, a diferença fundamental entre os

verdadeiros e os falsos profetas é que os verdadeiros profetas proclamam as palavras de Deus e os falsos profetas proclamam suas próprias palavras.

Deuteronômio 18

Deixe-me apontar apenas três textos: um deles já examinamos; mas se você voltar a Deuteronômio 18, terá uma descrição de Moisés sobre como Israel receberá revelação depois que Moisés se for. Moisés tem sido um mediador de Deus para seu povo, ele tem sido o porta-voz de Deus e está prestes a morrer no final do livro. Em Deuteronômio 18 há uma descrição do surgimento do movimento profético. O Senhor diz: “Farei surgir um profeta como tu, e a ele ouvirás”. Em Deuteronômio 18:18, o Senhor diz: “Farei surgir dentre eles um profeta como você, dentre seus irmãos”. Então observe as próximas palavras: “Porei minhas palavras em sua boca. Ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar”, e continua dizendo que o povo era responsável por ouvir, porque quando aquele profeta fala, essas são as palavras de Deus.

Jeremias 1:9

É a mesma coisa que já lemos em Jeremias 1:9, onde o Senhor disse a Jeremias: “Porei as minhas palavras na tua boca”. Então você vê os profetas falarem as palavras de Deus.

Jeremias 23:16

Em seguida, olhe para Jeremias 23:16: “Assim diz o Senhor Todo-Poderoso: 'Não ouçam o que os profetas estão profetizando para vocês (esses são falsos profetas). Eles vão te encher de falsas esperanças, eles falam visões de suas próprias mentes, não da boca do Senhor’. Você vê os falsos profetas dando suas próprias idéias. Essas são visões de suas próprias mentes, não da boca do Senhor. Então, qual é a diferença fundamental entre os verdadeiros e os falsos profetas? O verdadeiro profeta fala a palavra do Senhor; o falso profeta fala suas próprias palavras e seus próprios pensamentos.

1. As expressões com as quais os profetas introduziram seus sermões são indicativas de que a mensagem é de Deus, não deles.

Agora, 1 em C: “As expressões com as quais os profetas introduziram seus sermões são indicativas de que a mensagem é de Deus, não deles.” Mencionei anteriormente o livro de EJ Young, *My Servants the Prophets*. Nas páginas 171-175 desse livro, você pode ver uma lista de referências e frases curtas a seguir. O que ele faz é tirar expressões de Isaías. Por exemplo: em 16:13 de Isaías, “Este é o Senhor; o Senhor falou”. Em 18:4: “assim me disse o Senhor.” Versículo 10 do capítulo 21: “O que ouvi do Senhor.” 21:17: “Porque o Senhor falou.” 22:14: “O Senhor se revelou aos meus ouvidos;” 22:25: “Assim diz o Senhor dos Exércitos.” 28:22: “isso eu ouvi do Senhor”. Isso continua e continua. Veja a variedade de expressões diferentes, e o livro de Young tem quatro páginas dessas expressões tiradas do livro de Isaías. Os profetas deixam claro que, quando falavam, tinham consciência de que o que diziam era a Palavra de Deus. Assim, as expressões que eles usaram para introduzir seus sermões nos dizem claramente, repetidas vezes, que esta é a palavra de Deus. Não é a sua própria palavra.

2. O Profeta Deve Declarar a Palavra de Deus Independentemente de Ser Agradável ou Não

para Ele Número 2 em C. “O Profeta Deve Declarar a Palavra de Deus Independentemente de Ser ou Não Agradável para Ele.” Muitas vezes a mensagem que os profetas tinham a declarar não era uma mensagem agradável. Foi uma mensagem de julgamento, ai, condenação e um chamado ao arrependimento.

a. Samuel ungindo Saul

Deixe-me dar algumas ilustrações: volte para 1 Samuel 15. Há uma longa sequência de eventos lá, chegando ao clímax no capítulo 8 de 1 Samuel, onde o povo vem a Samuel e diz: “Dê-nos um rei”. Samuel fica muito descontente com esse pedido porque diz: “Lembre-se de que o Senhor, seu Deus, é o seu

rei. Por que você está pedindo um rei?” “Bem”, eles dizem, “nós queremos ser como as nações.” Mas Samuel diz: “Você está rejeitando o Senhor, que é o seu rei”. Então o Senhor diz a Samuel para dar ao povo o que eles querem. Então, passamos por toda essa sequência de eventos e Deus concede a eles um rei. Ele define o papel de um rei de maneira consistente com a aliança. Então ele inaugura a realeza no contexto da renovação da fidelidade ao Senhor. Saul se torna rei, mas rapidamente se afasta de seu papel e não obedece à palavra de Samuel duas vezes, no capítulo 13 e no capítulo 15. Então o Senhor diz a Samuel: “Vá e diga a Saul: 'Como você me rejeitou, então eu rejeitei você. Você não vai mais ser rei.’” Veja 1 Samuel 15:10 ou 11: “A palavra do Senhor veio a Samuel.” Samuel é o profeta aqui, e o Senhor diz: “Estou triste por ter constituído Saul rei, porque ele se afastou de mim e não executou minhas instruções”. Qual é a resposta de Samuel a isso? Lemos que Samuel estava perturbado. Ele clamou ao Senhor toda aquela noite. Não foi uma tarefa agradável para Samuel confrontar Saul e dizer-lhe que o Senhor o havia rejeitado. Esse não é o tipo de coisa que você gosta de fazer. Samuel não gostou de fazer isso, mas o Senhor o enviou para confrontar Saul e anunciar a ele que o Senhor o havia rejeitado como rei. Se você passar para 16:1, observe o que o Senhor diz ali; “O Senhor disse a Samuel: 'Até quando você vai chorar por Saul? Já que o rejeitei como rei sobre Israel, encha o seu chifre com óleo, estou enviando você em seu caminho, estou enviando você para Jessé de Belém. Um de seus filhos será rei.’” Assim, os profetas declaram a mensagem de Deus, independentemente de ser agradável para eles. Esta não foi uma tarefa agradável para Samuel, mas ele vai e faz. Voltarei a isso mais tarde em outra conexão, na próxima seção.

b. Balaão

Pense em Balaão. Já falamos sobre ele em Números 22-25. A mensagem que ele estava proclamando não era a mensagem que ele queria proclamar, mas ele tinha que proclamá-la. Foi a palavra do Senhor. Pense em Jonas. Ele não

queria ir a Nínive e proclamar arrependimento para os ninivitas. Ele tentou evitar, mas não conseguiu, e teve que ir e pregar aquela mensagem. Mesmo no final do livro, ele não gostou da mensagem e da resposta dos ninivitas.

Ezequiel teve que comer aquele pergaminho que estava inscrito com os julgamentos de Deus. Eles foram obrigados a proclamá-lo, mesmo que não fosse algo que desejassem fazer. Então o profeta deve declarar a mensagem de Deus independentemente de ser ou não algo agradável para ele.

3. Há uma distinção entre a própria palavra do profeta e a palavra de Deus que ele falou; e os profetas estavam cientes da distinção Em terceiro lugar: “Há uma distinção entre a própria palavra do profeta e a palavra de Deus que ele falou; e os profetas estavam cientes dessa distinção. Em outras palavras, o profeta sabia em seu próprio coração, mente e consciência quando estava falando a Palavra de Deus e quando estava falando suas próprias palavras. Da próxima vez, darei algumas ilustrações disso porque acho que é uma distinção importante. Vou ver alguns exemplos. Mas vamos parar por enquanto.

Transcrição por: Hope Johnson
Editado por Ted Hildebrandt Re-narrado por

Dr. Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia, Palestra 2

Consciência Profética e História dos Profetas

C. 3. Há uma distinção entre a própria palavra de um profeta e a palavra de Deus que eles falaram

Fiz um comentário sobre C. 3. “Há uma distinção entre a própria palavra de um profeta e a palavra de Deus que eles falaram”. Como já mencionei, o profeta não deveria proclamar seus próprios pensamentos, ideias ou percepções, ele deveria proclamar a palavra de Deus. O que estou dizendo aqui é que o profeta poderia fazer a distinção entre suas próprias palavras e as palavras de Deus. Eu acho que é muito importante ser claro sobre essa distinção enquanto passamos por essa função profética. Não é válido dizer que os profetas transmitiram suas próprias ideias e que essas ideias então serviram como a palavra de Deus. Essa é uma construção bem diferente. Acho que isso fica claro quando olhamos para certas passagens onde é feita uma distinção entre as próprias idéias do profeta e a mensagem que Deus lhes deu. O profeta estava ciente dessa distinção.

Então, é verdade que a palavra divina é dada por meio do instrumento humano, por meio do profeta, e que Deus incorpora na proclamação de Sua Palavra as características pessoais do próprio profeta, formação, temperamento, modo de pensar, todos esses tipos de variação. Embora isso seja verdade, como parte de um tipo orgânico de visão da natureza da inspiração divina que não diminui ou diminui o caráter divino da mensagem. Deus preparou esses indivíduos de tal maneira com suas personalidades, dons e maneiras de pensar e assim por diante, que ele leva isso para a proclamação de sua palavra, mas continua sendo a palavra de Deus.

a. Exemplo: 2 Sam 7 – Davi e Natã

Agora deixe-me dar-lhe algumas ilustrações disso que eu acho que tornam essa distinção clara. A primeira está em 2 Samuel 7 com alguma interação entre Davi e o profeta Natã. Em 2 Samuel 7:1, você lê: “Depois que o rei se estabeleceu

em seu palácio e o Senhor lhe deu descanso de todos os seus inimigos ao seu redor, ele disse ao profeta Natã: 'Aqui estou, morando em um palácio de cedro, enquanto a arca de Deus permanece em uma tenda.' Natã respondeu ao rei: 'Tudo o que você tem em mente, vá em frente e faça, pois o Senhor está com você.'” Coloque-se no lugar de Natã. David vem até você e diz que queria construir um templo para a arca. Por que você se oporia? É um nobre desejo honrar o Senhor. Mas acho que o perigo aqui é vincular a vontade do Senhor com o que podem ser nossas boas ideias ou nobres desejos.

E o que você lê a seguir? “Naquela noite, a palavra do Senhor veio a Natã dizendo: 'Vá e diga ao meu servo Davi, assim diz o Senhor.'” Agora você não tem as idéias de Natã, mas você tem a palavra do Senhor. “Você é o único a construir uma casa para mim?” Não vou perder tempo lendo tudo isso porque já li o ponto que quero enfatizar. O que se segue é a mensagem do Senhor por Natã, que em essência diz: “Davi, você não deve construir uma casa para mim”, isto é, um templo; “Vou construir uma casa para você” e em “casa” há um sentido de dinastia. Mas há uma espécie de jogo de palavras conforme você passa por essa passagem. E o Senhor diz: “Minha palavra é: construirei uma casa para você. Vou construir uma dinastia para você. Vai durar para sempre. Seu filho, Salomão, construirá a casa do Senhor, mas não você. Pois não é minha vontade para você.

Então Natã teve que voltar para Davi e corrigir suas próprias palavras e substituí-las pela palavra divina. Em vez de dizer: “Vá em frente e faça isso, o Senhor está com você”, ele teve que dizer: “não, não faça isso. Isso é para Salomão fazer. Não é para você fazer.” A distinção aqui entre a palavra do profeta e a palavra de Deus é bastante clara. Nathan estava completamente consciente da distinção. Portanto, não há confusão real na vida de Nathan sobre o que é a palavra de Deus e como ela difere de sua própria visão.

Se você olhar para a sua página de citação 1, primeiro parágrafo no topo. Este é um artigo do livro *A Lei e os Profetas* e o artigo sobre 2 Samuel 7:1-5. “Faça tudo o que estiver em seu coração, é o que Nathan diz, ele dá ao rei total

liberdade. O profeta quer dizer aqui que Davi deve executar tudo o que ele pensa, reflete, propõe sobre a arca. A razão pela qual Natã fez isso é que Javé está com o rei!” Você vê que ele diz: “Vá em frente e faça isso. O Senhor está com você!” “Isso é realmente evidente em todo o curso de sua vida. Segundo Nathan, esse terreno é suficiente para a execução de seu plano e dos conselhos que ele dá. De fato, “Yahweh está com você é absolutamente verdadeiro. Mas aquele Nathan comete um erro sobre as consequências. Ele logo descobrirá... Isso não implica que as intenções do rei devam ser rejeitadas, pois em 1 Reis 8:18 (e isso é interessante) Salomão diz que o Senhor disse a seu pai Davi: que você tinha a intenção de construir o casa em meu nome, você fez bem em ter essa intenção. Mas não é minha vontade, mas o profeta deveria primeiro ter esperado pela revelação de Deus. Sua boa intenção nem sempre era a mesma que a palavra de Deus. O fato de Natã também desejar um templo para o Deus de Israel não estava errado em si mesmo. O erro cometido aqui foi que ele falou como homem e não como profeta, enquanto sua opinião como profeta foi especificamente solicitada”. Então, acho que aqui está um caso em que você vê uma distinção clara entre a palavra de Nathan e a palavra de Deus.

b. Exemplo: 1 Sam. 16 – A unção de Davi por Samuel

Eu disse que queria voltar a 1 Samuel 16. Em 16:1 o Senhor disse a Samuel: “Até quando você vai chorar por Saul?” Ele tem sua própria mensagem particular para confrontar Saul. Mas então o Senhor diz: “Vou enviar você a Jessé e quero que você unja o filho dele”. E Samuel, em 1 Samuel 16 vai a Belém para a casa de Jessé e então você vê no versículo 6: “Quando eles chegaram, Samuel viu Eliabe e pensou (aqui estão os pensamentos de Samuel, sua ideia): “Certamente o ungido do Senhor está aqui diante o Senhor.” Essa é a opinião dele. Mas no versículo 7 lemos que: “O Senhor disse a Samuel: 'Não consideres a sua aparência nem a sua altura, porque eu o rejeitei. O Senhor não olha para as coisas que o homem olha. O homem olha para a aparência, mas o Senhor olha para o coração.’”

Então ele diz, Eliabe não é o único. Eu rejeitei o Eliabe. Ele chama todos os seus outros filhos e ainda assim eles não são a escolha do Senhor. Você vai até o versículo 12, onde eles trazem Davi e você lê na última parte do versículo 12: “Então o Senhor disse : 'Levante-se e unja-o. Ele é o único.’” Então você pode ver nessa passagem, Samuel tinha certos pensamentos, certos sentimentos, mas ele estava errado. Ele não conhece a pessoa certa que o Senhor está escolhendo para ungir Samuel. Então você vê novamente a distinção entre Samuel e a palavra de Deus.

c. Exemplo: Jonas

Também mencionei Jonas como outra ilustração. Se Jonas tivesse trazido sua própria mensagem a Nínive, isso teria sido uma palavra bem diferente da palavra de Deus que foi colocada sobre ele. Como suas idéias não coincidiam com a palavra do Senhor, ele tentou evitar a tarefa, mas o Senhor o chamou de volta e ele falou a palavra do Senhor.

d. Jeremias 27-28 – Conflito de Jeremias e Hananias

Vamos a outra ilustração em Jeremias. Isso está em Jeremias 27:28. Esta é a controvérsia entre o falso profeta chamado Hananias e o verdadeiro profeta Jeremias. No capítulo 27, Jeremias dá uma palavra do Senhor, uma palavra profética. Basicamente, o que essa palavra significa é que Judá servirá a Nabucodonosor, o governante da Babilônia. Se você olhar em 27:12, Jeremias diz: “Eu dei a mesma mensagem a Zedequias, rei de Judá. Eu disse: 'Curve o pescoço sob o jugo do rei da Babilônia; sirva a ele e ao seu povo, e você viverá. Por que você e seu povo morrerão pela espada, pela fome e pela peste com que o SENHOR ameaçou qualquer nação que não sirva ao rei da Babilônia?’” É a vontade de Deus que essas nações, incluindo Judá, sirvam ao rei da Babilônia.

Bem, então ele diz no versículo 14: “Não deis ouvidos às palavras dos profetas que vos dizem: 'Não servireis ao rei da Babilônia', pois eles vos

profetizam mentiras. 'Eu não os enviei', declara o SENHOR. 'Eles estão profetizando mentiras em meu nome. Portanto, eu os banirei e vocês perecerão, tanto vocês como os profetas que vos profetizam.' Então eu disse aos sacerdotes e a todo este povo: ' Assim diz o Senhor:” – e aqui está a mensagem do Senhor – “Não dê ouvidos aos profetas que dizem: 'Muito em breve os artigos da casa do Senhor serão trouxe de volta da Babilônia.' Eles estão profetizando mentiras para você. Não de ouvidos a eles. Sirva ao rei da Babilônia e você viverá. Por que esta cidade deveria se tornar uma ruína? Se são profetas e têm a palavra do Senhor, implorem ao Senhor Todo-Poderoso que os móveis que restam na casa do Senhor, no palácio do rei de Judá e em Jerusalém não sejam levados para a Babilônia. Pois assim diz o Senhor dos Exércitos”. Essa é a mensagem de Jeremias. É a palavra do Senhor.

Você vai até o capítulo 28 e lê sobre um falso profeta que aparece e diz que eles não devem ouvir o que Jeremias diz. “No quinto mês daquele mesmo ano, o quarto ano, no começo do reinado de Zedequias, rei de Judá, o profeta Hananias, filho de Azur, que era de Gibeom, me disse na casa do Senhor, na presença do sacerdotes e todo o povo: 'Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Quebrarei o jugo do rei da Babilônia. Dentro de dois anos trarei de volta a este lugar todos os utensílios da casa do Senhor que Nabucodonosor, rei da Babilônia, tirou daqui e levou para a Babilônia. Também trarei de volta a este lugar Joaquim, filho de Jeoaquim, rei de Judá.’” Se você comparar os versículos 2 e 3 com o versículo 16 do capítulo seguinte, verá que é diametralmente o oposto. Como em 27:16 Jeremias diz: “Não dê ouvidos aos profetas que dizem: 'Muito em breve os utensílios da casa do Senhor serão trazidos de volta da Babilônia.' Eles estão profetizando mentiras.” Hananias diz que imagina que Deus trará de volta todos os objetos: “Joaquim, rei de Judá, e todos os outros exilados de Judá que foram para a Babilônia', declara o Senhor, 'porque quebrarei o jugo do rei da Babilônia. ’” Bem, aquela mensagem de Hananias era contraditória com a mensagem de Jeremias.

No capítulo 28, versículos 5 a 11, Jeremias realmente não tem muita resposta. Veja o que ele diz no versículo 5-11. “Então o profeta Jeremias respondeu ao profeta Hananias na presença dos sacerdotes e de todo o povo que estava na casa do Senhor. Ele disse: 'Amém! Que o SENHOR o faça!’” Em outras palavras, acho que neste ponto, o que ele está dizendo é “Hananias, espero que você esteja certo. Espero que sejamos libertos de Nabucodonosor e que os objetos do templo do Senhor sejam devolvidos. Ele diz: “Que o Senhor cumpra as palavras que você profetizou, trazendo os utensílios da casa do Senhor e todos os exilados de volta da Babilônia para este lugar”. Então, espero que você esteja certo. “No entanto, ouça o que tenho a dizer aos seus ouvidos e aos ouvidos de todo o povo: Desde os tempos antigos, os profetas que precederam a você e a mim profetizaram guerras, desastres e pragas contra muitos países e grandes reinos. Mas o profeta que profetizar a paz será reconhecido como o verdadeiro enviado do Senhor” – como? – “somente se sua previsão se tornar realidade.” Em outras palavras, o que você está dizendo vai contra a essência das mensagens de julgamento que os profetas têm proclamado. Então ele diz, bem, espero que você esteja certo, mas teremos que ver o que acontece e é somente se isso se tornar realidade que podemos reconhecer isso como uma mensagem do Senhor. “Então o profeta Hananias tirou o jugo do pescoço do profeta Jeremias e o quebrou.” Jeremias simbolizava o jugo do cativo babilônico ao usar ele mesmo o jugo. “E ele [Hananias] disse diante de todo o povo: 'Assim diz o Senhor: 'Da mesma forma, dentro de dois anos, quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, de sobre o pescoço de todas as nações’”. há aquele flash de mensagens. O que você lê então? Nesse ponto, o profeta Jeremias seguiu seu caminho. Então ele diz que eu espero que você esteja certo. Eu não acho que você é. Teremos que esperar para ver. Isso é basicamente o que ele diz.

Mas então o que acontece nos versículos 12 a 16? Aqui é onde a distinção é encontrada. “Pouco depois que o profeta Hananias” – versículo 12 – “quebrou o jugo do pescoço do profeta Jeremias” – algo aconteceu – “veio a palavra do

Senhor a Jeremias” e qual é a palavra do Senhor ? – O Senhor diz: “Vá e diga a Hananias: 'Assim diz o Senhor: Você quebrou um jugo de madeira, mas em seu lugar receberá um jugo de ferro'. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: 'Porei um jugo de ferro sobre o pescoço de todas estas nações, para que sirvam a Nabucodonosor, rei da Babilônia, e o servirão. os animais selvagens.'” Então o profeta Jeremias disse ao profeta Hananias: "Ouça, Hananias! O Senhor não te enviou, mas você persuadiu esta nação a confiar em mentiras. Portanto, assim diz o Senhor: Estou prestes a tirar você da face da terra. Neste mesmo ano você vai morrer” – por quê? – “porque pregastes rebelião contra o Senhor”. No sétimo mês daquele mesmo ano, morreu o profeta Hananias”. Agora era o sétimo mês, mas no versículo um menciona que era o quinto mês daquele ano em que ele deu esta mensagem. Em outras palavras, dois meses depois ele estava morto. Mas veja, aqui está um falso profeta. Jeremias recebeu a palavra do Senhor, e vem o falso profeta, dá uma mensagem contrária. A resposta de Jeremias é: não acho que você esteja certo. Espero que esteja, mas acho que não. Mas teremos que ver. Então a palavra do Senhor vem a Jeremias e ele tem uma nova mensagem, uma nova palavra. É muito preciso. Ela condena Hananias como um falso profeta e diz: “Ouvi dizer que você vai morrer,” e em dois meses ele está morto. Então, acho que você pode ver, novamente, uma distinção entre a palavra de Jeremias e sua resposta inicial.

Os profetas eram pessoas piedosas e piedosas que como qualquer outro ser humano tem uma determinada opinião e a expressa, mas não era a palavra do Senhor, era apenas uma opinião. Agora, há comentários sobre verdadeiros e falsos profetas em outros lugares em Jeremias e voltaremos à Lei dos profetas em Deuteronômio 18 que fala sobre os profetas que não estavam falando a palavra do Senhor, como eles estavam para distingui-los. Ambos afirmam ser profetas e ambos vêm ao povo e dizem: “Assim diz o Senhor”. Eles afirmam estar fazendo isso, então parece que cabe ao povo decidir qual deles é o verdadeiro profeta e qual é o falso profeta.

e. Exemplo: 1 Reis 13 O Velho Profeta e o Homem de Deus de Judá

1 Reis 13, é a história do velho profeta em Betel. Você provavelmente está familiarizado com esta história. Este homem de Deus de Judá sobe a Betel, muito parecido com Amós contra Jeroboão II, e este profeta sem nome de Judá proclama a mensagem a Jeroboão I sobre o altar que havia sido construído ali em Betel após a divisão do reino. Você percebe no versículo 2 que este homem de Deus de Judá clamou contra o altar pela palavra do SENHOR: "Ó altar, altar! Assim diz o SENHOR: 'Na casa de Davi nascerá um filho chamado Josias Ele sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que agora fazem oferendas aqui, e ossos humanos serão queimados sobre ti.' " Naquele mesmo dia, o homem de Deus deu um sinal: "Este é o sinal que o Senhor declarou: o altar será fendido e as cinzas sobre ele serão derramadas". Quando o Rei ouve sobre esta mensagem, você vê no versículo 4: "Ele estendeu a mão do altar e disse: 'Pegai-o!' Mas a mão que ele estendeu para o homem murchou, de modo que ele não podia puxá-la de volta. E o altar foi fendido e suas cinzas derramadas." Assim, o rei Jeroboão, no versículo 6, diz ao homem de Deus: "Interceda junto ao Senhor, seu Deus, e ore por mim para que minha mão seja restaurada.' Então o homem de Deus intercedeu junto ao Senhor, e a mão do rei foi restaurada e voltou a ser como antes.

O rei disse ao homem de Deus: 'Venha para casa comigo e coma alguma coisa, e eu lhe darei um presente. Mas o homem de Deus de Judá respondeu ao rei: "Mesmo que me desse metade dos seus bens, eu não iria com você, nem comeria pão nem beberia água aqui". - por que? – "Pois a palavra do Senhor me ordenou: 'Não comam pão, nem bebam água, nem voltem pelo caminho por onde vieram'". . Não beba água. "Então ele pegou outro caminho e não voltou pelo caminho que tinha vindo para Betel."

Mas enquanto ele segue seu caminho, ele encontra esse velho profeta. No versículo 18, este velho profeta diz: "Eu também sou profeta, como você é. E um anjo me disse pela palavra do Senhor: 'Traga-o de volta para sua casa, para que coma pão e beba água.' " Mas vemos que o escritor desta narrativa escreveu uma

declaração entre parênteses – “Pois ele estava mentindo para ele. Então o homem de Deus voltou com ele e comeu e bebeu em sua casa”. Ele sabia qual era a palavra do Senhor ; a palavra do Senhor tinha sido específica. Ele orou. Ele foi obediente a essa palavra inicialmente.

Agora, quando este velho profeta vem, ele cede, entra e come com ele. O versículo 20 diz: “Quando ele estava sentado à mesa”, o que acontece? “A palavra do Senhor veio ao velho profeta. Ele clamou ao homem de Deus que viera de Judá: 'Assim diz o Senhor: Você desafiou a palavra do Senhor e não obedeceu à ordem que o Senhor, seu Deus, lhe deu. Você voltou e comeu pão e bebeu água no lugar onde ele lhe disse para não comer nem beber. Portanto, seu corpo não será enterrado no túmulo de seus pais”.

E se você ler mais adiante no capítulo, certamente poderá ver a diferença entre a palavra do Senhor daquele velho profeta e sua própria palavra. Sua palavra era a palavra mentirosa. Ele sabia a diferença entre sua palavra e a palavra do Senhor.

f. Conclusão

Então, o que estou tentando enfatizar é que, na mente e na consciência do profeta, o profeta sabe quando está falando a palavra do Senhor e quando está falando suas próprias palavras. Há uma clara distinção aí. Então, dizer que os profetas falaram sua própria palavra na forma da palavra de Deus, acho que está em conflito com os dados que encontramos nas Escrituras sobre a maneira como isso funciona. Há uma clara demarcação ou linha de diferença na mente do profeta que formou suas próprias palavras nas Escrituras.

D. O fenômeno dos profetas de Israel é tão antigo quanto a própria história de Israel

1. A história de Israel e a história dos profetas são coextensivas

Vamos passar para D. “O fenômeno dos profetas de Israel é tão antigo

quanto a própria história de Israel.”

a. profetas antigos

Não vou fazer muito com este ponto além de dizer que a história de Israel e a história dos profetas são praticamente coextensivas. Jeremias 7:25, acho que já lemos isso, diz: “Desde o tempo em que seus antepassados deixaram o Egito até agora, dia após dia, repetidamente, enviei meus servos a vocês”. A época em que você saiu do Egito é a época de Moisés até a época de Jeremias, Jeremias foi um pouco antes do exílio babilônico de 586 AC Mas mesmo antes de Moisés, Noé é chamado de profeta em Gênesis 9:25-27 e Abraão foi chamado de profeta em Gênesis 20:7. Portanto, há profetas antes mesmo e no período patriarcal.

b. profetisas

Além dos profetas homens, Israel também teve profetisas, isto é, profetas mulheres. Essas referências são poucas e, em alguns casos, não é totalmente claro o que se quer dizer. Miriam, a irmã de Moisés, é chamada de profetisa em Êxodo 15:20. Exatamente o que ela está fazendo lá não é tão claro. Você lê, “então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, tomou um pandeiro na mão, e todas as mulheres a seguiram, com pandeiros e danças. Miriã cantou para eles: 'Cantai ao Senhor, porque ele é exaltado. O cavalo e seu cavaleiro ele lançou no mar.'” Agora o contexto aqui está dizendo, ela está louvando ao Senhor com música. E a questão é qual é o significado da palavra 'profetisa'? Será que ela está liderando a adoração que estava acontecendo ou que Miriam estava falando a palavra do Senhor? Voltarei a isso mais tarde. Mas ela aparece como uma profetisa.

Débora é uma profetisa em Juízes 4:4. “Débora, uma profetisa, esposa de Lapidote, liderava Israel naquela época.” Ela também é juíza.

Hulda é chamada de profetisa em 2 Reis 22:14. Este foi o momento da

descoberta do Livro da Lei do Templo quando Josias era o rei, quando o livro da lei foi encontrado, como você lê no versículo 14: “Hilquias, o sacerdote, Aicão, Acbor, Safã e Asaías foram para fale com a profetisa Hulda, que era a esposa de Shallum, filho de Tikvah, filho de Harhas, guardião do guarda-roupa. Ela morava em Jerusalém, no Segundo Distrito. Ela lhes disse: 'Assim diz o Senhor, o Deus de Israel.'” E aqui está a mensagem; uma palavra do Senhor. A esposa de Isaías também era uma profetisa. Em Isaías 8:3, Isaías diz: “Então fui à profetisa, e ela concebeu e deu à luz um filho,” que é Maher-Shalal-Hash-Baz. A questão é: a esposa de Isaías é uma profetisa porque ela é a esposa de um profeta ou porque desempenhou funções proféticas? Não está claro. Então, apenas um comentário, existem esses exemplos de profetisas.

c. Companhias dos Profetas

Além dos profetas individuais, também há referências a bandos ou companhias de profetas. Tais referências não eram numerosas, mas as encontramos em vários lugares, particularmente em Samuel e Reis. Quero ver algumas dessas referências com você.

1. 1 Sam. 10 – Saulo e a Companhia dos Profetas

A primeira é 1 Samuel 10:5-6. Isso ocorre no processo de escolha de Saul como rei. Saul estava procurando o gado de seu pai, e ele vai até Samuel para buscar informações e o Senhor disse a Samuel: “O homem que vem a você é o homem que escolhi rei, unja-o. Ele será o rei de todo o povo”. Então Samuel faz isso. Então, em 10:1, você lê o livro de 1 Samuel “o Senhor te ungiu”. Mais adiante, porém, no capítulo 10, Samuel diz a Saul que certas coisas vão acontecer neste momento em que o Senhor o escolheu para ser rei. No versículo 5 você lê: “Depois você irá para Gibeá de Deus, onde há um posto avançado dos filisteus. Ao se aproximar da cidade, você encontrará uma procissão de profetas”. No hebraico existe a palavra que a NIV traduz como “procissão” de profetas. Realmente

significa “uma companhia” ou “um bando de profetas”. Portanto, “você encontrará um grupo de profetas vindo do tribunal superior com liras, pandeiros, flautas e harpas sendo tocados diante deles, e eles estarão profetizando”. Então aqui está um grupo de profetas profetizando. “O Espírito do Senhor virá sobre você com poder e você profetizará com eles e será transformado em uma pessoa diferente. Depois que esses sinais se cumprirem, façam o que lhes vier à mão, pois Deus está com vocês”. Portanto, havia vários desses sinais. Este foi o último deles. Você leu que é assim que funciona. Você lê no versículo 9: “Saul se virou para deixar Samuel e Deus mudou o coração de Saul e todos esses sinais se cumpriram naquele dia. Quando chegaram a Gibeá, uma procissão de profetas os encontrou. O Espírito de Deus veio sobre eles com poder e ele se juntou a eles na profecia”. Aqui está uma referência a uma procissão ou um grupo de profetas profetizando.

Agora, neste ponto – vamos voltar a isso mais tarde – mas neste ponto eu quero fazer apenas um breve comentário sobre o que está acontecendo aqui com respeito à palavra “profetizar”. O que eram esses profetas, essa companhia de profetas, o que esses profetas estavam fazendo? *Naba*, a palavra para “profetizar”, o verbo, tem uma variedade de significados. Normalmente diríamos que aquele homem era um profeta, *nabi*, ou o homem profetizou há algum tempo e morreu. Pensamos nele como alguém que proclamou a palavra do Senhor. Mas se você olhar para o uso, parece haver ou se você procurar a raiz *naba* em Brown, Driver e Briggs, um significado é “profetizar em estado de êxtase”. Em 1 Samuel 10:5, a última frase, a NVI diz: “Eles estarão profetizando”. A NRSV diz: “Eles estarão em um frenesi profético”. A tradução de Berkley diz: “Eles estarão em êxtase”. Então você entra nessa questão de qual é o significado dessa raiz *naba* que significa falar a palavra de Deus em um estado normal ou para que eles entrem em uma condição extática e digam algo ou cantem algo nesse tipo de quadro da mente.

Se você olhar suas citações, página 2, EJ Young discute isso em seu livro *My Servants, the Prophets*. Ele está falando sobre esta passagem de 1 Samuel 10.

Ele disse “você deve ter muito cuidado para observar, no entanto, não há uma dica neste texto que sugira que a profecia foi provocada pela música como se a música fosse um estimulante. Os instrumentos musicais foram levados diante dos profetas. A implicação dada é que eles foram empregados apenas como acompanhamento, portanto, a profecia envolvida não era um delírio sem sentido, mas sim um louvor devoto a Deus por meio do acompanhamento de música.” Essa é a interpretação de Young. O que estava acontecendo aqui era o devoto louvor a Deus, através do acompanhamento de música, que é descrito usando uma forma verbal desta palavra *naba* “profetizar”. Ele diz que, “se empregarmos a palavra êxtase para descrever os profetas” – há muita gente que o faz, comenta – “devemos usar a palavra com cuidado. Que eles estavam sob a influência convincente de Deus, não há dúvida, pois é dito a Saul, pois quando ele encontra os profetas, o Espírito de Jeová se precipita sobre ele e ele profetiza com eles. O cumprimento desta predição é relatado da seguinte forma - quando o espírito se apressou sobre eles, ele profetizou, no meio deles. Então 10b, a menos que pareça que os atos de profetizar neste caso particular foram resultado da ação do Espírito, o Espírito de Deus veio sobre o profeta, e o resultado foi que ele profetizou. A fonte da condição extática, portanto, não deve ser encontrada na presença da música, nem na associação voluntária, nem no contágio, nem em qualquer estímulo auto-imposto ou induzido, mas apenas em uma investida do Espírito de Deus. .”

Portanto, é o Espírito de Deus vindo sobre Saul que o leva a se juntar a esse bando ou companhia de profetas, fazer o que eles estavam fazendo, o que Young vê como um entusiástico louvor a Deus. Ou que esta palavra *naba* usou para descrever o que estava acontecendo. Agora, por enquanto, meu propósito em chamar sua atenção para esta passagem é principalmente mostrar a você uma referência de um grupo de profetas, não um profeta individual, mas um grupo de profetas. Falaremos mais adiante sobre o que eles estavam fazendo e o que essas companhias geralmente faziam e o que é essa ideia de fenômeno extático associado com a profecia, mas por enquanto aqui está uma companhia de profetas

em 1 Samuel 10.

2. 2 Reis 2-4 Eliseu e a Companhia dos Profetas, Jericó, Betel...

Na época de Eliseu, você tem referências a companhias de profetas em vários lugares. Em 2 Reis 2:3, lemos: “A companhia de profetas de Betel veio a Eliseu e perguntou: 'Você sabe que o Senhor vai tirar o seu mestre hoje?’” Em 2 Reis 2:5, também há uma companhia em Jericó, a companhia dos profetas em Jericó foi para Eliseu. Em 2 Reis 4:38, “Eliseu voltou para Gilgal e houve fome naquela região. Enquanto a companhia dos profetas se reunia com ele, ele disse ao seu servo: 'Põe uma panela grande no fogo e faz um ensopado para estes homens.’” Há três referências a companhias de profetas em Betel (2 Reis 2:3), Jericó (2 Reis 2:5) e Gilgal (2 Reis 4:38) e há algumas outras referências.

3. 1 Sam. 19: Saulo e as Companhias Proféticas

Eu deveria ter mencionado antes aquelas referências dos Reis, a referência em 1 Samuel 19:20. Isso aconteceu depois que Saul foi rejeitado, Davi foi ungido para substituí-lo e Davi teve sucesso na batalha, e Saul ficou com ciúmes. Saul tenta matar Davi e Davi acaba sendo expulso do tribunal e se torna um refugiado. Mas o que ele faz primeiro é ir até Samuel enquanto ele foge de Saul. Vamos obter o contexto primeiro. Em 1 Samuel 19:18, “Quando Davi fugiu e escapou, ele foi a Samuel em Ramá e contou-lhe tudo o que Saul havia feito com ele. Então ele e Samuel foram para Naiote e ficaram lá. A notícia chegou a Saul: 'Davi está em Naiote, em Ramá;’ então ele enviou homens para capturá-lo. Mas quando eles viram um grupo de profetas profetizando, tendo Samuel como seu líder, o Espírito de Deus veio sobre os homens de Saul e eles também profetizaram”. Então aqui está um grupo de profetas, Samuel é o líder deles. Eles estão profetizando; o que quer que eles estejam fazendo não está totalmente claro. Esses agentes de Saul vêm tentando capturar Davi, e o que acontece com eles? O Espírito de Deus vem sobre eles e eles começam a profetizar. Novamente, o que quer que isso signifique.

Saul foi informado disso, então ele enviou mais homens e eles profetizaram também. Saul enviou homens pela terceira vez. “Finalmente, ele próprio partiu para Ramah e foi para a grande cisterna em Secu. E ele perguntou: 'Onde estão Samuel e Davi?' 'Lá em Naioth em Ramah,' eles disseram. Então Saul foi a Naiote em Ramá. Mas o Espírito de Deus também veio sobre ele, e ele andou profetizando até chegar a Naiote. Ele tirou o manto e profetizou na presença de Samuel. Ele ficou assim o dia todo e a noite toda. É por isso que o povo diz: 'Também Saul está entre os profetas?'

Voltarei a isso mais tarde, mas aqui quero observar o significado do termo *naba* e que tipo de comportamento anormal pode estar associado ao uso da palavra. Esta é uma questão da relação da condição extática vindo do profeta que o capacitou a falar, se é isso que está acontecendo. Acho que o ponto principal é claro aqui é que o espírito de Deus vem sobre os mensageiros de Saul e também sobre o próprio Saul de uma forma que os impede de fazer o que se propuseram a fazer, que era capturar Davi, e eles não podiam não faça isso. O Espírito não os deixaria fazer isto. Embora em conexão com isso, disse que eles estavam profetizando.

Tudo bem, então temos essas referências bastante numerosas para as mesmas coisas. Exatamente quais são as funções desses bandos ou grupos de profetas nunca é muito claro. Eles podem ter sido assistentes ou discípulos de Samuel, Elias e Eliseu. É no tempo de Samuel, Elias e Eliseu que eles aparecem. Talvez eles tenham recebido a tarefa de ajudar um profeta a promover a verdadeira religião nas comunidades onde viviam.

4. 1 Reis 20 – Um Profeta da Companhia dos Profetas Fala

Há apenas uma passagem – e isso está em 1 Reis 20:35-43 – onde um membro da companhia de profetas realmente fala uma palavra de revelação divina. Há apenas um caso disso. Talvez devêssemos olhar para isso. Você lê em 20:35 “Pela palavra do SENHOR, um dos filhos dos profetas disse ao seu companheiro:

'Fere-me com a sua arma"'. na NVI como "companhia de profetas" e, às vezes, mais literalmente como "filhos dos profetas". E um dessa companhia diz a outro membro da companhia: "Ataque-me com sua arma", mas seu companheiro recusou. Então o profeta disse: "Como você não obedeceu ao Senhor, assim que você me deixar, um leão o matará. ' E depois que o homem foi embora, um leão o encontrou e o matou.

O profeta encontrou outro homem e disse: 'Bata-me, por favor'. Então o homem o golpeou e o feriu. Então o profeta foi e ficou na estrada esperando o rei". E o rei vem. "Quando o rei passou, o profeta gritou para ele: "Seu servo entrou no meio da batalha, e alguém veio até mim com um cativo e disse: 'Guarde este homem. Se ele faltar, será sua vida pela vida dele, ou você terá que pagar um talento de prata.' Enquanto seu servo estava ocupado aqui e ali, o homem desapareceu.' 'Essa é a sua sentença', disse o rei de Israel. 'Você mesmo a pronunciou.' Então o profeta rapidamente removeu a bandana de seus olhos, e o rei de Israel o reconheceu como um dos profetas. do Senhor, - "Assim diz o SENHOR:" - e este é o profeta falando a Acabe - "'você libertou um homem que eu havia determinado que deveria morrer. Portanto, é sua vida pela vida dele, seu povo por seu povo.' Mal-humorado e irado, o rei de Israel foi para o seu palácio em Samaria". Bem, aquele era Ben-Hadade, um governante sírio, a quem Acabe libertou, e este profeta o condena. Portanto, você tem um exemplo de todas as referências a grupos de profetas em que um membro de um grupo realmente proclama a palavra do Senhor .Então, qual era a função dessas empresas? Como eu disse, não está totalmente claro.

5. Função das Companhias dos Profetas

Se você olhar para sua página de citação 1, na parte inferior da página, em *Introdução aos Profetas do Antigo Testamento de Hobart Freedman* , ele faz os seguintes comentários: "Qual era então a verdadeira função e propósito dos filhos dos profetas? ('Filhos dos profetas' é traduzido como 'companhia de profetas.'). Ao

tentar responder a essa pergunta, seria bom observar a função deles nas passagens em que foram mencionados nas Escrituras. Primeiro, eles são retratados como morando juntos em uma residência comum em centros religiosos como Gilgal, Betel, Jericó, sentados diante de um grande profeta onde talvez instruções espirituais tenham sido transmitidas a eles.” Eu vou voltar a isso. Não tenho tanta certeza de que isso faz parte.

“Dois, outra função espiritual desses grupos era a de profetizar juntos”, como em 1 Samuel 10:5 e seguintes, que já examinamos. “Exatamente o que era essa profecia e que forma ela assumiu tem sido objeto de muita especulação. Primeiro Samuel 10 parece indicar que parte disso era cantar louvores a Deus. Um bando de profetas descia do alto onde participavam de alguma forma de observância religiosa e profetizavam acompanhados por instrumentos musicais. A evidência de que este era um método aceito de expressão profética é clara em 1 Crônicas 25:1-3.” Há outro lugar onde a profecia é associada à música. “Assim, os grupos não profetizariam simplesmente como indivíduos, mas em conjunto, em procissão em vários locais de louvor e adoração públicos.” Então esse é o segundo propósito de profetizar juntos de qualquer maneira que seja entendida.

“Terceiro, eles também atuaram como mensageiros espirituais em assuntos importantes relativos a Israel. Isso é visto quando Eliseu envia um dos filhos dos profetas para ungir Jeú, o rei de Israel, e novamente quando Deus envia outro mensageiro de julgamento para falar sua palavra de repreensão ao rei Acabe por sua clemência ao lidar com Ben-Hadade”, o primeiro passagem que acabamos de ver em 1 Reis 20. Então, o que Freeman sugere é que esses grupos eram um, receptores de instrução de um líder, como Samuel ou Eliseu, dois, líderes de louvor e adoração públicos e três, mensageiros. Portanto, não tenho certeza se podemos dizer muito mais do que isso. Até mesmo um pouco disso pode ser questionado e falaremos um pouco mais sobre isso na próxima semana. Particularmente o número um. Essas companhias de profetas tiveram que ser instruídas ou educadas para realizar uma tarefa profética?

2. Filhos dos Profetas

Certo, número dois, os membros dessas companhias passaram a ser chamados de [*bene hanebiim*]. Essa frase ocorre nove vezes no Antigo Testamento. Todos eles entre 1 Reis 20 e 2 Reis 9. Isso foi desde o tempo de Acabe até a revelação de Jeú, ou cerca de 974 a 841 aC. Se você olhar para 2 Reis 2:3 e 5, que já vimos, mas você está ciente disso no texto da NVI do que é a redação hebraica. Veja, em 2 Reis 2-3, onde você lê “a companhia de profetas em Betel,” a palavra hebraica ali, *bene hanebiim*, os filhos dos profetas de Betel e a NIV traduziu isso como “companhia de profetas”. Acho que eles fizeram isso para que o leitor em inglês não ficasse confuso sobre qual é a intenção. Esses eram filhos de profetas, os filhos dos profetas, ou este é um profeta e o profeta teve filhos e são os filhos dos profetas em Betel que vêm a Eliseu e perguntam? Tão consistentemente, embora nem sempre, a NIV traduz “*bene hanebiim*” como “companhia de profetas” em vez de “filhos dos profetas”. Em 2 Reis 2:3, 2:5, 2:7, 2:15, 4:1, 4:38, 5:22, 6:1, a NIV tem “companhia de profetas” e em todos os casos são “filhos dos profetas” em hebraico.

a. Os vários significados do termo “filho” (ben) etc.

Agora, no uso bíblico, o termo “filho” pode significar uma criança do sexo masculino, é claro, normalmente é assim que é usado. Pode significar “descendente”. O uso semítico ali, embora não seja hebraico, pode ser visto em Mateus 1:1, “Jesus Cristo, o Filho de Davi” – “filho” no sentido de “descendente”. Mas também pode significar “membro de um grupo”. Acho que é nesse terceiro sentido, “membro de um grupo”, que a palavra é usada nesta expressão, “filhos dos profetas”. É como membro de uma companhia profética que eles são chamados de filhos dos profetas. Não significa algo como filhos de pregadores ou filhos de um profeta.

Agora vejo que meu tempo acabou. Quero ver algumas ilustrações de como “*ben*” ou “filho” é usado onde claramente não é usado no sentido de crianças,

mas no sentido de “um membro de um grupo”. Portanto, vamos parar neste ponto e continuar a partir daí e seguir em frente na próxima semana.

Transcrição por: Miranda MacKinnon
Edição inicial por Ted Hildebrandt
Edição Final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 3

Grupos de Profetas

F. 2. Grupos de Profetas chamados “Filhos dos Profetas”

Na semana passada, estávamos discutindo o numeral romano I e reduzimos para F. O numeral romano I era “Observações gerais sobre o profetismo no antigo Israel” e na seção F. estávamos falando sobre “Os grupos ou grupos de profetas” mencionados em o antigo Testamento. Examinamos algumas dessas referências em F. 1. e acabei de apresentar que 2. os membros dessas empresas passaram a ser chamados de “filhos dos profetas”, “*bene hanebiim*.” Acho que mencionei bem no final da hora que “filhos” ali certamente não significa “filhos dos profetas”. O termo “filho”, *ben* em hebraico, às vezes significa “descendente masculino”, às vezes significa um termo mais longo “descendente”. Jesus Cristo é filho de Davi, filho de Abraão. Mas também pode significar “membro do grupo”. É neste último sentido que devemos entender esta expressão “filhos dos profetas”.

a. “Filho” como Membro de um Grupo 1. Exemplo: Neh. 12:28 Quero dar a vocês algumas ilustrações do uso do termo “filho”. Se você olhou Neemias 12:28, você leu lá (estou lendo a NVI), “ Os cantores também foram trazidos da região ao redor de Jerusalém - das aldeias dos netofatitas ” e assim por diante. Se você olhar o texto hebraico, é *bene*. São “filhos dos cantores”. Agora parece no contexto bastante claro o que é. A referência ali é aos membros do coral. As pessoas que pertencem a um determinado grupo, os cantores. Então, acho que a NVI traduziu isso corretamente - “os cantores”, não “os filhos dos cantores”.

2. Exemplo: Salmo 18:44 Se você olhar o Salmo 18:45, versículo 44 na tradução em inglês, a NVI diz para o Salmo 18:44, “ Assim que eles me ouvem, eles me obedecem; ” e então a próxima palavra, “ estrangeiros se encolhem diante de mim. Estrangeiros são estranhos. O hebraico é *bene* - "filhos de estranhos". Não são os “filhos dos estrangeiros” ou “os filhos dos estrangeiros ” que se encolhem diante de mim, são aqueles que pertencem a essa categoria ou grupo. “ Os estrangeiros se encolhem diante de mim. Todos eles desanimam; eles vêm tremendo de suas

fortalezas. ” Veja no versículo 43 que diz: “ Pessoas que eu não conheço estão sujeitas a mim. Assim que me ouvem, eles me obedecem; os estrangeiros se encolhem diante de mim. ”

3. Exemplo: Sl 72:4

Veja o Salmo 72:4. Agora, aqui está uma situação interessante porque você entra em uma questão interpretativa. A NVI traduz aqui o Salmo 72:4: “Ele (isto é, o rei) defenderá os aflitos entre o povo”. O rei manteria a justiça. Ele julgaria as pessoas e assim por diante. “ Ele defenderá os aflitos do povo. ” Mas então a próxima frase na NVI diz: “ e salve os filhos dos necessitados. ” O hebraico é *bene* os “filhos” dos necessitados. Agora, a NIV aqui traduziu “filhos dos necessitados”. Em outras palavras, o rei “ defenderá os aflitos do povo, salvará os filhos dos necessitados; ele esmagará o opressor”. Qual é a tradução correta aí? O rei vai salvar “os filhos dos necessitados” ou vai salvar os necessitados? São os filhos dos necessitados as pessoas que pertencem a essa categoria de pessoas: os necessitados.

Se você observar o paralelismo, verá que a primeira frase é “ele defenderá os aflitos entre o povo”. Parece-me com base no paralelismo que seria justificado aqui concluir “ele defenderá os aflitos entre o povo e salvará os necessitados”. Não os “filhos dos necessitados”, mas os próprios necessitados. Mas você poderia debater isso. A NIV, New American Standard e King James traduzem “filhos dos necessitados”. A Versão Padrão Revisada traduz como “carente”. “Ele salvará os necessitados.” A Versão da Sociedade de Publicação Judaica (versão JPS) diz: “Que ele defenda os humildes entre o povo, liberte o povo necessitado” — não “os filhos do povo necessitado”, mas “o povo necessitado” — “e esmague aqueles que os prejudicam”. .” Agora estou inclinado a tomar isso como outra ilustração do uso de *bene* como um “membro de um grupo”.

4. Exemplo: 2 Cr. 25:13

Eu tenho uma outra referência que eu quero dar a você. É 2 Crônicas 25:13. Lá você lê na NIV: “ Enquanto isso, as tropas que Amazias havia enviado de volta

e não tinham permitido participar da guerra invadiram as cidades da Judéia de Samaria a Beth Horon. ” A tradução “tropas” se você olhar para o hebraico aí é *ubene* . São “os filhos da tropa” ou “os filhos do bando, bando ou tropa”. Agora, eu não acho que Amazias mandou seus filhos ou filhos dos soldados de volta, ele mandou as tropas de volta, pessoas que estavam naquela categoria identificadas com aquele grupo.

Portanto, há um bom número de exemplos desse tipo de uso de “filho” e acho que, por analogia, quando você se depara com essa expressão “filhos dos profetas”, *bene hanebiim*, devemos entender a *referência* a aquelas pessoas que pertencem à categoria ou classe de pessoas conhecidas como profetas. Não filhos dos profetas; eles são profetas, mas são identificados como um grupo de profetas. É por essa razão que a NVI, quando se trata dessa expressão “filhos dos profetas”, muitas vezes a traduz como “uma companhia de profetas”.

F. 3. O Termo ou Expressão “Escola dos Profetas”

a. Sem suporte para “escola”

Vamos para 3. O termo ou expressão “escola dos profetas”—estamos falando agora sobre esses grupos de profetas. Costumava-se defender - muito mais do que hoje, embora a ideia ainda esteja circulando hoje - que os grupos de profetas deveriam ser entendidos como algo como uma instituição educacional, onde você tinha esse grupo de pessoas que foram identificadas como profetas vindo a serem ensinados vários assuntos, provavelmente em conexão com a compreensão de seu papel e como isso deve ser interpretado e propagado. As pessoas podiam ser instruídas por um dos grandes mestres como Samuel, Elias ou Eliseu, e então sair e ensinar a outras pessoas o que haviam aprendido. Então você teve uma escola de profetas. Essa é uma ideia muito antiga em relação a esses grupos de profetas. Aparece nos Targums que eram traduções aramaicas que eram mais paráfrases do que traduções do hebraico do Antigo Testamento.

Mas não acho que haja nenhuma base ou evidência realmente clara de que esses grupos eram algum tipo de situação educacional. O próprio termo “escola

dos profetas” não é uma expressão bíblica. Não ocorre em nenhum lugar do Antigo Testamento. Não creio que haja nada que indique que os profetas receberam algum tipo de treinamento ou educação especial para desempenhar sua tarefa ou função. Certamente isso é verdade com relação aos grandes profetas da escrita ou profetas canônicos – Isaías, Jeremias, Amós, etc. Nunca lemos que qualquer tipo de instrução ou educação especial fosse necessária para que esses grandes profetas realizassem suas tarefas.

Parece muito mais que essas pessoas foram chamadas por Deus para fora de seu trabalho normal - Amós era um pastor, um apanhador de figos de sicômoro - chamado para fora de sua profissão normal e comissionado pelo Senhor para dar Sua mensagem ao povo. . Como observamos na semana passada, o Senhor disse: “Colocarei minha palavra em sua boca. Você vai; proclame tudo o que eu lhe der para dizer ao povo”.

b. Samuel como Líder – 1 Sam. 19 Agora eu acho que o mais próximo que você pode chegar de algum tipo de evidência para as companhias de profetas terem sido algum tipo de agrupamento educacional é 1 Samuel 19:20 e 2 Reis 4:38. 1 Samuel 19:20 é a passagem onde Saul enviou seus mensageiros para tentar capturar Davi quando ele havia se refugiado com Samuel em um lugar chamado Naiote de Ramá, e no versículo 20 diz: “Quando eles viram um grupo de profetas profetizando , com Samuel ali como seu líder, o Espírito de Deus veio sobre os homens de Saul e eles também profetizaram. Você se lembra que falamos sobre essa passagem na semana passada – qual é o significado da palavra “profetizar”? É visto como algum tipo de comportamento anormal. O Espírito Santo veio sobre aqueles homens e eles não conseguiram capturar Davi. Mas, no contexto dessa situação, diz: “Samuel era o líder deles”. Então nos perguntamos o que exatamente isso significa? O que Samuel estava fazendo - ele estava instruindo? Bem, talvez. Não diz isso. É difícil saber sem mais informações.

c. Eliseu como Líder – 2 Kgs 4

2 Reis 4:38 - você tem isso com Eliseu. Em 2 Reis 4:38 você lê: “ Eliseu voltou para Gilgal e havia fome naquela região. Enquanto a companhia dos profetas estava se reunindo com ele ” —tenho certeza de que a “companhia” existe *bene hanebiim* —“Ele disse ao seu servo: 'Coloque a panela grande no fogo e cozinhe um ensopado para estes homens” . que Eliseu é o líder ali: ele está dando o comando; ele está fornecendo comida para o grupo maior. Agora, novamente, não diz nada sobre instrução. Então Elisha realmente é um líder, Samuel permanece como um líder, mas é difícil saber o quanto fazer disso e exatamente qual era essa função.

d. Não treinamento semelhante ao seminário antigo

Não acho que os próprios profetas - seja Samuel ou Eliseu ou mesmo essas companhias de profetas - sejam algum equivalente antigo aos estudantes de seminário atuais que precisam de uma educação teológica para realizar sua tarefa. Os profetas eram pessoas que recebiam sua mensagem diretamente de Deus e a proclamavam ao povo. Portanto, esses comentários sobre a escola dos profetas ou as companhias dos profetas aparentemente viviam em suas próprias comunidades.

e. Locais das Companhias dos Profetas

Observamos na semana passada que havia grupos de profetas em vários lugares nos primeiros capítulos de 2 Reis - em Betel, em Jericó e em Gilgal. Se você voltar a 1 Samuel 10, quando Saul encontrou aquela companhia de profetas com os instrumentos musicais que estavam profetizando e ele se tornou um deles e profetizou - isso é em Gibeá. Então 1 Samuel 19 que acabamos de ver um minuto atrás - Naiote em Ramá - era uma companhia de profetas. Recebemos essas empresas espalhadas em diferentes localidades e alguns sugeriram que viviam comunitariamente em algum tipo de claustro. Muito parecido com um mosteiro em tempos muito posteriores. Novamente, as evidências para isso são escassas .

F. 4. Grupos de Profetas Aparentemente Viveram em Suas Próprias Comunidades Habitação Comunitária e Alimentação

Mas 2 Reis 4:38 diz que eles comeram juntos. Essa é a passagem que

examinamos há um minuto: “Eliseu voltou para Gilgal e houve fome naquela região. Enquanto a companhia dos profetas se reunia com ele, ele disse ao seu servo: 'Põe uma panela grande no fogo e prepara um ensopado para estes homens.'” Eles receberam comida de Eliseu e parece que eles estavam comendo juntos. No entanto, esta é uma época de fome, isso não significa necessariamente que era uma maneira habitual de comer.

A outra referência que às vezes é invocada para apoiar a ideia de habitação comunitária é 2 Reis 6:2. Você lê: “A companhia dos profetas disse a Eliseu: 'Olha, o lugar onde nos encontramos com você é muito pequeno para nós. Vamos ao Jordão, onde cada um de nós pode pegar uma vara; e vamos construir um lugar lá para nós morarmos.’” Agora, se você olhar para o hebraico disso, você pega a última frase “façamos para nós” um *maqom* “um lugar” *sham* “ali”. Agora você vê que *leshevet* pode significar “sentar” ou “morar”. É um lugar para se sentar e se reunir ou é um lugar para morar - uma casa, de algum tipo? Acho que você poderia entender o termo “lugar” como um lugar onde várias moradias poderiam ser construídas, não necessariamente uma moradia. Mas a frase também poderia ser traduzida como um lugar para “nos sentarmos”. Algum tipo de salão de reunião. Você vê que o versículo anterior diz: “ Olha, o lugar onde nos encontramos com você é muito pequeno para nós”. Então, novamente, não acho que esta seja uma referência que estabeleça incontestavelmente que esta é uma habitação comunitária de algum tipo.

Se você for a 2 Reis 4 - alguns capítulos antes - parece que esses membros da companhia dos profetas tinham suas próprias moradas separadas, em vez de uma morada comunitária. Em 2 Reis 4:1-7 você tem aquela história da esposa de um membro da companhia dos profetas que chamou Eliseu e disse: “Meu marido está morto e esses credores estão vindo para levar meus dois filhos como escravos.” Ela tinha dívidas a pagar e nada com que pagar as dívidas. Então, em 4:2, Eliseu diz: “ Em que posso ajudá-lo? Diga-me, o que você tem em sua casa?” Parece que ela tinha sua própria morada - “O que você tem em sua casa?” “ Tua

serva não tem nada aí', disse ela, 'exceto um pouco de azeite.' Eliseu disse: 'Vá por aí e peça a todos os seus vizinhos jarras vazias. Não peça apenas alguns. Então entre e feche a porta atrás de você e de seus filhos. Despeje óleo em todas as vasilhas e, quando cada uma estiver cheia, coloque-a de lado'" e assim por diante. Ela faz isso e é claro que seus potes estão cheios e ela os vende e consegue pagar sua dívida. Mas o ponto de trazer isso aqui é que não parece uma situação de vida comunitária para esta esposa de um dos membros do grupo ou companhia de profetas. Parece que ela pode ter morado em algum tipo de bairro profético, mas tinha sua própria casa.

Acho que isso se encaixa com uma espécie de característica incidental de 1 Samuel 19. Se você voltar àquela passagem que é sobre Naiote de Ramá. Essa expressão "Naiote de Ramá" está em 1 Samuel 19:19, onde o rei Saul é informado de que Davi está em Naiote, em Ramá. Bem, Ramah é uma cidade; o que é Naioth em Ramá? A palavra hebraica é "habitação" ou "habitação". Naioth parece ser uma forma plural disso. Portanto, é possível que Naioth signifique "habitações", no plural. Se essa é a maneira de entender Naiote, acho que você pode entendê-lo como um bairro, digamos, de Ramá, onde havia um complexo de casas onde esses profetas viviam - os membros do grupo ou companhia de profetas. Então Samuel trouxe David para aquela parte da cidade em Ramá onde os membros da companhia de profetas tinham suas moradas - mas isso no plural não seria uma única habitação comunal.

Assim, número 4: "As companhias dos profetas aparentemente viviam em suas próprias comunidades". Acho que isso deve ser preferido à ideia de que eles tinham algum tipo de abadia ou claustro.

F. 5. A Degeneração da Função Profética nas Empresas

a. Eliseu – 2 kg 4

Número 5.: "A degeneração da função profética nas empresas". Quando você lê as referências a essas companhias de profetas, parece que com o tempo a degeneração se instala. Isso é ler nas entrelinhas. Não sabemos muito sobre essas

empresas, mas é possível que, com o tempo, as pessoas tenham começado a se associar a elas para obter vantagens materiais. Em outras palavras, quais benefícios eles podem obter disso. Lemos em 2 Reis 4:42 sobre isso. Em 4:42 Elias recebe comida para a companhia que foi dada para seu sustento. “ Um homem veio de Baal Shalishah, trazendo ao homem de Deus vinte pães de cevada cozidos do primeiro grão maduro, junto com algumas espigas de novo grão. 'Dá para as pessoas comerem.' ” As pessoas aqui são a companhia dos profetas. “ Como posso apresentar isto a cem homens? ” seu servo perguntou. Mas Eliseu respondeu: 'Dá para o povo comer. Pois assim diz o SENHOR: 'Eles comerão e ainda sobrá.' ” É como os 5.000 de Jesus, mas aqui em menor escala, mas uma multiplicação de alimentos para o benefício desses membros da companhia do profetas. É bem possível que os grupos de profetas vivessem de dons desse tipo .

b. Profetas da Corte Real À medida que você avança no AT, descobre que vários reis tinham grupos de profetas associados à corte à qual eles visitavam, especialmente se desejassem uma mensagem favorável. Em outras palavras, esses não eram necessariamente verdadeiros profetas — eram pessoas que se apresentavam como profetas, mas que diziam ao rei o que ele queria ouvir. Acabe tinha profetas desse tipo associados à sua corte. Se você olhar para 1 Reis 22:4, quando Acabe pediu a Jeosafá que se juntasse a ele na luta contra Ramá em Gileade. “ Josafá respondeu ao rei de Israel: 'Eu sou como você, meu povo como o seu povo, meus cavalos como os seus cavalos'. Mas Josafá também disse ao rei de Israel: "Busca primeiro o conselho do Senhor". Então, o que Acabe faz? “ O rei de Israel reuniu os profetas — cerca de quatrocentos homens — e perguntou-lhes: 'Devo ir à guerra contra Ramote-Gileade, ou devo abster-me?' 'Vá', responderam eles, 'porque o Senhor a entregará nas mãos do rei.' ” Isso é o que eles presumiram que Acabe queria que eles dissessem. Ele encorajou Josafá a ir com ele. Mas qual é a resposta de Josafá? Josafá diz: “ Não há aqui um profeta do Senhor a quem possamos consultar? ” Em outras palavras, ele não acreditava que essas pessoas estavam falando pelo Senhor. Acabe responde: “ Ainda há um homem por meio de

quem podemos consultar o Senhor, mas eu o odeio porque ele nunca profetiza nada de bom sobre mim, mas sempre ruim. Ele é Micaiah, filho de Imlah”. Meu ponto aqui ao chamar sua atenção para isso é que havia grupos de profetas associados às cortes dos reis e nem sempre falando a palavra do Senhor.

Se você olhar para Miquéias 3:5, Miquéias diz: “ Quanto aos profetas que desencaminham meu povo, se alguém os alimenta, eles proclamam 'paz'; se não o fizer, eles se preparam para guerrear contra ele. Em outras palavras, você conhece a mão que o alimenta e diz o que acha que aquela pessoa quer ouvir, em vez de proclamar a palavra do Senhor. Assim, parece que entre os grupos dos profetas gradualmente se instalou a deterioração.

6. Os Profetas Canônicos são Distinguidos dessas Companhias

Número 6: “Os profetas canônicos se distinguem dessas companhias”. Não creio que haja qualquer evidência de que algum dos profetas escritores, isto é, profetas canônicos, que produziram um dos livros proféticos contidos no cânon do Antigo Testamento, pertencesse a uma companhia ou guilda de profetas. Também não lemos sobre nenhum dos profetas canônicos recebendo dinheiro, apoio ou meios de subsistência por realizar as tarefas proféticas. Há um texto em que parece que um dos profetas canônicos rejeita explicitamente a ideia de que ele deva ser considerado parte de um grupo profético. Em Amós 7: 14, Amós diz: “Eu não era profeta, nem filho de profeta”. Agora você vê a pergunta é o que ele quer dizer com "filho do profeta" lá? Ele quer dizer membro de um grupo? É bem possível que sim, dado o uso dessa expressão tantas vezes. Parece que ele está dizendo: "Eu não fui profeta, nem filho de profeta, mas fui pastor”. Agora quero ver isso com um pouco mais de detalhes e, para fazer isso, acho que precisamos voltar e obter todo o contexto. Amós havia subido de Judá para o reino do norte, para a cidade de Betel. Lembre-se do rei Jeroboão Eu tinha estabelecido altares em Betel e Dan. Naquela época, o homem de Deus de Judá subiu e clamou contra aquele altar em Betel. Agora, muito mais tarde, sob Jeroboão II, Amós faz a mesma coisa e vai para Betel e Amazias você lê no versículo 10: " O sacerdote de Betel enviou uma

mensagem a Jeroboão, rei de Israel: 'Amos está levantando uma conspiração contra você no próprio coração de Israel. A terra não pode suportar todas as suas palavras. Pois é isso que Amós está dizendo : 'Jeroboão morrerá à espada, e Israel certamente irá para o exílio , longe de sua terra natal.'" Isso não é algo que Jeroboão queria ouvir . a terra de Judá.'" Então aqui está a próxima frase que eu acho que é significativa e uma parte importante do conflito. "Ganhe seu pão lá e faça sua profecia lá." Veja, ele coloca uma conexão entre profetizar e sustento. "Ganhe seu pão lá e faça sua profecia lá." É como se os dois estivessem conectados. "Não profetize mais em Betel, porque este é o santuário do rei e o templo do reino." É a isso que Amos responde. Ele diz a Amazias: " Eu não era profeta nem filho de profeta, mas era pastor e cuidava de figueiras bravas".

Isso levanta uma questão de tradução. A questão tem a ver com o que Amós está dizendo aqui e como devemos entender o que ele está dizendo, o que traz uma ambiguidade no texto hebraico. Não tem verbo aí. Amós "respondeu e disse a Amaziah: "lo' nabi anni". Literalmente, "Não profeta I." "Não profeta I e não filho de profeta I." Agora, se você olhar as traduções disso, terá que fornecer o verbo "ser". Você fornece o verbo "ser" no presente ou no passado? O New American Standard está no tempo presente. "Não sou profeta, nem sou filho de profeta, mas sou pastor e apanhador de sicômoros." Mas se você olhar para o King James e o NIV, eles traduzem o pretérito com o verbo "ser". Para o verbo fornecido "Eu não era profeta, nem era filho de profeta, mas era um pastor, um coletor de plátanos". A versão Berkley tem ambos lá. "Não sou profeta nem filho de profeta, mas fui pastor, apanhador de sicômoro." Qual é a diferença de significado no que Amos está dizendo se você traduzir com o tempo presente ou o tempo passado? Isso pode parecer irrelevante no que eles estavam dizendo. Acho que faz uma diferença significativa no significado. Aqueles que sugerem um pretérito como King James e NIV entendem que Amós está dizendo que ele não se fez um profeta, mas Deus o chamou para a tarefa. "Eu não era um profeta, eu não era filho de um profeta, eu era um pastor," e então você desce para o versículo 15,

“ Mas o Senhor me tirou de cuidar do rebanho e o Senhor me disse: 'Vá, profetize'”. Então eu não era um profeta, mas o Senhor me chamou e eu me tornei um profeta. Isso é basicamente o que ele diz. Então Amos não está negando que ele é um profeta, ele está apenas dizendo “Eu não era assim originalmente. Originalmente, eu era um fazendeiro.”

Mas se você traduzir o tempo presente, isso dará um significado diferente ao que Amós está dizendo. Lembre-se, Amós está realmente respondendo a essa declaração do sacerdote no versículo 12: “Ganhe o seu pão lá. Volte para a terra de Judá. Ganhe seu pão lá e faça sua profecia lá. Amos não está recebendo nada e está respondendo a isso. Se você traduzir no tempo presente, “Eu não sou um profeta, não sou filho de um profeta”, acho que o que Amós está dizendo a Amaziah é: “Não sou um profeta no sentido que você entende”. Isso é “Eu não sou um profeta no sentido de que sou alguém que profetiza para ganhar meu sustento”. No que diz respeito a Amazias, isso é o que um profeta é: alguém que está nisso pelo que pode obter disso. Mas Amos responde, eu acho, dizendo: “Eu não sou esse tipo de “profeta” e não sou filho de um profeta. Não sou membro de nenhuma dessas companhias proféticas. Porque eu não preciso fazer isso para o meu sustento. Eu sou um pastor. sou apanhador ou plantador de figos sicômoros; Eu posso me sustentar. Não profetizo por vantagens materiais. Mas o Senhor veio a mim e disse: 'Vá levar esta mensagem lá em cima, vá profetizar.'” Agora, se você traduzir assim, então no tempo presente, acho que o que está acontecendo aqui é que Amazias fez essa declaração que claramente pressupõe que os profetas estão no negócio por dinheiro. “ Volte para a terra de Judá. Ganhe seu pão lá e faça sua profecia lá. E Amos responde: “Eu não sou isso. Sou pastor, não preciso ganhar a vida profetizando. Eu não profetizo para ganho monetário.”

Agora, se é assim que você lê isso, sugere algumas coisas. Acho que sugere que naqueles dias a profecia passou a ser entendida como um certo tipo de profissão ou meio de subsistência - parece-me que foi isso que Amaziah entendeu lá. Em segundo lugar, acho que está sugerindo que Amós queria deixar bem claro:

“Não sou esse tipo de profeta”. Amós não está negando que é um profeta no sentido próprio da palavra, mas o que ele está dizendo é: “Não tenho nada a ver com os profetas com os quais ele e Amazias estavam familiarizados: esse tipo de pessoa que profetizou o que o rei ou outra pessoa queria ouvir para obter qualquer benefício que pudesse derivar disso.

Aqui a NVI usa o tempo passado. Existe o que é chamado de TNIV agora, se algum de vocês estiver familiarizado com isso - isso é uma revisão do NIV. Ainda é passado, mas o TNIV diz: “Eu não era um profeta, nem discípulo de um profeta”. Em outras palavras: “Eu não era profeta nem filho de profeta, filho do profeta”. Agora diz: “Eu não era profeta nem discípulo de profeta, mas era pastor e cuidava de figueiras bravas”. Então eles ainda estão no pretérito com o TNIV.

A versão da Jewish Publication Society está no tempo presente. É como o NASB. E eu acho que isso deve ser preferido. Diz: “Não sou profeta e não sou discípulo de profeta” — eles usam a mesma expressão, “discípulo de profeta”. “Sou criador de gado.” Existe - algum de vocês já se deparou com a Bíblia de Estudo Judaico da Oxford University Press? Há uma Bíblia de Estudo Judaica muito parecida com a Bíblia de Estudo NVI, mas de uma perspectiva judaica publicada pela Oxford Press. A nota na Bíblia de Estudo Judaica que usa a Versão da Sociedade de Publicação Judaica para a tradução diz: “Amos afirma que não é um profeta profissional para que possa ser contratado por seus serviços e assim comprado”. Agora acho que acertaram. No versículo 12, quando ele diz: “Não sou profeta nem filho de profeta”, Amos afirma que não é um profeta profissional que pode ser contratado por seus serviços e, portanto, comprado. Portanto, os profetas canônicos são diferenciados dessas empresas. Você não tem nenhuma referência de nenhum dos profetas canônicos fazendo parte de uma dessas empresas e me parece que Amos está deixando isso explícito. Ele não quer ser uma família com a companhia dos profetas ou com uma espécie de profeta que estava nisso por lucro.

Novamente parece que havia companhias com Eliseu, Elias e Samuel e todos eles. Parece que Samuel, Eliseu e Elias eram líderes de empresas. Então, se

você os torna parte de empresas, parece-me que as empresas eram algum tipo de grupo de - a Sociedade de Publicação Judaica diz "discípulos" - talvez seja um bom termo. Eu acho que você olharia para Samuel, Elias e Eliseu, embora, como acima da empresa, em vez de parte dela.

Você sabe, algumas pessoas gostam de usar a expressão “ofício de profeta”. Eu tento evitá-lo. Prefiro a expressão “função profética”, porque me parece que um padre tinha um ofício, um rei tinha um ofício. Um rei era um rei e ele foi ungido para ser isso. Ele era um rei e tinha funções e deveres oficiais. Os sacerdotes tinham funções e deveres oficiais. Parece que esses profetas fizeram algo mais esporadicamente. Quando o Espírito veio sobre eles, eles falaram e então desempenharam essa função profética, mas não tenho certeza se quero chamá-lo de ofício, como se isso fosse tudo o que eles já fizeram. Voltamos àquela coisa dos próprios profetas sabendo em seu próprio coração e mente quando eles estavam falando a palavra do Senhor em comparação com sua própria palavra. Alguém como Natã, que frequentemente era um profeta para Davi, onde ele lhe deu a mensagem do Senhor e perguntou onde estava o que ele disse a Davi, sua opinião pessoal estava errada. Portanto, cada palavra que eles falaram não foi uma palavra inspirada.

G. Os Profetas Canônicos eram Profetas Escritores

Agora G.: “Os profetas canônicos são profetas escritores”. Eu só quero fazer alguns comentários aqui sobre os rótulos. Você encontrará esses dois rótulos na literatura.

1. Escrevendo Profetas

“Profetas escritores” é uma designação para aqueles profetas que nos deram um escrito com seu nome no cânon do Antigo Testamento. Em outras palavras, os profetas escritores são os 4 profetas maiores e os 12 menores do cânon do Antigo Testamento. Então, nesse sentido, profetas escritores e profetas canônicos são sinônimos – estamos nos referindo às mesmas pessoas. Acho que esses rótulos são úteis, mas podem ser mal interpretados. Com respeito a “profetas

escritores”—sabemos que houve profetas que escreveram cujos escritos não foram preservados para nós no cânon das Escrituras . Em outras palavras, se você realmente quiser forçá-lo, a expressão “profetas escritores” é maior do que “os profetas canônicos”. Crônicas fala da escrita de um número de indivíduos cujos escritos – chamaremos de profetas – cujos escritos não foram preservados para nós e incluídos no cânon. Veremos algumas referências. 2 Crônicas 9:29, onde você lê: “ Quanto aos outros eventos do reinado de Salomão, do começo ao fim, não estão escritos nos registros do profeta Natã, na profecia de Aías, o sionita, e nas visões de Ido A vidente." Portanto, há Nathan, Aías e Ido, que escreveram e escreveram como profetas de Deus, mas esses escritos, por qualquer motivo, não foram preservados e incluídos no cânon do Antigo Testamento. Existem algumas outras referências – 2 Crônicas 13:22 e 21:12 – não vou perder tempo olhando para elas.

2. “Profetas Canônicos”

Você também pode dizer que mesmo o termo “profetas canônicos” também é um tanto deficiente porque separa os livros proféticos dos livros históricos. Na tradição judaica não temos essa separação entre livros proféticos e livros históricos. Na tradição judaica, temos referência ao que você chama de “antigos profetas” e “últimos profetas”. Os profetas anteriores são o que chamamos de livros históricos: Josué, Juízes, Samuel e Reis. Esses são os antigos profetas. Os últimos profetas são o que chamamos de livros proféticos. Então eu acho que a tradição judaica é muito mais precisa. Todos esses livros são livros proféticos. Os livros históricos são um registro e uma interpretação divinamente inspirados do que estava acontecendo com aquelas pessoas no período do Antigo Testamento. Eles são proféticos tanto quanto os livros que chamamos de proféticos.

Pergunta do Aluno: “Agora Eliseu e Elias seriam considerados profetas canônicos?”

Não, porque eles não têm a canonização completa da Escritura. Eles não têm um livro canônico escrito por eles. Eles não seriam considerados profetas canônicos ou profetas escritores — nenhum deles.

II. A Nomenclatura Profética

Vamos para o numeral romano II, “A nomenclatura profética”. Eu quero descer para algumas das palavras e frases usadas no Antigo Testamento para designar os profetas. Acho que, olhando para a nomenclatura, temos uma ideia da natureza da função profética. Desde o início, deixe-me fazer este comentário. A maioria das pessoas quando ouve a palavra “profeta” pensa imediatamente que havia esse grupo de pessoas no Antigo Testamento que predisse o futuro. Em outras palavras, um profeta é alguém que prediz o futuro. Eu acho que realmente perde o ponto. Sim, é verdade que em muitos dos livros proféticos você tem previsões sobre coisas que aconteceriam no futuro, mas essa não era a essência do que significava ser um profeta - prever o futuro. Os profetas eram basicamente pregadores. Eles falaram sobre as necessidades do povo de Deus no período do Antigo Testamento e muito do que eles tinham a dizer era um chamado ao arrependimento, um chamado para retornar à aliança, um chamado para ser obediente ao Senhor e abandonar a falsa adoração. . Portanto, a essência do ministério profético está em outro lugar além da previsão. Os dois não são sinônimos. Ser profeta não é necessariamente contar sempre sobre o que vai acontecer no futuro. Acho que isso aparece em algumas nomenclaturas com as quais os profetas são identificados.

A. Homem de Deus A. sob II. é o nome mais geral: “homem de Deus”. Essa expressão é usada 76 vezes no Antigo Testamento. Cerca de metade deles são usados em conexão com Eliseu, que muitas vezes é chamado apenas de “o homem de Deus”. Há um número em 1 Reis 13 onde você tem aquele homem de Deus que saiu e profetizou contra o altar de Jeroboão I. Mas muitos dos outros estão amplamente dispersos. Moisés é chamado de “um homem de Deus”, assim como Samuel, Elias e Semias. Portanto, é amplamente utilizado. O que isso sugere é: o

profeta é uma pessoa que mantém um relacionamento com Deus. Se você é um homem de Deus, você está em algum tipo de relacionamento com Deus - exatamente qual é o relacionamento, não está definido. Mas aqui estão pessoas que são homens de Deus.

B. Servo do Senhor

B. é: “Servo do Senhor”. Conversamos na semana passada sobre “Meus servos, os profetas”. Aqui a relação é mais claramente indicada. Esses profetas eram servos de Deus. A relação é de serviço. Mas, novamente, isso ainda é bastante geral. É usado com muitos dos profetas, mas também é usado mais amplamente porque outras pessoas além dos profetas são chamadas de servos de Deus. Uma referência interessante é ao rei Nabucodonosor em Jeremias 27:6 e 43:10. Ele é chamado de “o servo do Senhor”. Ele não era um profeta, ele nem mesmo era um filho crente de Deus, mas ele era um instrumento nas mãos de Deus que cumpriu os propósitos e planos de Deus em conexão com a punição que viria sobre Judá, então ele é chamado de “servo do Senhor.”

C. O Mensageiro do Senhor

C. é “O mensageiro do Senhor”. Agora aqui você fica mais explícito. O profeta é uma pessoa que leva a mensagem de Deus aos homens. Você pode pensar que isso seria usado extensivamente porque essa é a essência do que o profeta faz, mas não é. Curiosamente, é muito pouco frequente. É usado apenas para Ageu. Em Ageu 1:13 diz: “Ageu, o mensageiro do Senhor, deu esta mensagem do Senhor ao povo”. Eu digo que é usado apenas para Ageu. Ou seja, é usado apenas em Ageu, a menos que você veja Malaquias 1:1, onde diz: “Um oráculo: a palavra do SENHOR a Israel por meio de Malaquias”. Mas se você olhar para isso em hebraico, é “Um oráculo: A palavra do SENHOR a Israel por meio de *Maliachi*. *Maliachi*, se você traduzir, é “Meu Mensageiro”. E há algumas pessoas que pensam que não sabemos o nome desse profeta - que é apenas uma designação genérica de um mensageiro do Senhor. “Um oráculo: a palavra do SENHOR a Israel por meio de *Maliachi*, Meu Mensageiro.” Estou inclinado a

pensar que é um nome próprio porque essa linha introdutória está muito próxima do papel dos mensageiros proféticos. Você tem o nome do profeta dado em outras obras, então me parece que é mais provável que seja o nome dele. Mas esse é C., “mensageiro do Senhor”.

D. O termo hebraico Nabi [profeta]

D. é a palavra hebraica *nabi*. Essa é a palavra que mais frequentemente é usada para designar um profeta. Quando você se depara com a palavra profeta em suas traduções em inglês do Antigo Testamento hebraico, é uma tradução dessa palavra. Na Septuaginta, essa palavra hebraica é traduzida pela palavra grega *profetas*. É daí que tiramos nossa palavra em inglês “profeta”. A palavra portuguesa “profeta” é retirada da palavra grega *profetas*. É a tradução da Septuaginta grega de *nabi*. Então a questão se torna: o que *nabi* significava para alguém particularmente no período do Antigo Testamento que ouviu essa palavra? Qual era então a conotação desta palavra? E isso levanta muitas questões em que há muita discordância quanto à origem, etimologia e assim por diante. Mas acho que o que está claro é que *nabi* não significava algum tipo de adivinho, adivinho, leitor de presságios, alguém que fazia esse tipo de coisa. *Prophetes* é a tradução grega de *nabi*. Para a prática da adivinhação, adivinho, esse tipo de coisa, o grego usava o termo *louva-a-deus*. Assim, tanto no hebraico do Antigo Testamento quanto no grego, você tem uma distinção entre um adivinho e um adivinho e os profetas.

Na literatura grega clássica, o *profeta* era entendido como alguém que interpretava as mensagens dos deuses aos homens. Um lugar onde isso fica particularmente claro é no templo de Apolo em Delfos. Havia uma sacerdotisa chamada Pítia. Esta sacerdotisa deu mensagens da divindade em uma espécie de transe frenético enquanto estava sentada em um tripé de ouro. Então aqui está essa Pítia que está dando esse tipo de revelação ininteligível da divindade Apolo. Mas então você vê o que aconteceu, houve os *profetas* que vieram e interpretaram aqueles sons ininteligíveis da Pítia em linguagem compreensível. Então os

profetas interpretaram as revelações dos deuses para o povo. Se você olhar para a página 2 de suas citações, no final da página, há um parágrafo de seu escritor favorito sobre assuntos do Antigo Testamento, Gerhard Vos, de sua teologia bíblica, onde ele está falando sobre *nabi*. E ele diz: “Com esta investigação sobre o significado de *nabi*, podemos combinar uma breve discussão de seus breves *profetas equivalentes* - de onde vem nossa palavra 'profeta'. Associamos a isso principalmente a ideia de preditor ou preditor. Isso não está de acordo com a etimologia grega original. A preposição 'pro-' na composição não expressa o sentido temporal de antemão. Tem significado local. O *profeta* é um anunciador. O termo grego, no entanto, tem associações religiosas não menos do que o termo hebraico. *Prophetes* é aquele que fala pelo oráculo. Assim, pode parecer que, com o *pro* -entendido corretamente, o *nabi hebraico* e os *profetas gregos* eram praticamente sinônimos. Isso, no entanto, seria enganoso. Os *profetas gregos* não têm a mesma relação direta com a divindade que o *nabi hebraico*. Na realidade, ele é o intérprete das expressões obscuras oraculares da Pítia, ou alguma outra pessoa inspirada que das profundezas abaixo do deus tinha um santuário inspirado por ela. A Pítia ficaria, assim, no mesmo lugar perto da divindade que o *nabi*, mas o *profeta* é separado da divindade por esta pessoa intermediária. O *profeta* é, portanto, mais um intérprete do que um porta-voz do que o deus fala por meio daquele que ele inspirou diretamente. (Em outras palavras, a Pítia era aquela com quem os deuses falavam, mas quando os deuses falavam com a Pítia era em sons ininteligíveis.) Assim, os *profetas* pegam esses sons ininteligíveis e os tornam compreensíveis. Então ele é o intérprete e não o porta-voz. Ele acrescenta a sua própria não apenas a iluminação do oráculo, mas também a forma com que veste o humano que percebe. Não é de admirar, então, que a palavra *profetas*, levada a serviço da religião bíblica, tenha passado por um batismo de regeneração antes de poder ser usada.” Em outras palavras, o que ele está dizendo é que se você fosse um tradutor grego do hebraico do Antigo Testamento e estivesse procurando uma palavra para representar adequadamente *nabi* em hebraico, você pegaria a palavra

grega mais próxima dessa função e isso aconteceria. ser a palavra *profetas* . Mas tem um fundo diferente. Quando é usado no contexto bíblico, você deve estar ciente dessa diferença.

D. 1. Etimologia de Nabi Agora, voltando a esta palavra *nabi* — o que significa? Tem havido muita discussão sobre a etimologia de *nabi* . Retire o seu contorno. Eu tenho dois subpontos em D. 1. é “Etimologia” e 2. é “Uso”. Quando você faz a pergunta sobre etimologia, descobre muito rapidamente que entra em disputas. Alguns disseram que *nabi* é um derivado de outra raiz hebraica, “*nb* ”, cujo derivado significa “borbulhar”. Esta sugestão foi do grande estudioso hebreu Gesenius. Ele disse que o profeta era chamado por esse nome por causa da impressão que seu falar causava; o fluxo de palavras “borbulha” da boca de um profeta. Outros o veem como derivado de uma raiz acadiana, *nabu* . *Nabu* em acadiano significa “falar”. A palavra *nabu* vem da divindade babilônica *Nabu* , que é o deus da sabedoria e da ciência, o deus da palavra e da escrita. Você obtém esse mesmo componente em nomes posteriores como Nabucodonosor e Nabopolassar. Portanto, se vier de *nabu* , o *nabi* seria um orador e, mais especificamente, alguém que falava por Deus.

Examine suas citações na página 3 sob TJ Meek e o volume sobre *Origens Hebraicas* . Ele diz: “A terceira palavra para profeta é a que se tornou a mais popular de todas, substituindo quase exclusivamente o termo antigo *roeh* ”. Voltarei a *roeh* mais tarde. “É *nabi* de uma raiz não encontrada em hebraico, mas encontrada em acadiano como *nabu* 'chamar, chamar, falar'. Significa, portanto, orador, porta-voz de Deus e é traduzido corretamente na Septuaginta pelos *profetas gregos* . Um substantivo derivado de uma preposição *pro* —para, em nome de e do verbo *phemi* , 'falar’”. Falar por, ou em nome de. *Profetas* . *Pró-femi* . “Portanto, o profeta do tipo *nabi* não era estritamente um 'prognosticador' como se supunha anteriormente, mas um 'anunciador, pregador'. Este era o significado de 'profeta' em inglês até depois da época da rainha Elizabeth, quando por algum motivo o termo passou a ser igualado a predição e predição. Por exemplo, um livro

de Jeremy Taylor publicado em 1647, intitulado *The Liberty of Prophesying*, não é o que a atual conotação da palavra levaria alguém a pensar. É um livro sobre liberdade de expressão. Em linguagem moderna: a liberdade de pregar.

Conseqüentemente, o significado estrito da palavra “profeta” em inglês em seu significado no original grego e hebraico é falante ou porta-voz.” Essa é a ideia que vem de *nabu*, que significa “falar”.

Há outros que dizem que sim, vem de *nabu*, mas ao invés de ser da voz ativa dessa palavra acadiana, é passiva. Então teria o significado de “alguém chamado por Deus”. Se você olhar acima do parágrafo de Meek na página 3 de suas citações, verá algumas declarações de William F. Albright. Ele diz: “A explicação atual da palavra *nabi*, profeta, como 'orador' é quase certamente falsa. O significado etimológico correto da palavra é antes 'aquele que é chamado por Deus que tem uma vocação de Deus', como parece do fato de que quase sempre é esse o sentido”. Do meio da 3^a linha até o meio da última. Ele discute isso mais adiante - ele diz, abaixo de algumas linhas: “A interpretação da palavra se adapta exatamente ao seu significado; o profeta ou o homem que se sentiu chamado por Deus para uma missão especial em que a sua vontade estava subordinada à vontade de Deus”. Portanto, existem alguns outros pontos de vista sob a etimologia. Acho que a etimologia permanece incerta. Mas acho que essas ideias de “falar” ou “alguém chamado por Deus” são consistentes com o que encontramos no uso bíblico. Mais importante do que a etimologia para o significado de qualquer palavra é seu significado no contexto de passagens específicas e seu significado derivado de como é usado.

2 Uso de Nabi

Então isso nos leva a 2. “O uso de Nabi.” Deixe-me começar com isso. Fizemos um pouco da maneira como foi usado na semana passada e eu o encaminhei para Deuteronômio 18:18 como um versículo chave onde a função profética é descrita em linguagem muito explícita. Você tem em 18:18 de Deuteronômio a declaração: “Eu lhes levantarei um profeta”, um *nabi*, “como

“você”, Moisés, “dentre seus irmãos; Porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar”. Agora, como mencionei na semana passada, é a mesma coisa que é dita em Jeremias 1:9, onde o Senhor diz: “Jeremias, porei as minhas palavras na tua boca.”

Agora interessante em conexão com isso é Êxodo 7:1. Lá você lê: “O SENHOR disse a Moisés: 'Veja, eu o fiz como Deus para Faraó, e seu irmão Aarão será seu *nabi* .” Acho que esse versículo nos dá uma ideia do que é um profeta e qual é a relação do profeta com Deus. A relação de Aarão com Moisés será como a do profeta com Deus. Em outras palavras, Moisés se posicionará em relação a Faraó como Deus se posiciona em relação ao Seu povo. Mas Moisés não falará pessoalmente com o faraó. Isso vai ser feito por Aaron. Aarão transmitirá a mensagem de Moisés a Faraó, assim como o profeta transmite a mensagem de Deus ao povo. Então você se lembra que Moisés disse: “Eu não posso falar” e o Senhor disse: “Aarão falará por você” e aqui diz: “Eu te fiz como Deus para Faraó. Seu irmão Aarão será seu profeta”. Se você for a Êxodo 4:15, onde ocorreu a discussão sobre Moisés falando, você notará que Deus diz a Moisés: “ Falarás com ele e porás palavras em sua boca; Eu ajudarei vocês dois a falar e ensinarei o que fazer. Ele falará ao povo por ti, e será” — agora ouça — “como se ele fosse a tua boca. Será como se ele fosse sua boca, e como se você fosse Deus para ele. Mas tome este cajado em suas mãos para que você possa realizar sinais miraculosos”. Aarão é mencionado como a boca de Moisés, e um profeta é a boca de Deus pela analogia. Então, acho que quando você começa a usar *nabi* , esses textos nos dão uma visão bastante clara do significado da palavra.

A próxima designação é *roeh* frequentemente traduzida como “vidente”. Veremos isso na próxima vez.

Transcrito por Carly Geiman
 Rough editado por Ted Hildebrandt
 Edição final por Katie Ells
 Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia, Aula 4

Termos Usados para Referir-se a Profetas Continuação

e. Nabi - profeta

Acabamos de falar aqui sobre a relação entre profecia, ou seja, a mensagem dos profetas, e o termo *nabi*, que significa “profeta”. O que estou dizendo é que os dois estão intimamente ligados. As palavras do profeta, a profecia, são realmente palavras de Deus e podem ou não ser preditivas. Em outras palavras, a profecia é uma palavra de Deus que se encaixa bem com o título *nabi*. Como algumas dessas citações apontaram, com os *profetas gregos*, eles realmente falam por Deus. Não é tanto a essência das palavras humanas; não tanto predizendo quanto revelando. Essa revelação pode incluir algumas previsões, mas a previsão não é a essência do que é a profecia.

f. Roeh - Vidente

Vamos passar para outro termo que é *ro'eh*. É realmente uma forma participativa de *ra'ah*, ver. Foi traduzido como “vidente”. Agora, assim que você chegar a esse termo e olhar para a literatura sobre ele, descobrirá que existem aqueles que tentam argumentar que *nabi* e *ro'eh* eram originalmente dois tipos diferentes de pessoas. Em outras palavras, você poderia distinguir entre o *ro'eh* e o *nabi*, e foi apenas mais tarde que as duas palavras se tornaram mais sinônimas.

1. Mahu e Baru da Mesopotâmia

Um estudioso, cujo nome não é tão importante, mas vou dar a você, Alfred Haldar, argumentou que você encontra a mesma diferença em algumas línguas da Mesopotâmia designando “profetas” como você encontra no Antigo Testamento. Na Mesopotâmia, você tem algumas pessoas chamadas *Mahu* e *Baru*. O que Haldar argumentou foi que o *Mahu* era o mesmo que o hebraico *nabi* e o *Baru* era o mesmo que o hebraico *ro'eh*. Portanto, tem essas duas designações nos textos acadianos da Mesopotâmia e ele disse que o equivalente em Israel é entre o *Mahu* e o *nabi* e o *Baru* e o *ro'eh*. Agora, na Mesopotâmia, os *Mahu* e os *Baru* eram

semelhantes, pois ambos tinham a tarefa de discernir qual era a vontade de Deus e depois torná-la conhecida para outras pessoas. Mas havia uma diferença importante entre os *Mahu* e os *Baru*. O *Mahu* recebeu a mensagem dos deuses diretamente e o fez em estado de êxtase. Então, o *Mahu* estava em êxtase e enquanto estava nessa condição de êxtase, ele recebe uma mensagem de uma divindade, que então transfere para outras pessoas. Ele faz isso enquanto ainda está em um estado de espírito extático.

O *Baru*, porém, era diferente. Os *Baru* receberam a mensagem indiretamente por meios externos. Em outras palavras, o *Baru* era alguém que lia signos astrológicos ou lia presságios de vários tipos. Uma das maneiras pelas quais os *Baru* determinavam a vontade do Senhor era examinar os fígados dos animais de sacrifício e observar as configurações do fígado. Diferentes configurações de fígados têm diferentes significados e dessa forma ele determinaria a vontade de Deus ou derramaria óleo na água e veria que tipo de padrão se desenvolveu e leria algo disso ou lançaria sortes - vários meios externos de determinar a vontade de Deus.

2. Meios Externos de Determinar a Vontade de Deus

Agora, o que Haldar tenta fazer é dizer que, assim como a Mesopotâmia tinha seus extáticos e seus sacerdotes *Baru*, a mesma distinção em Israel pode ser encontrada entre os *nabi* e os *ro'eh*. O *nabi* foi o extasiado que recebeu esta mensagem diretamente da divindade. O *ro'eh* era alguém que recebia informações externamente e as repassava a outros. Agora que é uma teoria interessante. O problema é que, se você olhar para os dados bíblicos, ficará bastante claro que os dados bíblicos não se encaixam no padrão. Aqui você tem um padrão de outro lugar que é imposto nas Escrituras e as especificidades dos dados das escrituras são forçadas em um padrão já preconcebido. Por exemplo, Samuel é chamado de “vidente” 1 Samuel 9:11, mas ele não trabalhou com meios externos para determinar a vontade de Deus.

Agora, deixe-me dizer algo mais sobre esse negócio de determinar a vontade de Deus por meios externos antes de prosseguirmos. Isso não está completamente excluído da Bíblia. Lembre-se que o sumo sacerdote tinha o Urim e Tumim em seu manto e ele podia determinar a vontade de Deus pelo uso do Urim e Tumim. Quando você chega na época de Davi e depois que Saul exterminou os sacerdotes em Nob, Abiatar escapou e trouxe o éfode para Davi e nos próximos capítulos você vê Davi dizendo: “Traga-me o éfode” e então ele faz perguntas do Senhor. “Devo ir a este lugar ou não?” E o Senhor disse: “Sim, vá”. “Serei vitorioso?” E o Senhor disse: “Sim, você vai”, ou “Não, você não vai”. Houve o uso de meios externos de forma legítima através do material bíblico. No entanto, o indivíduo que pode usar os meios externos nunca é chamado de *ro'eh*. Abiatar que tinha a custódia, pode-se dizer, do Urim e Tumim, ele era um sacerdote; ele não era um *ro'eh*. Portanto, não se encaixa na categoria.

Você tem referência a indivíduos que usaram fenômenos externos para determinar a vontade de Deus. Mas o interessante é que eles nunca são chamados de “videntes”. Eles nunca são designados pelo termo *ro'eh*. Eles são chamados de adivinhos, mágicos, adivinhos ou feiticeiros. Se você olhar para Deuteronômio 18:10, naquela passagem que descreve o que o profeta deve ser e como Deus vai falar através do profeta, você lê ali: “Não se ache ninguém entre vocês que sacrifique seu filho ou filha em o fogo, que pratica adivinhação ou feitiçaria, interpreta presságios, pratica feitiçaria ou lança feitiços, que é um médium, um espírita, que consulta os mortos. Todo aquele que faz essas coisas é detestável para o Senhor”. O Senhor está condenando exatamente o que esses sacerdotes *de Baru* fizeram na Mesopotâmia, observando presságios de fígados ou de fenômenos astrológicos ou o que quer que seja. Isso era algo proibido aos israelitas.

3) 1 Sam. 9:9

Agora, há um versículo que acho instrutivo, embora também seja um versículo que levanta muitas questões. Mas 1 Samuel 9:9 é instrutivo sobre a

questão da relação entre o uso de *ro'eh* e *nabi* no Antigo Testamento. Lê-se: “Antigamente em Israel, se um homem fosse consultar a Deus, ele diria: 'Venha, vamos ao vidente, *ro'eh* ', porque o profeta de hoje costumava ser chamado de vidente.” “O *nabi*, profeta, de hoje costumava ser chamado de *ro'eh* , vidente .” Agora esse versículo, se você estiver olhando para a NVI, verá que está entre parênteses. É uma declaração entre parênteses que é inserida após o versículo 8. Se você olhar para o contexto mais amplo, acho que concluiria que realmente se encaixa melhor após o versículo 11 do que após o versículo 8. Veja, é aqui que Saul está caçando o pai de seu pai. gado perdido e não os encontra. Seu servo diz: "Há um vidente, por que não vamos perguntar a ele?" Ele diz isso no versículo 8. O servo disse: “Veja, eu tenho um quarto de siclo de prata. Vou entregá-lo ao homem de Deus para que ele nos diga o caminho a seguir”. Deixe o versículo 9 de fora por enquanto. “'Bom', disse Saul ao seu servo. Mas eles ainda não conseguiram encontrar as jumentas, então partiram para a cidade onde estava o homem de Deus. Enquanto subiam a colina para a cidade, encontraram algumas garotas que saíam para pegar água. Eles perguntaram a elas, 'o vidente está aqui?’” Então você obtém o uso da palavra *ro'eh* . “A vidente está aqui?” E, veja, versículo 9, então, se você anotar ali depois do versículo 11: “Antigamente em Israel, se um homem fosse consultar a Deus, ele diria: 'Venha, vamos ao vidente' porque o profeta de aquele dia costumava ser chamado de vidente. Agora, o que muitas pessoas pensam é que o versículo 9 não fazia parte do texto original. Era uma nota explicativa provavelmente na margem do texto. Em algum momento do processo de transmissão, foi colocado no texto, mas eles o colocaram no lugar errado. Deveria ter sido colocado depois do versículo 11 para explicar o que é um vidente, e não depois do versículo 8, onde realmente não se encaixa tão bem. Acho razoável concluir que provavelmente é uma glosa explicativa, não parte do texto original. Mas o importante que está nos dizendo é que não há diferença essencial entre um profeta e um vidente. É uma questão de uso linguístico. “O profeta de hoje costumava ser chamado de vidente.” A palavra “vidente” é mais antiga que

“profeta” e, em tempos posteriores, a palavra *nabi* ou “profeta” era o termo mais comum e a palavra “vidente” tornou-se uma linguagem bastante arcaica, você precisava de uma explicação para que não houvesse confusão .

Acho que provavelmente é isso que está acontecendo aqui, mas se você pensar sobre isso e colocá-lo em seu contexto bíblico mais amplo, isso levanta algumas outras questões. Quando datamos esta observação? Essa pergunta torna-se bastante significativa porque, muito tempo depois de Samuel, os profetas ainda eram chamados de videntes. Você encontrará em Isaías, por exemplo, o uso da palavra “vidente”. Também desconcertante é que o termo *nabi* é usado muito antes da época de Samuel. Abraão foi chamado de *nabi* em Gênesis 20, versículo 7. E *nabi* é usado em Números, é usado em Deuteronômio, é usado em Juízes. Na verdade, o próprio Samuel é chamado de *nabi* em 1 Samuel 3:20. Então a questão se torna, se a palavra “profeta” é usada antes da época de Samuel, como se pode dizer que o que mais tarde foi chamado de profeta era na época de Samuel chamado de vidente? Agora, algumas pessoas podem dizer: “Aqui está uma evidência clara de que todos os textos do Antigo Testamento em que a palavra “profeta” é usada devem ser datados muito depois da época de Samuel”. Essa é uma conclusão legítima?

Vamos ao texto hebraico. O hebraico é: “Pois o profeta de hoje foi chamado anteriormente de vidente”. Agora, uma tradução disso é um pouco difícil. Observe o que a NVI faz – A frase “porque o profeta de hoje” a considera como uma espécie de construção: o profeta de hoje. “Ele costumava ser chamado de vidente.” King James e NASB repetem o verbo. “Pois aquele que agora é chamado profeta, ou o profeta de hoje, outrora foi chamado vidente.” Você só tem um verbo na Escritura Hebraica. A NASB diz: “agora ele é chamado de *nabi*. ”

Agora, se você for à tradução da Septuaginta de 1 Samuel 9:11, lá você terá uma ideia diferente introduzida porque lá você tem: “Pois o povo antes dos tempos chamava o profeta, o vidente.” Veja, como você diz. De onde vem aquele grego *ha laos* [o povo]? “O povo” antes do tempo chamava o profeta de vidente. Então, de

volta ao hebraico *ha'yom* . O que a tradução da Septuaginta pressupõe do hebraico, em vez de *ha'yom* [hoje] , você teria *ha'am* [o povo] . Você vê como isso pode ser facilmente confundido? No “ *yom* ” basta fazer a substituição de um “ *ayin* ” por um “ *waw*. ” Acho que a Septuaginta provavelmente coloca a luz correta sobre o que está acontecendo aqui. A diferença entre a leitura da Septuaginta e do texto massorético é que a Septuaginta indica que *ro'eh* era uma designação mais popular do povo. Enquanto *nabi* era uma palavra mais técnica ou oficial para profeta. As pessoas anteriormente chamavam o profeta, o vidente. Se for esse o caso, a palavra “ *ro'eh* ” poderia continuar em uso em tempos posteriores e o termo “profeta” poderia ter sido usado no início, como realmente descobrimos. E não há diferença essencial entre os dois. É uma distinção entre um uso mais técnico e um mais popular, não uma diferenciação semântica absoluta. Então os profetas eram videntes. Eles foram feitos para ver por Deus o que deveriam proclamar aos outros. Portanto, embora as palavras “ *nabi* ” e “ *ro'eh* ” sejam usadas, acho que poderíamos dizer que elas falam da mesma função. Antigamente o povo chamava o profeta de vidente.

Agora, se você vai fazer uma distinção entre eles, acho que até esse ponto é legítimo. Dizer que *nabi* nos mostra uma pessoa que, pode-se dizer, está voltada para o povo para falar a mensagem de Deus, de modo que a ênfase está no que ele recebeu de Deus. O *ro'eh* mostra uma pessoa voltada para Deus. Em outras palavras, em *nabi* a ênfase está mais na proclamação, em *ro'eh* a ênfase está mais em receber a mensagem, ver a mensagem. Então você poderia dizer que o *nabi* enfatiza mais a função ativa da proclamação, enquanto o *ro'eh* enfatiza mais a função passiva de receber a mensagem. Mas não há diferença essencial entre o profeta e o vidente.

Pergunta do Aluno: “Como o vidente, aqueles que estão sendo convidados por um rei para vir e ler a escrita na parede ou o que quer que seja, interpretar sonhos e coisas assim, como eles não ficam confusos?” Bem, acho que você quer chegar a essa questão de como você distingue entre os dois chamados de “profeta”

ou não. É isso? Eu acho que se você conhece as pessoas - se as pessoas estão chamando, você sabe, Isaías ou Obadias ou algo assim, e eles estão apenas usando a palavra "vidente", então como eles distinguiriam os verdadeiros profetas, então, de outra pessoa que eles chamar um vidente? Sim, de fato, se você olhar para Isaías 6:1, onde Isaías diz: "No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor". Lá você tem a forma verbal, *ra'ah*. Então Isaías teve uma experiência visionária de Deus. Ele viu o Senhor. Ele poderia legitimamente ser chamado de *nabi*. Acho que a ênfase do termo *ra'ah/ro'eh* está neste meio visionário de receber a mensagem. Considerando que a ênfase do termo *nabi* é mais sobre a proclamação da mensagem aos outros. Mas um *ro'eh* e um *nabi* são a mesma coisa. É apenas uma designação diferente. Parece haver uma preferência entre as pessoas por usar o termo *ro'eh* antes e *nabi* depois. É um rótulo mais popular versus técnico, para quem exerce essa função. Mas não há razão bíblicamente para ver qualquer distinção.

4) Amós 1:1 Vejamos Amós 1:1. Eu estava procurando por *ro'eh*, mas é um verbo em vez de um substantivo. "As palavras de Amós, um dos pastores de Tekoa. O que ele viu a respeito de Israel dois anos antes do terremoto." Se estas são as palavras de Amós, você esperaria que, da maneira como falamos, a seguinte frase fosse lida: "As palavras de Amós, um dos pastores de Tekoa. O que ele ouviu sobre Israel dois anos antes do dilúvio." Não diz que diz "o que ele viu". O foco está nesse tipo de recepção visionária. O verbo aqui é *haza*. É a próxima palavra que estamos vendo, que é "ele viu". É a mesma coisa. Significa "ver" ou "olhar para". Acho que o importante aqui é esse tipo de tentativa de separar os *nabi* dos *ro'eh* como sendo dois tipos diferentes de indivíduos não é dado no texto bíblico, eles são a mesma coisa.

Pergunta do Aluno: "Então, alguém que apenas trabalhava para o rei não era considerado um profeta, mas um adivinho ou alguém que previa o futuro, eles também eram chamados de videntes?" Não, eles seriam chamados de adivinhos,

adivinhos ou doadores de presságios. Havia outras palavras para esse tipo de pessoa.

G. Hozeh

Vamos para *hozeh*. Não vou falar muito sobre *haza*. Vem do verbo *haza* assim como *ro'eh* vem do verbo *ra'ah*. E *haza* significa “olhar para”, ou “olhar para”. É realmente um sinônimo de *ro'eh*, é usado da mesma forma. Assim como com *ro'eh*, a ênfase parece estar em receber a revelação de Deus. Então, se você olhar para Isaías 1:1, “A visão a respeito de Judá e Jerusalém que Isaías, filho de Amoz, teve durante o reinado de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. “A visão é *hazon*. É um substantivo derivado do verbo *haza*. A visão que Isaías teve, isso é *hazon*. Assim, você poderia chamar Isaías de *hozeh*, bem como de *nabi* ou *ro'eh*. Quero dizer, todos esses termos são usados de forma intercambiável.

3. A Origem do Profetismo em Israel

Vamos para três. “A origem do profetismo em Israel.” Você percebe os três subpontos. A. é: “Supostas analogias com o profetismo de Israel em outras nações”. B. é, “Explicações israelitas internas para a origem do profetismo,” e C. é, “O que eu penso é uma explicação bíblica do profetismo.” Primeiro, queremos gastar mais tempo em A do que em B e C.

A. Alegadas analogias com o profetismo de Israel em Israel

A. é: “Supostas analogias com o profetismo de Israel em outras nações”. Você encontrará na literatura que foi dito que analogias podem ser encontradas no profetismo em Israel entre outros povos e nações no antigo Oriente Próximo. Então, o que geralmente acontece é que os estudiosos tentam explicar o fenômeno do profetismo em Israel como sendo um derivado desses fenômenos fora de Israel, de modo que a origem dos profetas de Israel é atribuída ou explicada por fenômenos análogos encontrados fora de Israel.

Semelhanças formais

Agora, alguns comentários sobre isso. Acho que desde o início temos que ser honestos, claros e abertos e dizer que não podemos negar que podemos encontrar o que eu chamaria de “semelhanças formais” entre o que encontramos em Israel e os fenômenos do profetismo em outros lugares. Na verdade, quando você pensa sobre isso, há muitos costumes, instituições religiosas e práticas em Israel que têm analogias formais entre outros povos. Mas não tenho certeza se isso diz muito. Mesmo que existam semelhanças formais, a questão é: isso dá base para dizer que existe algum tipo de conexão ou vínculo intrínseco entre o que encontramos em Israel e nas nações vizinhas? Parece-me, em vista do que já dissemos sobre a natureza da função profética em Israel, que se são pessoas escolhidas por Deus através das quais Ele dará a sua palavra ao seu povo, colocando a sua palavra na boca, para falar de qualquer tipo de ligação intrínseca entre o que se passa em Israel e o que podemos encontrar entre outros povos, teria que ser algo altamente questionável. Parece-me que falar de derivação é algo que seria excluído com base na Escritura profética. Mas dito isso, também fica muito claro que Deus fala aos seres humanos, inclusive ao seu povo Israel no período do Antigo Testamento, no contexto da cultura, das instituições, das formas de pensamento do povo a quem ele está falando. Quando você olha para o Antigo Testamento, você encontrará muitos fenômenos no Antigo Testamento para os quais você pode encontrar analogias formais fora de Israel. O Antigo Testamento está cheio de regulamentos para trazer sacrifício. Outros povos antigos usavam sacrifícios em sua observância religiosa. O sinal da aliança no Antigo Testamento era a circuncisão. Outros povos antigos praticavam a circuncisão. A circuncisão adquiriu um significado ou significado muito específico no contexto do Antigo Testamento, mas não era algo desconhecido no mundo antigo.

Pense em todo o conceito de pacto que parece ter sido claramente moldado sobre um conceito de tratado que governava as relações internacionais, aquelas formas de tratado hititas. A forma da aliança bíblica é moldada em torno da forma

do tratado hitita. Deus toma um instrumento das relações jurídicas humanas e o utiliza para estruturar a relação que ele estabelece entre si e seu povo, isso é o que há de bom.

Basta ter a ideia de realeza. Israel, em certo momento, não estava satisfeito com Deus como seu rei; eles queriam um rei humano como as nações ao redor. O Senhor disse a Samuel: “Dê-lhes um rei”. Então Israel tinha um rei como as nações ao redor. No entanto, com a qualificação quando Deus disse a Samuel para dar-lhes um rei, Samuel descreveu a maneira da realeza. Em 1 Samuel 10:25, o papel e a função do rei de Israel eram bem diferentes dos das nações ao seu redor. Então você tinha uma semelhança e uma diferença. Israel tinha um rei, mas não era um rei que agia da mesma forma que os reis fora de Israel.

Israel tinha um sacerdote. Outros povos antigos tinham sacerdotes. Então, por que Israel não deveria ter um profeta se outros povos antigos tinham profetas, mas quais são as diferenças essenciais entre eles? A forma como o profeta atuava em Israel e a forma como o profeta atuava fora de Israel era diferente. Portanto, se você pode encontrar fora de Israel uma analogia formal, estou dizendo formal, com o que você encontra em Israel com relação à função profética, não acho que isso diminua de forma alguma a singularidade dos profetas de Israel. Sim, outras pessoas tiveram profetas, mas em Israel há algo diferente. A característica mais essencial do profetismo em Israel é que em Israel o profeta não fala suas próprias idéias, ele não dá suas próprias palavras. Ele dá uma mensagem dada a ele diretamente pelo único e verdadeiro Deus. Então, quando você faz a pergunta sobre analogias do profetismo fora de Israel com o que você encontra em Israel, acho que você deve ter isso em mente.

Mas mesmo tendo dito isso, acho que a próxima pergunta se torna: “que tipo de evidência existe para algum tipo de analogia formal com o profetismo fora de Israel se não for em sua essência essa qualidade intrínseca onde Deus está colocando suas palavras no boca desses indivíduos?” Que tipo de evidência formal encontramos no mundo antigo para esse fenômeno do profetismo? Observe em seu

esboço, tenho analogias da Mesopotâmia, analogias egípcias, analogias cananeias e uma conclusão

1) Analogias da Mesopotâmia

A primeira são as analogias da Mesopotâmia. O texto bíblico extra mais importante para as analogias da Mesopotâmia são os textos que foram encontrados em um lugar chamado Mari, que fica nas proximidades da Babilônia, na Mesopotâmia superior. Era uma cidade próspera antes da época de Hammurabi. Hammurabi viveu por volta de 1700 aC, então é bem cedo. O governante lá no tempo pouco antes de cair para Hammurabi era um governante conhecido como Zimri Lim. Cerca de 5.000 tabuletas cuneiformes foram encontradas em um arquivo na escavação de Mari. Entre eles, alguns encontram vestígios do que chamam de profetismo na Mesopotâmia. Se você olhar para a letra A naquele folheto, o primeiro texto ali sob as letras acadianas, você notará o título “Revelação Divina”. Este material foi retirado dos *Textos Antigos do Oriente Próximo de Pritchard*, geralmente abreviados como ANET. É a tradução padrão em inglês de textos extra-bíblicos do antigo Oriente Próximo editado por James Prichard, publicado pela Princeton University Press.

a) Uma carta de Iorastu para Zimri Lim de Mari

O primeiro texto é uma carta de Iorastu para Zimri Lim, que era o rei de Mari. Deixe-me ler o texto e fazer alguns comentários sobre ele. Ele diz: “Fale com meu Senhor. Assim, Iorastu, seu servo. No dia em que enviei esta minha placa para meu senhor, Malack Dagon, um homem de Shotga veio e me falou o seguinte: 'Em um sonho meu, eu estava indo na companhia de outro homem da fortaleza de Sigaricone no bairro alto de Mari. No caminho, entrei em Turka e logo após entrar, entrei no Templo de Dagon e me prostrei. Enquanto eu estava prostrado, Dagon abriu a boca e falou comigo o seguinte: “Os reis dos amonitas e suas forças fizeram paz com as forças de Zimri Lim?” Eu disse: “Eles não fizeram as pazes”. Pouco antes de eu sair, ele me falou o seguinte, 'Por que os mensageiros de Zimri Lim não estão constantemente me atendendo e por que ele não me

apresenta seu relatório completo? Se isso tivesse sido feito, eu teria entregado há muito tempo os reis dos amonitas ao poder de Zimri Lim. Agora vá, eu te envio. Assim você deve falar com Zimri Lim dizendo, “Envie-me, seus mensageiros. Apresente seu relatório completo diante de mim e então farei com que os reis dos amonitas sejam cozidos em uma vara de pescador e os apresentarei a você.”” Esse é o fim da citação. “Isto é o que este homem viu em seu sonho e depois me contou. Agora, por meio desta, escrevo a meu senhor. Meu senhor deve lidar com isso. Além disso, se meu senhor assim o desejar, meu senhor apresentará seu relatório completo a Dagon e os mensageiros de meu senhor estarão constantemente a caminho de Dagon. O homem que me contou esse sonho era para oferecer um sacrifício a Dagon. E então eu não o enviei. Além disso, visto que este homem era digno de confiança, não tirei nem um pouco de seu cabelo nem da franja de sua roupa”.

Então, Itorastu diz que no dia em que escreveu esta carta, havia um homem de Shotga, um homem chamado Malack Dagon, que veio até ele com a mensagem. Malack Dagon diz que sonhou no sonho em vez de ir na companhia de outro homem. No sonho, ele e essa outra pessoa foram para Turka, que é um lugar perto de Mari, e para um templo de uma divindade chamada Dagon, provavelmente o mesmo Dagon mencionado no Antigo Testamento como o deus dos filisteus. Mas a carta continua dizendo que quando Malack Dagon entrou no templo, em seu sonho, o deus lhe fez uma pergunta: “Os reis dos amonitas fizeram paz com as forças de Zimri Lim?” Provavelmente houve escaramuças entre os soldados de Zimri Lim e essas pessoas chamadas de amonitas. Quando Malack Dagon dá uma resposta negativa, o deus diz: “Por que os mensageiros de Zimri Lim não estão constantemente atendendo a mim? Por que eles não me dão um relatório completo? Se eles tivessem feito isso, eu teria entregado esse povo, os amonitas, ao poder de Zimri Lim.” E então ele diz: “Agora vá, eu te envio, assim você deve falar com Zimri Lim dizendo, 'Envie-me seus mensageiros. Apresente seu relatório completo diante de mim e mandarei cozinhar esses amonitas na vara de um

pescador”.

Então, depois que Itorastu conta a Zimri Lim o que este Malack Dagon viu em seu sonho, ele o aconselha a seguir as instruções de Dagon. Agora, alguns veem em Malack Dagon uma analogia com os profetas de Israel e eles estabelecem desta forma: Malack Dagon entrega uma mensagem da divindade que Zimri Lim deveria obedecer e os profetas de Israel freqüentemente davam a mensagem da divindade Yahweh a um rei que ele deveria obedecer. No entanto, neste ponto, voltaremos a isso mais tarde, mas neste ponto acho que vale a pena notar que Malack Dagon não faz isso diretamente. Malack Dagon dá a mensagem para Itorastu e Itorastu passa para o rei por meio de uma carta, um tablet, anota, manda para ele. Portanto, há algumas semelhanças, bem como diferenças.

b) Uma Carta de Kidri Dagon para Zimri Lim de Mari

Vamos para o texto B. , que é uma carta de Kidri Dagon para Zimri Lim. É um texto breve. Lê-se: “Além disso, no dia em que enviei esta minha placa ao meu senhor, um extático de Dagon veio e se dirigiu a mim da seguinte maneira.” Esta é a palavra *Mahu* para êxtase. Esse é o êxtase de Dagon. A tradução “extático” é baseada na etimologia e no uso geral, mas o material de Mari não dá nenhuma evidência de condição psíquica extraordinária. “Este extático de Dagon veio e se dirigiu a mim da seguinte forma, 'Que Deus me enviou para ir direto ao rei para que eles ofereçam sacrifícios mortuários à sombra de Yadu Lim.' Isso é o que o extático me disse. Eu, portanto, escrevi a meu senhor que meu senhor faça o que lhe agrada. Agora Kidri Dagon enviou esta carta para Zimri Lim. Ele era o governador de um lugar perto de Mari. E ele diz que esse êxtase veio a ele com esta mensagem: “Escreva ao rei que eles devem oferecer sacrifícios mortuários à sombra de Yadu Lim”. Yadu Lim era o pai de Zimri Lim, portanto, o pai do rei. Parece que Zimri Lim falhou em trazer oferendas ao espírito de seu pai morto. Então Kidri Dagon recebe esta mensagem de um extático e passa a mensagem para o rei. Você percebe na última linha que ele aconselha o rei: “Você deveria fazer isso”. Mas então ele se qualifica: “Deixe meu senhor fazer o que lhe agrada”.

c. Texto extático para Zimri Lim de Mari

C. em seu esboço é G. em seu folheto. Não vou ler tudo isso, mas é um tablet quebrado; há uma lacuna no meio e parece tratar-se da mensagem de um dito extático de que Zimri Lim deveria trazer uma oferenda à divindade no dia 13 do próximo mês – talvez a mesma oferenda mencionada no texto anterior. Você percebe como termina. "Que meu senhor faça de acordo com sua deliberação."

D. Outra Carta de Kidri Dagon

D. do seu esboço é F. no seu folheto. Outra carta de Kidri Dagon com referência a um êxtase. Então esse êxtase veio aqui antes. Mas é difícil de entender. Parece que a mensagem diz respeito à construção de um portão da cidade. Exatamente o que é dito sobre o portão não é tão claro. Alguns dizem que são dadas instruções para a construção de um portão. Outros dizem que é um aviso para não construí-la, mas é um extasiado que revela uma mensagem que deve ser dada ao rei a respeito do portão da cidade.

E. Conclusão sobre as analogias da Mesopotâmia

E: "Conclusão sobre as analogias da Mesopotâmia." Bem aqui há uma lista de livros e artigos. Nessa literatura, muitos têm argumentado que existem semelhanças tanto na forma quanto no conteúdo, entre o êxtase desses textos e os profetas do Antigo Testamento. Vejamos alguns deles. No que diz respeito às semelhanças na forma, argumenta-se que, assim como um profeta em Israel recebeu sua mensagem do Senhor, Yahweh, em Mari o extático recebeu sua mensagem de Dagon. Isso é justo. É uma semelhança formal. Em segundo lugar, como o profeta em Israel trouxe sua mensagem sem ser solicitada com autoridade divina ao rei, também em Mari com esse êxtase a mensagem foi enviada ao rei sem ser solicitada. O rei não pediu a mensagem. Não há como determinar antecipadamente se o rei gostaria de ouvir a mensagem ou não. Ele recebeu a mensagem, então outro paralelo. Em terceiro lugar, assim como o profeta em Israel costuma criticar as ações do rei, aqui em Mari, com o êxtase, há críticas. "Por que você não me manteve informado? Por que você não ofereceu um

sacrifício? Você devia ter." Então, essas são o que você pode chamar de semelhanças formais: semelhanças na forma.

E as semelhanças no conteúdo? Alguns argumentaram que naquele primeiro texto você encontra algo comparável a uma profecia de libertação no Antigo Testamento. Em outras palavras, “se você tivesse me mantido informado (você verá em 2, 4, 6 linhas abaixo), se isso tivesse sido feito, eu teria ido e entregado os reis e os amonitas ao poder de Zimri Lim”. Portanto, um paralelo com uma profecia de libertação no Antigo Testamento. Uma segunda semelhança também é encontrada naquele primeiro texto, cerca de 8 linhas abaixo. “Agora vá, eu te envio. Assim você deve falar com Zimri Lim.” Semelhante a Jeremias 1:7, “Você deve ir a todos a quem eu te enviar, dizer tudo o que eu mando.” “Agora vá, fale.” Então, acho que nesse nível você pode dizer: “Sim, existem algumas semelhanças entre o material de Mari e o Antigo Testamento na forma e até mesmo algumas semelhanças tênues no conteúdo”. Mas tendo dito isso, acho muito importante notar que isso não é feito. Existem também algumas diferenças muito importantes. Deixe-me mencionar alguns deles.

1) Primeiro Texto, Malack Dagon

Primeiro, naquele primeiro texto, Malack Dagon, que recebeu aquela mensagem, não vai diretamente ao rei. Ele vai a um dos oficiais do rei; ele vai para Itorastu. É Itorastu quem coloca a mensagem em uma placa e a envia ao rei. Portanto, pode-se dizer que há um intermediário entre o profeta que recebe a mensagem e a pessoa que a entrega ao rei. Tem um terceiro aí. Nas outras três cartas, o êxtase vai para Kidri Dagon, que passa a mensagem ao rei por escrito. Então, em outras palavras, em todos esses textos a mensagem chega ao rei indiretamente por meio de um terceiro. É costume os profetas do Antigo Testamento entregarem sua mensagem diretamente ao rei. Um exemplo clássico disso é Elias que confronta Acabe. Ele simplesmente sai e o confronta. Ou Isaías, que sai e confronta Acaz diretamente.

2) Duas das Tábuas terminam com uma Declaração Impressionante

Em segundo lugar, duas das tabuinhas terminam com uma declaração bastante marcante. É E. e G. na apostila. E. termina com a declaração: “Deixe meu senhor fazer o que lhe agrada” depois que a mensagem foi dada, e G., “Que meu senhor esteja bem de acordo com sua deliberação que lhe agrada.” Então, duas dessas tabuinhas terminaram com esse tipo de declaração. Esse tipo de qualificação diminui a força e a autoridade da mensagem. Aqui está a mensagem, mas faça o que quiser. Isso certamente o distingue da mensagem dos profetas do Antigo Testamento. Os profetas do Antigo Testamento nunca deram uma mensagem do Senhor com esse tipo de qualificação anexada a ela.

3) A Mensagem no Texto Mari não diz respeito às Realidades Éticas ou Espirituais

Em terceiro lugar, o foco da mensagem no texto de Mari não diz respeito às realidades éticas ou espirituais, mas apenas às obrigações externas do culto. “Ofereça este sacrifício”, “dê-me um relatório sobre o que está acontecendo.” A mensagem do texto de Mari não diz respeito a realidades éticas ou espirituais, apenas obrigações externas de culto. Isso contrasta muito com a mensagem dos profetas do Antigo Testamento, cuja preocupação principal era com a condição moral e espiritual do rei e do povo. Eu quero elaborar um pouco sobre isso, mas já estou no tempo, então vou ter que parar. Mas vamos retomar isso no início de nossa próxima sessão e prosseguir a partir daí.

Transcrição de Christa Walsh
Edição aproximada por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica; Aula 5

Profecia no Antigo Oriente Próximo

III. A origem do profetismo em Israel

A. Alegadas analogias com a profecia de Israel em outras nações

1. Analogia da Mesopotâmia

a) Revisão Resumida

Na semana passada, estivemos no numeral romano III., “A origem do profetismo em Israel” e A., “Alegadas analogias para a profecia de Israel em outras nações”. Os quatro subpontos foram: analogias mesopotâmicas, analogias egípcias, analogias cananeias e uma conclusão. Estávamos sob um, a analogia da Mesopotâmia. Eu dei a você um folheto dos *Textos do Antigo Oriente Próximo* de Pritchard com a seção chamada de letras acadianas com o subtítulo “Revelações Divinas”. Vimos alguns desses textos de Mari, onde você tem um exemplo da pessoa que recebeu a mensagem de uma divindade, no caso de Dagon, e ele leva essa mensagem para outro indivíduo que escreve em um tablet e envia junto ao rei e isso notamos na semana passada. Havia algumas semelhanças tênues na forma e no conteúdo entre esse fenômeno na Mesopotâmia em Mari e o que você encontra no Antigo Testamento. Você tem uma pessoa que afirma ter uma mensagem da divindade, um mensageiro que a transmite ao rei, embora indiretamente, não diretamente.

b) Diferenças

1) Indiretamente ao Rei

Mas no final da hora, eu estava discutindo algumas das diferenças. Você pode ver algumas semelhanças tênues, mas também existem algumas diferenças muito marcantes. A primeira que mencionei é que é dada indiretamente em Mari, enquanto os profetas israelitas dão a mensagem diretamente ao rei para confrontá-lo. Duas das tábuas terminam com a declaração: “Que meu Senhor faça o que lhe agrada”. Então aqui está a

mensagem formal de uma divindade dada a um rei, mas com essa qualificação, que certamente é radicalmente diferente da mensagem dos profetas do Antigo Testamento. A palavra do Senhor deveria ser obedecida. Quando alguém ouvia a palavra do Senhor, não devia fazer o que lhe agradava, mas sim o que agradava ao Senhor. Então isso é certamente uma diferença.

2) ... 3) Preocupações cúlticas sem preocupações éticas ou espirituais

Então, a terceira coisa que mencionei no final da hora foi que o foco da mensagem no texto de Mari não diz respeito às realidades éticas ou espirituais, mas sim às obrigações externas do culto. Em outras palavras, você não realizou este sacrifício, você não me deu um relatório de obrigações de culto. Esse termo “culto” é usado em referência à obra do Antigo Testamento, tem a ver com formas externas de adoração. Em outras palavras, se você fala do culto de Israel, está falando das formas exteriores de adoração de Israel: os sacrifícios, as festas, os rituais — não culto no sentido de que é normal ao nosso entendimento. Pensamos nas Testemunhas de Jeová, nos mórmons ou algo assim. Mas quando você fala do culto do antigo Israel, você está falando sobre formas externas de adoração. Assim, a mensagem trata de obrigações cultuais externas por meio do sacrifício utilizado neste relato, não de realidades éticas ou espirituais. Se você olhar para a mensagem dos profetas do Antigo Testamento, eles podem ter dito algo sobre as observações do culto. Isaías, Miquéias, Amós criticaram muito Israel trazendo sacrifícios quando seu coração não estava nos sacrifícios, mas o foco da mensagem está no arrependimento e em “lave as mãos, venha ao Senhor com corações limpos, venha ao Senhor com o desejo de obedecê-lo e adorá-lo”. Portanto, eles estavam preocupados principalmente com a moral e a condição espiritual tanto do rei quanto do povo, em geral.

4) Nenhum ato divino intencional na história referido

O homem com quem estudei na Holanda, Ridderbos, escreveu algo sobre esta questão dos profetas em Israel e dos profetas fora de Israel, como eles se comparam. E ele diz em um de seus ensaios: “Quando os profetas de Israel trazem uma mensagem em uma situação concreta, devemos observar o pano de fundo de seus pronunciamentos. Mas ao fazer declarações detalhadas, eles também conectam a situação particular com a qual lidam com o grande assunto da ação intencional de Deus na história. Os profetas fora de Israel não dão nenhuma indicação de saber qualquer coisa sobre tais atos divinos intencionais na história”.

Agora você reflete sobre isso por um minuto, essa é uma diferença significativa. Em outras palavras, qualquer declaração individual de um determinado profeta no Antigo Testamento deve ser colocada em um contexto mais amplo, e esse contexto mais amplo é realmente todo o corpo de escritos proféticos e os profetas, começando com Moisés e Samuel e continuando até o profeta. movimento no período do Antigo Testamento. Estes foram uma sucessão de indivíduos que surgiram ao longo dos séculos. A mensagem deles era uma mensagem redentora não apenas sobre pequenos detalhes imediatos sobre trazer o sacrifício certo, embora já tenhamos falado sobre isso. A mensagem estabelece o contexto mais amplo do movimento da história redentora até o clímax e a consumação da história.

Agora você tem essa visão escatológica do controle soberano e intencional de Deus sobre todas as nações, todas as pessoas, e seus propósitos serão realizados na história. Você tem esse salto de uma perspectiva enormemente ampla da mensagem e, como Ridderbos aponta, quando você olha para esses tipos de tabuinhas em Mari, não há nem mesmo consciência de que existe um movimento tão amplo e proposital na história. Então, novamente, uma diferença significativa. Quando você olha para o que encontra nesses textos da Mesopotâmia, de qualquer maneira que você veja,

na melhor das hipóteses, isso o lembra dos falsos profetas em Israel. Você tinha pessoas em Israel que afirmavam ser profetas, mas eles estavam dando uma mensagem própria, de seus próprios corações, de suas próprias ideias. Não acho que o que você encontra nesses textos de Mari seja diferente dos tipos de coisas que você vê entre adivinhos e adivinhos, que você encontra entre todas as pessoas e sempre encontrou lá. Você os encontra em Mari. Então, tentar dizer que o que você encontra em Mari é de alguma forma análogo ao que você encontra em Israel, acho que ignora as diferenças radicais entre a mensagem profética como um todo e o que você encontra lá.

5) Mari “profetas” distintos dos profetas israelitas

Se você olhar suas citações, página 4, na parte inferior da página há alguns parágrafos de um ensaio, “Profecia e a literatura profética” em um volume chamado *A Bíblia Hebraica e seus Intérpretes Modernos*. Este ensaio é de Gene Tucker, que não é um estudioso evangélico, mas observe que ele diz: “Malamat foi mais específico em sua definição dos Mari 'profetas adivinhos' e mais cauteloso sobre os paralelos com o AT. Ele os via como paralelos aos profetas do Antigo Testamento em sua consciência de missão e sua disposição de falar sem ser convidado às autoridades em nome de Deus. Mas, a lacuna tão óbvia é aparente na essência da mensagem profética e no destino atribuído à missão do profeta. Os artigos de Mari tratam da regra de origem dos representantes, e não da nação como um todo, e expressam preocupações materiais da população local. “O tratamento importante mais recente dos textos de Mari, e também um dos mais cuidadosos, é o de Noort, que não está nada convencido de que os “profetas” de Mari foram os predecessores daqueles conhecidos do Antigo Testamento, ou mesmo que os dois eram parentes. Pelo menos no último ponto ele certamente vai longe demais.”

Agora, este é Tucker falando: “Pois os dois são fenomenologicamente, se não historicamente relacionados”. Agora fenomenologicamente

relacionados, ou fenômenos periódicos: você tem um fenômeno de alguém que afirma falar por uma divindade - você o encontra em Mari, você o encontra no Antigo Testamento, mas isso é normal, não é material. Então ele diz que eles são fenomenologicamente, se não historicamente relacionados. Em outras palavras, ele está dizendo que é muito difícil dizer que existe algum tipo de conexão histórica entre o que está acontecendo em Mari e o que encontramos em Israel. “Quer alguém aceite ou não sua conclusão de que os oráculos de Mari são basicamente diferentes da profecia do Antigo Testamento, ele apresentou uma análise muito útil dos vários meios de revelação em Mari e dos papéis dos oradores e dos destinatários. As mensagens são bastante diversas, mas têm em comum a comunicação de uma palavra de um deus em situação de crise.” Agora é isso que eles têm em comum, e isso não é muito. Achamos que há uma comunicação da palavra de Deus em uma situação de crise, acho que não é muito significativo. Portanto, não acho que tenhamos nenhuma evidência muito convincente dos textos de Mari para tirar a conclusão de que de alguma forma o profetismo em Israel foi derivado ou emprestado do que encontramos na Mesopotâmia.

2. Analogias Egípcias: Oráculos Egípcios e Profecias

Passemos às analogias egípcias. Veja o folheto da semana passada, passe por algumas páginas, você verá uma seção intitulada “Oráculos e Profecias” com o subtítulo “Oráculos e Profecias Egípcios”. Assim como alguns alegaram analogias com o profetismo em Israel na Mesopotâmia, o mesmo foi dito em relação ao Egito. Quero chamar sua atenção, se notar em seu esboço, para dois textos egípcios. A primeira são as Admoestações de Ipuwer e a segunda, a profecia destinada a Nefer-rohu. Mas naquela primeira página, que na verdade é a página 441 nos *Textos do Antigo Oriente Próximo*, você vê as Admoestações de Ipuwer.

a) Advertências de Ipuwer

1. Resumo

Este texto data de cerca de 1350 a 1100 aC, mas é uma cópia. O texto original era muito mais antigo, provavelmente remontando a cerca de 2000 aC. O início e o fim do texto estão faltando e no próprio corpo do texto há muitas lacunas, com um texto como esse eles chamam de lacunas, lacunas. Mas ainda está razoavelmente claro do que se trata o texto. Há um homem chamado Ipuwer que aparece perante o faraó reinante no Egito. Ele resume e descreve os desastres que aconteceram na terra do Egito. Há problemas em todos os lugares. Tem roubo, revolução, entraram estrangeiros, o Nilo transbordou, as mulheres não concebem, todo mundo está com a roupa suja, falta água, a terra está deserta, há muito sofrimento, há inversão de papéis na sintaxe que as pessoas que tinham escravos agora se tornaram escravos, os ricos agora são pobres, os pobres agora são ricos, os que tinham roupas bonitas agora estão em farrapos, os que não tinham roupas agora têm linho fino e assim por diante. Portanto, pode-se dizer que há muita revolta no Egito.

Se você olhar para a primeira página, segunda coluna, bem no topo, verá que “o roubo está em toda parte. Por que realmente o Nilo está inundado. Por que realmente as mulheres estão secas e nenhuma pode conceber. Por que realmente pobres se tornaram as posses e tesouros.” Desça a página, “Por que realmente há sujeira por toda a terra.” Próximo ao último parágrafo, “Bárbaros de fora vieram para o Egito”. Assim, ele descreve essa situação no Egito e depois de uma breve seção em que Ipuwer lembra o faraó e sua audiência sobre um passado muito melhor. Em outras palavras, as coisas nem sempre foram tão ruins, embora estejam muito ruins agora.

2. Alegado texto de predição “messiânica” e sua tradução

Então, depois de uma pausa no texto em que é meio difícil dizer qual é a conexão, você chega a uma seção que alguns chamariam de profecia messiânica. Isso está na página 443, 2 páginas adiante. Na parte inferior da

primeira coluna, você vê tudo isso, no meio da primeira coluna, você vê cada parágrafo começando com lembre-se, lembre-se, lembre-se, lembre-se, isso é lembrar de um passado muito melhor. Mas o último parágrafo naquela primeira coluna após uma lacuna diz: “Acontecerá que ele trará frieza ao coração. Os homens dirão, ele é o pastor de todos os homens, o mal não está em seu coração. Esses rebanhos podem ser pequenos, mas ele passou o dia cuidando deles, se pudesse perceber seu caráter desde a primeira geração, então ele destruiria o mal, estenderia o braço contra ele, destruiria a semente lá e de seus herdeiros”. Parece que o que Ipuwer está fazendo é falar sobre um rei ideal. A questão é, no contexto, e não é muito claro no contexto: este é um rei ideal do passado ou é um rei do futuro? Essa pergunta não é facilmente respondida por causa das lacunas no texto que cercam a declaração.

Existem três grandes traduções reconhecidas publicadas deste texto, duas em inglês e uma em alemão. Em alemão, há um volume que é equivalente aos *Textos do Oriente Próximo em inglês*, e é abreviado *AOTP*, que é *Ancient Oriental Texts and Pictures*, que é o *AOTP*. É a tradução alemã padrão do texto; é de um homem chamado Ranke. A tradução que você está vendo é a de Pritchard por *Ancient Near Eastern Texts (ANET)* com traduções de um egiptólogo chamado John Wilson, cujo nome está lá no início. Há uma terceira tradução em inglês em um volume chamado *Contexto das Escrituras*. Que é uma coleção de três volumes de textos antigos do Oriente Próximo, publicada em 1997, que realmente pretende ser uma coleção de textos antigos para o *Contexto das Escrituras*. Destina-se a ser uma atualização dos *Textos Antigos do Oriente Próximo de Pritchard*. Em outras palavras, esta é uma nova coleção publicada de textos antigos do Oriente Próximo, com novas traduções de todos esses textos. *Ancient Near Eastern Texts* foi publicado na década de 1950, acredito, você terá que procurar a data em sua bibliografia, mas esta é uma nova coleção de textos em inglês. O

tradutor das “Admoestações de Ipuwer” no *Contexto das Escrituras*, publicado pela Brill, é um homem chamado Shupak.

Então você tem 3 traduções principais reconhecidas deste texto. Agora, se você comparar as traduções, verá que Wilson traduz esta seção que examinamos, no final da primeira coluna, em um tempo futuro: “Acontecerá que ele trará frieza ao coração”. Você observa na nota de rodapé 36, que é um pouco antes do parágrafo começar, Wilson diz: “No contexto, das lacunas, há uma transição para um novo tema. Infelizmente, não podemos ter certeza sobre o argumento. Ipuwer certamente está descrevendo a regra ideal. As alternativas são, A., que este governante é autorizado pelo texto, talvez o deus sol Re, ou B., que a passagem é verdadeiramente messiânica e que Ipuwer está ansioso pelo deus rei que livrará o Egito de seus problemas. .” E então você vê o próximo comentário dele: “Esta tradução adota a abordagem posterior”. Em outras palavras, Wilson escolhe traduzir isso como futuro, este é um deus rei de um futuro, um tipo de figura messiânica que virá e removerá o mal da terra, destruirá o mal. O mal não está em seu coração.

Agora, se você olhar a tradução alemã, por Ranke, Ranke escolhe o pretérito. Na nota da tradução de Ranke, ele diz que a tradução não é totalmente certa, mas é certo que não deve ser um futuro: “Ele trouxe frieza ao coração”. Não é que ele traz ou vai trazer, ele *tinha* . Se você olhar as traduções de Shupak no *Contexto das Escrituras* , ele traduz no pretérito, “Ele trouxe integridade ao coração” e em sua nota ele diz: “A seção a seguir é muito problemática e foi discutida longamente em pesquisa. A opinião acadêmica está dividida quanto a se estamos lidando aqui com críticas dirigidas a Re ou com uma descrição do redentor ideal.” Então, essa discussão continua, alguns incluindo Wilson e a tradução que você gravou, traduziram isso como o futuro e veem isso como uma referência ao libertador messiânico do futuro. Aqueles que traduzem dessa forma, dizem que assim como o

profeta de Israel descreve a vinda do messias, então aqui você encontra neste texto egípcio, com a ideia de um libertador vindouro, uma profecia messiânica

3) Análise do Ipuwer

Alguns comentários: eu acho que se você quer começar a preparar esses dois textos, você tem que começar e reconhecer que não está tudo muito claro o que está acontecendo aqui neste texto, por causa das lacunas, antes e depois, então é questionável se a chamada seção messiânica fala até do futuro, como uma ideia do texto. Em segundo lugar, mesmo que se trate do futuro, ainda há diferenças significativas entre o conceito messiânico do Antigo Testamento e o que encontramos aqui em Ipuwer. No Antigo Testamento, o rei vindouro trará seu povo à comunhão com Deus e restaurará a paz e a harmonia em toda a terra. Essa visão messiânica no Antigo Testamento prevê uma condição universal, onde as espadas se transformarão em arados com o leão deitado com o cordeiro e esse tipo de visão escatológica universal está enraizada em realidades espirituais. Você não encontra nada disso aqui, nem em nenhum outro lugar na literatura extra-bíblica.

Há mais um ponto que às vezes é feito com este texto, embora infelizmente a tradução de Wilson aqui nem o inclua. Se você for ao topo da segunda coluna, verá na nota de rodapé 38, bem no final do primeiro parágrafo, que Wilson diz: “Em uma seção ininteligível, aqui omitida, Ipuwer usa a segunda pessoa do singular. Como Natã disse a Davi, 'tu és o homem', então Ipuwer deve finalmente estar se dirigindo ao faraó e atribuindo a responsabilidade dos problemas do Egito diretamente ao rei, conforme indicado no contexto a seguir. Então, alguém disse: “Aqui está o equivalente ao que encontramos os profetas fazendo no Antigo Testamento, Natã a Davi, 'tu és o homem', aqui tens Ipuwer dizendo ao faraó, 'tu és o homem'. A razão de haver tantos problemas na terra é por sua causa.” Mas, novamente, esta é

uma seção que não é totalmente clara e, de fato, Wilson diz: "Uma seção ininteligível, aqui omitida", então, se você fizer muito disso, parece que não é muito base sólida e, além disso, mesmo que ele coloque a responsabilidade sobre o rei, não há indício do papel direcional soberano e proposital de Deus ao longo da história.

b) Profecia de Neferohu

1. Resumo do Texto e Datação

Essa é a primeira analogia egípcia; a segunda é a "Profecia de Nefer-rohu," se você passar para a próxima página. Wilson tem o título "A profecia de Neferti". Neferti e Nefer-rohu são iguais, observe a nota de rodapé 1, "Neferti. Esta tradução mantém o agora tradicional nome de Nefer-rohu para o profeta egípcio, embora Posner tenha produzido evidências afirmando qual nome deve ser escrito, há algum desacordo sobre como ler seu nome. Mas este é outro texto em que alguns encontram analogia com os profetas de Israel e que trata do que alguns veem como uma predição da plenitude do Antigo Império no Egito e o desespero sob Amenemhet I.

Esta profecia é dada por esta pessoa chamada Neferti ou Nefer-rohu. Amenemhet I é datado de cerca de 1910 aC De acordo com este texto, Snefru, você vê seu nome na segunda linha: "Agora aconteceu a majestade do reino do alto e baixo Egito, Snefru, o triunfante, foi o magnífico rei de todo este planeta. " Snefru - que foi um governante egípcio muito antigo, remontando a, acho que é 2650 - perguntou ao conselho da cidade no Egito, a capital do Egito, se eles pudessem encontrar alguém que pudesse entretê-lo com o que ele chama de "boas palavras e boas palavras". discursos escolhidos", procurando alguém para entretê-lo, que saiba falar bem. Ele recebe o nome de Nefer-rohu, que era um sacerdote de Bastet. Bastet era a deusa do bezerro.

Então, ele recebe o nome de Nefer-rohu, ele ordena que Nefer-rohu seja levado ao tribunal, e você descobre que, se for à segunda coluna na

página 444, “Então sua majestade ensinou com vida, prosperidade, saúde, disse: 'Povo meu , eis que vos chamei para serem chamados, para que me procureis um filho vosso que seja sábio, ou um irmão vosso que seja confiante ou um amigo vosso que tenha cumprido uma boa ação, alguém que pode dizer para mim, algumas belas palavras ou discursos escolhidos na audiência de que minha majestade pode ser entretida.” Então você vê que é isso que ele quer.

No meio do próximo parágrafo, “um grande sacerdote-leitor de Bastet, um governante soberano cujo nome é Nefer-rohu, ele é essa pessoa”. Assim, o próximo parágrafo, “Ele foi conduzido a ele”, que é o rei do Egito. “Então sua majestade, vida, prosperidade, saúde,”—toda vez que você se dirige ao rei você também tem que dizer vida, prosperidade saúde—“disse, 'Venha grande Nefer-rohu, que, meu amigo, para que você possa me dizer algumas belas palavras e discursos escolhidos em cuja audiência minha majestade pode ser entretida. Em seguida, o sacerdote-leitor, Nefer-rohu, que disse “do que já aconteceu ou do que vai acontecer, Soberano, vida, prosperidade, saúde?’ Então sua majestade, vida, prosperidade, saúde disse: 'O que vai acontecer. Então ele quer alguns discursos sobre o que vai acontecer no futuro e quando Nefer-rohu começa a falar ele não fala sobre o futuro, ele descreve novamente as condições da terra e as calamidades da terra.

Se você for para a página 445, verá no segundo parágrafo, “esta terra está tão danificada que não há ninguém que se preocupe com ela, ninguém que fale, o disco solar está coberto”. E então a próxima linha no final desse parágrafo: “Falarei de alguém que está diante de mim. Não posso prever o que ainda não aconteceu.” Então aqui está este homem que foi trazido para entreter o rei e o rei diz que quer saber o que vai acontecer no futuro, e Nefer-rohu diz: “Não posso fazer isso.” No entanto, ele finalmente diz no final da segunda coluna, na página 445, último parágrafo ali, que “um rei virá,

pertencente ao sul. Muitos triunfarão em seu nome, ele é filho de uma mulher da terra da Núbia, ele nasceu no alto Egito, ele levará a coroa branca, ele usará a coroa vermelha, ele unirá os dois poderosos. Ele satisfará os dois senhores com o que eles desejam. No meio do próximo parágrafo, “Os asiáticos cairão em espadas, os líbios cairão em espadas e assim por diante”. Então ele fala sobre este Ameni que virá, e Ameni e a maioria entende que é este império Amenemhet. Mas ele veio muito depois de Snefru, em 1910, e uniu os reinos do Egito, o alto e o baixo Egito.

E esse texto? Olhe para suas citações, página 5, no meio da página, há um parágrafo de EJ Young, em *My Servants the Prophets*. Ele diz: “Deve-se notar a total falta de seriedade deste texto. O rei está buscando apenas entretenimento e, portanto, deseja ser informado sobre o futuro. Nefer-Rohu não pretende ser um profeta; na verdade, ele até afirma explicitamente que não pode prever o futuro. Além disso, o texto afirma que está lidando com a mensagem de Nefer-Rohu, enquanto ele refletia sobre o que aconteceria na terra. Em outras palavras, a mensagem não é revelada, nem relata ser. Está em uma classe com as muitas “predições” do mundo antigo e muito distante das profecias do Antigo Testamento”. So Young aponta a falta de seriedade do texto.

2. Vaticinium ex eventu Mas há outra questão envolvida aqui. Essa é a questão da autenticidade do próprio texto. Se você olhar para a mesma página em suas citações, o que GD Smith diz no artigo sobre “Profeta,” em ISBE, *International Standard Bible Encyclopedia*, ele diz, “A profecia de Nefer-rohu' pretende dizer como o Faraó Snefru de a 4ª Dinastia foi entretida por um profeta que previu que o caos logo dominaria o Egito, mas que a ordem e a justiça seriam restabelecidas quando Ameni da Núbia (uma referência a Amen-em-hep I, o primeiro rei da 12ª Dinastia) se tornasse rei. A chamada profecia, sem dúvida, foi escrita como propaganda política para apoiar o

governo de Amen-em-hep I.” Em outras palavras, a questão é: e a data do texto? Supõe-se que seja da época de Snefru, 2650 aC. Descreve eventos de cerca de 1900, se estiver falando sobre Amenemhet. As cópias mais antigas do texto, no entanto, são de cerca de 1450. Em outras palavras, cinco séculos depois da época de que se fala, no que diz respeito à previsão.

Se você for até o segundo parágrafo na página 5 de suas citações, *The Stone Age to Christianity*, de William F. Albright, diz sobre este texto: “Um pouco mais tarde é a profecia de Nefer-rohu, que é extremamente interessante como o mais antigo exemplo certo de um *vaticínio ex eventu*”. Essa é uma frase latina que significa “falando dos eventos”. Em outras palavras, você está dizendo algo depois da hora do que quer que esteja falando, mas supostamente falando antes da hora em que aconteceu. Supõe a data do reinado de Snefru, mas descreve com algum detalhe o reinado de Ameni, o fundador da 12ª Dinastia seis séculos depois. Mas é falar depois do evento e não antes do evento. Muitos questionam a autenticidade disso. Isso é realmente uma previsão de Amenemhet ou é propaganda política escrita após a época de Amenemhet, tentando elevar seu reinado? Essa é certamente uma pergunta muito legítima. Mas esses são dois dos textos egípcios mais significativos que supostamente têm algo semelhante ao que encontramos no propósito profético do Antigo Testamento.

C. Analogias cananéias

1. Falta de Dados

Passemos às analogias cananeias. Tem havido um esforço considerável para encontrar analogias para o profetismo de Israel entre os cananeus. Há um pequeno problema. Nenhum jamais foi encontrado. Não temos muitos textos da terra de Canaã. O lugar mais próximo de onde temos textos de tipo religioso são

os textos de Ras Shamra de Ugarit, na costa fenícia. Mas mesmo aí você não

tem nada análogo ao profetismo em Israel. Apesar disso, se você olhar a literatura, existem inúmeros estudiosos que estão convencidos de que a terra de Canaã deve ser considerada um berço do profetismo em Israel, que deve ter sido por conta dos contatos que os israelitas fizeram na terra de Canaã que o profetismo nasceu.

Em suas citações, do final da página 5 até a página 6, Abraham Kuenen discutiu isso em um volume do final de 1800, que foi recentemente republicado nos últimos 15 anos, então é algo ainda muito referido. Abraham Kuenen é o mesmo Kuenen da teoria Graf-Kuenen-Wellhausen anterior, então você está certo em todo esse período de análise histórico-crítica da Bíblia. Kuenen diz: “É claro que seria muito desejável que pudéssemos falar com certeza sobre uma questão tão importante como esta. Mas, devido à falta de relato histórico, devemos nos contentar com prováveis conjecturas.... Eles nos dão uma explicação satisfatória da primeira aparição da profecia em Israel”. Então ele está procurando por analogias cananeias e não encontra nenhuma. Então ele diz que temos que nos contentar com a provável conjectura e essa provável conjectura deve ser elogiada porque “ela nos fornecerá uma explicação satisfatória da primeira aparição da profecia em Israel”. Eles devem ter saído dos cananeus. Agora, para atualizar Kuenen do final dos anos 1800 até o final dos anos 1900, veja o que Gerhard Von Rad disse em sua *Teologia do Antigo Testamento*. “Na Síria e na Palestina do século XI, há sinais do surgimento de um movimento extático e mântico cujas origens estão aparentemente fora dessa área e talvez se encontrem no mântico da Trácia e da Ásia Menor.” Observe a próxima linha. “A religião cananea deve, então, ter sido o meio pelo qual o movimento chegou a Israel. A evidência mais antiga do Antigo Testamento para sua aparição são os relatos de entusiastas semelhantes aos dervixes que, de tempos em tempos, emergiam para cima e para baixo na terra, provavelmente para serem vistos de soslaio pelos

fazendeiros israelitas estabelecidos. Agora, o que ele está falando ali, “o dervixe como entusiasta,” são essas companhias de profetas? Lembre-se de quando Saul encontrou um grupo de profetas e eles tinham instrumentos musicais e estavam profetizando e Saul estava andando e profetizando com eles. Esse tipo de comportamento anormal, você está tentando derivar do êxtase da Mesopotâmia, Ásia Menor, desse movimento extático para o que Von Rad e outros acham algo semelhante em Israel e você fará essas ligações, ligará os pontos. Canaã deve ter sido a fonte de onde esse fenômeno foi introduzido aos israelitas, quando eles se estabeleceram na terra de Canaã.

2) 1 Rs 18:19: Acabe, Elias e os Profetas de Baal no Monte Carmelo

Agora, a ideia de que o profetismo era conhecido na religião cananeia é fortalecida para pessoas dessa posição pelo que sabemos dos fenícios que tinham práticas religiosas semelhantes, presumivelmente, aos cananeus. Primeiro Reis 18:19 torna-se um texto chave para este novo ponto. Este é o tempo de Acabe e Jezabel. Você leu em 1 Reis 18:19, Elias disse: “Convoque o povo de todo o Israel para me encontrar no Monte Carmelo. Tragam os 450 profetas de Baal e os 400 profetas de Aserá, que comem à mesa de Jezabel”. Jezabel era aquela mulher fenícia casada com Acabe, que importou profetas de Baal e Aserá para Israel. Elias está desafiando Acabe e os profetas de Baal em nome de Javé, e você conhece aquela história daquele confronto no Monte Carmelo.

Se você for mais adiante naquele capítulo, veja o versículo 27. “Ao meio-dia Elias começou a escarnecê-los. “Grite mais alto”, disse ele. ‘Certamente ele é um deus. Talvez ele esteja imerso em pensamentos, ocupado ou viajando. Talvez ele esteja dormindo e precise ser acordado’”, referindo-se a Baal. “Então eles gritaram mais alto e se cortaram com espadas e lanças, como era seu costume até que seu sangue corresse. Passou o meio-dia e eles continuaram” — diz a NIV — “profetizando freneticamente”. Agora,

isso é simplesmente uma forma do verbo *naba*, para profetizar, “até a hora do sacrifício da tarde”. Então aqui você tem esses profetas de Baal dançando ao redor do altar em algum tipo de estado frenético, se cortando, clamando à sua divindade, e a palavra usada aqui é que eles estavam “profetizando”. Mas o que eles estavam realmente fazendo? Eles estavam recebendo uma mensagem de Baal? Não parece. Parece que eles começariam a profetizar, o que é descritivo de algum tipo de comportamento extremamente anormal. Comportamento extático, se você quiser usar essa palavra de algum tipo.

3. A Jornada de Wenamen à Fenícia

Há outro texto egípcio que eu dei a vocês na semana passada também. Chama-se “A Jornada de Wenamen à Fenícia”. Este texto fala sobre a jornada de um homem chamado Wenamen, que era um sacerdote egípcio. Ele foi do Egito à Fenícia para comprar madeira para a construção de uma barcaça ou barco para a divindade egípcia Amon-Re. Essa barcaça seria o trono da divindade na forma de um navio. Ele chega ao rei de Byblos na Fenícia para comprar esta madeira e o preço que ele queria pagar não era aceitável. O rei de Byblos diz a ele para voltar ao Egito, que não poderia enviar imediatamente por causa do custo do frete. Mas o rei de Biblos mudou de ideia sobre a venda dessa madeira para Wenamen quando recebeu uma mensagem de um extasiado. Se você for para a página 18, a segunda página deste folheto, você lerá, mais ou menos no meio da página, “O príncipe de Biblos me mandou dizer: 'Saia do meu porto.' E enviei a ele dizendo: 'Para onde devo ir? Você tem um navio para me levar, leve-me nele para o Egito novamente.' Então passei 29 dias em seu porto. Durante todo o tempo, ele passava um tempo me mandando mensagens todos os dias, dizendo: 'Saia do meu porto'. Agora, enquanto ele estava fazendo oferendas a seus deuses, o deus apoderou-se de um de seus jovens e o possuiu, e disse-lhe: 'Traga o deus. Traga o mensageiro que o está carregando. Amon é quem o enviou. Foi ele

quem o fez vir. E enquanto o jovem possuído estava tendo seu frenesi nesta noite, eu já havia encontrado o navio indo para o Egito e carregado tudo o que tinha nele. Enquanto eu observava a escuridão, pensei: “Quando ela descer, embarcarei no deus também, para que nenhum outro olho possa ver. O mestre do porto veio dizer: 'Espere até de manhã, assim diz o príncipe.' Então eu disse a ele: 'Não é você que passa o tempo vindo até mim todos os dias dizendo: 'Fique fora do meu porto? Enquanto ele diz: “Espere até amanhã.” Finalmente, um acordo é feito e a madeira é vendida.”

Mas o que quero dizer aqui é que nesta história você tem um exemplo do que alguns chamam de frenesi profético. Aqui está este jovem que vê e enquanto está possuído ele dá esta mensagem ao rei de Byblos para fazer este acordo com este sacerdote do Egito. Então você obtém essa referência ao frenesi profético neste texto, “A Jornada de Wenamen”. Você combina isso com o comportamento dos profetas de Baal em 1 Reis 18 e então combina isso com as bandas proféticas no tempo de Samuel. O que se conclui é que o profetismo que se originou em Israel é esse tipo de fenômeno extático. Temos evidências de que existiu na Fenícia, Mesopotâmia presumivelmente em Canaã, pelo menos com o sacerdote de Baal e Aserá na corte de Acabe e Jezabel, e nessas companhias de profetas no tempo de Samuel. Assim, com base nisso, diz-se que Canaã deve ser o berço do profetismo em Israel. Visto que Samuel era o líder desses grupos extáticos de profetas, Samuel é a pessoa que originalmente adaptou esse fenômeno pagão a Israel. Então essa é a teoria.

Acho que o que você pode dizer é que é amplamente especulativo, baseia-se em muito pouca evidência e certamente não se encaixa na forte oposição de Samuel à religião cananéia registrada nos primeiros capítulos de 1 Samuel. Ele chamou Israel para fugir, destruir seus Baals e adorar o Senhor. Certamente ele não era alguém que se encaixava nessa descrição. Mas é assim

que se argumenta para encontrar a origem do profetismo em Israel - com base nessas influências e fenômenos que encontramos na Mesopotâmia, no Egito e supostamente entre os cananeus, embora as evidências sejam realmente inexistentes.

4. Conclusões

Isso nos leva a 4., “Conclusões”. Parece-me que embora possamos admitir que, sim, existem algumas semelhanças formais entre a profecia fora de Israel e o que encontramos em Israel, há muito pouco que seja remotamente comparável na área do que eu chamaria de correspondência material. Em termos de correspondência formal, uma pessoa que afirma ter uma mensagem de uma divindade, você a encontra em todos os lugares. No que diz respeito à correspondência material, isto é, correspondência entre a mensagem dos profetas de Israel e os tipos de declarações feitas por esses profetas fora de Israel, há muito pouca semelhança. Portanto, a tentativa de explicar a origem do profetismo de Israel a partir de analogias fora de Israel não me parece convincente.

B. Explicação israelita interna para a origem do profetismo Devemos procurar a origem do profetismo em Israel em outro lugar e isso nos leva a B. e C. em seu esboço. B. é, “Explicação Israelita Interna para a Origem do Profetismo”.

1. O gênio religioso de Israel 1., “O gênio religioso de Israel”. Alguns argumentam que Israel tinha essa inclinação espiritual particular. Assim, por causa disso, eles desenvolveram uma forma muito elevada de religião. Eles tinham um dom especial para fazer algo assim. Nessa elevada forma de religião, uma parte muito importante dela, era o profetismo; é uma característica essencial desse gênio religioso que certas pessoas tiveram.

Assim, o próprio gênio religioso de Israel foi usado como explicação para a origem do profetismo em Israel. Parece-me que essa explicação falha em reconhecer a realidade da história de Israel. Se você olhar para o Antigo Testamento, parece bastante claro. Historicamente, Israel não se mostrou um povo com uma inclinação natural para a elevada forma de religião que estava incorporada na mensagem dos profetas. A inclinação de Israel, muito pelo contrário, era seguir as crenças e práticas religiosas das nações pagãs vizinhas. O que os profetas gastam uma enorme quantidade de seu tempo é exortando Israel a se afastar dessas divindades pagãs e adorar o Deus único, vivo e verdadeiro. Então, dizer que o gênio religioso de Israel é a explicação para a origem do profetismo em Israel realmente carece de qualquer base na história das atitudes e expressões religiosas de Israel. Os profetas de Israel eram contraculturais, pode-se dizer. Eles estavam atravessando o grão, não havia inclinação da parte de Israel para ouvir as palavras dos profetas, mais frequentemente eles não ouviam do que ouviam. Portanto, o próprio Israel não é uma explicação adequada para a origem do profetismo.

Que tal simplesmente recuar e dizer: “É a consciência religiosa dos profetas?” Se toda a nação não tivesse algum tipo de dom especial para desenvolver essa forma elevada de religião que encontramos no Antigo Testamento, então talvez alguns israelitas individuais tivessem esse dom. São eles que devem ser considerados os criadores do profetismo em Israel.

Agora, parece-me novamente que você rapidamente se deparou com um problema aí. O problema é o que já falamos, que é este: quando os profetas falam, eles indicam muito claramente que o que eles falam vem do Senhor, não suas próprias palavras ou ideias. Eles falam apenas o que são compelidos a dizer pelo próprio Deus. Deus diz: “Porei as minhas palavras na tua boca”. Não são as palavras do profeta, são as palavras de Deus. A mensagem que transmitem não é sua própria mensagem, é a mensagem de

Deus. Assim, os próprios profetas em seu próprio autotestemunho negam claramente que esse fenômeno chamado “falar a palavra de Deus” seja algo que se origina daquilo que está no próprio profeta. É algo que vem de fora para ele. Assim, as explicações israelitas internas para a origem do profetismo também falham em explicar por que esse fenômeno surgiu em Israel.

C. O profetismo em Israel segundo o testemunho do AT encontra sua origem em Deus Isso nos leva a C.: “O profetismo em Israel segundo o testemunho do AT encontra sua origem em Deus e deve ser visto como um dom de Deus ao seu povo.” Parece-me que é isso que a própria Bíblia representa como uma explicação de por que o profetismo surgiu em Israel. Agora eu quero elaborar sobre isso, mas teremos que fazer isso da próxima vez.

Transcrito por Katie Brewster

Rough editado por Ted Hildebrandt Edição final por Katie Ells Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia, Palestra 6

Profetismo em Israel de acordo com o AT

C. Profetismo Primitivo em Israel

Descemos para C. em “Profetismo Primitivo em Israel”. Eu li isso pouco antes do intervalo, o título “O profetismo em Israel de acordo com as testemunhas do Antigo Testamento tem sua origem em Deus e deve ser visto como um dom de Deus para seu povo”.

1. Deuteronômio 18:9-22

Você percebe a referência ali, Deuteronômio 18:9-22. Acho que precisamos olhar esse texto um pouco mais de perto com relação a essa proposição. Deuteronômio 18:9-42 está abordando a questão de onde Israel encontrará orientação divina após a morte de Moisés. O livro de Deuteronômio documenta a renovação da aliança nas planícies de Moabe pouco antes da morte de Moisés. No final do livro, temos o registro da morte de Moisés. Moisés foi o profeta, ele foi o mediador entre Deus e seu povo e Deus falou com eles através de Moisés. O que vai acontecer quando Moisés se for? É disso que se trata aqui.

a. Deut. 18:9-14 A primeira coisa que você descobre é que quando Israel entrasse na terra de Canaã, eles não deveriam encontrar a revelação divina por meio da prática de qualquer uma das coisas costumeiras feitas pelos habitantes da terra de Canaã. Então você percebe nos versículos 9-14 de Deuteronômio 18: “Quando você entrar na terra, não aprenda a imitar os caminhos detestáveis das nações de lá. Não se encontre entre vós quem sacrifique seu filho ou filha no fogo, ou que pratique feitiçaria, interprete presságios, pratique feitiçaria ou lance feitiços, que seja médium ou espírita ou que consulte os mortos. Todo aquele que faz essas coisas é detestável para o Senhor; por causa dessas práticas detestáveis, o Senhor, seu Deus, expulsará essas nações de diante de vocês”. Portanto, você não deve seguir os costumes dos cananeus. Deus dará algo melhor a Israel e isso você

encontra no versículo 15. Em 14 diz: “As nações que você desapossará ouvirão aqueles que praticam feitiçaria ou adivinhação. Mas quanto a você, o Senhor seu Deus não permitiu que você o fizesse. O Senhor vosso Deus vos levantará um profeta, como eu [Moisés] dentre vossos irmãos. Você deve ouvi-lo. Porque assim pediste ao Senhor teu Deus em Horebe, desde o dia da assembléia, quando disseste: 'Não ouçamos a voz do Senhor nosso Deus, nem vejamos o seu grande fogo, senão morreremos.' O Senhor me disse: 'O que eles dizem é bom. Suscitarei para eles um profeta como você dentre os seus irmãos de Israel e colocarei minhas palavras em sua boca. Ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar.'” Portanto, acho que está claro no contexto que os versículos 15-19, eu não li até o 19, mas os versículos 15-19 dizem a Israel onde eles devem receber sua orientação. Não é das coisas feitas pelos cananeus. Será por um meio semelhante ao que veio por meio de Moisés.

b) Dt. 18:20-22 Os versículos 20-22 levantam outra questão, que é o perigo de ouvir falsos profetas que não falam em nome de Deus e, em conexão, dar uma maneira de identificar um falso profeta. Veja o versículo 20 diz: “Mas o profeta que ousar falar em meu nome qualquer coisa que eu não lhe mandei dizer, ou um profeta que falar em nome de outros deuses, deve ser morto. Você pode dizer a si mesmo: 'Como podemos saber se uma mensagem não foi proferida pelo Senhor? se torne realidade, essa é uma mensagem que o Senhor não falou. Esse profeta falou presunçosamente, então não se assuste’’. Eu quero voltar a essa coisa toda de falsos profetas. Isso é apenas um. Existem outras maneiras que os israelitas podem usar para distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas. Mas a seção central desta passagem nos versículos 9 a 22 é que você não deve seguir os caminhos dos cananeus, não deve seguir os falsos profetas, mas deve seguir a palavra dos profetas que o Senhor levantará. como Moisés.

c) Atos 3:19-23 e Deut. 18:15

Agora, aquela seção central que vai de 15 a 19 tem sido interpretada de maneiras diferentes, principalmente porque em Atos 3:19-23 você tem uma referência a ela que parece aplicar essa passagem a Cristo. Em Atos 3:19 está escrito: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos a Deus, para que sejam cancelados os vossos pecados, para que venham do Senhor tempos de refrigério, e ele envie o Cristo, que foi constituído para você - até mesmo Jesus. Ele deve permanecer no céu até que chegue a hora de Deus restaurar tudo, como prometeu há muito tempo por meio de seus santos profetas. Pois, como disse Moisés: 'O Senhor teu Deus suscitará um profeta como eu do meio do teu povo; você deve ouvir tudo o que ele lhe diz. Quem não o ouvir será completamente eliminado do meio do seu povo.' Então esse profeta é identificado aqui como Cristo, e isso significa que as pessoas fizeram coisas diferentes com esta passagem.

2. Interpretação de “Profeta como eu” em Deut. 18:15 a) Sucessão Coletiva dos Profetas Quero mencionar três formas diferentes de interpretação. A primeira maneira é uma interpretação coletiva quando você lê em Deuteronômio 18:15 “o Senhor teu Deus suscitará um profeta como eu dentre teus irmãos”. “Profetas” aqui é tomado como um substantivo coletivo e, portanto, é entendido como abrangendo toda a sucessão dos profetas do momento profético do período do Antigo Testamento. O Senhor levantará um profeta como substantivo coletivo. Quando você entrar em Canaã, não siga os métodos malignos das diferentes nações. Você deve ouvir os profetas.

b) Profeta = Jesus (baseado em Atos 3)

A segunda interpretação é uma interpretação individual daquela passagem de que a palavra “profeta,” “O Senhor te levantará como profeta,” tem uma referência exclusiva a Cristo com base na referência de Atos 3 a ela. Portanto, aqueles que usam essa interpretação diriam que essa passagem não faz referência ao momento profético no antigo Israel . É uma profecia messiânica, uma profecia

exclusivamente de Cristo.

c) Profetas Sucessivos Cumpridos Finalmente em Cristo

Existe uma terceira visão, que é uma interpretação coletiva, mas diz que essa interpretação coletiva é completamente cumprida na pessoa de Cristo. em quem a ideia da ordem profética foi perfeitamente realizada. Esse tipo de combina os dois.

Se você olhar suas citações na página 6, eu tenho duas entradas nesta passagem. A primeira é de Hobart Freeman. Ele diz: “Moisés, em Deuteronômio 18, declara que Deus estabelecerá a instituição profética hebraica, que como um tipo que um dia culminaria no Profeta ideal, o antítipo Jesus Cristo. A instituição profética deveria ser um tipo de 'sinal' do profeta designado por Deus, Cristo, da mesma maneira que o sacerdócio, ou sacerdotes, era um sinal do Sacerdote ungido de Deus, conforme descrito em Zacarias 3:8.” Agora, parece-me que o que Freeman está fazendo aqui, se você fosse fazer um diagrama disso, é aqui que está Deuteronômio 18 e o profeta que será levantado como Moisés. Ele diria que essa afirmação está falando sobre o movimento profético em um sentido coletivo do período do Antigo Testamento. Isso é o que está especificamente em vista, o movimento profético. Aqui está Cristo. Então ele diria que o movimento profético está tipologicamente apontando para Cristo. Em outras palavras, todos os profetas estão participando, prefigurando o grande Profeta que há de vir, que é Cristo. Ele diria que Deuteronômio 18 está falando especificamente sobre o movimento profético, mas o próprio movimento profético está prefigurando a vinda do grande Profeta, o cumprimento que todos os profetas esperavam, ou seja, Cristo. Então, nesse sentido seria legítimo dizer que Deuteronômio está falando de Cristo, mas de forma indireta. Está falando especificamente sobre o movimento profético no Antigo Testamento.

Agora, você vê que pode diagramar isso de outras maneiras. Você poderia dizer que Deuteronômio 18 está falando sobre o movimento profético e nas mesmas palavras ao mesmo tempo também está falando sobre Cristo. Agora, se

you fazer isso, levantará uma questão que voltaremos e discutiremos mais tarde com mais detalhes. Você está dizendo que Deuteronômio 18 tem uma referência dupla para as mesmas palavras, mas falando de duas coisas diferentes. O movimento profético e ao mesmo tempo falando de Cristo. Ou você poderia dizer como alguns fazem, Deuteronômio 18 está falando apenas sobre Cristo. Não está falando sobre o movimento profético no Antigo Testamento. Agora acho isso difícil, ou seja, a interpretação individual que mencionei anteriormente. Diz que esta é uma referência exclusiva a Cristo por causa da referência de Atos 3 e que não há referência à ideia da ordem profética no período do Antigo Testamento. Acho isso difícil por causa do contexto, tanto antes quanto depois, está no contexto que sugere: “Não olhe para os métodos de adivinhação dos cananeus e, se surgir um falso profeta, também não preste atenção neles”.

Então, parece que no contexto o coração dessa passagem de Deuteronômio 18:15-19 está falando sobre a ordem profética do Antigo Testamento. Então a questão é o que você faz com esse problema de referência dupla? Está falando sobre ambos, ou é um modelo como Freeman sugere - sim, está falando sobre ordem profética, mas a ordem profética então tipifica ou aponta para Cristo.

Outra citação na página 6 desta vez de EJ Young, *My Servants of Prophets*, onde ele discute esta passagem: “Neste ponto, pode ser bom fazer uma pausa e resumir os resultados do estudo até agora. Deuteronômio 18, aprendemos, parece conter uma referência dupla. Primeiro, deve haver um corpo de profetas, uma instituição, que declararia as palavras que Deus ordenou. Dois, haveria um grande profeta, o único que seria como Moisés e poderia ser comparado a ele, ou seja, o Messias. A questão que surge agora é a relação entre essas duas ênfases. Alguns sustentam que devemos entender a coleção ou grupo de profetas ao qual Cristo também pertenceria, como a realização perfeita do corpo profético”.

Em outras palavras, devemos entender algo como esta coleção de profetas, um grupo ao qual Cristo pertenceria como a perfeita realização deles. Mas Young diz: “Isso, no entanto, não é um pensamento legítimo para derivar das palavras. É

muito melhor, mais fiel ao texto, considerar o profeta como uma pessoa ideal na qual estão compreendidos todos os verdadeiros profetas”. Agora, para mim, isso fica muito abstrato. “A ordem profética é uma unidade ideal, que deve encontrar seu ponto focal no Cristo histórico. Pois o Espírito de Cristo estava em todos os verdadeiros profetas. Quando finalmente Cristo apareceu na terra, a promessa foi cumprida em seu sentido mais elevado e pleno. É, portanto, uma promessa messiânica”. Agora, eu não sei como você diagrama isso, mas se for uma pessoa ideal e Cristo é o ponto focal, talvez você faça algo assim. Parece-me que o que Young está tentando fazer é contornar essa questão de referência dupla. Ele o faz por meio dessa pessoa ideal que compreende todos os profetas tendo como ponto central Cristo para evitar uma dupla interpretação de referência por meio dessa construção de uma pessoa ideal. Essa talvez seja uma maneira de fazer isso. Para mim é bem abstrato. Mas você vê qual é o problema? Esta passagem está falando sobre o movimento profético, ou está falando sobre Cristo, ou sobre ambos? Parece-me que ambos estão à vista.

d) Solução

Outra pergunta é: “Como você sabe o que está acontecendo aqui? É uma pessoa ideal?” Estou inclinado a pensar que esta é a solução mais fácil com menos problemas. Freeman sugere que eles estão falando sobre a ordem profética; a própria ordem profética tem significado tipológico porque a ordem profética aponta para Cristo, o Senhor que há de vir. Portanto, é legítimo que Deuteronômio 18 esteja conectado à vinda de Cristo, mas de maneira indireta. Isso evita referências duplas e, para mim, há outros lugares no Antigo Testamento em que você vê coisas semelhantes acontecendo.

3. De onde vem o profetismo?

Mas, deixando tudo isso de lado, para não dizer que não é importante, você volta à nossa pergunta: de onde vem o profetismo? De acordo com o texto bíblico, o que esta passagem nos diz é sobretudo, contra adivinhos, adivinhos, espíritas e

médiuns, que Deus diz serem uma abominação e vocês não devem fazer essas coisas, Deus tem vontade de dar ao seu povo profetas como Moisés e o povo são responsáveis por ouvir esses profetas . Você percebe que eu não li o versículo 19, que diz: “Se alguém não ouvir as minhas palavras, os profetas falam em meu nome, eu mesmo os levarei em conta”. Portanto, há alguma responsabilidade aqui. “Vou levantar um profeta e colocar minhas palavras em sua boca e você deve ouvi-lo e obedecer o que ele diz e, se não o fizer, será responsabilizado.” Isso é o que Deus está dizendo. Portanto, esta é a explicação para a origem do profetismo em Israel. Sua origem está em Deus. Foi um presente de Deus através do seu povo. Deus disse: “É assim que vou me comunicar com você, vou me comunicar com você por meio de indivíduos. Vou levantar alguém com a mesma função de Moisés e você deve ouvi-los e prestar contas do que eles dizem.

4. 2 Pedro 1:21 Nenhuma origem nos homens 2 Pedro 1:21 diz: “A profecia nunca teve sua origem na vontade dos homens”. Você pergunta de onde vem a profecia? Não vem da vontade dos homens. “Mas os homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.” A Bíblia é consistente, é o Novo Testamento, mas está dizendo a mesma coisa que foi dita em Deuteronômio. De onde veio a palavra profecia? É um presente de Deus; ele está colocando suas palavras na boca de certos indivíduos que ele levantou para serem os transmissores de sua palavra para seu povo.

4. Os Caminhos e Meios das Revelações aos Profetas Comentários Preliminares

Vamos para 4., “Os caminhos e meios das revelações aos profetas.”

Existem três subtítulos aqui. Voltaremos a esta coisa de êxtase e do Espírito Santo. Mas um. é: “A visão profética e a audição da palavra de Deus”. Antes de ir para A., deixe-me fazer alguns comentários preliminares. Quando você fala sobre as formas e os meios das revelações dos profetas, os profetas deixam claro desde o início que o que os profetas dizem não se origina deles mesmos, mas eles falam a

palavra de Deus. Eles não estão dando seus próprios pensamentos ou ideias; a mensagem que eles transmitem é a própria palavra de Deus. Não acho que exegicamente haja qualquer razão para negar isso. É tão claro. A Bíblia diz isso tantas vezes em diferentes maneiras e lugares. Se você vai negar que Deus falou através dos profetas do período do Antigo Testamento, se você vai negar isso, essa negação não vai sair dos próprios textos, vai ter que vir de um pressuposto trazido à tona o texto de outro lugar. A presunção é revelação que vem *ab extra*, de fora, para uma pessoa de Deus, é algo que não pode acontecer. Então você procura outras maneiras de explicar o que está acontecendo no texto. Há uma tonelada de literatura fazendo essa suposição. Normalmente, se você tem essa pressuposição e não acredita que Deus trabalha dessa maneira, geralmente o profetismo é explicado em linhas psicológicas. Ou seja, o que está acontecendo aqui não é algo que vem de fora para o indivíduo que é profeta, mas é algo que vem de dentro dos interesses do *ab intra* não do *ab extra*, *que vem de dentro*, e sai de os profetas, e nisso você procura as explicações psicológicas para a profecia. Mas se você fizer isso, terá que ignorar o próprio testemunho profético porque não é isso que a Bíblia está dizendo. Não é algo que vem de dentro, é algo que vem de fora.

Os profetas eram receptores e transmissores da palavra de Deus. Eles receberam esta mensagem de Deus e então a transmitiram às pessoas a quem falaram. Então, nesse ponto, podemos perguntar: “O que a Bíblia diz sobre a maneira ou os meios pelos quais os profetas receberam sua mensagem?” Eles receberam esta mensagem de fora. De que maneira eles o receberam?

A. Visão Profética e Ouvir a Palavra de Deus Isso nos leva a A., “Visão Profética e Ouvir a Palavra de Deus”. Já vimos algumas ilustrações; os profetas dizem repetidamente que Deus falou com eles. Posso dar um exemplo, Isaías 7:3, e isso é típico de centenas de expressões semelhantes: “Então o Senhor disse a Isaías: 'Saia, você e seu filho Sear-Jasube, para encontrar Acaz no final do aqueduto da Piscina Superior, na estrada para o Campo do Lavadeiro. Diga a ele,

” e a mensagem segue. “O Senhor disse a Isaías.” Os profetas diziam repetidamente declarações como essa. O falar de Deus aos profetas é ouvido pelos profetas com seus próprios ouvidos. Veja Isaías 22:14: “O SENHOR dos Exércitos revelou isso aos meus ouvidos”. Se você está olhando para o hebraico, é “em meus ouvidos, o Senhor Todo-Poderoso revelou isso em meus ouvidos”. Veja Isaías 5:9: “O Senhor Todo-Poderoso declarou aos meus ouvidos”, diz a NIV “aos meus ouvidos”. 1 Samuel 9:15, “No dia em que Saul veio, o Senhor revelou isso a Samuel,” se você olhar no hebraico, a tradução literal é “o Senhor descobriu as orelhas”, que é uma expressão meio estranha. Mas, o Senhor falou e Samuel ouviu. Agora há outras referências do gênero.

A questão então é o que entendemos com declarações como esta? Se você estivesse ao lado de Isaías, quando o Senhor falou com Isaías, você teria ouvido alguma coisa? Em outras palavras, o profeta ouviu algo que de outra forma seria audível, ele ouviu algo com o ouvido por meio de ondas sonoras e do mecanismo do ouvido que interpreta as ondas sonoras como tipos específicos de sons? Acho que é possível, mas não necessário. Acho que não podemos dizer com certeza exatamente como isso funcionou. Muitos pensam que Deus trabalhou mais diretamente sem uma voz audível através do mecanismo de audição, mas apenas trouxe esta mensagem ou palavra para a consciência direta do profeta. Então, para o profeta, era tão claro e distinto quanto o som para ele, como se ele ouvisse com seus ouvidos externos. Em outras palavras, ele disse: “O Senhor falou em meu ouvido, eu ouvi isso, isso é o que o Senhor me disse”. Mas acho que o Senhor poderia falar diretamente à consciência do profeta, mas o efeito para o profeta foi exatamente como se ele fosse falado por uma voz externa. Portanto, acho que não podemos dizer com certeza que veio pelos ouvidos. Mas era um som audível ou era um som que apenas o profeta ouvia como idêntico ao som audível? Acho que não podemos ter certeza disso. Mas o profeta ouviu uma mensagem.

Mas se você observar a declaração de como os profetas receberam sua mensagem, eles dizem que não apenas ouviram a palavra de Deus, mas também a

viram. Então Deus se revelou não apenas pelo ouvido, mas também pelo olho. 1 Samuel 3 é um capítulo interessante, onde o Senhor chamou Samuel para ser profeta. Lembre-se, ele estava trabalhando com o sumo sacerdote Eli no tabernáculo. O Senhor chamou Samuel, e Samuel pensou que era Eli que o chamava. No versículo 4, “Então o Senhor chamou Samuel. Samuel respondeu: 'Aqui estou eu.' E ele correu para Eli e disse: 'Aqui estou, você me chamou.’” Ele ouviu algo claramente. Eli não ligou e disse: “Volte e deite-se.” Então o Senhor chama Samuel novamente. Samuel se levanta e vai até Eli e diz: “Aqui estou, você me chamou?” Eli diz: “Eu não te chamei, volte e deite-se.” “Ora, Samuel ainda não conhecia o Senhor.” Agora que é uma espécie de declaração estranha. Algumas pessoas fazem algo disso, dizendo que o Senhor estava chamando Samuel antes mesmo de conhecê-lo. Acho que não é assim que você entende o versículo 7. “Samuel ainda não conhecia o Senhor”, acho que é explicado na última frase desse versículo: “A palavra do Senhor ainda não havia sido revelada a ele”. Em outras palavras, Samuel não conhecia as palavras do Senhor no sentido de receber mensagens do Senhor. Isso não havia sido revelado a ele. Isso era algo novo, que ele seria um recipiente da revelação divina. “O Senhor chamou Samuel pela terceira vez. Samuel foi até Eli e disse: 'Aqui estou, você me chamou?’ Então Eli percebeu que o Senhor estava chamando o menino. Então ele disse a Samuel para se deitar e dizer 'Fala, Senhor, teu servo está ouvindo.’ Então Samuel foi deitar-se no seu lugar.” Agora é neste ponto desta conta que você tem outra ideia introduzida. Até aqui é como se fosse esse som, alguém está chamando “Samuel, Samuel”. Samuel ouve, mas Eli ouve? Não está totalmente claro, mas Eli declarou que quando Deus está falando com você, diga: “Fala, Senhor, teu servo está ouvindo”. Você percebe o versículo 10, “veio o Senhor e pôs-se ali,” aqui ele introduz algo mais, “Chamando como nas outras vezes,” e isso realmente se torna uma coisa visionária. Samuel não apenas ouve o Senhor chamando-o, ele vê algo. Você vai até o versículo 15, “Samuel se deitou até pela manhã e então abriu as portas da casa do Senhor.” Nesse ínterim, o Senhor havia falado e dado esta

mensagem de julgamento sobre Eli, e você lê no versículo 15: “Ele teve medo de contar a visão a Eli”. Então você vê que havia visão e audição lá. O Senhor estava de pé e o Senhor estava chamando e a coisa toda foi mencionada no versículo 15 como “uma visão”.

Se você olhar para outros livros proféticos, acho que mencionei isso antes, Amós 1:1, Miquéias 1:1, você obtém esse tipo de declaração introdutória estranha. Em Amós 1:1, “As palavras de Amós, um dos pastores de Tekoa – a visão que ele teve a respeito de Israel,” não o que ele ouviu, o que ele viu – visionário. Isso é o mesmo que Miquéias 1:1, “A visão que ele teve sobre Samaria e Jerusalém”. Claro, dentro dos livros, muitos desses profetas têm descrições específicas das visões que receberam. Pense nas visões de Ezequiel sobre o templo, todas as medidas, o desenho do rio que flui do altar. Assim, os profetas não apenas ouviram a palavra de Deus, mas também a viram. Você teria visto se estivesse ao lado de Isaías quando ele teve aquela visão do Senhor alto e exaltado em Isaías 6, e ouviu o Senhor falando com ele, viu o trono junto ao altar junto aos serafins? Acho que se eu estivesse ao lado de Isaiah, acho que não teria ouvido ou visto nada. Mas Isaías está ouvindo e vendo ambos com muita clareza. Assim, no que diz respeito aos caminhos e meios das revelações de Deus aos profetas, existe essa visão e audição profética da palavra de Deus.

B. A Função do Espírito Santo na Revelação de Deus aos Profetas B. é, “A função do Espírito Santo na revelação de Deus aos profetas.” Há uma série de passagens bíblicas que conectam o Espírito Santo com a profecia. Agora, algumas dessas passagens levantam questões de interpretação, mas vamos examinar algumas delas.

1. Números 11:25-29 Eldad e Medade Começaremos com Números 11:25-29, onde você lê: “Então o Senhor desceu da nuvem e falou com ele”, isto é, Moisés, “e ele tomou o espírito que estava sobre ele e o pôs sobre os 70 anciãos. Quando o

espírito repousou sobre eles, eles profetizaram - mas não o fizeram novamente. No entanto, dois homens cujos nomes eram Eldad e Medad permaneceram no acampamento. Eles foram listados entre os anciãos, mas não saíram da tenda. No entanto, o espírito também repousou sobre eles, e eles profetizaram no acampamento”. Então aqui, o Espírito vem sobre esses anciãos, e eles profetizam. “Um jovem correu e disse a Moisés: 'Eldade e Medade estão profetizando no acampamento.' Josué, filho de Nun, que tem sido ajudante de Moisés desde a juventude, falou e disse: “Moisés, meu senhor, pare-os. Mas Moisés respondeu: 'Você está com ciúmes por minha causa? Eu gostaria que todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse seu Espírito sobre eles.’” Claramente parece haver uma conexão entre ser um profeta e o Espírito Santo vir sobre eles. Agora, como eu disse, há alguns problemas interpretativos. O que significa aqui, os profetas são um porta-voz autorizado de Deus em algum sentido ou é outra coisa? Acho que é outra coisa. Mas ainda há uma conexão entre o Espírito Santo vindo sobre uma pessoa e profetizando qualquer que seja a profecia aqui.

b) 1 Samuel 10:6-10 Saul entre os Profetas Então o texto que vimos antes, 1 Samuel 10:6-10 diz: “O Espírito do Senhor virá sobre ti, [Saul], com poder, e você profetizará com eles, e você será mudado em uma pessoa diferente. Se você ler mais no versículo 10, isso acontece. “Quando eles chegaram a Gibeá, uma procissão de profetas o encontrou, [Saul,] em poder, e ele se juntou a eles em profecias.” Novamente, a conexão entre a vinda do Espírito Santo e a profecia, seja qual for a profecia. A mesma coisa acontece em 1 Samuel 19, em Naioth em Ramá. Em 1 Samuel 19:20, Saul enviou homens para capturar Davi: “Mas quando eles viram um grupo de profetas profetizando, com Samuel ali como seu líder, o Espírito de Deus veio sobre os homens de Saul e eles também profetizaram”. Então no versículo 23 a mesma coisa acontece com Saulo, o Espírito de Deus veio sobre ele, e ele foi profetizando.

c) 2 Samuel 23

Em 2 Samuel 23, em uma passagem chamada “As últimas palavras de Davi”, você tem uma referência ao Espírito Santo. Em 2 Samuel 23:2, Davi diz: “o Espírito do Senhor falou por meu intermédio; suas palavras estavam na minha língua. Quando diz “suas palavras estavam em minha língua” é exatamente isso que um profeta é, voltando a Deuteronômio 18, “porei minhas palavras em sua boca”, e isso aqui está conectado com o Espírito Santo. O Espírito Santo falou por meio dele, suas palavras estavam em sua língua.

d) Miquéias 3:8

Olhe para Miquéias 3:8, “Mas quanto a mim [Miquéias diz,] estou cheio de poder, com o Espírito do Senhor, e com justiça e poder, para declarar a Jacó a sua transgressão, e a Israel o seu pecado.” Então ele está cheio do Espírito do Senhor para anunciar a mensagem que Deus lhe deu.

e) 2 Crônicas 15:1 Em 2 Crônicas 15:1, (agora há várias dessas passagens nas Crônicas), “O Espírito de Deus veio sobre Azarias, filho de Oded. Ele saiu ao encontro de Asa e disse-lhe: 'Ouçam-me, Asa e todo o Judá e Benjamim. O SENHOR está com você quando você está com ele.'” E ele dá uma mensagem, mas o Espírito do Senhor veio sobre ele e ele deu a mensagem. 2 Crônicas 20:14: “Então o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel, filho de Zacarias, filho de Benaia, filho de Jeiel, filho de Matanias, levita e descendente de Asafe, e disse: 'Ouça, rei Josafá e todos os que vivem em Judá e em Jerusalém! Assim diz o Senhor.’” Então o espírito veio sobre ele e falou, e assim disse o Senhor. 2 Crônicas 24:20: “Então o Espírito de Deus se apossou de Zacarias, filho do sacerdote Joiada. Ele se pôs diante do povo e disse: 'Assim diz Deus.’” Ezequiel 11:5, “Então o Espírito do SENHOR veio sobre mim, e ele me disse para dizer. Assim diz o Senhor”. Então, se você olhar para textos desse tipo, parece bastante claro que há uma conexão entre profetizar e o Espírito de Deus. É pelo Espírito de Deus que se profetiza.

2. O êxtase do Espírito Santo no Profeta Agora 2. é: “O êxtase do Espírito Santo no profeta”. Você volta a esta questão da profecia extática. Existem seis subpontos aqui, e seremos muito breves em cada um deles.

a) Mowinckel diz que espírito e êxtase pertencem um ao outro, mas a. é: “Mowinckel diz que o espírito e o êxtase pertencem um ao outro.” Sigmund Mowinckel foi um estudioso norueguês do Antigo Testamento. Em sua opinião, a atividade do Espírito Santo sempre teve como resultado que a pessoa sobre a qual o Espírito Santo venceu foi levada a uma condição de êxtase. Assim, disse Mowinckel, o espírito e o êxtase pertencem um ao outro. Esse tipo de atividade extática produzida pelo Espírito Santo vindo sobre uma pessoa é encontrado nos primeiros dias de Israel, e também nos profetas do período pós-exílico, no final da história de Israel. Mas não é encontrado em conexão com os grandes profetas escritores do Israel pré-exílico. Então você tem isso no tempo de Samuel, você tem isso em Ezequiel, mas não no tempo de Obadias, Joel, Oséias e Jeremias. Ele argumenta que aqueles grandes profetas escritores do Israel pré-exílico consideravam a posse do Espírito algo indesejável. O que esses grandes profetas escritores dos tempos pré-exílicos expressaram é a posse da palavra, em contraste com a posse do Espírito. A palavra e o Espírito são colocados um contra o outro. Se você olhar a bibliografia, poderá ver onde ele discute tudo isso. Mas ele argumenta que Espírito e êxtase são inseparáveis. Quando o Espírito vem sobre uma pessoa, ele a coloca naquele estado de êxtase, você encontra isso no Israel primitivo e no Israel tardio, mas não nos grandes profetas escritores que enfatizavam mais a palavra de Deus.

b) Às vezes o Espírito Santo produz esse comportamento anormal b. “ Às vezes, o Espírito Santo produz aquele comportamento anormal descrito como profecia.” Acho que quando olhamos para algumas declarações no texto bíblico, é difícil

negar que, às vezes, quando o Espírito Santo desce sobre uma pessoa, o resultado é que essa pessoa exhibe algum tipo de comportamento anormal que é descrito ao profetizar. Vimos exemplos disso - veja o que aconteceu com Saul. O Espírito veio sobre ele e ele profetizou. Ele se deitou e tirou a roupa - esse não é um comportamento normal. Foi produzido pelo Espírito Santo vindo sobre ele, impedindo-o de fazer o que queria fazer, que era capturar Davi. Mas eu queria acrescentar, tendo dito isso, é que os exemplos disso no Antigo Testamento são muito poucos. São incidentes isolados. Em nenhum caso você encontra referências desse tipo de conexão com um escritor de um livro profético. Parece-me que esse tipo de referência, do Espírito vindo sobre pessoas produzindo um comportamento anormal, é a exceção e não a regra.

Algumas dessas passagens que acabamos de ver falam sobre o Espírito Santo vindo sobre certas pessoas e elas profetizaram. Agora a pergunta é, o que eles estão fazendo? Se você voltar para Números 11, onde o Espírito vem sobre os líderes e Eldad e Medad e eles profetizam, o que eles estavam fazendo? Eu não acho que eles estavam agindo como um porta-voz autorizado de Deus dando algum tipo de mensagem de Deus. Parece-me que eles estão exibindo algum tipo de comportamento anormal. Provavelmente deveríamos pensar em algum tipo de louvor entusiástico a Deus. Moisés diz que deseja que todos profetizem. Parece bastante claro na passagem de 1 Samuel 10, onde esta companhia de profetas com seus instrumentos musicais estava descendo do alto e Saul os encontrou e o Espírito o venceu e ele profetizou, que o que eles estavam fazendo envolvia algum tipo de entusiasmo louvando a Deus. Há um texto interessante em 1 Crônicas 25:1: “Davi, juntamente com os comandantes do exército, separou alguns dos filhos de Asafe, Hemã e Jedutum para o ministério da profecia, acompanhados de harpas, liras e címbalos. Aqui está a lista dos homens que realizaram este serviço.” Você tem uma lista de pessoas, e no final do versículo 3, depois que todas as pessoas são nomeadas, diz: “Os quais profetizaram com a harpa, dando graças e louvando ao Senhor”. Novamente você ouve esse tipo de contexto musical, e um contexto onde

parece que houve algum tipo de louvor entusiástico a Deus , e é descrito como uma profecia.

Se você voltar para Êxodo 15, após a libertação do Mar Vermelho, você tem aquela referência a Miriã. Êxodo 15:20: “Então Miriam, a profetisa, irmã de Arão, tomou um pandeiro na mão, e todas as mulheres a seguiram com pandeiros e danças. Miriã cantou para eles: 'Cantai ao Senhor, porque ele é exaltado. Ele lançou ao mar o cavalo e seu cavaleiro.’” Novamente você está em um contexto musical, e Miriã é chamada de profetisa. Então, acho que podemos dizer que às vezes o Espírito Santo produz um comportamento anormal como profetizar. Na maioria dos casos, parece ser algum tipo de louvor entusiástico a Deus. No caso de Saul, 1 Samuel 19, ele foi impedido de fazer o que queria fazer que era capturar Davi. Então, esse comportamento foi anormal? Mas esse tipo de referência nunca é aplicado ao escritor do livro profético ou a qualquer um dos grandes profetas e esse tipo de referência está espalhado e parece ser a exceção, não a regra.

c) Não devemos exagerar mais do que a Bíblia diz Então, acho que isso leva a c.: “Não devemos exagerar mais do que a Bíblia diz”. Quando você conhece a literatura dos principais estudos bíblicos, você encontrará artigo após artigo de estudiosos da Bíblia que usam essas passagens um tanto obscuras para definir a origem e a essência do profetismo em Israel. Esses são os textos que vêm ao centro de todo o movimento e, então, são entendidos como descrevendo esses bandos de indivíduos extasiados que percorriam o país de maneira meio insana. Estes estão relacionados com os profetas de Baal, 1 Reis 18, que vimos, relacionados com a experiência de Wenamon e sua jornada onde aquele jovem foi capturado e deu uma mensagem ao rei de Biblos. Está relacionado com *mahu* dos textos de Mari, com o êxtase do texto de Mari, e todos juntos dizendo que a ascensão do profetismo em Israel vem desse tipo de fenômeno extático conhecido no antigo Oriente Próximo. Parece-me que tirar conclusões desse tipo é ir além do sentido bíblico. Na minha opinião, quando você usa esse tipo de metodologia,

você impõe categorias extraídas de escrituras externas colocadas na Escritura e não deixando a Escritura falar por si mesma sobre o argumento. Portanto, não devemos exagerar nisso além das palavras que a Bíblia diz.

d. Admitir comportamento anormal não significa derivação de práticas pagãs

d. “ Admitir comportamento anormal não significa derivar de práticas pagãs.” Acho que está implícito que no antigo Oriente Próximo em geral havia algum tipo de profetismo extático, mas isso não leva necessariamente à conclusão de que o profetismo em Israel foi derivado desse tipo de fenômeno encontrado nessas outras nações. Portanto, admitir comportamento anormal não significa derivar o profetismo de fontes pagãs.

e) A Bíblia não indica que a vinda do Espírito sobre a pessoa sempre traz

comportamento anormal e. “A Bíblia não indica que a vinda do Espírito sobre a pessoa sempre traz um comportamento anormal.” Na verdade, esses exemplos são vistos como uma exceção e não a regra. Existem muitos outros lugares onde você tem referências do Espírito de Deus equipando uma pessoa com uma certa mensagem que não envolve comportamento anormal. Portanto, são casos excepcionais. Mas acho que está claro que o Espírito Santo desempenha um papel importante na profecia. Os dois devem estar conectados.

f) A alegação de Mowinckel é inválida f. “A afirmação de Mowinckel não é válida.” Sua ideia de que a obra do Espírito Santo estava presente no início de Israel e nos tempos pós-exílicos, mas não com os grandes profetas, acho que não está bem estabelecida. Não acho válido dizer que os grandes profetas quiseram deixar de lado a obra do Espírito Santo e enfatizar mais a palavra do que o seu Espírito. É verdade que há pouca referência nos grandes profetas escritos à obra do Espírito Santo, mas não acho que isso signifique que eles não estavam cientes da obra do Espírito Santo e, em vez disso, queriam enfatizar a palavra e substituir o

Espírito. Certamente a visão bíblica é que os profetas proclamam a palavra por meio da capacitação do Espírito Santo. Só porque eles não explicam ou mencionam isso não significa que não seja o caso. Acho que a diferença é que os grandes profetas escritores enfatizaram a palavra que eles trouxeram, e não o meio pelo qual a palavra veio a eles.

Mas alguns dos profetas do período pré-exílico falam do Espírito. Nós olhamos para Miquéias 3:8, que é o exemplo mais claro: “Mas, quanto a mim, estou cheio de poder, com o Espírito do Senhor, e com justiça e poder, para declarar a Jacó sua transgressão, a Israel seu pecado. .” O que Mowinckel faz com isso? Ele diz que é uma adição posterior ao texto. Então você altera o texto para forçar o texto a se encaixar em uma teoria pré-concebida de que o Espírito não funcionava no tempo dos grandes profetas escritores? Essa é uma ideia infundada.

C. Em que sentido podemos falar de êxtase entre os profetas israelitas?

Vamos para C., “Em que sentido podemos falar de êxtase entre os profetas israelitas?”

1. Sempre houve diferenças de opinião aqui¹. “Sempre houve diferenças de opinião aqui.” Se você voltar até Philo de Alexandria - que era um estudioso judeu que morreu em 42 dC - ele ensinou: "Quando um espírito divino veio sobre uma pessoa, a mente foi expulsa de seu lar porque mortal e imortal não podem compartilhar a mesma mesma casa.” Assim, quando o Espírito Santo vem sobre uma pessoa, “a mente é expulsa de seu lar”. De acordo com Philo, isso é o que acontecia regularmente com os profetas. E a partir dessa época muitos estudiosos argumentam sobre o caráter extático dos profetas do período do Antigo Testamento, de modo que o êxtase pertencia à essência do profetismo. Mas houve outros estudiosos que disseram que os dados das escrituras não levam a esse tipo de conclusão e que não há conexão necessária entre êxtase e profetismo.

2. O êxtase é um conceito muito amplo e coisas muito diferentes podem ser

compreendidas por ele. 2. “O êxtase é um conceito muito amplo e coisas muito diferentes podem ser compreendidas por ele.” Um homem chamado J. Linbolm – que escreveu um livro chamado *Profetismo em Israel*, que está listado em sua bibliografia – ele fez uma distinção entre duas formas de êxtase. Um é o que você chama de “êxtase de absorção” e o outro é “êxtase de concentração”. No êxtase de absorção, ele diz que o profeta se funde com Deus, ele é absorvido na divindade. No êxtase de concentração, ele diz que o profeta se concentra ou se concentra tanto em uma certa ideia ou sentimento que perde a consciência normal. Os sentidos externos tornam-se inoperantes por causa desse foco ou concentração. Linbolm argumentou que o êxtase de absorção é encontrado nas religiões orientais e o propósito do êxtase é perder-se no infinito, ser absorvido na divindade, solto da terra, em sua própria consciência para ser absorvido nessa alteridade, o “todo” Do universo. Agora parece-me, quando você fala sobre esse tipo de êxtase que é bastante estranho ao Antigo Testamento. Se há algo enfatizado no Antigo Testamento é a distância entre Deus e os seres humanos e essa distância é tão grande que não há indicação de que o homem possa ser absorvido pela divindade. Deus estabelece relações com os seres humanos e isso é muito importante. Você vê que em um relacionamento há companheirismo, há comunhão, mas não há fusão. Esse é um conceito bem diferente que não é encontrado em nenhum lugar do Antigo Testamento. Assim, parece-me que se você fala sobre o êxtase de absorção é bastante estranho ao Antigo Testamento.

Êxtase de concentração, você pode encontrar isso em um profeta? Você pode dizer que existem algumas semelhanças formais, mas, em essência, isso é outra dessas explicações psicológicas para a origem do profetismo, dizendo que é algo que surge de dentro, com base na concentração. Parece que o texto bíblico diz que a função do profeta é algo que vem de fora e não de dentro, é o Espírito Santo que traz algo de fora. Não é apenas algo que surge da virtude ou concentração ou qualquer outra coisa de dentro.

3. Certamente nem tudo rotulado como comportamento extático por parte dos profetas canônicos pode ser assim considerado 3. “Certamente nem tudo rotulado como comportamento extático por parte dos profetas canônicos pode ser considerado assim.” Aqueles que dizem que os profetas estavam em êxtase procuram evidências disso em lugares que eu acho que muitas vezes não apóiam as conclusões tiradas. Por exemplo, alguns apontam para atos simbólicos dos profetas como evidência de que os profetas entraram em estado de êxtase.

a) Ez. 4 Uma ilustração está em Ezequiel 4, você lê que Ezequiel vivia de pão, assado com excremento humano. Ele ficou deitado de lado por um longo tempo para retratar o desconforto do cerco; ele raspou o cabelo e a barba para simbolizar o destino de Jerusalém. Veja no versículo 4: “Deite-se então sobre o lado esquerdo e ponha sobre si o pecado da casa de Israel. Você deve carregar o pecado deles pelo número de dias em que estiver deitado de lado. Você vê no versículo 6: “Depois de terminar isso, deite-se novamente, desta vez do seu lado direito, e leve o pecado do povo de Judá”. O versículo 12 diz: “Coma a comida como se fosse um pão de cevada; assá-lo à vista do povo, usando excremento humano como combustível. Versículo 15, “Eu vou deixar você assar seu pão sobre esterco de vaca em vez de excremento humano.” Isso simboliza que as pessoas comeriam comida racionada e beberiam água racionada porque a comida e a água eram muito escassas. Estes foram atos simbólicos que retratam esta mensagem. Ezequiel estava em estado de êxtase enquanto fazia essas coisas? Eu pensaria que não é uma conclusão necessária. Ele simplesmente estava dando uma lição muito visual para as pessoas sobre a mensagem que ele havia recebido. Foi feito em consciência normal? Por que não?

b) Is. 21:3-4

Existem outros argumentos de fortes expressões emocionais. Por exemplo, em Isaías 21:3-4, Isaías diz: “Nisto o meu corpo está atormentado por dores, dores

se apoderam de mim, como as de uma mulher em trabalho de parto; Estou chocado com o que ouço, estou perplexo com o que vejo. Meu coração vacila, o medo me faz tremer; o crepúsculo que tanto desejei tornou-se um horror para mim.” Obviamente, Isaia está profundamente chateado e tão chateado que afeta seu corpo. Qual é a razão para isso? Se você olhar para o contexto, a razão é a visão que Deus lhe deu sobre o julgamento da Babilônia. Este foi um julgamento terrível que estava por vir. Mas não acho que haja necessidade de dizer que o versículo 3 indica que ele estava em estado de êxtase. Você pode ouvir uma mensagem devastadora que o afeta fisicamente. Em Jeremias 23:9, Jeremias diz: “Meu coração está partido dentro de mim; todos os meus ossos tremem. Sou como um homem embriagado, como um homem vencido pelo vinho, por causa do Senhor e de suas santas palavras”. Novamente ele está expressando a impressão que a revelação de Deus causou nele. A revelação ali foi a proclamação do juízo sobre o povo e sobre os líderes do país. Mas não acho que isso seja evidência para dizer que ele estava em estado de êxtase.

c) Amós 3:1 A terceira coisa a que se apela é o estilo de primeira pessoa do discurso profético. Um estudioso fala do que chama de “estilo divino”. Em outras palavras, quando os profetas falam em nome de Deus, muitas vezes falam na primeira pessoa como se fossem o próprio Deus. Olhe para Amós 3 apenas para um exemplo. Amós 3:1 diz: “Ouçam esta palavra que o Senhor falou contra vocês, ó povo de Israel, contra toda a família: eu os tirei do Egito”. Existe a primeira pessoa. Ele está falando por Deus. “A vós só escolhi”, o “eu” é Deus, “de todas as famílias da terra; portanto, vou puni-lo por todos os pecados. Novamente, o “eu” é Deus. Portanto, usar a primeira pessoa na fala é muito comum. Agora, alguns estudiosos dizem que há indícios de que os profetas estão falando em êxtase porque se identificam com Deus. Não acho que seja uma conclusão necessária. Existem muitos exemplos de mensageiros que dão uma mensagem na primeira pessoa, o que não significa que estejam em estado de êxtase. Significa

simplesmente que eles estão representando a autoridade pela qual estão falando.

d) 2 Kgs. 18:28-31 Se você for para 2 Reis 18:28-31, este é o momento em que Senaqueribe ameaça Jerusalém na época de Ezequias e você lê no versículo 28: “Então o comandante se levantou e gritou em hebraico: 'Ouçam o palavra do grande rei, o rei da Assíria! Assim diz o rei: [Senaqueribe,] Não deixem que Ezequias os engane. Ele não pode livrar você da minha mão. Não deixe que Ezequias os convença a confiar no Senhor quando ele diz: 'O Senhor certamente nos livrará; esta cidade não será entregue nas mãos do rei da Assíria. Não dê ouvidos a Ezequias. Assim diz o Rei da Assíria: Faça as pazes comigo.'” Observe que é o mensageiro falando aqui, não Senaqueribe. O mensageiro de Senaqueribe usa a primeira pessoa, “faça as pazes comigo e saia para mim. Então cada um comerá da sua própria videira e da sua figueira e beberá da sua própria cisterna, até que eu venha e os leve para uma terra semelhante à sua”. Esse é o mesmo estilo que os profetas usam quando falam em nome do Senhor. Assim, um estilo de primeira pessoa de um discurso profético é simplesmente um estilo no qual o mensageiro deixa claro que não são suas próprias palavras, mas a pessoa que o enviou. Isso não significa que ele está em estado de êxtase para fazer isso.

Vejo que meu tempo acabou, vou dar mais uma ilustração desse tipo na próxima vez para o ponto 3. “Certamente nem tudo rotulado como comportamento extático por parte dos profetas canônicos pode ser considerado como tal”.

Transcrição de Eric Wolak
Edição inicial por Ted Hildebrandt
Edição principal por Katherine Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy: Fundamentos da Profecia, Aula 7

Na semana passada, estávamos sob o numeral romano IV., “Os caminhos e meios da revelação de Deus aos profetas”, no ponto C., “Em que sentido podemos falar de êxtase entre os profetas de Israel?” Em muitos dos principais estudos bíblicos, muito se fala sobre esses fenômenos extáticos que existiam no mundo antigo nas nações ao redor de Israel. Foi dada a teoria de que os fenômenos extáticos eram a fonte do profetismo em Israel, e que Israel foi exposto a isso e que você pode encontrar fenômenos semelhantes entre os profetas de Israel. Em C. estávamos no ponto 3., “Certamente nem tudo rotulado como comportamento extático por parte dos profetas canônicos pode ser considerado como tal”. Aqueles que procuram evidências de fenômenos extáticos entre os profetas de Israel apontaram várias coisas nos livros proféticos que não estavam necessariamente nos livros proféticos, mas em livros históricos onde os fenômenos proféticos ocorreram ou foram mencionados. Mencionei da última vez que você deve ter cuidado com o exagero ao falar sobre êxtase entre os profetas de Israel, e muitas vezes a evidência utilizada não é realmente convincente - coisas como atos simbólicos, fortes expressões emocionais, como vimos em Isaías 21:3 e Jeremias 23:9. Em seguida, o 'eu', ou estilo de fala em primeira pessoa, onde os profetas falam como se fossem o próprio Deus, falando na primeira pessoa. Eu mencionei que é simplesmente um estilo pelo qual fica claro que o mensageiro não está realmente dando sua própria palavra, mas a palavra de alguém que o enviou. Vimos 2 Reis 18:29, onde um mensageiro traz a palavra de Senaqueribe, rei da Assíria, a Ezequias - e ele fala na primeira pessoa por Senaqueribe. Então, novamente, aquele mensageiro certamente não estava em êxtase, e o discurso em primeira pessoa não dá nenhuma base para concluir que um profeta que o usa deve estar em estado de êxtase.

O último ponto que não abordei sob esse título no número 3 é: “A rotulagem dos profetas como loucos”. 2 Reis 9:11 às vezes é referido nesse

contexto. Lá você tem um membro das companhias de profetas: “Quando Jeú saiu para seus companheiros oficiais, um deles perguntou-lhe: 'Está tudo bem? Por que esse louco veio até você?’” Agora, esse era o mensageiro que Eliseu havia enviado para ungir Jeú como rei, e um dos oficiais de Jeú então fala desse indivíduo e o rotula de “louco”. Alguns veem nessa evidência que esses profetas eram vistos como loucos e a razão para isso é que eles eram caracterizados por um comportamento extático. A parte extática disso certamente não está clara aí. É uma observação feita por alguém zombando desse indivíduo que veio a Jeú.

Se você olhar para Jeremias 29:26, você tem uma referência semelhante. Em Jeremias 29:25 você tem as palavras de um falso profeta na Babilônia. Jeremias escreve: “Diga a Semaías que assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel: Você enviou cartas em seu próprio nome a todo o povo de Jerusalém, a Sofonias, filho do sacerdote Maaséias, e a todos os outros sacerdotes. Tu disseste a Sofonias: 'O Senhor te constituiu sacerdote em lugar de Joiada, para administrar a casa do Senhor; você deve colocar qualquer louco que age como um profeta no tronco e grilhões. Então, por que você não repreendeu Jeremias de Anatote, que se apresenta como um profeta entre vocês?’” Agora, o “louco” há uma referência a Jeremias como um louco, mas ele é caracterizado como um louco por um falso profeta. Acho que isso não diz nada sobre estar em êxtase. É apenas alguém que quer desacreditar Jeremias por causa de sua mensagem. Então ele é chamado de louco.

É interessante se você for ao Novo Testamento, em João 10:20, “A estas palavras [de Jesus] os judeus ficaram novamente divididos. Muitos deles disseram: 'Ele está possuído por demônios e enlouquecido. Por que ouvi-lo?’” Por que Jesus foi chamado de louco? Não porque ele estava em êxtase, é por causa de sua mensagem. Você obtém o mesmo em Jeremias com este falso profeta. Não tem nada a ver com êxtase, mas tem tudo a ver com a mensagem. Há outro texto no Novo Testamento em Atos 26:24 onde Paulo está diante de Agripa e Festo e testemunha de sua fé. Você lê: “Nesse ponto, Festo interrompeu a defesa de Paulo.

— Você está louco, Paul! ele gritou. 'Seu grande aprendizado está deixando você louco. Mas a isso Paulo respondeu: 'Eu não sou o insano Festo. O que estou dizendo é verdadeiro e razoável.'" O que ele disse? Bem, se você voltar ao versículo 22, "Eu tive a ajuda de Deus até hoje e por isso estou aqui e testifico. Não digo nada além do que os profetas e Moisés disseram que aconteceria, que o Cristo sofreria e, como o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, proclamaria a vida para o seu povo e para os gentios". Festus diz: "Você está louco." Isso não tem nada a ver com estar em uma condição extática. Assim, rotular os profetas como "loucos" tem sido usado por alguns como argumento para considerá-los extáticos, mas não é um argumento forte.

Vamos passar para 4. sob C., que é: "A forma de comportamento extático mais frequentemente exibida entre os profetas de Israel é a da experiência visionária, não o comportamento selvagem anormal". Se você vai dizer que há algo no texto bíblico que aponta na direção de fenômenos extáticos entre os profetas de Israel, o que você vai encontrar é a situação visionária, não um comportamento selvagem, anormal ou errático. A visão era um meio de revelação divina que vinha aos profetas com bastante frequência. Parece desempenhar um papel maior com alguns profetas do que com outros. Você o encontra com bastante frequência com Ezequiel, por exemplo. Toda a segunda parte de seu livro é essa visão de um futuro templo e muitas coisas relacionadas a isso. Você encontra muito pouco em Jeremias. Você encontra em Isaías uma dispersão de situações visionárias. Portanto, difere de profeta para profeta. Mas o meio visionário de comunicar a palavra de Deus através do profeta ao seu povo é algo muito comum. Agora, toda essa coisa visionária recebe bastante atenção se você olhar para a literatura convencional. Alguns dizem que é simplesmente um dispositivo literário e não há nenhuma realidade histórica real nisso; esta é apenas a maneira como o escritor caracterizou a percepção da revelação divina. Outros vão na direção psicológica e dizem que são realmente alucinações que saem da psique dos próprios profetas. Se você seguir qualquer uma dessas direções, estará

negando a revelação divina por meios visionários. Parece que o texto bíblico está nos dizendo é que Deus usou a visão para comunicar sua mensagem aos profetas.

Bem, o que é uma visão? É uma coisa difícil de descrever, não sei se algum de vocês teve uma visão. Eu nunca tenho. Alguns dizem que uma visão é para alguém em estado desperto, o que é um sonho quando estamos dormindo. Estamos familiarizados com o sonho. Os sonhos podem ser muito reais - às vezes reais demais. Mas uma visão é alguém em estado desperto onde é transposto para outra realidade. Ele vê coisas, ele ouve coisas. É exatamente como se ele estivesse lá. Em Isaías 6, Isaías vê aquela visão de Deus alto e exaltado no templo com os serafins, e os serafins pegam a tigela do altar. Isaiah não perdeu a consciência porque há comunicação de um lado para o outro. Ele não perdeu a consciência normal, mas vê outra realidade. Agostinho disse que não temos uma perda de consciência, mas um desprendimento da consciência dos sentidos corporais, de modo que o que “Deus queria que fosse mostrado pudesse ser mostrado. Os profetas se sentem em outro mundo espiritual, no qual ouvem vozes e veem imagens”. Essa parece ser uma boa descrição do que encontramos naquele dia. Se você estivesse ao lado de um desses profetas, não teria visto ou ouvido nada - pelo menos é assim que eu perceberia. Mas *eles* o fizeram e Deus se comunicou com eles dessa maneira.

Agora, voltando a essa coisa de êxtase com os profetas de Israel, acho que é permitido denominar essa forma visionária de revelação divina como “êxtase”. Há alguma base bíblica para isso. Por exemplo, Atos 10:10, onde você tem esta descrição de Pedro tendo esta visão de um lençol descendo do céu sobre o qual estão animais puros e impuros. Você leu: “Ele ficou com fome e queria algo para comer e, enquanto a refeição estava sendo preparada, ele caiu em transe”. Se você olhar o texto grego lá, “transe” é a tradução em inglês da palavra *êxtase* no grego. Então ele estava em *êxtase*. “Ele viu o céu aberto, algo como um grande lençol sendo baixado para a terra, abaixado pelas quatro pontas até o chão.” Essa experiência visionária de Pedro é descrita pela palavra *êxtase*.

Em Atos 22:17, temos a mesma coisa com Paulo onde ele teve uma visão. E lemos: “Quando voltei a Jerusalém e estava orando no templo, caí em transe”. Isso é *êxtase* novamente. “E eu vi,” observe a linguagem ali é exatamente como o profeta, “eu vi o Senhor falando. 'Rápido', ele me disse, 'deixe Jerusalém imediatamente, porque eles não aceitarão o seu testemunho sobre mim.’” Isso parece muito semelhante ao que encontramos na experiência visionária do Antigo Testamento. Portanto, parece-me que podemos chamar esse meio visionário de recepção da revelação divina de “êxtase visionário”. Se há algo no Antigo Testamento que fala através de fenômenos extáticos entre os profetas judeus, parece-me que é como uma experiência visionária, não um comportamento selvagem ou errático.

Vamos então para o numeral romano V, que é: “A pregação dos profetas”. Eu só quero fazer algumas observações bastante gerais sobre isso. Veremos algumas características formais e depois algumas características do conteúdo, mas tudo isso é bastante geral. Sob A., “Observações gerais”, 1., “Os profetas foram, antes de tudo, proclamadores da Palavra de Deus”. Os profetas receberam revelação divina, sim, mas não receberam revelação divina para guardá-la para si. Eles o receberam para anunciá-lo a outras pessoas. Eles fizeram isso principalmente pela pregação. Assim, os profetas em grande parte eram pregadores. Agora, parte do material pode ter sido escrito e representado em forma escrita, mas na maior parte você encontrará os profetas saindo em fóruns públicos e pregando e dando a mensagem de Deus a seus contemporâneos, seja para um rei ou para as pessoas em geral. Os livros proféticos são, em grande parte, um registro escrito de sua proclamação oral. Voltaremos a isso sob o numeral romano VIII., “A composição dos livros proféticos — foram os escritores proféticos?” Falaremos um pouco mais sobre essa questão. Mas os livros canônicos são em grande parte um registro escrito de sua proclamação oral. A ideia de que eles entregaram suas mensagens em algum tipo de estado de êxtase carece de evidências. Eles deram sua mensagem em linguagem compreensível e, pela

indicação do texto, eles a disseram de uma maneira muito sóbria e normal de falar ou pregar. O fato de serem considerados estranhos pelos outros, às vezes por causa de seus atos simbólicos, às vezes por causa de suas expressões emocionais ou o que quer que seja, não é evidência suficiente para dizer que estavam em êxtase. Mas eles eram proclamadores da Palavra de Deus em primeiro lugar.

2. “A mensagem dos profetas foi uma proclamação fiel da revelação de Deus”. Mas, e aqui cabe uma ressalva, não excluindo um elemento pessoal na forma de sua apresentação. Então, qual é a relação entre a revelação e a proclamação? Quando você faz essa pergunta, é muito importante não colocar tensão ou divisão entre a revelação e a proclamação. Em outras palavras, a pregação dos profetas era uma representação fiel do que Deus lhes revelava.

No entanto, e é aqui que surge a qualificação do ponto 2 da sua apostila, o elemento pessoal do profeta individual é empregado na representação da mensagem. Em outras palavras, se você olhar para as mensagens de Isaías, Jeremias, Amós, Ezequiel e comparar a forma da proclamação, verá que há diferenças de linguagem, estilo, escolha de palavras, traços de personalidade, formação pessoal, agricultura versus a sacerdócio. Está claro na mensagem, digamos de Jeremias, que ele era uma pessoa muito diferente de Amós. Jeremias é obviamente um homem muito sensível, e isso transparece nas mensagens que ele dá. Em Isaías você vê pouco ou nada da personalidade interior de Isaías. Então você vê diferenças na linguagem e no estilo das mensagens dos vários profetas que estão relacionados às personalidades dos profetas.

Agora, quando você vê isso, acho que há um mistério aqui e esse é o mistério de como Deus assume e emprega as características pessoais, traços, antecedentes e as diferentes maneiras de afetar um indivíduo, e usa isso na proclamação de sua palavra. Você obtém esse entrelaçamento do divino e do humano na proclamação da palavra de Deus. Portanto, é a palavra do homem, mas ao mesmo tempo é a palavra de Deus. Onde quer que você consiga esse tipo de interseção do divino e do humano, você chega a um mistério. Não podemos

explicar completamente como isso funciona ou como funciona. Você tem isso na inspiração da Escritura que é realmente a mesma coisa que a inspiração dos profetas porque a Escritura é a palavra de Deus, o escritor da Escritura está proclamando a palavra de Deus, mas sua própria personalidade aparece na escrita . Acho que Vos discute bem esse ponto. Página sete de suas citações de um ensaio que ele escreveu chamado “A ideia de teologia e ciências bíblicas como uma disciplina teológica”. Observe o que ele diz, página sete. Ele diz: “Pois, tendo Deus escolhido revelar a verdade por meio de instrumentos humanos, segue-se que esses instrumentos devem ser numerosos e de variadas adaptações para o fim comum. A coloração individual, portanto, e uma maneira peculiar de representação não apenas não são prejudiciais a uma declaração completa da verdade, mas diretamente subservientes a ela. O método de revelação de Deus inclui a própria formação e cinzelamento de individualidades para seus próprios fins objetivos. Concretamente: não devemos conceber isso como se Deus encontrasse Paulo, por assim dizer, "pronto", e usando Paulo como órgão de revelação, tivesse que tolerar o fato de que a mente dialética de Paulo refletia a verdade de forma dialética, dogmática em detrimento da verdade. Os fatos são estes: a verdade, tendo inerentemente, além de outros aspectos, um lado dialético e dogmático, e Deus pretendendo dar a este lado plena expressão, escolheu Paulo desde o ventre, moldou seu caráter e deu-lhe tal treinamento que a verdade revelada através dele necessariamente trazia a impressão dogmática e dialética de sua mente”. E então há a próxima seção: “A objetividade divina e a individualidade humana aqui não colidem nem se excluem, porque o homem Paulo, com todo o seu caráter, seus dons e seu treinamento, está incluído no plano divino”. Em outras palavras, Deus preparou com antecedência exatamente o tipo de pessoa e mente que ele queria para transmitir alguma mensagem particular por meio dele. E no caso de Paulo, sua mente dialética e lógica pode produzir sentenças lógicas em alguns de seus escritos. Bem, é o propósito de Deus que sua palavra seja colocada naquele tipo de forma que ele preparou o indivíduo para

fazer. “O humano é apenas o vidro através do qual a luz divina é refletida, e todos os lados e ângulos nos quais este vidro foi cortado não servem a outro propósito senão distribuir-nos a verdade em todas as riquezas de suas cores prismáticas.” Agora, isso é freqüentemente chamado de “a visão orgânica da inspiração”, onde esta pessoa humana é incluída neste processo e utilizada ou empregada por Deus na formulação da mensagem.

Alguns de vocês provavelmente estão familiarizados com o teólogo da Holanda, GC Berkouwer. Ele escreveu as teorias e volumes chamados *Studies of Dogmatics*, que ele estava escrevendo na época em que estudei na Holanda na década de 1960. Ele é um estudioso muito bom. Ele diz algumas coisas interessantes sobre esta questão e como sua visão das Escrituras mudou ao longo do tempo. Alguns falaram de um Berkouwer inicial e de um Berkouwer posterior, mas o Berkouwer inicial falou dessa questão dessa maneira. Ele disse: “Onde você coloca o mistério?” E se você perguntar ao antigo Berkouwer a pergunta: “Como uma palavra pode ser tanto a palavra de Deus quanto a palavra do homem?” Berkouwer diz que o mistério está na natureza da operação entre o espírito de Deus e a consciência humana, a interseção do divino e do humano de modo que a personalidade humana seja incorporada à proclamação da palavra de Deus. Aí está o mistério. Como isso realmente funciona? Acho que é aí que o mistério deve ser colocado e deixá-lo aí. Se você olhar para todos os detalhes das Escrituras, “porei minhas palavras em sua boca”, faça parecer que a proclamação está na personalidade humana. O resultado é que a Escritura permanece a palavra inerrante de Deus, apesar de sua mediação humana. Porque é a palavra de Deus e continua sendo a palavra inerrante de Deus.

O último Berkouwer responde a essa pergunta novamente – “Como pode a palavra humana ser ao mesmo tempo a palavra de Deus?” – mas coloca o mistério em um ponto diferente. No último Berkouwer, a questão é: como pode a palavra humana – que, por ser humana é necessariamente errônea – como pode uma palavra humana e, portanto, uma palavra errante, ser ao mesmo tempo a palavra de

Deus? No último Berkouwer, o mistério é como é possível que uma palavra humana falível seja ao mesmo tempo a palavra de Deus e transmita a verdade divina. Agora pode soar como se eu estivesse reclamando. Mas o último Berkouwer diria, a Escritura não é inerrante, mas é a palavra de Deus. Ser isso levanta uma série de problemas. Começamos tentando descobrir qual palavra é melhor dizendo qual é confiável e qual não é. Portanto, é uma questão importante, mas parece bastante claro quando você olha para os escritos proféticos que existem personalidades diferentes. A forma como a mensagem é formulada reflete isso, mas continua sendo a palavra de Deus.

Vamos para B., “Algumas características formais da proclamação profética”. E 1. é: “As mensagens são diretas e vivas – não abstratas e secas”. Quando você lê os livros proféticos, descobre que os profetas vieram e falaram de maneira vívida, vigorosa e poderosa para seu público. Não são palestras abstratas, secas, teóricas e formais. Deixe-me dar apenas algumas ilustrações: Jeremias 7 é um bom capítulo para ilustrar isso. Isso é freqüentemente chamado *de Sermão do Templo de Jeremias*. Você olha para o contexto de Jeremias 7 no primeiro versículo: “Esta é a palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor: 'Põe-te à porta da casa do Senhor e proclama ali esta mensagem.'” O Senhor diz a Jeremias para sair e procurá-lo no portão do templo e dar esta mensagem: “Ouçam a palavra do Senhor, todos vocês, povo de Judá, que entram por estes portões para adorar o Senhor. Assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel: Corrija seus caminhos e suas ações, e eu o deixarei viver neste lugar. Não confie em palavras enganosas e diga: 'Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor!' Se vocês realmente mudarem seus caminhos e suas ações e se tratarem com justiça, se não oprimirem o estrangeiro, o órfão ou a viúva e não derramarem sangue inocente neste lugar, e se não seguirem outros deuses para o seu próprio dano, então eu vou deixar você viver neste lugar, na terra que dei a seus antepassados para todo o sempre. Mas veja, você está confiando em palavras enganosas que não valem nada. Você roubará e matará, cometerá adultério e

perjúrio, queimará incenso a Baal e seguirá outros deuses que você não conhece, e então virá e se colocará diante de mim nesta casa, que leva meu nome, e dirá: 'Estamos seguros - seguros para fazer todas essas coisas detestáveis?' Esta casa, que leva o meu nome, tornou-se um covil de ladrões para vocês? Mas eu tenho observado!' declara o Senhor. Vá agora para o lugar em Siló onde primeiro construí uma morada para o meu nome e veja o que fiz a ele por causa da maldade do meu povo Israel. Foi o que aconteceu com a cidade de Samuel e eles destruíram seu tabernáculo. “ Enquanto você fazia todas essas coisas, declara o Senhor, falei com você várias vezes, mas você não ouviu; Eu te chamei, mas você não atendeu. Portanto, o que fiz a Shiloh, agora farei com a casa que leva meu nome, o templo em que você confiou, o lugar que dei a você e a seus ancestrais, expulsarei você da minha presença, assim como fiz com todos os seus companheiros israelitas, o povo de Efraim”. Então aqui está ele parado nos portões do templo dizendo: “Este templo vai ser destruído.” O templo é o que os israelitas se gloriavam. Esta era a morada de Deus no meio deles. Eles passaram por todos esses rituais, mas suas vidas contavam uma história diferente. Eles estavam, como se diz, queimando incenso para Baal, seguindo outros deuses. Agora, essa é uma mensagem poderosa, e é característico dos profetas dar mensagens de maneira enérgica como essa - não palestras abstratas e secas.

Poderíamos ver vários outros exemplos, mas não vou perder tempo fazendo isso. Esta é a linguagem de Joel 2, onde há uma descrição de uma praga de gafanhotos. É realmente descritivo e uma passagem muito bonita. Mas é uma passagem de julgamento vindouro. Os gafanhotos eram símbolos do julgamento vindouro do mundo. Olhe para Naum com a descrição do julgamento vindo sobre Nínive, a capital da Assíria. Portanto, as mensagens são diretas e não abstratas e secas.

2. é: “Os profetas frequentemente utilizavam um jogo de palavras para transmitir um ponto de vista”. Há muito mais sobre isso nos livros proféticos do que você provavelmente saberia se apenas olhasse os textos em inglês, porque

jogos de palavras são uma das coisas mais difíceis com as quais você pode lidar se estiver tentando traduzir de um idioma para outro. E transferir o jogo de palavras para a língua receptora é muitas vezes impossível.

Deixe-me dar-lhe um par de ilustrações. Isto é Isaías 5:7, que se você olhar para o hebraico ali, você tem: “E ele esperou por justiça, mas viu derramamento de sangue.” Você vê o jogo de palavras com *mishpat* e *mispok*, são quase idênticos em som, mas como você transporta isso para uma tradução? Mas então a segunda frase lá, ele procurou justiça, *lesedeqah*, mas eis um grito um grito de angústia, *sadaq*. Você tem dois deles nesse versículo. Um jogo de palavras como esse é uma maneira muito eficaz de chamar a atenção para o ponto que está sendo apresentado. Portanto, aumenta a força e a eficácia da declaração, mas é difícil capturá-la na tradução.

Veja Isaías 7:9 na NVI: “Se você não permanecer firme em sua fé, não permanecerá de forma alguma”. Lá eles captaram algo do jogo de palavras que ouvimos lá. 'amém' significa “confirmar” ou “apoiar” no que diz respeito ao seu significado básico. No radical Hiphil, significa “confiança” ou “crença”. No radical Niphal significa “confirmar” ou “estabelecer”. Então você tem uma diferença entre o Hiphil e o Niphal e você tem a ideia de crer estabelecida. Mas você não consegue a semelhança no som que você consegue quando lê em hebraico.

Vou te dar outro exemplo. Este é um problema textual que é uma combinação de jogo de palavras junto com uma questão textual. Se você olhar para Jeremias 23:33 - seguindo realmente a Septuaginta e a Vulgata, que eu acho que são preferíveis aqui - do Texto Massorético. Voltarei ao texto da Septuaginta em um minuto. Mas a tradução, se você seguir o Texto Massorético, seria: “Quando uma dessas pessoas ou um profeta ou sacerdote perguntar a você: 'Qual é o fardo do Senhor?' Então você deve dizer a eles, 'Você é o fardo.' 'E eu te rejeitarei', diz o governante.” Agora há um jogo de palavras lá e o jogo de palavras é com a palavra *massa*, você vê a última palavra na linha hebraica. Se você olhar

lá no começo tem a palavra *massa* . Qual é o fardo do Senhor? *Massa* é uma palavra que tem duplo sentido. Pode significar “fardo” ou pode significar “oráculo”. Então, quando uma das pessoas, profetas ou sacerdotes diz a você, qual é o fardo do Senhor? Qual é o oráculo ou mensagem do Senhor? Então você deve dizer a eles, você é o fardo do Senhor. Não no sentido de uma mensagem, mas no sentido de um peso nas costas. Veja, há um jogo com o duplo significado da palavra *massa* . Acho que é assim que o texto deve ser lido. Esse é o texto hebraico pressuposto pela Septuaginta. Qual é o fardo do Senhor? Você é o fardo. Se você olhasse para o NIV e o King James, “Qual é o fardo do Senhor? Tu dirás sob eles, que fardo?” É assim que o Texto Massorético reza. “Qual é o fardo do Senhor? Nós diremos a eles. Que fardo?” Agora você vê o que aconteceu aqui? A questão é onde você divide entre as palavras? Você divide depois do *taw* e coloca o *mem* com o interrogativo *he* ou divide depois do *he*? Parece-me que a Septuaginta manteve o jogo de palavras muito melhor. Dizer que “que fardo” não se encaixa tão bem quanto “você é o fardo”.

Deixe-me dar outro exemplo desse jogo de palavras. Jeremias 1:11 diz: “A palavra do Senhor veio a mim: 'O que você vê, Jeremias?' 'Vejo o galho de uma amendoeira', respondi. A amendoeira é *sacudida* . "Vejo o ramo da **amendoeira** . O Senhor me disse: 'Você viu bem, pois estou **vigiando** para que minha palavra se cumpra.'" Vigiar é *shoqed* .

Então nós temos *shaqed* e *shoqed*. Não conseguimos entender isso na tradução, mas é um jogo de palavras. *Shoqed* é um verbo que significa “vigiar” ou “esperar” e *shaqed* [amendoeira] é derivado dessa raiz. É chamada assim por causa de seu despertar precoce do sono de inverno, é uma árvore que floresce cedo. Mas, no que diz respeito à etimologia, você obtém o jogo de palavras *shaqed/shoqed* e isso é algo bastante comum no discurso profético.

Em terceiro lugar, é simplesmente uma técnica literária, uma maneira ou meio de mostrar o que você está fazendo de uma maneira mais eficaz e contundente. Não sou bom nesse tipo de coisa; há escritores e há oradores que têm

a habilidade inteligente de fazer isso. É uma maneira enérgica de falar se você puder fazer isso direito. Esse é o meu próximo ponto, muitos dos profetas escreveram em forma poética e a linguagem poética geralmente tende a jogar com uma palavra. Havia um filósofo na Universidade Livre de Amsterdã, onde fiz meu doutorado, que falava em jogos de palavras o tempo todo para apresentar pontos filosóficos. Ele fez isso como uma coisa natural.

3. é: “Os profetas costumam utilizar a expressão poética”. Grandes seções dos livros proféticos estão em poesia hebraica. Você pode ver isso simplesmente abrindo em Isaías, ou se eu abrir nesta página, você pode ver que a composição indica quando é prosa. Mas quando você lê Isaías, você vê que a maior parte do livro está em forma poética. Em algumas das traduções mais antigas que não apareciam na composição, você não saberia, ao ler essas traduções, se estava lendo poesia ou prosa. As traduções mais recentes indicam que, a propósito, é digitado linha por linha, e não em parágrafos como a prosa.

A poesia hebraica é caracterizada por paralelismos. Essas linhas paralelas podem ser paralelismo sinônimo, paralelismo antitético ou paralelismo sintético. Esses são os três tipos principais. Em sinônimos, você obtém duas linhas que dizem praticamente a mesma coisa com palavras diferentes. Em antitético, você obtém duas linhas onde a primeira diz uma coisa e a segunda diz o oposto. No sintético, às vezes há um edifício junto entre os dois. As linhas entre eles às vezes são difíceis de traçar, mas é claro que a poesia hebraica é construída em linhas paralelas.

Olhe para Isaías 2:2, "Nos últimos dias, o monte do templo do Senhor será estabelecido", e então a frase paralela, que realmente se baseia nele, "como principal entre os montes". E então a próxima frase, "Será elevado acima das colinas", e o paralelo, "todas as nações acorrerão a ele." "Muitos povos virão e dirão, subamos ao monte do Senhor. " E a frase paralela, "para a casa do Deus de Jacó." "Ele nos ensinará seus caminhos", frase paralela, "para que possamos andar em seus caminhos." "A lei sairá de Sião", paralelo frase, “a palavra do SENHOR

de Jerusalém.” Veja, continua assim. Isso é característico de grande parte do discurso profético.

Em quarto lugar, todos os profetas tendem a usar imagens ou linguagem figurativa. Agora, como já foi apontado, a linguagem imagética, figurativa é muitas vezes característica da expressão poética. Veja Isaías 28. Nos primeiros quatro versículos, Isaías diz: “Ai daquela coroa de flores, o orgulho dos bêbados de Efraim, da flor murcha, sua gloriosa formosura, colocada no topo de um vale fértil - daquela cidade, o orgulho daqueles abatidos pelo vinho! Veja, o Senhor tem alguém que é poderoso e forte. Como chuva de granizo e vento destruidor, como chuva forte e aguaceiro, ele o lançará com força ao solo. Essa coroa, o orgulho dos bêbados de Efraim, será pisoteada. Aquela flor murcha, sua beleza gloriosa, colocada no topo de um vale fértil, será como um figo maduro antes da colheita - assim que alguém o vê e o pega em sua mão, ele o engole. Agora, do que isso está falando? O que é esta coroa de flores que é o orgulho dos bêbados de Efraim que será lançada ao chão por meio desta chuva de granizo de destruição? Essa é a linguagem figurada, descrevendo Samaria, a capital do Reino do Norte. Samaria é a coroa de flores, o orgulho dos bêbados de Efraim; “Situado no topo de um vale fértil, para a cidade, o orgulho dos que foram abatidos pelo vinho. Veja o Senhor é aquele que é poderoso e forte. Como saraiva e vento destruidor, como forte chuva e aguaceiro” – essa é a Assíria que vai entrar e destruir Samaria. A Assíria é a chuva de granizo da destruição. Samaria será pisoteada. Agora a linguagem figurativa ali é bastante clara, às vezes é mais difícil entender exatamente o que a figura representa. Às vezes é difícil saber se uma passagem deve ser interpretada figurativamente ou literalmente. Temos que resolver isso e olhar para as razões pelas quais talvez você o leia literalmente e talvez você o leia figurativamente. Isso pode ser muito complexo.

Outro exemplo claro de figura é Isaías 5, “A Canção da Vinha”, onde você lê: “Cantarei para aquele que amo uma canção sobre sua vinha: Meu amado tinha uma vinha em uma colina fértil. Ele o desenterrou, limpou as pedras e plantou as

melhores vinhas. Ele construiu nela uma torre de vigia e também construiu um lagar. Então ele procurou uma safra de boas uvas, mas ela produziu apenas frutos ruins. Agora vocês, moradores de Jerusalém e homens de Judá, julguem entre mim e minha vinha. O que mais poderia ter sido feito por minha vinha do que eu fiz por ela? Quando eu procurava uvas boas, por que elas produziam apenas uvas ruins? Agora direi a vocês o que vou fazer com a minha vinha: tirarei sua cerca viva e ela será destruída; derrubarei a sua muralha, e ela será pisada. Farei dela uma terra deserta, nem podada nem cultivada, e crescerão abrolhos e espinhos. Darei ordens às nuvens para que não chovam sobre ela." E então você obtém uma explicação. Do que se trata essa figura? É uma figura estendida, quase uma alegoria. Sim, no versículo 7, "A vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são o jardim das suas delícias". E então você pega aquele versículo que vimos anteriormente, tem aquele jogo de palavras: "E ele procurou por **justiça** [Mishpat], mas viu **derramamento de sangue** [Mishpoh]; por **justiça** [sadaqah], mas ouvi gritos de **angústia** [sa'aqah]." Portanto, há muitas imagens e linguagem figurada no discurso profético.

Deixe-me dar a você outro estendido, e esse é Ezequiel 27, onde você tem uma descrição da cidade de Tiro, que era uma cidade comercial. É retratado em Ezequiel 27 como um navio mercante no mar. Então você lê no primeiro versículo: "A palavra do SENHOR veio a mim: 'Filho do homem, levante um lamento a respeito de Tiro. Diga a Tiro, situada na entrada do mar, comerciante de povos em muitas costas: "Assim diz o Soberano Senhor: Tu dizes, ó Tiro, sou perfeita em beleza. Seu domínio estava em alto mar; seus construtores trouxeram sua beleza à perfeição. Fizeram toda a sua madeira de pinheiros de Senir; eles pegaram um cedro do Líbano para fazer um mastro para você.'" Então aqui está esta foto desta cidade na forma de um navio. "De carvalhos de Basã fizeram os teus remos; de madeira de cipreste das costas de Chipre fizeram o seu deck, incrustado de marfim. Linho fino bordado do Egito era sua vela e servia como seu estandarte; seus toldos eram de azul e púrpura das costas de Elisá.'" Agora vou

pular para o versículo 26. “Seus remadores os levam para o alto mar. Mas o vento leste vai quebrar você em pedaços no coração do mar. Suas riquezas, mercadorias e mercadorias, seus marinheiros, marinheiros e construtores navais, seus mercadores e todos os seus soldados, e todos os outros a bordo afundarão no coração do mar no dia do seu naufrágio. As terras costeiras tremerão quando seus marinheiros gritarem. Todos os que manejam os remos abandonarão seus navios; os marinheiros e todos os marinheiros ficarão na praia. Eles levantarão a voz e chorarão amargamente por você; eles espargirão pó sobre suas cabeças e rolarão em cinzas.” O versículo 32 continua: “Enquanto eles se lamentam e se lamentam sobre você, eles levantarão um lamento a seu respeito: "Quem foi silenciado como Tiro, cercada pelo mar? " Quando a tua mercadoria saía pelos mares, fartaste a muitas nações; com sua grande riqueza. Agora você está despedaçado pelo mar nas profundezas das águas.” Então, o julgamento virá sobre a cidade de Tiro. São fotos; esta imagem é poética e figurativa de um navio mercante. Essas são algumas características formais da escrita poética.

Vamos ao C., “Algumas características do conteúdo dos escritos proféticos”

Eu tenho dois sub-pontos aqui. Um, “Os profetas não trazem uma nova religião ou moralidade”.

Portanto, primeiro, algo que considero importante — principalmente nos pontos de vista defendidos por muitos de que os profetas são os grandes inovadores religiosos em Israel — você precisa entender desde o início; os profetas não iniciaram uma nova religião ou a praticaram. A mensagem profética não se distingue por novos conceitos religiosos. A ênfase principal dos profetas é chamar o povo de Deus de volta à salvação e de volta ao que Deus revelou anteriormente. Eles chamaram Israel de volta às suas obrigações como o povo da aliança de Deus, a aliança que foi estabelecida no Monte Sinai sob a liderança de Moisés. Essa aliança foi fundamental para o que Israel deveria ser como um povo. Então você descobrirá que os profetas, em grande parte, estão chamando Israel para ser fiel a

essa aliança. Isso não é inovação, é mais reforma. No entanto, você obtém algum aprofundamento e desenvolvimento adicional de conceitos teológicos previamente revelados, certamente o progresso da história redentora fica mais claro quando os profetas começam a falar a palavra de Deus no futuro de onde e quando Deus pretende ir com Seus propósitos redentores. Você pode falar de progresso de revelação, mas não de mudança essencial. Portanto, os profetas não foram os grandes inovadores religiosos em Israel que, como muitos alegaram, estabeleceram a ideia do monoteísmo ético.

Wellhausen inverteu o papel da lei e dos profetas, colocando os profetas em primeiro lugar e a lei em segundo. Ele achava que os profetas eram os inovadores religiosos que criaram essa ideia de monoteísmo ético. No entanto, a própria Bíblia é exatamente o contrário. Moisés lançou as bases para o esclarecimento da aliança no Monte Sinai, e foram os profetas que chamaram o povo de volta a essa noção.

Em segundo lugar, “A mensagem dos profetas está centrada em quatro áreas”, e acabei de listar quatro grandes categorias de material em a, b, c e d: a. é religioso ou teológico, b. é moralidade ou relações sociais, c. é questões políticas, e d. é escatologia e expectativa messiânica. Todas essas coisas estão interconectadas, mas acho que muito do que os profetas tinham a dizer poderia ser colocado sob uma delas no que diz respeito à ênfase ou foco principal do que eles estavam dizendo. Então deixe-me fazer apenas alguns comentários sobre cada um deles.

“Religioso ou teológico” incluiria o ensino sobre Deus e o relacionamento de Deus com seu povo. Incluiria advertências contra a idolatria e a adoração falsa, bem como advertências contra o formalismo religioso, passando pelo ritual, mas não vivendo a vida. Havia muito disso acontecendo em Israel; esse era o foco principal dos profetas.

No que diz respeito ao ensino geral sobre Deus, há ênfase no monoteísmo – há apenas um Deus. Veja Isaías 45:4-5, onde Isaías diz: “Por amor de Jacó, meu

servo, de Israel, meu escolhido, eu o convoco pelo nome” e isso está falando de Ciro, o governante persa, “e concedo a você um título de honra, ainda que não me reconheças, eu sou o Senhor, e não há outro. Fora de mim não há Deus”. Esta é uma declaração direta do monoteísmo.

Se você for até Isaías 18:45, você lerá: “Pois assim diz o Senhor, aquele que criou os céus, ele é Deus. Aquele que modelou e fez a terra e a fundou, não a criou para ser vazia, mas a formou para ser habitada”. Ele diz: “Eu sou o Senhor e não há outro”. Portanto, há um só Deus, e isso é enfatizado.

Há uma grande ênfase no poder e na soberania de Deus. Um dos maiores capítulos de toda a Bíblia sobre o poder de Deus, sua obra criativa e soberania, é Isaías 40. Veja o versículo 18, “A quem comparareis Deus? Com que imagem você O comparará?” E então ele ridiculariza a idolatria: “Como um ídolo, um artesão funde ouro, ou um ourives o cobre com ouro e o ourives lança correntes de prata. Quem é muito pobre para tal contribuição escolhe uma árvore que não apodrece; ele procura para si um trabalhador habilidoso para preparar uma imagem esculpida que não vacile. Você não sabia? Você não ouviu? Não vos foi dito desde o princípio? Você não entendeu desde os fundamentos da terra? Aquele que é Deus está entronizado acima do círculo da terra, e seu povo é como gafanhotos. Ele estende os céus como um dossel e os desenrola como uma tenda para neles habitar. Reduz a nada os príncipes, reduz a nada os governantes deste mundo”. Ele é soberano tanto sobre a natureza quanto sobre a história, ele é o Criador. Versículo 26: “Levantai ao alto os vossos olhos e vede quem criou estas coisas, quem traz à luz o exército estelar por número, ele chama a todos pelo nome, pela grandeza do seu poder e pela força do seu poder, não falta um”. Aqui está o Deus poderoso que controla a natureza e a história. Versículo 27: “Por que dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: “O meu caminho está oculto ao Senhor e a minha justiça é omitida pelo meu Deus?” Você não sabe? Você não ouviu? O Senhor é o Deus eterno, o Criador dos confins da terra”. Portanto, a ênfase está no poder e soberania divinos. Ele é o Criador de toda a terra.

Ao mesmo tempo, há ênfase na santidade e na justiça de Deus. O Deus de Israel é um Deus que julga o pecado. Mas há um nome para Deus que é característico de Isaías, que é o “Santo de Israel”. É assim que muitas vezes se refere a Deus. Há muita ênfase em sua santidade e justiça. Mas, ao mesmo tempo, há ênfase em sua misericórdia. Ele procura seu povo. Ele os puxa de volta para si mesmo, mesmo no julgamento há misericórdia. Ele deseja que seu povo se arrependa, e quando eles se recusam a fazer isso, e finalmente são expulsos da terra, um remanescente é trazido de volta. Portanto, há ênfase no amor e na misericórdia. Portanto, esses são apenas comentários amplos e gerais sobre os ensinamentos sobre Deus.

No que diz respeito ao ensino sobre o relacionamento de Deus com Seu povo, o foco está no relacionamento de aliança. Mas tendo dito isso, o interessante é que você não encontra a palavra *berit*, aliança, usada extensivamente pelos profetas. Se você examinar todos os livros proféticos, Profetas Maiores e Menores, há 65 ocorrências da palavra “aliança”. Em vários profetas, não há nenhuma referência à palavra. Nem aparece. Não é usado em Obadias, Joel, Jonas, Amós, Miquéias, Naum, Sofonias ou Habacuque. Houve um tempo em que as pessoas olhavam para os livros proféticos e diziam: “Oh, a palavra 'aliança' não aparece, então esses profetas não sabiam nada sobre a aliança”. Olhe para suas citações, página 7, no final da página, Walter Eichrodt em *Theology of the Old Testament*, aponta: “O ponto crucial não é – como uma crítica muito ingênua às vezes parece pensar – a ocorrência ou ausência do palavra hebraica *b'rit*, mas o fato de que todas as declarações cruciais de fé no Antigo Testamento repousam na suposição, explícita ou não, de que um ato livre de Deus na história elevou Israel à dignidade única do povo de Deus, em quem sua natureza e propósito deveriam ser manifestados. O termo atual 'aliança' é, portanto, por assim dizer, apenas a palavra-código para uma certeza muito mais abrangente, que formou a camada mais profunda dos fundamentos da fé de Israel e sem a qual, de fato, Israel não teria existido. Israel em tudo.” Em outras palavras, toda a mensagem dos profetas

repousa na suposição de que havia tal relacionamento de aliança entre Deus e seu povo. Se eles usam ou não a palavra “aliança” realmente não tem nada a ver com isso. Acho que uma das ilustrações mais claras disso é encontrada mais adiante no livro de Amós. A palavra *berit* não ocorre de forma alguma no livro de Amós. Mas as mensagens de Amós estão usando a linguagem, a terminologia e os conceitos do pacto constantemente. Portanto, não determinamos se a palavra e se a ideia de aliança estava ou não presente na mensagem dos profetas olhando e vendo se eles usam ou não a palavra *berit*.

Mas o ensino nos livros proféticos sobre o relacionamento de Deus com seu povo é baseado no relacionamento de aliança e, por causa disso, os profetas vêm com essas mensagens de advertência e julgamento. A aliança incluía bênçãos pela obediência e maldições pela desobediência, e as advertências sobre o julgamento vindouro estão enraizadas nas maldições da aliança. Os profetas vêm e chamam o povo de Deus à obediência e adoração ao Senhor. Onde é que isso veio? Vem da aliança. Eles foram obrigados a obedecer às estipulações da aliança e amar o Senhor seu Deus de todo o coração, mente e alma. Portanto, a suposição fundamental com respeito ao relacionamento de Deus com seu povo é o relacionamento de aliança.

Passemos ao b.: “Moralidade e relações sociais”. Há uma boa quantidade de atenção dada a questões de moralidade e relações sociais. Acho que a razão para isso é que os profetas veem uma conexão muito próxima entre a moralidade de uma pessoa e a verdadeira religião. Em outras palavras, a lei mosaica tinha muito a dizer sobre o amor ao próximo e o que isso implica ou implica na vida diária da pessoa. A verdadeira religião envolve preocupação e prática de justiça social. Assim, os profetas encaram os males sociais que existiam em Israel em seus dias como apostasia do Senhor, afastando-se de suas obrigações de convênio. Então eles falam contra tais coisas. Veja Jeremias 22:13, por exemplo. Jeremias diz de Jeoiaquim: “Ai daquele que constrói seu palácio pela injustiça. Seus quartos superiores por injustiça, fazendo seus compatriotas trabalharem de graça, não os

pagando por seu trabalho. Ele diz: “Eu construirei para mim um grande palácio com espaçosos quartos superiores”. Então ele faz grandes janelas nele e os cobre com cedro, e o decora de vermelho. Ter cada vez mais cedro faz de você um rei? Seu pai não comeu nem bebeu? Ele fez o que era certo e justo, então tudo correu bem com ele.” O que é fazer o que é certo e justo? Isso é andar no caminho da aliança, fazendo o que é certo e justo. Então tudo correu bem com ele. “Ele defendeu a causa dos pobres e necessitados, então tudo correu bem.” E então há uma próxima linha muito interessante, “Não é isso que significa me conhecer?” declara o Senhor”. O que significa conhecer o Senhor? Essa é a linguagem da aliança também. Isso é reconhecer Javé como soberano e reconhecer suas estipulações como obrigatórias. Isso é o que significa conhecer o Senhor. Seu pai fez isso, mas você, Jeoiaquim, não. Versículo 17, “Tu fixas os olhos e o coração no lucro desonesto, no derramamento de sangue inocente, na opressão e na extorsão.’ Portanto, assim diz o Senhor a respeito de Jeoiaquim, filho de Josias, de Judá: 'Não o lamentarão, dizendo: “Ai, meu irmão! Infelizmente, minha irmã! Eles não vão chorar por ele, dizendo: “Ai, meu mestre! Infelizmente, seu esplendor! Ele terá o enterro de um jumento - arrastado e jogado fora dos portões de Jerusalém.” Até o versículo 9, “porque você se afastou do Senhor.”

Veja Amós 8:4-12: “Ouçam isto, vocês que pisam os necessitados e eliminam os pobres da terra, dizendo: 'Quando passará a lua nova, para vendermos o grão, e terminará o sábado para que podemos comercializar trigo? — economizando na medida, aumentando o preço e trapaceando com balanças desonestas, comprando os pobres com prata e os necessitados por um par de sandálias, vendendo até o lixo com o trigo.

O mundo não mudou muito. Alguns anos atrás, alguém fez uma pesquisa na época do Dia de Ação de Graças, sobre perus no supermercado. Você pega um peru e está marcado “13 ½ libras”. Eles pesaram todas essas coisas e descobriram que eram consistentemente menos pesadas do que o que estava marcado na coisa.

Trapaçando com balanças desonestas, não mudou muita coisa. “Vendendo o lixo com o trigo.” Mas os profetas falam contra esse tipo de coisa.

Depois, há corrupção nos tribunais. Olhe para Miquéias 3:9-11, “Ouçam isto, vocês líderes da casa de Jacó, vocês governantes da casa de Israel, que desprezam a justiça e distorcem tudo o que é certo; que edificam Sião com derramamento de sangue, e Jerusalém com impiedade. Seus líderes julgam por suborno, seus sacerdotes ensinam por um preço e seus profetas adivinham por dinheiro. No entanto, eles se apoiam no Senhor e dizem: 'Não está o Senhor no meio de nós?'" Isso é uma abominação.

Veja o materialismo de Isaías 3:16-26. É uma passagem muito descritiva. “O Senhor diz,” e aqui temos uma descrição das mulheres de Jerusalém, as mulheres de Sião. “As mulheres de Sião são altivas, andando com pescoços esticados, flertando com os olhos, pavoneando-se com os quadris balançando, com enfeites tilintando nos tornozelos. Portanto, o Senhor trará feridas na cabeça das mulheres de Sião; o Senhor fará com que seus couros cabeludos fiquem calvos.' Naquele dia, o Senhor arrebatará os seus adornos”. Aqui você obtém uma descrição da elegância dessas mulheres de Sião. “As pulseiras e tiaras e colares em meia-lua, os brincos e braceletes e véus, os enfeites de cabeça e correntes e faixas nos tornozelos, os frascos de perfume e amuletos, os anéis de sinete e argolas para o nariz, os mantos finos e as capas e mantos, as bolsas e os espelhos, e as vestes de linho e as tiaras e xales.” Essa é uma imagem das mulheres daquela época, mas soa semelhante a hoje em muitos aspectos.

Mas então Isaías diz: “Em vez de fragrância haverá mau cheiro, em vez de faixa, uma corda; em vez de cabelos bem penteados, calvície; em lugar de roupas finas, pano de saco; em vez de beleza, branding. Seus homens cairão pela espada, seus guerreiros na batalha. Os portões de Sião lamentarão e lamentarão; desamparada, ela se sentará no chão”. O julgamento está chegando. Portanto, há bastante nos profetas sobre relações morais e sociais.

Transcrição por: Eric Turner, Dan Pfistner, Jon Alvarado, John Clancy
Alex Barker, Jon Stephan (editor)
Transcrito por: John Stacy, Jud Abts, Allison Faber, Jeff Lane, Steve Capuziello,
Cody Larkin e Kristen Ramey (editor)
Edição aproximada por Ted Hildebrandt
Editado por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 8

Mensagem Profética e Profetas T/F

c) Questões Políticas

Estamos olhando para a mensagem dos profetas centrados em quatro áreas - olhamos para as relações religiosas-teológicas e morais-sociais, e isso nos leva a c., "Questões políticas".

1. Israel

a) Os profetas de Samuel falam com muita frequência sobre questões políticas. Neste país, igreja e política são mantidas separadas. Mas havia dois focos diferentes, pode-se dizer, dos profetas quando eles falavam sobre questões políticas. Uma delas era a política interna e que diz respeito particularmente ao relacionamento do rei com a aliança e se ele estava cumprindo seu papel como um verdadeiro rei da aliança. Se você voltar à história da realeza em particular, você se lembrará de que a realeza foi estabelecida por um profeta, Samuel. Ele ungiu primeiro Saul, e depois depois que a palavra do Senhor rejeitou Saul, o Senhor disse a Samuel para ir e dizer a Saul: "Porque você me rejeitou, eu rejeitei você." Então ele enviou Samuel a Belém, à casa de Jessé, onde ungiu Davi para substituir Saul como rei. Assim, desde o início, o rei estava sujeito à palavra do profeta. Os profetas não hesitaram em ir e confrontar os reis quando eles se desviaram de suas responsabilidades da aliança.

b) Elias - 1 Reis 17 Então, um profeta como Elias, em 1 Reis 17, sai e confronta o rei Acabe. Estamos olhando para 1 Reis 17:1: "Ora, Elias, o tishbita, de Tishbe, em Gileade, disse a Acabe: 'Tão certo como vive o Senhor, o Deus de Israel, a quem sirvo, não haverá nem orvalho nem chuva em nos próximos anos, exceto na minha palavra.'" Isso é típico dos profetas. Eles são

destemidos quando se trata de enfrentar os reis.

c) Isaías 7 Isaías faz o mesmo com Acaz em Isaías 7:3, “O Senhor disse a Isaías: 'Saia, você e seu filho Sear-Jasube, para encontrar Acaz no final do aqueduto da Piscina Superior, em o caminho para o Campo da Lavadeira.’” Isso é em um lugar público: “Diga a ele: 'Tenha cuidado, mantenha a calma e não tenha medo. Não desanime por causa desses dois tocos de lenha fumegantes, por causa da ira feroz de Rezim, de Aram e do filho de Remalias. Arã, Efraim e o filho de Remalias tramaram a tua ruína, dizendo: 'Vamos invadir Judá.’” Foi então que Peca, de Israel, e Rezim, da Síria, ameaçaram substituir Acaz no trono de Judá. Em outras palavras, o reino do norte se aliou aos sírios, ou Aram, para se livrar de Acaz no trono de Judá. Agora, o que Acaz faz? Ele vai atrás de Rezin e Pekah para os assírios e faz uma aliança com a Assíria. Os assírios descem e aliviam a pressão sobre Acaz, e parece que pode ter conseguido. Mas não era isso que o Senhor queria que ele fizesse. Ele diz, aqui no versículo 7: “Assim diz o Soberano Senhor: 'Isso não acontecerá, isso não acontecerá, porque a cabeça de Aram é Damasco, e a cabeça de Damasco é apenas Rezim. Dentro de sessenta e cinco anos, Efraim estará muito abalado para ser um povo. A cabeça de Efraim é Samaria, e a cabeça de Samaria é apenas o filho de Remalias. Se vocês não permanecerem firmes em sua fé, vocês não permanecerão.’” Deus está dizendo que eles devem confiar nele. “Vou livrar você dessas pessoas”, e Acaz se recusou a fazer isso. Ele preferiu confiar na Assíria a confiar no Senhor. Assim, os profetas confrontam os reis quando os reis se desviam.

d) 2 Reis 19 e 22 Ezequias e Josias

Às vezes, os reis buscam a palavra dos profetas. Em 2 Reis 19, Isaías é chamado por Ezequias sobre a situação que enfrentou e o que deveria fazer.

Em 2 Reis 22, Josias procura Hulda — foi quando o livro da lei foi encontrado no templo — e ele o leva a Hulda para ver o que ela diria do Senhor. Então, existe essa relação entre o rei e os profetas.

Se você olhar para a página 7 em suas citações, Vos diz o seguinte: “A este movimento produtor de reino, a ascensão e o desenvolvimento do profetismo se ligam. Os profetas eram os guardiões da teocracia em desenvolvimento, e a tutela era exercida em seu centro, o reino. O objetivo era mantê-lo como uma verdadeira representação do reino de Jeová. Às vezes quase parece que os profetas foram enviados aos reis em vez de ao povo”. O rei era o líder. O rei era responsável por dar o tipo de liderança que chamaria o povo à obediência à aliança e, se não o fizessem, os profetas confrontavam os reis. Então, isso diz respeito ao que você pode chamar de “questões internas” politicamente.

2) Relações Exteriores

No que diz respeito às relações exteriores, os profetas também tinham muito a dizer. Aqui o que eles fizeram foi se opor a alianças com nações pagãs.

a) Acaz fez uma aliança com a Assíria

Acaz fez uma aliança com a Assíria, que é condenada por Isaías. Se você olhar para Isaías 30, versículo 1, Isaías diz: “'Ai dos filhos obstinados', declara o Senhor, 'dos que executam planos que não são meus, formando uma aliança, mas não pelo meu Espírito, amontoando pecado sobre pecado; que descem ao Egito sem me consultar; que buscam ajuda na proteção de Faraó, na sombra do Egito para refúgio.'” Em outras palavras, onde Israel poderia encontrar sua segurança? Em alianças com reis e nações pagãs, seja a Assíria ou o Egito? Não. Você deve confiar no Senhor, andar no caminho da aliança e o próprio Senhor será seu protetor. Então, Isaías diz: “Ai de vocês que procuram a ajuda

de Faraó.” É muito semelhante ao capítulo 31: “Ai daqueles que descem ao Egito em busca de ajuda, que se apoiam em cavalos, que confiam na multidão de seus carros e na grande força de seus cavaleiros, mas não olham para o Santo dos Israel, ou peça ajuda ao Senhor”. Assim, os profetas denunciam as alianças estrangeiras. Frequentemente, alianças estrangeiras envolviam concessões religiosas, porque muitas vezes as divindades desses governantes estrangeiros seriam trazidas para um relacionamento com Israel e isso comprometeria a confiança de Israel no único e verdadeiro Deus.

b) 2 Crônicas 16:7-9 Veja 2 Crônicas 16:7-9, “Naquele tempo, Hananias, o vidente, veio a Asa, rei de Judá, e disse-lhe: 'Porque confiaste no rei da Síria e não pelo Senhor teu Deus, o exército do rei de Aram escapou de tuas mãos.'” Então ele diz no versículo 8: “Não eram os etíopes e os líbios um poderoso exército com grande número de carros e cavaleiros? No entanto, quando você confiou no Senhor, ele os entregou em suas mãos”. Se você confiar no Senhor, é aí que encontrará libertação, segurança e proteção — não de nações estrangeiras. Versículo 9: “Pois os olhos do Senhor percorrem toda a terra e fortalecem aqueles cujos corações estão totalmente comprometidos com ele. Você fez uma coisa tola e de agora em diante estará em guerra.” Qual foi a reação de Asa? Asa ficou zangado com o vidente por causa disso. Ele ficou tão furioso que o colocou na prisão. Não era isso que ele queria ouvir.

3) Ascensão e Queda de Nações Além das alianças estrangeiras, os profetas também falaram frequentemente sobre a ascensão e queda de muitas nações estrangeiras. Você recebe oráculos sobre Babilônia, Assíria, Egito, Edom e Moabe, particularmente em Isaías e Jeremias. O ponto principal é que os destinos de todas as nações estão sujeitos ao poder soberano de Deus. Assim, os poderes inimigos de Israel, seja Babilônia, Assíria, Egito ou Aram, são todos

considerados pelos profetas como simples instrumentos nas mãos de Deus para realizar seus propósitos - às vezes em julgamento sobre seu próprio povo, como quando a Assíria ataca o Norte. Reino. É por isso que quando você chega a Jeremias, ele não tem simpatia por aqueles que querem se livrar do jugo da Babilônia e resistir à opressão babilônica, porque Jeremias diz que esse é o propósito de Deus, sua vontade para eles é serem subjugados à Babilônia. Este é o julgamento de Deus. Mas depois sabemos que depois que Judá foi para o cativeiro na Babilônia, o Senhor levantou Ciro, o governante persa, e então Ciro se tornou o instrumento de redenção nas mãos de Deus. Deus vai permitir que seu povo volte e se restabeleça. Então, esses são breves comentários sobre questões políticas.

d. Escatologia e Expectativas Messiânicas d . “Escatologia e Expectativas Messiânicas”. Em termos muito amplos, os profetas falam sobre um futuro no qual, no dia do Senhor, o julgamento virá sobre todos os ímpios e haverá um futuro de alegria e paz para o próprio povo de Deus sob o governo do rei messiânico. Portanto, há aquela visão escatológica de longo prazo a que, no final das contas, toda a história humana chegará, um ponto de consumação no qual o rei messiânico reina sobre toda a terra. A maldição será removida e paz e harmonia serão criadas, espadas serão transformadas em arados e coisas desse tipo, diz Isaías.

1) Freeman: Nação e Servo Sofredor Em *Uma Introdução aos Profetas do Antigo Testamento*, Freeman fala de duas correntes de profecias messiânicas que se desenvolveram a partir daquela promessa a Abraão em Gênesis 12 :1-3. Em Gênesis 12, o Senhor, você se lembra, diz a Abraão: “Farei de você uma grande nação” e então ele continua dizendo: “Em você e em sua semente todas as nações da terra serão abençoadas”. Freeman diz que há essas duas

correntes de profecia que estão enraizadas naquela promessa a Abraão. A única corrente fala de um futuro para a nação de Israel: “Farei de você uma grande nação”. Essa nação será governada pelo monarca davídico ou pelo rei messiânico que virá. A outra corrente de profecia enfatiza a obra do messias como o servo sofredor; aquele que levará os pecados de seu povo, em quem todas as nações da terra serão abençoadas, por meio da obra daquele servo sofredor. Eu acho que há algo nisso. Pense nessas duas correntes de profecia. Você vê aquele, o trabalho do servo sofredor; o foco ali está no primeiro advento de Cristo e tudo o que estava envolvido no primeiro advento de Cristo - em particular sua morte sacrificial expiatória na cruz. Essa é claramente a mensagem daquelas passagens, o clímax do livro de Isaías, no capítulo 53 de Isaías, onde você tem uma descrição incrível do servo sofredor carregando os pecados daqueles que quebraram o mandamento de Deus. Mas a outra corrente de profecia é sobre “Eu farei de você uma grande nação”. Essas profecias dizem respeito à segunda vinda de Cristo, quando aquele grande rei messiânico subjugará os ímpios e estabelecerá seu reino sobre toda a terra.

Agora, neste ponto, não vou discutir nenhuma das questões relativas a como você trabalha as inter-relações entre essas duas correntes de profecia; se você procura o cumprimento dessa segunda corrente, Israel como uma grande nação; se você procura por isso em algum restabelecimento de Israel, e o reino milenar aqui nesta terra. Estas são perguntas difíceis. Mas, certamente, os profetas gastaram bastante tempo abordando questões escatológicas e a maneira pela qual o propósito de Deus se desenrolou além do período do Antigo Testamento no primeiro e no segundo advento de Cristo

2) Vos

Acho que o que Vos diz é que os profetas imprimem sua mensagem através do coração para o centro do reino, que foi dado à pessoa do rei. O sacerdote seria o responsável por conduzir os sacrifícios, a tradição, e os levitas por ensinar a função que eles tinham. Os levitas estavam envolvidos na instrução e os sacerdotes oficiavam nas cerimônias. Temos exemplos de abuso dessa forma e os profetas falam sobre os perigos das formas e rituais perversos sem uma atitude de coração adequada para com Deus. Há um exemplo claro quando Eli e seus filhos são julgados por abusar do sistema de sacrifício.

6. Verdadeiros e Falsos Profetas a. As Declarações de um Profeta – Assim Diz o Senhor Vamos para 6., “Verdadeiros e falsos profetas,” e a. “As declarações de um profeta.” Aludimos a isso anteriormente, o fato de que existem verdadeiros e falsos profetas - isso não aumenta a responsabilidade dos israelitas que prestam atenção aos verdadeiros profetas e não aos falsos profetas? Também dissemos anteriormente que os próprios profetas tinham um conhecimento muito imediato e certo do fato de que a mensagem que falavam não era deles, mas era a mensagem de Deus. Eles podiam distinguir entre suas próprias palavras e as palavras do Senhor. Podemos ver ilustrações disso. Assim, um profeta tinha certeza quando falava que esta é a palavra de Deus. Ele podia saber que, sem sombra de dúvida, o que ele estava dizendo era a palavra de Deus. Mas esse não é o caso das pessoas a quem os profetas falam. Como o povo poderia saber se o que o profeta disse realmente tinha origem divina e se o que o profeta afirma era realmente verdade, ou seja, que ele estava falando em nome de Deus? Você pode perguntar, o autotestemunho do profeta não é suficiente porque os profetas repetidamente dizem que sua mensagem é de Deus? Isso é importante e não quero minimizar isso. Eles sempre introduzem sua mensagem, “assim diz o

Senhor”.

b) Ezequiel 13:6 Mas o problema é que também há aqueles que vêm e dizem que têm uma mensagem de Deus e até mesmo usaram aquela linguagem, “assim diz o Senhor,” quando o Senhor não os havia enviado. Veja Ezequiel 13:6, onde Ezequiel diz: “Suas visões são falsas, suas adivinhações são mentiras”. Quem são essas pessoas? Se você voltar ao versículo dois, “Diga aos que profetizam de acordo com sua própria imaginação: 'Ouçam a palavra do Senhor!' Assim diz o Soberano Senhor: 'Ai dos profetas tolos que seguem seus próprios espíritos e nada viram.’” E no versículo seis, “Suas visões são falsas e suas adivinhações, mentiras. Eles dizem: 'O Senhor declara', quando o Senhor não os enviou, mas esperam que suas palavras sejam cumpridas”. Assim, os falsos profetas aparecem, e os falsos profetas não são menos definidos em suas reivindicações de ser um porta-voz de Deus do que os verdadeiros profetas. Então você tem que se colocar na posição dos antigos israelitas, onde você pode sair e ouvir um profeta dizendo: “assim diz o Senhor”. Ele dá uma mensagem, e então outro profeta vem e diz: “assim diz o Senhor” e ele dá uma mensagem oposta. Então você tem que descobrir qual é o verdadeiro profeta, ou nenhum deles é verdadeiro profeta?

Isso levanta então esta questão, como poderiam os israelitas então distinguir entre verdadeiros e falsos profetas? Isso não é apenas uma questão teórica porque afetaria a maneira como os israelitas viveriam. Como eles deveriam responder à mensagem que ouviram? Então voltamos a Deuteronômio 18, aquela passagem onde todo o movimento profético é estabelecido e explicado antes do que deveria ser. Deuteronômio 18:19 diz: “Se alguém não ouvir as minhas palavras, que o profeta fala em meu nome, eu mesmo o pedirei contas”. Portanto, o israelita era responsável perante Deus por ouvir as palavras do profeta e se comportar da maneira que o profeta

disse que deveria. O que o israelita deveria fazer quando duas mensagens contraditórias que defendiam cursos de ação opostos, e ambas são representadas como a palavra de Deus?

c) Jeremias 27 Um exemplo clássico disso, já vimos anteriormente, está em Jeremias 27 e 28, onde um profeta chamado Hananias vem dizendo: “Assim diz o Senhor, lança fora o jugo de Babilônia, resiste a ela,” e promete que o Senhor ajudará e dentro de dois anos, os vasos da casa do Senhor retornarão a Jerusalém. Ao mesmo tempo, Jeremias chega e diz o contrário: “Entregue-se à Babilônia, o que Hananias diz não vai acontecer”. Ambos os profetas usam o nome do Senhor - isso dá sanção à sua mensagem. Então você entende este problema, como você classifica a diferença entre verdadeiros e falsos profetas? Essa questão já foi vislumbrada em Deuteronômio 18, naquela passagem em que se estabelece o movimento profético. Nos versículos 21 e seguintes de Deuteronômio 18, você lê: “Podeis dizer a vós mesmos: 'Como saberemos se a mensagem não foi proferida pelo Senhor?’” Essa, é claro, é a questão. O que se segue é uma maneira de distinguir entre o verdadeiro e o falso profeta. O versículo 22 diz: “Se o que o profeta proclama em nome do Senhor não acontecer ou se cumprir, essa é a mensagem que o Senhor não falou”. Acho que está bem claro que se o profeta diz que algo vai acontecer, então acontece que isso não acontece - aquele profeta não está entregando a palavra do Senhor, mas entregando uma palavra falsa. Não pode ser do Senhor. Mas o problema é que isso só fala das coisas que vão acontecer no futuro e só depois que o que está previsto acontecer ou não acontecer. Portanto, deve haver outras maneiras além daquelas em que essa questão pode ser abordada e resolvida.

b. Critérios de validação para verdadeiras profecias

Vamos passar para b., “Critérios de validação para a verdadeira profecia”. Acho que, quando olhamos para toda a situação, há pelo menos cinco considerações que desempenham um papel importante em capacitar os israelitas a distinguir entre profecia verdadeira e falsa. Eu quero olhar para os cinco que estão listados lá em critérios de validação. Acho que quando você olha para cada um deles, temos que dizer que eles não funcionam isoladamente. Em outras palavras, esses critérios funcionaram em combinação, para fornecer ao antigo israelita um meio de discernir entre os verdadeiros e os falsos profetas. Então, quais são algumas dessas coisas que permitiram aos israelitas fazer essa distinção?

1) O Caráter Moral do Profeta

Primeiro, é “O caráter moral do profeta conforme observado em sua conduta diária”. Isso costuma ser apontado como algo que desempenha um papel. Acho que às vezes isso foi enfatizado demais. Se você olhar para a página oito em suas citações, observe que Hobart Freeman diz: “Os falsos profetas eram caracterizados por sua baixa moralidade; portanto, os verdadeiros e falsos profetas poderiam ser distinguidos por um teste pessoal ou extrínseco. O falso profeta era um mercenário que profetizava por aluguel (Miquéias 3:5, 11); ele era um bêbado (Isaías 28:7); ele era profano e perverso (Jeremias 23:11); ele conspirou com outros para enganar e fraudar (Ezequiel 22:45); ele era leve e traiçoeiro (Sofonias 3:4); cometeu adultério, andou na mentira e apoiou os malfeitores (Jeremias 23:1); e ele era geralmente imoral na conduta da vida (Jeremias 23:15).” Agora você olha para todas essas referências, todas essas coisas que ele diz; sim, eles estão lá. Você pode ver que ele não descreve um tipo de pessoa piedosa e correta. Ele continua dizendo: “O falso profeta era, além disso, um oportunista religioso profetizando apenas o que o povo degenerado gostaria de ouvir, ele

proclamou uma mensagem otimista de paz e prosperidade; ele freqüentemente praticava adivinhação e profetizava mentiras de seu próprio coração. Veja o resultado final: “O caráter moral do próprio profeta atestaria sua autoridade. Aquele que professou uma comissão divina do santo Deus de Israel deve refletir a conduta e o caráter consistentes com essa afirmação.” Mateus 7:15-20 diz: “Pelos seus frutos os conhecereis”. Portanto, há frutos ruins e frutos bons. Assim, pelos seus frutos os conhecereis. Podemos observar o caráter moral do profeta e isso ajuda a distinguir entre o verdadeiro e o falso profeta.

Agora, acho que a consideração é importante, mas acho que Freeman claramente exagera o caso aqui. A razão pela qual digo isso é que, embora você encontre essas referências à imoralidade entre os falsos profetas, existem outros falsos profetas descritos no Antigo Testamento dos quais nada desse tipo é dito. Agora não sabemos muito, sobre Hananias, por exemplo; nada é dito sobre seu caráter moral. Acho possível que alguns falsos profetas tenham vivido vidas exemplares no que diz respeito à sua conduta moral. Então esse é um lado da moeda.

O outro lado é que não devemos exagerar a perfeição do caráter moral dos verdadeiros profetas porque os verdadeiros profetas não eram sem pecado. Acho que o que Freeman diz, em geral, é verdade - que os verdadeiros profetas são descritos como pessoas piedosas e piedosas que viveram vidas piedosas. No entanto, o que você faz com Balaão? Ele foi um verdadeiro profeta, mas não é descrito como um indivíduo piedoso; ele era um adivinho pagão. O que você faz com o velho profeta que enganou o homem de Deus de Judá em 1 Reis 13, que veio profetizar contra o altar de Jeroboão de Israel? Este velho profeta mentiu para aquele profeta para ajudá-lo a voltar para casa e fazer uma refeição com ele. Mas aquele profeta que mentiu também deu uma mensagem verdadeira do Senhor. Portanto, acho que o caráter moral de

um profeta precisa ser levado em consideração, mas por si só não é suficiente para fornecer uma base para discernir entre um verdadeiro e um falso profeta. Veja 2 Coríntios 11:13-15: “Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. Não é surpreendente, então, se seus servos se disfarçam de servos da justiça. O fim deles será o que suas ações merecem.” Então sim, caráter moral de um profeta, existem muitos textos que sugerem que em geral os verdadeiros profetas eram pessoas piedosas, e os falsos profetas não. Mas isso não é algo hermético; deve estar conectado a outras coisas também.

2) Realização de Sinais e Maravilhas A segunda consideração ou critério é, “Realização de sinais e maravilhas”. Frequentemente, sinais e maravilhas são apontados como um importante critério de validação para distinguir entre o verdadeiro e o falso profeta. Se você olhar para a maneira como os sinais e maravilhas funcionam nas Escrituras, particularmente no Antigo Testamento, você descobrirá que sinais e maravilhas são dados principalmente para autenticar a palavra do profeta e para mostrar que o profeta está realmente dando a palavra de Deus. Os sinais e maravilhas atestam a autenticidade da mensagem. Dessa forma, os sinais e maravilhas são uma ajuda para acreditar, que o que o profeta está dizendo é verdadeiramente uma palavra de Deus. Em Lucas 10:13, Jesus diz aos habitantes de Corazim: “Se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se operaram, há muito que se teriam arrependido, assentados em saco e em cinza”. Veja os milagres que ajudaram a acreditar. Em João 20:30-31 diz: “Jesus realizou muitos outros milagres que não estão escritos neste livro, mas estes estão escritos” - por que temos alguns milagres descritos? o Cristo”. Os milagres autenticam sua mensagem. João 14:11 diz : “Acredite em mim quando digo que estou no pai e

o pai está em mim, ou pelo menos acredite na evidência dos próprios milagres”. Assim, sinais e maravilhas podem desempenhar uma função de autenticação das palavras de um profeta.

Volte ao Antigo Testamento para o capítulo 4 de Êxodo. O Senhor chamou Moisés no capítulo 3 para libertar Israel da escravidão egípcia, mas Moisés objeta no capítulo 4, dizendo: “Eles não acreditarão em mim nem me ouvirão, dirão: 'O Senhor não apareceu para você.'” Moisés está pensando: “Como posso contestar isso? Eu venho dizendo: 'Assim diz o Senhor'. Eles dizem: 'Não acredito em você.'” “O Senhor disse-lhe: 'O que é isso em sua mão?' 'Um bastão', ele respondeu. O Senhor disse: 'Jogue-o no chão'. Moisés jogou no chão e ela se tornou uma cobra e ele fugiu dela. O Senhor disse: 'Estenda a mão e pegue-a pela cauda'. Então Moisés estendeu a mão e segurou a cobra e ela se tornou um cajado em sua mão”. Observe no versículo 5: “'Isto', disse o Senhor, 'é para que creiam que o Senhor, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, apareceu a ti. Então o Senhor disse: 'Coloque a mão no casaco. Então Moisés pôs a mão na túnica e, quando a tirou, a pele estava leprosa e branca como a neve. "Agora coloque-o de volta no casaco", disse ele. Então Moisés o colocou de volta em seu casaco e foi restaurado como o resto de sua carne. Então o Senhor disse: 'Se eles não acreditarem em você ou não prestarem atenção ao primeiro sinal milagroso, eles podem acreditar no segundo. Mas se eles não acreditarem nesses dois sinais ou não ouvirem você, pegue um pouco de água do Nilo e despeje na terra seca. A água que você tirar do rio se tornará sangue.'” Então você vê o que o Senhor está dizendo a Moisés aqui - ele o capacitará a realizar sinais e maravilhas milagrosos que autenticarão que o que ele está dizendo está vindo dele. E, claro, o que se segue depois disso é a questão no capítulo 5 ordenando a Faraó que deixe Israel ir ao deserto para adorar o Senhor. E Faraó diz: “Eu não creio no Senhor. Por que devo deixar você ir adorar ao Senhor?” Então

você obtém toda uma série de sinais milagrosos, as dez pragas. Com a declaração completa “para que saibais que eu sou o Senhor”. Assim, esses milagres tornam-se os sinais de autenticação de que Moisés está falando em nome de Iahweh e que Iahweh existe e que o que ele está dizendo vem realmente de Iahweh.

Acho que o que você encontra está em pontos cruciais na história da revelação e redenção, há momentos decisivos, nos quais eu diria que sinais e maravilhas são multiplicados para dar autenticação da palavra do profeta, neste caso de Moisés. Portanto, sinais e maravilhas são significativos e não devemos minimizar sua importância.

Mas, ao mesmo tempo, acho que devemos reconhecer que um sinal ou maravilha em si não é suficiente para separar os verdadeiros dos falsos profetas. A razão para isso é que as Escrituras também reconhecem que os falsos profetas são capazes de realizar sinais e maravilhas. Até os egípcios conseguiram duplicar as três primeiras pragas. Eles não podiam ir além disso. Mas veja Mateus 24:23. Isso está falando do segundo advento de Cristo: “Naquele tempo, se alguém vos disser: 'Eis aqui o Cristo!' ou 'Lá está ele!' Não acredite nele. Porque aparecerão falsos cristos e falsos profetas e farão grandes sinais e maravilhas para enganar até os eleitos, se isso fosse possível”. Paulo, ao falar do anticristo em 2 Tessalonicenses 2:9, diz que sua vinda “está de acordo com a obra de Satanás exibida em todos os tipos de milagres, sinais e maravilhas falsificados”. Eles têm milagres falsificados.

Você volta para Deuteronômio , desta vez para o capítulo 13. Nos versículos 1-4, Moisés diz: “Se um profeta, ou alguém que prediz por sonhos, aparecer entre vocês e anunciar a vocês sinais ou maravilhas, e se o sinal ou a maravilha da qual ele falou acontece, e o profeta diz: 'Vamos seguir outros deuses que você não conheceu e adorá-los'. Você não deve ouvir as palavras desse profeta ou sonhador. Pois o Senhor, seu Deus, está testando você para

saber se você o ama de todo o seu coração e de toda a sua alma. É ao Senhor teu Deus que deves seguir e a ele deves reverenciar”. Em seguida, o versículo 5: “Esse profeta ou sonhador deve ser morto porque pregou rebelião contra o Senhor, seu Deus”. Essa passagem em Deuteronômio 13 está dizendo que os falsos profetas também podem realizar sinais e maravilhas, mas você não deve ser enganado por eles. Acho que o que a Bíblia sugere é que sinais e maravilhas desempenham um papel muito importante na distinção entre verdadeiros e falsos profetas, mas isoladamente sinais e maravilhas não são decisivos. Você precisa realmente olhar para a mensagem também. Veja, se um sinal ou maravilha vem em conexão com uma mensagem para ir servir a outros deuses, você sabe que não é uma palavra do Senhor, e esse sinal ou maravilha não é uma manifestação do poder de Deus. Portanto, você não quer minimizar a importância, porque muitas vezes são apresentados nas Escrituras como auxílios à fé e como meio de autenticar a palavra de Deus como sendo verdadeiramente de Deus. Mas você deve estar ciente ao mesmo tempo de que existe a possibilidade de sinais e maravilhas realizados por um falso profeta disfarçado de verdadeiro pregador.

3) Cumprimento da Profecia como Critério para Distinguir os Verdadeiros e os Falsos Profetas a) Deut. 18

Vamos para o terceiro, “Cumprimento da profecia como critério para distinguir os verdadeiros e os falsos profetas”. Já vimos em Deuteronômio 18 que, se não se concretizar, não é de Deus. E esse é certamente um critério válido. É apenas no sentido negativo, embora não seja de Deus, e só pode ser aplicado no futuro quando o que foi previsto acontecer ou não acontecer. Portanto, você não quer minimizar a importância, porque muitas vezes são apresentados nas Escrituras como auxílios à fé e como meio de autenticar a palavra de Deus como sendo verdadeiramente de Deus. Mas você deve estar ciente, ao mesmo tempo, de

que existe a possibilidade de sinais e maravilhas realizados por um falso profeta disfarçado de profeta verdadeiro.

b) Is. 41:22

Você encontra isso tão bem quanto no Antigo Testamento. Veja Isaías 41:22: “Traga seus ídolos para nos contar o que vai acontecer. Um ídolo pode prever o futuro? Diga-nos o que foram as coisas anteriores para que possamos considerá-las e saber seu resultado final. Ou declare-nos o que está por vir, diga-nos o que o futuro reserva, para que possamos saber que vocês são deuses. Faça algo, seja bom ou ruim, para que fiquemos cheios de medo”. Vá até o versículo 26: “Quem anunciou isso desde o princípio, para que pudéssemos saber de antemão e dizer: 'Ele tinha razão'? Ninguém disse isso, ninguém previu isso, ninguém ouviu nenhuma palavra de você. Veja Isaías 48:3: “As coisas passadas há muito predisse, minha boca as anunciou e eu as dei a conhecer; então, de repente, agi, e eles aconteceram. Pois eu sabia como você era teimoso; os tendões do teu pescoço eram de ferro, a tua frente era de bronze. Portanto, eu lhes disse essas coisas há muito tempo; antes que eles acontecessem, eu os anunciei a você para que você não pudesse dizer, 'Meus ídolos os fizeram, minha imagem de madeira e medalha de deus os ordenou.' Você ouviu essas coisas; olhe para todos eles. Você não vai admiti-los?” Jesus disse em João 13.19: “Eu estou lhes dizendo agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vocês creiam que eu sou”. Veja que há a apresentação positiva do cumprimento da profecia como evidência da veracidade do que ele disse.

Agora, textos como esses sugerem que somente Deus tem o conhecimento necessário do futuro para que ele possa dizer com antecedência sobre as coisas que acontecerão com precisão e consistência. Essa precisão e consistência são importantes. Acho que só Deus pode falar com consistência e precisão sobre as coisas que vão acontecer no futuro. Então, acho que o cumprimento da profecia é apresentado como um meio importante de validar a revelação divina.

c) Dt. 13

Mas também tem suas limitações. Não é decisivo em si e não é decisivo isoladamente. Você notou em Deuteronômio 13 que vimos sob sinais e maravilhas. Certamente as predições devem ser incluídas ali “se um profeta ou alguém que prediz por meio de sonhos aparecer entre vocês e anunciar a vocês um sinal ou prodígio milagroso e se o sinal ou prodígio ocorrer”, em outras palavras, se o que ele prediz realmente acontecer. “Mas ele diz: 'Vamos adorar outros deuses'”, você pode ter certeza de que ele não é alguém cuja mensagem é de Deus. Eu acho que é certamente possível em certas situações onde até mesmo adivinhos e adivinhos foram capazes de dar uma previsão verdadeira. Atos 16:16 diz: “Certa vez, quando íamos a um lugar de oração, fomos recebidos por uma escrava que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para seus donos com adivinhações. Esta garota seguiu Paulo e o resto de nós gritando: 'Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que estão lhes dizendo o caminho para serem salvos.'” Acho que é possível que este mundo satânico de espíritos seja o que é, dentro certos parâmetros limitados, para ter conhecimento do futuro. Você pode descobrir ocasionalmente que um adivinho pagão realmente prediz algo. Assim, isoladamente, uma predição não é prova de que o profeta que a fez seja um porta-voz de Deus.

A outra coisa sobre isso é que, como falamos anteriormente em Deuteronômio 18, se não acontecer, não vem de Deus. Você só pode aplicar isso no futuro e se a profecia for algo de um futuro distante, então ninguém que ouvirá a mensagem original estará por perto. Portanto, o não cumprimento é importante, mas tem suas limitações.

Usei os primeiros capítulos de Jó para pensar sobre isso, onde o Senhor coloca Satanás na coleira, mas dentro de certos parâmetros. Satanás tem permissão para fazer o que ele escolhe fazer. Ele não pode tirar a vida de Jó, então está na coleira. Mas dentro desses parâmetros ele pode saber de antemão o que vai fazer,

então ele não é onisciente. Mas há conhecimento limitado do futuro.

Nas tábuas de Mari, os profetas não prediziam o futuro. Parte do problema era que fora da Bíblia você não encontra nenhuma outra coleção de predições proféticas que seja tão extensa e que seja sequencial ao longo dos séculos com uma tensão coerente de movimentos de século a século. Ele cresce e se desenvolve. Não há nada comparável e isso em si é uma evidência, penso eu, da verdade do que a Bíblia afirma.

4. A conformidade com a revelação anterior Acho que aqui está o critério de validação crucial, e isso se relaciona com 4., “A conformidade com a revelação anterior”. Existe essa progressão. Assim, a nova profecia só pode construir sobre o que aconteceu antes e não pode contradizê-la. O profeta Hanaías vem e diz “paz”, mas Israel não pode esperar paz porque não está seguindo o Senhor e deve esperar julgamento. Não é consistente com as revelações anteriores. Começamos a obter algo que, combinado com alguns desses outros critérios, dará os meios para distinguir. Mas com Hananias existe aquela previsão de curto prazo e com dois anos seria Hananias.

5. A iluminação pelo Espírito de Deus que também é essencial É a maneira como esses critérios trabalham juntos que vai junto com 5., “A iluminação pelo Espírito de Deus que também é essencial.” Da próxima vez, examinaremos mais detalhadamente os números 4 e 5.

Transcrição de: Tessa White, Sarah Hawkins, Breanna Aurigema, Keziah Park, Hayley Pomeroy (editora)

Transcrição de: Naama Mendes, Ana Pereira, Laura Knox, Andrea Mastrangelo, Ted Hildebrandt, Serene King (editor)

Edição aproximada por Ted Hildebrandt

Edição final por Katie Ells

Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundação da Profecia Bíblica, Aula 9

Critérios de Validação para Profetas Verdadeiros

VI. Critérios de validação para verdadeiras profecias

Na semana passada, estávamos analisando a questão dos verdadeiros ou falsos profetas e como os israelitas podiam distinguir entre os dois. Como enfatizei, isso era algo de grande importância para um antigo israelita porque eles eram responsáveis por ouvir a palavra do profeta. Então, estávamos olhando para o numeral romano VI., “Critérios de validação para a verdadeira profecia” e discutimos A., “O caráter moral do profeta” como algo importante, mas algo que em si provavelmente não era totalmente suficiente como um meio para distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas. O mesmo com B., “Sinais e maravilhas”. Não queremos minimizar a importância dos sinais e maravilhas porque o Senhor muitas vezes escolheu usar sinais e maravilhas para autenticar seu porta-voz. Uma boa ilustração disso é com Moisés. “Cumprimento da profecia”, C., é outro critério significativo porque somente o próprio Deus conhece a totalidade do futuro e tem controle sobre ele para que possa falar antecipadamente sobre as coisas por vir. Mas em situações isoladas e limitadas pode haver alguma previsão que um falso profeta pode fazer. Deuteronômio 13:1-3 dá uma indicação disso, um falso profeta pode dizer algo e acontece, mas quando ele diz: “vamos seguir outro deus”, ao invés do Senhor, eles não deveriam ouvi-lo. Foi aí que paramos.

4. Conformidade da Mensagem com a Revelação Anterior Isso nos leva ao 4., “Conformidade da mensagem com a revelação anterior”. Eu disse no final da nossa última sessão que acho que esse é o mais importante dos critérios de validação. Eu diria que o mais importante dos critérios objetivos de validação, ou seja, algo fora do indivíduo, porque se você olhar para frente, o número 5 é “Iluminação pelo Espírito de Deus”, que é mais interno e subjetivo. É a abertura do coração e da mente receptivamente ao que Deus está fazendo.

Portanto, em “Conformidade com a revelação anterior”, se um profeta é

verdadeiramente um porta-voz de Deus, sua mensagem deve estar de acordo com o que Israel já possuía na área da revelação divina tanto na lei quanto nos profetas anteriores. A lei foi dada por Deus por meio de Moisés, os profetas anteriores foram porta-vozes de Deus; Deus não vai se contradizer. Assim, uma mensagem de um verdadeiro profeta deve estar de acordo com a revelação já dada. Qualquer desvio disso é uma indicação de falsa profecia. Eu disse que é o mais importante dos critérios de validação. É uma pedra de toque que sempre esteve disponível para o antigo israelita. Ele não teve que esperar por um cumprimento. O padrão poderia ser aplicado no momento em que qualquer profecia fosse dada. A suposição que existe é que todo israelita poderia ter um conhecimento suficiente da lei e sobre a revelação profética anterior para fazer um julgamento sobre a conformidade da mensagem que estava ouvindo com a mensagem que havia sido dada anteriormente.

a. Deut. 13 Acho que esse é realmente o critério de Deuteronômio 13:1-3, que examinamos na semana passada, onde lemos: “Se um profeta, ou alguém que prediz por meio de sonhos, aparecer entre vocês e anunciar a vocês algum sinal ou maravilha, e se o sinal ou prodígio de que ele falou acontecer, e ele disser: 'Vamos seguir outros deuses', deuses que você não conheceu, 'E vamos adorá-los', você não deve ouvir a palavra daquele profeta ou aquele adivinho.” Veja, o que isso está nos dizendo é que os sinais, maravilhas e profecias devem ser julgados pelo ensino ou pela doutrina. Não é a doutrina que é julgada pelos sinais, maravilhas e profecias. Você julga os sinais, maravilhas e profecias pelo ensino ou pela doutrina. Isso não quer dizer que sinais, maravilhas e profecias não tenham função – eles têm. Não quero descartá-los porque eles têm uma função significativa, mas por si só não são suficientes.

b. Jr. 28

Acho que é basicamente a mesma coisa que Jeremias apela naquele

confronto com Hananias em Jeremias 28. Ao olhar para Jeremias 28:8, onde Hananias estava dizendo: “Em dois anos você voltará da Babilônia”, e Jeremias está dizendo: “ Não, submeta-se aos babilônios na época do cativeiro”. No capítulo 28, versículo 8, Jeremias diz: “Desde os tempos antigos, os profetas que precederam a você e a mim profetizaram guerra, desastre e praga contra muitos países e grandes reinos. Mas o profeta que profetiza a paz só será reconhecido como um verdadeiro enviado do Senhor se a sua predição se concretizar”. Em outras palavras, Hananias recebeu esta mensagem de libertação e paz e Jeremias, em essência, neste ponto de sua discussão com Hananias está dizendo: “Bem, espero que você esteja certo.” Você vê no versículo 6 que ele diz: “Amém! Que o Senhor o faça.” Mas você vê no versículo 7: “No entanto, ouça o que tenho a dizer. O que você está dizendo não é consistente com o que os profetas anteriores disseram. Quaisquer profetas que os precederam profetizaram guerra, desastre e praga contra muitos países, mas o profeta que profetiza paz...” —particularmente paz para um país e para um povo onde não está andando na palavra do Senhor ou está desobedecendo a palavra do Senhor e sobre quem tem havido consistentemente um número de profetas falando sobre o tempo do julgamento.

Se você voltar para Jeremias 6:13 e seguintes, Jeremias diz: “Desde o menor até o maior, todos são gananciosos por grandes ganhos; profetas e sacerdotes igualmente, todos praticam engano. Eles curam a ferida do meu povo como se não fosse grave. 'Paz, paz', eles dizem quando não há paz.” Isso é o que Hananias estava fazendo. “Eles estão envergonhados de sua conduta repugnante? Não, eles não têm vergonha alguma. Eles nem sabem como corar.” Assim, Jeremias apela aos profetas anteriores que indicam que sua profecia está de acordo com as palavras dos profetas anteriores, enquanto a profecia de Hananias tem um caráter diferente e é isso que marca sua profecia como não sendo a palavra de um verdadeiro profeta . É por isso que Jeremias é muito cético em relação ao que diz. Os profetas proclamaram consistentemente o julgamento de uma geração pecadora. Então, quando Hananias vem com esta mensagem que difere da

mensagem dos profetas anteriores, isso significa que ele não pode ter sido enviado por Deus.

c. Isaías 8:19-20 Em Isaías 8:19 e 20, o Senhor diz que é a próxima declaração: “Quando os homens vos disserem para consultar médiuns e espíritas, que sussurram e murmuram, não deveriam as pessoas consultar o seu Deus? Por que consultar os mortos em nome dos vivos? À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, não terão a luz da aurora”. Passamos pela lei e pelo testemunho e vemos se há conformidade com as revelações dadas anteriormente.

d) Objeções a este Critério

1)

Agora, que tal algumas objeções a esse critério ? Alguns podem dizer: “a revelação, por sua natureza, é a revelação de coisas novas. Se são coisas novas, como podem então ser testadas pela revelação que já foi dada? Se é novo, como você encontra algum equivalente em uma revelação já dada?” Essa é uma possível objeção. Não acho que seja tão sério quanto pode parecer inicialmente. A razão pela qual não acho que seja tão sério é algo que acho que disse na última vez, a revelação no Antigo Testamento nunca é totalmente separada do que a precede. A revelação no Antigo Testamento surgiu em desenvolvimento orgânico. É um desenvolvimento que se baseia em uma base já lançada. Progressão, sim, mas é progressão a partir das mesmas raízes, do mesmo tronco, à medida que se ramifica e se expande e alarga. Portanto, há uma consistência à medida que avança. Então, parece-me que essa objeção não é tão forte quanto pode parecer.

2) A segunda objeção que você pode levantar é que não é algo adequado para testar detalhes específicos de profecias particulares. Por exemplo, Isaías diz que Senaqueribe não tomaria Jerusalém. Isso é um evento específico. cerco de Senaqueribe. Isaías disse: “Não vai dar certo”. Claro, Senaqueribe é forçado a se retirar de Jerusalém. De fato, em um dos anais de Senaqueribe ele diz que “calou

Ezequias como um pássaro na gaiola”, mas não diz que o conquistou porque não o derrotou. Ou a profecia de que o cativo duraria 70 anos, foi o que Jeremias disse. Como você pode testar um detalhe específico como esse por revelação dada anteriormente ? Especialmente se ninguém tivesse dito nada sobre quanto tempo o cativo duraria . Eu acho que com isso, é correto que você não pode estabelecer detalhes específicos como estes como verdadeiros ou falsos, antes de seu cumprimento, comparando-o com revelação anterior porque não houve revelação anterior sobre esses detalhes específicos. No entanto, novamente, esses detalhes não aparecem isoladamente. Você encontrará detalhes como esse no contexto de uma profecia maior. No contexto mais amplo, acho que eles encontram sua validação.

Você descobrirá que, não raro, uma previsão de longo prazo é validada por uma previsão de curto prazo. Os ouvintes podiam observar o cumprimento da previsão de curto prazo e obter validação por meio disso para a previsão de longo prazo. Você se lembra em 1 Reis 13 onde aquele homem que saiu de Judá sobe ao altar em Betel e profetiza contra o altar. No contexto dessa profecia, ele diz, nesta época do período do reino dividido, que Josias queimará os ossos dos falsos sacerdotes naquele altar. Isso é 900 aC e você está falando de três séculos depois. Ele mencionou Josias pelo nome. Como você pode validar isso por revelação anterior? Bem, você não pode. Mas nesse mesmo capítulo, ele diz que algumas outras coisas vão acontecer. Se você olhar para o versículo 3, ele diz: “Naquele mesmo dia o homem de Deus deu um sinal, o Senhor declarou que o altar se fenderá, e estas cinzas serão derramadas sobre ele” e isso aconteceu, naquele mesmo dia. dia. “Quando o rei Jeroboão ouviu o que o homem de Deus clamava contra o altar de Betel, estendeu a mão e disse: “Agarrem-no!” Mas a mão que ele estendeu para o homem estava enrugada, então ele não podia retirá-la. E o altar foi fendido e as cinzas derramadas”. Então Jeroboão apela a este homem de Deus, e o homem de Deus de Judá intercedeu por ele e sua mão foi restaurada e tornou-se como era antes. Há dois sinais realizados lá que foram cumpridos no mesmo dia

em que essa previsão de longo prazo foi feita. A autenticação da previsão de prazo mais longo é feita pela observância do cumprimento da previsão de prazo mais curto. Então, sim, até certo ponto você não pode testar todos os detalhes da profecia dada por revelação anterior. Mas geralmente esses detalhes estão em um contexto que, de uma forma ou de outra, fornece validação suficiente para aceitar o todo como a palavra do Senhor.

3)

Quando você entra em Estudos Bíblicos, há um espectro de pessoas, sejam judeus, protestantes, católicos ou o que quer que seja. Eu não mencionei isso antes, mas, por exemplo, se você olhar para Walter Brueggemann - que é protestante, mas não evangélico - ele escreveu uma *Teologia do Antigo Testamento* em 1999, mas nessa teologia ele diz sobre os profetas do Antigo Testamento: "Eles fazer uma reivindicação de autoridade que é impossível de verificar". Ele diz: "Os estudiosos concordam que não há critérios objetivos para tal questão". Tenho certeza de que entre os estudiosos judeus, alguns diriam algo assim, mas alguns diriam que esses tipos de critérios fornecem uma base adequada para isso. Parece claro para mim que o próprio Deus está dizendo a Israel na passagem Deuteronômio 18 que "você tem base suficiente para ser responsabilizado por seu comportamento em resposta à palavra do profeta".

Pergunta do Aluno: Ezequiel 18:1-4 Pecados dos Pais sobre os Filhos (cf. Ex. 20)

Pergunta do Aluno: Você pode comentar sobre Ezequiel 18, onde diz que os pecados dos pais não cairão sobre os filhos, em contraste a Êxodo 20 e aos Dez Mandamentos?

Você sabe, isso remonta aos Dez Mandamentos, em Êxodo 20 versículos 4 e 5. "Não farás para ti um ídolo... Não te curvarás a eles nem os adorarás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pela iniquidade dos pais, até a terceira e a quarta geração daqueles que me odeiam. Então, como você disse em Ezequiel 18:1-4, a implicação é que você é responsável por seus próprios

pecados, mas não será punido pelos pecados de seus pais. Por exemplo, no versículo 3, “‘Tão certo como eu vivo’, declara o Soberano Senhor, ‘você não citarão mais este provérbio em Israel. Pois toda alma vivente pertence a mim, tanto o pai quanto o filho - ambos igualmente pertencem a mim. A alma que peca é a que morrerá.’ A palavra do Senhor veio a mim: ‘O que vocês querem dizer ao citar este provérbio sobre a terra de Israel: ‘Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos ficam embotados?’” Em outras palavras, os pais fazem alguma coisa e são as crianças que sofrem. Por que você está citando este provérbio? Não tenho certeza se posso resolver isso, mas acho que parte disso é o seguinte: quando você volta para Êxodo 20, até a terceira e quarta geração, isso é realmente uma família naquela cultura. Bisavós, avós, pais e filhos viviam em família, de modo que o pecado de um afeta a todos. Parece-me que isso está envolvido no conceito de Êxodo 20. Considerando que em Ezequiel 18, acho que o que está sendo abordado aqui são as pessoas que estão tentando usar isso como desculpa para seu próprio mau comportamento. Em outras palavras, por que sofremos? Não fizemos nada de errado. Alguém fez algo errado e estamos sendo punidos por isso. Acho que o que Ezequiel está dizendo é, assuma a responsabilidade por si mesmo. Não tente dizer: “A razão pela qual as coisas são como são é por causa do que outra pessoa fez. Assuma sua própria responsabilidade.” Portanto, não tenho certeza de que esse contraste seja tão nítido quanto: “Aqui está uma revelação, e aqui está outra que a contradiz”.

4. Profecia de Curto Prazo Verifica Longo Prazo – Jer 26-28 Vamos voltar aos exemplos que estávamos procurando, de predições de curto prazo que podem validar previsões de longo prazo no que diz respeito às especificidades da profecia. Se você voltar a Hananias e Jeremias em Jeremias 27 e 28, como um israelita poderia saber que a profecia de Hananias predizendo a quebra do jugo da Babilônia era falsa e a profecia de Jeremias que previa a continuação do jugo da Babilônia era verdadeira? Acho que, em geral, você pode fazer o que o próprio

Jeremias fez antes de receber revelação adicional, ou seja, Hananias está predizendo paz para um povo impenitente, então sua mensagem é suspeita. Jeremias, por outro lado, está predizendo o julgamento de um povo rebelde que está mais de acordo com a revelação bíblica em geral. Os ouvintes só precisavam ser convencidos de que a profecia estava de acordo em suas características básicas com o que Deus já havia dito. Esta mensagem se encaixa com o que os profetas anteriores lhes disseram. Nesse sentido, detalhes que podem ser inverificáveis em si mesmos são validados ao encontrar seu lugar em um contexto maior. Mas mesmo neste caso, quando o Senhor fala a Jeremias dando uma mensagem adicional no final do capítulo 28, Jeremias disse no versículo 15: “Ouça, Hananias! O Senhor não o enviou, mas você persuadiu esta nação a confiar em mentiras. Portanto, assim diz o Senhor: 'Estou prestes a remover você da face da terra. Este mesmo ano você vai morrer'” e 2 meses depois ele estava morto. Houve uma validação da previsão de curto prazo - você pode ver nas profecias mais longas.

Em Jeremias 26, a mensagem é semelhante à mensagem de Jeremias no capítulo 7, o Sermão do Templo. Mas em 26:4-6, Jeremias está no pátio do templo: “Diga-lhes: 'Assim diz o Senhor: Se vocês não me ouvirem e não seguirem a minha lei, que lhes apresentei, e se não ouvirdes as palavras dos meus servos, os profetas, que vos enviei repetidas vezes, embora não tenham ouvido, então farei desta casa como Siló e desta cidade um objeto de maldição entre todas as nações do terra.’” Há aquela mensagem da destruição do templo que seria quase uma blasfêmia para muitos israelitas que se gloriavam no templo, embora não seguissem o Senhor. Então, qual é a resposta? Nos versículos 7-11 você lê, “os sacerdotes, os profetas e todo o povo ouviram Jeremias falar estas palavras na casa do Senhor. Mas assim que Jeremias acabou de contar a todo o povo tudo o que o Senhor lhe havia ordenado, os sacerdotes, os profetas e todo o povo o agarraram e disseram: 'Você deve morrer! Por que você profetiza em nome do Senhor que esta casa será como Siló e esta cidade será desolada e deserta?' E todo o povo se

aglomerava ao redor de Jeremias na casa do Senhor. Quando os oficiais de Judá souberam dessas coisas, subiram do palácio real à casa do Senhor e se colocaram à entrada da porta nova da casa do Senhor. Então os sacerdotes e os profetas disseram aos oficiais e a todo o povo: 'Este homem deve ser condenado à morte porque profetizou contra esta cidade. Você ouviu com seus próprios ouvidos.'" Então aí está a resposta. O Senhor deu a mensagem a Jeremias. Ele deu a mensagem para as pessoas que estavam prontas para matá-lo.

Como Jeremias responde? Nos versículos 12 a 15 você obtém a resposta de Jeremias, ele se defende: “Então Jeremias disse a todos os oficiais e ao povo: 'O Senhor me enviou para profetizar. contra esta casa e esta cidade todas as coisas que ouviste. Agora reforme seus caminhos e suas ações e obedeça ao Senhor seu Deus. Então o Senhor se arrepende.'" O versículo 13 fala sobre: “Se o povo se arrepende, eu me arrependo”. Então ele diz: “Arrependa-se, conserte seus caminhos, suas ações. Então o Senhor se compadecerá e não trará o desastre que pronunciou contra você”. Versículo 14, “Quanto a mim, estou em suas mãos; faça comigo o que você achar que é bom e certo”. Mas então o aviso : “Tenha certeza, porém, que se você me matar, você trará a culpa de sangue inocente sobre si mesmo e sobre esta cidade e sobre aqueles que vivem nela, pois na verdade o Senhor me enviou. para você falar todas essas palavras em sua audição. Bem, isso meio que leva os funcionários de volta um pouco. Você lê então no versículo 16: “Então os oficiais e todo o povo disseram aos sacerdotes e profetas: 'Este homem não deve ser morto, ele falou em nome do Senhor nosso Deus.'" Mas então o que se segue. é para isso que quero chamar sua atenção. “Alguns dos anciãos da terra se adiantaram e disseram a toda a assembléia do povo: 'Miqueias de Moresete profetizou nos dias de Ezequias, rei de Judá. Ele disse a todo o povo de Judá: 'Assim diz o Senhor Todo-Poderoso: Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará um monte de escombros, a colina do templo um monte coberto de matagais. Ezequias, rei de Judá, ou qualquer outro em Judá o matou? Ezequias não temeu ao Senhor e buscou seu favor? E o Senhor não cedeu, para não trazer o

desastre que pronunciou? Estamos prestes a trazer um terrível desastre sobre nós mesmos!” Então, vejamos, o que aconteceu foi que eles compararam a mensagem de Jeremias com a de Miquéias e havia consistência entre o que Miquéias havia dito muito tempo antes e o que Jeremias estava dizendo. Miquéias viveu por volta de 735 aC, Jeremias por volta de 609. Então, mais de cem anos antes, houve um profeta que tinha a mesma mensagem e que tendia a validar a mensagem de Jeremias porque era consistente com o que eles haviam ouvido antes. Assim conclui o número 4., “A conformidade da mensagem da revelação anterior”.

5. Iluminação pelo Espírito de Deus Vamos passar para 5. que é, “Iluminação pelo Espírito de Deus”. Até este ponto, falamos sobre o que poderíamos chamar de “critérios objetivos de validação”. Mas acho que com todos esses critérios objetivos, você não tem um selo automático ou mecânico de certeza absoluta para distinguir a profecia verdadeira da falsa. Eles não fornecem isso, porque a esses critérios objetivos deve ser adicionada a iluminação interna do Espírito de Deus. Deve haver olhos para ver a verdade.

a) Dt. 29:2-4 Moisés diz em Deuteronômio 29:2-4 algo interessante. Para as pessoas que testemunharam os atos poderosos de Deus no momento da libertação do Egito, ele diz: “Seus olhos viram tudo o que o Senhor fez no Egito ao faraó, aos seus oficiais, a toda a sua terra, com seus próprios olhos você viu aqueles grandes provações, esses sinais milagrosos e grandes maravilhas”. E aqui está o ponto, “até hoje, o Senhor não deu a você uma mente que entenda, nem olhos que vejam, nem ouvidos que ouçam”. Você viu com seus próprios olhos, mas o Senhor não lhe deu uma mente que entenda ou olhos que vejam ou ouvidos que ouçam. Eles testemunharam o grande poder de Deus nas pragas e a libertação de Israel através do Mar Vermelho. Mas não resultou em curvar-se diante de Javé como seu Criador e Redentor. Então eles viram, mas não viram. eu penso isso também funciona com esses critérios de validação, seja sua conformidade com revelações

anteriores ou sinais e maravilhas, cumprimento de profecia ou caráter moral do profeta. Era necessário ter os olhos abertos pelo Espírito Santo de Deus para fazer o uso correto da revelação que havia sido dada. Para fazer o uso correto da revelação que foi dada, a iluminação do Espírito de Deus é indispensável. Parece-me que onde está presente a iluminação do Espírito de Deus, os israelitas puderam distinguir, por meio de critérios objetivos de validação, entre verdadeiros e falsos profetas com confiança e certeza. Onde faltava a iluminação do Espírito de Deus, também faltava esse tipo de certeza e discernimento.

Acho que na revelação divina objetiva há luz suficiente para remover toda desculpa para ser enganado. Mas, e isso é verdade tanto hoje quanto era no período do Antigo Testamento, por causa da natureza pecaminosa do homem e por causa do desejo pleno do homem de suprimir a verdade. O que você encontra é o seguinte: sem o Espírito de Deus, os seres humanos se desviam deliberadamente do que é claramente apresentado a eles. Portanto, havia luz suficiente para remover todas as desculpas, mas a iluminação do Espírito de Deus era importante para que se pudesse fazer uso da revelação que havia sido dada de maneira adequada. E por essa razão, as pessoas eram condenadas e responsabilizadas se seguissem falsos profetas. Eles foram responsáveis por responder à luz que lhes foi dada, o que era adequado, mas que também exigia a abertura do coração e da mente pelo Espírito de Deus para receber a revelação que havia sido dada.

b) Aplicação Atual Apenas alguns comentários sobre como isso pode se relacionar com o tempo presente. Claro, isso se torna uma questão teológica. Parece-me que no tempo presente, o lugar onde nos encontramos na progressão da história da redenção - a questão que os antigos israelitas enfrentaram ao distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas - não acho que continue existindo por nós no sentido que o fez para o antigo israelita. Digo isso porque me parece que desde a conclusão da revelação de Deus e sua fixação no cânon das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, tudo o que agora seria considerado profecia no sentido em

que foi dado no período do Antigo Testamento , é algo que já está carimbado ou marcado como verdadeiro, porque a revelação é completa, não está em andamento. Não busco revelação contínua hoje com a conclusão do cânon das Escrituras. Parece-me que o problema em nosso tempo aparece de uma forma diferente, ou seja, como podemos distinguir a verdade bíblica de outras afirmações de verdade. Agora sabemos que a revelação de Deus contida na Escritura é realmente a revelação de Deus, e isso leva você a toda a questão da apologética, e como você pode fazer argumentos para a veracidade do Cristianismo e a veracidade da revelação bíblica e que argumentos podem ser invocados para isso. Veja, essa é uma questão diferente daquela especificamente enfrentada no período do Antigo Testamento.

1. Vos: Aspectos objetivos e subjetivos Eu sigo nisso, basicamente no modelo de Geerhardus Vos, se você olhar em suas citações, página 10, há um parágrafo ali sobre isso, não vou lê-lo. Mas se você sabe, em seu modelo de revelação e redenção, ele fala de revelação no que ele chama de aspecto objetivo-central, bem como no aspecto subjetivo-individual. Ele diz que, à medida que Deus avança em seu plano de redenção, a revelação avança junto com ele, como realmente o comentário ou explicação do que Deus está fazendo redentivamente. A revelação acompanha esse movimento objetivo-central da história redentora. Então você recebe revelação com o Êxodo, você obtém revelação com o primeiro advento de Cristo em grandes quantidades. Mas quando Cristo veio, e aquele aspecto de movimento objetivo-central da revelação chega a uma conclusão, a revelação cessa. Ele se move para esse tipo de aplicação subjetiva-individual da revelação. Agora ele fala muito melhor do que eu, se você olhar as páginas 9 e 10 em suas citações. De seu modelo, o ponto onde a revelação poderia continuar seria com o segundo advento de Cristo. Aí você tem outro grande movimento no progresso da história da redenção . Pode ser acompanhado de revelação, e isso certamente é possível. Você pode notar cerca de dois terços da página 10, em que parágrafo:

“Agora, a revelação acompanha apenas o processo de redenção objetivo-central, e isso explica por que a redenção se estende além da revelação”. E então este último parágrafo. “Existe apenas uma época no futuro em que esperaríamos que a redenção objetivo-central fosse retomada, essa é a Segunda Vinda de Cristo. Naquele tempo acontecerão grandes atos redentores. ”

2. A Revelação de Bavinck Chegou ao Fim em Cristo Se você voltar à página 8 em suas citações, tenho alguns parágrafos da *Dogmática Reformada de Herman Bavinck*, que atualmente é interessante. Isso foi publicado no início de 1900 em holandês e nunca havia sido traduzido até os últimos dois anos. Está em processo de tradução e publicação no momento. Dos quatro volumes, acho que dois ou três foram traduzidos. Mas esta é minha própria tradução do Volume 1 de alguns de seus comentários sobre esta questão. Ele diz: “A revelação, tomada como um todo, primeiro alcançou seu fim e propósito na vinda de Cristo. Mas cai em dois grandes períodos, em duas dispensações distintas. O primeiro período serviu para inserir a plena revelação de Deus na história da humanidade. Toda a economia pode ser considerada como uma vinda de Deus ao seu povo, como uma busca de um tabernáculo para Cristo. É, portanto, predominantemente uma revelação de Deus em Cristo. Tem um caráter objetivo. É caracterizada por atos extraordinários, teofanias, profecias e milagres são os meios pelos quais Deus vem ao seu povo. Cristo é o conteúdo e o ponto disso. Ele é o Logos, que brilha nas trevas, vem para si e se faz carne em Jesus. O Espírito Santo ainda não era, porque Cristo ainda não havia sido glorificado. Nesse período, a escrituração (este é o mesmo conceito de Vos) estava em sintonia com a revelação. Ambos cresceram de século em século. À medida que a revelação progredia, a Escritura aumentava em escopo. Quando em Cristo a revelação completa de Deus é dada, a teofania, a profecia e a maravilha atingiram seu ponto alto nele e a graça de Deus em Cristo apareceu a todos os homens, então, ao mesmo tempo, há também a conclusão de a Escritura. Cristo em sua pessoa e obra revelou plenamente o Pai a nós, portanto essa

revelação é totalmente descrita para nós nas Escrituras. A economia do Filho dá lugar à economia do Espírito. A revelação objetiva passa para a aplicação subjetiva”. Novamente, isso é muito semelhante, algumas palavras diferentes, mesmo conceito, como Vos, “Em Cristo, um centro orgânico é criado por Deus no meio da história, a partir deste centro a luz da revelação brilha em círculos cada vez mais amplos... O O Espírito Santo tira tudo de Cristo, ele não acrescenta nada de novo à revelação. Isso é completo e, portanto, não é capaz de ampliar. Cristo é a Palavra, cheia de graça e de verdade; sua obra está completa, o próprio Pai descansa em sua obra, não acrescentado ou ampliado pelas boas obras dos santos uma palavra, não por tradição, mas por sua pessoa, não pelo papa. Em Cristo, Deus se revelou totalmente e se entregou totalmente, portanto a Escritura também é completa. É a Palavra de Deus completa. Mesmo que a revelação esteja completa.” O trabalho não para. “A Reforma confessou a perfeição e suficiência da Escritura contra a doutrina romana”. Desça 2/3 do caminho desse último parágrafo. “A suficiência da Sagrada Escritura decorre também da natureza da dispensação do Novo Testamento. Cristo se tornou carne e completou sua obra. Ele é a última e mais elevada revelação de Deus. Ele declarou o Pai para nós. Por ele Deus nos últimos dias falou conosco. Ele é o mais alto, o único profeta. Quando Jesus completou sua obra, enviou o Espírito Santo que não acrescenta nada novo à revelação, mas conduz o povo de Deus na verdade até que cheguem à unidade da fé no pleno conhecimento do Filho de Deus”.

3. Aplicação Moderna Agora eu disse que isso é teológico. Não procuro o mesmo tipo de problema que enfrentamos hoje, quando ouvimos falar de pessoas tentando ser profetas e tendo o mesmo problema que os antigos israelitas tinham em distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas. Já que existem tais pessoas hoje e já que há um encerramento da revelação, elas são automaticamente carimbadas como falsas. Agora, se você não aceita esse tipo de construção teológica e tem uma visão aberta quanto à continuação da revelação, então você

pode voltar ao mesmo modelo usado pelo povo do Antigo Testamento: você olha para sinais e maravilhas, você olha para o caráter moral do profeta, você procura profecia e cumprimento e conformidade com a revelação anterior. É consistente com o que a Escritura diz? Você olha para a iluminação do Espírito Santo. Você trabalha assim. Não estou inclinado a dizer que estamos na mesma situação hoje.

Não, eu não diria isso. Eu diria que no Novo Testamento você está no período de transição. Quando a igreja primitiva estava trabalhando em como pegar esta revelação que havia sido dada e aplicá-la na nova economia que estava se firmando, houve uma enorme mudança do povo de Deus sendo identificado com esta entidade nacional Israel e agora sendo um corpo espiritual. , e naquele período de transição a profecia ainda estava acontecendo. Mas parece-me que, quando você passa da era apostólica, essa função não é mais necessária. Isso pode voltar. Então você tem que questionar quando entramos nesse período. Isso talvez seja algo difícil de discernir. Mas nesse ponto sim, existe a possibilidade de revelação adicional acompanhando aquele movimento de revelação objetivo-central.

VII. O Profeta e o Culto no Antigo Israel Passemos ao nosso próximo tópico aqui, o numeral romano VII., “O profeta e o culto no antigo Israel”. Antes de dizer qualquer coisa sobre esse tópico, provavelmente devemos definir “culto”. Culto aqui é usado em um sentido bastante técnico para as formas externas de adoração de Israel. Como os profetas se relacionavam com as funções rituais da observância religiosa do Antigo Testamento? Eles eram funcionários oficiais do templo e seus rituais realizados no templo, os sacrifícios e as festas? Houve muita discussão ao longo do século passado sobre como o profeta se relacionava com as formas externas de adoração de Israel. Eles eram funcionários oficiais do culto ou se opunham ao culto? Qual era a atitude deles em relação ao culto? Culto é usado no sentido das formas externas de adoração de Israel, não no sentido das Testemunhas de Jeová ou Mórmons ou coisas assim.

A. A visão de que os profetas eram anticultos Você notou que em seu esboço há três títulos: a., “A visão de que os profetas eram anticultos”, isto é, eles se opunham à observância ritual e aos tipos externos de adoração ; b. é o oposto: “Os profetas eram funcionários do culto que estavam a serviço do templo, assim como os sacerdotes”; e c., que eu acho que é a representação que obtemos do Antigo Testamento: “Eles não eram anticultos como tal nem funcionários do culto, mas simplesmente proclamadores da revelação divina”. Vejamos esses 3 títulos.

1. A visão de que os profetas eram anticultos Primeiro, a visão de que os profetas eram anticultos. 1. A explicação da visão. Durante grande parte do século 20, ^{especialmente} na erudição bíblica dominante, havia a visão defendida de que os profetas eram fundamentalmente opostos ao culto. Não é que eles fossem contra algum uso indevido do culto ou forma particular de culto, mas eles eram contra o culto como tal. Os defensores dessa visão diziam que os profetas promoviam uma adoração a Deus que consistia no amor ao próximo, na preocupação com a justiça social e na prática de elevados padrões éticos. Portanto, os profetas, de acordo com essa visão, não apenas colocaram a moralidade acima do culto, mas no lugar do culto. O que Deus queria não era ritual. O que Deus queria eram pessoas que praticassem a justiça, amassem o próximo e se opusessem à opressão dos pobres. Um dos defensores dessa visão foi o estudioso alemão Paul Bolz, que escreveu o livro *Moisés e sua obra* . A tese básica desse livro é que os profetas disseram a Israel para voltar, veja só, à religião mosaica, que ele disse ser “sem culto”. Ele disse que o aumento da atividade cultual em Israel veio através da influência cananeia. A adaptação das práticas religiosas cananéias ao culto israelita constituiu um declínio das alturas mosaicas da verdadeira religião. Agora, como poderia Bolz dizer algo assim. Quando você lê o Pentateuco, há todos os tipos de legislação sobre todos os tipos de sacrifícios que devem ser oferecidos, os deveres dos sacerdotes e quais festivais devem ser observados. Tudo isso é material de culto. Como ele poderia dizer que a religião mosaica era sem culto? Bem, ele era um seguidor de Wellhausen e daqueles que diziam que todo o material sacerdotal

do Pentateuco era tardio, pós-exílico. Eles afirmam que foram os profetas os grandes promotores do monoteísmo ético. Foi somente depois dos profetas que todo esse tipo de material ritual se tornou tão proeminente e que foi atribuído a Moisés. Mas na época de Moisés, segundo ele, a religião dos israelitas era sem culto. Então a ideia era que Israel assumiu seu culto dos cananeus, dos pagãos e, portanto, os profetas se opuseram a isso. Eles não queriam apenas um sistema purificado colocado em seu lugar, mas queriam a prática da justiça social que era a verdadeira religião.

Veja suas citações na página 10. Há um parágrafo de Ludwig Kohler que também tem essa opinião. Ele diz: “Este culto, entretanto, não é uma coisa nova e não é uma criação de Israel; menos ainda é uma revelação do Senhor. É uma anexação do culto tradicional da terra conquistada. Só porque o culto é um pouco da vida étnica, os profetas estão sempre colocando pontos de interrogação contra ele, duvidando de sua propriedade e rejeitando-o. Amós 5:25, “Você me trouxe sacrifícios e ofertas no deserto por 40 anos.” Essa pergunta espera um “não” como resposta, o que historicamente está errado, mas que é correto nessa medida – que não foi Deus, mas os homens que instituíram o culto. Dizemos o culto, pois no Antigo Testamento o culto é quase idêntico ao sacrifício; há pouco mais do que isso, sobretudo quase não há proclamação da palavra. 'Não falei a vossos pais nem lhes dei ordem no dia em que os tirei da terra do Egito sobre holocaustos ou sacrifícios.' Jeremias 7:22. A declaração é inequívoca e incondicional. O sistema sacrificial não deve sua origem a Deus. Sua vontade está apenas na regulamentação disso: “Para que propósito é a multidão de seus sacrifícios? Estou cheio de holocaustos de carneiros. Quando você vem diante de mim, quem exigiu isso de sua mão?’ Isaías 1:11-12. Agora, muitas outras passagens desse tipo podem ser citadas e são importantes.” 2. Escrituras apresentadas para apoiar a visão

de que os profetas eram fundamentalmente opostos ao culto ao culto”. Alguns desses textos que Ludwig Kohler menciona eu mencionarei novamente, mas

deixe-me dar-lhe várias passagens-chave. O primeiro é Isaías 1:11-17. Isaías diz: “A multidão de seus sacrifícios - o que eles são para mim?” diz o SENHOR. ‘Já tenho bastante holocaustos, carneiros e gordura de animais cevados; Não tenho prazer no sangue de touros, cordeiros e bodes. Quando vieres apresentar-te perante mim, quem te pediu isto, este pisotear os meus átrios? Pare de trazer ofertas sem sentido! Seu incenso é detestável para mim. Luas novas, sábados e convocações - não posso suportar suas assembléias malignas. Suas festas da Lua Nova e seus festivais designados minha alma odeia. Eles se tornaram um fardo para mim; Estou cansado de suportá-los. Quando estenderes as tuas mãos em oração, esconderei de ti os meus olhos; mesmo se você oferecer muitas orações, não vou ouvir. Suas mãos estão cheias de sangue! Lavai-vos e purificai-vos. Tire suas más ações da minha vista; pare de fazer o errado, aprenda a fazer o certo; busque a justiça, defenda os oprimidos. Defenda a causa do órfão, pleiteie a causa da viúva”. Assim, confissões como a de Isaías são usadas para mostrar que os profetas se opunham ao culto. O que eles queriam era justiça social — acabou com todos esses rituais.

Amós 5:21-27 diz: “Eu odeio, eu desprezo suas festas religiosas; Não suporto suas assembléias. Ainda que me tragam holocaustos e ofertas de cereais, não os aceitarei. Embora você traga ofertas de comunhão escolhidas, não terei consideração por elas. Fora com o barulho de suas músicas! Não ouvirei a música de suas harpas. Mas deixe a justiça rolar como um rio, a retidão como um riacho que nunca falha!” Em seguida, uma pergunta retórica e esta é frequentemente usada para apoiar essa posição anticulta. “Você me trouxe sacrifícios e ofertas por quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? Você levantou o santuário de seu rei, o pedestal de seus ídolos, a estrela de seu deus - que você fez para si mesmo. Portanto, eu os enviarei para o exílio além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é Deus Todo-Poderoso”. “Mas você me trouxe sacrifícios no deserto?” Uma pergunta retórica que aparentemente requer uma resposta “Não”. Por que você está trazendo-os agora?

Oséias 6:6 “Pois eu desejo misericórdia, não sacrifícios, reconhecimento de Deus em vez de holocaustos.”

Miquéias 6:6-8: “Com que me apresentarei ao Senhor e me curvarei diante do Deus exaltado? Irei perante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? O Senhor ficará satisfeito com milhares de carneiros, com dez mil rios de óleo? Oferecerei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto das minhas entranhas pelo pecado da minha alma? Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom. E o que o Senhor exige de você? Pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com o seu Deus”.

Jeremias 7:21-23 “Assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel: Vá em frente, adicione seus holocaustos aos seus outros sacrifícios e coma a carne vocês mesmos! Pois quando eu tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, eu não apenas lhes dei ordens sobre holocaustos e sacrifícios,” Esse “justo” ali não está no hebraico. No hebraico diz. “Quando tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, não lhes dei ordens sobre holocaustos. Mas eu lhes dei esta ordem: Obedeçam-me, e eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo. Ande em todos os caminhos que eu te ordeno, para que te vá bem”.

Portanto, esses são alguns dos textos mais fortes sobre os quais essa ideia de que os profetas se opuseram ao culto e não apenas algum abuso do culto ou forma ou prática errada do culto, mas o próprio culto. Eles se opunham fundamentalmente ao culto e queriam vê-lo substituído.

Em 1 Samuel 15, quando Saul está tentando justificar suas ações de salvar os animais, Deus disse que “obedecer é melhor do que sacrificar”. Portanto, não é uma ideia nova para os profetas.

Vamos para "Avaliação". Mas talvez seja melhor fazermos uma pausa primeiro.

Transcrição: Kelly Sandwick, Ashley Bussive, Eunbin Cho,
Daniel Shafer e Peter Kang (editor)

Editado por: Ted Hildebrandt e Bill Gates
Re-narrado por Bill Gates

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 10

Profetas e o Culto, Eram os Profetas Escritores?

A. Profetas Opostos ao Culto Revisão

Estávamos examinando as Escrituras e os pontos de vista para apoiar a ideia de que os profetas eram fundamentalmente opostos ao culto. Fizemos referência a alguns textos em Isaías, Amós, Oséias, Miquéias, Jeremias, e devo dizer que algumas dessas declarações feitas pelos profetas foram declarações bastante poderosas e uma forte condenação do culto. Se você então chega à conclusão de que os profetas se opunham fundamentalmente ao culto, acho que é outra questão. Mas não se pode negar que existem algumas fortes declarações negativas sobre a observância do culto em Israel que foram encontradas em vários livros proféticos.

1. Algumas declarações que não se opõem ao culto

a. Isaías

O que você deve estar imediatamente ciente também, no entanto, é que também existem alguns pronunciamentos dos profetas nos quais eles parecem não se opor fundamentalmente ao culto; eles não eram promotores de uma religião sem culto, como alguns alegaram. Isaías, como vimos no capítulo 1:11-17, fala fortemente contra o que estava acontecendo em Jerusalém com respeito à oferta de sacrifícios. Ele também, em sua profecia, proclama que o templo é a casa do Senhor. Ele fala do Senhor habitando no Monte Sião. Para ele o templo é um lugar da presença especial de Deus. Ele vê aquela visão do Senhor no templo, alto e exaltado, sentado no trono. Então, não parece que ele se opõe fundamentalmente ao culto.

b. Jeremias

Da mesma forma, Jeremias freqüentemente chama o templo de “a casa que é chamada pelo meu nome”, falando em nome do Senhor em Jeremias 7:10, 32:34, 34:15 e vários outros lugares. Em Jeremias 17:26, Jeremias diz: “As pessoas virão das cidades de Judá e das aldeias ao redor de Jerusalém, do território de Benjamim

e do sopé ocidental, da região montanhosa e do Negev, trazendo holocaustos e sacrifícios, ofertas de cereais, incenso e ofertas de agradecimento ao Senhor”. Ele fala disso de uma forma muito positiva. Deus instruiu Davi a construir um altar em 2 Samuel 24:18: “Naquele dia, o profeta Gade foi a Davi e disse-lhe: 'Sobe e edifica um altar ao Senhor na eira de Araúna, o jebuseu.' Então Davi subiu como o Senhor lhe havia ordenado”. Então, aqui está um profeta em 2 Samuel 24:18 dizendo a Davi para construir um altar. Em Jeremias 27:18 - é interessante, Jeremias tinha aqueles sermões em que dizia que o Senhor destruiria o templo - mas veja Jeremias 27:18: "Rogai ao Senhor Todo-Poderoso que os móveis restantes da casa do Senhor e no palácio do rei de Judá e em Jerusalém não seja levado para a Babilônia”. Ele está orando pela preservação do templo. Portanto, existem muitas expressões espalhadas pelos livros proféticos em que fica claro que os profetas não eram anticultos no sentido de que desejavam uma religião sem culto. Eles tinham coisas positivas a dizer sobre o templo e a adoração no templo.

c. Existe uma religião sem culto no AT?

Na verdade, parece-me que a ideia de religião sem culto é uma ideia bastante estranha. Certamente está em conflito com os dados da Escritura. Enormes seções do Pentateuco são dedicadas à descrição dos regulamentos que Deus deu a Israel por meio de Moisés para trazer sacrifícios e ofertas. É apenas atribuindo tudo isso a algum tempo muito posterior e dizendo que não é mosaico e não faz parte dos dados que você diz que a Bíblia não exige sacrifício.

Além disso, você pode perguntar, o que é religião sem culto? A moralidade é apenas religião? Isso chega a ser uma questão bastante filosófica. Muitos anglicanos aceitam essa visão de que os profetas se opunham fundamentalmente ao culto e veem os profetas simplesmente como pregadores da ética. Mas o que isso faz é reduzir a religião ao moralismo. Em certo sentido, no que diz respeito à verdadeira religião bíblica, o moralismo é realmente o destruidor da verdadeira religião. Acho que você poderia argumentar que a verdadeira religião sem culto realmente não existe.

d) Cristianismo e Culto

Em nosso próprio contexto da era do Novo Testamento, certamente o cristianismo não pode existir sem o culto. O que é religião sem oração, sem oferta e sem reunião religiosa? Acho que, em sua essência, a verdadeira religião é a comunhão com Deus e, se for esse o caso, ela deve se expressar em atos religiosos, não apenas em atos morais. Isso entra na questão da relação horizontal e vertical. Sim, a verdadeira religião exige que amemos nosso próximo como a nós mesmos, que preguemos contra a injustiça no nível horizontal. Mas a verdadeira religião também exige que tenhamos comunhão com Deus e um relacionamento com Deus que se expressa em oração, louvor, comunhão e consagração, etc. Tais expressões não são apenas individuais e privadas. Eles devem ser comunitários e públicos, isso certamente é um ensinamento claro das Escrituras.

1. Culto Prescrito no Pentateuco

Portanto, parece-me contraditório tanto com a Bíblia, particularmente com o Pentateuco, quanto com a própria natureza da verdadeira religião, dizer que houve um tempo em que a religião de Israel era sem culto. De fato, Levítico nos diz que o culto foi um dom de Deus ao seu povo. Veja em Levítico 17:11: “Porque a vida de uma criatura está no sangue e eu o dei a vocês para fazerem expiação por vocês mesmos no altar; é o sangue que faz expiação pela vida da pessoa”. Neste sacrifício do período do Antigo Testamento, sangue foi derramado. E Deus diz: “Eu dei isso a você no altar, porque é o sangue que faz expiação”. Portanto, se você considerar o Antigo Testamento como ele se apresenta, certamente não poderá concluir que as observâncias do culto eram assimilações de práticas pagãs herdadas dos cananeus. O Antigo Testamento diz que esses regulamentos foram dados a Israel por Deus por meio de Moisés. Eles foram dados como um meio de expiação pelo pecado, apontando para a obra sacrificial de Cristo, que é o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Então eu acho que quando você obtém a imagem completa. É impensável que os profetas pudessem ter se oposto

fundamentalmente ao culto. É totalmente inconsistente com toda a revelação do Antigo Testamento.

2. Os profetas condenaram o paganismo no culto: Opus Operatum

O que os profetas condenaram foram os paganismo que entraram no culto israelita onde o Senhor passou a ser adorado, bem como um Baal ou qualquer outra divindade pagã, bem como uma ideia mecânica formalista do sistema ritual. Há uma frase em latim que costuma ser usada para esse *opus operatum*, que significa “pelo trabalho que é feito”. Em outras palavras, você passa pelo ritual e isso produz automaticamente o resultado desejado. Eles simplesmente passavam por esses ritos religiosos e pensavam que apenas com isso eles ganhariam um certo favor de Deus. Então eles viveriam suas vidas como quisessem.

a) Oséias e práticas de culto pagão

Na época de Oséias, você tem trabalhado no livro de Oséias, e acho que está ciente disso, a adoração de Baal prevalecia no Reino do Norte. O fruto da terra foi atribuído a Baal em Oséias 2:5 e 8. O povo seguiu muitas práticas pagãs, incluindo a prostituição no templo, que está em Oséias 4:11 e seguintes. Eles estavam fazendo todas essas coisas, mas ainda trazendo seus sacrifícios ao Senhor. É por isso que Oséias se manifesta contra o culto. Eles fizeram ídolos em Oséias 8:4-6. Eles tinham colunas sagradas em Oséias 10:1, mas eles ainda estavam cumprindo os rituais de Javé. Parece claro que o que estava em suas mentes, as mentes dos israelitas, era que havia segurança na forma externa, apenas passando por essas formas, isso é tudo o que é exigido deles. Considerando que Hosea percebe que esse tipo de observância cultural é absolutamente inútil. É uma abominação para o Senhor. Deus pediu mais. Como ele diz em Oséias 6:6 “Desejo misericórdia, não sacrifício, o conhecimento de Deus mais do que holocaustos.”

b) Banir Rituais Vazios

Se você voltar para Isaías 1, as pessoas estão trazendo seus sacrifícios, versículo 11, eles estão trazendo muitos deles e o Senhor diz: “O que eles são para

mim?” A razão pela qual ele diz isso está no final do versículo 15, “suas mãos estão cheias de sangue”. Você não está vivendo uma vida que mostra qualquer consagração ou dedicação a Deus ou desejo de andar nos caminhos do Senhor, você está apenas passando por esses rituais. Então eles se afastaram do Senhor, eles estão apenas seguindo os formulários, e o Senhor diz que isso é uma abominação.

3. Amós 5:21-25 e o Culto

Agora, acho que as duas passagens que provavelmente são as mais difíceis são Amós 5 e Jeremias 7, que examinamos antes do intervalo. Amós 5:21-25 é certamente aquele ao qual muitas vezes se recorre. Particularmente a pergunta retórica do versículo 25. “Você me trouxe sacrifícios e ofertas por 40 anos no deserto, ó casa de Israel?” Parece que a pergunta é feita com a resposta pretendida de "Não". Alguns entendem que a implicação disso é que Israel já era desobediente no período do deserto e não trouxe sacrifícios ao Senhor durante o período do deserto.

a) McComiskey

Se você olhar suas citações, página 12, há alguns parágrafos do comentário de Tom McComiskey sobre Amós no *Expositor's Bible Commentary*, onde ele diz: “Os versículos 25 e 26 são difíceis. Muitos comentaristas sustentam que, devido à pergunta do v. 25 esperar essa resposta negativa, Amós estava afirmando que o sacrifício era desconhecido durante o período do deserto, ou que não era considerado necessário para um relacionamento adequado com o Senhor, sendo a obediência o único requisito. Mas esta interpretação não faz justiça à continuidade dos vv. 25-26 chamado pela partícula hebraica *waw* (não traduzida na NVI) que começa o versículo 26.” A NIV não começa com um *waw* na tradução de 26; não há "e" ou "mas" lá, apenas diz: "Você levantou o santuário de seu rei." “Também não explica adequadamente por que uma declaração negando a eficácia do sacrifício foi colocada na seção de julgamento do oráculo. A pergunta (do versículo 25) exige uma resposta negativa: “não”, os israelitas não sacrificavam

então. Evidentemente, o período de quarenta anos foi uma época em que a obediência ao Senhor ou às instituições levíticas havia declinado. Este período começou com a deserção dos israelitas em Cades. A deserção para a idolatria neste período de deserto é enfatizada na tradição profética.” Assim, enquanto McComiskey lê esta passagem, ele está dizendo que o versículo 25 é uma pergunta retórica – a resposta é “não”, porque Israel não observou sacrifícios durante o período do deserto, mas eles fizeram outra coisa.

Ele traduz essa palavra *introduzindo* o versículo 26 como uma *palavra* adversativa; sua próxima linha, o versículo 26, começa com o *waw* melhor entendido como adverso, “mas você levantou o santuário de seu rei, a casa de seus ídolos”. Então Israel desobedeceu a Deus por negligenciar o sacrifício e se voltou para a idolatria. É por isso que ele lê 25 e 26 referindo-se ao tempo do deserto. As palavras “santuário” e “pedestal” não precisam ser alteradas.

Há muita discussão sobre como interpretar e traduzir o versículo 26. Mas sua conclusão é: “O versículo se refere aos implementos da adoração idólatra de uma divindade astral desconhecida. Visto dessa maneira, o v. 26 se encaixa bem na estrutura formal, pois Amós, como Ezequiel e Oséias, traçou a desobediência do povo de Deus em sua história. Então é assim que McComiskey vê essa pergunta retórica e, claro, essa pergunta retórica é aquela que as pessoas dizem que implica uma resposta negativa em relação a uma religião sem culto. Bem, McComiskey diz que não pretende ser uma religião sem culto porque Israel foi desobediente no período do deserto e não observou sacrifícios e, em vez disso, voltou-se para a idolatria.

b. Ridderbos em Amós 5

Há um estudioso holandês do Antigo Testamento, J. Ridderbos, que escreveu um comentário sobre Amós e questiona uma interpretação como a de McComiskey e pergunta se essa é realmente a melhor maneira de abordar os versículos 25 e 26. Na discussão de Ridderbos sobre Amós 5, ele sugere que no contexto anterior a questão é a rejeição do Senhor às ofertas trazidas no momento.

Volte para Amós 5:21: “Eu odeio, eu desprezo suas festas religiosas. Ainda que me tragam holocaustos, não os aceitarei”. A questão era as ofertas atuais e ele acha difícil argumentar que o Senhor rejeitaria as ofertas atuais com base no fato de que eles haviam negligenciado trazer ofertas no período do deserto. Qual é a conexão entre os versículos 21 e 22 e o que aparentemente está sendo abordado no versículo 25? O que ele sugere é que 25 realmente continua o pensamento de 22 no sentido de que trazer sacrifícios não é a principal e única coisa que o Senhor pede a Israel. Se você olhar para o Pentateuco, parece que o sistema sacrificial foi instituído no período do deserto, e que Israel, pelo menos parcialmente, observou o sistema ritual durante o tempo das jornadas pelo deserto. Em Números 16:46, o fogo do altar é mencionado, e isso pressupõe que sacrifícios diários estavam sendo trazidos, mas além de Números 16:46, você não obtém nenhuma referência explícita à observância do sistema de sacrifício durante as peregrinações pelo deserto.

Mas Ridderbos, sua visão é “indubitavelmente foram trazidas ofertas, mas provavelmente não houve uma observância completa e regular de todo o sistema de sacrifício durante o período do deserto por causa das condições sob as quais os israelitas viviam”. Portanto, sua sugestão é que o propósito dessa pergunta retórica no versículo 25 é menos absoluto do que pode parecer. Ele não está sugerindo que nenhum sacrifício fosse trazido no deserto, mas sim que naquela época do deserto havia muita falta.

A linha de argumentação, então, que Amós está avançando é que os sacrifícios não têm o significado elevado que os israelitas atribuíam a eles - ou seja, que as observâncias rituais por si mesmas eram a essência da verdadeira religião. “Você me trouxe sacrifícios no deserto?” O sistema ritual completo não foi observado em sua totalidade. Sacrifícios não são a essência da verdadeira religião. A verdadeira religião é um desejo de coração de ser obediente ao Senhor. Isso remonta à afirmação em 1 Samuel 15, “obedecer é melhor do que sacrificar”; é isso que o Senhor deseja. Então, quer você aceite a visão de McComiskey ou

uma visão como a de Ridderbos, certamente o que o versículo 25 está dizendo não é que a religião mosaica foi intencionalmente sem culto ou que a verdadeira religião é simplesmente uma questão de ética.

4. Jr 7:21-23 e o Culto

O outro texto que acho difícil é Jeremias 7:21-23. Alguns argumentaram que, desse ponto de vista anticulto, esta é a passagem mais crítica, porque no versículo 22, você tem a declaração: “Quando tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, não lhes dei ordens sobre holocaustos. e sacrifícios”. O que fazemos com essa afirmação?

a. Resposta de Rawls com Êxodo 19:5

Há duas sugestões que posso dar. Uma é a de Rawls, que diz: “Na primeira abordagem de Jeová a Israel com a oferta da aliança”, isso está em Êxodo 19, “mesmo antes de o Decálogo ter sido promulgado, foi nessa primeira reunião de Jeová e Israel Deus se absteve de dizer qualquer coisa sobre sacrifícios, simplesmente dizendo que todo o acordo entre o povo e ele era baseado em sua lealdade e obediência. Veja que é Êxodo 19:5. “Agora, se vocês me obedecerem plenamente, guardarem meus convênios, então, dentre todas as nações, vocês serão minha propriedade preciosa. Embora toda a terra seja minha, você será um reino de sacerdotes e uma nação santa.’ Estas são as palavras que você deve falar a Israel”. Essa primeira apresentação da aliança não diz nada sobre sacrifício. Portanto, “quando tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, não lhes dei ordens sobre holocaustos e sacrifícios”, pode referir-se a essa apresentação inicial. Essa é uma maneira de lidar com o versículo 21.

b. Resposta de OT Allis: Preocupar-se → por causa de

OT Allis tem uma sugestão diferente. Eu tenho a dele em suas citações, página 11, “A razão para as palavras surpreendentes que acabamos de considerar é dada em palavras quase igualmente surpreendentes: 'Pois eu não falei a vossos pais, nem lhes dei ordem no dia em que os tirei de a terra do Egito sobre holocaustos ou sacrifícios.' À primeira vista, essas palavras parecem confirmar

totalmente a afirmação dos críticos de que Jeremias não sabia nada sobre um sistema de sacrifício introduzido por Moisés na época do Êxodo. Mas tal conclusão repousa sobre o fracasso da tradução inglesa em fazer justiça à ambigüidade da palavra hebraica traduzida como 'relativo'; e particularmente ao fato de que, como fica claro pelos estudos do uso, eles também podem ser traduzidos por 'por causa de' ou 'por causa de'. É óbvio que, se em Jeremias 7:22 empregarmos a tradução mais forte 'por causa de' ou 'por causa de', este versículo não apenas deixa de apoiar a inferência que os críticos baseiam nele, mas torna-se extremamente apropriado no contexto." Acho que a força do argumento de Allis aqui é sua sugestão de quão bem ele se encaixa no contexto. "O Senhor não diz a Israel que não deu ordens a seus pais **a respeito** do sacrifício. A princípio, as pessoas que ouviam Jeremias poderiam pensar que esse era o seu significado, mas um momento de reflexão os convenceria de que esse não poderia ser o verdadeiro significado de suas palavras. O que Jeová quis dizer é que ele não falou com seus pais **por causa de** sacrifícios, como se precisasse deles e passasse fome a menos que fosse alimentado pelas ofertas relutantes de homens pecadores que não tinham noção da relação real em que eles estavam. para ele.

A linguagem parece ser intencionalmente ambígua, até surpreendentemente. Mas as palavras "coloquem seus holocaustos em seus sacrifícios e comam a carne" pretendem dar uma pista de seu significado. Veja, volte para o versículo 21: "Assim diz o Senhor Todo-Poderoso, Deus de Israel: 'Vá em frente, adicione seus holocaustos aos seus outros sacrifícios e coma a carne vocês mesmos.'"

Você vê que o que Allis está dizendo aqui é: "Então, depois de apontar de maneira impressionante que Deus não precisa de sacrifícios de Suas criaturas, o profeta prossegue declarando que a obediência era o verdadeiro objetivo e exigência da legislação sinaítica". Nenhuma parte do holocausto deveria ser comida. Então, quando diz em 21: "Vá em frente, adicione seus holocaustos a seus outros sacrifícios e coma a carne vocês mesmos", o Senhor está dizendo, com

efeito, que aqueles que o ressentiram por parte de suas ofertas, que ele reivindicou como dele próprio, são bem-vindos para manter tudo para si. Ele não quer ou precisa desse tipo de sacrifício. Portanto, “Vá em frente, adicione seus holocaustos a seus outros sacrifícios e coma a carne vocês mesmos, pois quando tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, não lhes dei ordens”.

A NVI diz “sobre holocaustos”. Mas você vê o que a tradução de Allis faz. A versão King James diz “relativo a” e a NVI diz “sobre”, mas essa é a preposição *'al*, procure o texto hebraico ali, *'al*. Como você traduz isso *'al*? É “sobre” ou “relativo” como dizem a NIV e a King James? Allis diz “não”; deve ser “por causa de” ou “por causa de”. Em outras palavras: “Quando tirei seus antepassados do Egito e falei com eles, não lhes dei ordens 'por causa de' holocaustos e sacrifícios”, porque não preciso deles. Você pode mantê-los para si mesmo. Acho que essa sugestão se encaixa melhor com o versículo 21. “Vá em frente, acrescente seus holocaustos aos seus outros sacrifícios e coma a carne vocês mesmos”. Eu não preciso de seus sacrifícios. O que eu quero é a sua obediência. Então, novamente, acho que o que Jeremias está fazendo não é dizer que os sacrifícios são algo a que o Senhor se opõe fundamentalmente. É a maneira pela qual os israelitas estavam trazendo os sacrifícios aos quais o Senhor se opunha.

3. O Lugar do Ritual na Religião

Provavelmente em uma comunidade evangélica isso não é um problema, não é uma questão que as pessoas estão abordando. Você vai a um campus universitário onde os alunos fazem um curso de “Bíblia como Literatura” esse é o tipo de material sobre o qual eles falarão. Está em todos esses livros didáticos que são usados nesse tipo de tratamento do Antigo Testamento. Então, tenho certeza de que muitas pessoas pensam que isso se opõe a esse tipo de ideia. Pelo menos chama nossa atenção para a questão de por que os profetas falam tão fortemente a Israel sobre sua obediência ritual. Porque então surge a questão, qual é o lugar do ritual na adoração? Esse é um problema contínuo em andamento até hoje. Qual é o lugar do ritual em nossa adoração? De formas diferentes, você pode cair nos

mesmos tipos de abuso de ritual hoje como os israelitas no período do Antigo Testamento. Você acha que simplesmente indo a uma igreja, recitando certos credos, oferecendo certas orações, você ganha o favor de Deus. Não, se sua vida não estiver ao mesmo tempo dando alguma evidência de que você deseja viver da maneira que o Senhor deseja que você viva. Os rituais não trazem automaticamente a bênção e o benefício de Deus. Isso também não quer dizer que eles não sejam importantes e que devemos deixá-los de lado, porque seu uso é real.

B. Os Profetas Eram Funcionários do Culto

1. Explicação da Visão Passemos a B., o outro extremo desta posição, isto é, “Os profetas eram funcionários do culto”. 1. em que é, "Explicação da visão." Eu diria que hoje há um reconhecimento maior do que há 30 ou 40 anos atrás de que os profetas não se opunham fundamentalmente ao culto, mas o pêndulo balançou. Nos últimos 50 anos, houve um movimento entre um certo segmento de estudiosos do Antigo Testamento para ligar o profeta e o culto tão intimamente que os profetas, assim como os sacerdotes, são vistos como funcionários oficiais do culto.

a. Aubrey R. Johnson defende

Um dos defensores dessa visão cujo trabalho foi traduzido para o inglês é Aubrey R. Johnson. Se você olhar no final da página 12, você tem citações de seu volume *The Cultic Prophet in Ancient Israel*, ele diz: “Como resultado, os atos de intercessão do papel do profeta foram mais ou menos negligenciados. No entanto, é indubitavelmente verdade que o *nabi* ou profeta, como figura profissional, era tanto o representante do povo quanto o porta-voz de Javé; fazia parte de sua função oferecer orações, bem como dar a resposta divina ou oráculo. Assim sendo, surge novamente a questão de qual era exatamente o status desses especialistas consultivos. Eles tinham, como os primeiros profetas, uma posição dentro do culto semelhante à do padre? Em particular, devemos pensar nos profetas de Jerusalém como sendo os membros do pessoal do templo?” Claro que é uma pergunta, mas a conclusão dele é “sim”.

b. Sigmund Mowinckel e os Profetas do Culto

Há muito movimento no sentido de incluir os profetas como parte do culto no sentido de que eles eram funcionários do culto, o que vem da influência de um estudioso norueguês do Antigo Testamento chamado Sigmund Mowinckel. Você encontrará o nome dele em sua bibliografia. Ele publicou vários volumes sobre os Salmos e, em um desses volumes, argumentou que nos Salmos Deus às vezes fala diretamente. Por exemplo, o Salmo 75:2 e seguintes diz: “Damos-te graças, ó Deus, damos-te graças, porque perto está o teu nome; os homens falam de seus feitos maravilhosos. Você diz: 'Eu escolho a hora marcada; sou eu quem julgo com retidão. Quando a terra e todos os seus habitantes tremem, sou eu que mantenho firmes as suas colunas.’” Você vê lá no primeiro verso, Deus está falando muito como a forma de falar profético. Mowinckel argumentou a partir de exemplos desse tipo que você obtém um estilo de discurso profético embutido em muitos desses salmos. A partir disso, ele concluiu que a maioria dos Salmos se originou no culto e que as palavras de muitas partes dos salmos foram ditas por profetas ligados às observâncias do culto. Ele os chamou de “profetas de culto”. Assim, a primeira pessoa do singular ele considerou como uma resposta oracular do profeta que estava trazendo a palavra de Deus ao povo adorador enquanto eles estavam reunidos. Então, além do sacerdote, que trazia oferendas no templo, você tinha uma pessoa que dava um oráculo ali. Ele trouxe a palavra de Deus no contexto do culto religioso. Assim, sua conclusão foi que profetas e sacerdotes eram dois ofícios diferentes do serviço do templo, ou a adoração em vários outros santuários. Às vezes, eles podem estar unidos em uma pessoa - Ezequiel era um profeta e um sacerdote - mas, geralmente, ele sentia que eram dois indivíduos separados, ambos funcionários do culto.

2. O suporte bíblico é fraco

Você pode perguntar: “Onde está o suporte bíblico para isso?” Nos escritos dessas pessoas, há muito pouco suporte bíblico direto para a teoria. Alguns argumentam que Samuel estava ligado ao tabernáculo em Shiloh. Ele estava ligado

ao local de sacrifício em Ramá. Você espalhou referências a profetas e sacerdotes sendo mencionados juntos. Por exemplo, Isaías 28:7, onde você obtém esta declaração: “Sacerdotes e profetas cambaleiam da cerveja e se embriagam com o vinho”. Portanto, sacerdotes e profetas são mencionados na mesma frase, como se estivessem de alguma forma conectados entre si. Jeremias 4:9, você tem uma referência semelhante “'Naquele dia', declara o Senhor, 'o rei e os oficiais desanimarão, os sacerdotes ficarão horrorizados e os profetas ficarão apavorados’”. profetas juntos. Você tem Elias conectado com ritos de sacrifício ou cerimônias lá no Monte Carmelo, quando ele confronta os sacerdotes de Baal. Você tem profetas aparecendo no templo, Jeremias, por exemplo. No livro de Jeremias, capítulo 7, ele está no pátio do templo. Veja, todas essas são referências indiretas. Há pouca evidência explícita sobre a qual basear a teoria.

C. A Visão de que os Profetas Não eram Anti-Culíticos como tal, nem Funcionários do Culto, mas Simplesmente Proclamadores da Revelação Divina

Passemos ao 3., “Avaliação da vista”. Se você olhar para o artigo sobre profecia no *New Bible Dictionary*, J. Motyer escreve, “a base para a posição do profeta de culto é amplamente inferencial. É difícil ver como qualquer teoria pode ser estável quando se baseia em fundamentos tão frágeis.” Acho que ele está certo em que há muito pouca evidência direta que apoie a conclusão de que os profetas eram funcionários do culto. EJ Young, em seu volume *My Servants the Prophets*, diz: “Gostaríamos de deixar sem resposta a questão da relação precisa entre os profetas e o templo. Não achamos que haja evidência suficiente nas Escrituras para permitir que alguém se pronuncie com certeza sobre o assunto.” A monografia de Johnson, que examinamos em *O Profeta do Culto no Antigo Israel*, serve como um corretivo saudável para as atitudes que se tornaram predominantes nas escolas de Wellhausen que seriam anti-culto. Portanto, é um corretivo para isso. Isso nos faz ver que realmente havia alguma conexão entre os profetas e o local do sacrifício. Qual era essa conexão, no entanto, nós, de nossa parte, somos incapazes de dizer. Não podemos seguir a afirmação de Johnson de

que os profetas eram especialistas em cultos. Acho que Motyer está correto no sentido de que se baseia amplamente em evidências não sólidas.

Então vamos para C., “A visão de que os profetas não eram nem anticultos como tal, nem funcionários cultuais, mas simplesmente proclamadores da revelação divina”. Parece-me que é aqui que está o resultado final. Falamos desde o início que a função profética repousa sobre o chamado divino. Deus poderia chamar um sacerdote para atuar como profeta. Ezequiel foi um exemplo disso. Ele poderia chamar um fazendeiro como Eliseu e Amós foram. Quem quer que fosse, essa pessoa foi chamada por Deus para proclamar sua palavra; Deus colocou sua palavra na boca deles e eles deram a mensagem de Deus ao povo de Deus. Parece-me que quando você olha para todo o Antigo Testamento e os escritos dos profetas, a conclusão é: os profetas não eram contra o culto como tal, nem contra os oficiais profissionais do culto. Temos muito pouca evidência para qualquer uma dessas posições. Às vezes, os profetas denunciavam o culto, mas o faziam quando se desviava de seu propósito; eles não se opunham fundamentalmente a isso. Acho que o que os profetas promoveram foi o que eu chamaria de “unidade pactual” da disposição interior do coração para amar o Senhor de todo o coração, mente e alma, e a expressão externa desse amor em retidão ética e moral, fazendo justiça, amando o próximo, etc., bem como na realização da adoração de acordo com os padrões prescritos por Deus. Então você precisa de todos esses componentes, você simplesmente não passa por rituais e espera ganhar o favor de Deus. Esses rituais devem ser combinados com o amor pelo Senhor e o desejo de viver de acordo com os propósitos do Senhor. Isso é feito tanto pela ética quanto pela observância ritual.

Os atos de culto não têm valor em si mesmos. Acho que é algo que os profetas estão dizendo ao antigo Israel, é algo que eles também podem nos dizer. Os atos de culto são significativos apenas quando são realizados como uma expressão de amor indiviso por Deus e um desejo de andar em seus caminhos. Quando uma pessoa ama a Deus e deseja andar em seus caminhos, isso se

expressa em atos rituais. Mas atos rituais separados desse amor por Deus e desejo de andar em seus caminhos são uma abominação para o Senhor. Acho que é isso que os profetas estão dizendo quando condenam o que está acontecendo em Israel com relação à multiplicação da queima de ofertas, mas vivendo vidas completamente contrárias ao que Deus desejava.

VIII. A composição dos livros proféticos – os profetas eram escritores?

Vamos em frente. numeral romano VIII. é: "A composição dos livros proféticos - os profetas eram escritores?" Existem 3 ou 4 subpontos. A. é, "Visão Tradicional". B. é "Escola Crítica Literária". C. é, "História e Escola Tradicional, essa é a escola de tradição oral."

A. A Visão Tradicional

Os profetas escritores são assim chamados porque eles colocam sua mensagem por escrito para que ela seja preservada de forma permanente. De acordo com essa visão, os profetas eram escritores. Talvez passagens como Jeremias 36:1-28 e Isaías 30 versículo 8 possam lançar alguma luz sobre o método pelo qual as coisas foram escritas.

1. Jeremias 36:1-28

Jeremias 36:1-28 é bastante interessante. Vejamos isso. É a descrição mais explícita de colocar uma mensagem profética na forma escrita. Você lê: "No quarto ano de Jeoaquim, rei de Judá, esta palavra veio a Jeremias da parte do Senhor: 'Pegue um rolo e escreva nele todas as palavras que eu lhe disse a respeito de Israel, Judá e todas as outras nações desde o tempo Comecei a falar com você no reinado de Josias até agora. Talvez quando o povo de Judá souber de todos os desastres que planejo infligir a eles, cada um deles se converterá de seu mau caminho; então perdorei a sua maldade e o seu pecado.'" Assim, o Senhor diz a Jeremias que peça a um escriba que coloque esta mensagem por escrito.

Então, o que Jeremias faz? No versículo 4, ele "chamou Baruque, filho de Nerias, e enquanto Jeremias ditava todas as palavras que o Senhor lhe havia falado, Baruque as escreveu no rolo". Então aquele pergaminho foi levado ao

tribunal e lido para o rei. O que o rei fez? Você lê no versículo 21: “O rei enviou Jeudi para pegar o rolo, e Jeudi o trouxe da sala de Elisama, o secretário, e o leu para o rei e todos os oficiais que estavam ao seu lado. Era o nono mês e o rei estava sentado no aposento de inverno, com o fogo aceso na braseira à sua frente. Sempre que Jeudi lia três ou quatro colunas do pergaminho, o rei as cortava com uma faca de escriba e as jogava no braseiro, até que todo o pergaminho fosse queimado no fogo.” No versículo 26, você lê “O rei ordenou a Jerameel, filho do rei, Seraías, filho de Azriel, e Selemias, filho de Abdeel, que prendessem Baruque, o escriba, e Jeremias, o profeta. Mas o Senhor os havia escondido”, para que não fossem presos.

“ Depois que o rei queimou o rolo contendo as palavras que Baruque havia escrito sob o ditado de Jeremias, a palavra do Senhor veio a Jeremias: 'Tome outro rolo e escreva nele todas as palavras que estavam no primeiro rolo, que Jeoaquim, rei de Judá, queimado. Diga também a Jeoiaquim, rei de Judá: “Assim diz o Senhor: Você queimou aquele rolo e disse: 'Por que você escreveu nele que o rei da Babilônia certamente viria e destruiria esta terra e exterminaria dela homens e animais? ?’” Portanto, assim diz o Senhor a respeito de Jeoiaquim, rei de Judá: 'Ele não terá quem se assente no trono de Davi; seu corpo será jogado fora e exposto.’”

Então, o Senhor diz a Jeremias que coloque esta mensagem em um pergaminho e Jeremias dita a mensagem e o escriba a copia, é enviada ao rei, ele a queima, então o Senhor lhe dá a mensagem novamente e ele a escreve novamente.

2. Isaías 30:8

Isaías 30, versículo 8, é outro texto que faz referência à escrita, onde diz: “Vá agora, escreva-o em uma tábua para eles, escreva-o em um rolo, para que nos próximos dias seja uma testemunha eterna”. Então a mensagem foi dada e o Senhor disse: “Escreva, em um pergaminho”. Agora, essas duas passagens são provavelmente as passagens mais claras que abordam a questão de “Os profetas eram escritores?” E eles lançaram alguma luz sobre os métodos pelos quais os livros proféticos chegaram até nós. Não sabemos muito mais do que esses poucos

tipos de comentários. Não há muita evidência interna para estabelecer o método seguido em cada caso, mas parece claro que, pelo menos em alguns casos, os próprios profetas escreveram as mensagens, talvez outros tenham anotado a mensagem e preservado a mensagem se fosse transmitida oralmente, mas parece que os profetas eram escritores, não meramente oradores. Não sabemos ao certo se, em todos os casos, o próprio profeta escreveu o material contido no livro que leva seu nome, se foi escrito por escribas ou editado e compilado por outra pessoa. Mas a visão tradicional é que os profetas eram escritores.

b. A Escola Crítica Literária

B. é "A Escola Crítica Literária". Na escola crítica literária, os profetas também eram vistos como escritores. No entanto, a grande tarefa que os críticos literários se propuseram a realizar foi separar e separar o que era original do que foi acrescentado posteriormente. Então, eles tentaram distinguir o original dos acréscimos secundários de tempos posteriores para determinar o que era autêntico e verdadeiro, atribuível ao profeta cujo nome o livro trazia, em comparação com o que havia sido adicionado posteriormente. Muito rapidamente, ideias racionalistas que excluem previsões genuínas começaram a desempenhar um papel. Você se depara com declarações proféticas, em particular de Isaías, falando sobre Ciro, que não foram possíveis e devem ter vindo de outra pessoa, não do profeta Isaías. Existem muitas ilustrações disso.

Então, o que eu quero fazer na escola crítica literária é falar sobre dois livros que estão particularmente sob ataque por não serem as próprias palavras do profeta cujo nome o livro leva. Esses dois livros são Isaías e Daniel.

Não tanto Isaías 1-39, onde há muita variação aqui. Mesmo entre os estudiosos críticos, há uma disposição geral de atribuir pelo menos grande parte de 1-39 a Isaías, o profeta, na época de Acaz e Ezequias. Mas quando você chega aos capítulos 40-66, há um consenso bastante amplo de que não é Isaías falando, mas sim o Segundo Isaías na época de Ciro, no final do cativeiro babilônico. Coisas

semelhantes são feitas com Daniel. Então, vamos olhar para Isaías e Daniel sob a Escola Crítica Literária.

1. Isaías 40-66 – ou “Segundo Isaías”

É frequentemente afirmado pelos principais críticos literários que Isaías não é o autor dos capítulos 40-66 do livro de Isaías. É geralmente referido como Deutero-Isaías por estudiosos que se movem na corrente principal dos estudos bíblicos contemporâneos. Você encontrará isso nos títulos dos comentários. Você o encontrará nos comentários convencionais, um comentário sobre Isaías e um comentário sobre Deutero-Isaías. Você obtém um volume em Isaías 1-39, outro volume no capítulo 40 e seguintes.

1. Rachel Margalioth

Você olha para suas citações, página 14, há um estudo muito interessante sobre Isaías por uma mulher, Rachel Margalioth, uma estudiosa judia, defendendo a unidade do livro de Isaías. Observe o que ela diz no topo da página: “A suposição de que o livro de Isaías não é obra de um autor, mas que os capítulos 40 a 66 pertencem a um profeta anônimo que viveu durante o Retorno a Sião, é considerada como uma das conquistas mais importantes da crítica bíblica. Este julgamento ultrapassou os círculos acadêmicos e tem sido geralmente aceito por todas as classes, tornando-se parte da educação bíblica. Raramente encontramos uma pessoa iluminada que não a aceite como uma verdade inquestionável.”

Declaração interessante. “A divisão do livro foi expressa pela primeira vez pela escola crítica de Doederlein (1775). Seu sistema foi desenvolvido e expandido pelos críticos cristãos”, e ela tem uma série deles lá. “Muitos estudiosos judeus seguiram seu rastro”, entre os mencionados está Kraus e seu “comentário científico sobre Isaías”. “É um fato aceito entre os comentaristas modernos que os capítulos 40 até o fim não são de Isaías.’ Ele continua: ‘De acordo com nosso estado atual de conhecimento, seria um esforço infrutífero da parte de qualquer um tentar provar a autenticidade desses capítulos, uma vez que é demonstrado por

evidências internas que eles não podem ser atribuídos ao verdadeiro Isaías. ”
Agora, esse é o tipo típico de declaração que você encontra na literatura.

2. RN Whybray

Ela escreveu esse livro em 1964, se você chegar a uma discussão mais recente sobre isso, veja a página 15A em RN Whybray, *The Second Isaiah*. Não sei se você conhece aquela série de volumes chamada Guias do Antigo Testamento. São livrinhos, geralmente cento e cinquenta páginas no máximo, e há um para cada livro do Antigo Testamento. O que ele faz é apresentar a autoria, data, é muito parecido com Freeman, exceto um livro sobre cada livro canônico com grandes questões interpretativas, análise crítica da autoria, data e antecedentes históricos. Quando você chega a Isaías na Série do Antigo Testamento, não há apenas um volume para Isaías, veja, há um volume para Isaías h, e então há este volume, O Segundo Isaías, para os capítulos 40 a 66. Whybray escreve isto dizendo: “Este volume, como meu comentário sobre Isaías 40-66 na New Century Bible, minhas duas monografias... que por muitos anos tem sido quase universalmente aceito, que os capítulos 40 a 55 são substancialmente o trabalho de um único 'profeta do Exílio' anônimo, permanece válido e provavelmente continuará sendo a visão da maioria dos estudiosos. Então, quando você pergunta quem foi o autor de Isaías 40 a 66? É um profeta anônimo, vivendo na época do exílio. Não sabemos quem foi. Praticamente um consenso de que o próprio Isaías não escreveu a segunda parte do livro.

3. Base para o segundo argumento de Isaías

Agora, qual é a base para chegar a esse tipo de conclusão? Quando você olha para os argumentos que encontra naqueles que defendem essa visão Deutero-Isaías, os fundamentos geralmente avançados são basicamente três argumentos. Tentei reduzir a essência disso a três argumentos fundamentais.

a. Diz-se que os conceitos e ideias encontrados em Isaías 40 a 66 diferem significativamente de Isa. 1-39

a. “ Diz-se que os conceitos e ideias encontrados em Isaías 40 a 66 diferem

significativamente dos conceitos e ideias que aparecem nas seções incontestadas da primeira parte do livro”, isto é, a primeira parte do livro atribuída a Isaías. Em outras palavras, há alguma cobertura aí, porque alguns estudiosos dirão que nem todo o primeiro Isaías pertence a Isaías, parece haver algum material secundário lá. Mas, em geral, o argumento é que se você olhar para os conceitos e ideias apresentados em Isaías 1-39 e compará-los com os conceitos e ideias que você encontra em 40-66, há uma diferença significativa o suficiente nos conceitos e ideias para desenhar o conclusão de que esta não é a obra de um único autor, devido à diferença de conceitos e ideias. Voltaremos e examinaremos as respostas a esses argumentos e completaremos os argumentos um pouco mais em um minuto.

b. Uma notável diferença de linguagem e estilo entre as duas partes do livro de Isaías

O segundo argumento alega que há uma notável diferença de linguagem e estilo entre as duas partes do livro. Isso fica mais técnico, olhando para o uso das palavras, construções gramaticais, esse tipo de coisa. A partir disso, eles tentam argumentar que duas partes deste livro não poderiam ter sido escritas pela mesma pessoa, porque sua linguagem e estilo são diferentes.

c. O contexto histórico dos capítulos 40-66 não é o contexto histórico da época de Isaías

O terceiro argumento diz que o pano de fundo histórico dos capítulos 40-66 não é o pano de fundo histórico da época de Isaías. Isaías viveu no tempo de Acaz e Ezequias até o tempo de Manassés. Nos capítulos 40-66, Jerusalém e o templo são destruídos, o povo está exilado na Babilônia e está prestes a ser libertado do exílio por meio desse governante persa, Ciro, mencionado nominalmente.

Portanto, a conclusão é que Cyrus já deve ter chegado ao cenário mundial quando este livro foi escrito. Mas a maioria dos estudiosos que adotam essa visão argumentaria que seria impossível para qualquer um saber o nome de Ciro na época de Isaías, o profeta da época de Acaz e Ezequias. Portanto, esses são os três

argumentos gerais: conceitos e ideias, linguagem e estilo e contexto histórico; eles são diferentes nos capítulos 40-66 do que precedeu. Se você ler as pessoas que discutem isso e depois destilar o que elas dizem, tanto quanto o apoio ao Deutero-Isaías, você descobrirá que é aí que os argumentos se concentram.

2. Avaliação: contra-argumentos

a) Conceitos e ideias divergem da segunda parte do livro

Vejam os o primeiro argumento: “Conceitos e ideias diferem da segunda parte do livro para a incontestável primeira parte do livro”. Eu diria que esse argumento não é conclusivo e não pode ser conclusivo porque depende do julgamento de uma pessoa sobre até que ponto diferenças de conceito e ideias indicam ou exigem uma diferença de autoria. Acho que, em última análise, é uma determinação subjetiva. Diferenças de conceitos e ideias não levam necessariamente à conclusão de que é necessário um autor diferente. Observe que os defensores da posição não afirmam que há contradições em conceitos e ideias entre as duas partes do livro. Se houvesse contradições, este seria um argumento muito mais forte, mas esse não é o argumento. Acho difícil argumentar que diferenças de conceitos e ideias requerem uma diferença de autoria. Ainda mais quando você considera que o livro, se você aceitar o que ele afirma ser, não é apenas palavras humanas, mas uma palavra divina; é a revelação divina. Não é possível que Deus pudesse comunicar diferentes ideias, verdades e conceitos em diferentes períodos da vida profética de um indivíduo, a saber, Isaías? Isaías viveu e ministrou por um longo período de tempo. Parece que seu ministério foi de cerca de 740 a 681 aC Isso seria aproximadamente 60 anos. Agora, em um período de 60 anos, é possível que haja desenvolvimento de conceitos e ideias? Você esperaria que sim. Isso significa que você deve concluir que há um autor diferente? Enquanto continuo dizendo aqui, por que, por exemplo, esta revelação especial sobre o serviço de Yahweh não deveria ser dada pela primeira vez na última parte da vida de Isaías? Agora esse é um novo conceito que está na segunda metade do livro, o tema do servo do Senhor é um tema que não temos na primeira

parte do livro que se desenvolve na segunda parte do livro. Isso exigiria um autor diferente?

Há uma citação na página 13 onde Driver diz, por exemplo, que o conceito de Deus em Isaías 40 a 66 é “maior e mais completo”, essas são suas palavras, Isso é algo para ser considerado impossível na escrita do mesmo profeta? Quando Driver diz: “O propósito divino em relação às nações, especialmente em conexão com a missão profética de Israel, é desenvolvido de forma mais compreensível”. Isso requer um autor diferente? Ou isso é apenas uma progressão no pensamento ao longo do tempo? Driver defende a diferença de conceitos e ideias como base para a diferença de autoria. No entanto, ele admite que não há distinção essencial entre as duas seções quando diz: “Verdades que são meramente afirmadas em Isaías”, essa é a primeira parte do livro, “sendo aqui objeto de reflexão e discussão” .

Então, parece-me que esse argumento se baseia em grande parte nesse julgamento subjetivo. Até que ponto a diferença – e particularmente diferenças que não são contraditórias, mostram desenvolvimento e talvez introdução de novas ideias e temas – quanto isso, por si só, força você a concluir que você deve ter um autor diferente? Isso é um julgamento. Não é uma conclusão necessária.

De fato, A. Comica, em um estudo em francês, defendeu a unidade do livro com base em acordos de conceitos e ideias entre as duas seções. Existem muitas características de Isaías 1-39 e 40-66, onde você encontra concordância em conceitos e ideias. Portanto, não é tão radical nessa junção quanto pode ser sugerido por alguns dos defensores da teoria Deutero-Isaías. Acho que é melhor pararmos aqui e começarmos na página 3, “Argumento de linguagem e estilo”, que considero um argumento mais importante do que conceitos e ideias.

Transcrição de Dan Montgomery
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia, Palestra 11

Profetas e o culto, os profetas eram escritores?

Revisão: Eram os profetas escritores?

b. A Escola Crítica Literária Continua No folheto sobre a composição de livros proféticos perguntando: “Os profetas eram escritores?” examinamos a visão tradicional de que os profetas eram escritores. Começamos com b., “A Escola Crítica Literária”, que também veria os profetas como escritores, mas depois tentaria separar nos livros proféticos o que era autêntico, o que vinha da mão do profeta cujo nome é dado ao livro, e para separar isso de adições posteriores. Mencionei da última vez que os dois livros mais frequentemente focados no que diz respeito à erudição crítica são Isaías e Daniel. Acho que parte do motivo da atenção dada a Isaías e Daniel são as notáveis previsões de longo prazo encontradas na segunda parte de Isaías, bem como a multidão de visões de Daniel. Aqueles que têm um tipo de mentalidade histórico-crítica com uma cosmovisão iluminista que não aceita a existência da intervenção sobrenatural e divina nos assuntos humanos e certamente não vê a revelação divina da forma como a Bíblia a representa. Eles têm um problema, com uma referência a Ciro, por exemplo, na segunda parte de Isaías, que viveu muito depois do profeta Isaías, ou as previsões de longo prazo que você tem no livro de Daniel, bem como as profecias de longo prazo de Daniel com relação ao material escatológico específico da época de Antíoco Epifânio, que viveu no século II aC Como Daniel poderia saber disso? Assim, foi tirada a conclusão de que a segunda parte de Isaías não foi escrita pelo mesmo escritor da primeira parte de Isaías e que o livro de Daniel foi escrito posteriormente e não pelo profeta original Daniel.

1. Isaías 40-66 Continuação

b. “Existem diferenças de linguagem e estilo nas duas partes do livro.”

Começamos a examinar alguns dos argumentos que as pessoas desse ponto de vista usam para afirmar que Isaías 40 não é de Isaías. Nesse folheto no final da primeira página, resumi três argumentos. Primeiro, “Os conceitos e ideias em Isaías 40-66 são diferentes dos conceitos e ideias da primeira parte do livro (1-39)”. Em segundo lugar, “há diferenças de linguagem e estilo nas duas partes do livro”. Em terceiro lugar, “há diferenças nos antecedentes históricos e nos fatos”. Tínhamos trabalhado com as respostas nos argumentos para o primeiro de que os conceitos e ideias em Isaías 40-66 diferem dos conceitos nas seções incontestáveis da primeira seção do livro. Acho que não fizemos muito com o segundo argumento que está na página três, ou seja, o argumento derivado da diferença de linguagem e de estilo. Eu acho que é um argumento mais importante do que o primeiro, porque o primeiro argumento envolve o julgamento subjetivo de quão diferente o conceito e as ideias precisam ser para exigir um autor diferente. Como mencionei, não vejo razão pela qual Deus não poderia ter revelado material sobre o tema do servo do Senhor a Isaías na parte final de seu ministério muito longo, e não no início. É um conceito novo, mas que não requer necessariamente um novo autor.

Quando você chega à linguagem e ao estilo, o argumento é mais importante. Driver lista muitas palavras que ocorrem em 40-66, mas não em 1-39, ou palavras que ocorrem frequentemente em 40-66, mas raramente em 1-39. Então, dessa perspectiva particular, você começa a olhar para o uso das palavras e vê a diferença. Em resposta, pode-se dizer que não deve ser surpreendente que você encontre palavras ou expressões diferentes na segunda parte do livro em comparação com a primeira porque há uma diferença de assunto. Se você tiver uma diferença de assunto, esperaria uma diferença no uso das palavras. Portanto, também não acho que esse

argumento seja convincente.

O argumento mais forte do estilo é que certas esquisitices linguísticas que acompanham o tempo posterior são encontradas em Isaías 40-66. Driver argumenta isso na página 240 em sua *Introdução ao Antigo Testamento*. Examinar isso em detalhes exigiria uma quantidade enorme de tempo, então não quero gastar muito tempo com isso, mas deixe-me dar alguns exemplos. No trabalho de Aalders sobre *An Introdução ao Antigo Testamento* em que ele discute os argumentos de Driver e outros, ele observa que um argumento estilístico que eles fazem é a preferência no segundo Isaías pelo primeiro singular ' *ani* em vez de ' *anoki*, como você sabe que ambos são pronomes de primeira pessoa. Diz-se que isso indica, então, o uso linguístico em um momento posterior. Em Isaías 40-66 ' *ani* ocorre 79 vezes ' *anoki* ocorre 29 vezes. Então, sim, há uma preferência por ' *ani* em Isaías 40-66. Mas então o que Aalders aponta se você olhar para Ageu e Zacarias, que são claramente pós-exílicos no que diz respeito a Ageu, ' *anoki* não ocorre de forma alguma; ' *ani* é 5 vezes e ' *anoki* 0 vezes. Em Zacarias ' *ani* ocorre 9 vezes e ' *anoki* 0 vezes. Se você voltar a Ezequiel - um pouco antes de Ageu e Zacarias - você encontrará ' *ani* 162 vezes e ' *anoki* 1 vez. Há uma ocorrência lá. O que Aalders observa é que a tendência de não usar ' *anoki* na época de Isaías 40-66 não progrediu até a época de Ezequiel. Isso tende a dizer que Isaías é anterior a Ezequiel. Em outras palavras, que a segunda parte de Isaías tem um padrão de uso que não se encaixa nos tempos pós-exílicos. Então Isaías deve ser anterior a Ezequiel. Então você pode olhar para algumas dessas coisas de uso linguístico e levantar questões sobre elas.

Eu acho que do outro lado da moeda, que está na página 4, você também pode encontrar pontos de acordos linguísticos sobre o que você pode chamar de esquisitices linguísticas no livro entre as duas seções. Por exemplo, a expressão frequente usada pelos profetas, “Assim diz o Senhor”, tem uma

variante em Isaías e essa variante ocorre apenas em Isaías . Essa variante substitui o perfeito “ *'amar* ” pelo imperfeito “ *yomer* ” indicando assim ação durativa, “assim diz o Senhor”. Essa variante é exclusiva de Isaías. É usado em 1-39, bem como em 40-66 em referências variantes, e há mais referências que se expandem para todo o livro. Portanto, o fato de que essa expressão é comum em todos os profetas, mas ocorre em uma variante em Isaías e a variante ocorre em ambas as seções de Isaías certamente é um indicador da unidade de autoria em vez de vários autores.

1) Rachel Margalioth Refutando o Argumento do Estilo em Isaías Agora eu dou aquelas duas ilustrações do uso de *' anoki* e do imperfeito de *yomer* porque quando você entra nessa forma de uso linguístico, ela pode ficar muito complicada muito rapidamente. Eu acho que se você estiver interessado nisso e dedicar tempo para fazê-lo e olhar para alguma literatura que o discute, você descobrirá que os argumentos vão para os dois lados. Não é tão claro quanto parece. Linguagem e estilos são diferentes na primeira parte do livro e na segunda parte do livro. Há um estudo feito por uma mulher chamada Rachel Margalioth chamado *The Indivisible Isaiah*. Está esgotado, mas é um volume muito útil. Ela defende efetivamente a unidade do livro com base no acordo de linguagem e estilo. Em outras palavras, o argumento é invertido. Se você olhar suas citações na página 14, vá até o meio da página naquele grande parágrafo que começa no meio da página 14. Margalioth diz: “Kraus enumera dezoito palavras e expressões 'peculiares' para Isaías 'o segundo'. Vários deles, como ele admite, podem ser encontrados também em Isaías 'o primeiro', mas em capítulos que Kraus atribui a Isaías 'o segundo'”. impor no texto não se encaixa nessa seção do Isaías. “Mas mesmo que tais expressões fossem encontradas em número muito maior, que prova pode ser deduzida disso? Palavras ou expressões especiais em ou em outro capítulo provam

alguma coisa? Esse fato justifica a separação deste ou de qualquer outro capítulo do corpo do livro? Nos profetas, não é incomum que uma ou mais palavras apareçam várias vezes em certos capítulos, embora não sejam encontradas nem uma vez nos capítulos anteriores. Considere a expressão “a vingança do Senhor”, que aparece várias vezes em Jeremias 50 e 51, mas não é encontrada novamente em todo o livro. Isso é motivo suficiente para separar esses dois capítulos do livro?” O que ela está dizendo é apenas porque você tem duas palavras que aparecem lá e não ocorrem em nenhum outro lugar, isso lhe dá uma razão para questionar se Jeremias escreveu esses dois capítulos?

“ Ou ainda a expressão 'morto pela espada' é encontrada nada menos que dez vezes em Ezequiel 31 e 32, mas não aparece nem uma vez nos capítulos anteriores. Ezequiel 31 inicia um segundo Ezequiel? Em todo livro profético é possível apontar numerosas palavras, frases, expressões que aparecem várias vezes em um só capítulo ou em um grupo de capítulos e não em outra parte do livro. Resta-nos concluir, então, que tais palavras e frases são favorecidas em termos de contexto.”

2) Os Argumentos de Margalioth para a Unidade de Isaías Veja bem, se você tiver uma linguagem diferente, ela pode estar mais conectada a qualquer tópico da discussão ou à mensagem específica que o profeta está dando nesses capítulos específicos. “No que diz respeito aos argumentos de que as duas seções do livro de Isaías diferem em linguagem e estilo, o que ocorre a Ben Zeev é algo que não pode ser provado pelo exemplo, demonstraremos neste livro, por centenas de exemplos, que o oposto é verdadeiro. As duas seções não são apenas semelhantes em linguagem e estilo, mas são notáveis por sua unidade, pois as semelhanças entre elas não podem ser atribuídas a qualquer influência... O sistema aqui vai demonstrar a unidade de ambas as

partes”, e isso o próximo parágrafo está naquele folheto na página 4 onde Margalio th descreve os sistemas que ela usa: “Depois de classificar o livro de Isaías por assunto, mostramos que em relação a cada assunto, ambas as partes empregam inúmeras expressões semelhantes que são peculiares apenas a este livro. Também ficou provado que as expressões específicas revelam o mesmo vigor em ambas as partes, bem como o mesmo uso. Mesmo as expressões comuns se distinguem por um uso particular idêntico em ambas. A segunda seção inverte as palavras da primeira. Você encontrará na página 4 e na página 5 e na página 6 os assuntos que ela usa para classificar o livro de Isaías por conteúdo de assunto.

Não vou ler todo esse material, mas vamos ver apenas algumas de suas classificações de assuntos. Número 1., “Designações de Deus” e o que ela lista são títulos divinos usados exclusivamente em Isaías encontrados em comum em ambas as partes. Em outras palavras, designações para Deus não encontradas em nenhum outro lugar – “o Santo de Israel”, por exemplo, é encontrada em ambas as partes do livro. Ou “Designações dos Povos de Israel”, existem onze epítetos específicos sobre o povo judeu que são encontrados nas duas seções. Veja o número 9 “Palavras de Admoestação”; vinte e uma diferentes formulações de repreensão peculiares a Isaías e comuns a ambas as partes. Número 10, “Palavras de Castigo”; vinte e nove palavras descrições específicas de degradação, idênticas em estilo em ambas as seções de Isaías. Portanto, existem quinze tópicos como esse expressos em ambas as partes do livro de Isaías e, em muitos casos, são exclusivos do livro de Isaías. Então eu acho que Margalioth pegou esse argumento de estilo e linguagem e fez um bom argumento para a unidade do livro e um único autor. Voltaremos a isso em alguns minutos.

3) Unidade redacional Durante muito tempo, esses argumentos críticos

dominaram o campo e convenceram a maioria dos estudiosos bíblicos de que havia vários autores no livro de Isaías e o basearam nos tipos de argumentos de Driver e outros. Esses argumentos, como os de Margalioth para a unidade de linguagem e estilo em ambas as partes do livro, agora são aceitos até mesmo por estudiosos críticos. Mas isso não os leva à conclusão de que Isaías foi o autor do livro. Eles falarão agora de uma unidade redacional. Em outras palavras, esses outros escritores imitaram o estilo de Isaías, de modo que você obtém uma unidade composicional, mas não um único autor. Eu disse que voltaria a isso mais tarde. Mas em resposta a este argumento que Margalioth fez e outros, olhe no meio da página seis.

4) Mark Rooker Para uma discussão mais recente sobre o uso linguístico e o tema de Isaías, veja Mark Rooker, "Dating Isaiah 40-66: What does the linguistic Evidence say?" Isso foi no Westminster Theological Journal vol. 58 em 1996 - um artigo muito útil se você estiver interessado nesse tipo de coisa. Neste artigo, Rooker dá vários exemplos de como o uso linguístico em Ezequiel e no hebraico pós-exílico reflete consistentemente características linguísticas posteriores àquelas que encontramos em Isaías 40-66. Mais uma vez, fica um pouco técnico, mas ele apresenta um caso muito bom e fornece ilustrações muito convincentes. Sua conclusão é que se "os estudiosos críticos continuam a insistir que Isaías deve ser datado no exílio ou no período pós-exílico, eles devem fazê-lo em face da evidência contrária da análise diacrônica", ou seja, análise que usa a história do desenvolvimento da língua hebraica e uso linguístico através do tempo.

Minha conclusão para o argumento da linguagem e do estilo é que ele não pode fornecer a prova final para nenhuma dessas posições, embora os estudos diacrônicos forneçam o argumento mais forte em favor da autenticidade e da unidade. De qualquer forma, é certamente verdade que a

consideração de linguagem e estilo não requer dois ou mais autores em Isaías – este é o meu ponto.

5) Análise Computacional de Dados Linguísticos

Agora , uma outra questão que às vezes entra nessa discussão em particular é a análise por computador do uso linguístico que está começando a aparecer nos estudos bíblicos. Se você olhar para a página 15 de sua citação no comentário NICOT de John Oswalt sobre o livro de Isaías, onde ele está discutindo esta questão. Ele diz: “A coisa mais próxima de uma prova objetiva de falta de unidade na composição aparece na impressionante investigação de Y. Radday, *The Unity of Isaiah in Light of Statistical Linguistics* . Radday fez um estudo computadorizado de numerosas características lingüísticas do livro de Isaías e as comparou nas várias seções do livro. Como controle, ele estudou outras peças de literatura, tanto bíblicas quanto extrabíblicas, que se dizia terem vindo de um autor. Como resultado dessas pesquisas, ele concluiu que as variações lingüísticas eram tão severas que um autor não poderia ter produzido todo o livro de Isaías. Como seria de esperar, essas conclusões foram recebidas com aprovação por estudiosos críticos que viram sua posição como justificada...

Várias questões podem ser levantadas pela metodologia de Radday. A própria infância do campo da linguística estatística levanta algumas questões.” Aqui está um ponto bastante importante. “Ainda sabemos o suficiente para falar com confiança sobre os possíveis limites de variação no uso de uma determinada pessoa?” Se você olhar para uma vida de sessenta anos, quanto o uso linguístico de uma pessoa muda ao longo do tempo? “Nada disso é para questionar a integridade com a qual o estudo de Radday foi realizado e realizado, mas é para apontar que a evidência ainda não é tão objetiva quanto um manuscrito no qual os capítulos 1-39 apareceriam.

Agora há duas notas de rodapé. Você percebe que logo após aquela pergunta sobre os “limites de variação no uso linguístico de uma pessoa”, há uma nota de rodapé de número 5. Cinco segue aqui, “Observe que outro tipo de estudo computadorizado das características do livro levou à conclusão de que é uma composição unitária.” Em outras palavras, a análise computacional e as conclusões dela tiradas são divergentes. Um estudo de R. Posner concluiu que a composição não é uma unidade, mas seus resultados apontaram para divisões do livro diferentes das de Radday. Agora você vê que existem vários resultados de qualquer tipo de análise de computador, dependendo de como você configura o programa para fazer a análise – há muitos fatores aí.

A outra nota de rodapé é interessante. Número seis: “É irônico que aqueles que elogiaram a confiabilidade da metodologia de Radday aplicada a Isaías estivessem muito menos convencidos de sua confiabilidade quando ele relatou recentemente que a mesma metodologia estabeleceu a unidade de Gênesis”. Portanto, esse argumento para teorias críticas funciona nos dois sentidos. De um jeito com Gênesis, de outro jeito com Isaías. Sem dúvida, a próxima década terá muito mais uso da análise computadorizada dos escritos bíblicos com as conclusões tiradas. Será interessante ver como ele se desenvolve, mas neste ponto nem isso é algo com o qual conclusões conclusivas possam ser tiradas. Não acho que argumentos baseados em linguagem e estilo sejam conclusivos de qualquer maneira. Mas acho que o que você pode dizer é que os argumentos dizem que você não pode *negar conclusivamente* que Isaías poderia ter sido responsável pela segunda parte do livro.

3. O argumento do contexto histórico

O terceiro argumento é: “O argumento do contexto histórico”. É provavelmente o argumento mais importante. Acho inegável que os capítulos

40-66 refletem um contexto histórico diferente do 1-39. Na primeira parte de Isaías há muita repreensão ao povo de Israel e a predição de que Deus enviará a nação ao exílio por causa de seus pecados. Quando chegamos na segunda parte do livro você não encontra esse tipo de material. A suposição é que eles já estão no exílio e que o julgamento já aconteceu. A ênfase na segunda parte do livro é a promessa de Deus de que eles serão libertados de seu cativeiro . Na primeira parte do livro você tem muitas referências aos assírios. Eles eram um grande inimigo de Israel nessa época. Acaz morreu. Mas na segunda parte do livro não são os assírios em vista, mas os babilônios e a ascensão de Ciro, o persa. Claro, Cyrus é mencionado pelo nome. As pessoas da segunda parte do livro estão escravizadas pelos babilônios, mas serão libertas. Portanto, há uma clara diferença histórica no ponto de vista histórico entre o primeiro e o segundo livros.

a. Explicações Agora , dado que isso está em disputa, você pode explicá-lo de duas maneiras. O caminho que a crítica sugere é que a segunda parte do livro é escrita por um autor diferente, que viveu depois do exílio que já havia começado e estava prestes a terminar. Israel estava prestes a ser libertado para retornar à sua terra natal. A segunda maneira de explicar isso é que Isaías escreveu as duas partes do livro, mas na segunda parte do livro seu propósito era dar conforto a Israel depois que Israel foi para o exílio com a declaração de que Deus os libertaria.

Se você acredita que Isaías foi o autor, então você deve responder à pergunta encontrada com frequência na literatura: Existe alguma razão para que Isaías escrevesse algo que se referisse a uma situação mais de um século depois de sua época?

3. Segundo Isaías Historicamente Divergente Alguns dizem: “Não, isso não faz

o menor sentido”. Eles usam isso para argumentar que outra pessoa escreveu a segunda parte do livro. Veja a página 16 de suas citações de Whybray's *Libraries Old Testament Guide to Isaías* parágrafo b, onde ele diz: “É claramente endereçado a um grupo de pessoas que foram exiladas de sua terra natal por um poder conquistador, que também é referido pelo nome: Babilônia. Em quatro passagens a Babilônia é mencionada nominalmente nestes termos e esta situação histórica é confirmada em numerosas outras passagens. Os capítulos 40-55 então não teriam sentido no século VIII, quando o povo de Jerusalém e Judá ainda vivia em casa sob o governo de seus próprios reis; quando a Babilônia, longe de ser uma grande potência, era - e permaneceu até a queda da Assíria no final do século VII aC, muito depois da morte de Isaías - apenas uma das cidades do Império Assírio; [Babilônia fazia parte do Império Assírio na época do profeta Isaías.] e quando Ciro ainda não havia nascido e o império persa ainda não existia.” Esse é o argumento de fundo histórico. “Por outro lado, tudo nesses capítulos faz sentido como a mensagem de um profeta do século VI aos judeus exilados na Babilônia. Em outras palavras, o argumento é que se Isaías tivesse escrito isso, não teria sentido para as pessoas de seu tempo que viviam em circunstâncias totalmente diferentes. Qual teria sido o ponto? Então você faz a pergunta: Existe alguma relevância para Isaías 40-66 para os contemporâneos de Isaías? Vá para a página 13 de suas citações a Hobart Freeman, que discute isso em sua *Introdução aos Profetas do Antigo Testamento*. Seu comentário é: “Nem toda profecia precisa ser atribuída a uma situação histórica contemporânea definida, nem diretamente aplicável à geração a quem é falada. Não se pode sustentar, como afirma Driver, que 'o profeta sempre fala, em primeira instância, a seus próprios contemporâneos: a mensagem que ele traz está intimamente relacionada com as circunstâncias de seu tempo: suas promessas e previsões... são então sentidos.'”

b. Problemas com essa Visão – Necessidade de Palavras de Conforto

Contradições óbvias a este conceito de profecia são Zacarias 9-14, que é futuro, Daniel 11-12 é obviamente futuro, e Isaías 24-27 na primeira parte de Isaías, que é frequentemente chamado de “Pequeno Apocalipse”. Lá Isaías fala sobre o dia do Senhor e o fim dos tempos. Isso não é para ignorar, é claro, uma relação geral da profecia com a situação histórica, que ambos registram a declaração profética. Assim, a resposta de Freeman é que nem toda profecia deve ser diretamente aplicável à geração a quem é falada. Na maioria das vezes é, mas também há momentos em que esse tipo escatológico de profecia vem, o que obviamente é falado para abordar uma situação que acontecerá muito depois que todos a quem o profeta falou já tiverem ido embora.

Meu comentário aqui é voltar à página 7 do folheto enquanto Freeman está correto no que diz, parece-me que os capítulos 40-66 têm um propósito em relação ao povo da época de Isaías. Os primeiros capítulos do livro de Isaías tinham dois objetivos: declarar à nação seu pecado e a necessidade de se arrepender; então, em segundo lugar, ele disse a eles que Deus os puniria enviando-os para o exílio. Todas essas ênfases são muito claras na primeira parte do livro. Houve alguns que ouviram e apoiaram Isaías, embora em geral sua mensagem não tenha sido bem recebida. Ele havia sido informado de que, no momento de seu chamado, conforme registrado em Isaías 6, sua mensagem cairia em ouvidos surdos. Acho que cada vez mais ficava claro que as pessoas estavam se afastando de Deus. A profecia de Isaías 6:9-10 estava sendo cumprida e estava claro que o exílio predito em 6:11-12 inevitavelmente se seguiria.

Após a morte de Ezequias, seu filho, Manassés tornou-se rei. Sob o governo de Manassés, a nação caiu em terrível apostasia. 2 Reis 21 descreve o mal da época de Manassés, o mais perverso dos reis do reino do sul. De

acordo com a tradição judaica, Isaías foi serrado durante o reinado de Manassés. Há uma declaração no décimo primeiro capítulo de Hebreus sobre ser serrado em pedaços e alguns pensam que é uma alusão a Isaías que estava fugindo dos agentes de Manassés em um oco de uma árvore. A árvore foi cortada e, conseqüentemente, ele foi serrado em pedaços. Agora pode ser apócrifo, mas é claro que Isaías ainda viveu no tempo de Manassés, embora, se você olhar no cabeçalho do livro, diga em Isaías 1:1: “A visão de Isaías durante o reinado de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias”. Não menciona Manassés.

Mas se você olhar para Isaías 37:38 em uma dessas narrativas históricas, você lê: “Um dia, enquanto ele estava adorando no templo de seu deus Nisrok. [Este é Senaqueribe, o rei assírio], seus filhos Adrammelek e Sharezer o mataram com a espada, e eles escaparam para a terra de Ararat. E Esarhaddon, seu filho, o sucedeu como rei.” Esarhaddon começou a reinar em 681 aC Manassés começou a reinar em 687 aC Assim, em 681, Manassés já estava no trono. Portanto, parece claro que o ministério de Isaías se estendeu até o período de Manassés. Agora, por que Manassés não foi mencionado no cabeçalho? Alguns pensam que Isaías mudou de um ministério público para um tipo de ministério mais privado com um remanescente mais piedoso de Israel durante o tempo de Manassés, quando tudo estava tão ruim e que a segunda parte do livro vem desse período.

Mas voltando ao nosso folheto aqui, quando Manassés se tornou rei, Judá se afastou do Senhor. Assim, após a morte do bom rei Ezequias, deve ter ficado claro para Isaías que a nação como um todo não iria se arrepender. O exílio era inevitável. Isso teria sido óbvio também para o verdadeiro povo de Deus, o remanescente piedoso, e nessas circunstâncias não haveria mais necessidade de continuar a trazer esta mensagem de repreensão e condenação. Havia uma nova necessidade. A nova necessidade era trazer palavras de conforto e esperança para o verdadeiro povo de Deus, aqueles

que estavam seguindo Isaías, aquela pequena minoria de pessoas que eram verdadeiros seguidores de Deus. Como aquelas pessoas viram que o julgamento e o exílio estavam chegando e eram inevitáveis, assim como Isaías, parece-me que há relevância para uma mensagem de conforto e esperança. Sim, você irá para o exílio, mas o exílio não será para sempre. Você será capaz de retornar. Portanto, uma mensagem de que Deus iria entregar seu povo seria um conforto para o verdadeiro povo de Deus ainda na época de Isaías, bem como um conforto para aquelas pessoas que mais tarde experimentariam aquele exílio e saberiam que Deus não os havia abandonado. .

Posso dizer que o Reino do Norte foi para o exílio nas mãos dos assírios durante a vida de Isaías. O reinado de Uzias foi de 729 a 715. O reino do norte caiu em 721 para os assírios, de modo que foi durante a vida de Isaías. Então o povo de Judá soube de um exílio. Eles sabiam que o mesmo julgamento havia sido pronunciado sobre eles. É interessante que nos anais de Senaqueribe ele afirme não apenas ter levado pessoas para o exílio do reino do norte, mas também ter levado cativos da terra de Judá. Portanto, houve até pessoas de Judá, se você aceitar os anais de Senaqueribe, que foram para o exílio durante a vida de Isaías. Então eu acho que a mensagem tem relevância para aquela época. O exílio não é o fim. Deus ainda está com seu povo. Ainda há um futuro pela frente. Eles retornarão do exílio. Vá para o início da página nove: Assim, embora admita que o pano de fundo histórico de Isaías 40-66 é aquele de pessoas já no exílio, com sua cidade destruída e o templo em ruínas, não vejo nenhuma razão para que a passagem pode não ter sido escrito por Isaías um século antes do exílio na Babilônia. Não há razão para que não seja significativo para seus contemporâneos.

c. Conclusão resumida Então, acho que esses são os três principais

argumentos para concluir que a segunda parte de Isaías não foi escrita pelo profeta Isaías. A diferença de conceitos e ideias, a diferença de linguagem e estilo, ou a diferença de fundo histórico - não acho que nenhum desses argumentos seja conclusivo de que deve haver um segundo Isaías para escrever os capítulos 40-66. Portanto, esses argumentos primários falham em provar a multiplicidade de autoria.

d) Alguns Argumentos Finais para a Unidade de Isaías – citações do NT

Acho que, ao contrário, existem fortes razões para manter a autoria de Isaías. Primeiro, não há nenhuma evidência manuscrita de que o livro tenha existido em qualquer outra coisa que não seja sua atual forma unificada. Claro, o interessante é que entre os Manuscritos do Mar Morto temos um manuscrito de todo o livro de Isaías do século II aC, que testemunha sua unidade. Isso é bem antigo. A Septuaginta também não os separa, que veio de 250-200 aC Então, algumas evidências manuscritas muito antigas apóiam a unidade.

Em segundo lugar, e penso que o mais importante, é que você tem o testemunho do Novo Testamento da autoria de Isaías. Isaías é citado cerca de 21 vezes no Novo Testamento. Essas citações são tiradas de ambas as partes do livro dos capítulos 1, 6, 8, 9, 10, 11, 29, 40, 42, 53, 61 e 65. Observe particularmente João 12:38-40 onde você lê “Este era para cumprir a palavra do profeta Isaías. 'Senhor, quem acreditou em nossa mensagem e a quem foi revelado o braço do Senhor?’” Isso é de Isaías 53:1, essa é a segunda parte do livro. “Por esta razão, eles não podiam acreditar porque, como Isaías disse em outro lugar: 'Ele cegou seus olhos e amorteceu seus corações, para que não pudessem ver com seus olhos, nem entender com seus corações, ou então eu os curaria.’” Isso é de Isaías 6. :10. Então, nessa citação você tem uma citação da segunda parte do livro e uma citação da primeira parte do livro. Diz-se que

ambos são do profeta Isaías. No v. 41, João acrescenta que Isaías disse isso “porque ele viu a glória de Jesus e falou sobre ele”. Em Lucas 4:17 você lê que o livro do profeta Isaías foi dado a Jesus e que ele leu a partir do capítulo 61 e que é citado ali. Isso está na segunda parte do livro. Em Atos 8:30, o eunuco etíope estava lendo Isaías, o profeta, e o que ele está lendo é o capítulo 53. Então, esses são vários exemplos desse tipo de citação do Novo Testamento que claramente atribui o material da segunda parte do livro a Isaías, o profeta. .

e) Longman e Dillard, *Introdução ao AT* Agora , acabei de distribuir para a classe um folheto de uma única página das páginas 274-275 da *Introdução ao Antigo Testamento* de Ray Dillard e Tremper Longman, que é uma introdução bastante recente ao Antigo Testamento de dois estudiosos evangélicos muito competentes. Eu quero examinar isso com você por causa do que eles fazem com essa pergunta. Mais ou menos no meio do primeiro parágrafo da página inicial 274, Longman e Dillard dizem: “Em alguns aspectos, o debate sobre a unidade de Isaías completou um círculo, com uma diferença crucial:” (isso é o que foi aludido anteriormente) “em vez disso, do que uma unidade resultante da mão de um único autor, o livro é agora amplamente visto como uma unidade redacional. Em vez de ver Isaías 40-66 como uma obra independente acidentalmente anexada à obra do profeta do século VIII, alguns estudiosos agora argumentam que Isaías 40-66 nunca existiu além da primeira metade do livro e que foi composto (através do que ainda poderia ser um processo redacional complexo) à luz do material anterior. Então você olha para a literatura hoje, muitas vezes você tem referências a um livro, mas não referências a um autor. Há múltiplas autorias e um processo às vezes altamente complexo do livro chegando à forma atual em que o encontramos. Portanto, há uma unidade no livro, mas não uma

unidade de autoria.

A próxima seção de Dillard e Longman aqui é chamada “Uma avaliação” e é onde eles avaliam o estado atual da situação e do problema: “Em muitos aspectos, o pensamento crítico contemporâneo sobre Isaías se recuperou dos excessos que caracterizaram a erudição no final do século XVIII até o início séculos XIX. O consenso entre os estudiosos críticos se moveu na direção de reconhecer muito do que era caro aos conservadores : que Isaías não é o resultado de um acidente fortuito e internamente contraditório, mas sim que o livro é um todo que mostra uma unidade de coisas e motivos, ” - era disso que Margalioth estava falando. Esses temas e a linguagem nas duas partes do livro são consistentes. “O teor de grande parte do debate mudou do foco na dissecação do texto para recuperar fontes e configurações, para esforços para expor a coerência e a unidade do texto como ele existe.”

Isso reflete uma mudança do tipo diacrônico para um tipo sincrônico de análise do texto em sua forma final. Agora, o foco nos últimos 20 anos ou mais é que eles olham para a forma final do texto, e não tanto em como chegou a essa forma final. Em vez disso, eles olham sincronicamente para o que mantém o texto unido. Os argumentos dos conservadores para a unidade de autoria com base em temas e vocabulário comuns foram agora em grande parte adotados e colocados a serviço de argumentos que não provam sua unidade, mas uma unidade redacional no livro. Quero voltar a isso mais tarde com o outro folheto, mas vamos mais longe.

“Certamente , o pensamento crítico e conservador permanece dividido na questão da autoria. Embora haja um consenso crescente sobre a unidade geral de Isaías, para os estudiosos críticos, é uma unidade forjada por meio de uma história de redação, em vez de uma unidade que deriva de um único autor individual. Nos próximos dois parágrafos ele discute a visão conservadora e depois a visão crítica. Ele diz que o pensamento conservador

está ancorado em sua convicção teológica de duas coisas. Primeiro, sobre a realidade da revelação profética de que o espírito de Deus deu aos escritores antigos uma visão do futuro. Em segundo lugar, sobre a integridade e a confiabilidade da Escritura como um todo, isto é, declarações e inscrições e citações do Novo Testamento requerem aceitação.

1) Deus e a Predição do Futuro

A polêmica constante de Isaías 40-66 é que Isaías anuncia o futuro e Deus é capaz de fazê-lo acontecer. Em outras palavras, essa referência a Ciro não é apenas um tipo de referência isolada a algum governante futuro, mas integrada a um argumento sustentado que percorre todo o livro, de que Deus é capaz de prever o futuro. Um exemplo é o tema servo do Messias que virá. É outra previsão de longo prazo que é sustentada pela sequência do servo que é mais notável, alguns podem dizer, do que a previsão de Cyrus. “Já em Isaías 1-39, o Exílio e a restauração são antecipados em passagens quase universalmente consideradas geralmente isaânicas. Em seu chamado, o profeta antecipa o dia em que Jerusalém seria destruída e despovoada e nomeia um filho à luz da restauração antecipada ('Shear-jashub' significa 'um remanescente retornará'). O uso generalizado pelo profeta do motivo remanescente em Isaías 1-39 antecipa a ameaça que virá da Babilônia. O profeta deixou claro que seu próprio entendimento desse aspecto de sua profecia não estava relacionado ao imediato, mas ao futuro distante.” Então ele diz essas coisas sobre a visão conservadora.

“A opinião crítica está ancorada principalmente no fato de que Isaías 40-66 presume um cenário histórico diferente daquele de Isaías em Jerusalém no século VIII.” Esse é o terceiro argumento sobre o qual falamos sob o título “Antecedentes históricos”. Agora ele diz que ambas as posições precisam ser examinadas e é isso que ele faz na página 275: “Por um lado, se

alguém aceita a realidade de um Deus soberano e inspiração profética, ele não pode dizer: 'Deus não poderia ter se revelado a Isaías dessa maneira. .' Essa confiança ingênua na crítica histórica é tanto uma declaração teológica quanto a insistência de que ele o fez.

2) Comparação com Deut. 34

No entanto, por outro lado, quando estudiosos críticos concluem a partir do cenário de Isaías 40-66 que o autor desses capítulos viveu bastante tarde no exílio babilônico, este não é, em princípio, um argumento diferente” (este é o ponto crucial da a posição que segue neste livro não é, em princípio, um argumento diferente) “daquela que os conservadores estão dispostos a fazer, por exemplo, sobre Deuteronomio 34”. Deuteronomio 34 é uma passagem sobre a morte de Moisés. Veja por que ele argumentou: “O que quer que se conclua sobre a relação histórica entre Moisés e Deuteronomio, é claro que Moisés não escreveu o relato de sua própria morte (Deuteronomio 34:1-8); a pessoa que escreveu esta seção final deste livro viveu em uma época em que vários profetas surgiram e desapareceram, mas nenhum como Moisés. Isso quer dizer que o cenário presumido por este capítulo (um tempo após a morte de Moisés) impede que Moisés o tenha escrito. Embora o Novo Testamento cite Deuteronomio e o atribua a Moisés, ninguém argumentaria seriamente que isso incluía Deuteronomio 34. Reconhecer que o cenário de Deuteronomio 34 requer um autor que viveu depois de Moisés, o autor tradicionalmente atribuído ao livro, não é materialmente diferente de reconhecer que o pano de fundo de Isaías 40-66 presume um autor que viveu durante o exílio”. Agora você vê a maneira como o argumento é feito. Deuteronomio é geralmente atribuído a Moisés, mas é muito claro por causa do contexto histórico que Moisés não escreveu o capítulo 34. O livro de Isaías é geralmente atribuído a Isaías, mas por causa do contexto histórico dos

capítulos 40-66, não é necessariamente o caso que Isaías deve ter os escreveu. O argumento deles é que há uma analogia entre Deuteronômio 34 e Isaías 40-66.

3) Contra Deut. 34 Comparação

Parece-me que essa analogia é questionável. Não estou pronto para admitir que a autoria de Isaías 40-66 seja provada como outra pessoa que não Isaías com base nesse argumento. Vou apenas fazer alguns pontos. Deuteronômio 34 tem doze versículos. É um material histórico. Isso realmente dá a conclusão do livro no sentido de que o que está levando até 34 é essa transição de liderança entre Moisés e Josué - essa transição com Moisés e Josué realmente afeta a morte de Moisés. Se você mudar para Josué, Josué substituiu Moisés como líder de Israel. Parece-me que há uma diferença quantitativa e qualitativa entre Deuteronômio 34 e Isaías 40-66. Como eu disse, Deuteronômio tem doze versículos e uma narrativa histórica. Isaías 40-66 são 27 capítulos de um discurso profético extremamente significativo e importante. Dillard e Longman dizem que o Novo Testamento cita Deuteronômio e o atribui a Moisés. Sim, mas não cita nada do capítulo 34 e atribui a Moisés. Em outras palavras, é uma grande diferença. Quando olhamos em João 12:38-40 onde a segunda parte do livro é citada e é atribuída a Isaías, não há nada comparável ao de Deuteronômio. Temos referências que atribuem o Deuteronômio a Moisés que são importantes porque hoje o Deuteronômio também é questionado, mas não há nada do capítulo 34 citado no Novo Testamento. Portanto, não tenho tanta certeza de que essa analogia seja realmente adequada para provar a possibilidade de que Isaías 40-66 não seja do profeta Isaías.

4) Longman/Dillard – Isaías não mencionado em Isa. 40-66 Observe o

que eles dizem mais adiante, “Isaías não é mencionado na segunda metade do livro. No entanto, a realidade da inspiração profética não é assim eliminada: um autor que viveu mais tarde no exílio previu por inspiração divina o que Deus estava prestes a fazer por meio de Ciro, assim como Isaías viu o que Deus faria em breve com Tiglate-Pileser III. Este último autor viu as profecias de Isaías sobre o exílio e os eventos remanescentes que estavam ocorrendo em seus dias, e ele escreveu para desenvolver e aplicar a pregação de Isaías a seus companheiros exilados. Embora o anonimato desse grande profeta seja um problema, não é mais incomum do que o anonimato dos livros históricos ou do livro de Hebreus. Eu diria que o anonimato disso é um problema e principalmente porque, ao contrário dos livros históricos, você não tem um versículo como Isaías 1:1. Isaías 1:1 apresenta o livro, “A visão que teve Isaías, filho de Amoz.” Esse título parece ser o título de todo o livro atribuído a Isaías. Não temos nenhum registro assim nos livros históricos. Portanto, o último parágrafo diz: “Não deve ser feito um *shibboleth teológico* ou teste de ortodoxia. Em alguns aspectos, os resultados finais do debate são um tanto discutíveis, seja escrito por Isaías no século VIII ou por outros que aplicaram suas percepções escritas em uma época posterior, Isaías 40-66, claramente foi direcionado em grande medida às necessidades da comunidade do exílio. .”

5) Resposta de Richard Schultz sobre Isaías A outra apostila que dei a vocês é um artigo retirado do livro *Evangélicos e Escrituras* publicado em 2004, e o artigo que dei a vocês lá é de Richard Schultz intitulado: “Quantos Isaías foram lá e o que isso importa? Inspiração profética em estudos evangélicos recentes.” Acho que este é um bom artigo. Deixe-me apenas chamar sua atenção para algumas páginas. Observe o que ele diz na página 158, no final da página, onde fala sobre estudiosos evangélicos abertos a acréscimos e revisões no texto bíblico. Ele diz: “Então, mantendo sua visão evangélica das

Escrituras, eles simplesmente ampliam a doutrina da inspiração para cobrir o que acabaram de propor”. Em outras palavras, o que ele está dizendo é que muitos estudiosos evangélicos adotam as metodologias de muitos dos estudiosos críticos, mas ampliam sua visão de inspiração para dizer que todos esses editores e edições posteriores também são assumidos sob uma doutrina de inspiração. “Pergunta-se, no entanto, se toda e qualquer teoria histórico-crítica sobre a origem da literatura bíblica pode ser evangelicamente aceitável desde que se afirme a 'participação substancial' do autor tradicional no processo.”

Ele continua dizendo: “Eu continuo não convencido de que a honestidade intelectual e a evidência textual exigem que o evangélico reconheça o que a maioria dos estudiosos do Antigo Testamento hoje afirma sobre a complexa história da composição do livro de Isaías”.

Na página 161, no meio da página, ele diz: “A questão é se podemos postular legitimamente uma série de autores ou editores inspirados quando o envolvimento de vários profetas não é reconhecido no texto e quando uma das razões *para* postular um processo de composição tão complexo é a alegação de que o Espírito de Deus *não poderia* (ou pelo menos provavelmente não *o fez*) revelar a diversidade de conteúdos identificados no livro de Isaías a apenas um indivíduo.” Boa pergunta.

Vá para o segundo parágrafo da página 162, “Childs [de Yale] acusa os conservadores de transformar Isaiah em 'um clarividente do futuro’”, nesse estilo conservador particular. E no parágrafo seguinte, Schultz diz: “A referência problemática a Ciro é provavelmente a principal razão pela qual muitos estudiosos evangélicos abandonaram, ou pelo menos estão questionando, a interpretação de um único autor. No entanto, em Isaías 41-42, a apresentação de Ciro é justaposta à do servo, ambos os retratos usados em expressões semelhantes. Se Ciro já está em cena, o servo também deve ser

contemporâneo do profeta segundo Isaías? Desça algumas linhas: “No entanto, se era possível para um profeta falar naquela época da vinda do libertador espiritual, Jesus, sete séculos no futuro, é problemático conceber Isaías de Jerusalém falando de Ciro, seu precursor político, apenas dois séculos no futuro?”

6) Resposta de Vannoy a Longman/Dillard

Agora vá para a última página, segundo parágrafo, página 170, onde estamos retornando à nossa pergunta inicial: “Quantos Isaías havia e o que isso importa”. “Dillard e Longman afirmam que 'em alguns aspectos, os resultados finais do debate são um tanto discutíveis'. Pelo contrário, procurei demonstrar que há consequências significativas na adoção de conclusões histórico-críticas sobre a natureza da inspiração profética, profecia preditiva, coerência retórica e desenvolvimento teológico nos livros proféticos - consequências que são ignoradas, minimizadas ou negadas no literatura evangélica recente (e não evangélica) que pesquisamos”. Portanto, este é um debate que está em curso. Você pode estar interessado em ler mais sobre isso, mas não estamos lendo todo o artigo; Acabei de destacar algumas coisas.

2. Daniel – Há um consenso geral entre os principais estudiosos críticos de que o livro de Daniel é fictício número 2., “Há um consenso geral entre os principais estudiosos críticos de que o livro de Daniel é fictício.” Eles postulam que foi escrito quando Israel estava sofrendo sob Antíoco Epifânio pouco antes de 165 aC O livro em si, entretanto, representa Daniel como o doador desta profecia antes e logo após a captura da Babilônia por Ciro em 539. Portanto, há a questão. A quem devemos atribuir as profecias do livro de Daniel - ao próprio Daniel por volta de 539 aC, ou a alguma figura anônima que viveu no período macabeu durante o segundo século aC, por volta de 165

aC

Há três razões principais para a longa conclusão dos principais estudiosos críticos, eu acho. Uma é o que chamo de questão subjacente fundamental; é a suposição amplamente difundida de que geralmente a profecia preditiva não acontece. Em segundo lugar, afirma-se que os supostos erros históricos no livro refletem sua origem muito depois dos eventos descritos quando quem o escreveu não sabia ou havia esquecido o que realmente aconteceu historicamente. Em terceiro lugar estão os supostos indicadores linguísticos tardios.

a. “ A profecia preditiva não acontece.”

Então, vamos olhar para esses três argumentos. Suposição A. que “a profecia preditiva não acontece”. Essa é essencialmente uma questão de cosmovisão filosófica. Se o universo é um continuum fechado de relacionamentos de causa e efeito no qual não há espaço para intervenção divina, então é claro que você não tem revelação divina. Seria impossível para Daniel narrar eventos que ocorreram muito depois do tempo a que atribuímos. Se você concluir que esse tipo de predição genuína não acontece e não pode acontecer, isso imediatamente levanta uma questão bastante significativa por causa de sua proeminência no livro de Daniel.

1) Daniel 2 e 7 e teorias críticas Por exemplo, Daniel no capítulo 2 e no capítulo 7 é uma sequência de impérios? Em Daniel 2 você tem aquela visão da imagem com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze e pernas e pés de ferro, que representava a sucessão de quatro impérios que chegariam ao poder no Oriente Próximo. Essa mesma sucessão de impérios é encontrada em Daniel 7, mas retratada com quatro tipos diferentes de animais. Agora, em vez de uma cabeça de ouro, peito e braços,

barriga, coxas e pés, no capítulo 7 você tem um leão, um urso, um leopardo e alguma besta terrível sem nome. A interpretação tradicional do simbolismo desses animais, assim como as partes da imagem são a cabeça de ouro na imagem, é o reino babilônico. O peito e os braços é o reino medo-persa. A barriga e as coxas são o reino grego, Alexandre o Grande e seus sucessores. As pernas e os pés são do reino romano. Agora, essa sequência não se encaixa na abordagem crítica dominante porque o Império Romano não surgiu historicamente até depois da época de Antíoco Epifânio, que fazia parte do período grego. Isso, por sua vez, significa que os principais estudiosos críticos que datam o livro na época de Antíoco Epifânio precisam encontrar uma sucessão de impérios que existiam antes da época em que o livro foi supostamente escrito ou você está de volta à previsão. Se você tem o reino romano, ele ainda não existia nem mesmo na época de Antíoco.

Assim, a proposta que os estudiosos críticos geralmente aceitaram a cabeça de ouro é o reino babilônico. O peito e os braços são um reino mediano apócrifo - digo "apócrifo" porque não havia reino mediano em existência independente entre os impérios babilônico e persa. A mídia tornou-se parte da Pérsia antes que os persas conquistassem a Babilônia, então os estudiosos críticos que obtêm uma sequência de quatro reinos precisam criar esse reino mediano entre o babilônico e o persa quando é historicamente impreciso. Mas então a barriga e as coxas devem ser persas e depois as pernas e os pés seriam os gregos para que concluíssem no tempo em que supostamente foi escrito.

Se então as profecias de Daniel descrevem essa sucessão particular de reinos, elas são historicamente errôneas. Para os estudiosos críticos, isso não é problema, pois eles simplesmente afirmam que o escritor dessas profecias viveu séculos depois, durante o período dos Macabeus. Ele pode ter ficado simplesmente confuso sobre o curso anterior da história e erroneamente

pensado que havia uma existência independente para os medos entre os períodos persa e babilônico. A conclusão é: “Sabemos melhor do que Daniel, o autor, quem quer que seja, que simplesmente se enganou sobre essa sequência de reinos”.

2) Resposta às Acusações da Teoria Crítica de Erros Históricos em Dan. 2 e 7

Então você tem essa suposição de que a profecia genuinamente preditiva não acontece. Esses erros históricos, como acabamos de observar, um dos principais supostos erros históricos é a existência desse reino apócrifo da Média, mas seus outros erros incluem - vou mencionar três aqui, nenhum dos quais é muito significativo: a referência a Belsazar em vez de Nabonido na época em que os babilônios caíram para os persas (Daniel 5:30-31) é considerado um erro histórico. “Naquela mesma noite, Belsazar, rei dos babilônios, foi morto e Dario, o medo, assumiu o reino aos 62 anos de idade.” Voltaremos a isso em um minuto, mas sempre se argumentou que Belsazar não era o governante, era Nabonido.

Em segundo lugar, uma pessoa chamada Dario, o Medo, nunca existiu no contexto histórico em que é colocada em Daniel. Esse mesmo versículo fala de Dario, o Medo, assumindo o controle do reino. Em terceiro lugar, os registros de Nabucodonosor como o pai de Belsazar em Daniel 5:2 e 22 seriam simplesmente imprecisos porque Belsazar seria o neto em vez de um filho. Há respostas razoáveis para todas essas alegações.

a) Nabonidas e Belsazar Em primeiro lugar, fontes históricas babilônicas mostram que Nabonido nomeou seu filho Belsazar co-regente enquanto ele deixou a Babilônia para a Assíria e o norte da Arábia. Daniel 5:29 diz que eles governaram como um. É bem possível que Nabonido não estivesse por perto naquela noite e seu co-regente Belsazar estivesse no comando naquele

momento de transição do domínio babilônico para o domínio persa.

b) Quem é Dario, o medo Segundo , embora seja verdade que Dario, o medo, não é mencionado fora da Bíblia e que não há intervalo entre Belsazar e Nabonido na sucessão de Ciro da Pérsia - foi Ciro quem assumiu o reino da Babilônia - isso não significa necessariamente que Daniel está errado. Várias sugestões razoáveis foram feitas para tentar identificar Dario, o Medo. É possível que este seja outro nome para o próprio Ciro, talvez um nome de trono. Em 1 Crônicas 5:26 você tem a referência ao rei Tiglate-Pileser como Pul. Ciro também era conhecido como Dario, o Medo? É possível. Alguns olham para 6:28, onde diz: “Daniel prosperou durante o reinado de Dario e o reinado de Ciro, o persa”. Para que Darius e Cyrus sejam iguais. É possível. Outros sugeriram que foi outra pessoa chamada Gubaru, que é um nome que ocorre nos textos babilônicos que Ciro nomeou como governador da Babilônia. Seu nome era Gubaru, também conhecido como Darius. Veja bem, embora seja verdade que não temos evidências suficientes para resolver a identidade de Dario, o medo - e não temos -, não acho que seja razão para concluir que o livro foi escrito no período dos Macabeus ou que o livro é necessariamente errado na referência histórica.

c) Nabucodonosor como Pai ou Avô? Terceiro , a referência a Nabucodonosor como pai em vez de avô é um uso semítico comum. É surpreendente que isso seja usado como argumento. É simplesmente que ele era ancestral e que Belsazar era um descendente. Se você olhar as páginas 17 e 18 em sua citação, DR Davies, não um evangélico, em seu Guia do Antigo Testamento para Daniel diz: “Comentários críticos, especialmente por volta da virada do século, enfatizaram o fato de que Belsazar não era nem o filho de Nabucodonosor nem rei da Babilônia. Isso ainda é repetido às vezes como

uma acusação contra a historicidade de Daniel e resistido por estudiosos conservadores. Mas ficou claro desde 1924 que, embora Nabonido fosse o último rei da dinastia neobabilônica, Belsazar estava efetivamente governando a Babilônia. A este respeito, então, Daniel está correto. O significado literal de 'filho' não deve ser pressionado; mesmo que possa trair um mal-entendido por parte de Daniel, um forte argumento contra a confiabilidade histórica de Daniel não é reforçado pela inclusão de argumentos fracos como este.” Portanto, esses são os tipos de erros históricos alegados que mostram a alguns que Daniel não foi o autor. Vamos fazer uma pausa neste ponto.

Transcrição por: Ben Hale
Edição aproximada por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra

12

Data de Daniel, Escola de História das Tradições, Tradição Oral e Escrita

C. Existem supostas características linguísticas tardias para Daniel

1. Palavras de empréstimos gregos

Estamos olhando para os argumentos para a data tardia de Daniel.

Examinamos a suposição de que a profecia preditiva não acontece. Examinamos os erros históricos e agora C.: “Existem alegadas características linguísticas tardias”. Este argumento centra-se no uso de várias palavras gregas emprestadas encontradas em Daniel 3:5 para instrumentos musicais, bem como no uso do aramaico que se diz ser de um tipo tardio de aramaico. Como você sabe, Daniel 2:4 até o final do capítulo 7 foi escrito em aramaico em vez de hebraico. Diz-se que o aramaico dessa seção é uma forma tardia do aramaico. Mais uma vez, não acho que nenhum desses argumentos seja convincente. Há uma evidência abundante de contatos entre os gregos e o antigo Oriente Próximo muito antes da época de Alexandre, o Grande. Em outras palavras, a suposição é que, se você tem palavras gregas emprestadas, deve ser depois da época do desenvolvimento do império grego sob Alexandre e da disseminação da língua grega em conexão com sua conquista. O argumento pode realmente ser invertido. É surpreendente que não haja mais palavras gregas do que se o livro tivesse sido realmente escrito no século II aC Existem apenas três, e esses são tipos técnicos de palavras para instrumentos musicais, então não parece ser algo bastante significativo .

2. Aramaico tardio Aqueles que estudam a questão aramaica descobrirão que isso se torna bastante técnico e complexo. Um artigo afirmou que 90 por cento do vocabulário no vocabulário aramaico de Daniel é atestado por documentos do século 5 aC ou anteriores. Se você olhar a página 16 de suas citações, há algum material lá no final da página e na página 17 de Joyce Baldwin, comentário de *Daniel* na série Tyndale. Você notará que ela está falando sobre o argumento

aramaico e diz: “O aramaico de Daniel é mostrado como aramaico imperial, ou 'em si mesmo, praticamente indatável com qualquer convicção dentro de c. 600 a 330 aC' Portanto, é irrelevante fazer distinções entre o aramaico 'oriental' e o 'ocidental', que se desenvolveram posteriormente. A única indicação de um local de origem surge da ordem das palavras, que denuncia a influência acadiana e prova 'que o aramaico de Daniel pertence à tradição primitiva do aramaico imperial, em oposição aos derivados palestinos locais posteriores do aramaico imperial’”. Se você olhar sua bibliografia na página 8, você notará que há um ensaio de KA Kitchen, “The Aramaic of Daniel,” e então há três artigos de Edwin Yamauchi, “The Archaeological Background of Daniel,” “Daniel and Contatos entre o Egeu e o Oriente Próximo antes de Alexandre” e “As palavras gregas em Daniel à luz da influência grega no Oriente Próximo”. Esses artigos são particularmente úteis na questão de que tipo de aramaico temos, bem como essas palavras emprestadas do grego. Acho que as conclusões de Baldwin e Yamauchi de que esses não são argumentos fortes são muito bem argumentadas. Não vou perder tempo lendo mais de Baldwin em suas citações.

3. Argumento de Qumran (Manuscritos do Mar Morto) Mas vamos ao folheto. Lemos ali que as evidências dos Manuscritos do Mar Morto atestam a existência de Daniel em cópias em Qumran em 150 a 100 aC, o mais tardar, ou talvez até antes. Há um forte argumento para datar ambos antes de 165 aC. Não há tempo suficiente para copiar a composição e ter alcançado status canônico com a comunidade de Qumran se a data posterior para sua composição for aceita. Em outras palavras, se vamos dizer que foi escrito por volta de 165, bem por volta de 150, o mais tardar, já é reconhecido na comunidade de Qumran como uma parte canônica das Escrituras. Parece que isso é muito improvável se tivesse sido escrito apenas recentemente.

4. Conclusão

Conclusão. Não há razões convincentes para namorar Daniel tarde. Existem respostas adequadas para cada um dos argumentos históricos e linguísticos para a data tardia. A questão subjacente é se alguém está ou não preparado para aceitar a possibilidade de profecia preditiva geral. Se alguém está convencido de que Daniel não poderia ter falado tão claramente sobre o futuro, especialmente o tempo de Antíoco Epifânio, então deve-se procurar datá-lo posteriormente a esse tempo. Para aqueles que aceitam a possibilidade de previsões genuínas, este material, juntamente com muitas outras seções preditivas da Escritura, são usados como evidência de que existe um Deus que controla toda a história, que falou a seu povo sobre eventos futuros por meio de seus servos, o profetas.

Pergunta do Aluno

Pergunta do aluno: Por que Daniel escreveu tanto em hebraico quanto em aramaico?

Eu não acho que alguém já tenha respondido claramente a isso. Alguns tentam argumentar que a parte em hebraico é dirigida mais ao povo judeu, e a outra parte ao mundo em geral. O aramaico era mais universalmente compreendido. Mas não tenho certeza se você pode explicar isso. Eu não posso te dar mais do que isso. Acho que ninguém nunca deu uma boa explicação para isso.

C. Escola de História das Tradições 1. Tradição Oral -- HS Nyberg

A Seção C., no que diz respeito ao nosso tópico geral, “Escritores dos profetas” é “A história da escola de tradições”. Isso é algo que se desenvolveu no último meio século. Um dos primeiros promotores da visão foi um homem chamado HS Nyberg, de Uppsala, na Suécia. Ele escreveu um livro *Estudos de Oséias*. De acordo com Nyberg, a forma normal de transmissão de vários tipos de informação no Antigo Oriente Próximo era oral e não escrita. Portanto, esta história das tradições tentou argumentar que o meio e a maneira de transmissão desses corpos de material que ele encontrou no Antigo Testamento registrado

pelos profetas era um meio de transmissão oral e não escrito. Ele disse que histórias, canções, lendas e mitos eram transmitidos de geração em geração de boca em boca, e não como literatura escrita. Ele afirmou que isso é verdade no Antigo Testamento, de modo que a escrita da Palestina pré-exílica se limitava a questões práticas, como contratos, monumentos, listas oficiais, cartas - aquelas coisas que eram mais técnicas. Mas a transmissão da história, contos épicos, lendas folclóricas, etc. eram feitas oralmente.

Nyberg então propõe que, se for esse o caso, a conclusão é que o Antigo Testamento escrito surgiu muito mais tarde. Foi a criação da comunidade judaica entre a destruição de Jerusalém em 587 aC e o período dos Macabeus (c. 165 aC). Assim, naquele período em que Israel foi para a Babilônia até o segundo século aC, foi o período em que todo esse material oral foi colocado na forma escrita. O que está escrito antes desse tempo deve ser considerado muito insignificante. A transmissão era quase inteiramente oral.

Em terceiro lugar, a pregação profética também foi transmitida oralmente e só foi escrita após o cativeiro babilônico. Os profetas não eram escritores. Veja, essa é a pergunta com a qual começamos esta discussão: os profetas eram escritores? Ele disse, não, eles eram pregadores. Os conceitos que eles proclamam foram melhor feitos oralmente até depois do exílio. Há uma citação lá de Nyberg, encontrada em um artigo de Eissfeldt em *The Old Testament in Modern Study*, está em sua bibliografia onde Nyberg diz: “O Antigo Testamento escrito é uma criação da comunidade judaica após o exílio; o que o precedeu certamente foi apenas em pequena medida em forma escrita fixa. Somente com a maior reserva podemos contar com escritores entre os profetas. Devemos contar com círculos, às vezes centros, de tradição que preservaram e transmitiram o material. É evidente que tal processo de transmissão não poderia continuar sem alguma mudança no material transmitido, mas temos, não corrupções textuais, mas uma transformação ativa. Quanto ao resto, a erudição do Antigo Testamento faria bem em considerar seriamente que possibilidade pode ter de recuperar a *ippissima verba*, as próprias

palavras das personalidades do Antigo Testamento. Não temos nada além da tradição de seus ditos, e é no mais alto grau improvável que alguma coisa que não seja a forma oral de transmissão tenha existido para eles.” Ele puxa seu pensamento das categorias da literatura escrita para as categorias de uma transferência oral da tradição através dos círculos de discípulos de geração em geração, processo em que o material é transformado. Você realmente não pode voltar às próprias palavras dos profetas por causa da natureza em que este material foi transmitido.

2. Harris Birkeland Número 2, Harris Birkeland foi aluno de Nyberg e ele adotou seus pontos de vista e os aplicou a livros proféticos individuais. Ele disse que os livros proféticos eram provavelmente a representação literária de uma tradição oral já petrificada. O profeta estava cercado por um círculo, pequeno a princípio, mas depois crescente, que continuou seu trabalho após sua morte. É entre esses círculos de discípulos que a transmissão viva da declaração profética encontrou seu lar. Birkeland conjecturou que os profetas foram mantidos vivos ou combinados em “complexos de tradição” cada vez maiores, combinações de renúncias proféticas e complexos de tradição. Além das palavras dos profetas, outras informações sobre eles foram fundidas. Assim, através das gerações, os ditos proféticos foram transmitidos e, no processo, constantemente remodelados. O que finalmente foi retido dependia do que provou ser relevante e ativo na vida das pessoas, de modo que no processo houve uma escolha feita, que Birkeland comparou à sobrevivência do mais apto na vida natural. O que se mostrou significativo e relevante foi preservado. Todo o processo de transmissão ocorreu nos chamados “círculos de tradição”. Por causa dos meios de transmissão, não se pode mais dizer o que originalmente pertencia ao profeta e o que deveria ser atribuído à tradição. Então ele diz que na maioria dos casos devemos desistir da tentativa “de voltar aos profetas e ao próprio grande Gênio”. Onde estão as próprias palavras do profeta? Bem, toda essa ideia sobre o método de transmissão nos diz que você não pode

realmente saber exatamente. Em conseqüência, devemos banir de nosso estudo dos livros proféticos ideias como “notas”, “peças literárias maiores”, expressões que foram moldadas de acordo com padrões literários. Em vez disso, devemos substituí-las por expressões adequadas ao processo oral de transmissão, como “tradição”, “complexo”, “círculos” *etc.* os profetas só podem ser resolvidos, se é que o são, não com base na crítica literária, mas com base na tradição e na história. Em outras palavras, você sai de preocupações de tipos literários para preocupações de tradição oral.

3. Eduard Nielsen, Tradição Oral e o Problema Moderno Introdução ao Antigo Testamento

A terceira coisa importante aqui nesta abordagem é Eduard Nielsen, seu volume *Oral Tradition and The Modern Problem Old Testament Introduction*, que foi publicado em inglês e segue a mesma linha de Nyberg e Birkeland. Eu quero dar A. “Uma sinopse desta tese.” Chame sua atenção para alguns dos materiais que ele traz em seu livro, não tanto pelo argumento que ele está fazendo, embora isso seja certamente importante, mas apenas pela evidência que ele dá do papel que a memorização de enormes quantidades de material que foi transmitida oralmente tocada na cultura do antigo oriente próximo. Parte disso é interessante.

1. Memorização na Babilônia Em seu folheto, “O primeiro capítulo deste livro trata do uso da tradição oral no Antigo Oriente Próximo. Nielsen mostra que o desprezo moderno por aprender de cor não é característico dos antigos semitas. Acho que o desprezo ainda é significativo para a América do século ²¹. Não gostamos de memorizar coisas. Ele chama a atenção para alguns textos babilônicos que indicavam que a memorização de textos antigos que formam a base da tradição oral não era estranha na Babilônia. Veja sua citação na página 17, Seção A, “O desprezo moderno por memorizar textos é a base necessária para a tradição oral... A antiga cultura mesopotâmica parece ter sido entusiástica com a

escrita; mas temos alguns contextos que enfatizam a importância de aprender de cor. Da conclusão frequentemente citada desse mito de Irra, citamos: 'O escriba que aprende este texto de cor escapa do inimigo é honrado. Na congregação dos eruditos onde meu nome é constantemente falado, abrirei seus ouvidos.' Na oração de Ashurbanipal a Shamash, notável porque conclui com uma maldição e uma bênção, algo semelhante à antiga inscrição real oriental, na qual lemos na bênção: 'Todo aquele que aprender este texto de cor e glorificar o juiz dos deuses, Shamash que ele faça o seu precioso, que as palavras de sua boca agradem ao povo.'" Esta é uma referência ao aprendizado desses textos memorizando-os .

2. Memorização do Alcorão De volta ao folheto. Na Arábia, o Alcorão, especialmente no início da existência, era transmitido oralmente. Qualquer um que desejasse ser admitido na mesquita de Al Azhar no Cairo deve ser capaz de recitar todo o Alcorão sem hesitação. Essa mesquita ainda é uma mesquita muito importante no Cairo . Veja o parágrafo B. na página 18 de sua citação: “Voltando-nos para a cultura semítica ocidental, observaremos que é bastante aparente que a palavra escrita não é altamente valorizada. Não é considerado um modo independente de expressão. Mesmo que o Alcorão tenha dado origem a uma "teologia das Escrituras" que pode muito bem ser comparável à do judaísmo e do protestantismo, as cópias escritas do Alcorão desempenham um papel surpreendentemente discreto no Islã. O Alcorão foi constantemente - como nos primeiros dias de sua existência - transmitido oralmente; todos querem ser admitidos na mesquita Al Azhar (no Cairo) devem ser capazes de recitar todo o Alcorão sem hesitação, e sua escritura sagrada é aprendida de cor por um dos iniciados que a recitam e os discípulos mais jovens a repetem, até que eles a saibam de cor. Agora que é um mundo diferente do que vivemos. Memorizar todo o livro do Alcorão, ouvindo-o oralmente, citando-o e, em seguida, memorizando-o para que você possa recitá-lo como um grupo de iniciados na mesquita.

3. Johanan ben Zakkai e a Memorização da Mishná De volta ao seu esboço. No judaísmo, Johanan ben Zakkai, um prisioneiro no campo de Vespasiano, podia recitar toda a Mishná de memória e, assim, saber exatamente que horas eram, porque sabia exatamente quanto tempo levaria para recitar cada parte da Mishná. . Vá para o parágrafo C., no final da página 18 de suas citações. A história fala de Johanan ben Zakkai no acampamento de Vespasiano. Depois de ter sido recebido em audiência por Vespasiano pela primeira vez, 'eles o prenderam e o trancaram com sete fechaduras, e perguntaram-lhe que horas eram da noite. E ele disse a eles. E que horas eram durante o dia, e ele disse a eles, e como nosso mestre Johanan ben Zakkai sabia? Da recitação da Mishná. Em outras palavras, o rabino Johanan ben Zakkai, não apenas sabia sua Mishná de cor, mas também sabia quanto tempo levava para recitar cada parágrafo e quanto tempo precisava para terminar tudo.” Então, alguém perguntou a ele que horas eram. era e ele saberia por causa de sua recitação da Mishná. Agora isso é provavelmente um pouco exagerado, mas você vê o que Nielsen aqui está estabelecendo, é que no antigo Oriente Próximo, as pessoas guardavam enormes quantidades de material em suas memórias.

4. Platão e a Memória Oral

Parágrafo D no topo da página 19, que é de Nielsen novamente, “Como uma reação explícita contra a disseminação da arte da escrita, podemos citar as seguintes palavras de Platão (do *Fedeu*). Eles são notáveis como a reação que não se origina do povo comum, das massas ignorantes e brutas - como um povo analfabeto não se caracteriza pelo desprezo, mas pelo respeito pela palavra escrita. Essas palavras representam antes uma atitude que Platão tinha em comum com a aristocracia intelectual de sua época. ” E aqui Platão cita Sócrates. Platão foi aluno de Sócrates. “Sócrates: Ouvi dizer, então, que em Naucratis, no Egito, estava um dos antigos deuses do país, aquele cujo pássaro sagrado é chamado de íbis e o nome do próprio deus era Theuth. Foi ele quem inventou os números, a aritmética,

a geometria e a astronomia, e também damas e dados e, o mais importante de tudo, as letras. Agora, o rei de todo o Egito naquela época era Thamus, que vivia na grande cidade da região superior, que os gregos chamam de Tebas egípcia, e eles chamam o próprio deus Amon. A ele veio Theuth para mostrar suas invenções, dizendo que deveriam ser transmitidas aos outros egípcios. Mas Thamus pergunta que uso havia em cada um e, conforme Theuth enumerou seus usos, expressou elogios ou críticas, conforme ele aprovava ou desaprovava. A história diz que Thamus disse muitas coisas a Theuth em elogios ou críticas às várias artes, o que demoraria muito para ser repetido; mas quando chegaram às cartas, 'Esta invenção, ó rei', disse Theuth, 'tornará os egípcios mais sábios e melhorará suas memórias; pois está no elixir da memória e da sabedoria que descobri.' Mas Thamus respondeu, 'Muito engenhoso Theuth, um tem a habilidade de gerar artes, mas a habilidade de julgar sua utilidade ou nocividade para seus usuários pertence a outro; e agora você, que é o pai das letras, foi levado por sua afeição a atribuir a elas um poder oposto ao que elas realmente possuem. Pois esta invenção produzirá esquecimento nas mentes daqueles que aprenderem a usá-la porque não praticarão sua memória. Sua confiança na escrita, produzida por personagens externos que não fazem parte deles mesmos, desencorajará o uso de sua própria memória dentro deles. Você inventou um elixir não de memória, mas de lembrança; e você oferece a seus alunos a aparência de sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria"', por quê? "pois eles lerão muitas coisas sem instrução e, portanto, parecerão saber muitas coisas, quando na maioria são ignorantes e difíceis de lidar, visto que não são sábios, mas apenas aparentam ser sábios." 5. Reflexões

Modernas

Eu acho isso muito interessante e se esse ponto é feito por Sócrates muitos, muitos séculos atrás, e então você chega à nossa era tecnológica, onde não só temos a palavra impressa, mas agora há toda essa informação na qual estamos afogados e olhamos para todas essas coisas o tempo todo e 90% delas esquecemos

imediatamente porque não as internalizamos. É meio que flutuando lá fora. Podemos ter perdido muito deixando de memorizar as coisas - particularmente no âmbito das Escrituras e das palavras das Escrituras e coisas desse tipo. Então, acho isso fascinante, não tanto porque realmente apóia o argumento que Nielsen está tentando fazer com isso, mas apenas por causa dos problemas e questões que levanta.

Voltar para a página 16 do folheto. Milhares de brâmanes ainda aprenderam seus livros de cor, e tem 153.826 palavras. Os hindus transmitiram oralmente seus Vedas de geração em geração. O mesmo acontecia na Grécia antiga.

6. Israel e Memória e Escrita Na página 19 da citação há um parágrafo sobre isso. Não vamos perder tempo olhando para isso. Mas Nielsen cita todos esses exemplos e então o que ele diz é que em Israel os textos religiosos eram transmitidos da mesma forma. E só depois do exílio é que encontraram grande fixação. E ele concorda com Nyberg que a introdução da escrita foi devido a uma crise de confiança, e essa crise de confiança foi causada pelo exílio. Eles iam perder coisas, então precisavam anotar.

Ele tenta estabelecer essa afirmação de duas maneiras, uma negativamente, estabelecendo esse papel subordinado da escrita em Israel e, em seguida, positivamente, estabelecendo o significado da transmissão oral. Eu queria ter tempo para passar por seus argumentos dessa discussão, mas de acordo com ele, antes do exílio de Israel, a escrita era principalmente apenas para fins práticos, como contratos, governos, monumentos, listas de registros oficiais, cartas e não usado para fins puramente literários. A tradição da história, os contos épicos, as lendas folclóricas e até mesmo as leis eram para ele transmitidas oralmente. Em sua conclusão, ele diz: “Os escritores não devem ser contados entre os profetas e poetas, exceto com a maior cautela”. Essa é a abordagem da tradição-história.

B. Avaliação da Tese de Nielsen

1. Exemplos de OT Oral Tradition: Exod. 10:1-2

B. “Avaliação da tese de Nielsen.” Certamente é verdade que a tradição oral existia no antigo Israel, mas não devemos jogar fora o bebê junto com a água do banho. Há um estudioso holandês, WH Gispen, que escreveu uma monografia sobre tradição oral no Antigo Testamento. Nessa monografia, ele discute vinte e oito textos diferentes do Antigo Testamento que falam da tradição oral. Destacam-se entre eles Êxodo 10:1, 2, Deuteronômio 6:20-25, Juízes 6:13, Salmo 44:1-3 e Salmo 78. Vejamos alguns deles. Êxodo 10:1 e 2, que está no contexto das pragas e você lê lá: “O Senhor disse a Moisés: 'Vá ao faraó, porque eu endureci o coração dele e dos seus oficiais, para que eu possa realizar essas coisas milagrosas. sinais meus no meio deles.’” Então, no versículo dois, “para que contes a teus filhos e netos como tratei duramente com os egípcios e como realizei meus sinais entre eles, para que saibais que eu sou o Senhor”. Parte do propósito do Senhor aqui era que os pais contassem essas coisas a seus filhos oralmente e seus filhos as transmitissem a seus filhos, e essa história do que Deus fez seria transmitida através das gerações.

2. Deuteronômio 6:20-25

Deuteronômio 6:20-25, “No futuro, quando seu filho lhe perguntar: 'Qual é o significado das estipulações, decretos e leis que o Senhor nosso Deus lhe ordenou?' Diga a ele:” e aqui está esta história do que Deus fez por seu povo: “Fomos escravos do faraó no Egito, mas o Senhor nos tirou do Egito com mão poderosa . Diante de nossos olhos, o Senhor enviou sinais miraculosos e prodígios , grandes e terríveis, sobre o Egito, Faraó e toda a sua casa. Mas ele nos tirou de lá para nos trazer e nos deu a terra que prometeu sob juramento aos nossos antepassados. O Senhor nos ordenou que obedecêssemos a todos esses decretos e temêssemos ao Senhor nosso Deus, para que possamos sempre prosperar e ser mantidos vivos, como é o caso hoje. E se tivermos o cuidado de obedecer a toda

esta lei perante o Senhor nosso Deus, como ele nos ordenou, essa será a nossa justiça.' Então, diga isso a seus filhos quando eles perguntarem o que essas coisas significam.”

3. Salmos 44 e 78

Vamos ao Salmo 44:1-3, “Ouvimos com os nossos ouvidos, ó Deus; nossos pais nos contaram o que você fez em seus dias, nos dias antigos. Com a tua mão expulsaste as nações e plantaste os nossos pais; esmagaste os povos e fizeste florescer os nossos pais. Não foi por sua espada que eles conquistaram a terra, nem seu braço lhes trouxe a vitória; era a tua mão direita, o teu braço e a luz do teu rosto, porque os amaste.”

Então o Salmo 78, vamos começar no versículo 1, “Ó povo meu, ouve o meu ensino; ouve as palavras da minha boca. Abrirei minha boca em parábolas, contarei coisas ocultas, coisas antigas. O que ouvimos e sabemos, o que nossos pais nos contaram. Não os esconderemos de seus filhos; contaremos à próxima geração os feitos louváveis do Senhor, seu poder e as maravilhas que ele fez” e assim por diante. Versículo 6: “Assim, a próxima geração os conheceria, até mesmo os filhos que ainda nasceriam, e eles, por sua vez, contariam a seus filhos. Então eles colocariam sua confiança em Deus e não esqueceriam suas ações, mas obedeceriam a seus mandamentos”.

4. Resumo

Assim, há referências claras a uma tradição oral funcionando no período do Antigo Testamento, mas o que devemos notar é que, em primeiro lugar, essa transmissão oral é encontrada em um *sitz im Leben* no círculo familiar. Qual é a sua situação na vida? São os pais contando aos filhos, os filhos contando aos filhos. As pessoas que transmitiam sua tradição eram pais de seus filhos. Não há evidências de bardos ou trovadores profissionais como existiam em outras linhas e lugares. Dois, tem seu propósito nas palavras do Salmo 78:6 para que a geração

vindoura conheça as obras de Deus. Três, a tradição transmitida consistia pelo menos no que podemos dizer das referências em resumos dos fatos básicos da história da redenção. Um breve resumo, pode-se dizer, do que Deus fez por seu povo. Quatro, que considero bastante importante, é que a tradição nunca esteve isolada da fixação escrita.

Em Êxodo 17:14, por exemplo, voltamos ao mosaico aqui - é aqui que Israel é atacado pelos amalequitas no caminho do Egito para o Sinai. Então o Senhor diz a Moisés: “Escreva isso em um pergaminho como algo para ser lembrado e certifique-se de que Josué ouça, porque apagarei completamente a memória de Amaleque debaixo do céu”. Claro, isso poderia ser contado com crianças, mas também foi escrito para que a tradição não fosse isolada de uma fixação escrita. Este também foi o caso fora de Israel em sua maior parte, mesmo naqueles países mencionados por Nielsen, Egito e Babilônia, e também com o Alcorão. Você vê os exemplos que Nielsen usa realmente não estabelecem seu ponto. Porque aquelas lendas aprendidas na antiga Mesopotâmia eram textos que eram memorizados; o Alcorão era um texto que foi memorizado e transmitido. Então, sim, havia uma tradição oral, mas a tradição oral não opera fora ou separada de uma fixação escrita do texto mesmo em seus exemplos. A recitação oral segue o original escrito.

5. Códigos de leis orais ou escritas Cinco, não acho que se possa negar que Israel tinha leis escritas desde o início. Ele tenta argumentar que até mesmo as leis foram aprovadas oralmente. Existem numerosos códigos de leis em forma escrita que foram descobertos no Oriente Médio e que são muito anteriores à época de Moisés. Por exemplo, o código Hammurabi e o código Lipit-Ishtar. Eles estão todos em um tempo anterior a Moisés e todos estão escritos em tábuas de argila.

6. História escrita - Números 33:2 E, finalmente, há também menção explícita da história escrita. Números 33:2 fala do registro que Moisés manteve da

jornada de um lugar para outro. Números 21:14 fala do Livro das Guerras do Senhor, chamado livro ou pergaminho. Deve ter sido uma fonte escrita. No entanto, Nielsen afirma que existia apenas na forma oral como uma composição poética até a época da queda de Samaria. Em 1 Reis 11:41 o livro onde a história de Salomão é mencionada. Primeiro Reis 14:19 e 29 menciona o livro que narra os reis de Judá.

7. Escrevendo os Textos dos Profetas: 1 e 2 Crônicas Além disso, há menção dos escritos dos profetas. Nossa preocupação aqui é principalmente quem eram os profetas. Os profetas eram escritores? Veja 1 Crônicas 29:29: “Quanto aos eventos do reinado do rei Davi, do começo ao fim, eles estão escritos nos registros de Samuel, o vidente, nos registros do profeta Natã e nos registros de Gad, o vidente, juntamente com detalhes de seu reinado e poder, e as circunstâncias que cercaram ele e Israel e os reinos de todas as outras terras.” Parece bastante abrangente. Diz que estes foram escritos por esses profetas Samuel, Nathan e Gad. Então, em 2 Crônicas 12:15, “Quanto aos acontecimentos do reinado de Roboão, do começo ao fim, não estão escritos nos registros do profeta Semias e de Ido, o vidente, que tratam das genealogias?” E então há mais três referências a Ido, o vidente. Curiosamente, 2 Crônicas 32:32 refere-se a Isaías. Vejamos aquele: “Os outros eventos do reinado de Ezequias e seus atos de devoção estão escritos na visão do profeta Isaías, filho de Amoz, nos livros dos reis de Judá e de Israel”.

Portanto, parece-me que, embora seja uma ideia interessante e embora Nielsen recorra a muitos desses exemplos de enormes quantidades de material comprometido com a memória que foi transmitido de forma oral, não prova que essa tradição oral existiu além de uma fixação escrita. Então eu não acho que ele estabeleceu seu ponto.

8. Sal. 77 – Exemplo de Tradição Oral Devo apenas inserir aqui que existem alguns lugares onde a evidência de uma tradição oral no antigo Israel suplementa o

material escrito do Antigo Testamento. E o que quero dizer com isso é que se você olhar o Salmo 77, ele fala sobre a libertação de Israel do Egito. Vá para o versículo 15: “Com o teu braço poderoso, resgataste o teu povo, os descendentes de Jacó e José. As águas te viram, ó Deus, as águas te viram e se contorceram; as próprias profundezas foram convulsionadas. As nuvens despejaram água, os céus ressoaram com trovões; suas flechas brilharam para frente e para trás. Seu trovão foi ouvido no redemoinho, seu raio iluminou o mundo; a terra tremeu e estremeceu. Seu caminho conduziu pelo mar, seu caminho pelas poderosas águas, embora suas pegadas não fossem vistas. Guiaste o teu povo como um rebanho pela mão de Moisés e de Aarão”. Nessa referência ao Mar Vermelho; menciona aqui “trovão e relâmpago”. Se você voltar ao texto de Êxodo 14, não há referência a trovões, relâmpagos ou tempestades. De onde veio isso? Pode ter saído da tradição oral dos salmistas sabendo que a está usando em sua descrição do que aconteceu naquela época.

9. Josué 24 como um exemplo de tradição oral Em Josué 24:2 há uma cerimônia de renovação da aliança no final da vida de Josué que ele realizou em Siquém. E Josué diz em 24:2: “Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Há muito tempo, seus antepassados, incluindo Terah, pai de Abraão e Naor, viveram além do rio e adoraram outros deuses.’” Onde está Josué? pegue isso? Não há referência a Terah e Nahor adorando outros deuses em Gênesis. Pode muito bem ter havido informações orais que passaram por gerações.

10. 2 Tm. 3:8 como um exemplo de tradição oral

Em 2 Timóteo 3:8, você tem uma referência aos magos da época do êxodo no Egito, Janes e Jambres. De onde vêm esses nomes? Não há referência no livro de Êxodo aos nomes dos mágicos. Pode ter vindo da tradição oral. Há muitos exemplos desse tipo de informação nos últimos pontos do Antigo Testamento que foram no Novo Testamento incluído isso não está no material escrito anterior dos

livros canônicos do Antigo Testamento. Portanto, não acho que precisamos ficar na defensiva sobre o papel que a tradição oral pode ter desempenhado no antigo Israel. Pode ter sido uma coisa muito importante. Mas o ponto é que não funcionou da maneira que Nielsen está tentando dizer que funcionou - que foi o meio de transmissão desses grandes corpos de material profético ao longo dos séculos até que finalmente chegou a uma fixação escrita.

11. Conclusão Então, para concluir: Primeiro, embora a tradição oral existisse no antigo Israel, ela não desempenhou o papel que Nielsen atribui a ela. E dois, não acho que haja nenhuma evidência convincente de que a escrita não tenha sido usada para fins literários antes do exílio. Isso é contrário a tudo o que sabemos sobre as áreas antigas do mundo, bem como o Antigo Testamento. Descobertas arqueológicas extra-bíblicas recentes em Ebla, por exemplo, estabeleceram o uso da escrita para “fins literários” no tempo anterior a Abraão. Você está voltando para cerca de 2300 aC em Ebla, e de acordo com o que é dito sobre esses textos, mesmo que os textos em si não tenham sido publicados, há muito material épico de história lá . E três , as fontes mencionadas pelo cronista indicam que os profetas escreveram. O cronista cita especificamente vários profetas que escreveram. Agora Isaías foi o único mencionado que foi um dos escritores dos profetas canônicos. O material do outro não foi preservado, mas foram os profetas que escreveram. Não há razão para concluir que os profetas não eram escritores. Não se deve ignorar a descrição detalhada do processo de escrita do profeta Jeremias no capítulo 36 de Jeremias.

IX. Alguns Princípios Hermenêuticos para a Interpretação dos Escritos Proféticos

Isso nos leva ao numeral romano IX, “Alguns princípios hermenêuticos para a interpretação dos escritos proféticos”, e A., “Algumas características gerais da profecia preditiva”. Quero examinar essas características gerais primeiro e depois sob B. “Algumas diretrizes para interpretação”.

1. O Propósito da Profecia Preditiva Então, primeiro algumas características gerais da profecia preditiva. 1. “O propósito da profecia preditiva”. Já nos referimos a dois aspectos, pode-se dizer, da profecia bíblica que às vezes têm sido rotulados com os termos “contar adiante” e “predizer”. Por falar adiante, quero dizer exortação, reprovação, correção e instrução. Por predizer, quero dizer predição de coisas que acontecerão no futuro, algumas no futuro mais imediato e outras no futuro distante. Acho que muito comumente o aspecto revelador de uma mensagem profética é negligenciado em favor do aspecto preditor de uma forma que muitas vezes obscurece o propósito fundamental da mensagem profética.

Vamos falar aqui sobre o propósito da profecia preditiva. O que é? Acho que seu propósito não é atender ao apetite de pessoas curiosas sobre o futuro e a profecia preditiva não deve ser usada dessa forma hoje. O elemento preditivo na profecia – que é o que a maioria das pessoas pensa quando se fala em profetas – nunca deve ser separado ou isolado de sua função paranética, isto é, de sua natureza instrutiva. A mensagem profética destina-se a exortar, reprovar, refletir, encorajar e chamar ao arrependimento.

Olhe para a página 20 de suas citações. Acho que existem 3 escritores diferentes aqui. O primeiro é de William Dyrness e observe o que ele disse: “Não é coincidência que a publicação do primeiro livro de Hal Lindsey sobre profecia [*Late Great Planet Earth* , um livro extremamente popular há 25 anos] coincidiu com o maior renascimento da astrologia em trezentos anos. (É interessante notar a frequência com que seu livro aparece nas livrarias ao lado de manuais de astrologia.) O homem pode escapar tão facilmente para a profecia quanto para a astrologia. Em ambos os casos, ele é um peão e, portanto, isento de responsabilidade moral. Que isso não fazia parte dos propósitos de Lindsey nas páginas finais do livro.... Mas devemos ter cuidado para que nosso anseio pela volta de Cristo não seja motivado por nosso desejo de fugir da responsabilidade”.

E então Ross no próximo parágrafo, “Se as profecias estão realmente sendo

motivadas por uma preocupação ética básica, como estou convencido de que um estudo detalhado demonstrará, então nossa resposta é a questão mais crucial. Se nos tornarmos especialistas em interpretação profética, se tivermos todo o conhecimento das coisas futuras, sim, mesmo se soubermos o dia e a hora da vinda de Jesus, mas se nossas vidas não forem transformadas pela expectativa do que Deus fará, então transformamos o estudo profético em um jogo de salão e nosso conhecimento se torna uma maldição em vez de uma bênção”.

Então, finalmente, Dwight Wilson agora coloca aqui algo que muitas vezes tem sido, penso eu, uma característica fraca sobre o pensamento escatológico pré-milenar. Eu me identificaria como pré-milenista, mas tem havido muitos abusos de interpretação profética para pré-milenistas. Ele diz: “A história dos pré-milenaristas está repleta de uma massa de especulações errôneas que minaram sua credibilidade. Às vezes, identificações falsas foram feitas dogmaticamente, outras vezes apenas como probabilidades ou possibilidades, mas o resultado sempre foi o mesmo - o aumento do ceticismo em relação ao pré-milenismo. As pessoas confrontadas com a apresentação de um pré-milenista precisam estar conscientes do passado composto de interpretação profética, que incluiu os seguintes fenômenos. A crise atual costuma ser identificada como um sinal do fim, seja a Guerra Russo-Japonesa, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Palestina, a Crise de Suez, a Guerra de Junho e o Yom Kippur Guerra. O renascimento do Império Romano foi identificado de várias maneiras como o império de Mussolini, a Liga das Nações, as Nações Unidas, a comunidade europeia de defesa, o Mercado Comum e a OTAN. As especulações sobre o Anticristo incluíam Napoleão, Mussolini, Hitler e Henry Kissinger.” Há uma história desse tipo de identificação com o cumprimento de certas seções proféticas no Antigo Testamento dos eventos atuais que se mostraram errôneas repetidas vezes. Algumas pessoas ficam presas nesse tipo de coisa, meio que perdidas e fascinadas por isso.

2. Funções da Profecia Preditiva nas Escrituras

Vamos nos voltar para a própria Bíblia quanto à função da profecia preditiva, qual é o seu propósito? Olhe para 1 João 3:3. Depois de falar sobre a segunda vinda de Cristo no versículo 2: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro”. Em outras palavras, a segunda vinda de Cristo não é algo apenas para especulação. Isso afetará a maneira como você vive agora.

Veja também 1 Pedro 4:7: “O fim de todas as coisas está próximo. Portanto, tenham a mente clara, tenham autocontrole para que possam orar porque Cristo vai voltar”. Isso afetará a maneira como você vive agora: “Acima de tudo, amem-se profundamente, porque o amor cobre uma multidão de pecados. Ofereçam hospitalidade uns aos outros sem resmungar. Cada um deve usar qualquer dom que tenha para servir aos outros como fiéis despenseiros da graça de Deus em suas várias formas. Se alguém falar, falará como está falando as próprias palavras de Deus. Se alguém serve, você deve fazê-lo com força.” Por que? “Porque o fim de todas as coisas está próximo, está chegando.”

Veja 2 Pedro 3:11. No versículo 10 ele falou sobre os céus desaparecendo, destruídos pelo fogo, a terra e tudo nela estava nu. “Já que tudo será destruído dessa maneira, que tipo de pessoa você deveria ser? Todos vocês devem viver uma vida santa e piedosa enquanto aguardam o dia de Deus”. Veja o versículo 14: “Portanto, queridos amigos, já que vocês estão ansiosos por isso, façam todo o possível para serem achados imaculados, irrepreensíveis e em paz com ele”. 1 Tessalonicenses 5:1-11: “Agora, queridos irmãos, sobre horários e datas não precisamos escrever para vocês, pois vocês sabem muito bem que o Senhor virá como um ladrão durante a noite.” E ele prossegue no versículo 6 sobre nossa resposta: “Portanto, não sejamos como os outros, que dormem, mas estejamos alertas e com domínio próprio”. Até o versículo 8: “Tenhamos domínio próprio,

vestindo a fé e o amor como uma couraça, e a esperança da salvação como um capacete.” Versículo 11, “Encorajem-se e edifiquem-se uns aos outros, como de fato vocês estão fazendo.”

3. Propósito da Profecia Preditiva

Nós olhamos para um texto como esse onde o elemento preditivo na profecia é dado ao povo de Deus para mostrar-lhes que seu programa de redenção está avançando de acordo com seu propósito, plano e cronograma divinos. A história de todos os povos e nações está sujeita a esse ordenamento soberano do processo histórico à medida que avança por seus propósitos. Esse fato tem a intenção de afetar o modo de vida daqueles que ouvem essa mensagem. Os profetas falaram para induzir uma vida santa e obediência a Deus entre o povo de Deus, em seu tempo, bem como no tempo daqueles que viveram muito depois do tempo em que pregaram. Não devemos perder isso de vista porque para mim é a parte mais importante do motivo da entrega inicial da mensagem. Sim, Deus tem um propósito e um plano, existem essas coisas que vão acontecer no futuro para nós. Mas isso deve moldar a maneira como vivemos agora. Portanto, esse aspecto revelador da mensagem profética não deve ser engolido pelo interesse no aspecto preditivo da mensagem profética. Ok, vamos ter que parar por aí.

Transcrição de Rebecca Wold, Jessica Hunkler, Ruth Chadwick, Connor Briggs,
Olivia Gray, Kayla Schwanke, Joshua Alvera (editor)
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 13a,

IX, Princípios hermenêuticos para a interpretação dos escritos proféticos

A. 1. Princípios hermenêuticos para a interpretação dos escritos proféticos

Na semana passada, estávamos iniciando nossa discussão sobre o numeral romano IX, “Princípios hermenêuticos para interpretação de escritos proféticos”. Havíamos discutido A. 1, que é: “O propósito da profecia preditiva”. Acho que isso é importante não só para a época em que os profetas proclamaram a mensagem, mas também para nós. A profecia não serve simplesmente para satisfazer o apetite que quase todo mundo tem de aprender sobre o que vai acontecer no futuro. É algo que é dado no contexto do movimento proposital de Deus na história, apontando, em última análise, para o período de consumação quando Cristo voltar e como isso afetará a maneira como vivemos hoje; isso é o principal.

2. Profecia preditiva e escrita da história

O número 2 é “Profecia preditiva e escrita da história”. Acho que há duas idéias comuns, mas errôneas, sobre a natureza da relação entre profecia preditiva e escrita histórica, e estou falando aqui de profecia preditiva e escrita histórica como gêneros de literatura. Essas visões errôneas surgem porque a distinção na forma literária entre o discurso profético e o discurso histórico não é frequentemente discernida. Algumas pessoas veem a profecia preditiva como uma forma cativante de escrita histórica e esta é a visão usual da escola crítica de pensamento que realmente não aceita que exista algo como profecia preditiva genuína, mas a vê como uma forma cativante de escrita histórica que foi produzida posteriormente aos eventos que ela descreve. Em outras palavras, é a história escrita após o evento.

a. Profecia não é história: caráter mais enigmático Se você olhar em suas

citações, página 21, Mickelsen em seu volume sobre *Interpretando a Bíblia* fala sobre isso e diz: “mas profecia não é história escrita após o evento. A escrita histórica comum na Bíblia carece do caráter enigmático da profecia. Caracteriza-se por um tratamento dos detalhes e sua subordinação a eventos básicos em algum tipo de padrão cronológico. Isso está em contraste com as narrativas proféticas que lidam com realidades futuras. Essas realidades são apresentadas como detalhes importantes, mas os detalhes subordinados não são apresentados em sequências de tempo desenvolvidas ou em linhas de pensamento consistentes. Qualquer homem que pudesse escrever a história na forma de profecia hebraica teria que esquecer metade do que sabia para dar a aparência de ser um profeta. Mas a artificialidade de tal tática certamente transpareceria.”

Acho que o que Mickelsen quer dizer é que, se você comparar o discurso histórico bíblico e o discurso profético, encontrará um personagem enigmático na profecia. No discurso histórico, você tem todos esses detalhes que são colocados juntos de uma maneira ordenada e síncrona. Na profecia, você não obtém todos os detalhes, obtém alguns deles. Mas você não obtém o suficiente para obter a imagem completa, e há aquela diferença entre o discurso profético e o discurso histórico. Você vê que o ponto que Mickelsen está fazendo é que o caráter do discurso profético é diferente do caráter do discurso histórico. Há um certo caráter enigmático nisso. Todos os detalhes não estão lá. Portanto, não é história escrita após o evento, pois ele diz que alguém teria que esquecer metade do que sabia para escrever a história na forma de profecia preditiva.

b. Profecia preditiva é história escrita de antemão

Essa é uma ideia errônea bastante comum que está por aí, mas outra é que a profecia preditiva é a história escrita de antemão. Agora, o que quero dizer com isso não é que estou desafiando a legitimidade da profecia preditiva como realmente falando sobre o que acontecerá no futuro, mas estamos olhando para o caráter do discurso. O discurso profético normalmente não dá uma imagem tão

completa de um evento quanto o discurso histórico. No discurso histórico, você tem todos os detalhes e no discurso profético, não; em vez disso, você obtém aquele personagem enigmático. Esse caráter enigmático não nega a reconhecibilidade da realização. Quando acontece, há o suficiente para que, quando o que é falado de antemão acontecer, possa ser reconhecido. Você tem informações suficientes para ver o cumprimento quando isso acontecer. No entanto, e aqui cabe um alerta, o cumprimento pode ocorrer de maneiras não totalmente previstas ou antecipadas. Em outras palavras, quando a realização chega, pode haver algumas reviravoltas e características que são surpreendentes.

c. Exemplo Isaías 9 e Mateus 4 Deixe-me dar apenas uma ilustração: se você olhar para Isaías 9 e depois para Mateus 4. Nos primeiros versículos do capítulo 9 de Isaías, você lê: “Contudo, não haverá mais tristeza para aqueles que estavam em sofrimento; no passado ele humilhou a terra de Zebulom e a terra de Naftali, mas no futuro ele honrará a Galiléia dos gentios no caminho do mar ao longo do Jordão. O povo que andava nas trevas viu uma grande luz. Para os que vivem na região da sombra da morte, uma luz raiou.” Agora há uma declaração profética. Agora vá para Mateus 4:12-16, onde você lê: “Quando Jesus ouviu que João havia sido preso, voltou para a Galiléia. Saindo de Nazaré, foi morar em Cafarnaum, que fica à beira do lago, na região de Zebulom e Naftali, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías”. Então você obtém uma citação de Isaías 9:1 e 4. “Na terra de Zebulom, a terra de Naftali, junto ao caminho do mar, ao longo do Jordão, Galiléia dos gentios, o povo que vivia em trevas viu um grande luz, sobre aqueles que vivem na terra da sombra da morte, uma luz raiou.’ Desde então Jesus começou a pregar: ‘Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo”’.

Agora, se você voltar a Isaías 9, ele aparece no contexto da seção de Isaías frequentemente chamada de “o Livro do Emanuel”. Começa no capítulo 7 e vai até o capítulo 12. O contexto histórico para a mensagem que Isaías estava trazendo em Isaías capítulo 7 a 12 é que o rei de Judá, naquela época, Acaz, havia sido

ameaçado por um ataque de uma coalizão de reis do Reino do Norte e de Rezim de Damasco. E em vista dessa ameaça no capítulo 7, Isaías sai e confronta Acáz e diz: “Não tenha medo dessa gente. Isso realmente não vai acontecer. Deposite sua confiança no Senhor”. Acáz não tem interesse em colocar sua confiança no Senhor. Em vez disso, ele faz uma aliança com os assírios. E se você pensar sobre isso, você tem o Reino do Norte logo ao norte de Judá, Damasco um pouco mais ao norte, mas mais ao norte e oeste e atrás deles está a Assíria. Então, ele dá a volta e atrás deles e faz uma aliança com a Assíria, que fornece proteção contra a ameaça de Pekah de Samaria e Rezim de Damasco.

É claro que essa aliança com a Assíria acabará levando a Assíria a cair, tomando Damasco, depois tomando Samaria e ameaçando Judá. Isso levou a muitos problemas, tanto para Israel quanto para Judá. No capítulo 9 de Isaías é traçado um quadro muito sombrio, para a região ao norte do mar da Galiléia. Essa é precisamente a região devastada pelo rei assírio Tiglate-Pileser. Se você olhar para 2 Reis 15:29, você tem uma descrição do avanço de Tiglate-Pileser e diz: “No tempo de Peca, rei de Israel”, que era aquele que ameaçava Acáz, “Tiglate-Pileser, rei da Assíria, veio e tomou Ijom, Abel, Bete-Maacá, Janoá, Quedes e Hazor. Ele tomou Gileade e a Galileia, incluindo toda a terra de Naftali”. É a mesma área que Isaías está descrevendo em 9:1. “E deportou o povo para a Assíria.”

Então, uma imagem escura é desenhada daquela área ao norte do Mar da Galileia, mas Isaías continua dizendo no capítulo 9, em algum momento futuro naquela mesma área que a escuridão será dissipada por uma grande luz. Em Isaías 9, você pode se perguntar: o que é essa grande luz?

Versículo 2, “O povo que andava em trevas naquela região de Zebulom e Naftali viu uma grande luz; para os que vivem na região da sombra da morte, uma luz raiou”. Posso dizer que em toda esta passagem, você entra em uma questão interpretativa relacionada ao uso dos tempos verbais hebraicos. Os tempos são todos tempos perfeitos. Se você descer, por exemplo, onde isso se desenrola mais no versículo 6, onde “um menino nos nasceu”, um versículo muito familiar, “um

filho nos foi dado”. Esses são tempos perfeitos. “Um menino nos *nasceu* , um filho *se* nos deu”. Mas é profético perfeito. Realmente deveria ser traduzido como futuro e toda esta passagem deveria ser traduzido como futuro. Assim, a grande luz que deveria dissipar as trevas naquela região foi invadida pelo rei assírio após a aliança de Acaz com os assírios, mas o ministério galileu de Jesus está centrado naquela mesma região.

Mas veja, a profecia de Isaías não contém todos os detalhes. Não preenche todos os detalhes. Quando Cristo vier, você pode dizer, sim, isso se encaixa, esta é uma visão maravilhosa do futuro de longo alcance e uma imagem do primeiro advento de Cristo. Mas você vê aquele “caráter enigmático”, pode-se dizer, que é característico do discurso profético. Geralmente há um caráter enigmático de profecias e declarações preditivas antes de seu cumprimento. Isso é o que distingue o discurso profético do discurso histórico. Portanto, a profecia preditiva não é história escrita de antemão.

Mas aí você não está lidando com o discurso histórico em uma voz profética. Não é profecia preditiva. Meus comentários são sobre profecia preditiva. Existem seções de Isaías, como os capítulos 36-39, onde você tem um discurso histórico que é realmente um discurso como Reis. Nas seções de Jeremias, você tem um discurso que é como Reis.

3. O Caráter Progressivo da Profecia Preditiva

Tudo bem, vamos para 3., “O caráter progressivo da profecia preditiva”. Acho que, assim como acontece com a revelação em geral, também com a profecia preditiva, você tem um desdobramento e desenvolvimento gradual. Assim, em certos temas proféticos você obtém, com o progresso da revelação, cada vez mais informações, mais detalhes preenchidos. Esse caráter progressivo da profecia preditiva nos dá mais informações. Mas, a ambigüidade e o caráter enigmático da profecia não são totalmente eliminados pela maior quantidade de material.

Um exemplo disso pode ser o anticristo. A imagem do anticristo se desenvolve lentamente. À medida que você obtém mais informações sobre essa pessoa, a imagem fica mais completa, mas não a ponto de você ter uma imagem completa. Assim, você tem todas essas identificações equivocadas, penso eu, na história da interpretação. Em Daniel 7, fala-se de um chifre pequeno. No contexto da sucessão de reinos, eles são retratados como 4 bestas, e aquele chifre pequeno faz guerra contra os santos. Parece ser representante de um líder contrário a Deus e ao povo de Deus. Mas você não obtém nenhuma descrição detalhada clara e real de quem é esse indivíduo. Em Daniel 9, você obtém um pouco mais de informação, onde há referência à abominação da desolação, e no capítulo 12, um pouco mais. Mas, então, quando você vai ao Novo Testamento, em 2 Tessalonicenses 2:4, você tem referência a um homem do pecado, que se apresenta como Deus e se senta no templo. Apocalipse 13, tem uma besta que parece ser parecida com o chifre pequeno de Daniel 7, então você começa ligando as passagens bíblicas. Você obtém cada vez mais informações, mas não o suficiente para dissipar todo o personagem enigmático. O caráter progressivo da profecia predita é uma característica importante dela. Mas não erradica totalmente o caráter enigmático da profecia preditiva.

4. A profecia preditiva tem sua própria perspectiva de tempo peculiar

Número 4., “A profecia preditiva tem sua própria perspectiva de tempo peculiar”. Na maioria das vezes, você não dá muita ênfase à informação cronológica precisa nas profecias preditivas. Existem algumas exceções, mas em geral não. Além disso, muitas vezes parece que vários eventos são apresentados de uma forma que parece comprimi-los no que parece ser um período de tempo bastante curto. Algumas pessoas falam disso como a perspectiva do tempo profético. Veja suas citações, página 21, em *Princípios de Interpretação Bíblica de Louis Berkhof*. Ele diz: “O elemento do tempo é uma quantidade bastante insignificante nos profetas. Embora as designações de tempo não sejam totalmente

inexistentes, seus números são excepcionalmente pequenos. Os profetas comprimiram grandes eventos em um breve espaço de tempo, aproximaram movimentos importantes em um sentido temporal e os captaram com um único olhar. Isso é chamado de 'a perspectiva profética' ou, como Delitzsch a chama, 'o encurtamento do horizonte do profeta". Você talvez já tenha ouvido falar dessa frase descritiva. "Eles olhavam para o futuro como um viajante olha para uma cordilheira distante. Ele imagina que o topo de uma montanha se eleva logo atrás do outro, quando na realidade eles estão a quilômetros de distância." Você vê isso referenciado na "perspectiva profética do dia do Senhor e a dupla vinda a Cristo". Acho que essa imagem é útil. Tenho certeza que você já viu isso, onde você está viajando e vê uma cadeia de montanhas, e parece que elas estão próximas umas das outras. Você chega ao topo de um, e o próximo é um longo caminho à frente.

a. Exemplo: Isaías 61:1-2 e Lucas 4 Veja Isaías 61:1 e 2, e sua citação no Novo Testamento em Lucas 4. Em Isaías, 61: 1 e 2, Isaías diz: "O espírito do Senhor soberano é sobre mim, porque o Senhor me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me para curar os quebrantados de coração, proclamar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, proclamar o ano da graça do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus". É para o segundo verso que quero chamar sua atenção. Quando em Lucas 4, Jesus lê isso, na sinagoga. Lucas 4:16: "Ele foi para Nazaré, onde havia sido criado. E no dia de sábado, ele entrou na sinagoga como era seu costume. E levantou-se para ler. O pergaminho do profeta Isaías foi entregue a ele. Desenrolando-o, ele encontrou um lugar onde está escrito" (e isto é Isaías 61:1 e 2) "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Enviou-me para proclamar liberdade aos presos, e restauração da vista aos cegos, e libertar os oprimidos, para proclamar o ano da graça do Senhor", e para. Você percebe que ele para no meio do versículo 2. Então diz: "Ele enrolou o livro, devolveu-o ao criado e sentou-se. Os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele. Ele começou dizendo-lhes: 'Hoje se cumpriu esta escritura que acabais de ouvir.'" Mas você percebe que ele

não leu 2b de Isaías 61, “e o dia da vingança de nosso Deus”. O dia da vingança de nosso Deus não se cumpriu em seus dias. Isso seria cumprido em seu segundo advento. Então, em outras palavras, 61:1 e 2a foram cumpridos em seu primeiro advento. Mas 61: 2b não seria cumprido até seu segundo advento. Mas se você ler Isaías 61:1 e 2, parece que essas duas coisas vão acontecer muito próximas no tempo. Entre Isaías 61:2a e 61:2b, há um intervalo de tempo. Portanto, esse encurtamento do horizonte profético é algo que você deve ter em mente ao lidar com profetas. Pode haver intervalos de tempo entre frases pares que compõem uma frase. Você dificilmente pode saber disso com antecedência, a menos que tenha informações que deixem isso claro. Como aqui, você pode comparar Escritura com Escritura e acho que fica mais claro.

Keil diz, agora não tenho isso em suas citações: “Os profetas no Espírito contemplam o futuro como se fosse presente; que para seu espírito as imagens e configurações do futuro aparecem como presentes, como realidades já atuais. Isso explica não apenas o uso predominante do chamado profético perfeito no discurso profético”. Eles podem falar de coisas, como no tempo perfeito, como se fosse uma ação completa, mas é futuro, porque eles veem a realidade presente do cumprimento futuro. “Mas também o fato de que a ordem cronológica dos eventos previstos se retira para segundo plano, assumindo a profecia o chamado caráter de perspectiva.” Essa é outra característica que você deve ter em mente com a profecia preditiva, que a perspectiva de tempo é diferente da perspectiva de tempo que você terá nos registros históricos.

5. A mensagem da profecia preditiva pode ser expressa em terminologia culturalmente datada.

Vamos para 5., “A mensagem da profecia preditiva pode ser expressa em terminologia culturalmente datada”. Esta é uma questão interessante porque levanta uma série de questões interpretativas quando você está lidando com a profecia real. Acho que quando você lê a profecia preditiva, percebe que os

profetas falaram com seus contemporâneos, na linguagem, nos padrões de pensamento e no ambiente cultural de seu próprio tempo . Como era de se esperar, eles usaram linguagem e terminologia apropriadas para seu próprio tempo. Se eles falam sobre transporte, vão falar sobre cavalos, carruagens, camelos e pequenos navios — coisas desse tipo, os tipos de meios de transporte típicos daquela época. Se falam de armas e armamentos, vão falar de espadas, escudos, arcos e flechas e fundas. Se eles falarem sobre os meios e a forma de adoração, eles falarão em uma linguagem que reflita os serviços do templo ou os sacrifícios. Se eles falam sobre eventos mundiais que envolvem outras nações e povos, eles vão falar sobre as nações que cercavam Israel na época em que eles viviam: Moabe, Edom, Egito, Babilônia, Assíria e assim por diante.

a. Terminologia Culturalmente Datada – Abordagem Literal Tendo dito isso, quando você chega a qualquer profecia preditiva que usa terminologia culturalmente datada, surge a questão de como entender essa terminologia culturalmente datada. O que você faz com isso? Acho que existem três maneiras básicas pelas quais os intérpretes lidaram com esse aspecto específico da profecia preditiva. Quero mencioná-los e depois voltar e examinar cada um deles com mais detalhes. A primeira maneira é insistir em um cumprimento literal, mesmo em uma terminologia culturalmente datada, até os detalhes. Se um profeta em alguma passagem preditiva fala de cavalos e carruagens, então na hora do cumprimento haverá cavalos e carruagens envolvidos. Se ele falar de arco e flecha, essas mesmas armas serão usadas no momento do cumprimento. Se ele fala de Moabe e Edom, Moabe e Edom estarão envolvidos no tempo do cumprimento.

Agora, deixe-me fazer apenas um breve comentário aqui. Parece-me que isso não leva em conta suficientemente o meio cultural do profeta e do povo a quem ele falava. Se ele estivesse falando com seus contemporâneos e usando a linguagem do século 20, a maior parte do que ele disse teria sido incompreensível. Certamente as armas de guerra que conhecemos eram impensadas e inéditas no

tempo de Isaías ou de quem quer que você esteja falando. Isso tornaria sua mensagem sem sentido para as pessoas a quem ele falava. Assim, parece-me que o profeta falou de maneiras que seriam compreensíveis para seu público. A questão é: o que fazemos com esse tipo de terminologia datada culturalmente, quando olhamos para o tempo de cumprimento?

b. Significado Simbólico – Espiritualização da Profecia Uma segunda abordagem que alguns intérpretes adotaram, em contraste com a insistência no cumprimento literal, é dizer que há um significado simbólico para toda a profecia. Não gosto de usar a seguinte palavra, mas acho que provavelmente capta esse método melhor do que qualquer outra palavra, que é a palavra “espiritualização”. Em outras palavras, você espiritualiza a profecia. As palavras não são então compreendidas em um sentido físico ou material. Mas eles são vistos como símbolos de realidades espirituais e forças espirituais. Isso é meio vago. Acho que temos que olhar para uma passagem e ver como ela funciona para entender exatamente o que isso significa, mas mantenha essa segunda categoria em mente. Espiritualização; é um símbolo de realidades espirituais, descritas por uma terminologia culturalmente datada.

c. Procurando Equivalentes ou Correspondentes A terceira categoria é que alguns intérpretes lidam com terminologia culturalmente datada procurando por equivalentes ou correspondências. Em outras palavras, os intérpretes dessa abordagem aceitariam que há um elemento de linguagem figurada no discurso do profeta, mas eles não espiritualizam. Eles ainda veem a linguagem como referindo-se a realidades materiais tangíveis. Se arcos e flechas são falados em termos de armas, procuramos uma equivalência ou correspondência no momento do cumprimento. Procuramos tanques e foguetes ou algo equivalente. Procuram - se contrapartidas para as armas do tempo em que os profetas falavam. Os inimigos do povo de Deus no tempo do profeta serão substituídos por inimigos posteriores

que ocupam o território correspondente. Então olhamos para Moabe e Edom. Moabe e Edom se foram. Quem vive nesses territórios no momento do cumprimento? A Assíria se foi. Quem mora ali? Que nação é essa que corresponde ao povo da época de que falou o profeta? Então eu acho que existem essas três abordagens básicas para a terminologia culturalmente datada: realização literal, espiritualização e falar de realidades espirituais, e procurar por analogia, correspondência ou equivalentes.

Essas linhas são difíceis de desenhar. E sempre há uma questão de como você realmente aplica isso a uma determinada passagem. É difícil generalizar. Você tem que olhar para passagens específicas e lutar com a linguagem e o conteúdo de passagens individuais. Portanto, parece teoricamente que essas são categorias restritas. Eles provavelmente não são tão rígidos, mas depende de como são implementados.

d. Exemplo: Isaías 11 e a Abordagem Espiritualizante Vamos ver Isaías 11, a última parte do capítulo. A primeira parte do capítulo você provavelmente conhece porque a primeira parte tem aquela seção com o versículo 6, “O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com a cabra, o bezerro, o leão e o animal de um ano juntos ; e uma criança os guiará. A vaca pastará com o urso, suas crias se deitarão juntas, e o leão comerá palha como o boi”. Versículo 9: “Eles não farão mal nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra estará cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar”. Isso está falando daquele tempo futuro em que não há perigo externo. Todos estão vivendo em paz e harmonia. Mas quando você chega à segunda metade desse capítulo, lemos no versículo 10: “Naquele dia a raiz de Jessé será a bandeira do povo. O povo se unirá a ele e seu lugar de descanso será glorioso”. Então 11 até o fim: “Naquele dia, o Senhor estenderá sua mão pela segunda vez para recuperar o restante de seu povo da Assíria, do Baixo Egito, do Alto Egito, de Cush, de Elão, da Babilônia, de Hamate e das ilhas do mar. Ele levantará uma bandeira para as nações e reunirá os

exilados de Israel; ele reunirá o povo disperso de Judá dos quatro cantos da terra. O ciúme de Efraim desaparecerá, e os inimigos de Judá serão exterminados; Efraim não terá ciúmes de Judá, nem Judá será hostil a Efraim. Eles descerão pelas encostas da Filístia a oeste; juntos eles saquearão o povo do leste. Apoderar-se-ão de Edom e de Moabe, e os amonitas se sujeitarão a eles. O Senhor secará o golfo do mar egípcio; com um vento abrasador passará a mão sobre o rio Eufrates. Ele a dividirá em sete riachos para que os homens possam atravessá-la de sandálias. Haverá caminho plano para o resto do seu povo que restar da Assíria, como houve para Israel quando saiu do Egito”.

Veja suas citações na página 23. Quero usar o comentário de EJ Young sobre Isaías como um exemplo dessa segunda categoria. Em outras palavras, você tem uma terminologia datada culturalmente; Como você lida com isso? Young sugere que você o espiritualize e você diz que a linguagem é um símbolo de realidades espirituais. Acho que Young dá uma boa ilustração dessa segunda categoria. Você percebe no versículo 12: “Ele levantará um estandarte para as nações e reunirá os exilados de Israel; ele reunirá o povo disperso de Judá dos quatro cantos da terra”. Seu comentário sobre 12 é: “O Messias será um ponto de atração para os pagãos, e através da obra da pregação cristã e dos missionários cristãos Ele os atrairá para Si. Quão importante, particularmente nos dias de hoje, é que a igreja envie aos quatro cantos da terra missionários que estejam inflamados com a verdade de que, sem o verdadeiro Messias, Jesus, não há salvação.” Isaías 11:13, “O ciúme de Efraim desaparecerá, e os inimigos de Judá serão exterminados; Efraim não terá ciúmes de Judá, nem Judá será hostil a Efraim.” O que isso está falando? Young diz: “Em Cristo, todas as distinções nacionais, seccionais e regionais serão abolidas e, por meio da figura empregada neste versículo, aprendemos que em Cristo há uma verdadeira unidade e lugar para todos os homens de qualquer raça e cor. Somente em Cristo eles podem ser um”. Em seguida, o versículo 14: “Eles descerão pelas encostas da Filístia a oeste; juntos eles saquearão o povo do leste. Apoderar-se-ão de Edom e de Moabe, e os

amonitas se sujeitarão a eles”. Young diz: “Aqui está a verdadeira unidade da fé em oposição à hostilidade do mundo. Essa verdadeira unidade não se esconde em uma autodefesa bajuladora esperando um ataque. Leva a ofensiva; os inimigos do Messias devem ser destruídos e, na força da unidade que o Messias dá, o povo voa sobre os filisteus, representantes dos inimigos de Deus e de Sua Igreja. Agora observe o próximo comentário: “O que Isaías está descrevendo aqui não pode, é claro, ser entendido em sentido literal. Em vez disso, aqui está uma bela imagem da unidade que é a posse dos santos de Deus, obtida para eles não por meio de suas próprias obras, mas por meio do sangue de Cristo, e da participação vigorosa e ativa na obra de vencer o inimigo. mundo, uma conquista que se realiza através do envio de missionários e da proclamação constante, ativa, vigorosa e fiel de todo o conselho de Deus a toda criatura”. Portanto, esta é a propagação do evangelho, a evangelização mundial.

Young continua: “A gloriosa esperança aqui mantida para o povo de Deus não consiste na espoliação dos árabes nômades do deserto. Antes, consiste na abençoada tarefa de tornar conhecido o poder salvador de Deus até mesmo para aqueles que, como o apóstolo Paulo, já foram perseguidores da igreja. no grande campo do mundo, uma inversão que consistirá em o povo de Deus estender a mão para trazer todos os homens e torná-los cativos a Cristo”. Essa é a abordagem espiritualizante. Agora é disso que Isaías está falando? Essa é uma pergunta difícil.

Transcrição de Diane Tarr, Grace Wood, Barry Soucy e Rachel Thomas, Ted Hildebrandt,

Abigail Aldrich (editora)

Rough editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Katie Ells

Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica: Palestra 13b

Princípios Hermenêuticos para Interpretar Escritos Proféticos

5. e. Isaías 11:10-12 Abordagem de Oswalt

Vejamos o comentário NICOT de John Oswalt sobre Isaías, página 286 e seguintes. Ele diz sobre essa seção maior: “Embora o sentido geral desses versículos seja claro, os detalhes não são tão claros. O profeta está falando do retorno da Babilônia em 539 AC?” Veja, começa assim: “O Senhor estenderá sua mão uma segunda vez para recuperar o remanescente que resta de seu povo.” Então ele fala no versículo 12, de reunir os exilados de Israel, trazendo-os de volta à sua terra. Oswalt diz: “Isso está falando do retorno da Babilônia em 539? Nesse caso, o Messias ainda não havia sido revelado e dificilmente poderia ser o estandarte em torno do qual o povo se reunia”. Vemos no versículo 10: “Naquele dia, a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos. As nações se unirão a ele.” Não parecia acontecer na época do retorno do exílio. Isaías está de fato falando do novo Israel, a igreja, como sustentam os reformadores? Por exemplo, Calvino diz: “Certamente, os crentes foram reunidos para o Messias de todas as partes do mundo [essa é a posição de EJ Young também]”. E o versículo 10, de uma maneira que lembra Isaías 2:2-4, faz uma referência às nações separadas. No entanto, aqui aparece o comentário de Oswalt: “O foco principal da passagem parece estar na nação histórica de Israel, de modo que alguém é levado a acreditar que aponta para uma grande reunião final do povo judeu, como a mencionada por Paulo em Romanos 11. Se isso começou no movimento sionista, como muitos acreditam, podemos aguardar com antecipação sua conclusão final em uma conversão a Deus em Cristo pela nação judaica. Parece que Oswalt, conforme ele discute mais adiante, realmente se encaixaria na terceira categoria que você tem aqui; alguma forma de descrição do retorno de Israel exilado à sua terra em conexão com sua vinda a Cristo. Aí é onde pode estar confusa aquela linha que foi levantada um minuto atrás.

f. Abordagem de JA Alexander

No comentário de JA Alexander sobre Isaías, página 257, ele diz: “A profecia não foi cumprida no retorno dos refugiados após a derrota de Senaqueribe, nem no retorno da Babilônia, mas parcialmente na pregação do Evangelho aos judeus. O cumprimento completo deve ser esperado quando todo o Israel for salvo. A predição deve ser entendida figurativamente, porque as nações mencionadas neste versículo há muito deixaram de existir. Veja lá, você obtém essa terminologia invadida culturalmente. O evento prefigurado é, segundo Keil, o retorno dos judeus à Palestina; mas, de acordo com Calvino, sua admissão no reino de Cristo mediante arrependimento e recepção da fé cristã”.

Então você obtém essa divergência de ponto de vista. No versículo 14, onde a Palestina, Edom, Moabe e os moabitas são mencionados, Alexandre diz: “Todos os nomes são de nações vizinhas com as quais os hebreus estavam acostumados a guerrear . Edom, Moab e Amon podem ser especialmente nomeados por um motivo adicional, viz. que eles estavam quase relacionados a Israel e, no entanto, estavam entre seus inimigos mais inveterados. Os judeus explicam isso como uma previsão literal em relação aos países anteriormente possuídos pelas raças aqui enumeradas. A maioria dos escritores cristãos entende espiritualmente as conquistas a serem alcançadas pela verdadeira religião e supõe que as nações aqui mencionadas sejam simplesmente colocadas para inimigos em geral ou para o mundo pagão. Observe que essa também é a visão de Young. “Este método de descrição se torna mais enfático pelas associações históricas que os nomes despertam.” Mais tarde, ele diz: “O cumprimento foi buscado por diferentes intérpretes, no retorno da Babilônia, no progresso geral do evangelho e na futura restauração dos judeus”.

g. Abordagem de Vannoy Não vejo como você pode argumentar com os detalhes do retorno da Babilônia, mas o que você faz com isso? É este o progresso geral do

evangelho? Você espiritualiza isso? Ou você diz que tem algo a ver com a futura restauração do povo judeu à sua terra natal?

Sou mais pré-milenar em minha escatologia. Estou mais inclinado a assumir esse último ponto de vista e procurar, com esses nomes, algum tipo de equivalente para os lugares. Se eles vão voltar da Assíria - da Mesopotâmia na área, procure equivalentes que correspondam. Há, acho que não muitos, mas alguns argumentam que no fim dos tempos haverá a reconstituição de todas essas nações, que no fim dos tempos haverá uma Assíria. Acho que isso é exagero, veja bem, essa seria a primeira categoria, aqueles que insistem em um cumprimento literal. Acho que você caiu para uma segunda ou terceira categoria. A questão é: você se sente confortável com a hermenêutica da espiritualização? É assim que se pretende que isso seja entendido?

Há um bom comentário sobre Isaías por JA Motyer. Alguns de vocês podem estar familiarizados com isso. Seu breve comentário sobre esta passagem é: “é uma metáfora: a força à qual as nações caem é o evangelho”. Então, ele concordaria com Young. Estou apenas tentando usar isso para ilustrar os tipos de questões interpretativas que surgem quando você começa a olhar mais de perto e ver essa profecia preditiva.

6. A profecia preditiva pode ser condicional

a. Jr. 18:5-10

Vamos para 6., “A profecia preditiva pode ser condicional.” Agora, dizer isso significa que algumas profecias podem depender de condições. A condição pode ser expressa e então não é problemática. Mas acho que há exemplos em que não é expresso, mas ainda pode ser uma parte vital da profecia. O texto que considero extremamente importante para entender isso é Jeremias 18:5-10. Em Jeremias 18, Jeremias vai até a casa do oleiro, observa-o jogar alguns potes, e no versículo cinco, “A palavra do Senhor veio a Jeremias e disse: 'Ó casa de Israel, não posso fazer com você como faz o oleiro? Como o barro nas mãos do oleiro,

assim sois vós nas minhas mãos, ó casa de Israel. Se...” e aqui estão as declarações importantes, “Se a qualquer momento eu anunciar que uma nação ou reino será arrancado, derrubado, destruído, e se essa nação que eu avisei se arrepender de seu mal, então eu cederei e não infligirei nele o desastre que eu havia planejado. Se em outro momento eu anunciar que uma nação ou reino deve ser edificado e plantado, e se ele fizer o mal aos meus olhos e não me obedecer, reconsiderarei o bem que pretendia fazer a ele”. Então, Deus pode fazer uma declaração, mas se a conduta da pessoa ou do grupo ao qual essa declaração é dirigida for modificada, isso pode afetar a realização do que Deus inicialmente declarou que faria.

b. 1 Reis 11 - Jeroboão

Quando você chega a declarações proféticas, às vezes você encontra condições associadas. Veja 1 Reis 11 com Jeroboão I. Veja o versículo 38. Aías, o profeta, falando pelo Senhor, diz a ele no versículo 38: “Se fizeres o que eu te mando, e andares nos meus caminhos e fizeres o que é certo em meus olhos, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos, como fez o meu servo Davi, eu estarei contigo. Construirei para vocês uma dinastia tão duradoura quanto a que construí para Davi e darei Israel a vocês. Humilharei os descendentes de Davi por causa disso, mas não para sempre”.

Mas há uma condição: se você fizer tudo o que eu lhe ordeno, construirei uma casa segura para Jeroboão, como fiz para Davi. Há uma condição nisso, e como Jeroboão não cumpriu as condições, essa predição também não foi cumprida. Em vez de receber uma casa segura, sua casa foi destruída.

Você vai para 1 Reis 15:29 e lê lá, “Assim que ele começou a reinar [isto é, Baasa], ele matou toda a família de Jeroboão. Não abandonou a Jeroboão nenhum que respirasse, mas destruiu a todos segundo a palavra do Senhor dada a seu servo Aías, o silonita, por causa dos pecados que Jeroboão havia cometido e tinha feito Israel cometer por ter provocado o Senhor, o Deus de Israel.” Portanto, Jeroboão

não cumpriu a condição e experimentou o julgamento em vez do estabelecimento de uma dinastia segura. Mas isso é bem direto, é uma condição declarada.

c. 1 Reis 21:19-27 Acabe

Vejam uma condição não declarada, mas que ainda parece estar envolvida na previsão. Veja 1 Reis 21:19. Isso está no contexto da tomada da vinha de Nabote por Acabe. O Senhor diz a Elias para dizer a Acabe: “Assim diz o Senhor: 'Você não assassinou um homem e se apoderou de sua propriedade?' Então diga a ele que assim diz o Senhor: 'No lugar onde os cães lamberam o sangue de Nabote, os cães lamberão o seu sangue. Sim, o seu.’” Portanto, há uma previsão, mas Ahab se arrependeu, pelo menos até certo ponto.

Veja o versículo 27: “Ouvindo Acabe estas palavras, rasgou as suas vestes, vestiu-se de pano de saco e jejuou. Ele estava deitado em pano de saco, andava humildemente. Então a palavra do Senhor veio a Elias, o tisbita: 'Você notou como Acabe se humilhou diante de mim? Porque ele se humilhou, não trarei este desastre em seus dias. Mas eu o trarei para sua casa nos dias de seu filho.’” Assim, o julgamento é modificado. Não é totalmente removido, mas o elemento de tempo de sua promulgação é alterado para o tempo de seu filho.

Você lê isso em 2 Reis 9:25 e 26, no tempo de Jorão, filho de Acabe. Ele foi morto por Jeú. 2 Reis 9:25, “Jeú disse a Bidkar, seu oficial de carruagem, 'pegue [Jorão] e jogue-o no campo que pertencia a Nabote, o jizreelita. Lembre-se de como você e eu andávamos juntos em carruagens atrás de Acabe, seu pai, quando o Senhor fez esta profecia sobre ele. 'Ontem eu vi o sangue de Nabote e o sangue de seus filhos, declara o Senhor, e certamente farei você pagar por isso neste terreno, declara o Senhor.' Agora, pegue-o e jogue-o naquele terreno, de acordo com a palavra do Senhor. filho Joram exatamente como havia sido predito. Havia uma condição não declarada.

d. Jonas

Você provavelmente tem uma situação semelhante em Jonas. Jonas chega a Nínive e, no capítulo 3, versículo 4, ele faz a declaração: “Em 40 dias, Nínive será subvertida”. Nínive se arrependeu e respondeu à sua mensagem. Nínive não foi derrubada em 40 dias. Eventualmente, Nínive foi destruída, mas foi muito depois da época de Jonas.

e. Isaías 38 – Ezequias

Veja Isaías 38:1-5. Você lê ali: “Naqueles dias, Ezequias ficou doente e quase morreu. O profeta Isaías, filho de Amoz, dirigiu-se a ele e disse: 'Assim diz o Senhor: Põe a tua casa em ordem porque vais morrer; você não vai se recuperar.' Ezequias virou o rosto para a parede e orou ao Senhor: 'Lembra-te, Senhor, como tenho andado diante de ti fielmente com devoção de todo o coração e feito o que é bom aos teus olhos.' E Ezequias chorou amargamente. Então a palavra do Senhor veio a Isaías: 'Vá e diga a Ezequias: “Assim diz o Senhor, Deus de Davi, seu pai: Ouvei suas orações e vi suas lágrimas; Acrescentarei quinze anos à sua vida. E livrarei você e esta cidade das mãos do rei da Assíria. Eu defenderei esta cidade.”’” Então, ao anúncio feito a Ezequias: “Você vai morrer, você não vai se recuperar”, Ezequias ora ao Senhor e o Senhor responde e lhe dá mais 15 anos. . Portanto, parece que em muitos casos pode haver essa natureza condicional da profecia preditiva.

Eu acho que essas são as duas coisas que se destacam. Não consigo pensar em outros além do arrependimento e da oração, o que reforça novamente a parte do arrependimento. Jeremias 18:5-10 fala explicitamente sobre a oração, e você tem outros exemplos de quando Moisés intercedeu por Israel. Quando o Senhor diz que fará uma coisa, Moisés ora e o Senhor cede.

f. J. Barton Payne sobre Condicionalidade JB Payne em sua *Enciclopédia de Profecia Bíblica*, em uma grande seção introdutória, discute muitas questões de interpretação de material profético. Ele discute esta questão da condicionalidade

da profecia bíblica. Nessa discussão, ele sugere que alguns limites devem ser colocados na condicionalidade para que todas as profecias se tornem incertas quanto ao cumprimento. Vemos que há o perigo hermenêutico por trás disso. Se tudo é condicional, então você não pode ter certeza de que alguma coisa vai acontecer, especialmente aquelas coisas que estão no cerne do programa redentor de Deus. Eu acho que certamente há um sentido em que, e este é o meu acréscimo ao que Payne está sugerindo, a promessa de Deus a Abraão em Gênesis 12:3, “Em sua semente todas as nações serão abençoadas,” não é explicitamente condicional ao que qualquer ser humano poderia fazer para garantir o seu cumprimento. Isso vai acontecer com certeza. Todas as nações da terra serão abençoadas por meio da semente de Abraão porque esse é o cerne do propósito redentor de Deus. Não há nada, penso eu, que qualquer ser humano possa fazer para alterar isso.

O que Payne sugere é, e esta é sua própria formulação, que para uma profecia permanecer condicional ela deve atender a duas qualificações. Primeiro, deve ser de aplicação próxima. Se você olhar para os exemplos, ele se encaixa. Jonas prega para Nínive, Isaías diz a Ezequias quando ele vai morrer, Elias diz a Acabe como ele morrerá. Deve ser um aplicativo próximo. Em segundo lugar, deve possuir elementos passíveis de satisfação pelo contemporâneo do profeta. Em outras palavras, essas condicionais não são profecias de longo alcance que fazem parte do movimento do programa redentor de Deus para a frente de acordo com o cumprimento de seu plano e propósito.

Então, acho que isso provavelmente é útil. Acho que devemos reconhecer que há um aspecto potencialmente condicional em qualquer profecia, mas, como foi sugerido, essas condições são a oração e o arrependimento. Há uma contemporaneidade da profecia que poderia ser cumprida pelos contemporâneos do profeta. É uma aplicação próxima, em vez de uma profecia de longo prazo.

7. Tipos de Profecia Preditiva a. Previsão Direta

Vamos para 7., “Tipos de profecia preditiva”. O que tenho em mente sob esse título é a distinção entre o que você pode chamar de previsão direta e previsão tipológica. A predição direta consiste em uma declaração profética que tem seu cumprimento apenas no futuro. Em outras palavras, é uma afirmação verbal de algo que acontecerá no futuro. Você pode ler Miquéias 5:2, que diz: “Mas tu, Belém Efrata, embora fosses pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será o governante de Israel, cujas origens são desde os tempos antigos, desde os tempos antigos.” Então isso é citado em Mateus 2:5-6, como sendo cumprido com Cristo, que sai de Belém e se torna o governante de Israel. Isso é uma declaração, uma afirmação verbal.

b. Previsão tipológica

Uma previsão tipológica é diferenciada de uma previsão direta. Uma previsão tipológica é uma instituição, pessoa ou evento que encontra sua mais alta aplicação de significado em uma instituição, pessoa ou evento de um período posterior na história da redenção. Vou repetir isso. Uma previsão tipológica é uma instituição, pessoa ou evento que encontra sua mais alta aplicação de significado em uma instituição, pessoa ou evento de um período posterior na história da redenção. Por exemplo, o cordeiro pascal encontra sua mais alta aplicação de significado no próprio Cristo. Ou a serpente no poste no deserto. Em outras palavras, a previsão tipológica é realizada por pré-figuração ou imagem.

1. Tipologia de John Stek

Veja suas citações na página 24 sob John Stek. No primeiro parágrafo da “Tipologia Bíblica Ontem e Hoje” de John Stek, ele diz: “Em outras palavras, um tipo é uma realidade histórica que serviu a um propósito histórico significativo dentro de seu próprio horizonte histórico (não meramente simbólico), mas também foi moldado pela Providência de forma a contribuir para o propósito maior de Deus, a saber, revelar em estágios e operações sucessivas as próprias verdades e

princípios que encontrariam nas realidades do evangelho seu movimento para a manifestação completa”. Então, nesse sentido, o tipo assume a função de profecia. Difere da profecia direta, isto é, uma afirmação verbal, na medida em que imagens ou prefigura, enquanto a profecia direta afirma. É verbal.

Mas acho que quando você refletir sobre o conteúdo do Antigo Testamento, descobrirá que há uma boa quantidade de significado tipológico no Antigo Testamento. Há coisas no Antigo Testamento que apontam para uma compreensão mais completa da verdade incorporada naquela instituição ou evento do Antigo Testamento. A história da interpretação nos diz que é difícil manter uma perspectiva adequada sobre o uso da interpretação tipológica porque tem havido muitos excessos e abusos dela. Até onde vamos com isso? Algumas realidades do Antigo Testamento são explicitamente identificadas como tipológicas por declarações do Novo Testamento, e aí você tem uma base muito firme. Mas quando você começa a ir além disso, até onde pode ir?

b. Mickelsen sobre tipologia Se você olhar a página 24 do parágrafo A da *Interpretação da Bíblia de Mickelsen*, ela diz: “Muitas vezes a tipologia se torna uma desculpa para o sensacionalismo na interpretação. Tal sensacionalismo deve ser firmemente repudiado por todo intérprete honesto. Mas se um intérprete, plenamente consciente da unidade do povo de Deus, pode mostrar correlações históricas enquanto está ciente das diferenças entre o tipo e o antítipo, ele certamente pode observar tais paralelos históricos. Em tal atividade, o intérprete deve disciplinar-se severamente.” Em outras palavras, Mickelsen e outros, penso corretamente, estão dizendo que você não precisa se limitar apenas aos exemplos que são explicitamente identificados como tipológicos por declarações bíblicas posteriores. Você pode ir além disso, mas deve ter cuidado para não abusar desse procedimento hermenêutico.

O perigo está na tendência à alegoria, e acho que a maneira de evitar a interpretação alegórica, na qual você pode pegar quase qualquer coisa e dar a ela

um significado espiritual, é ter certeza de que a correspondência entre tipo e antitipo mantém a unidade de significado . Em outras palavras, é a mesma verdade que reaparece em um estágio posterior da história da redenção, mas em um nível superior. Sua revelação mais completa progride onde você tem uma verdade incorporada em alguma forma simbólica no estágio anterior da redenção e reaparece na história posterior. Quem pode traçar essa linha legitimamente?

c. Vos sobre tipologia Com isso, deixe-me apontar para a página 25 porque o que acabei de dizer realmente é o conceito de interpretação tipológica de Vos, onde ele estabelece a conexão entre símbolo e tipo e diz que o que é simbolizado, que a verdade é a mesma verdade que é tipificada . Mas observe que ele diz: “Ao determinar a função da lei cerimonial, devemos levar em consideração seus dois grandes aspectos, o simbólico e o típico e a relação entre os dois. As mesmas coisas eram, vistas de um ponto de vista, símbolos, e de outro ponto de vista, tipos. Um símbolo é importante em seu significado religioso algo que retrata profundamente um determinado fato, princípio ou relação de natureza espiritual de forma visível. As coisas que retrata são de existência e aplicação presentes.” No próximo parágrafo, “Uma coisa típica é prospectiva”. E então o parágrafo seguinte: “As coisas simbolizadas e as coisas tipificadas não são conjuntos diferentes de coisas. Eles são, na realidade, as mesmas coisas, apenas diferentes neste aspecto que eles vêm primeiro em um estágio inferior de desenvolvimento na redenção, e novamente, no período posterior, estão em um estágio superior.” O meio do próximo parágrafo, “Somente depois de ter descoberto o que uma coisa simboliza, podemos legitimamente passar a questionar o que ela tipifica, pois o último nunca pode ser outra coisa ou senão o primeiro elevado a um plano superior. O vínculo que mantém o tipo e o antítipo juntos deve ser um vínculo de continuidade vital no progresso da redenção”. Então, acho que essa é a questão - a correspondência entre tipo e antítipo. Você pode ter a mesma verdade no símbolo que reaparece no tipo do tipo posterior.

Volte para a página 23 . Observe o que Stek diz naquele segundo parágrafo. Ele está apontando que Deus ordenou a história de forma tão soberana que essa correspondência entre tipo e antítipo é algo intencional. Ele diz: “Como os modelos e esboços do arquiteto são controlados por sua visão clara do edifício que um dia servirá ao propósito de seu cliente, o Senhor da história da redenção ordena certos assuntos na dispensação anterior que tiveram seus arquétipos na dispensação posterior”. Acho que a metáfora do arquiteto é uma boa metáfora. Você pode dizer que Deus é o arquiteto da história. Ele vê todo o edifício e assim pode construir na história essas realidades que estão antecipando o reaparecimento da mesma verdade em outras realidades em um estágio posterior da história da redenção. Mas você vê que o tipo se torna uma parte importante da profecia. Deve ser encarado como uma função profética tanto quanto a predição direta, ou afirmação verbal direta.

d. Perigo de cair na alegoria

Agora eu disse que o perigo é cair na alegoria que perde a correspondência entre tipo e antitipo sendo a mesma verdade. Deixe-me dar-lhe uma ilustração. Alguns dos antigos pais da igreja eram pesados em alegorias. Crisóstomo disse sobre o assassinato de crianças por Herodes em Belém na época do nascimento de Cristo: “O fato de que apenas as crianças de dois anos ou menos foram assassinadas, enquanto as de três presumivelmente escaparam, serve para nos ensinar que aqueles que detêm o poder A fé trinitária será salva, enquanto os binitarianos e os unitaristas sem dúvida perecerão.” Agora você vê aí que você tem, na minha opinião, um abuso - você está caindo na alegoria. Você está trazendo significado para um texto que não tem absolutamente nada a ver com o texto em si. E é essa linha que você não quer cruzar, mas é dessa linha que Vos se protege com o sistema que ele sugere para o abuso com interpretações tipológicas.

Pergunta do Aluno:

Pergunta: Então, com tipo, estamos falando de situações, por exemplo, quando o sangue que foi morto do cordeiro no Antigo Testamento é o tipo que aponta para Cristo quando seu sangue foi morto?

Resposta: Sim, acho que isso é perfeitamente válido aqui – é a mesma verdade no sangue de um sacrifício, que é exatamente o que o sangue de Cristo fez. E como Hebreus aponta, o sangue de touros e bodes não poderia fazer a expiação. Foi apontando para o sangue de Cristo que o tornou eficaz.

Transcrição por Jason Noto-Moniz (ed.), Katie Tomlinson, Cristin Gordon, Amnoni Myers,
Melissa Stevens, Eric Hilker
Edição aproximada por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 14

Diretrizes para a interpretação da profecia

Diretrizes para a interpretação da profecia

1. Faça uma análise contextual histórica gramatical cuidadosa da passagem

Temos discutido “Diretrizes para a interpretação da profecia”. 1. sob isso é, “Faça uma análise contextual histórica gramatical cuidadosa da passagem.” Isso não é algo exclusivo dos discursos proféticos nem da tarefa exegética. Acho que essa é a tarefa básica fundamental do intérprete. Você primeiro tem que entender o significado das palavras, o idioma usado, estudar o uso de palavras em outros lugares e, em seguida, a relação que as palavras têm umas com as outras. Nesse ponto, você entra em construções gramaticais. Mas, além disso, você deve olhar para o contexto histórico do profeta e as pessoas a quem o profeta falou. Devemos olhar para o contexto do que se segue, bem como o contexto do que se segue e o fluxo de pensamento no livro do qual a profecia faz parte. Acho que funciona como ondulações em um lago. Você olha para todo o cânon das Escrituras, onde você olha para o contexto estreito e próximo e então você trabalha para o contexto maior até todo o contexto da Bíblia. Quaisquer passagens paralelas devem ser consultadas, se houver. Então, essas são coisas bem básicas com as quais todos vocês estão familiarizados. “Faça uma cuidadosa análise gramatical, histórica e contextual da passagem.”

2. Declare explicitamente a quem ou a que a passagem se refere.

2. “ Declare explicitamente a quem ou a que a passagem se refere.”

Podemos fazer perguntas como: “A mensagem é sobre o ouvinte ou leitor a quem é endereçada, ou ela proclama a eles sobre outra pessoa?” Ao fazer essa pergunta, podemos determinar se uma passagem é basicamente preditiva ou didática. Se é didático e o profeta está simplesmente ensinando aqueles a quem fala, alguma verdade importante que é dirigida a eles pode ter aplicação para nós. Ele está

dizendo algo para eles ou é sobre outra pessoa? Se for esse o caso, pode ser preditivo ou infundido de alguma forma com elementos preditivos. Precisamos resolver isso. A passagem é preditiva? Se for preditivo, há alguma condição anexada? Isso pode ser importante na maneira como se busca o seu cumprimento. Pode haver uma condição que não foi declarada, mas você deve fazer essa pergunta. Se for preditivo, é cumprido ou não cumprido? Lá eu acho que você responde a essa pergunta inicialmente procurando cumprimento em outro lugar nas Escrituras. Você tem algumas profecias no Antigo Testamento que já foram cumpridas no período do Antigo Testamento. Você tem outras profecias no Antigo Testamento que foram cumpridas no período do Novo Testamento. Claro, você tem profecias que se cumprem no tempo em que estamos vivendo, no tempo da igreja, ou você pode ter profecias que ainda não se cumpriram, mas aguardam o tempo do Dia do Senhor. Então, você precisa resolver isso. Se for preditivo, é cumprido ou não cumprido?

3. Preste atenção às citações de cumprimento

Isso nos leva ao 3., “Preste atenção às citações de cumprimento”. O que quero dizer com isso é que existem certas frases que ocorrem no Novo Testamento que podem indicar ou ajudar a dizer que esta é uma profecia que especificamente encontra seu cumprimento. O que tenho em mente são frases como “para que se cumpra”. Sem dúvida, você se deparou com essa citação de cumprimento. Quando você vê isso, acho que normalmente, se você olhar para todos os usos, é bastante específico com o cumprimento em vista. Há uma profecia que aqui encontra seu cumprimento. No entanto, uma qualificação; em alguns casos, essa frase pode ser interpretada como indicando a relação de ilustração ou similaridade em palavras ou ideias onde uma declaração do Antigo Testamento em si não era preditiva.

a. Mateus 1:22 – Is. 7:14 Acho que fica claro se você olhar alguns exemplos. Se você olhar para Mateus 1:22, você obterá a declaração: “Tudo isso aconteceu para

se cumprir o que o Senhor disse pelo profeta: 'A virgem ficará grávida e dará à luz um filho e será chamado Emanuel, que significa Deus conosco.'" Esta é a declaração de Isaías 7:14, que é aplicada aqui a Maria que concebeu por meio do Espírito Santo e ela é a virgem que concebeu e deu à luz um filho. Aqui você encontra o cumprimento da predição de Isaías 7:14. Isso é bem específico.

b. Mateus 8:17 – Is. 53:4 Em Mateus 8:17, você lê depois que Jesus curou algumas pessoas: "Isto aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas enfermidades.'" Isaías 53:4. Encontra cumprimento, sendo a passagem culminante daquela série de passagens sobre o Servo do Senhor.

c. Mateus 12:17 – Is. 42:1-4 Mateus 12:17, diz: "Isto aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Aqui está o meu servo a quem escolhi, em quem me agrado. Porei sobre ele o meu espírito e ele proclamará a justiça às nações. Ele não brigará nem gritará, nem ninguém ouvirá a sua voz nas ruas. Não quebrará a cana rachada, não apagará o pavio que ainda fuma, até que leve à vitória a justiça, e em seu nome as nações porão a sua esperança.'" Essa é uma citação de outra daquelas passagens de servo como antes, de Isaías 42:1-4.

d. Mateus 21:4 – Zc 9:9 Em Mateus 21:4, "Isto aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta" e a citação é de Zacarias 9:9, "Dize à filha de Sião, vê a tua O rei vem até você, gentil e montado em um jumento, em um jumentinho, filho de um jumento. Normalmente, você descobrirá que é um indicador bastante específico de que isso é o cumprimento de uma previsão dada anteriormente.

e. Tiago 2:21-23 – Gn 15:6

No entanto, às vezes é mais como uma relação ou ilustração de palavras ou ideias semelhantes de uma declaração do Antigo Testamento que não era uma

declaração preditiva. Veja Tiago 2:21-23, onde você encontra a frase: “ Não foi nosso antepassado Abraão considerado justo pelo que fez quando ofereceu seu filho Isaque no altar? Você vê que sua fé e suas ações estavam trabalhando juntas e sua fé foi completada pelo que ele fez. E cumpriu-se a Escritura que diz,” e aqui cita Gênesis 15:6; “Abraão creu em Deus e isso lhe foi creditado como justiça’, e ele foi chamado amigo de Deus.” Se você for a Gênesis 15:6, isso é depois que o Senhor disse a Abraão que Eliezer não seria seu herdeiro, mas o filho seria seu herdeiro e disse: "Olhe para o céu para contar as estrelas, se é que você pode contá-las." E então ele lhe disse: “Assim será a tua descendência”. Então o versículo 6 diz: “Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça”. É difícil prever essa afirmação, mas há simplesmente uma afirmação da fé de Abraão e qual era o significado disso.

Então, quando você chega ao uso de “*cumprir*” em Tiago 2:23, referindo-se a esse versículo em Gênesis 15:6, acho que você deve dizer que esta é mais uma fórmula de citação neste ponto, do que uma indicação profecia e cumprimento. Há um artigo em sua bibliografia sob este título de R. Laird Harris. O artigo está na página 11 de sua bibliografia chamada “Prophecy, Illustration, and Typology” in the *Interpretation of History* , volume publicado em homenagem ao Dr. Allan MacRae, fundador desta escola, publicado em 1986. Ele usa essa frase que acabei de usar , “A fórmula da citação”, para referências como esta.

f. Mateus 2:17-18 – Jer 31:15 Semelhante é Mateus 2:17-18, onde você lê: “Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias: ‘Ouviram-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentando, Raquel chorando por seus filhos, recusando ser consolada porque eles já não existem” e isso é Jeremias 31:15. Se você voltar a Jeremias 31:15, lerá: “Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação e grande choro; Rachel chorando por seus filhos; e recusando-se a ser consolada, porque seus filhos já não existem”. No contexto, isso se refere ao choro pelos exilados do cativeiro babilônico.

g. Fórmula de citação de Plerono Não é uma declaração preditiva, mas tanto Tiago 2:21-23 quanto Mateus 2:17-18 ao se referir a esses dois textos do Antigo Testamento que não eram textos “preditivos”, usam este verbo plerono para fazer referência a *eles*. Isso significa que eles foram erroneamente citados como previsões? Ou significa que o método de interpretação de Mateus era ilegítimo? Isso é o que Harris sugere, ele sugere que o problema é causado pela tradução de *plerow* como “cumprido”. Certamente tem esse significado em muitos contextos. Mas o que Harris argumenta é que sempre significa “cumprir” não é tão certo e às vezes parece ser usado como uma fórmula de citação, em vez de uma fórmula de previsão cumprida. Esse uso mais amplo deve ser lembrado, mas geralmente vem de alguma forma *hina Plerow* quando é profecia preditiva, mas você tem que ter cuidado.

h. Fórmula de Citação Gegrapti A segunda fórmula é *gegraptai*, “está escrito”. Mais uma vez, também mostra satisfação com frequência. No entanto, às vezes é simplesmente a referência. Há cumprimento em Marcos 1:2, “Está escrito no profeta Isaías” e então uma citação de Isaías 40:3, “ Eu enviarei o meu mensageiro à tua frente, o qual preparará o teu caminho; uma voz que clama no deserto: 'Preparai o caminho para o Senhor, endireitai as veredas para Ele'. Então João veio, então, há um cumprimento nesse versículo. Uma referência em Mateus 4:4; “Jesus respondeu: ' *Está escrito* : 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” Essa é uma citação de Deuteronômio 8:3, que não é uma declaração preditiva, mas isso é dar uma citação.

eu. Lego

Vamos para formas de *lego* (eu digo). Quando está sozinho, geralmente é indicativo de uma referência histórica, não de profecia e cumprimento. Veja Mateus 22:31: “Mas quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos

disse ?” E então há a citação de Êxodo 3:6: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos”. É simplesmente uma referência a um texto do Antigo Testamento. Atos 7:48, “Todavia, o Altíssimo não habita em casas feitas pelos homens, como *diz o profeta* .” Então a citação é Isaías 66:1, “‘O céu é o meu trono, a terra é o estrado dos meus pés. Onde está a casa que você vai construir para mim?’ diz o Senhor. ‘Onde será meu lugar de descanso?’” Essa não é uma declaração preditiva. Portanto, tudo isso está em 3., "Preste atenção à citação de cumprimento". Eles certamente ajudarão com indicadores e identificando passagens preditivas, um ponto de realização, mas você deve ter cuidado com isso.

4. Evite a ideia de duplo cumprimento ou dupla referência

4, “Evite a ideia de duplo cumprimento ou dupla referência.” Acho que quando você está procurando o cumprimento de uma profecia, não é bom adotar a ideia de dupla referência ou duplo sentido como um princípio hermenêutico subjacente. Em outras palavras, não devemos sair por aí procurando referências duplas. Você não deve assumir que a profecia dada pode se referir a dois ou mais eventos diferentes ao mesmo tempo com as mesmas palavras. Se você fizer isso, significa que está assumindo que as mesmas palavras no mesmo contexto podem ter vários significados. Acho hermenêuticamente perigoso dizer que as mesmas palavras e o mesmo contexto têm múltiplos significados, a menos que haja algum tipo de duplo sentido, mas essa não é uma regra geral da hermenêutica. Não usamos a linguagem dessa forma. Normalmente, quando uma declaração é feita, há uma intenção de um significado específico que é carregado por essa declaração e esse é o significado a ser entendido pela pessoa que a ouve. Acho que esse conceito se aplica a todas as declarações bíblicas não apenas preditivas, mas certamente também se aplica a formas preditivas. Você procura o único sentido ou significado de qualquer declaração dada , você não procura múltiplos significados ou sentidos de declarações bíblicas.

a. Dwight Pentecost - Referência dupla Veja a página 28 em suas citações sob Dwight Pentecost, que escreveu um volume sobre escatologia chamado *Things to Come*, no qual ele fala da “lei da referência dupla”. Do seu ponto de vista, “Poucas leis são mais importantes de observar na interpretação da Escritura profética do que a lei da dupla referência. Dois eventos, amplamente separados pelo tempo de seu cumprimento, podem ser reunidos no escopo de uma profecia. Isso foi feito porque o profeta tinha uma mensagem para seus próprios dias, bem como para um tempo futuro. Ao trazer dois eventos amplamente separados para o escopo da profecia, ambos os propósitos poderiam ser cumpridos.” Então ele cita outro homem aqui chamado Horne: “As mesmas profecias freqüentemente têm um duplo significado e se referem a diferentes eventos, um próximo, o outro remoto; um temporal, o outro espiritual ou talvez eterno. Os profetas, tendo assim vários eventos em vista, suas expressões podem ser parcialmente aplicáveis a um e parcialmente a outro. Nem sempre é fácil fazer a transição. O que não foi cumprido no primeiro devemos aplicar ao segundo e o que já foi cumprido pode muitas vezes ser considerado típico do que resta a ser realizado.”

Agora, como você resolve isso, você precisa olhar para passagens específicas, mas esse é o conceito. Se você for para Eric Sauer, a próxima entrada na p. 29. Sauer diz: “Tudo é historicamente condicionado e ao mesmo tempo interpenetrado com a eternidade. Tudo é ao mesmo tempo humano e divino, temporal e supratemporal”. E, falando sobre os profetas, “Eles falam do retorno da Babilônia e simultaneamente prometem uma coligação de Israel no futuro ainda inaugurando um reino de paz (Isaías 11:11-16)”. Acabamos de falar sobre Isaías 11:11-16. Você vê o que ele está dizendo é que a profecia está falando sobre o retorno do exílio. Mas, ao mesmo tempo e com as mesmas palavras, também fala de um reino de paz no futuro – escatológico. Tem duplo sentido, dupla referência, para as mesmas palavras.

No volume intitulado *Introdução à Interpretação Bíblica* de Klein,

Blomberg e Hubbard, publicado pela Word em 1993, eles dizem: “Devemos acrescentar uma segunda característica da profecia: ela pode ter dois cumprimentos, um perto da vida do profeta e outro muito depois dela.” Quando você olha para uma profecia e pede seu cumprimento, há uma em um futuro mais próximo e outra em um futuro mais distante. Todos eles são referenciados na mesma declaração. Existem algumas pessoas por aí que argumentam que esse princípio, ou como o Pentecostes o chama, “a lei da dupla referência” é um princípio que deve ser utilizado na interpretação de declarações proféticas - procurando referências múltiplas.

b. Resposta de Vannoy O que estou sugerindo é que não acho que isso seja válido. Volta a essa coisa de como a linguagem funciona. Usamos a linguagem para ter as mesmas palavras e o mesmo contexto, mas dizemos duas coisas diferentes? Você volta na história da interpretação, Lutero e Calvino argumentam vigorosamente contra isso, mas é claro que eles estão argumentando contra o pano de fundo da interpretação alegórica onde você tem múltiplos significados. Eles insistiram que a primeira obrigação de um intérprete é chegar ao sentido do texto pretendido por seu autor. Lutero disse: “Apenas o sentido único, apropriado e original, o sentido em que está escrito, faz bons teólogos. O Espírito Santo é o escritor e orador mais simples no céu e na terra. Portanto, suas palavras não podem ter mais do que um sentido singular e simples, que chamamos de sentido escrito ou literalmente falado.

Há uma declaração interessante na Confissão de Fé de Westminster capítulo 1 seção 9 sobre a Escritura e sua interpretação e eu quero ler para você algumas breves declarações: “A regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura; e, portanto, quando há uma questão sobre o verdadeiro e o falso sentido de qualquer Escritura” e então há uma declaração entre parênteses que é onde eu queria chegar, “(que não é múltiplo, mas um), pode ser pesquisado e conhecido por outros lugares que falam mais claramente.” Então você vê que o

ponto que está sendo feito aqui é que as interpretações de algumas passagens são mais claras. Você usa o mais claro para ajudar com o menos claro. Mas no contexto de fazer essa declaração, há aquela declaração entre parênteses: “Quando há uma questão do verdadeiro e falso sentido de qualquer Escritura (que não é múltipla, mas uma), ela pode ser pesquisada e conhecida por outros lugares dos quais falam mais claramente.” Acho que é um importante princípio hermenêutico.

c. Os Muitos Níveis de Significado de John Bright Veja suas citações na página 25 . Isto foi tirado do livro de John Bright, *The Authority of the Old Testament* . Ele diz: “Acreditava-se geralmente que as Escrituras tinham vários níveis de significado. Orígenes tinha um sentido tríplice correspondente à suposta tricotomia da natureza do homem: corpo, alma e espírito. Havia um sentido literal ou corpóreo (isto é, o que as palavras em seu significado claro dizem), um sentido moral ou tropológico (isto é, um sentido figurativo da alma cristã, que assim dá edificação e orientação para a conduta), e um sentido espiritual ou místico. Mais tarde, ainda foi acrescentado um quarto sentido.” É a isso que os reformadores e a Confissão de Westminster estão respondendo, o quarto sentido, “o sentido anagógico ou escatológico. Assim, para dar o exemplo clássico, a palavra 'Jerusalém' foi entendida na Idade Média como tendo quatro sentidos: literalmente referia-se àquela cidade do nome em Judá, tropologicamente, à alma cristã fiel, alegoricamente (mística), à a igreja de Cristo, e analogamente à cidade celestial de Deus, que é nosso lar eterno. Era possível, embora não necessário, entender a palavra em todos esses quatro sentidos em um único texto.”

Então aí você não tem uma referência dupla, você tem uma referência quádrupla. “Mas a tendência era se importar muito menos com o significado literal do que com o espiritual, pois o verdadeiro significado do texto é espiritual. De fato, algumas Escrituras - assim foi afirmado - não podem ser interpretadas literalmente, pois falam de coisas que são imorais e, portanto, indignas de Deus (dultério, incesto, assassinato, etc.), e muitas Escrituras são primitivas ou triviais

demais, se tomado literalmente, para ser um veículo adequado de revelação divina (genealogias extensas, regras para sacrifício de animais, as dimensões de um tabernáculo, etc.) Tais passagens fornecem seu verdadeiro significado somente quando interpretadas espiritualmente. Quando você alegoriza, você coloca significados espirituais nesses tipos de passagens. “O resultado foi uma alegorização total e descontrolada das Escrituras, especificamente do Antigo Testamento... Mas a onda de interpretações fantasiosas continuou a fluir sem controle tanto do púlpito quanto da mesa do palestrante. Os significados que poderiam ser obtidos das Escrituras eram limitados, pode-se sentir justificadamente, apenas pela engenhosidade do intérprete. Se você tem uma pessoa muito inteligente, pode encontrar todos os tipos de significado em qualquer declaração. “Quaisquer que tenham sido suas inconsistências (e às vezes eram inconsistentes), ambos os grandes reformadores [Lutero e Calvino] rejeitaram a alegoria em princípio - repetidamente e na linguagem mais forte. No capítulo anterior, tanto Lutero quanto Calvino foram citados em sua insistência de que é dever do intérprete chegar ao sentido claro do texto pretendido por seu autor.

d. Intenção autoral e significado único Agora, isso passou a ser chamado de “intenção autoral” e se tornou uma questão controversa. Quão longe você vai? Walter Kaiser escreveu muito sobre isso e acha que a única interpretação legítima é aquela que o autor pretendia. Agora estou de acordo com o que ele está tentando fazer lá e certamente está em ordem. Acho que o que ele não leva em conta é que nas Escrituras há mais de um autor. No sentido de que há um autor humano, mas também há o Espírito Santo supervisionando o que o autor humano escreveu e disse. Acho possível que o autor humano pudesse falar “melhor do que sabia”, por assim dizer. Em outras palavras, ele poderia dizer coisas que ele próprio não acreditava ou compreendia e, portanto, não era sua intenção; no entanto, foi supervisionado pelo Espírito Santo, que estava abordando questões que transcendiam todo o entendimento do profeta. Então eu coloquei uma qualificação

lá, mas isso não abre a porta para a busca por múltiplos significados em qualquer declaração da Escritura. Bright estava dizendo: “É dever do intérprete chegar ao sentido claro do texto pretendido por seu autor. Citações semelhantes, nas quais eles expressavam seu desprezo pela alegoria, podiam ser induzidas quase à vontade. Lutero, cujo vocabulário não foi empobrecido, é especialmente vívido. Ele declara que as alegorias de Orígenes 'não valem tanta sujeira'; ele chama a alegoria de várias maneiras de 'a escória da Escritura', uma 'prostituta' para nos seduzir, 'um jogo de macaco', algo que transforma a Escritura em 'um nariz de cera' (ou seja, que pode ser torcido em qualquer forma desejada), os meios pelo qual o Diabo sobe em seu forçado. Ele declara (ao expor o Salmo 22) que a Escritura é a vestimenta de Cristo e que a alegoria a rasga em 'trapos e farrapos'. 'Como', ele clama, 'você vai ensinar a fé com certeza quando você torna o sentido da Escritura incerto?' Calvino é igualmente severo. Mais de uma vez, ele chama as interpretações alegóricas de uma invenção do diabo para minar a autoridade das Escrituras. Em outro lugar, ele os descreve como 'pueris', 'exagerados', e declara que seria melhor confessar a ignorância do que ceder a tais 'palpites frívolos'. O intérprete, declara, deve adotar o sentido claro e, incerto, deve adotar a interpretação que melhor se adapte ao contexto.”

1. Os reformadores e o sentido único Então, os reformadores são muito fortes em suas opiniões sobre esta questão de múltiplos sentidos ou significados nas declarações das Escrituras que eles rejeitam. Mas o problema não desapareceu. Bernard Ramm e seu livro sobre interpretação dizem: “Um dos pecados hermenêuticos mais persistentes é colocar duas interpretações em uma passagem da Escritura, quebrando a força do significado literal e obscurecendo a Palavra de Deus”. Se quisermos entender isso, estamos olhando para a página 27 sob J. Barton Payne novamente de sua *Enciclopédia de Profecia Bíblica*. Em sua seção introdutória, ele diz: “Dois movimentos modernos em particular se caracterizaram por um apelo à hermenêutica do duplo sentido. De um lado está o liberalismo, com

sua negação total de uma predição autêntica... Por outro lado está o dispensacionalismo, com sua pressuposição de que a igreja não pode ser predita com os escritos do Antigo Testamento. Três razões básicas aparecem para manter o conceito de significado único (Novo Testamento) em oposição ao chamado cumprimento duplo. A primeira decorre da própria natureza da hermenêutica. John Owen, o puritano do século 17, estabeleceu há muito tempo o ditado, 'Se a Escritura tem mais de um significado, não tem nenhum significado;' e a maioria dos escritores mais recentes concorda que a dupla realização é incompatível com a interpretação objetiva. Em outras palavras, o que Owen está dizendo é que se as escrituras têm mais de um significado, elas não têm nenhum significado. Isso torna a hermenêutica indeterminável. Se você tiver múltiplos sentidos, o significado do texto torna-se indeterminável.

Fairbairn diz que o que Cristo realmente significa é uma coisa e, se houver muitas coisas, a hermenêutica seria indeterminada. “O próprio Fairbairn observa que tal abordagem causa incerteza de aplicação e torna o significado muito geral para o emprego prático.” Essa é sua primeira razão para argumentar que devemos procurar um sentido, não múltiplos sentidos.

2. NT e significado único

A segunda razão é a evidência do Novo Testamento. “Como Lockhart descreveu, a atitude decisiva de Atos 2:29-31 em relação ao Salmo 16, 'O apóstolo Pedro argumenta que Davi não poderia se referir a si mesmo, pois ele morreu e viu a corrupção, mas que ele era um profeta e previu que Jesus deve ser ressuscitado sem corrupção... Não parece fácil confundir o significado do apóstolo'. Terry conclui assim: 'As palavras da Escritura foram destinadas a ter um sentido definido, e nosso primeiro objetivo deve ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele... Rejeitamos como infundada e enganosa a teoria de que tais salmos messiânicos... , e referem-se primeiro a David ou algum outro governante, e em segundo lugar a Cristo.' Na verdade, ao ler o Novo Testamento, é seguro

dizer que ninguém jamais suspeitaria da possibilidade de um duplo cumprimento”.

3. OT e significado único

“A terceira razão para o cumprimento único é a evidência do contexto do Antigo Testamento. Fairbairn, por exemplo, admite que seu princípio de sentido múltiplo não raro falha em funcionar nos casos concretos em que se tenta mostrar sua presença. Terry diz categoricamente: 'A linguagem do Salmo 2 não é aplicável a Davi ou Salomão, ou qualquer outro governante terreno... Isaías 7:14 foi cumprido com o nascimento de Jesus Cristo (Mateus 1:22), e nenhum expositor jamais foi capaz de para provar um cumprimento anterior.”

a. Isaías 7:14 Agora, Isaías 7:14 é um dos textos onde as pessoas frequentemente concluem que há uma referência dupla. A referência a uma criança nascida no tempo de Acaz e Isaías, e ao mesmo tempo uma referência a Cristo. Mas Payne aqui está argumentando que Isaías 7:14 tem uma única referência. Há apenas uma mulher a quem o escritor pode se referir. Foi gerado um filho que era Deus conosco. Agora, reconhecidamente, se você voltar ao contexto completo e discutir isso em Isaías 7:14, há alguns problemas com isso. Essa é uma das passagens mais difíceis. Não quero tomar tempo para fazer isso hoje, mas veremos alguns exemplos de algumas outras passagens.

b. Deuteronômio 18 Acho que uma passagem realmente difícil é Deuteronômio 18. Já examinamos isso. Agora, isso é uma referência ao movimento profético ou a Cristo, ou de alguma forma a ambos? Claro, há referência indireta tipológica que pertence à unicidade de significado, mas ainda inclui Cristo. Mas Deuteronômio 18, Isaías 7:14 e os últimos versículos de Malaquias são difíceis. Algumas das canções dos salmos messiânicos são em referência a Davi ou Salomão e em referência a Cristo. Mas não há muitos deles que são realmente difíceis.

4. Terry – Sentido Único

Olhe para a página 28 em suas citações, no final da página e na página 29. Depois, quero ver alguns exemplos de textos. Isso é da *Hermenêutica Bíblica* de Milton Terry . É bastante longo e um tanto complexo, mas acho que ele extrai as questões aqui. Então, eu queria reservar um tempo para ler diretamente. Ele diz: “ Os princípios hermenêuticos que agora apresentamos necessariamente excluem a doutrina de que as profecias das Escrituras contêm um sentido oculto ou duplo. Tem sido alegado por alguns que, como esses oráculos são celestiais e divinos, devemos esperar encontrar neles múltiplos significados. Eles devem ser diferentes dos outros livros. Daí surgiu não apenas a doutrina de um sentido duplo, mas de um sentido triplo e quádruplo, e os rabinos chegaram a insistir que existem “montanhas de sentido em cada palavra da Escritura”.

Podemos prontamente admitir que as escrituras são capazes de múltiplas *aplicações práticas* ; caso contrário, eles não seriam tão úteis para doutrina, correção e instrução na justiça. Mas no momento em que admitimos o princípio de que partes das Escrituras contêm um sentido oculto ou duplo, introduzimos um elemento de incerteza no volume sagrado e desestabilizamos toda interpretação científica. 'Se a Escritura tem mais de um significado', diz o Dr. Owen, 'ela não tem nenhum significado'. 'Afirmo', diz Ryle, 'que as palavras da Escritura foram destinadas a ter um sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deveria ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele... Dizer que as palavras significam algo *apenas* porque eles *podem* ser torturados para significar que é a maneira mais desonrosa e perigosa de lidar com as Escrituras.'

' Este esquema de interpretação', diz Stuart, 'abandona e põe de lado as leis comuns da linguagem. A Bíblia, exceto, em nenhum livro, tratado, epístola, discurso ou conversa, já escrita, publicada ou dirigida por qualquer homem a seus semelhantes (a menos que seja por esporte ou com a intenção de enganar), pode um duplo sentido seja encontrado. Existem, de fato, charadas, enigmas, frases com *duplo sentido* e semelhantes, talvez, em todas as línguas; houve abundância de

oráculos pagãos que eram suscetíveis de duas interpretações, mas mesmo entre todos eles nunca houve, e nunca houve um desígnio de que deveria haver, mais de um sentido ou significado na realidade. A ambigüidade da linguagem pode ser, e tem sido, intencionalmente utilizada para enganar o leitor ou ouvinte, ou para ocultar a ignorância dos adivinhos, ou para prover seu crédito em meio a exigências futuras; mas isso é bastante estranho à questão de um duplo significado sério e *genuíno* das palavras. Tampouco podemos, por um momento, sem violar a dignidade e a sacralidade das escrituras, supor que os escritores inspirados devam ser comparados aos autores de charadas, charadas, enigmas e ambíguos oráculos pagãos.'

5. Abordagem de tipo e antitipo

Alguns escritores confundiram este assunto ao conectá-lo com a doutrina do tipo e antítipo.” Agora observe o que ele faz aqui. “Como muitas pessoas e eventos do Antigo Testamento eram tipos de outros maiores que viriam, então a linguagem que os respeita deveria ser capaz de um duplo sentido.” Em outras palavras, em vez de tipo e antítipo serem instituições, pessoas ou eventos – entidades ou realidades concretas como símbolos que prefiguram a verdade que simbolizará essas instituições, eventos ou pessoas – o que alguns intérpretes fazem é realmente falar de uma linguagem tipológica. Essa é uma distinção importante. Veja o que ele está dizendo aqui. “Alguns escritores confundiram este assunto ao conectá-lo com a doutrina do tipo e antítipo. Como muitas pessoas, os eventos do Antigo Testamento eram tipos de eventos maiores que viriam, então a linguagem que os respeita deveria ser capaz de um duplo sentido. Em outras palavras, a linguagem é uma linguagem tipológica. “O segundo Salmo deveria se referir tanto a Davi quanto a Cristo, e Isaías 7:14-16 a uma criança nascida na época do profeta e também do Messias. Nos Salmos 45 e 72, é suposto haver uma referência dupla para Salomão e Cristo, e a profecia contra Edom em Isaías 34:5-10, para compreender também o julgamento geral do último dia. Mas deve ser visto que, no

caso dos tipos, a linguagem da Escritura não tem duplo sentido. Os próprios tipos são assim porque prefiguram o que está por vir e esse fato deve ser mantido distinto da questão do sentido do uso da linguagem em qualquer passagem em particular.

6. Deuteronômio 18 como modelo Você entendeu o ponto? Se você voltar àquela passagem de Deuteronômio 18, sobre o que a linguagem está falando? Você sabe qual foi a minha conclusão. A linguagem está falando sobre a instituição profética nos tempos do Antigo Testamento porque no contexto, tanto antes quanto depois, está falando que você não deve ir a adivinhos pagãos. Está dizendo que eles receberam um teste para distinguir verdadeiros e falsos profetas. Como teremos a revelação de Deus com Moisés? Então a linguagem está falando sobre a ordem profética. A própria ordem profética pode ser tipológica porque são instrumentos humanos que falam a palavra de Deus. Cristo é Deus e homem trazendo-nos a palavra de Deus. Tipologicamente, a instituição profética pode apontar para Cristo, mas essa não é a linguagem que você vê, não é uma linguagem tipológica. É a instituição profética.

7. Terry no Salmo 2 et al. Se você aceita a linguagem tipológica, então você realmente aceitou este princípio de espiritualização, e então você pode fazer com Isaías 11 o que Young faz. Não está falando sobre o exílio, sobre o retorno do povo judeu à sua terra natal, não está falando sobre realidades físicas, ele acha que está falando sobre realidades espirituais. É linguagem tipológica. Terry não aceita, mas existe uma coisa tão legítima quanto a linguagem tipológica. Ele diz: “Mostramos que a linguagem do Salmo 2 não é aplicável a Davi, Salomão ou qualquer outro governante. O mesmo pode ser dito dos Salmos 45 e 72. Isaías 7:14 foi cumprido no nascimento de Cristo, e nenhum expositor jamais foi capaz de provar um cumprimento anterior. O oráculo contra Edom, como aquele contra Babilônia, está vestido com a profecia apocalíptica altamente trabalhada e não dá

garantia à teoria de um duplo sentido. Já foi demonstrado que o vigésimo quarto de Mateus, tão comumente utilizado para apoiar esta teoria, não fornece nenhuma evidência válida de um sentido oculto ou duplo... A primeira profecia é um bom exemplo . A inimizade entre a semente da mulher e a da serpente foi exibida de mil formas. As preciosas palavras de promessa ao povo de Deus encontram mais ou menos cumprimento em cada experiência individual. Mas esses fatos não sustentam a teoria de um duplo sentido. O sentido em todos os casos é direto e simples; as aplicações e as ilustrações são muitas.” Essa é a promessa de Gênesis 3:15: “A semente da mulher esmagará a serpente. Eu coloquei inimizade entre a sua semente e a semente dele.” “O sentido em todos os casos é direto e simples; as aplicações e ilustrações são muitas. Tais fatos não nos dão autoridade para entrar em profecias apocalípticas com a expectativa de encontrar dois ou mais significados em cada declaração específica, e então declarar: Este versículo refere-se a um evento passado há muito tempo... isso teve cumprimento parcial na ruína da Babilônia, ou Edom, mas aguarda um cumprimento maior do que no futuro. O julgamento da Babilônia, ou Nínive, ou Jerusalém, pode de fato ser um tipo”, isso é perfeitamente legítimo, “de todos os outros julgamentos semelhantes, e é um aviso para todas as nações e épocas; mas isso é muito diferente de dizer que a linguagem em que esse julgamento foi predito foi cumprida apenas parcialmente quando Babilônia, Nínive ou Jerusalém caiu e ainda aguarda seu cumprimento completo. Há uma distinção. Você segue a linha de argumentação aí?

8. Ilustração: Daniel 8 Deixe-me dar-lhe uma ilustração. Eu queria dar a vocês duas ilustrações, mas não teremos tempo para fazer tudo isso hoje, mas uma ilustração de Daniel 8. Algum de vocês está familiarizado com a antiga Bíblia Scofield original? Se você ler o capítulo 8 de Daniel - que eu acho que é um capítulo falando sobre os tipos - Daniel 8:9 diz: “De um deles saiu um chifre pequeno que cresceu muito para o sul, para o leste e para a terra formosa. .” A nota na Bíblia Scofield sobre aquele chifre pequeno diz: “Aqui está uma profecia

cumprida em 175 AC”. Eu, Daniel, tive a visão, procurei o significado, então eis que estava diante de mim a aparência de um homem.” Então ele explicou o significado. Quando você chega ao significado deste chifre pequeno, que está nos versículos 24 e 25, diz: “Ele se fortalecerá, mas não por sua própria força. Ele causará uma devastação espantosa. Ele destruirá os poderosos e o povo santo. Ele fará o engano prosperar. Ele se engrandecerá quando eles se sentirem seguros, mas destruirá muitos. Ele também se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem emenda”. E o comentário nessas notas é que os versículos 24 e 25 vão além de Antíoco Epifânio e evidentemente se referem ao chifre pequeno de Daniel 7. E então a declaração tanto de Antíoco quanto da besta, mas a besta está em destaque nos versículos 24 e 25. Então, na interpretação do chifre pequeno de Daniel capítulo 8, que eu acho que se você olhar todos os detalhes é uma referência a Antíoco, quando você chegar à interpretação do chifre pequeno, a nota aqui está dizendo os versículos 24 e 25 estão falando ao mesmo tempo e nas mesmas palavras tanto para Antíoco quanto para o anticristo - uma referência dupla. Dos versículos 10-14, onde na primeira seção do capítulo você tem mais detalhes sobre aquele chifre pequeno, as notas dizem de 10-14: “Historicamente isso foi cumprido em e por Antíoco, mas em um sentido mais intenso e final, Antíoco sugere a terrível blasfêmia do chifre pequeno de Daniel 7.” Não tenho nenhum problema com isso, pois acho que Antíoco é um tipo do anticristo, mas as palavras aqui falam sobre Antíoco. Mas a próxima declaração nas notas é: “Em Daniel 8:10-14, as ações de ambos os chifres pequenos se misturam”. Então você vê na descrição detalhada do chifre pequeno em 10-14 as palavras se aplicam a Antíoco e ao mesmo tempo e nas mesmas palavras se aplicam ao anticristo. “As palavras se misturam, ambas estão à vista.”

No final do versículo 19 diz: “No tempo do fim será” e a nota diz: “Dois fins estão em vista. Um, historicamente. O fim de um terço do império grego de Alexandre fora de cujas divisões surgiu o chifre pequeno do versículo 9.” Este é o fim desse período grego. “Mas dois, profeticamente, o fim dos tempos dos gentios.

Ambos os fins estão à vista.” O tempo do fim é o império grego e o fim do tempo dos gentios - uma referência dupla. Essa é uma ilustração da maneira como alguns intérpretes usam esse princípio de referência dupla para encontrar significado em declarações proféticas.

9. Ilustração: Malaquias 4:5-6 Quero examinar mais detalhadamente Malaquias 4:5-6 e faremos isso no início de nossa sessão na próxima vez. Mas Malaquias 4:5-6 vamos olhar por um minuto. Diz: “Vejam, eu lhes enviarei o profeta Elias antes daquele grande e terrível dia do Senhor. Ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais, ou então virei e ferirei a terra com maldição”. O interessante aqui é que você tem referências do Novo Testamento a esta passagem e algumas das referências do Novo Testamento aplicam esta profecia a João Batista. Então a pergunta se torna: o que você faz com essa profecia? Foi cumprido ou ainda está para ser cumprido? Está falando de João Batista? Está falando de Elias? É um duplo sentido? O que você faz com isso? Quero analisá-lo com mais detalhes na próxima vez e dar a você algumas das maneiras pelas quais os intérpretes lidaram com isso. É uma das passagens mais difíceis que lidam com o duplo sentido.

10. Conclusão de Vannoy sobre duplo sentido Agora, uma declaração esclarecedora e terminarei. Não estou dizendo que é impossível encontrar duplo sentido. Não acho que você deva trazer regras de interpretação de fora e forçá-las nas Escrituras para que se encaixem em alguma fórmula de interpretação. Parece-me que, se houver passagens claras que o levem a esta como a maneira pretendida de a Escritura ser interpretada, bem, que assim seja. A Escritura tem que ser o nosso guia. Não estou convencido de que existam passagens que o obriguem a fazer isso. Então estou dizendo que você não deve chegar ao texto procurando por múltiplos sentidos. Se você for forçado a fazer isso pela própria Escritura, que

assim seja, mas você deve demonstrar a partir da Escritura que é assim que você deve entender a declaração, que carrega um alto ônus de prova.

Transcrição por: Katie Wholley, Matt Gobson, William Mahoney, Sarah Owsinski, Grace Cunningham, Becca Brule e Stephen Davalos (ed.).

Edição inicial por Ted Hildebrandt

Edição final por Katie Ells

Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica,

Palestra 15

Diretrizes para Interpretar Profecia

IX. Diretrizes para Interpretar Profecia

4. Evite a ideia de duplo cumprimento ou dupla referência

Na semana passada, estávamos no numeral romano IX., “Diretrizes para a interpretação da profecia”. Estávamos discutindo: “Evite a ideia de cumprimento duplo ou referência dupla”. Como resultado, concluímos que, como regra hermenêutica, não devemos partir em busca de múltiplos cumprimentos da profecia preditiva. Isso é algo que na literatura profética você encontrará que é bastante comum, onde alguma declaração preditiva será interpretada como tendo um cumprimento próximo e um cumprimento distante. Vimos o exemplo de Daniel 8 na semana passada, onde alguns sugeririam que o capítulo se refere a Antíoco Epifanias, foi o perseguidor do povo de Deus durante o período grego em aproximadamente 164 aC, mas ao mesmo tempo dizem que está falando sobre o anticristo. Isso dá às mesmas palavras uma referência dupla. As mesmas palavras e as mesmas frases estão falando sobre Antíoco e o anticristo.

Conversamos sobre algumas das questões teóricas lá, como se as palavras tivessem mais de um significado, elas teriam algum significado? Isso torna a hermenêutica indeterminada? Parece que devemos buscar o sentido único em vez de buscar os sentidos múltiplos. Parece-me que este é um princípio hermenêutico importante não apenas com a profecia preditiva, mas com as declarações das Escrituras em geral. Poderíamos voltar aos primeiros séculos da igreja com o método alegórico onde você procurava 3, 4, 5 ou 6 significados diferentes de qualquer declaração com significados morais, históricos e espirituais. Quando você tem várias camadas de significado do texto, você se pergunta o que o texto está realmente dizendo.

a. Malaquias 4:5-6

Agora eu disse no final de nossa sessão da última vez que queria olhar para uma passagem adicional e que era Malaquias 4: 5 e 6 - que são os dois últimos versículos do Antigo Testamento - porque isso também é uma profecia em que muitos encontraram referências múltiplas. É também uma declaração profética que apresenta alguns problemas difíceis em termos de interpretação. Então vamos dar uma olhada nisso. Malaquias 4:5 e 6 diz: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. Ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais; ou então virei e ferirei a terra com uma maldição. A questão que surge é: isso foi cumprido ou ainda não foi cumprido? Lembre-se de que falamos anteriormente quando você procura cumprimento, inicialmente comece a procurar no Antigo Testamento para ver se uma predição é cumprida dentro do período do Antigo Testamento. Se não, olhe no Novo Testamento e veja se foi cumprido no período do Novo Testamento. Se estiver além do Novo Testamento, então talvez no tempo da era da igreja ou mesmo escatologicamente na era por vir. Esses são os dois últimos versículos do Antigo Testamento, então você não pode fazer muito procurando por cumprimento no Antigo Testamento. Então você vai além disso - você vai ao Novo Testamento e procura o cumprimento, e descobre que há referências do Novo Testamento a Elias. Mas então você pode dizer bem, talvez seja cumprido em Elias e também tenha um cumprimento futuro. Então, há um sentido múltiplo aqui?

b. Referências do NT a Mal 4:5-6 Se você olhar as referências do Novo Testamento a Elias, há uma referência ao aparecimento de Elias no Monte da Transfiguração em Mateus 17:3. Voltaremos a este capítulo mais tarde, porque mais tarde no capítulo Elias aparece novamente. Mas você lê no

versículo 3: “ Apareceram diante deles Moisés e Elias conversando com Jesus”. Não há indicação de que isso seja um cumprimento de Malaquias 4:5 e 6.

Existem outras referências do Novo Testamento que parecem indicar que Malaquias 4:5 e 6 devem ser entendidas como cumpridas na vida e no ministério de João Batista. Existem várias referências. Veja Lucas 1:13 onde você lê: “O anjo disse a Zacarias: 'Não tenha medo. Sua oração foi ouvida. Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de João.’” No versículo 15, “Ele será grande aos olhos do Senhor”. Versículo 16: “Muitos do povo de Israel ele trará de volta ao Senhor seu Deus.” E no versículo 17, “Ele irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias.” Então você notará a próxima frase que é uma citação de Malaquias 4:6, “Ele irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos e os desobedientes à sabedoria dos os justos para preparar um povo preparado para o Senhor”. Portanto, há pelo menos uma citação parcial de Malaquias 4:6 nessa frase de “converter o coração dos pais a seus filhos”. Portanto, certamente é uma ilusão para 4:6 de Malaquias: “Ele converterá o coração dos pais aos filhos”.

Veja Mateus 11:2 e seguintes: “Quando João ouviu na prisão o que Cristo estava fazendo, enviou seus discípulos para perguntar-lhe: 'És tu aquele que esperávamos ou deveríamos esperar outro?' E Jesus disse: 'Volte e conte a João o que você ouve e vê. O cego recebendo a visão...'” e assim por diante. No versículo 7 diz: “Enquanto os discípulos de João estavam saindo de Jesus, Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: 'Que fostes ver no deserto? Uma cana balançada pelo vento? Se não, o que você saiu para ver? Um homem vestido com roupas finas? Não, aqueles que usam roupas finas estão nos palácios dos reis. Então o que você saiu para ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e mais do que um profeta. Este é aquele de quem está escrito: “Enviarei à tua frente o meu mensageiro, que

preparará o teu caminho diante de ti. "Em verdade vos digo, entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista." Esse é o versículo 10, que é uma citação não de Malaquias 4:5 e 6, mas de Malaquias 3:1 onde você leia: "Veja, enviarei meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim". Mas quando você vai mais fundo nessa passagem, você lê em Mateus 11:12: "Desde os dias de João até agora, o reino dos céus tem avançado à força, e homens poderosos se apoderam dele. Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João". Então observe o versículo 14: "E, se quereis dar crédito, ele é o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça". Isso parece ser uma referência a Malaquias 4:5 e 6, que Elias deve vir antes do grande e terrível dia do Senhor. Ele, João, é o Elias que há de vir "se estiverdes dispostos a aceitá-lo".

Então vá para Mateus 17: 10-12. Isso é depois da oração com Elias no Monte da Transfiguração e você lê no versículo 10: "Os discípulos lhe perguntaram: 'Por que, então, os mestres da lei dizem que Elias deve vir primeiro?' Jesus respondeu: 'Certamente, Elias está vindo e restaurará todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma, o Filho do Homem vai sofrer nas mãos deles'. Então os discípulos entenderam que lhes falava de João Batista". Elias já veio, e ele estava falando sobre João Batista.

Então você pega esses textos, e então apenas para jogar uma pequena bola curva na mistura, você olha para João 1:19 e seguintes, "Este foi o testemunho de João quando os judeus de Jerusalém enviaram sacerdotes e levitas para perguntar quem ele era. Ele não deixou de confessar, mas confessou livremente: 'Eu não sou o Cristo'. E eles perguntaram a ele 'Então quem é você? Você é Elias? Ele disse 'eu não sou', 'você é o profeta?'" O profeta provavelmente se referiu ao texto que vimos anteriormente em Deuteronômio 18: "O profeta que havia de vir como

Moisés.” “Você é o profeta? 'Não.'”

c. Abordagens de Interpretação

Acho que essas são as referências mais importantes relacionadas a essa profecia no final de Malaquias. O que os intérpretes fazem com esses textos? A questão é como Malaquias 4:5 e 6 é cumprido? Foi cumprido em João? Ainda está para ser cumprido? Deixe-me dar-lhe três pontos de vista diferentes.

1) Referência Dupla A primeira é “Referência Dupla”. O que alguns intérpretes dizem sobre a profecia de Malaquias é que essa profecia nos diz que Elias voltará à terra antes do Dia do Senhor, e isso acontecerá no sentido literal. Essa era a visão dos rabinos encontrada em João 1:21: “Você é Elias?” Eles estavam esperando pelo retorno de Elias. Assim, os defensores da referência dupla veem a profecia de Malaquias como tendo um cumprimento inicial ou parcial em João Batista com base nesses textos, particularmente no de Mateus. Mas eles argumentam que seu cumprimento completo e final aguarda a segunda vinda de Cristo e a vinda do dia do Senhor naquele tempo, onde Elias, o profeta, aparecerá.

Veja suas citações na página 26; este é um pequeno parágrafo de *The Greek New Testament*, de Henry Alford . Devo dizer que Alford aqui está comentando sobre Mateus 11:13 e 14. Ele diz: “Nem isso nem o testemunho de nosso Senhor em Mateus 17:12 é inconsistente com a própria negação de João de que ele era Elias em João 1:21. Pois, primeiro, a pergunta ali foi evidentemente feita como pressupondo um reaparecimento do verdadeiro Elias na terra; e, dois, nosso Senhor não pode ser entendido em nenhuma dessas passagens [em Mateus] como significando que a profecia de Malaquias 4:5 recebeu sua plena conclusão em João. Pois, como em outras profecias, também nesta, temos,” e aqui está a visão, “um

cumprimento parcial tanto na vinda do Senhor quanto de Seu precursor, enquanto o grande e completo cumprimento ainda está no futuro - no grande dia do Senhor”. Portanto, não é uma visão incomum que Malaquias 4:5 e 6 tenha uma referência dupla, uma referência a João Batista e uma referência futura a um reaparecimento literal de Elias.

2) Cumprimento genérico ou sucessivo – Walter Kaiser Segundo ponto de vista, é defendido por Walter Kaiser em conexão com seu conceito do que ele chama de uso genérico da profecia. Podemos chamar isso de “visão genérica”. Se você olhar para a página 27 de suas citações, há alguns parágrafos do comentário de Kaiser sobre Malaquias chamado *Amor Imutável de Deus*, e esses parágrafos estão discutindo Malaquias 4:5 e 6. Kaiser diz sobre esses versículos: “Talvez a melhor maneira de descrever isso fenômeno é chamá-lo de 'previsão genérica', que Willis J. Beecher definiu.” Aqui está o que ele quer dizer com o termo “aquele que considera um evento como ocorrendo em uma série de partes, separadas por intervalos, e se expressa em uma linguagem que pode ser aplicada indiferentemente à parte mais próxima, ou às partes mais remotas, ou ao todo – em outras palavras, uma previsão, onde ao se aplicar ao todo de um evento complexo, também se aplica a algumas de suas partes”. Agora, esse é um conceito complexo, mas você pode diagramar assim e rotular isso como uma “profecia genérica”. A profecia falaria de todo o complexo de detalhes, você pode dizer. Mas certas partes da profecia podem falar deste ou daquele dentro do complexo de particulares.

Agora, acho que o que Kaiser realmente estava tentando fazer aqui é ter as duas coisas. Em outras palavras, acho que ele quer evitar o conceito de referência dupla e cumprimento duplo e, de fato, se você ler seus escritos - e ele escreveu em vários livros e artigos - ele costuma falar sobre como o único significado legítimo para qualquer declaração bíblica é a única

verdade pretendida pelo autor. Então você tem que chegar à intenção autoral. Qual foi a verdadeira intenção do autor ao escrever? Parece-me que se você vai falar sobre uma única intenção de verdade, fica muito complicado e abstrato dizer que uma profecia como Malaquias 4:5 e 6 é uma “predição genérica” que tem vários detalhes. O todo é a única intenção de verdade, mas partes dele podem se referir a um particular dentro do todo e outras partes a outro particular. Deixe-me voltar a isso em um minuto, mas vamos voltar às próprias palavras de Kaiser porque não quero deturpá-lo aqui. Após a conclusão da definição da “predição genérica” de Beecher, aqui está o que Kaiser diz: “De acordo com as características do cumprimento genérico ou sucessivo da profecia, Malaquias fecha com a promessa de que Deus enviaria aquele mensageiro introduzido em 3: 1 como o precursor do Messias. No entanto, ele não diz que será Elias, o tisbita, mas 'Elias, o profeta' e, assim, abre a porta para uma sucessão de anunciadores até o segundo advento do Messias, quando o primeiro e último Elias apareceria. como o princípio e o fim dos profetas. Elias, foi escolhido desde que ele era o chefe da ordem profética”. Então você pode questionar, ele era ou Samuel era o chefe da ordem profética? Mas “todos os outros profetas o seguiram. Ele também foi um reformador a quem Deus levantou em 'uma era notavelmente corrupta', e cuja rejeição foi seguida por um dia particularmente terrível do Senhor, a saber, primeiro com as inflições dos sírios e o cativeiro de Israel. Mas o espírito e o poder de Elias foram passados para seu sucessor, Eliseu (2 Reis 2:15), assim como o espírito de Moisés veio a repousar sobre os 70 anciãos.

Assim ,” e aqui está sua conclusão, “João Batista veio na mesma linha de reformadores, profetas e precursores do Messias, pois ele também veio 'no espírito e poder de Elias'. E desde os dias de Elias até os nossos, uma longa linhagem de prognosticadores permaneceu na sucessão; homens como Agostinho, Calvino, Meno Simons, Lutero, Zuínglio, Moody e

Graham”. Parece-me que o que ele está dizendo é que esta é uma profecia genérica. Vai começar com Elias, João Batista está aqui nessa sucessão, e terminar com Elias e no meio você tem todas essas outras pessoas que também fazem parte do cumprimento disso porque eles também vêm em espírito e poder de Elias . Portanto, tudo isso é englobado como essa previsão genérica nas palavras de Malaquias.

Agora, minha pergunta é como você mantém essa única intenção de verdade e encontra a aplicação através de todos esses detalhes dentro da única intenção de verdade? Teoricamente, você pode dizer que é possível. Isso evita vários cumprimentos? Não tenho tanta certeza disso. Acho que Kaiser argumentaria que sim porque você tem essa previsão genérica. Mas parece-me que se torna uma concepção muito abstrata, e me pergunto se essa era a intenção dessa declaração no final de Malaquias. A questão é como você estabelece o que essa intenção abstrata de verdade única poderia ter sido? Onde você consegue esse tipo de modelo? Acho que você só pode olhar para as palavras de Malaquias 4:5 e 6. As palavras de Malaquias 4:5 e 6 trazem esse tipo de intenção no que diz respeito ao significado? Parece-me mais uma construção que é trazida para o texto e é trazida com o intuito de evitar o preenchimento múltiplo. Mas não tenho certeza se é totalmente satisfatório, é bastante teórico. Portanto, você tem o tipo mais direto de realizações múltiplas, como Alford, e obtém essa profecia genérica que tenta evitá-la, mas não tenho certeza de que sim.

3) A profecia é cumprida em João Batista Uma terceira posição é que a profecia é cumprida em João Batista. Essa conclusão seria baseada nas referências do Novo Testamento que aplicam a profecia explicitamente a João, e essas são afirmações bastante fortes. Em Mateus 11:14, “Se quereis dar crédito, ele é o Elias que havia de vir”. Essa é uma afirmação bastante forte. No capítulo 17, Jesus diz: “Elias já veio, e não o reconheceram”.

Lembre-se de quando falamos sobre o caráter enigmático da profecia e como ela pode pegar o cumprimento e distorcê-la, e você pode não ter esperado isso. “Ele já veio , mas vocês não o reconheceram”, os discípulos entenderam que Ele estava falando de João. Assim, os defensores dessa visão diriam que ela se cumpriu em João Batista, afirmando que não precisamos procurar um cumprimento adicional. Existe o único sentido pretendido.

Este não é o único lugar no Antigo Testamento onde você encontra uma reviravolta inesperada. Existem profecias que falam de um futuro reinado de Davi, por exemplo, onde, se você olhar bem de perto as profecias, é claramente uma referência a Cristo. Aqui está uma referência à vinda de Elias, mas é cumprida em João. Veja Jeremias 30, versículo 9. Este versículo é um exemplo disso. Você lê: “Eles servirão ao Senhor, seu Deus, e a Davi, seu rei, a quem levantarei para eles”. Você desce ainda mais: “Vou salvá-lo de um lugar distante, seus descendentes da terra de seu exílio. Jacó terá novamente paz e segurança e ninguém o assustará. Embora eu destrua completamente todas as nações entre as quais os espalhei, não os destruirei completamente. Vou discipliná-lo, mas apenas com justiça. Portanto, haverá um tempo futuro quando no versículo 17 “Eu restaurarei sua saúde, curarei suas feridas e eles servirão ao Senhor seu Deus e a Davi, seu rei”. Bem, parece ser messiânico e cumprido em Cristo.

Veja Ezequiel 34:23: “Porei sobre eles um só pastor, meu servo Davi, e ele os apascentará.” E o versículo 25: “Farei com eles um pacto de paz”. Versículo 27: “O povo estará seguro em sua terra.” Versículo 28: “Eles não serão mais despojados pelas nações, viverão seguros e não haverá quem os espante.” Isso é muito parecido com as passagens de Isaías 2 e 11. Mas, “porei um só pastor sobre eles, meu servo Davi”, mas aqui está a referência a Cristo. Portanto, parece-me que existem alguns fundamentos bastante sólidos para entender a intenção do profeta. Malaquias 4:5 e 6 tem

uma referência a isso, o que me interessa é uma referência a João e que a vinda de Elias se cumpre em João. Mas se você fizer isso, então João 1:21 - onde você encontra a negação de João de que ele é Elias: “Os judeus, os sacerdotes e os levitas perguntaram-lhe: 'Quem é você? Você é Elias? E ele disse: 'Não sou.'” — isso seria uma negação da concepção dos rabinos que buscavam um cumprimento literal. Ele não é literalmente Elias. Ele não está negando que é o cumprimento da profecia de Malaquias 4. Pelo menos, essa é uma maneira possível de entendê-la.

d. Análise e conclusão de Vannoy sobre referência dupla

Talvez dependa do que eles fazem com o texto de Mateus. Então o que você faz com isso "se você aceitar isso." As declarações de Jesus em Mateus de que João “é o Elias que havia de vir e se você aceitar que Elias já veio”. O que você faz com isso? Essas são declarações bastante fortes; Eu não acho que você pode simplesmente passar por cima delas e dizer que não há cumprimento nessas declarações. Então você quase pode ser forçado a uma dupla realização se for para Apocalipse 11:3. Apocalipse 11:3 diz: “Darei poder às minhas duas testemunhas; elas profetizarão vestidas de saco a todos. Se alguém tentar feri-los, o fogo virá para apoiá-los”. Essas duas testemunhas não são identificadas. Muitas pessoas dizem que essas duas testemunhas são Moisés e Elias, mas essa é uma questão em aberto. Não há nenhuma indicação clara de quem são essas duas testemunhas. Portanto, parece-me que você está em terreno mais firme, no que diz respeito às declarações bíblicas, para dizer que é cumprido em João, do que dizer que há algum cumprimento humano nessas duas testemunhas.

Qual é o meu propósito ao trazer isso à tona, temos falado sobre isso de você ir e procurar uma referência dupla. Não estou dizendo que é impossível encontrar uma referência dupla, mas estou dizendo que é um princípio hermenêutico perigoso ir em busca de múltiplos sentidos. Minha

própria conclusão é com esses textos difíceis - e examinamos dois deles com algum detalhe - que Deuteronômio 18 se refere à instituição profética, ou seja, Cristo. Eu não acho que você é forçado a fazer referência dupla lá. O contexto é claramente a instituição profética que eu acho que psicologicamente aponta para Cristo. Portanto, é legítimo dizer que Deuteronômio 18 fala de Cristo, mas não com as mesmas palavras. As próprias palavras se referem à instituição profética. Parece-me que em Malaquias 4:5 e 6 você não é forçado a fazer uma referência dupla porque há uma reviravolta inesperada da profecia no cumprimento de João, mas as declarações do Novo Testamento são bastante fortes e encontrar cumprimento em João é adequado. Você não precisa de outra realização. A passagem de Daniel que examinamos nos disse que você não precisa procurar outra referência ao cumprimento de Cristo.

Eu diria que o outro difícil é Isaías 7:14, “a virgem conceberá e dará à luz um filho”. Mas quando você olha no contexto, está fortemente ligado à guerra contra Judá, e ainda se você vê isso como um único significado, isso está se referindo a Cristo como Mateus faz. “A virgem conceberá e dará à luz um filho”, há uma referência ao nascimento no tempo de Cristo? Acho que é apenas uma referência a Cristo. Acho que não havia nenhuma virgem no tempo de Isaías. Parece-me que no contexto você pode trazer algo para o próprio texto se a criança nascesse no futuro imediato antes de ter idade suficiente para saber e distinguir entre o bem e o mal, esses dois reis teriam partido. Então, isso é uma coisa hipotética. Você pode usá-lo por um tempo se a criança nascer. Parece-me que aponta para a criança no futuro, vindo de uma virgem. No que me diz respeito, houve apenas um nascimento virginal.

5. A Análise Interpretativa Deve Preceder uma Decisão sobre a Exata Relação entre o Literal e o Figurativo em qualquer passagem Vamos para

5., “A Análise Interpretativa deve preceder uma decisão sobre a exata relação entre o literal e o figurativo em qualquer passagem. ” Esta questão de interpretação literal versus figurativa é extremamente complexa e difícil. Quando você olha e ouve sobre profecia preditiva - e é claro que a questão é mais ampla do que apenas profecia preditiva - mas se você está olhando para uma declaração bíblica ou qualquer tipo de literatura, se você vai passar de uma compreensão literal do que foi disse, para um entendimento figurado, deve haver razões dentro do contexto que surge e razões que o levam a concluir que esta afirmação não foi feita para ser tomada literalmente.

Veja suas citações na página 30; isto é de Berkeley Mickelsen *Interpreting the Bible*, “Lembre-se que a análise interpretativa deve preceder uma decisão sobre a relação exata entre o literal e o figurativo em qualquer passagem.” Então você olha para uma passagem e luta com o que essa passagem diz. Onde você chega a uma relação entre o literal e o figurativo? “Decidir o que é literal e o que é figurativo deve ser baseado na gramática (significados das palavras e a relação das palavras), história, cultura, contexto e convicções do próprio escritor original. O significado literal – o significado costumeiro e socialmente reconhecido que carrega consigo as ideias de real e terreno – deve se tornar a base para os significados figurativos. Sobre esta base eles dependem. Se um determinado intérprete declara que uma determinada expressão é figurativa, ele deve apresentar razões para atribuir um significado figurativo.” É um ponto válido. Você simplesmente não chega a um texto e pensa figurativamente, a menos que haja algo nesse texto que sugira que é assim que ele deve ser lido. “Essas razões devem surgir de um estudo objetivo de todos os fatores e devem mostrar por que o significado figurativo é necessário. Às vezes, os intérpretes insistem que os elementos são figurativos porque seu sistema de escatologia o exige, não porque as

Escrituras e os fatores objetivos o exigem. Em outras palavras, aqui você entra na questão, quando chegamos a um texto bíblico o que tem prioridade na leitura desse texto? Você começa a ler o próprio texto ou começa a ler o texto a partir de algum sistema preconcebido e lê o texto à luz desse sistema? Como você relaciona o texto com o sistema? Qual é o princípio controlador?

a. Evite rótulos simplistas Às vezes, os intérpretes insistem que os elementos são figurativos porque seu sistema de escatologia exige isso, não porque as Escrituras e os fatores objetivos o exigem. Onde houver razões convincentes para significados figurativos, eles devem ser adotados. Um intérprete cuidadoso interpretará literal e figurativamente porque a passagem que está interpretando exige esses procedimentos. Acho que esses rótulos “eu interpreto literalmente” ou “eu interpreto figurativamente” – essas coisas não ajudam em nada. Você precisa chegar ao texto sobre esse assunto com a mente aberta e estar aberto para onde o texto o leva. “Rótulos sugerindo que um homem é um intérprete completamente literal ou um intérprete completamente figurativo são tolos. Se fossem verdadeiras, indicariam que o indivíduo assim designado seria totalmente incapaz de lidar com significados e ideias. Essas pessoas geralmente não tentam interpretar. Portanto, um lançamento descuidado de rótulos deve ser evitado a todo custo. O intérprete bem equilibrado tem razões objetivas para significados literais e figurativos.”

b. Figurativo não é algo negativo Interpretar figurativamente não deve ser visto como algo negativo, equivocado ou mal direcionado. Se a intenção da passagem for lida no sentido figurado, então você pode dizer que o significado literal da passagem deve ser lido no sentido figurado. É o significado pretendido da passagem. Mas isso levanta questões de como os

sistemas teológicos se relacionam com as passagens individuais. Você interpreta a passagem com base no sistema ou constrói o sistema com base na exegese de passagens individuais? Você olha para uma série de passagens individuais e vê o que elas estão dizendo. Se você chegar a suas conclusões sobre isso, tente ver quais são as relações conectando as passagens e gradualmente construa um sistema. Acho que é a melhor maneira de começar, trabalhar com as passagens individuais. Mas tendo dito isso, é muito difícil interpretar algumas passagens em total isolamento de outras passagens. Normalmente, o que você descobre é que há uma espécie de trabalho em ambas as direções, fora da passagem para construir o sistema, mas também do sistema de volta para ajudar a interpretar passagens individuais. Parece-me que não é uma situação de ou-ou aqui. Mas tendo dito isso, acho que o perigo é deixar o sistema determinar o significado. Você tem que ter cuidado com os sistemas preconcebidos que superam a passagem individual. A razão pela qual digo isso é que o significado precisa sair do texto e não ser trazido para o texto, pelo menos não de maneira injustificada.

c. Boettner: Abordagem Literal a menos que Absurda Veja suas citações na página 30. Loraine Boettner tem algumas afirmações interessantes aqui sobre essa questão de uma interpretação literal versus figurativa. Ele diz: “O princípio geral de interpretação foi expresso como 'literal sempre que possível' ou 'literal, a menos que seja absurdo'. Não é preciso ler muito a Bíblia para saber que nem tudo pode ser entendido literalmente. Jesse F. Silver refere-se a 'certos lugares', onde algum 'outro significado' é designado. Mas ele não dá nenhuma regra pela qual esses lugares devem ser reconhecidos.” E eu diria que também não conheço nenhuma fórmula para isso; não é algo que você possa reduzir a um conjunto de três regras ou algo assim. “Não encontramos rótulos nas próprias Escrituras nos dizendo:

'Tome isso literalmente' ou 'Tome isso figurativamente'. Evidentemente, o leitor individual deve usar seu próprio julgamento, apoiado por tanta experiência e bom senso quanto puder reunir. E isso, é claro, varia infinitamente de indivíduo para indivíduo. É reconhecidamente difícil em muitos casos determinar se as declarações nas Escrituras devem ser interpretadas literal ou figurativamente. No que diz respeito à profecia, isso muitas vezes não pode ser determinado até depois do cumprimento.”

d. Malaquias 4:5-6 Mais Uma Vez Agora você volte para Malaquias 4:5 e 6 e veja que isso poderia ser um exemplo de uma profecia com linguagem literal e figurada nela, o elemento sendo, se não literalmente, o retorno de Elias, é cumprido em João Batista. “A maior parte da Bíblia, porém, especialmente as porções históricas e mais didáticas, claramente deve ser entendida literalmente, embora algumas expressões figurativas sejam encontradas nelas. Mas também é claramente evidente que muitas outras porções devem ser entendidas figurativamente. Mesmo os pré-milenistas devem usar muitas expressões figurativamente, ou elas se tornam absurdas.”

Geralmente os pré-milenistas tendem a ler mais literalmente onde os amilenistas são mais simbólicos. “Uma vez que a Bíblia não dá nenhuma regra rígida e rápida para determinar o que é literal e o que é figurativo”, aqui é onde nos encontramos, diz ele, “devemos estudar a natureza do material, o cenário histórico, o estilo e o propósito do escritor, e depois recorrer ao que, por falta de um termo melhor, podemos chamar de 'senso comum santificado'. Naturalmente, as conclusões variam um pouco de indivíduo para indivíduo, pois nem todos pensamos ou vemos da mesma forma.” Você quer separar o figurativo do literal, particularmente na profecia preditiva. Você tem que apenas lutar com o texto e ver o que é olhando para a sintaxe mais comum, gramática, propósito da profecia e o

que está sendo abordado aqui.

e. Ilustração: Is 2:4 Interpretações Amilenistas e Pré-Milenistas Deixeme dar apenas algumas ilustrações. Veja Isaías 2:4 que diz: “Eles converterão suas espadas em arados”, neste próximo período de tempo em que haverá paz na terra. “Nação não levantará espada contra nação, nem treinarão mais para a guerra” esse é o versículo 4. Vamos voltar a Isaías 2:1, que diz: “Isto é o que Isaías, filho de Amoz, viu a respeito de Judá e Jerusalém.” Versículo 2, “Nos últimos dias.” Devemos fazer a pergunta “Quais são os últimos dias?” Mas “nos últimos dias,” algo vai acontecer, “o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal entre os montes. Será erguido acima das colinas e todas as nações acorrerão a ele. Muitos povos virão e dirão: 'Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa de Jacó. Ele nos ensinará seus caminhos para que possamos andar em suas veredas. A lei sairá de Sião, a palavra do Senhor de Jerusalém. Ele julgará entre as nações e resolverá muitas questões para muitas pessoas. Eles transformarão suas espadas em arados.’” Portanto, isso é preditivo, parece que está falando sobre o reino messiânico no qual o Messias julgará entre as nações e estabelecerá a paz na terra.

Em conexão com isso, no versículo 2, diz: “O monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal entre os montes e se elevará acima das colinas”. O que isso está falando? Os amilenistas interpretam esta passagem como sendo cumprida agora. E o “monte do templo do Senhor” é a igreja. Portanto, é uma profecia simbólica. A conversão de espadas em arados é a paz que surgiu como resultado da operação do Evangelho nos corações dos indivíduos regenerados. Atualmente, isso está sendo cumprido em um sentido espiritual na igreja.

Os pré-milenistas geralmente dirão: “Não, isso não é figurativo ou simbólico. Isso se refere a um futuro tempo de paz aqui na terra em que o

Messias governará e estabelecerá seu reino, como Isaías 11 descreve, bem como em outras passagens. Mas então você obtém gradações, eu diria. O que é “o monte do templo do Senhor sendo estabelecido como o principal entre os montes e sendo elevado entre as colinas”? O que isso está falando? Acho que a maioria dos pré-milenistas hoje diria que está falando sobre a proeminência de Jerusalém no fim dos tempos. Será o centro, como diz o versículo seguinte , “onde as pessoas virão e dirão: 'Vamos ao monte do Senhor e ele ensinará os seus caminhos’” através da proeminência de Jerusalém, não tomando o “levantamento ” como literal. Mas há quem diga: "Não, isso é literal 'a montanha do templo do Senhor será levantada entre as colinas' - isso está falando sobre a elevação geográfica de Jerusalém para ser a montanha mais alta da terra". Em outras palavras, Jerusalém, se você realmente forçar, será literalmente mais alta que o Monte Everest. Vai ser mais alto do que isso. Vai ser erguido acima das colinas, principal entre as montanhas. Então, veja, você tem um tipo de espectro de pontos de vista que vai do estritamente literal para ter um grau de linguagem figurativa para tornar toda a profecia figurativa ou simbólica. Você tem que lutar com isso. Então você obtém seu sistema escatológico e retroalimenta isso, influenciando a maneira como você o lerá. Então fica muito complexo.

f. Isaías 4:2 Veja Isaías 4:2. Esta é outra passagem que geralmente é usada como messiânica, e estou inclinado a pensar que 4:2-5 está falando do tempo presente da igreja. Eu acho que isso é diferente do capítulo 2 porque o capítulo 2 parece falar como Isaías 11 fala sobre a ausência de perigo. É um tempo de paz externa e segurança. Aqui em Isaías 4:2-5, você percebe que os versículos 5 e 6 dizem: “O Senhor criará sobre todo o monte Sião e sobre aqueles que ali se reúnem e uma nuvem de fumaça durante o dia e um brilho de chamas de fogo durante a noite, sobre toda a glória será um dossel. Será abrigo e sombra contra o calor do dia, refúgio e esconderijo

contra a tempestade e a chuva”. Em outras palavras, parece uma imagem figurativa de uma época em que há perigo externo. O Senhor proverá proteção para seu povo e ele está usando a linguagem do período do tabernáculo do Antigo Testamento para descrevê-lo.

Mas observe como essa passagem começa no versículo 2: “Naquele dia o ramo do Senhor será belo e glorioso, o fruto da terra será o orgulho e a glória dos sobreviventes em Israel”. Qual é o ramo do Senhor? Quase todos os intérpretes considerarão isso messiânico, como referência ao Messias. É uma pessoa, observe o versículo 4: “O Senhor lavará a imundície do remanescente de Sião. Ele limpará as manchas de sangue em Jerusalém pelo espírito de julgamento e pelo espírito de fogo”. Portanto, não acho que haja muito debate sobre o versículo 2 ser figurativo e o ramo do Senhor ser uma linguagem figurada que descreve o Messias.

Algumas pessoas empurram o figurativo ainda mais, e talvez legitimamente, dizendo que no versículo 2 você não apenas tem uma referência ao Messias, mas também uma referência à natureza divina/humana de Cristo. Na primeira metade do versículo “O ramo do Senhor será belo e glorioso” e na segunda metade do versículo, “O fruto da terra será o orgulho e a glória dos sobreviventes em Israel”. O ramo do Senhor, e o fruto da terra, paralelo ao Senhor é divino, mas o Senhor também é humano. Fruto da terra é figurativo para aquela natureza humana de Cristo. Até onde você leva essa linguagem literal versus figurativa aqui? É obviamente uma linguagem figurativa, mas até onde você pode forçá-la? É aí que você vê o que Boettner estava dizendo. Temos que fazer julgamentos, julgamentos de bom senso e as pessoas vão divergir sobre como chegam à conclusão e não há regras para isso. Não há etapas mecânicas - 1, 2, 3, faça isso e aqui está sua resposta. Isso torna passagens como essa muito interessantes, fascinantes, mas também as torna um desafio trabalhar de maneira responsável para chegar a conclusões sobre

exatamente o que a passagem está falando.

g. Turner e Gundry Há uma citação final na página 31. Acho que o argumento de Turner aqui está correto. Ele diz: “Escritores de várias vertentes escatológicas comumente expressam a visão de que as diferenças nos sistemas escatológicos surgem 'principalmente do método distinto empregado por cada interpretação da Escritura.' Embora haja um certo grau de verdade em tal afirmação, ela é simplista. A consistência de alguém em tomar a linguagem bíblica literalmente terá uma influência óbvia sobre sua teologia, mas o inverso também é verdadeiro – a teologia de alguém obviamente terá uma influência sobre sua hermenêutica. É um erro falar de uma hermenêutica 'literal' ou 'espiritualizante' como uma abordagem global puramente indutiva da Escritura. Falar em tais generalidades obscurece a verdadeira questão: a interpretação de passagens bíblicas específicas”. E isso se torna sua ênfase aqui. “Qualquer estudo das Escrituras envolve um certo grau de pré-compreensão exegética, teológica e hermenêutica.

Mesmo as circunstâncias culturais e históricas do intérprete tendem a influenciar sua compreensão das Escrituras, como Gundry advertiu apropriadamente: “Nós, como exegetas e teólogos cristãos, somos suscetíveis a influências dos humores e condições de nossos tempos, e especialmente em nossa escatologia. ' Tudo isso não quer dizer que a hermenêutica não seja importante, ou que uma hermenêutica literal consistente seja inatingível. De fato, tal hermenêutica é essencial para lidar com toda a Bíblia, incluindo poesia, profecia e linguagem figurativa.

Usado adequadamente, o resultado de uma hermenêutica literal não é 'literalismo de madeira', mas sensibilidade para figuras de linguagem. É uma hermenêutica literal que é sensível às figuras de linguagem. “No entanto, na exegese de passagens bíblicas específicas, o exegeta deve perceber que seu uso de uma hermenêutica literal é pré-condicionado por

seus pressupostos teológicos. O mesmo vale para o praticante de uma hermenêutica "espiritualizante". É comum os dispensacionalistas acusarem os não dispensacionalistas de espiritualizar ou alegorizar a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, e os teólogos do pacto acusarem os dispensacionalistas de hiperliteralismo. Enquanto o debate for conduzido em tais generalidades vagas, não haverá progresso algum. É hora de seguir o conselho de [Greg] Bahnsen:"

h. Conselho de Bahnsen: Saia dos Sistemas e Olhe para Textos Específicos

São seus trabalhos exegéticos, mas não concordo com suas visões sobre teonomia. Mas o que ele diz aqui eu acho que está certo. Ele diz: "A acusação de espiritualização subjetiva ou hiperliteralismo contra qualquer uma das três posições escatológicas não pode ser resolvida em geral; em vez disso, os oponentes devem entrar em combate exegético corpo a corpo em passagens e frases *específicas* ."

Em outras palavras, o que ele está dizendo é, saia dos sistemas e comece a olhar para textos específicos. Sobre o que Isaías 2 fala? Sobre o que Isaías 4 fala? Sobre o que Isaías 11 fala? Essas são algumas passagens-chave em toda essa discussão. Turner diz: "Parece que generalidades vagas sobre hermenêutica teórica realizam muito pouco. A rejeição arrogante dos sistemas escatológicos com base apenas na teoria hermenêutica serve apenas para obscurecer as questões mais pertinentes. Os defensores de uma 'hermenêutica dual' não podem ser descartados com a acusação de 'alegorizar' e nem os dispensacionalistas podem ser repreendidos com a repreensão de serem 'hiperliterais'.

No entanto, *as conclusões* hermenêuticas sobre questões específicas podem ser vistas como inconsistentes com o *método hermenêutico professado* . Quando há uma discrepância entre os dois, tanto os dispensacionalistas quanto os teólogos do pacto devem prestar atenção. O

principal fardo desses pensamentos sobre a questão hermenêutica é que qualquer debate proveitoso deve se concentrar em questões concretas, como o uso do NT no AT e a natureza da revelação progressiva. Aqui passagens específicas podem ser exegetadas e debatidas de forma proveitosa”. Parece-me que o que provavelmente é útil com este tópico mais amplo é tentar lutar com esses problemas no nível de passagens individuais, em vez de trazer de fora seu sistema para lidar com uma dessas passagens.

Isso encerra nosso estudo do numeral romano IX. Eu dei a vocês uma apostila na semana passada, mas não trouxe nenhum acréscimo do numeral romano X, “O valor apologético da profecia bíblica”. Mas veremos isso na próxima vez.

Transcrição de Jessica Skidmore
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Renarrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 16
Valor Apologético da Profecia, Introdução a Obadias

X. Valor Apologético da Profecia

Na semana passada, dei a você o numeral romano X. Espero que você tenha conseguido examiná-lo, porque o que pretendi ao entregá-lo foi economizar tempo ao passar por isso. Deixe-me apenas repassar isso e, se você tiver dúvidas, talvez possamos discuti-la mais a fundo. Mas não vou ler todo o folheto, mas destacar algumas coisas.

A. A profecia bíblica tem valor apologético?

A. é: “A profecia bíblica tem valor apologético? Considerações preliminares”. Historicamente, há muitas pessoas que sentem que há valor apologético na profecia preditiva e, portanto, é uma ferramenta apologética que pode ser usada efetivamente para defender a veracidade da Bíblia e a existência de Deus que falou por meio das Escrituras. Porque você pode olhar para as profecias, dadas séculos atrás, e ver o cumprimento em tempos muito posteriores, e isso fornece uma boa ferramenta apologética para defender a veracidade das Escrituras e a existência de Deus.

1. Aalders: pouco valor

Portanto, minha primeira afirmação é que há uma boa razão para responder afirmativamente a essa pergunta. Existe valor apologético? Eu acho que existe. Mas há alguns evangélicos entre nós que responderiam negativamente. Agora, quando você sai do mundo evangélico, há muitos estudiosos críticos que dizem que não há valor algum. Eu uso para fins de ilustração, um estudioso holandês GC Aalders, professor de Antigo Testamento na Universidade de Amsterdã, onde fiz meu trabalho. O volume que ele escreveu, você pode ver ali no segundo parágrafo, é chamado *O Falso*

Profeta em Israel. Ele discute nesse livro esta questão do valor apologético. Ele observa alguns fatores positivos, como o uso do cumprimento da profecia de forma positiva e esses fatores positivos são numerados de 1 a 5 na página 1 do seu esboço. Não vou revisar todos eles, mas vá para a página 2. Aalders tem algumas sérias objeções ao apelo ao cumprimento de profecias como um critério para demonstrar a verdade das Escrituras. Em sua opinião, quando você olha para essas objeções, as objeções mostram que o valor apologético do argumento não é tão grande quanto você pode inicialmente pensar. Então, o que se segue é uma lista de suas objeções. Há três deles.

a. Disputas sobre Cumprimento

O primeiro é um “Disputas sobre o cumprimento”. Ele cita, por exemplo, Abraham Keunen em seu livro *Os Profetas e Profecia em Israel*, e dá uma lista de profecias não cumpridas. Ele diz que Keunen mudou o argumento apologético com base em profecias não cumpridas e argumentou contra as profecias cumpridas.

b. Disputas sobre namoro e fatores subjetivos

Em segundo lugar, “Disputas sobre datação e fatores subjetivos na avaliação das conexões entre a profecia e seu cumprimento”. Em outras palavras, você entra em conflito com Daniel e a segunda parte de Isaías. Daniel é datado no tempo que afirma ser ou é algum anônimo escrevendo por volta de 165 aC quando Antíoco Epifânio já havia aparecido em cena?

Ele cita um homem chamado Davidson que diz que, se o argumento do cumprimento realmente tiver valor probatório, ele deve aderir às seguintes condições: “Primeiro, a *promulgação conhecida* deve ser anterior ao evento. Em segundo lugar, deve haver um *cumprimento claro* e palpável disso. Por fim, a *natureza do próprio evento* se, quando a previsão foi dada, estava

distante da visão humana e era tal que não poderia ser previsto por qualquer esforço razoável da razão , ou deduzido de princípios de cálculo derivados da probabilidade ou experiência .” Agora, nessa declaração, todas essas palavras em itálico são o que os Aalders chamariam de julgamentos subjetivos. Coisas como promulgação conhecida, natureza do evento não poderiam ser previstas pelo esforço da razão, não poderiam ser vistas ou produzidas por dedução. Então Aalders diz que com relação a esses julgamentos de valor subjetivos, é claro que as pessoas irão diferir em suas conclusões de modo que uma verdade real e convincente nunca possa ser encontrada. Mas então você vê o que ele faz, ele inverte isso e diz que o inverso também é verdadeiro, de modo que nenhuma prova convincente contra a origem divina da profecia pode ser feita por seu não cumprimento como Keunen tenta. Em outras palavras, todo o negócio pode cair porque é determinado subjetivamente. Então essa é sua segunda objeção.

c. A linguagem simbólica anula o valor apologético

A terceira é “a linguagem simbólica anula o valor apologético”. Posso dizer desde o início que Aalders é um amilenista. Ele está inclinado a tomar as profecias do reino do Antigo Testamento para Cristo em um sentido espiritual ou figurativo e aplicá-las à igreja. Então, várias linhas naquele parágrafo sobre valor simbólico e apologético, ele diz que isso cria uma dificuldade particular para apelar para profecia e cumprimento como ferramenta apologética. Aalders argumenta que a abordagem literal de homens como Keith não faz justiça à natureza simbólica de muitas profecias. É opinião de Aalders que as profecias freqüentemente falam de Jerusalém, Sião e do templo para indicar as realidades espirituais da nova aliança.

Veja a passagem de Isaías 2: “Todos virão ao monte do Senhor, será alto e exaltado.” Essa é a vinda da Igreja! Assíria e Babilônia tipificam direções

pecaminosas e destrutivas. Ele não está falando de uma série de babilônias, mas dos inimigos do reino de Deus, no sentido espiritual. Ele acrescenta que não consegue ver como, observe isso, “alguém que adota um método de interpretação mais literal como Keith pode se manter livre do erro quiliast”.

Você sabe qual é o erro chiliast? Chiliast é mil! É a escatologia pré-milenista, onde você pega essas profecias que falam do futuro reinado de mil anos de Cristo aqui na terra, no qual as espadas serão transformadas em arados. Então você vê o que ele está dizendo é, se você está interpretando literalmente, você se tornará um pré-milenista. Isso é impensável para alguém como Aalders. Ele diz que se as profecias sobre a Babilônia fossem cumpridas literalmente até os detalhes, não se pode propor uma maneira diferente de cumprimento para as profecias sobre Jerusalém e Israel. Deve-se esperar também o cumprimento literal detalhado dessas profecias. Fica claro, portanto, de acordo com Aalders, que o apelo ao cumprimento literal das profecias envolve a apologética em uma grande dificuldade.

Mas, e aqui estão todos os pontos positivos, se alguém abandona o método literal de interpretação em favor de uma realização espiritual, então perde sua arma. Por que? A realização espiritual é difícil de explicar para aqueles que se opõem à fé cristã. Em outras palavras, se você vai usar profecia e cumprimento como uma ferramenta apologética e vai interpretá-la simbolicamente, isso corta a força do argumento apologético.

d. Observação: Amilenistas - Apologética Pressuposicional, Pré-Milenistas - Evidencialistas

Lembro-me de ler isso há alguns anos, e algo me ocorreu, mas nunca o juntei antes. Eu acho que isso é verdade, e isso é: se você olhar para os intérpretes evangélicos, descobrirá que os intérpretes amilenistas são normalmente pressuposicionalistas na apologética. Os amilenistas tendem a

interpretar de forma mais simbólica e figurativa, e normalmente não usam a profecia e o cumprimento como evidência da veracidade da Bíblia. Enquanto os pré-milenistas, que tendem a interpretar mais literalmente, geralmente não são pressuposicionalistas na apologética. Eles geralmente são evidencialistas, e esta é uma das evidências da veracidade das Escrituras. Então, você pode pensar que não há nenhuma conexão entre sistemas apologéticos e sistemas escatológicos, mas eu acho que há uma conexão bem estreita quando você realmente reflete isso. Em geral, aqueles que são amilenistas também serão apologéticos pressuposicionalistas e aqueles que são pré-milenistas, em geral, serão evidencialistas em apologética. Tenho certeza de que há exceções, mas, em geral, certamente se encaixa com Aalders, e ele faz questão disso.

e. Conclusão de Aalder

Observe esta próxima declaração. Aalders então conclui que não é o cumprimento da profecia que traz a convicção da verdade divina da escritura, mas o contrário - a convicção da verdade divina da escritura leva à crença no cumprimento da profecia. E, claro, novamente, a visão escatológica é bastante próxima da visão apologética. Ele argumenta que a certeza da verdade revelada de Deus não repousa em nenhuma evidência externa, mas em si mesma. Deus não força os homens a acreditar. É também a sua vontade que o cumprimento da profecia não fique fora de qualquer dúvida como algo incontroverso, mas sim que dê apenas uma certeza que o crente possa encontrar nela apoio para a sua fé. Em outras palavras, alguém que chegou à fé e acredita, e depois olha para as profecias, pode encontrar apoio para sua fé, mas alguém que não chegou à fé pode agora olhar e encontrar pouco ou nenhum valor nelas.

Ele diz que para aquele que reconhece a Bíblia como a palavra de Deus o cumprimento das profecias é claro como o dia e, portanto, pode servir para confirmar sua fé. Isso é certamente legítimo. Minha pergunta favorita é: isso também tem algum papel para o incrédulo, para trazê-lo ao lugar de estar aberto, de ouvir a Bíblia? Então ele diz que o cumprimento da profecia não é sem valor em um sentido secundário, mas para aquele que não acredita na Escritura, ela não fala tão claramente que é forçado a ver a origem divina da Escritura.

Aalders diz que, portanto, tudo se resume ao que ele chama de princípio interno, que está no cerne de sua posição - alguém acredita que a Escritura é a palavra de Deus ou não acredita que a Escritura seja a palavra de Deus. Essa crença é fruto da obra do Espírito Santo. O fundamento final para a certeza da verdade cristã deve ser buscado no testemunho do Espírito Santo.

Portanto, sua conclusão é que é melhor a apologética não se envolver na busca de evidências objetivas para a verdade das Escrituras, mas sim recuar para esse ponto de vista subjetivo e então demonstrar que a visão de mundo não-cristã, apesar dos argumentos para o contrário, também não pode justificar-se com nenhum fundamento de evidência, e tem seu próprio ponto de partida no subjetivo tanto quanto a posição cristã. Então, esse é o cerne de sua visão sobre “o valor apologético da profecia”. Na opinião dele, ou você acredita na Bíblia e nas escrituras ou não! E quer você acredite ou não que a Bíblia é a palavra de Deus, é a obra do Espírito Santo! É subjetivo. Mas então você inverte isso e diz aos que não são crentes que a posição deles também é subjetiva. Agora eu acho que nisso você encontra a diferença entre abordagens pressuposicionais e evidenciais para a apologética, que é outro grande assunto.

4. Comentários de Machen

Eu tenho um parágrafo lá de JG Machen da publicação “Cristianismo e Cultura”. Detalhes são encontrados em sua bibliografia. Você percebe a declaração sublinhada na parte inferior da página de Machen. Ele diz: “Seria um grande erro presumir que todos os homens estão igualmente bem preparados para receber o evangelho. É verdade que a questão decisiva então é o poder regenerativo de Deus”. É a obra do Espírito Santo que leva as pessoas ao conhecimento de Cristo. Ele diz: “Isso pode superar toda a falta de preparação, e a ausência dela torna inútil até mesmo a melhor preparação”. E aqui está a declaração sublinhada: “Mas, de fato, Deus geralmente exerce esse poder em conexão com certas condições anteriores da mente humana, e deve ser nosso criar tanto quanto pudermos, com a ajuda de Deus, aquelas condições favoráveis para a recepção do evangelho... Não quero dizer que a remoção de objeções intelectuais fará de um homem um cristão. Não, a conversão nunca foi operada simplesmente por argumentos. Uma mudança de coração também é necessária. E isso só pode ser feito pelo exercício imediato do poder de Deus.”

Mas observe a próxima afirmação: “Mas porque o trabalho intelectual é insuficiente, não se segue, como tantas vezes se supõe, que seja desnecessário. Deus pode, é verdade, superar todos os obstáculos intelectuais por um exercício imediato de Seu poder regenerativo. Às vezes ele faz. Mas ele o faz muito raramente. Geralmente Ele exerce Seu poder em conexão com certas condições da mente humana.” A mente olha e avalia quaisquer afirmações feitas sobre a veracidade da Bíblia e a veracidade do Evangelho. “Geralmente ele não traz para o Reino, totalmente sem preparação, aqueles cujas mentes e fantasias são completamente dominadas por ideias que tornam a aceitação do evangelho logicamente impossível.”

Francis Schaeffer costumava falar sobre as pessoas como pré-evangelistas e ele quer dizer lidar com perguntas, tentando responder a

objeções ao ouvir as Escrituras ou à mensagem do Evangelho. Acho que é disso que Machen está falando aqui.

Listei a seguir outro ensaio de Machen que está em sua página de citações 32-33. Ele diz algumas das mesmas coisas nessa discussão. Vejamos alguns desses parágrafos. Machen diz: “Um homem ouve algum verdadeiro pregador do evangelho. O pregador fala sob a autoridade de um livro que está aberto ali no púlpito. À medida que as palavras desse livro são expostas, o homem que ouve descobre que os segredos de seu coração são revelados. É como se um manto tivesse sido puxado. O homem de repente se vê como Deus o vê. De repente, ele percebe que é um pecador sob a justa ira e maldição de Deus. Então, do mesmo livro estranho vem outra parte da autoridade soberana. O pregador, ao expor o livro, parece ser um embaixador do rei, um mensageiro do Deus vivo. O homem que ouve não precisa de mais reflexão, nem de mais argumentos. O Espírito Santo abriu as portas do seu coração. 'Esse livro é a palavra do Deus vivo', diz ele; 'Deus me descobriu, eu ouvi sua voz, eu sou dele para sempre.'”

Então Machen comenta: “Sim, às vezes é assim, e não por meio de argumentos elaborados, que um homem se convence de que a Bíblia é a palavra de Deus”. Mas então você percebe que ele repete o que disse na outra citação: “No entanto, isso significa que o argumento é desnecessário ... posso estar convencido de toda a minha alma de que a Bíblia é a palavra de Deus; mas se meu vizinho apresentar considerações para mostrar que é realmente cheio de erros, não posso ser indiferente a essas considerações. Posso de fato dizer a ele 'suas considerações estão erradas e, porque estão erradas, posso, com boa consciência, manter minhas convicções.' Ou posso dizer a ele: 'O que você diz é verdadeiro o suficiente em si mesmo, mas é irrelevante para a questão de saber se a Bíblia é a palavra de Deus.' Mas não vejo como posso dizer a ele: 'Suas considerações podem ser contrárias à minha convicção de

que a Bíblia é a palavra de Deus, mas não estou interessado nelas; continue apegando-se a elas se quiser . faça isso, mas, por favor, concorde comigo também em afirmar que a Bíblia é a palavra de Deus.” É uma situação muito real. Ele diz: “Não, não posso dizer isso.” Esta última atitude é certamente bastante absurda. Duas coisas contraditórias não podem ser ambas verdadeiras. Não podemos continuar sustentando a Bíblia como a palavra de Deus e ao mesmo tempo admitir a verdade de considerações que são contrárias a essa nossa convicção.

Eu acredito com toda a minha alma, em outras palavras, na necessidade da apologética cristã, a necessidade de uma defesa fundamentada da fé cristã e, em particular, uma defesa fundamentada da convicção cristã de que a Bíblia é a palavra de Deus”.

E então ele diz que estava em uma conferência estudantil onde métodos de evangelismo estavam sendo discutidos. Ele diz que alguém se levantou e disse (no meio do próximo parágrafo): “Você nunca ganha um homem para Cristo até que pare de discutir com ele”. Você provavelmente já ouviu isso antes. Ele diz: “Bem, vocês conhecem meus amigos, quando ele disse que não fiquei nem um pouco impressionado. É claro que um homem nunca foi ganho para Cristo *meramente* pelo argumento. Isso está perfeitamente claro. Deve haver a obra misteriosa do Espírito de Deus no novo nascimento. Sem isso, todos esses argumentos são inúteis. Mas porque os argumentos são insuficientes, não se segue que sejam desnecessários. O que o Espírito Santo faz em um novo nascimento não é fazer de um homem um cristão, independentemente da evidência, mas, ao contrário, limpar as névoas de seus olhos e capacitá-lo a atender à evidência.

Portanto, acredito na defesa fundamentada da inspiração da Bíblia. Às vezes é imediatamente útil para trazer um homem a Cristo... Mas seu uso principal é de um tipo um pouco diferente. Seu principal uso é capacitar o

povo cristão a responder a perguntas legítimas, não de oponentes vigorosos do cristianismo, mas de pessoas que buscam a verdade e são perturbadas pelas vozes hostis que são ouvidas por todos os lados. Então, há aqueles comentários de Machen.

5. Fé e Razão – 1 Pedro 3:15 – Santo Agostinho Meu próximo comentário sobre esse folheto é que é obra do Espírito Santo abrir o coração. É nossa responsabilidade apresentar as provas. Parece-me que há lugar para raciocínio e defesa do Evangelho. 1 Pedro 3:15 diz que é nossa responsabilidade dar razões para a fé que está dentro de nós.

Há dois outros artigos referenciados no próximo parágrafo. Primeiro, AJ Neuhaus, “Por que podemos nos dar bem”, em *First Things*. Vá para a página 33 de suas citações. Ele está falando neste artigo sobre conexões entre fé e razão. E ele diz: “Ao pensar sobre as conexões entre fé, razão e discurso, Santo Agostinho é particularmente útil. É possível encontrar trechos, especialmente de seus escritos devocionais e homiléticos, que podem ser usados para mostrar que Agostinho é um fideísta, alguém que sacrifica a razão pela fé”. Você sabe, para mim parece que é alguém que mantém a posição de Aalders quando diz que tudo é um princípio interno. Ou acreditamos ou não acreditamos. A evidência não tem nada a ver com isso. Isso é fideísmo. Ela “pode ser usada para sugerir que Agostinho é um fideísta, alguém que sacrifica a razão pela fé. Mas isso seria um grave mal-entendido. Muitas vezes você vê isso. Ele acreditou para saber.

“Agostinho abordou com grande sofisticação porque é que a fé é razoável e porque é que a razão sem fé é incompleta. Há, por exemplo, o ensaio muito envolvente, *A utilidade de acreditar*. O próprio título reflete a suposição de Agostinho de que cristãos e não cristãos são capazes de considerar juntos o que seria útil para a compreensão da verdade. Agostinho

argumenta que a crença é necessária para a compreensão. Ele explica detalhadamente ao seu interlocutor incrédulo o caso razoável para acreditar. É claro que Agostinho e seu interlocutor que compartilhavam um *a priori* comum ... que a crença é necessária para entender – na vida cotidiana, na ciência, na amizade e em questões religiosas e por que a crença é necessária como ela mesma explicável racionalmente. 'Entenda minha palavra para crer', diz Agostinho, 'mas acredite na palavra de Deus para compreender'. Como escreve Eptham Gillson... '[Em Agostinho] a própria possibilidade de fé depende da razão... porque somente a razão é capaz de crer.'

Novamente, 'A doutrina agostiniana concernente às relações entre razão e fé compreende três etapas: preparação para a fé pela razão, ato de fé, compreensão do conteúdo da fé.' Mas o próprio Agostinho disse melhor: 'Ninguém acredita em nada a menos que primeiro pense que é crível'. Tudo o que se acredita deve ser acreditado depois que o pensamento precedeu. Nem todo aquele que pensa acredita, pois muitos pensam para não acreditar; mas todo aquele que crê pensa.'

Agostinho era um firme oponente do que mais tarde viria a ser chamado de fideísmo. A alegação de que a fé é totalmente arbitrária – que não é apoiada e não pode apelar para um *a priori* sobre o que é razoável – não encontra apoio em Agostinho, nem na corrente principal da Grande Tradição do pensamento cristão.

6. Historicamente Amerstadam – pressuposicional; Princeton – Evidencialistas

Então, há aquele pequeno segundo parágrafo do artigo de Neuhaus. E o próximo artigo mencionado em seu esboço é um artigo bastante longo de Donald Fuller e Richard Gardiner intitulado “Teologia Reformada em Princeton e Amsterdã no final do século XIX: uma reavaliação”. Foi publicado

no Covenant Theological Seminary em 1995. Acho que é extremamente útil para explicar a situação das escolas de pensamento geradas em lugares como Princeton no início dos anos 1900. Houve um período em que a escola de pensamento gerada na Universidade de Amsterdã era apologética pressuposicionalista e a escola de pensamento de Princeton era evidencialista, no que dizia respeito à apologética.

É um artigo bastante longo. Você notará que tenho uma boa quantidade de trechos dele começando na página 34 em suas citações indo até a página 37. Não quero perder tempo analisando isso, mas encorajo você a lê-lo. Acho que você descobrirá que é bastante complexo, mas acho que será útil para resolver esses problemas.

Basta abrir a página 37 e veremos os últimos 2 parágrafos onde Fuller e Gardiner dizem: "Warfield e os antigos teólogos de Princeton acreditavam que a razão e a fé cooperavam para fornecer um conhecimento de Deus coordenado com *um verdadeiro conhecimento* humano, mesmo se o conhecimento fosse incompleto. Essa noção *coordenada* de fé e razão está enraizada no agostinianismo", como Neuhaus estava dizendo, "está profundamente em desacordo com o positivismo do século XIX" - tipo de pensamento iluminista - e "significa que falar sobre Deus para o un -regenerar realmente importa. A visão de Warfield para o engajamento cristão com perspectivas intelectuais seculares é, portanto, bem diferente da orientação retrógrada de Kuyper." Foi um recuo para aquela posição subjetiva, o princípio interno. "Warfield escreve: 'Vamos, então, cultivar uma atitude de coragem em relação às investigações do dia. Ninguém deve ser mais zeloso do que nós. Ninguém deve ser mais rápido para discernir a verdade em todos os campos, mais hospitaleiro para recebê-la, mais leal para segui-la onde quer que ela leve. Não é para os cristãos serem mornos em relação às investigações e descobertas da época. Mas é para nós, portanto, como Os cristãos devem

levar as investigações ao máximo, ser líderes em todas as ciências, permanecer na veia da crítica, ser os primeiros a captar em todos os campos a verdade da fé em nosso redentor. A maldição da igreja tem sido sua apatia para verdade ... ela não tem nada a temer da verdade; mas ela tem tudo a temer, e ela já sofreu quase tudo, por ignorância. Toda verdade nos pertence como seguidores de Cristo, a Verdade; vamos finalmente entrar em nossa própria herança.” Então, esses são alguns comentários sobre esta questão maior: “Existe valor apologético para o cumprimento da profecia?” Essas são algumas das posições que foram tomadas.

B. A Reivindicação Reveladora da Bíblia

B. _ na página 5 está o título “A reivindicação reveladora da Bíblia”. A Bíblia se apresenta como a Palavra de Deus, não simplesmente como produto do pensamento ou reflexão humana. Grande parte da Bíblia se preocupa com a história humana, e em suas seções proféticas a Bíblia afirma esboçar linhas gerais da história futura que são determinadas pela vontade soberana de um Deus que fala por meio dela. Essa afirmação única exige, e certamente está aberta a, verificação e teste. Quer alguém acredite na Bíblia ou não, suas declarações históricas (tanto preditivas quanto não preditivas) são algo que, em grande medida, pode ser submetido à verificação. A Bíblia indica que muito do seu plano revelado para a história já foi realizado na história de Israel e no aparecimento de Jesus Cristo. É nossa opinião que na conexão entre profecia e cumprimento, particularmente entre o Antigo Testamento e em Cristo, deve ser encontrada uma estrutura objetiva de profecia/cumprimento que é claramente visível ou reconhecível. A existência desta estrutura de profecia/cumprimento aponta para a existência e veracidade do Deus que falou na revelação bíblica.

Essa estrutura de profecia/cumprimento não é caracterizada pelo que se poderia chamar de qualidade religiosa ou pística. Não é algo subjetivo ou interno. Em vez disso, é algo que rompe o subjetivismo religioso por sua própria natureza, porque permanece como uma entidade reconhecível que aponta para a realidade e veracidade do Deus da revelação bíblica, independentemente da necessidade de compromisso religioso com esse Deus. Em outras palavras, você pode olhar para uma profecia e olhar para a história para ver se ela foi cumprida, e isso é algo que pode ser submetido à verificação; isso é algo fora de si mesmo.

No Antigo Testamento e no Novo Testamento, notamos que a demonstração da existência de Deus é baseada principalmente em sinais claramente reconhecíveis e na coerência da profecia e do cumprimento. Em outras palavras, se você pegar a própria Bíblia, como Deus se dá a conhecer? Pense nos eventos do Êxodo e passe pelas pragas onde a declaração é explícita. “Estas coisas são feitas para que saibais que eu sou o Senhor.” Você pode vê-los. Você pode ver que Moisés fala com antecedência e depois acontece. Isso também é verdade em Josué, onde a mesma coisa acontece com a travessia do rio Jordão e a tomada de Jericó. Assim, demonstrar a existência de Deus é baseado principalmente em sinais reconhecíveis e na coerência da profecia e cumprimento. Embora seja verdade que o reconhecimento intelectual da “existência” de Deus não é crença em um sentido existencial apenas porque a crença é possível pela obra do Espírito Santo desenvolvendo um relacionamento entre o homem e Deus. É, no entanto, um corolário e um pré-requisito para a fé genuína. A fé genuína é uma resposta ao que Deus demonstrou na história, em seu poder e existência. Em tudo isso é necessário lembrar que existe uma revelação objetiva que está ali. Essa revelação objetiva existe à parte da resposta de fé que é operada no indivíduo dada pelo Espírito Santo quando esse indivíduo se submete ao Deus da revelação

bíblica. Esta distinção pode ser denominada como uma revelação interna e uma revelação externa. Para evitar mal-entendidos, devemos deixar claro que a profecia objetiva existe e é reconhecida por um personagem identificável, a revelação externa.

Parece-me que é disso que as pessoas como Aalders sentem falta. Eles falam sobre esse princípio interno. Bem, tudo bem. Sim, existe esse princípio interno, mas é o Espírito Santo regenerando dentro de nós e abrindo a mente. Ninguém jamais chegará ao conhecimento da verdade sem ela. Mas isso não significa que não haja um princípio externo ou uma revelação externa — algo que realmente existe e que evidencia que Deus é quem afirma ser. É assim que Deus se deu a conhecer por meio das Escrituras, sinais e maravilhas e profecia/cumprimento.

C. Profecia e Cumprimento

Isso nos leva a C. , “Profecia e cumprimento”. No Antigo Testamento somos confrontados com uma forma única e surpreendente da revelação divina. Esta revelação comporta componentes adequados para demonstrar de forma objetiva e reconhecível a realidade do Deus de Israel. Eles incluem:

1. Deus torna sua existência e poder reconhecíveis entre muitas testemunhas de várias maneiras, incluindo sinais, maravilhas e teofanias. Isso é algo que está por aí. Pode e foi visto por várias testemunhas.
2. Deus torna conhecido um plano para a história futura por meio de seus porta-vozes, os profetas.
3. Este desígnio para a história futura realiza-se como foi professado e predito pelos profetas.

Observe que no primeiro componente – sinais, maravilhas e teofanias – está o sentido perceptível da apresentação de algo em que Javé afirma

revelar-se. Os dois outros componentes destinam-se a confirmar a evidência dessa afirmação, isto é, profecia e cumprimento, plano e execução.

Aqui pode-se dizer que o Antigo Testamento se distingue de todas as outras “revelações religiosas” por não promover a crença simplesmente com base no que certas pessoas afirmam ter recebido por revelação divina. Qualquer um pode ir lá e dizer que Deus falou comigo. Foi isso que Mohamed fez. Qualquer um pode fazer isso. Mas não está promovendo a crença com base no que as pessoas afirmam ter recebido por revelação divina. Pelo contrário, a crença é fundada na revelação que está ligada a sinais externos e à progressão da história de acordo com um plano previamente anunciado. No esboço, dei alguns exemplos bíblicos disso.

Agora eu quero fazer uma distinção aqui. Esses sinais e prodígios cumprem a função de autenticar a existência e o poder de Deus para as pessoas que os observaram naquele tempo. Não estamos mais lá. Tudo o que podemos fazer é ler os relatos do que Deus fez naquela época e como se revelou ao seu povo, desde a época do êxodo até a época da conquista ou do primeiro advento de Cristo.

No próximo parágrafo, menciono que o Antigo Testamento não fornece argumentos mitológicos ou metafísicos para a existência de Deus. Não é assim que Deus demonstra sua existência.

1. Auto-autenticação dos profetas Então, o próximo parágrafo. Os sinais que Deus deu para autenticar as palavras dos profetas e tornar sua própria presença visível para seu povo serviram a um propósito de autenticação imediato e direto em conexão com o progresso histórico da revelação e da redenção. Com a conclusão da revelação, não devemos esperar a continuação de tais sinais. Já falamos sobre isso antes em conexão com a concepção de Vos sobre o progresso da revelação e redenção. A revelação tem esse lado

objetivo, bem como o lado individual subjetivo. A revelação é realmente a interpretação da redenção e a revelação se move junto com ela. Mas quando a redenção atinge seu clímax em Cristo, então a revelação deixa de existir. Mas isso é outra questão. Não procuramos uma continuação de tais sinais. Os sinais, portanto, não desempenham o *mesmo propósito de autenticação direta* para nós hoje como eles fizeram para aqueles a quem os sinais foram originalmente dados. A conexão entre profecia e cumprimento, entretanto, é de tal natureza que *seu valor* como evidência da existência e veracidade do Deus da revelação bíblica *continua a funcionar de maneira direta*, mesmo entre as gerações sucessivas. Em outras palavras, sinais e maravilhas funcionam no tempo em que foram dados. Agora lemos relatos disso. A profecia e o cumprimento continuam a funcionar mesmo para as gerações seguintes porque essas gerações podem olhar para essa estrutura de profecia/cumprimento. Se você puder estabelecer que a profecia foi dada em um determinado ponto e tempo e não foi cumprida até séculos depois. Existem muitos exemplos desses tipos de profecias - aí está algo que eu acho que tem valor apologético.

2. Bloom, Gaugh e Newman: Milagres Testáveis

JA Bloom, HG Gaugh e RC Newman, que foi professor de Novo Testamento aqui por muitos anos, argumentam que a profecia cumprida é um tipo acessível de milagre, um milagre testável em vez de um milagre relatado. Você vê a distinção aí? Eles argumentam que, uma vez que a profecia cumprida é um tipo acessível de milagre, um milagre testável em vez de um milagre relatado, esse caráter da profecia serve para contornar a dificuldade do milagre relatado, como a observação ou interpretação do que aconteceu. A profecia é diferente de uma experiência privada do milagre porque seu cumprimento é muitas vezes testável por qualquer pessoa interessada, seja

essa pessoa simpatizante da cosmovisão teísta da Bíblia ou não. O Deus de Israel é, então, aquele que afirma crer com base nas coisas que o povo viu e experimentou dele. Lógica ou racionalmente falando, pode-se dizer que o Antigo Testamento demonstra que Israel dificilmente poderia fazer outra coisa senão acreditar porque ela poderia saber por fatos objetivos que o Senhor é. Como você não poderia chegar a essa conclusão se estivesse entre aqueles que foram enviados para fora do Egito? E que nenhuma de suas palavras lhe volte vazia ou vazia. Israel podia e voluntariamente virou as costas para coisas que eram claramente idolatria. O Senhor deu ao seu povo muitos infalíveis, a NIV tem provas “convincentes”, para usar a redação de Atos 1, onde ele afirma a veracidade de sua existência e poder. Em nosso testemunho, não devemos fazer nada menos do que isso e simplesmente adotar os meios que o próprio Deus empregou para demonstrar a seu povo que ele existe. Foi assim que ele trouxe a redenção de seu povo.

Assim, parece-me nesse contexto, dadas certas qualificações que são mencionadas na conclusão, que a profecia e o cumprimento são algo verificável e testável, e é uma estrutura objetiva que fica fora do indivíduo. Ela tem uma função legítima no sentido apologético de apontar para as reivindicações de verdade da Bíblia e de Cristo como o redentor da humanidade. Não vou ler a conclusão, você pode fazer isso sozinho. Então esse é o numeral romano X.

XI. Obadias

Na página 6 do esboço de sua aula, chegamos à nova seção do curso, “Pesquisa de livros proféticos”. Como eu disse antes, quero passar pelos profetas menores de Oséias, Obadias, Joel e Amós no restante de nosso curso.

1. Observações introdutórias O ponto 1 é, “Comentários introdutórios”.

Portanto, antes de falar com Obadias, deixe-me fazer alguns comentários gerais. Falamos anteriormente sobre a classificação dos livros proféticos e na tradição judaica existe a dos profetas anteriores e dos profetas posteriores. Os antigos profetas sendo o que normalmente conhecemos hoje em nossa tradição são livros históricos: Josué, Juízes, Samuel e Reis.

Os profetas posteriores são o que chamamos de livros proféticos. Eles são divididos em dois grupos. Você está familiarizado com essa classificação, tenho certeza: os Profetas Maiores e os Profetas Menores. Os termos maior e menor não têm nada a ver com significado ou importância, mas simplesmente com extensão. Os profetas maiores são os maiores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os profetas menores são os 12. Acho que você deveria saber os nomes deles, não vou passar a lista.

Mas eu quero dizer algo sobre o arranjo da lista dos Profetas Menores. Você tem lido em Bullock, na verdade você tem lido em uma ordem diferente da que Bullock os colocou e a razão para isso é simplesmente que o namoro de Bullock com alguns dos profetas foi diferente da maneira como eu os dataria. Por exemplo, o primeiro é Obadias.

2. Ordem dos Profetas Menores Mas você chega à questão de por que os Profetas Menores em nossas Bíblias hoje estão na ordem em que aparecem atualmente? Quando você olha em nossa Bíblia em inglês, e isso também é verdade na Bíblia hebraica, nos Profetas Menores, você tem: Oséias, Joel, Amós e Obadias como os quatro primeiros, e depois Jonas e Miquéias. Mas se você for à Septuaginta, os primeiros 6 estão nesta ordem: Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Obadias e Jonas. É uma ordem bem diferente. A ordem com a qual estamos familiarizados é retirada da Bíblia Hebraica e a Septuaginta tem uma ordem diferente. Se você olhar para as duas listas, parece haver poucos critérios discerníveis para qualquer uma das listas no que diz respeito à

ordem em que os livros ocorrem. Acho que o que é perceptível é que Ageu, Zacarias e Malaquias são os últimos e todos são pós-exílicos. Então parece que há um elemento cronológico pelo menos nesses últimos livros. Amós é colocado depois de Oséias na ordem. Oséias, Amós Obadias. No entanto, Amós foi anterior a Oséias. Então você tem essa pergunta, e acho que ninguém jamais apresentou uma explicação convincente para a ordem dos livros na Septuaginta ou na Bíblia hebraica. Mas acho que devemos estar cientes disso.

3. Namorar Profetas Menores

Vamos discutir questões de namoro com Obadiah e Joel. Ambos são muito difíceis de namorar. Mas acho que você pode dividir os profetas em três períodos se usar as nações que foram o poder proeminente que afetou a história de Israel e Judá: o período assírio, o período neobabilônico e o período persa. Esta é a ordem que você tem seguido em sua leitura em Bullock. Assim, o período assírio tem nove profetas, o período babilônico — Jeremias, Ezequiel, Daniel, Sofonias e Habacuque, e o período persa — Ageu, Zacarias e Malaquias. Então, apenas esses comentários gerais sobre os primeiros quatro desses livros: Oséias, Joel, Amós e Obadias.

A. Obadias Vamos a Obadias. Eu te dei aquela apostila. Você notará que A . sob o numeral romano II é, “data e autor de Obadias”. Acho que mencionamos que Obadias é um dos mais difíceis até hoje. As diferenças de data não são baseadas em pontos de vista liberais ou conservadores e variam de cerca de 840 aC, o que o torna o mais antigo, até pouco depois da destruição de Jerusalém, por volta de 586 aC, e alguns até 450. Portanto, você pode ver que há é uma ampla gama de conclusões.

No cerne da questão da datação está a identificação da pilhagem de Jerusalém mencionada nos versículos 10 e 11. Se você abrir em Obadias, que

é um livro de um capítulo, você notará que é um oráculo contra os edomitas. O julgamento está sendo pronunciado sobre os edomitas. Nos versículos 10 e 11, Obadias diz: “Por causa da violência contra seu irmão Jacó” (os edomitas são descendentes de Esaú), “você será coberto de vergonha, você será destruído para sempre no dia em que você se afastou enquanto estranhos carregavam de sua riqueza e estrangeiros entraram por suas portas e lançaram sortes sobre Jerusalém. Você era como um deles. Portanto, há uma referência aqui aos edomitas tendo algum tipo de associação com a pilhagem de Jerusalém. Estranhos levaram riquezas, lançaram sortes sobre Jerusalém. Você percebe que eu digo que o ponto crucial está na pilhagem de Jerusalém pelos edomitas em 10 e 11 e possivelmente até 14. Isso se torna uma questão interpretativa e tem relação com a data. Os versículos 12-14 falam de algum tipo futuro semelhante de pilhagem de Jerusalém ou são uma continuação dos versículos 10 e 11? Voltarei a isso e discutiremos isso com mais detalhes mais tarde. Mas primeiro, quais são as posições que foram defendidas para a identificação da pilhagem de Jerusalém mencionada nos versículos 10 e 11? Eu listei 3 deles aqui.

1. Uma pilhagem no reinado de Jeorão de Judá por uma coalizão de filisteus e árabes

A. _ é: “Uma pilhagem no reinado de Jeorão de Judá por uma coalizão de filisteus e árabes”. Em 2 Crônicas 21:8 você lê que no tempo de Jeorão, “Edom se rebelou contra Judá, estabeleceu seu próprio rei”. Versículo 10, “Até hoje Edom tem estado em rebelião contra Judá.” Vá para o versículo 16. É ao mesmo tempo, durante o reinado de Jeorão, “O Senhor despertou contra Jeorão a hostilidade dos filisteus e dos árabes que viviam perto dos etíopes. Eles atacaram Judá, invadiram-na e levaram todos os bens que encontraram no palácio do rei, juntamente com os filhos e as mulheres. Nenhum filho foi

deixado. Portanto, há nossos registros sobre uma pilhagem de Jerusalém ligada à rebelião dos edomitas. Em 2 Reis 8:20 você não tem referência à rebelião dos edomitas contra Jeorão. Portanto, é possível que os edomitas tenham cooperado nessa invasão e compartilhado nos despojos. Isso pode ser o que provocou o julgamento de Edom em Obadias. Essa é a visão inicial.

2. Pilhagem de Jerusalém pela Babilônia em 586 aC

Uma segunda visão é que nos versículos 10 e 11 de Obadias o que você tem é uma referência à pilhagem babilônica de Jerusalém em 586 aC. A destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, alguns dizem, é apoiada por Ezequiel 35:5, mas a referência não é conclusiva. Ezequiel 35:5 diz (esta é uma profecia dirigida a Edom, uma profecia de julgamento): “Porque você abrigou uma hostilidade antiga e entregou os israelitas no tempo da espada no tempo de sua calamidade, o tempo de sua punição chegou. seu clímax” (claramente o tempo da destruição de Jerusalém pela Babilônia está em vista), “Portanto, tão certo como eu vivo, declara o Senhor soberano, eu dou a você o derramamento de sangue, e ele o perseguirá. Visto que você não odiou o derramamento de sangue, o derramamento de sangue o perseguirá”. Então, acho que está claro que, sim, os edomitas tiveram alguma participação na pilhagem de Jerusalém em 586, mas isso não significa que eles não tivessem feito isso antes! O fato de Edom mais tarde ter assumido uma posição semelhante na época da destruição de Jerusalém não quer dizer que eles não tivessem feito algo semelhante anteriormente. As objeções à data de 586 são que não há menção de deportação de toda a população, não há menção da destruição da cidade e do templo, nem há menção de Nabucodonosor do versículo 10, "porque violência contra teu irmão serás coberto de iniquidade".

Então, no topo da página 2, a interpretação de 10-11 e 12-14 como tendo dois pontos de referência deve ser considerada. Há uma fraseologia

semelhante em Jeremias 49:1 e sua relação com Obadias 1-6. Alguns tentam usar isso para namorar. Há alusões na linguagem entre Jeremias 49:1-7 e Obadias 1-6. A pergunta é: Qual profeta tem prioridade? As coisas estão divididas sobre qual é o original ou se ambos refletem uma fonte anterior de alguma profecia desconhecida. Como você explica essas semelhanças na linguagem? Obadias está refletindo a linguagem de Jeremias? Ou é o contrário, Jeremias está refletindo a linguagem de Obadias? Pode ser qualquer um. Portanto, não acho que seja uma maneira de chegar a uma conclusão sobre namoro.

3. Os versos 10-11 de JB Payne de Obadias falam sobre um ataque a Israel pela Síria na época de Acáz

Mas então uma terceira sugestão vem de J. Barton Payne é que os versículos 10-11 de Obadias falam sobre um ataque a Israel pela Síria acontecendo na época de Acáz e que foi acompanhado pelo ataque simultâneo dos edomitas. Isso é 2 Crônicas 28:16-18, onde você lê: “Naquela época, o rei Acáz foi pedir ajuda ao rei da Assíria. Os edomitas vieram novamente e atacaram Judá e levaram prisioneiros, enquanto os filisteus atacaram no sopé das colinas e depois deram a Judá. Eles capturaram e ocuparam [seus lugares].” Essa é outra possibilidade, embora não haja nenhuma referência específica a Jerusalém.

Agora, o que se segue são apenas alguns nomes. Existem alguns defensores da data posterior a 586 aC, após a pilhagem de Jerusalém pelos babilônios, Nabucodonosor. RK Harrison acredita que uma data posterior de cerca de 450 aC

Então essa é a questão sobre namoro, e como mencionei, essa questão surge ainda mais quando você olha mais de perto os versículos 10-11 e 12-14 e o que você conclui é a relação entre eles. Eu quero adiar essa discussão por

alguns minutos ainda. Mas voltaremos a isso. Mas qual pilhagem de Jerusalém você vê referenciada em 10-11 vai afetar sua conclusão sobre namoro.

4. Autor de Obadias

O autor é Obadias, que significa “Servo do Senhor”. Ele é um profeta sobre quem nada sabemos. Tudo o que temos é sua profecia e não há muito no próprio livro de Obadias que diga algo sobre esse indivíduo. Existem vários outros Obadias mencionados no Antigo Testamento, mas nenhum outro mencionado que se conecte ao tempo de Acabe.

B. O Tema do Livro de Obadias

B. _ é: "O tema do livro". Já relatamos isso um pouco aqui. É um pronunciamento de julgamento sobre Edom. Já mencionei que os edomitas eram descendentes de Esaú. Volte para Gênesis e veja a relação dos edomitas com Esaú. Gênesis 36:8 nos diz que Esaú viveu na cordilheira Seir de Edom, muitas vezes usada como sinônimo de pátria, diretamente ao sul do Mar Morto e a leste com um país montanhoso, a leste da depressão do Vale do Rift, conectando o Mar Morto e Golfo de Aqabah do Mar Vermelho. As principais cidades eram Bozrah e talvez Sela, que significa “rocha privada”, alguns pensam que é uma referência à cidade de Petra, que é um famoso sítio arqueológico no território edomita. De Eziongeber, que fica bem na ponta do golfo de Aqaba, há uma estrada chamada estrada do rei, que segue para o norte através de Edom. Essa era a rota que Moisés queria conduzir os israelitas na época do Êxodo, mas se você se lembra, naquela época os edomitas se recusaram a deixar os israelitas irem e, portanto, eles tiveram que dar a volta. A partir daí, houve conflitos entre os edomitas e os israelitas. Acho que esse é o resultado do que você pode chamar de controvérsia

Jacó/Esau, se você se lembra de toda aquela situação em que houve uma luta com os dois irmãos pela bênção de Isaque e assim por diante.

Veja a página 38 de suas citações. Keil fez alguns comentários sobre essa relação e vamos concluir com isso. Ele disse: “O erro, ou a violência, é ainda mais repreensível quando é cometido contra um irmão. As relações fraternas em que Edom se manteve em relação a Judá são ainda mais nitidamente definidas pelo nome Jacó, visto que Esau e Jacó eram irmãos gêmeos. A consciência de que os israelitas eram seus irmãos deveria ter impelido os edomitas a prestar apoio útil aos judeus oprimidos. Em vez disso, eles não apenas se deleitaram com prazer desdenhoso e maligno no infortúnio da nação irmã, mas se esforçaram para aumentá-lo ainda mais, prestando apoio ativo ao inimigo. Esse comportamento hostil de Edom surgiu da inveja pela eleição de Israel, como o ódio de Esau por Jacó, que foi transmitido a seus descendentes, e veio à tona abertamente por volta da época de Moisés, na recusa não fraternal de deixar os israelitas passarem em uma maneira pacífica através da terra. Por outro lado, a lei sempre ordena aos israelitas que mantenham uma atitude amigável e fraternal para com Edom.” Em Deuteronômio 2:4-5 e 23:7 é ordenado a eles não abominar os edomitas, porque ele é o irmão deles. Então você tem o resultado que você pode dizer da controvérsia Jacó/Esau que ainda está em andamento em qualquer data que seja... 840... 586 e assim por diante.

Tudo bem, vamos parar por aqui e continuar com C, que é, “Alguns comentários sobre o conteúdo” da próxima vez.

Transcrito por Samuel Winslow para CE
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 17

Continuação de Obadiah, Joel

C. Conteúdo de Obadiah

1. Esboço

Para o nosso tempo nesta manhã em Obadiah, veremos algumas características do conteúdo e depois entraremos em Joel. Como você sabe, Obadiah tem apenas um capítulo e apenas 21 versículos. Então é um livro curto. Eu tenho o que eu acho que é a melhor maneira de dividir isso em seções. Nos primeiros nove versículos você tem “o pronunciamento do julgamento sobre Edom”. Os versículos 10 e 11 explicam “a razão desse julgamento”. Vimos 10 e 11 na semana passada em conexão com a discussão da data de Obadiah, e você deve se lembrar que a discussão gira em torno de qual destruição ou pilhagem de Jerusalém está envolvida nesses versículos, porque 10 e 11 diz: “Por causa da violência contra teu irmão Jacó, serás coberto de vergonha, serás destruído para sempre. No dia em que te afastaste, enquanto estranhos lhe roubavam os bens, e estrangeiros entravam pelas suas portas, e lançavam sortes sobre Jerusalém, tu eras como um deles”. Então, é por essa razão que Edom será julgado.

Mencionei na semana passada que há um debate sobre se você deve seguir 10 e 11, com 12 a 14. Em outras palavras, 10 a 14 é uma unidade ou os versículos 12 a 14 constituem um aviso para o futuro? Em outras palavras, você já fez isso, agora não faça de novo. Estou inclinado a pensar o último. Voltaremos a isso e examinaremos isso com mais detalhes. O versículo 12 diz: “Você não deve menosprezar seu irmão no dia do seu infortúnio, nem se alegrar com o povo de Judá”, e isso vai até 14. Voltaremos e veremos isso com mais detalhes, mas parece-me que os versículos 12 a 14 são uma advertência para o futuro.

Os versículos 15-16 são outra transição, com a mensagem de Obadiah, passa de um julgamento sobre Edom para “um julgamento sobre todas as nações”, todos os ímpios. Isso é 15 e 16. E então a última seção, versículos 17 a 21,

“restauração e bênção para Israel”.

Agora, vamos entrar em mais detalhes sobre cada uma dessas seções. Você lê no versículo um, “A visão de Obadias. Isto é o que o Senhor soberano diz sobre Edom”. Lembre-se de que Edom é a nação que traça sua ancestralidade até Esaú. Portanto, é a nação irmã de Israel. “Ouvimos uma mensagem do Senhor, um enviado foi enviado às nações para dizer: 'Levantem-se e vamos contra ela na batalha'. Veja, eu o farei pequeno entre as nações. Você será totalmente desprezado. Estou fazendo a tradução da NVI. Como você traduz isso? Você percebe que a forma verbal está no tempo perfeito. É um perfeito profético? É assim que a NVI traduz: “Eu o **farei** pequeno”. A King James diz: “Eu te **fiz** pequeno”. Agora esse é um ponto interpretativo. A questão é: é uma referência a um julgamento vindouro ou a uma realidade histórica passada, ou seja, que Edom era um povo pequeno e insignificante e nunca um grande império? Parece-me que no contexto deve ser tomado como um perfeito profético, como algo no futuro. Esse é o fluxo da passagem, pois é um julgamento que virá sobre Edom. A NIV traduziu corretamente como um perfeito profético.

Petra / Sela Quando você chega ao versículo 3 , você lê: “A soberba do seu coração o enganou, você que mora nas fendas das rochas e faz sua morada nas alturas, você que diz a si mesmo: 'Quem pode me trazer até o chão? Ainda que você voe como a águia e faça seu ninho entre as estrelas, de lá eu o derrubarei”, novamente estou lendo a NVI em 3b, “você que vive nas fendas das rochas”. Há um texto alternativo nas notas, “Clefts of the rocks” ou “Sela”. É "você que mora nas fendas da rocha" ou "em Sela", considerado um nome próprio? Sela significa “rocha”. A cidade de Petra significa “rocha”. Isso é uma referência à antiga cidade de Petra? Não sei se algum de vocês já visitou ou viu fotos desse site. É um site incrível. Muitos anos atrás, em nossa lua de mel, minha esposa e eu visitamos Petra. Tínhamos que entrar lá a cavalo. Era uma cidade que foi esquecida até que o explorador suíço Burkhart a redescobriu em 1812. A entrada é através de um

desfiladeiro sinuoso ou Siq que em alguns lugares é tão estreito quanto 12 pés, com essas paredes subindo provavelmente 100 ou 150 pés em qualquer lado. Então você entra por esse cânion, que obviamente era cortado por um riacho que passava por ali. Na estação seca você pode passar por lá sem problemas. Mas, como observo aqui, tempestades inesperadas e inundações repentinas podem varrer aquele desfiladeiro, até 6 metros de profundidade. Vinte turistas franceses morreram em uma enchente em 1963. É a única entrada para a cidade. Depois de passar por aquele siq, você chega a este vale aberto, com montanhas ao seu redor e áreas áridas de rochas bastante altas. Nas encostas dessas montanhas você esculpiu em pedra de areia vermelha muito colorida, moradias, casas, vários tipos de edifícios e, no centro desse vale, existem alguns edifícios independentes e uma antiga estrada romana. Mas esse local originalmente remonta a ter sido colonizado pelos edomitas. As ruínas que você vê lá hoje são de uma época muito posterior. Mas os estágios iniciais desse local foram construídos pelos edomitas. Portanto, é um ponto discutível como você lê essa frase, “você que vive nas fendas das rochas”. “Sela” é um nome próprio para “Petra” ou é simplesmente a palavra para “rocha”.

Os nabateus desapossam Edom Mas, de qualquer forma, o versículo quatro diz: “Ainda que voes como uma águia, e faças o teu ninho entre as estrelas, dali te derrubarei”. Acho que isso é melhor entendido como uma previsão da perda de seu território por Edom, que foi cumprida historicamente por sua derrota para os árabes nabateus. Os nabateus vieram de uma região do norte da Arábia. Se você olhar para Malaquias 1:3-5, acho que está claro que em 430 aC, durante a época de Malaquias, os edomitas já haviam sido expulsos ou fora de seu território por esses árabes porque Malaquias 1:3-5 diz: “Eu odiei a Esaú e transformei suas montanhas em um deserto e deixei sua herança para os chacais do deserto.” Assim, na época de Malaquias, os edomitas haviam sido expulsos de seu território. Malaquias 1:4 continua, Edom disse: “Embora tenhamos sido esmagados, reconstruiremos as

ruínas. Mas assim diz o Senhor Todo-Poderoso: ' Eles podem construir, mas eu demolirei. Eles serão chamados de Terra Perversa, um povo sempre sob a ira do Senhor. Vocês verão com seus próprios olhos e dirão: “Grande é o Senhor até além das fronteiras de Israel.”’” Assim, Obadias declara que o julgamento viria sobre Edom, e na época de Malaquias esse julgamento já havia sido decretado.

Os edomitas desapossados se estabeleceram após serem expulsos de seu território pelos nabateus em uma área do sul de Judá que eventualmente se tornou conhecida como Iduméia. Lá eles mantiveram uma existência independente por um tempo, antes de serem conquistados por João Hircano e convertidos à força ao judaísmo. Você pode encontrar em suas leituras e comentários que “Idumea” era a forma grega de Edom. Então, “Idumea” é realmente o grego para Edom. Os edomitas se estabeleceram no sul de Judá, eventualmente judaizados à força em 135 a 105 aC por João Hircano e os macabeus. A Dinastia de Herodes, o Grande, descendia da descendência idumeia e passou a controlar o Reino de Judá. Então, Herodes, é claro, perseguiu o povo judeu. Você tem aquela controvérsia Jacó/Esau realmente se estendendo até o tempo de Herodes, que era idumeu em sua origem. Na época romana, os edomitas desapareceram como povo. Poucos idumeanos permaneceram e desapareceram na história. Aqui está uma das nações irmãs de Israel, que simplesmente desaparece da história. O notável é que o povo judeu não. Eles mantiveram sua identidade. Então, esse é o julgamento que você vê nos versículos 1-9, que é pronunciado em Edom.

b. Obadias 10-14 Razão para Julgamento e Advertência para o Futuro? Como discutimos na semana passada, os versículos 10 e 11 são a razão do julgamento, porque quando Jerusalém foi saqueada, “você se manteve distante, você era como um deles”. São 10 e 11. Agora chegamos de 12 a 14; isso é uma continuação de 10 a 11, ou esta é uma seção separada, alertando para o futuro? A razão para a pergunta é por causa da forma verbal. Isso é “*waw 'al*,” e então uma forma verbal no jussivo. Essas são uma série de oito formas *waw 'al* mais o verbo jussivo. Isso é

normalmente traduzido do hebraico como “não faça, não faça”. Na página cinco do seu folheto, há uma dúvida sobre se esses verbos têm uma referência ao passado, conforme endossado por Allen no comentário do NICOT e vários outros comentaristas que dataram o livro após a destruição de Jerusalém. A questão é se é o passado, o presente ou o futuro, ou seja, o futuro para Obadias. Allen, em seu comentário NICOT, como na página 6, tende a lidar com a questão tensa da forma verbal nesses versículos argumentando que, “De maneira altamente imaginativa, o profeta fala de eventos no passado, como se eles ainda estivessem presente.”

Agora, Niehaus, no *Comentário Exegético e Expositivo sobre os Profetas Menores*, um comentário em três volumes sobre os Profetas Menores diz: “É difícil entender essas proibições para ter algo além de um evento futuro em vista. A NRSV traduz as proibições como tempo perfeito, 'não deveria ter', mas isso é gramaticalmente insustentável.” Agora, como eu mencionei, existem oito formas jussivas dando esses avisos, frequentemente considerados como referindo-se a eventos que já ocorreram e, portanto, uma referência aos mesmos eventos descritos nos versículos 10 e 11. Veja, esse é o problema. 12 a 14 está falando da mesma coisa que 10 e 11? Ou 10 e 11 são o motivo do julgamento e 12 e 14 um aviso para o futuro? Eu tenho várias traduções disso. A King James traduz essas advertências jussivas: “Você não deveria ter menosprezado seu irmão, não deveria ter se alegrado com o povo de Judá. Você não deveria ter se gabado tanto no dia da angústia deles. Você não deveria ter marchado pelos portões do meu povo no dia do desastre deles, novamente.” Esse “não deveria ter” significa que 12 a 14 é apenas a continuação de 10 e 11. Mas, a questão é se é permitido traduzir 'al mais o jussivo como “não deveria ter”. Em outras palavras, é uma ação concluída, e não como “não faça”, seja no presente ou no futuro. Você percebe que o Rei James diz: “Não deveria”.

O Novo Padrão Americano é “Não faça”. Agora veja, isso é melhor tanto quanto 'al plus jussive, que pode ser presente ou futuro. “Não, não, não.” A Sociedade de Publicações Judaicas tem: “Como você pôde?” Isso é passado, mas

uma nota de rodapé diz, “literalmente 'não faça'”. A NIV tem, “Você não deve,” o que implica presente. O NLT, “Você não deveria ter.” Isso é passado. É muito parecido com o King James. Assim, as traduções divergem sobre como lidar com essas oito formas jussivas, assim como os comentaristas. Dependendo de como você traduz essas formas, você decidirá que 10 e 11 devem ser combinados com 12 a 14, e tudo está falando pela razão do julgamento de Edom, e é algo do passado; ou você vai dizer, como sugeri no esboço, que 10 e 11 são a razão do julgamento, e 12 a 14 é um aviso para o futuro.

Agora, vamos um pouco mais longe com isso, depois dessas várias traduções. Keil em seu comentário diz, e acho que com razão, que aquela forma jussiva não pode ser tomada como o futuro do passado, “não deveria ter”. Keil diz que a forma jussiva não permite esse tipo de tradução - ela deve ser presente ou futura. Mas então o que ele diz é que “não é passado nem futuro especificamente, mas em um sentido ideal, inclui ambos”. Para mim, esse tipo de sugestão é muito abstrato; Eu nem tenho certeza exatamente do que ele quer dizer com isso.

Theodore Laetsch, um comentarista dos Profetas Menores, usa 11 a 14 como uma descrição de testemunha ocular do presente e, portanto, considera apropriada a advertência de 12 a 14. Ele o coloca no tempo de Jeorão como algo que está em andamento, no presente. Eu acho que isso é possível. Gaebeli menciona outro estudioso, que diz que 10 a 14 inicialmente se aplica ao tempo de Jeorão, 2 Crônicas 21:16, mas teve um cumprimento futuro no cativeiro babilônico de Jerusalém. O que ele está fazendo é o que chamamos de referência dupla, essa pilhagem de Jerusalém se aplica à pilhagem da época de Jeorão, mas também ao mesmo tempo, com as mesmas palavras, a pilhagem se refere uma segunda vez à pilhagem da Babilônia em 586. É parece-me que, embora o tempo presente de Laetsch seja possível, uma referência futura é pretendida em 12 a 14. Enquanto 10 e 11 e 12 a 14 se referem a ações semelhantes dos edomitas, os versículos 10 e 11 referem-se a ações passadas que já aconteceram com Jeorão. Mas 12 a 14 são avisos para o futuro que Edom ignorou na época da destruição de

Jerusalém em 586 aC porque sabemos que os edomitas participaram, ou pelo menos se alegraram, na destruição de Jerusalém em 586. Se você olhar para Ezequiel 35: 5, você lê lá: “Porque você abrigou uma antiga hostilidade e entregou os israelitas à espada no momento de sua calamidade, o tempo em que seu castigo atingiu o clímax, portanto, tão certo como eu vivo, declara o Senhor soberano, Eu o entregarei ao derramamento de sangue”. Assim, os edomitas parecem ter ignorado esse aviso. Aalders é semelhante a Allen, que vê essas formas como retóricas. Ele argumenta que 10 e 11 se referem aos mesmos eventos que 12-14. J. Eaton leva isso com ironia ao passado. Hengstenberg considera isso futuro.

Por que tantos desses comentaristas se recusaram a tomar 12 a 14 como futuro, quando esta forma é jussiva? Parece-me tão claramente referir-se ao futuro. Alguém pode objetar, como faz Aalders, que é estranho que o julgamento seja pronunciado sobre Edom nos versículos 10 e 11 e, em seguida, uma advertência sobre o futuro, nos versículos 12 a 14. Essa parece ser a objeção primária. Por que você teria um julgamento pronunciado sobre Edom por algo que Edom já fez em 10 e 11, e então nos próximos versículos daria um aviso sobre o futuro? O argumento é: isso não faz sentido. O julgamento já foi pronunciado - Edom já cometeu essa ofensa contra o povo de Deus e o Senhor, ela será julgada - qual é o ponto de advertência para o futuro?

Avisos futuros em outros lugares: Jer 18; Amós 2 e 5 Observe Jeremias 18:5-10. Nós conversamos sobre isso anteriormente. Em Jeremias 18: “A palavra do Senhor veio a mim. Ele disse: 'Ó casa de Israel, não posso fazer com vocês como faz um oleiro?' declara o Senhor. 'Como barro nas mãos do oleiro, assim sois vós nas minhas mãos, ó casa de Israel. Se a qualquer momento eu anunciar que uma nação ou um reino será arrancado, derrubado e destruído, e se essa nação que eu avisei se arrepender de seu mal, então eu cederei e não infligirei a ela o desastre que planejei.'” Em outras palavras, parece-me que ainda há lugar para um aviso para o futuro: “não faça isso de novo”. Talvez Edom se arrependesse e abandonasse o

tipo de atitude e ações que tiveram no passado.

Se você for a Amós - é claro que isso diz respeito a Israel, não a Edom, mas acho que os mesmos princípios estão envolvidos - você chega aos primeiros capítulos, advertência após advertência sobre o julgamento iminente. Veja Amós 2:13-16: “Esmagar-te-ei como esmaga uma carroça carregada de cereais. Mesmo o rápido não escapará, o forte não reunirá sua força.” Versículo 15, “O arqueiro não resistirá. O soldado veloz não escapará.” Versículo 16, “Os guerreiros mais valentes fugirão nus naquele dia.” Agora que é um anúncio muito forte de julgamento. Em 3:2, “A vós somente escolhi de todas as famílias da terra; portanto, vou puni-lo por todos os seus pecados. 3:11-15, “Um inimigo invadirá a terra, derrubará suas fortalezas e saqueará suas fortalezas”, e assim por diante. Amós 4:1-3, “Ouçam esta palavra, vocês, vacas de Basã, no monte Samaria, mulheres que oprimem o pobre e oprimem o necessitado, vocês que dizem a seus maridos: 'Tragam-nos de beber!' Este Senhor soberano jurou por sua santidade: 'Certamente chegará o tempo em que vocês serão arrebatados com anzóis, os últimos de vocês com anzóis... vocês serão lançados fora.’” Amós 5:27, “Eu vos enviarei para o exílio, além de Damasco.” Amós 6:14: “Incitarei contra ti uma nação, casa de Israel, que oprimirá desde Lebo-Hamate até o vale do Arabá.” Então você obtém todos esses pronunciamentos de julgamento.

Mas veja Amós 5:4. Ao mesmo tempo, você tem o julgamento, em 5:4 você lê: “Assim diz o Senhor a Israel: 'Busque-me e viva'” Versículo 6, “Busque ao Senhor e viva.” Nos versículos 14 e 15 do capítulo 5, “Busque o bem, não o mal, para que você possa viver”, 15, “Odeie o mal, ame o bem, mantenha a justiça no tribunal”. Então observe a próxima declaração. “Talvez o Senhor Deus Todo-Poderoso tenha misericórdia do remanescente de Jacó.” Assim, sempre há aquela porta aberta, parece-me, que o Senhor sai quando faz esses pronunciamentos de julgamento e avisos de julgamento por vir. Se a pessoa a quem se dirige se arrepender, talvez o Senhor cedesse. Portanto, não me parece que haja qualquer inconsistência entre descrever uma razão para julgamento em 10 e 11 e, ao mesmo

tempo, dizer, não faça isso de novo. É claro que Edom ignorou esse aviso e o fez novamente, quando os babilônios atacaram em 586.

Mas se você entender da maneira que estou sugerindo, isso também tem implicações para a data. Isso sugere que a pilhagem em 10 e 11 foi na época de Jeorão nos anos 800, e o aviso para o futuro é o 586, que os edomitas ignoraram. Agora, se você disser que de 10 a 14 é tudo igual, uma descrição da razão pela qual o julgamento está vindo sobre Edom, isso pode fazer você pensar que tudo isso é sobre 586. Então, essa questão de como você interpreta a relação entre os versículos 10 e 11 e 12 a 14 não só tem relevância para como você entende o que está sendo falado, se você tem “uma razão para julgamento e advertência para o futuro”, mas também tem implicações para as datas.

4. Obadias 15-16 Anúncio do Julgamento dos Injustos Vamos para 15 e 16. 15 e 16 diz: “O dia do Senhor está próximo para todas as nações. Assim como você fez, será feito a você, suas ações voltarão sobre sua própria cabeça, assim como você bebeu em minha colina sagrada, assim todas as nações beberão continuamente, beberão e beberão como se nunca tivessem existido. Assim, você se move em 15 e 16 de um pronunciamento de julgamento sobre Edom para um pronunciamento de julgamento sobre todos os injustos. Então você tem uma transição de Edom para os pagãos em geral, ou, como diz o texto, “o dia do Senhor está próximo para todas as nações”.

Discussão sobre o Dia do Senhor Agora, se Obadias é datado em 840 AC, então ele é o primeiro dos profetas, e isso significa que esta é a primeira referência nos livros proféticos ao Dia do Senhor, que se torna um tema bastante proeminente, por exemplo, em Joel. O que é o Dia do Senhor? Tenho alguns comentários aqui sobre isso porque diz: “o Dia do Senhor está próximo para todas as nações”. Acho que, em termos gerais, você poderia dizer que o Dia do Senhor é um tempo em que o Senhor julgará seus inimigos e abençoará seu povo. Você encontra uso dessa

expressão em muitos dos livros proféticos, mesmo com variações como o “dia da sua ira”, em Sofonias 2:2 e “o dia da ira do Senhor”, de Ezequiel 7:19. Há outras pequenas modificações, mas todas com referência ao dia do Senhor. Parece ser um termo conhecido e compreendido pelo povo, mesmo com os profetas anteriores, Amós e Joel, ambos falam do Dia do Senhor.

Em Amós 5, o povo deseja o dia da vinda do Senhor porque espera que seja uma bênção para Israel, mas Amós diz que eles estão enganados. Então, vamos ver isso. Em Amós 5:18, ele diz: “Ai de vocês que anseiam pelo Dia do Senhor, por que anseiam pelo Dia do Senhor? Aquele dia será de trevas, não de luz, será como se um homem fugisse de um leão para encontrar um urso, como se entrasse em sua casa, apoiasse a mão na parede e uma cobra o picasse. Não será o Dia do Senhor trevas, não luz, escuridão total, sem um raio de brilho,” por quê? “porque Israel se afastou do Senhor e Deus julgará Israel.”

Então, se o dia do Senhor era uma expressão bem conhecida, e esses profetas parecem usá-la, o que isso significa? Acho que não é difícil determinar que está ligado ao julgamento de Deus, mas, como sugere Amos, a concepção popular é que este dia seria um dia de julgamento apenas para os inimigos de Israel. Consequentemente, seria um dia de bênção para o próprio Israel. Joel e Amos advertem contra essa ideia. Então, com base na vinda do dia do Senhor, eles chamam o povo ao arrependimento de todo o coração.

Esses são alguns comentários gerais sobre o Dia do Senhor, que discutiremos um pouco mais adiante. O Dia do Senhor refere-se apenas a um dia específico e, em caso afirmativo, quando é? Se você observar o uso, acho que será forçado a concluir que não é uma referência apenas a um dia específico. Veja Isaías 13:6 e 9, onde você lê sobre o Dia do Senhor: “Cuidai, porque o dia do Senhor está próximo; virá como destruição do Todo-Poderoso”. Versículo 9: “Veja, o dia do Senhor está chegando - um dia cruel, com ira e ira feroz - para devastar a terra e destruir os pecadores dentro dela. As estrelas do céu e suas constelações não mostrarão sua luz”. Versículo 11: “Eu castigarei o mundo pela

sua maldade.” O contexto dessas declarações em Isaías 13 é uma profecia contra a Babilônia. O julgamento está vindo sobre a Babilônia, e a Babilônia será destruída. Vá até Isaías 13:17: “Incitarei contra eles os medos”. Versículo 19, “Babilônia, a jóia dos reinos, o orgulho da Babilônia será derrubado por Deus como Sodoma e Gomorra.” Essa derrubada da Babilônia é referida como a vinda do Dia do Senhor.

Se você for para Jeremias 46:10, você tem outro uso disso, em outro contexto, você lê: “Aquele dia pertence ao Senhor, o Senhor Todo-Poderoso - um dia de vingança, para vingança contra seus inimigos. A espada devorará até se saciar, até saciar sua sede com sangue. Pois o Senhor, o Senhor dos Exércitos oferecerá sacrifícios na terra do norte, junto ao rio Eufrates”. Então você tem a mensagem do versículo 13: “Esta é a mensagem que o Senhor falou ao profeta Jeremias sobre a vinda de Nabucodonosor, rei da Babilônia, para atacar o Egito”. Assim, em Jeremias 46, o Dia do Senhor dos Exércitos, é o dia da batalha envolvendo o Egito e a Babilônia em Carquemis em 605 aC, na qual a Babilônia foi vitoriosa e o Egito sofreu a derrota. Esta passagem é uma passagem de julgamento sobre o Egito.

Então, não acho que você possa dizer que o Dia do Senhor, conforme usado em vários contextos nesses livros proféticos, é sempre o mesmo Dia do Senhor. E como observei no próximo parágrafo, não é apenas um dia em particular, mas é usado para se referir a momentos especiais de julgamento e punição de Deus. Em algumas passagens há um contexto escatológico. Esse contexto escatológico diz que ainda há um futuro Dia do Senhor quando, finalmente, Deus trará julgamento sobre todos os ímpios, muito parecido com Obadias 15 e 16. Mas não se pode dizer que o Dia do Senhor na profecia é sempre o dia do julgamento em o fim do mundo. Parece que as manifestações da atividade de julgamento e punição de Deus que prenunciam esse julgamento final também são referidas como o Dia do Senhor. Então você tem que ter cuidado. O Dia do Senhor não é automaticamente o escatológico fim dos tempos. Em alguns contextos é, mas em outros, como

alguns dos que examinamos, não é.

Vamos voltar ao versículo 15 de Obadias: “O dia do Senhor está próximo para todas as nações, como você fez , assim será feito a você, suas ações cairão sobre sua própria cabeça.” Qual é a conexão entre o julgamento de Edom e o julgamento de todas as nações? Keil tem um comentário sobre isso, está na página 37 de suas citações, onde ele diz “A dificuldade só é removida pela suposição de que Obadias considerava Edom como um tipo das nações que se levantaram em hostilidade ao Senhor e seu povo, e foram julgados pelo Senhor em consequência, então o que ele diz sobre Edom se aplica a todas as nações que assumem a mesma atitude ou atitude semelhante em relação ao povo de Deus. Desse ponto de vista, ele poderia, sem reservas, estender a todas as nações a retribuição que cairia sobre Edom por seus pecados. Então, acho que esse é o fluxo lógico do pensamento, todas as nações que exibem atitudes e ações semelhantes às de Edom também experimentarão o julgamento de Deus.

Então, você vai para o versículo 16, e há outra questão que surge. Diz: “Assim como você bebeu no meu santo monte, todas as nações beberão continuamente, e beberão e beberão e serão como se nunca tivessem existido”. Quem é o “você” aí? Diz: "você bebeu". São os edomitas ou são os judeus? Acho que no contexto, são os edomitas. Em toda esta mensagem de Obadias, Edom é abordado, não Judá. O paralelismo é “como você, Edom, fez” (versículo 15) “e assim como você bebeu” (versículo 16). O que isso significa é que no versículo 16, o verbo “beber” tem dois sentidos diferentes. Em 16a, “Assim como você bebeu no meu santo monte” – beber é no sentido de comemorar em triunfo, regozijando-se com o que aconteceu com seu irmão Israel quando Jerusalém foi saqueada – “assim todas as nações beberão continuamente”, beber, nessa segunda frase, não no sentido de celebração, mas beber no sentido de provar o julgamento. Em outras palavras, “bebendo o cálice da ira de Deus”. Assim como você bebeu em festa na minha colina sagrada, todas as nações beberão continuamente, beberão no sentido de provar o julgamento, o cálice da ira de Deus, que se torna uma

expressão bastante comum também nos profetas.

Eu listei algumas referências lá, vamos apenas olhar para uma, Jeremias 25:15 e 16, onde você lê: “Assim me disse o Senhor, o Deus de Israel, tome da minha mão este cálice, cheio do vinho da minha cólera, e faz com que bebam dele todas as nações às quais eu te envio”. Beber aqui é no sentido de provar o julgamento de Deus. “Quando a beberem, cambalearão e enlouquecerão por causa da espada que enviarei entre eles.” Então ele pegou o cálice e fez com que todas as nações às quais ele foi enviado bebessem.

d. Obadias 17–21 A Restauração e Bênção Futura para Israel Isso nos leva aos versículos 17 a 21 em Obadias, a seção final, que eu rotulei como “A Restauração e Bênção Futura para Israel”. Deixe-me ler de 17 a 21 e depois ver como várias pessoas interpretaram esses versículos. O versículo 17 diz: “Mas no monte Sião haverá livramento, será santo, e a casa de Jacó possuirá a sua herança”. Em outras palavras, o julgamento está vindo sobre Edom e sobre todas as nações, mas em contraste com isso, no Monte Sião, haverá libertação. Obadias versículo 18: “A casa de Jacó será um fogo e a casa de José uma chama, a casa de Esaú será palha, e eles a incendiarão e a consumirão. Não haverá sobreviventes da casa de Esaú.’ O Senhor falou. O povo do Negev ocupará as montanhas de Esaú, e o povo do sopé possuirá a terra dos filisteus. Eles ocuparão os campos de Efraim e Samaria, e Benjamim possuirá Gileade. Esta companhia de exilados israelitas que estão em Canaã possuirá a terra até Sarepta; os exilados de Jerusalém que estão em Sefarad possuirão as cidades do Negev. Libertadores subirão ao Monte Sião para governar as montanhas de Esaú. E o reino será do Senhor”.

Formas de Interpretar Obadias 17-21:

1. Abordagem de Espiritualização -- Igreja

Então, esses são versículos interessantes. Algumas questões interpretativas reais surgem aqui. Como esses versículos devem ser entendidos? Na verdade,

existem três maneiras básicas pelas quais eles foram compreendidos. Observe um, alguns sugerem que 17 a 21 devem ser espiritualizados e entendidos como descritivos da extensão do reino de Deus através da pregação do Evangelho. Lembre-se de que examinamos a última parte de Isaías 11 quando estávamos falando sobre a questão de como interpretar “terminologia culturalmente datada” e dessas categorias, tomá-la literalmente, tomá-la simbólica ou espiritualmente, ou tomá-la em algum tipo de correspondência ou equivalência. Veja, essa questão volta aqui. Alguns dizem, espiritualize-o. Theodore Laetsch é um exemplo. Ele diz: “Resumidamente, temos aqui a história futura de Judá e Jerusalém. O que é devido a Jerusalém? É um símbolo da Igreja, de seus inimigos, daqueles membros da Igreja que são oprimidos, mantidos cativos pelos inimigos”.

Nos versículos 17 e 18, onde você lê: “No monte Sião haverá livramento, a casa de Jacó possuirá sua herança, a casa de Jacó será um fogo, e a casa de José uma chama, a casa de Esaú será restolho.” O que isso está falando? Laetsch diz: “Jerusalém, o símbolo muito apropriado da Igreja do Novo Testamento, no Monte Sião, dentro da Igreja de Deus será a libertação. Literalmente aquela fuga do velho inimigo maligno, prometido já no Paraíso. Como resultado dessa libertação, há santidade. Uma santidade perfeita em todos os detalhes, uma santidade não feita pelo homem, mas adquirida pelo Messias prometido. Outro resultado dessa libertação, e a santidade resultante, é que a casa de Jacó possuirá suas posses”.

Nos versículos 19 e 20, onde ele elabora sobre isso, e diz: “O povo do Neguebe ocupará as montanhas de Esaú, e o povo do sopé possuirá a terra dos filisteus. Eles ocuparão os campos de Efraim e Samaria, e Benjamim possuirá Gileade”. Você consegue tudo isso falando em termos geográficos, reocupação da terra por vários segmentos do povo de Israel. O que Laetsch diz sobre isso em 19 a 20? Ele diz: “19 e 20 não significam que todo distrito nomeado possuirá apenas aquele território nomeado no predicado. Nós nos encontramos aqui, em vez disso, com um idioma hebraico bastante comum. Um número de sujeitos e primeiro o número de predicados são listados. Cada um dos predicados está conectado com

um dos sujeitos. Na realidade, todos os sujeitos são partes de um só corpo, que realiza o trabalho descrito pelos predicados. Israel, o povo de Deus, novamente possuirá ou tomará posse dos vários distritos e países nomeados. De modo que a terra ocupada por eles excederá em muito o território que possuíam no dia de Obadias. E então ele diz: “Quando e como as promessas de 19 e 20 foram cumpridas?” Isso se torna a questão interpretativa. Sua resposta é: “Não precisamos recorrer a adivinhações, Mateus e Marcos nos dizem que pessoas da Judéia, Jerusalém, Galiléia, além do Jordão, Decápolis, Iduméia, Tiro e Sidom foram ganhas para o reino de Cristo pela pregação de Cristo. O livro de Atos registra o cumprimento de Obadias 17-20.” Sobre o que Obadias 17-20 está falando? Laetsch sugere a expansão da Igreja. “A conquista dos países e distritos nomeados por Obadias pela Igreja do Novo Testamento, o verdadeiro Monte Sião.”

“Filístia”, no versículo 19 de Obadias, onde diz, “o povo do sopé possuirá a terra dos filisteus”. Onde isso é cumprido? Laetsch diz Atos 8:40. O que é Atos 8:40? Filipe aparece em Azotus e viajou pregando o Evangelho em todas as cidades até chegar a Cesaréia. É a pregação do evangelho em território filisteu. Atos 9:32: “Peregrinando Pedro pelo país, foi visitar os santos em Lida. E ali encontrou um homem chamado Eneias, e disse-lhe: 'Jesus Cristo te cura, levanta-te e cuida da tua maca.' Todos os residentes de Lydda e Sharon o viram e se voltaram para o Senhor”.

Você tem uma referência no esboço lá para Samaria no versículo 19. Onde diz: “O povo do sopé possuirá a terra dos filisteus, eles ocuparão os campos de Efraim e Samaria”. Como isso é cumprido? Atos 8: 5-17, onde você lê: “Filipe desceu a uma cidade de Samaria e lhes pregou a Cristo, quando as multidões ouviram Filipe e viram os sinais miraculosos que ele fazia, todos prestaram muita atenção ao que ele disse” e assim por diante.

Zeraphath na Fenícia, versículo 20 de Obadias, é cumprido em Atos 11:19: “Ora, aqueles que foram dispersos pela perseguição em conexão com Steven,

viajaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, anunciando a mensagem apenas aos judeus. .” Zeraphath está na Fenícia. Sefarad está na Ásia Menor, essa é a Igreja em Sardes de Apocalipse 3:1. Então, a propagação do Evangelho é, na visão de Laetsch , o que está sendo descrito aqui nestes versículos de Obadias.

No versículo 21, “Libertadores subirão ao monte Sião para governar os montes de Esaú, e o reino será do Senhor”. Laetsch diz: “Mas e quanto a Edom? Eles estão irremediavelmente condenados à danação eterna? Não. Obadias falou em palavras severas de julgamento contra os inimigos implacáveis do povo de Deus, mas ele encerra sua profecia com uma promessa gloriosa. “Libertadores serão enviados a Edom.” A gratidão por sua própria salvação levará os filhos de Deus libertos a subir o Monte Sião, proclamar a salvação a Edom, seu inimigo e opressor”. E aqui está o ponto crucial: “Edom é um 'tipo' e símbolo da graça de Deus, evidência da pregação do Evangelho da salvação a todas as pessoas. Assim, pela cooperação fiel, os membros da Igreja de Deus, sejam clérigos ou leigos, o reino será do Senhor.”

Essa é uma maneira de entender os versículos 17 a 21. Não se trata de nada em referência à “nação” étnica ou nacional de Israel, nem de conquistas geográficas ou territoriais, mas sim de realidades espirituais da difusão do Evangelho no contexto do início da Igreja, registradas no Livro de Atos.

2. Prevendo o retorno de Israel à sua posse Dois , outros sugerem que esses versículos devem ser entendidos como predizendo o retorno de Israel à sua posse, isto é, à sua terra, e o julgamento de Edom como nação. Se for assim, a questão então é: isso foi cumprido ou ainda está para ser cumprido? As opiniões estão divididas sobre isso. Alguns dos comentaristas, JB Payne e Aalders, entendem que a profecia foi cumprida, em sua maior parte, no período intertestamentário. Aalders em 17b “Israel retomarà a posse da terra da qual ele foi expulso.” Essa é a última frase em 17, “a casa de Jacó possuirá sua herança”. Versículo 18, “A casa de Jacó será um fogo, a casa de José uma chama, a casa de Esaú palha,” a

destruição será trazida a Edom por um Israel retornado. O versículo 19, “ocupações dessas várias áreas, pessoas do Nege v ocuparão as montanhas de Esaú”, e assim por diante, é o retorno de Israel à terra e a posse dessas áreas. O versículo 20 é realmente uma repetição de 17b, Israel possuindo sua herança. 20 é uma repetição e ampliação que você pode dizer, dando mais detalhes, “algo sobre os israelitas possuírem terras até Sarepta. Os exilados de Jerusalém estão em Sefarad, possuirão as cidades do Neguebe”, então você obtém mais detalhes no versículo 20.

J. Barton Payne é semelhante, que diz que o versículo 17 se cumpre na volta do exílio babilônico, é onde a casa de Jacó possuirá sua herança. Versículo 18, casa de Jacó, casa de José, devem retornar em cumprimento do exílio. 18b a 21a, onde você tem todos esses diferentes territórios sendo ocupados, essas conquistas foram realizadas, na opinião de Payne, no segundo século aC, quando o norte de Judá e Benjamim eram o núcleo a partir do qual os judeus sob os Macabeus pressionaram nas áreas indicadas pelo profeta. Os salvadores, ou libertadores, do versículo 21, são humanos, não messiânicos. Judas e seu sobrinho João Hircano são os libertadores, que subirão ao monte Sião para governar as montanhas de Esaú. Mas Payne acreditava que a maior parte disso foi cumprida no período intertestamentário. Payne então traça uma linha entre 21A e 21B. E em 21B, ele diz que “o reino será de Yahweh” é cumprido na futura era messiânica. Então, você se move daquele período intertestamentário, tempo dos Macabeus em 21A, para o fim dos tempos escatológicos, em 21B, “O reino será do Senhor”. Minha pergunta é por que não usar 21B no sentido menos absoluto? Ou seja, na ação dos salvadores ou libertadores se você os entende como uma referência aos Macabeus, por que não entender 21B “O reino será do Senhor” como a soberania de Deus sendo manifestada nas realizações dos Macabeus?

Assim, Aalders e J. Barton Payne veem 17-21 como algo, pelo menos com exceção de 21B, como já cumprido. Em vez disso, com algum tipo de sentido espiritual que essas palavras levam a uma compreensão bastante literal do que está

sendo descrito. Agora, o interessante é que Aalders é um amilenista. Você pode esperar que os Aalders entendam isso como uma descrição da Igreja, em um sentido espiritual, da mesma forma que a maioria dos amilenistas fazem. Mas ele não. Payne é um pré-milenista. Você pode esperar que Payne entenda dessa maneira.

Mas observe o que Aalders faz neste ponto. Ele é um amilenista, mas acha que isso se cumpre no período intertestamentário. Ele diz: “Devemos levar em consideração a questão da tipologia”. E então vemos no relacionamento de Edom com Israel, o relacionamento do mundo com a igreja de Cristo. Assim como aqui um forte julgamento é pronunciado sobre Edom por sua animosidade contra Jacó, também o mundo sofrerá o julgamento de Deus por sua animosidade contra a Igreja. E como Israel restaurado triunfará sobre Edom, assim triunfará a Igreja sobre todos os que se opuseram a ela. Esaú era exatamente como Jacó, filho de Isaque e neto de Abraão. Mas os edomitas eram os inimigos ferrenhos de Israel. Assim também na nova economia há aqueles nascidos na família da Igreja que mais tarde se tornam seus inimigos mais ferrenhos. Mas Deus fará com que a Igreja triunfe sobre tais inimigos”. Agora você vê, o que Aalders está fazendo lá, ele está dizendo que nessa relação entre Edom e Israel você pode ver um significado tipológico retratando a relação entre a Igreja e o mundo. Parece-me legítimo, você está falando sobre o mesmo tipo de dicotomia ou relacionamento. Ele não está dizendo que 17 a 21 está falando diretamente sobre a Igreja, mas está dizendo que na relação entre Edom e Israel, tipologicamente, podemos ver algo sobre a relação entre a Igreja e o mundo. Agora, entre aqueles que sugerem que devemos ver 17 a 21 como o retorno de Israel à sua posse, Aalders e Payne veem isso como algo já cumprido no período intertestamentário.

3. O outro lado da profecia ainda está para ser cumprido - redistribuição final da terra

B., “O outro lado da profecia ainda está para ser cumprido.” O exemplo é Gaebelein. Ele diz que 17B é a restauração de Israel à terra, “a casa de Jacó possuirá sua herança”, ainda não foi cumprida. Em outras palavras, ele não vê esse cumprimento no período intertestamentário. Embora, e é aqui que sua interpretação não funciona muito bem, ele então no versículo 18, onde diz: “A casa de Jacó será um fogo, a casa de José uma chama, e a casa de Esaú palha,” ele diz que 18 foi cumprido por Judas Macabeu e João Hircano. Então, 18 já está cumprido e quando você chega a 19 e 20, isso também ainda não foi cumprido. Comentários de Gaebelein de 19 e 20, onde você tem a posse de várias partes da terra, ele diz: “Pode-se escrever sobre esses dois versículos, este título, em letras grandes. 'A Redistribuição Final da Terra.'”

Conclusão sobre Obadias 17-21 Como esses versículos devem ser interpretados? Devemos concordar com aqueles que vêem seu cumprimento no passado, ou como muitos outros, devemos desistir de qualquer tentativa de tomá-los como significando o que eles dizem, mas simplesmente espiritualizar detalhes geográficos em uma vaga previsão do domínio da Igreja? Ou, finalmente, temos aqui um breve esboço da solução final de Deus para o problema palestino durante o milênio? Certamente, esta última alternativa é a melhor. Para lido desta forma, os versículos são consistentes com o curso da profecia do Antigo Testamento como um todo. Na discussão dos detalhes, Gaebelein observa que chegaremos a uma conclusão com dificuldade. “Você pode ter certeza de que todos esses detalhes são conhecidos por Deus, ele não esqueceu seu povo disperso, sua aliança com eles é duradoura. Um dia, quando o Messias ocupar o trono de Davi, o emaranhado esquema dessas previsões será desvendado.” Então ele espera o futuro cumprimento dos versículos 19 e 20. Exatamente como, ele não tem muita certeza, mas ainda não foi cumprido. De 21, “Os libertadores sobem ao monte Sião”. Ele diz: “No sentido histórico restrito desta profecia, Obadias está ansioso por uma libertação humana como Zorobabel ou Judas Macabeus, mas esses

salvadores são, na melhor das hipóteses, um prenúncio do Salvador, que ainda está por vir nos dias de Obadias. , e quem é o segundo retorno glorioso que agora estamos aguardando. Pule um pouco, “Difícilmente é relevante perguntar o que ele quis dizer, mas o que ele viu foi o Salvador do mundo, o Salvador que julgará, o Salvador que é dito pela profecia bíblica: 'O reino do mundo virá veio a ser o reino do Senhor e do seu Cristo'”.

A exegese científica não vê nada desse tipo nessas palavras, mas podemos nos aventurar a dizer que é isso. E em referência a essa última nota na Bíblia Scofield. Há uma nota no versículo 18: “A casa de Jacó será uma casa de fogo, a casa de José uma chama, a casa de Esaú de palha”, dizendo: “Edom será revivida nos últimos dias.” Lembra que falamos sobre isso com uma terminologia datada culturalmente? Isso leva a terminologia datada culturalmente aos seus limites e diz, as nações que são mencionadas, essas mesmas nações estarão envolvidas no momento do cumprimento.

Então você tem uma série de questões interpretativas com uma passagem como esta, há muitas passagens como esta nos livros proféticos, é mais ou menos o que você encontraria em qualquer lugar, em 17 a 21. O que você faz com elas? Está falando da Igreja em um sentido espiritual, está falando em um sentido mais literal, e se já foi cumprido, ou ainda está para ser cumprido? Estou inclinado a cair nesse sentido mais literal, mas da maneira que os Aalders e Payne fazem, e dizer que foi cumprido no período intertestamentário, particularmente com as atividades dos Macabeus.

Comentários finais sobre Obadias Vá para a última página deste, apenas alguns comentários finais. Obadias é um livro profético notável. Merece muito mais atenção do que normalmente recebe. Paul Raabe captura seu significado no primeiro parágrafo de seu Anchor Bible Commentary on Obadiah, acho que esse parágrafo meio que reúne tudo. Ele diz: “O livro de Obadias é o menor livro da Bíblia hebraica, ou do Antigo Testamento, com apenas um capítulo”. Aí, como

you call the Old Testament, the Hebrew Bible, the word is *Tanakh*. “Hebrew Bible” is generally the thing used in academic circles today or in Christian circles, but generally the Jews call it TaNaK, which comes from the Law (Torah), the prophets (Neviim) and the writings (Ketubim). “With only one chapter and 21 verses, it can easily pass unnoticed by Bible readers.” The 21 verses, compared to the 1364 verses of Jeremiah? “Nevertheless, a meticulous study of Obadiah is worth the effort. On the one hand, its small size proves to be advantageous. Readers can keep it in mind and memorize the whole book without much difficulty. This allows them to see the whole forest without getting lost among the trees, something that cannot be done so easily with a large book. Besides, Obadiah flows in the main current of the prophetic tradition of Israel, a characteristic that has not always been recognized. This small book summarizes with elegance many of the great prophetic themes, such as the divine judgment against the enemies of Israel, in this case Edom, the Day of the Lord, the Day of the Lord.” We talk about this briefly, “the Lex talionis as the standard of judgment, as you did, so you will do with you, the metaphor of the chalice of wrath, the theology of Zion, ‘in Mount Zion there will be liberation’, the possession of Israel of the land, ‘Israel will inherit its inheritance’, and the reign of the Lord, ‘the kingdom will be of the Lord’ at the end of the book. This is a notable collection of themes that are developed elsewhere with more details, but flow through the prophetic books. Thus, the book serves as a concise epitome of a large part of the message of the prophets. It also illustrates the nature of prophetic discourse. It is poetry and prose, both types of discourse, such as judgment, accusation, warning and promise, and is rhetorical. It exemplifies especially the oracles against the nations, a category that occupies a large part of the corpus of the last prophets, with numerous prophecies in Isaiah, in Jeremiah, against the pagan nations, against the unjust Israel. Therefore, paying attention to the little book of Obadiah should be a gratifying experience for serious Bible students.” Then, I think that it summarizes very well here the importance of this book that, I think, is generally

negligenciamos e ignoramos.

Em Obadias, meu próprio comentário aqui, também temos uma visão notável do futuro no curto espaço de 21 versículos. Profecias significativas, um julgamento sobre Edom. Duas destruições de Jerusalém, que não são mencionadas pelo nome, mas me parece que é o que vem à tona em 12 a 14, e um aviso para o futuro. A dispersão de Israel e Judá é sugerida no versículo 20, o retorno dos israelitas do exílio e domínio estendido sobre Edom nos tempos dos Macabeus e, por último, talvez o estabelecimento de um futuro reino messiânico de Javé em 21, embora eu esteja inclinado a escolher 21 simplesmente como uma parte dessa seção que é cumprida no período intertestamentário.

joel

A. Autor e Data

Agora vamos passar de Obadias para Joel. Joel, A. é "Autor e data" e B. é "Conteúdo". Então, veremos um pouco sobre autor e data. É provavelmente o mais difícil de todos os livros proféticos até hoje com algum grau de certeza, mas, como você notará neste folheto, ele leva o nome de Joel, filho de Petuel, que você encontra em 1:1, "O palavra do Senhor veio a Joel, filho de Petuel". Mas não sabemos nada sobre a história pessoal de Joel ou Petuel do próprio livro ou de qualquer outro lugar no Antigo Testamento. Portanto, no que diz respeito à data, você só pode chegar a isso por meio de indicações indiretas do livro e inferências dessas indicações indiretas. Por isso é difícil chegar a uma conclusão que todos acreditem. Existem duas posições básicas. Primeiro, a data pós-exílica, após a reconstrução dos muros de Jerusalém sob Neemias, 430 aC ou algo ainda muito mais tarde. Ou, uma data pré-exílica na época do rei Joás 835 aC Optei por essa data pré-exílica, mas não com grande grau de dogmatismo. Vejamos quais são os problemas.

1. Os argumentos para a data pós-exílica Os argumentos para a data pós-exílica,

a., diz-se que versículos como 3:2b, 3, 5, 6 e 17 só poderiam ter sido escritos após a destruição de Jerusalém em 586 e, portanto, Joel profetizou após este evento. Agora, esses versículos, 3:2b dizem: “Eles espalharam meu povo entre as nações e repartiram minha terra”. Versículo 3: “Lançaram sortes sobre o meu povo, trocaram meninos por prostitutas, venderam meninas por vinho.” Versículo 5: “Você pegou minha prata e meu ouro e levou meus melhores tesouros para seus templos.” Versículo 6: “Vós vendestes aos gregos o povo de Judá e de Jerusalém, para os enviar para longe de sua terra natal” e 17: “Então sabereis que eu, o Senhor vosso Deus, habito em Sião, meu santo monte. . Jerusalém será santa, nunca mais estrangeiros a invadirão”. O argumento é que declarações como essa só poderiam ter sido escritas após o exílio babilônico de 586 aC Mas em conexão com isso, porque os primeiros capítulos pressupõem a existência de um templo e serviço no templo, deve ser posterior a Ageu e Zacarias. Em outras palavras, não apenas após 586, mas também após o retorno do exílio e o restabelecimento do serviço no templo.

Não creio que seja tão certo que o capítulo 3 pressupõe os eventos de 586. Deve-se notar que não há nada dito sobre a destruição do templo e da cidade. A presença de estrangeiros em Jerusalém, a pilhagem de prata e ouro, a tomada de prisioneiros podem ter acontecido em conexão com vários desses incidentes, desde a invasão de Shishak até a dos filisteus e árabes, até a dos dias de Jeorão. Mas, mais importante, e acho que esse é realmente o problema, também é possível considerar a referência em 3:2b como uma referência profética à atual diáspora de Israel, que começou com a destruição de Jerusalém em 70 dC. entrarei em juízo contra eles, a respeito de minha herança, meu povo Israel, porque eles espalharam meu povo,” quem são os “eles”? Isso é “as nações”, remonta a 3:1, “Naqueles dias, naquele tempo, quando destruí as riquezas de Judá e Jerusalém, reunirei todas as nações, as farei descer ao vale de Josafá e entrarei em julgamento contra eles acerca da minha herança, meu povo Israel, porque espalharam o meu povo entre as nações”. Isso pode ser profético, muitos sustentam. Mas esse é um

argumento, essas declarações só poderiam ter sido escritas depois de 586.

2, Existem alguns argumentos do silêncio Então b., existem alguns argumentos do silêncio. Os argumentos do silêncio geralmente não são muito convincentes. Mas 1., a profecia diz respeito a Judá e Jerusalém”, essa é a linguagem usada, por exemplo, em 3:20, onde diz “Judá será habitada para sempre, Jerusalém, por todas as gerações”.

a. Nenhuma referência explícita em Joel ao reino do norte E argumenta-se que não há nenhuma referência explícita em Joel ao reino do norte. Argumenta-se que, se o Reino do Norte ainda existisse, seria de esperar alguma referência a ele. A conclusão é que o Reino do Norte já havia sido destruído. Onde o termo “Israel” é usado, o que é, deve ser entendido como uma referência ao Reino de Judá, em 2:27, 3:2 e 16, mas como EJ Young aponta em sua Introdução ao *Antigo Testamento*: “Não houve na profecia nenhuma ocasião particular para usar o nome do Reino do Norte”. Em outras palavras, o nome de Israel pertencia tanto ao Reino do Sul quanto ao Reino do Norte; não há distinção entre eles como você encontra em outro lugar às vezes, Efraim, e Judá, o Reino do Norte, você não encontra isso em Joel. Mas quanto você pode fazer disso?

b. Nenhuma menção ao rei Um segundo argumento do silêncio é que não há menção ao rei. Mas há várias referências aos anciãos, 1:2, 1:14 e 2:16. Joel, 1:2 diz: “Ouçam isto, vocês, anciãos.” Em 1:14, “Convoque os anciãos e todos os que vivem na terra”, e 2:16, “Reúna o povo, consagre a assembléia, reúna os anciãos, reúna as crianças”. Agora, parece-me que em ambos os argumentos, nenhuma distinção é feita entre Efraim e Judá, nenhuma referência ao rei, eles são argumentos do silêncio e compartilham fraquezas de todos esses argumentos. As profecias pré-exílicas de Naum e Habacuque também não mencionam o rei. As referências aos anciãos, você encontra em todos os períodos da história de Israel.

Além disso, não está totalmente claro se essas referências são referências ao escritório ou simplesmente a homens mais velhos. Parece-me que se você olhar para 2:16, provavelmente são apenas homens mais velhos, porque diz: “Reúna as pessoas, consagre a assembléia, reúna os anciãos,” e veja o que segue, “reúna as crianças. As que amamentam, deixe o noivo sair de sua câmara, deixe os sacerdotes e ministros. São apenas diferentes categorias de pessoas, não necessariamente o escritório. Portanto, não tenho certeza se você pode dizer que nenhuma menção ao rei e as poucas referências aos anciãos significam que você deve colocar isso no tempo em que não havia rei.

C. Nenhuma distinção entre Efraim e Judá – as chamadas seções apocalípticas

Um terceiro argumento, depois daquelas referências no capítulo 3 que pressupunham que 586 já havia acontecido, nenhuma distinção entre Efraim e Judá, e nenhuma referência a um rei é c., a presença de as chamadas seções apocalípticas. Isso é apontado por alguns, embora, geralmente, não por evangélicos, mas em comentários convencionais você encontrará isso fortemente enfatizado, como evidência de uma data posterior. Agora, quais são algumas das características apocalípticas? O termo “apocalíptico” significa divulgação ou revelação. Isso é usado em Apocalipse 1:1, “O apocalipse de João”. Foi emprestado e aplicado a um gênero de literatura judaica que floresceu de cerca de 200 aC a 100 dC. isso incluiria, por exemplo, Isaías 24-27, o “apocalipse de Isaías”, que é uma seção de Isaías que tem semelhanças com o que é caracterizado como literatura apocalíptica. Se toda a literatura apocalíptica está atrasada, então Isaías 24-27 está atrasado e não é de Isaías, e Joel está atrasado.

No entanto, não acho que seja tão simples assim. Acho que uma distinção deve ser feita entre o que você pode chamar de literatura apocalíptica bíblica e não-bíblica posterior. Há uma categoria de literatura apocalíptica não-bíblica que floresceu naquele período tardio de cerca de 200 aC a 100 dC O próximo parágrafo é um parágrafo da *Introdução ao Antigo Testamento de RK Harrison* ,

descrevendo as características da literatura apocalíptica não-bíblica posterior. Observe o que ele diz: “O material visionário de Daniel tem sido freqüentemente descrito em termos de 'apocalipticismo', que é popularmente entendido como tendo se originado no zoroastrismo, a religião da antiga Pérsia, e abrangendo uma crença dualística, cósmica e escatológica. em dois poderes cósmicos opostos, Deus e o maligno, e em duas eras distintas, a atual, que se acredita estar sob o poder do maligno, e a futura era eterna na qual Deus derrubará o poder do mal e reinar supremo com seus eleitos sob condições de justiça eterna. Embora essa abordagem tenha elementos em comum com o pensamento de certos escritores do AT, é importante que se faça uma distinção entre apocalíptico bíblico e não-bíblico”, que penso ser o problema aqui, e queremos “evitar interpretar As Escrituras canônicas pensavam que isso ocorreu na literatura apócrifa e pseudepigráfica judaica de um período subsequente ou que era totalmente estranho ao pensamento do judaísmo. A esse respeito, deve-se notar que os profetas de Israel colocaram a redenção final dos eleitos neste mundo. Embora a nova ordem a ser estabelecida pela vinda do reino divino seja contínua com as atuais sequências do mundo, seria diferente porque o sofrimento, a violência e o mal estariam ausentes de cena.

Discurso sobre literatura apocalíptica e suas características H aqui uma enorme quantidade de literatura sobre literatura apocalíptica. Se você olhar em sua bibliografia sob este título, existem algumas referências se você quiser se aprofundar nisso. Há um volume mencionado por Leon Morris sobre literatura apocalíptica. No segundo parágrafo de Morris no folheto, ele aponta que a literatura apocalíptica é declaradamente reveladora. Em outras palavras, afirma estar dando revelação. É pseudônimo, ou seja, não sabemos quem são os verdadeiros escritores, mas eles têm nomes falsos como Enoque, o Testamento de Moisés, 2 Esdras, o Apocalipse de Abraão, escritos desse tipo. Portanto, é declaradamente revelador, pseudônimo e contém muito simbolismo.

Ele também observa que é caracterizado por esses quatro conceitos

dominantes: dualismo, pessimismo, determinismo e passividade ética. Agora, o que Morris quer dizer com dualismo, pessimismo, determinismo e passividade ética?

Dualismo: A literatura apocalíptica não-bíblica tardia expressa um dualismo escatológico envolvendo um forte contraste entre a era atual e a era por vir. O presente e o futuro eram vistos como não relacionados. Por que? O problema é que Israel recebeu e guardou a lei de Deus. Por que, então, eles estão sofrendo? Não pode ser obra de Deus, a única resposta é que os caminhos de Deus são inescrutáveis. Ele acabará por corrigir a situação, mas o ato redentor final não tem relação com o presente. A presente era está sob o poder do maligno. Portanto, há aquele contraste entre a era presente, que está sob o poder do maligno, e a era por vir.

Pessimismo: A literatura apocalíptica era pessimista sobre as coisas. Deus havia abandonado esta era ao sofrimento e ao mal. É a única explicação possível para a situação atual dos judeus.

Determinismo: Há pouca ênfase em um Deus soberano que está agindo na história para realizar seus propósitos; ao contrário, o próprio Deus está esperando a passagem dos tempos que ele decretou.

Passividade ética: Como os escritores apocalípticos viram, o problema em seus dias não era a necessidade de arrependimento nacional. Falta a exortação ética, porque há uma perda do senso de pecaminosidade. O problema dos apocaliptas é que Israel guarda a lei e, portanto, é justo, e ainda assim eles podem sofrer. Em contraste, os profetas apelam continuamente a Israel para que se arrependa, para que se volte para Deus. Portanto, há uma grande distinção entre a literatura escatológica profética e essa literatura apocalíptica tardia. Essa literatura apocalíptica tardia envolve essas ideias de dualismo, pessimismo, determinismo e passividade ética.

Com isso em mente, parece-me, não há base para classificar Joel como literatura apocalíptica do tipo que justificaria usar esse tipo literário como base

para uma data posterior. Em outras palavras, esse argumento me parece inválido. Tudo o que pode ser dito é que o elemento escatológico é proeminente no livro de Joel. Isso é verdade, e há algumas imagens no livro de Joel, especialmente imagens dos gafanhotos no capítulo 2. Mas isso em si não é motivo para datá-lo tarde, especialmente para aqueles que aceitam a autenticidade do pequeno apocalipse de Isaías em Isaías 24 -27, que foi escrito no século 8^{aC} Então, esses são argumentos para uma data posterior, esse último argumento sobre o caráter apocalíptico do livro realmente vem mais de estudiosos não evangélicos do que de evangélicos. Então você fica com essas referências no capítulo 3, a falta de referência a um rei e a falta de distinção entre Efraim e Judá. Portanto, esses não são argumentos fortes.

C. A Data Pré-exílica de Joel a. As nações mencionadas se encaixam nos tempos pré-exílicos. Vamos olhar rapidamente para a data pré-exílica. Aqueles que optam por uma data pré-exílica geralmente colocam o livro no tempo de Joás por volta de 835 aC Carta a., As nações mencionadas no capítulo 3 como inimigos se encaixam melhor em um período pré-exílico do que nos tempos pós-exílicos. Assíria e Babilônia não são mencionadas. Aqueles que são mencionados são os fenícios, filisteus, egípcios e edomitas. Os filisteus no versículo 4, os egípcios no versículo 19 e os edomitas no versículo 19. Em outras palavras, as nações inimigas mencionadas no capítulo 3 são os primeiros inimigos pré-exílicos de Judá.

b. A ausência de um rei e a proeminência dos sacerdotes Ponto b., a ausência de um rei e a proeminência dos sacerdotes. Algumas referências aos sacerdotes podem apontar para a época em que Joás, quando jovem, governou sob a regência do sumo sacerdote. Lembre-se, ele assumiu o trono quando criança, e o sumo sacerdote era realmente a autoridade governante. Embora, novamente, isso seja uma inferência, não há conexão direta de nenhuma declaração no livro de Joel para aquela época.

c. A posição do Livro na Ordem dos Profetas Menores Ponto c., posição do livro e a ordem dos profetas menores. Embora este não seja um argumento decisivo, lembre-se de que falamos sobre a ordem anteriormente. O que está claro é que Ageu, Zacarias e Malaquias, os três últimos, são pós-exílicos. Se isso é pós-exílico, por que não é colocado com Ageu e Zacarias? Mas, novamente, por que a ordem é do jeito que é? São apenas esses três últimos que parecem ter um princípio cronológico.

O argumento de passagens paralelas de outros profetas é usado para datar. Aqueles que tentam usar isso encontram alguns paralelos em Amós e alguns outros profetas e então argumentam que Joel é primário, os outros secundários, mas acho extremamente difícil usar esse argumento. Como diz Driver, “nada é mais difícil (exceto em circunstâncias especialmente favoráveis) do que uma mera comparação de passagens paralelas para determinar de que lado está a prioridade”. Então, não acho que seja um argumento forte.

Conclusão: Não há Base Decisiva para Fixar a Data de Joel Isso nos leva a uma conclusão; não há base decisiva para fixar a data de Joel. Não vejo nenhuma razão urgente para situar o livro nos últimos tempos pós-exílicos. Parece enquadrar-se nos tempos pré-exílicos; Sugiro isso, mas certamente não pode ser provado. Portanto, acho que devemos deixar isso como uma questão em aberto. Mas estou inclinado a sugerir o período anterior, durante o reinado de Joás, por volta de 835 aC, e não mais tarde, durante o período pós-exílico.

Isso nos leva a B., “O conteúdo do livro” e começaremos com isso na próxima vez.

Transcrição de Caroline Meditz
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 18

Estrutura e Conteúdo de Joel

B. Conteúdo de Joel

1. Relação de Joel 1 com Joel 2: Freeman

Quando você chega ao conteúdo de Joel, uma questão importante que você deve resolver é a questão da relação entre o capítulo 1 e o capítulo 2. Na *Introdução aos Profetas do Antigo Testamento, de Hobart Freeman*, ele fala sobre várias abordagens do livro centradas na interpretação da relação dos dois primeiros capítulos. Ele dá três pontos de vista listados aqui como ab e c.

a. Interpretação Apocalíptica a. é a que ele adota e acho que uma visão que parece se encaixar melhor no livro do que as outras. Ele rotula isso de “a interpretação apocalíptica”. O que essa visão dá é uma compreensão do capítulo 1 como sendo literal e do capítulo 2 como sendo figurativo, se você resumir. Como digo aqui no folheto, tal abordagem considera o capítulo 1 como uma descrição literal de uma praga de gafanhotos real que recentemente devastou a terra. Então Joel usa essa descrição para imagens apocalípticas no capítulo 2, onde ele descreve uma futura invasão de Judá por seus inimigos nos últimos dias. Portanto, o capítulo 1 seria literal e o capítulo 2 seria uma extensão figurativa usando a imagem dos gafanhotos para descrever um evento escatológico.

b. Interpretação alegórica A segunda visão b. leva ambos os capítulos figurativamente. Freeman chama isso de “uma alegórica” em oposição a uma visão “apocalíptica”. Leva ambos os capítulos figurativamente e vê neles descrições de uma série de ataques inimigos em sua história futura. Os quatro tipos de gafanhotos mencionados em 1:4, onde você lê: “O que o enxame de gafanhotos deixou, os grandes gafanhotos comeram, o que os grandes gafanhotos deixaram, os gafanhotos jovens comeram o que os gafanhotos jovens deixaram, o outro os

gafanhotos comeram.” Isso é visto como quatro invasões de Israel. Os quatro tipos de gafanhotos representam Assíria, Babilônia, Grécia e Roma. O capítulo 2 é descritivo do fim dos tempos e do estabelecimento do reino milenar, mas ambos os capítulos são figurativos.

c. Visão Literal Uma terceira visão c. consideraria ambos os capítulos como literais e essa seria a “visão literal”. Tanto o capítulo 1 quanto o capítulo 2 descrevem graves pragas de gafanhotos. A do capítulo 2 é mais severa do que a do capítulo 1, pois é aquela que dará início ao Dia do Senhor no futuro.

Então, acho que essas são categorias úteis, tanto figurativas quanto literais ou uma combinação de figurativo e literal. Sendo o último na designação de Freeman “apocalíptico”, tanto o figurativo é “alegórico” quanto o literal, ele chama de “literal”. Ridderbos vê ambos como literais. Capítulo 1 a devastação do campo, capítulo 2 entrada da praga na cidade. Mas no capítulo 2 ele sente que há uma fusão da praga dos gafanhotos com o Dia do SENHOR, de modo que algumas das referências apontam além do presente desastre para um grande julgamento futuro. Em outras palavras, a visão de Ridderbos estaria a meio caminho entre a visão apocalíptica e a literal de Freeman.

2. Abordagem de Bullock Olhe para a próxima página em seu folheto. Você já leu Bullock sobre isso. Mencionei lá que Bullock categoriza os métodos de interpretação de Joel de maneira diferente. Ele dá três respostas à questão de saber se os gafanhotos em 1:1-2:17 devem ser vistos como históricos. Voltaremos a essa forma de dividir o livro 1:1-2:17. Ele realmente considera 1:1-2:17 como uma unidade. Ele não faz uma pausa entre os capítulos 1 e 2. Ele coloca a pausa no meio do capítulo 2. Mas ele dá três respostas para a questão de saber se os gafanhotos devem ser usados de forma literal ou não . 1. é o literal histórico para descrever a praga de gafanhotos que ocorreu durante a vida de Joel. 2. é alegórico - os gafanhotos são uma alegoria dos exércitos invasores contra Babilônia, Pérsia,

Grécia e Roma. O terceiro é “apocalíptico”. Ele usa o apocalíptico de maneira diferente de Freeman. Na visão de categorias apocalípticas de Bullock, ele diz que é escatológico - não invasores terrestres, mas invasores extraterrestres que anunciam o Dia do SENHOR. Não sei de onde ele tirou essa visão. Ele diz que não é amplamente aceito e não documenta quem tem essa opinião. Não tenho certeza de quem tem essa opinião. Ele não cita ninguém que o defenda. Só para não confundir esses rótulos de Bullock e Freeman. Acho que as categorias de Freeman são mais úteis do que as de Bullock. Então essa é uma pergunta antes de você realmente começar a olhar para o texto. Como você vê a relação entre o capítulo 1 e o capítulo 2?

3. Estrutura de Joel e o Dia do Senhor Há uma segunda questão que também é importante como consideração preliminar e que é a seqüência cronológica no fluxo do material através do livro. Quais são as relações temporais dos eventos nas várias seções do livro? A obscuridade neste ponto é um dos fatores que complica a compreensão da estrutura do livro e, por sua vez, pode afetar a interpretação do livro. Muitos intérpretes, incluindo Bullock, dividem o livro em 2:17 produzindo duas seções principais, 1:1-2:17 e 2:18 até o final, 3:21. A primeira parte do livro é vista como uma lamentação sobre as pragas de gafanhotos e o julgamento divino. A segunda parte do livro é vista como descritiva de uma mudança de fortuna para uma bênção futura resultante do arrependimento. Bullock e alguns outros que entendem essa estrutura do livro, veem um importante ponto de divisão entre 2:17 e 2:18. A segunda parte do livro é uma mudança na sorte e uma bênção futura como resultado de um suposto arrependimento entre 2:17 e 2:18. A meu ver, enquadrar a estrutura do livro dessa maneira obscurece a relação entre três unidades distintas do livro.

Deixe-me dar uma sugestão alternativa ao que Bullock está sugerindo no que diz respeito à estrutura. É minha opinião que ao analisar a estrutura do livro é importante notar que 2:10 e 11 e 2:31 e 3:15 dão um sinal semelhante para o Dia

do Senhor que é referido em 2:1 como chegando. Agora vamos olhar para esses três textos. 2:10 e 11 diz: “Diante deles a terra treme, o céu estremece, o sol e a lua escurecem, e as estrelas não brilham mais. O Senhor troveja à frente do seu exército; suas forças são inumeráveis, e poderosos são aqueles que obedecem ao seu comando. Grande é o dia do Senhor; é terrível. Quem pode suportá-lo?” Você tem uma referência aqui ao Dia do Senhor. Em conexão com a vinda do Dia do SENHOR, você tem estes sinais cósmicos: o sol e a lua escurecem e as estrelas não brilham mais, o dia do SENHOR é grande. Isso é 2:10 e 11.

Veja 2:31, “O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR.” O dia do SENHOR vem com sinais cósmicos em 2:31. Joel 3:14b diz: “Pois o dia do Senhor está próximo no vale da decisão. O sol e a lua escurecerão, e as estrelas não brilharão mais. O Senhor rugirá de Sião e trovejará de Jerusalém”. Mais uma vez o Dia do Senhor é acompanhado pelo escurecimento do sol e da lua. Então nessas três referências espalhadas pelo livro de Joel, parece que você tem uma referência ao mesmo Dia do SENHOR. São as mesmas palavras.

Agora, parece-me que isso sugere que o Dia do Senhor mencionado nesses três lugares deve ser entendido como o mesmo dia historicamente. Se isso for verdade, significa que há três relatos paralelos deste “dia” em três seções diferentes do livro. Esses três relatos da vinda do Dia do SENHOR podem ser vistos como complementares entre si, enfatizando três aspectos diferentes do mesmo assunto. Parece-me que está no cerne da questão: como está estruturado o livro?

3. A Estrutura de Joel de Vannoy

a. Joel 1:1-20 Praga de Gafanhotos Olhe então para 3 em seu esboço ali. O livro se divide em duas seções e essa divisão não está em 2:17 e 18, mas se divide em duas seções. O número romano I, é o capítulo 1:1-20a - descrição de uma

praga de gafanhotos contemporânea. Entendo isso como uma praga de gafanhotos literal que aconteceu durante o ministério de Joel, e ele interpreta isso como um julgamento do Senhor e faz um chamado ao arrependimento.

A segunda seção do livro começa em 2:1 e vai até o fim. O que você encontra na segunda seção do livro são três descrições do vindouro Dia do Senhor e essas três descrições se complementam. Eles abordam diferentes aspectos da vinda do Dia do Senhor.

b. Joel 2:1-27: Dia do Senhor usando imagens de Locus Você tem três, por assim dizer, descrições paralelas do Dia do Senhor. Em 2:1-27 o dia do Senhor é descrito na imagem dos gafanhotos e da seca presentes. Em outras palavras, Joel pega a linguagem do capítulo 1 em que ele descreve uma praga de gafanhotos literal e a usa para falar do escatológico Dia do SENHOR.

c. Joel 2:28-31 O Espírito Santo e o Dia do Senhor Em 2:28-32, que se você olhar em sua Bíblia hebraica, encontrará um capítulo separado. No Texto Massorético é o capítulo 3. Em outras palavras, no hebraico 2:28-32 é distintamente separado da parte anterior 2:1-27. Em 2:28-32 você tem a promessa da vinda do Espírito Santo que precederá o Dia do Senhor. Essa é aquela passagem bem conhecida citada no livro de Atos 2, “Eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne” e que o derramamento do Espírito sobre toda a carne precederá o Dia do Senhor. Portanto, aqui está uma segunda descrição da vinda do Dia do Senhor que se concentra em um aspecto diferente dele.

d. Joel 3:1-21 Julgamento das Nações e Salvação do Povo de Deus: Dia do Senhor

Então , uma terceira descrição da vinda do Dia do SENHOR é 3:1-21. No texto massorético também é um capítulo separado, é o capítulo 4, que fala do julgamento das nações e da salvação do povo de Deus em conexão com a vinda do Dia do SENHOR.

e. Resumo da Estrutura de Joel Então, parece-me que estruturalmente no livro de Joel, você tem o capítulo um: descrição da praga de gafanhotos. Então, do capítulo 2 até o fim, há três descrições paralelas da vinda do Dia do Senhor. Você chega a essa conclusão por causa da linguagem de 2:10 e 11, 2:31 e 3:15, todos descrevendo a vinda do Dia do Senhor na mesma linguagem. Voltaremos à estrutura quando entrarmos no conteúdo e examinarmos 2:17 e 18 com aqueles que desejam dividir o livro em duas seções em 2:17 e 18, o que obscurece essa ideia de três descrições paralelas do próximo Dia de o Senhor.

4. Comentários sobre o Conteúdo: a. Joel 1:1-20 Descrição da Atual Praga de Gafanhotos Quatro são alguns comentários sobre o conteúdo. a. é 1:1-20. Esse é o numeral romano I no esboço, “Descrição da atual praga de gafanhotos”. O que você encontra no capítulo 1 é uma descrição de uma praga de gafanhotos na época de Joel, mas não apenas uma praga de gafanhotos. A praga de gafanhotos foi combinada com seca e fogo. Veja o versículo 12: “Secou-se a videira e murchou-se a figueira; a romãzeira, a palmeira e a macieira, todas as árvores do campo, secaram. Certamente a alegria da humanidade se desvaneceu.” Veja o versículo 20: “Até os animais selvagens suspiram por vocês; as correntes de água secaram e o fogo devorou os pastos abertos”. O versículo 19 também diz: “O fogo devorou o pasto aberto, as chamas queimaram todas as árvores do campo”. Portanto, a descrição desse julgamento é uma combinação de praga de gafanhotos, sim, mas também de seca e fogo. O fogo geralmente acompanha a seca. Você precisa morar na Califórnia para experimentar isso. Mas parece-me que em 1:1-20 Joel está descrevendo uma verdadeira praga de gafanhotos e seca, ao contrário de alguns que vêem apenas simbolismo e alegoria. Ele interpreta isso como o julgamento de Deus e, como tal, é um chamado ao arrependimento e, nessa perspectiva, é uma manifestação do Dia do Senhor. No versículo 15, “Ai daquele dia! Pois o dia do Senhor está próximo”. A NVI diz: “Virá como destruição do Todo-Poderoso”.

Isso pode ser traduzido no presente em vez do futuro. “Vem como destruição do Todo-Poderoso.” Esta praga de gafanhotos é uma manifestação do dia.

É essa perspectiva de que esse julgamento é uma manifestação do Dia do SENHOR que permite a Joel passar da situação atual para o princípio escatológico. Deus virá em julgamento sobre todos os que não se arreenderem e invocarem o nome do Senhor. Portanto, parece-me que é isso que está acontecendo no primeiro capítulo.

Quatro termos para gafanhotos Vejamos alguns dos versículos. O versículo 4 é aquele versículo que menciona quatro tipos diferentes de gafanhotos: “O que o enxame de gafanhotos deixou, os grandes gafanhotos comeram; o que os grandes gafanhotos deixaram, os gafanhotos jovens comeram; o que sobrou dos gafanhotos novos, outros gafanhotos comeram”. Quatro palavras hebraicas diferentes para gafanhotos. O que você faz com isso? Alguns sugeriram que a referência é aos estágios da vida dos gafanhotos. O problema com isso é que em 2:25 você tem os mesmos quatro termos usados, mas eles são usados em uma ordem diferente. Em 2:25, “Eu retribuirei pelos anos que os gafanhotos comeram - o grande gafanhoto e o jovem gafanhoto, os outros gafanhotos e o enxame de gafanhotos - meu grande exército que enviei entre vocês”. Se forem estágios de crescimento, você pensaria que a ordem seria a mesma. Portanto, não estou inclinado a pensar que são estágios de crescimento.

O interessante é que existem nove palavras em hebraico para gafanhotos. O hebraico tem um rico vocabulário para gafanhotos. Inglês, tanto quanto eu sei, só tem uma palavra. Não há equivalente em português para essas distinções nessas palavras hebraicas. E exatamente qual é a distinção, não tenho certeza. Mas não vejo nas quatro palavras aqui nenhuma base para a visão alegórica de ver Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma ou Assíria, Babilônia, Grécia e Roma.

Descrição da Devastação Agora vamos ver os versículos 5, 9 e 13. O versículo 5 diz: “Acordem, bêbados, e chorem! Gemei, todos os bebedores de vinho; lamentai

por causa do vinho novo, porque foi arrebatado de vossos lábios”. Versículo 9: “As ofertas de cereal e as libações foram cortadas da casa do SENHOR”.

Versículo 13: “Vistam-se de sacos, ó sacerdotes, e pranteiem; lamentai, vós que ministras diante do altar. Venha, passe a noite em pano de saco, você que ministra diante do meu Deus; pois as ofertas de cereal e as libações são retidas da casa do seu Deus. Os versículos 5, 9 e 13 nos dizem que a praga foi tão destrutiva que não havia vegetação suficiente para as ofertas de manjares e libações do templo. Não havia vinho novo, a terra estava deserta.

Na edição de dezembro de 1915 da National Geographic, há uma descrição de um tipo semelhante de praga de gafanhotos que atingiu a Palestina. Há uma descrição de uma testemunha ocular do que o autor desse artigo observou na devastação de uma praga de gafanhotos em 1915. Não vou ler tudo, mas os paralelos são interessantes. A quantidade de destruição que esses enxames de gafanhotos podem causar à vegetação é incrível. Então, acho que Joel está descrevendo esse tipo de praga.

Chamado ao Arrependimento Nos versículos 13 e 14, à luz desse julgamento, Joel conclama o povo a se arrepender e clamar a Deus. Versículo 13: “Vistam-se de sacos, ó sacerdotes, e pranteiem; lamentai, vós que ministras diante do altar. Venha, passe a noite em pano de saco, você que ministra diante do meu Deus; porque as ofertas de cereais e as libações são retidas da casa do teu Deus. Declare um santo jejum; convocar uma assembléia sagrada. Chame os anciãos e todos os moradores da terra à casa do Senhor, seu Deus, e clame ao Senhor”. Ele pede oração e jejum, um retorno ao Senhor. Ele entende que esse desastre é um ato de Deus. Deus age na história de Israel não apenas abençoando, mas também julgando. Aqui estava a atualização das maldições da aliança em Deuteronômio 28:38 e 42. Volte para Deuteronômio 28:38 : “Semearás muita semente no campo, mas colherás pouco, porque os gafanhotos a devorarão.” Essa é uma das maldições da aliança. Quando você se afasta do SENHOR, pode esperar que certas coisas

aconteçam. Versículo 42, “Enxames de gafanhotos tomarão conta de todas as suas árvores e das colheitas de sua terra.” Então Joel é a realização dessa maldição da aliança.

O interessante em Joel - volte ao capítulo 1, versículo 3: “Conte isso a seus filhos, e deixe seus filhos contarem a seus filhos e seus filhos para a próxima geração”. Em outras palavras, esses atos poderosos de Deus não são apenas atos de libertação e salvação, como na época da Páscoa do Êxodo, quando Israel deveria se lembrar disso e contar aos filhos através das gerações. Aqui você deve se lembrar do julgamento de Deus e contá-lo a seus filhos através das gerações.

O versículo 15, sobre o qual já fiz um comentário, diz: “Ai de hoje! Porque o dia do Senhor está próximo; virá como destruição do Todo-Poderoso”. Joel vê o Dia do SENHOR próximo. Parece que ele vê o Dia do Senhor consistindo em uma praga contemporânea de gafanhotos ou talvez um prenúncio de sua vinda. Visto desta forma, é um julgamento divino provisório que se destina a apontar para o grande dia que está por vir. Então, parece-me que é isso que está acontecendo no capítulo um.

Joel 2:1-3:21 3 Descrições do Dia do Senhor

Passamos para a segunda seção do livro, que é 2:1 a 3:21, na qual você tem essas três descrições paralelas da vinda do Dia do Senhor - o escatológico Dia do Senhor em contraste com este divino provisório. julgamento no capítulo 1.

Joel 2:1-27 Dia do Senhor usando imagens de gafanhotos

E a primeira dessas três descrições está em 2:1-27, que é a maior parte do capítulo 2 com exceção dos versículos 28-32, que como já mencionei é um capítulo separado na Bíblia Hebraica. Então Joel 2:1-27 o Dia do SENHOR descrito nas imagens da atual praga de gafanhotos do capítulo 1. Essa é a questão da relação do capítulo 1 e capítulo 2 que se encaixa com a interpretação apocalíptica onde você passa do literal para o figurativo ou linguagem simbólica

no capítulo 2.

Versículos 1-11. No capítulo 1, a imagem da praga de gafanhotos é descrita como algo que já ocorreu. No capítulo 2 a descrição é de algo em processo. Os tempos perfeitos dos verbos no capítulo 1 são substituídos na maior parte, especialmente em 2:3-9 por imperfeitos no capítulo 2. O capítulo 2, portanto, fala de algo que acontecerá ou está em processo de acontecer. Há uma mudança do tempo dos verbos. No capítulo 2, os gafanhotos parecem ter se tornado símbolos escatológicos representando invasores humanos.

Freeman examina a expressão “o invasor do norte” no versículo 20 em conexão com isso. Em 2:20 você lê: “Vou expulsar o exército do norte para longe de você, empurrando-o para uma terra árida e estéril, com suas colunas da frente indo para o mar oriental e as da retaguarda para o mar ocidental. E seu mau cheiro aumentará; seu cheiro aumentará. Comentários de Freeman, “O 'norte' é um termo técnico no Antigo Testamento que frequentemente aparece em passagens de natureza apocalíptica e em tais contextos é sempre um símbolo dos inimigos de Israel. Nesse contexto, também é usado para indicar a direção de onde calamidades e infortúnios vêm sobre a Palestina. Assíria e Babilônia vieram do norte contra a nação hebraica e aparecem nas Escrituras não apenas como inimigos contemporâneos de Israel, mas também típicos de seu inimigo do fim dos tempos que viria do norte, ou seja, o escatológico 'nortista'.” E há várias referências lá. Esse nortista escatológico é mencionado em Zacarias, Jeremias, Ezequiel, Isaías e Sofonias. Não vou perder tempo procurando todas essas referências.

inimigo do norte

Incluí um parágrafo do comentário NICOT de Allen na página 37 de suas citações porque acho que ele faz uma analogia interessante entre essa linguagem e outra peça bem conhecida da literatura. Ele diz: “Os gafanhotos são referidos coletivamente como 'o nortista'. Os insetos geralmente atacam Judá pelo sul ou sudeste, levados pelo vento predominante, mas são conhecidos casos de

abordagem pelo norte. A praga que atingiu Jerusalém em 1915”, essa é a que saiu na National Geographic, “veio do nordeste. Presumivelmente, na época de Joel, o ataque veio do norte; as referências subsequentes a características geográficas nas outras três direções apóiam essa inferência. Mas como em 2:1-11 os gafanhotos foram vistos através de óculos psíquicos, aqui o presente termo tem uma dimensão numinosa sobreposta à natural. Os profetas anteriores haviam feito descrições terríveis do 'inimigo do norte’”. Agora, Allen, que namora Joel tarde, está dizendo que outros profetas, como Jeremias, Ezequiel e Isaías, falaram sobre esse inimigo do norte anteriormente. “Os profetas anteriores haviam feito uma terrível descrição do 'inimigo do norte'. A frase tem algo a ver com as sombrias hostes de Mordor de Tolkien. Em Ezequiel 38:15; 39: 2 as hordas apocalípticas de Gog vêm do extremo norte para destruir Judá, apenas para serem esmagadas pelo contra-ataque de Yahweh. Agora, parece-me que Joel está falando sobre a mesma coisa que Ezequiel 38-39. “Mesmo antes da época de Ezequiel, Jeremias havia feito do tema o seu próprio, usando-o repetidamente para descrever as estranhas forças do mal que o Senhor empregaria como seus agentes para punir um Judá pecador.” Não vou ler o próximo parágrafo. Mas você obtém a referência a este exército do norte que o Senhor expulsará no versículo 20.

Julgamento de Deus em imagens de gafanhotos Eu não li a parte anterior do capítulo. Deixe-me ler alguns versículos para entender o sabor do texto. Vejamos os primeiros sete versículos do capítulo 2, “ Tocai a trombeta em Sião; toque o alarme em minha colina sagrada. Que todos os habitantes da terra tremam, porque o dia do Senhor está chegando. Está próximo - um dia de escuridão e escuridão, um dia de nuvens e escuridão. Como a aurora se espalhando pelas montanhas, um grande e poderoso exército vem, como nunca houve na antiguidade nem jamais haverá nas eras vindouras. Diante deles o fogo devora, atrás deles arde uma chama. Diante deles a terra é como o Jardim do Éden, atrás deles, um deserto deserto - nada escapa deles.

Então, esta é a imagem dos gafanhotos. “Eles têm a aparência de cavalos, galopam como cavalaria. Com um barulho como o de carros eles saltam sobre os cumes das montanhas, como um fogo crepitante consumindo restolho, como um poderoso exército preparado para a batalha. Ao vê-los, as nações se angustiam; cada rosto fica pálido. Eles atacam como guerreiros; eles escalam paredes como soldados. Todos eles marcham em linha, sem se desviar de seu curso. Eles não se acotovelam.” Então o versículo 9, “Eles avançam sobre a cidade.” Então há essa imagem dessa devastação, esse julgamento de Deus na imagem dos gafanhotos vindo sobre a terra.

Joel 2:12-17 Chamada ao Arrependimento Os versículos 12-17 são uma chamada ao arrependimento. O versículo 12 diz: “‘Agora mesmo’, declara o Senhor, ‘voltem-se para mim de todo o coração, com jejum, choro e lamentação’. Rasgue seu coração e não suas vestes. Voltem para o Senhor, seu Deus, porque ele é misericordioso e compassivo, lento para a cólera e cheio de amor, e ele se arrepende de enviar calamidades. Quem sabe? Ele se voltará e se compadecerá e deixará uma bênção: ofertas de cereais e libações para o Senhor, seu Deus. Toque a trombeta em Sião, declare um jejum sagrado, convoque uma assembléia sagrada. Reúna o povo, consagre a assembléia, reúna os anciãos, reúna as crianças, os que amamentam. Deixe o noivo sair de seu quarto e a noiva de seu aposento. Que os sacerdotes que ministram perante o SENHOR chorem entre o pórtico do templo e o altar. Que eles digam: ‘Poupa o teu povo, ó Senhor. Não faças da tua herança um objeto de escárnio, um provérbio entre as nações. Por que eles deveriam dizer entre os povos: ‘Onde está o Deus deles?’

Joel 2:18-27 A Resposta do Senhor Os versículos 18-27 descrevem a resposta do SENHOR. Há um problema de tradução no versículo 18. Observe que em seu folheto eu dei as traduções de cinco versões em inglês. A King James diz: “O SENHOR ficará com ciúmes,” é futuro. O New Scofield, “Então o SENHOR

ficou com ciúmes”, passado. A NVI, “O SENHOR ficará com ciúmes”, futuro. O Novo Padrão Americano: “Então o SENHOR ficará com ciúmes”. Nova Versão Padrão Revisada, “Então o SENHOR ficou com ciúmes,” isso é passado. Agora a questão aqui, é o versículo 18 falando sobre algo que vai acontecer ou algo que já aconteceu. Eu poderia acrescentar a essas traduções. A versão padrão em inglês “veio” assim como a NRSV. O Novo Viver é futuro “Então o Senhor terá pena de seu povo e zelosamente guardará sua terra.” Assim, 18 e seguintes “A resposta do SENHOR”.

Muitos pensam que isso não é uma profecia, mas um relato do que aconteceu. Se você entende dessa forma, você o traduz como passado. Os verbos são traduzidos no sentido de uma ação concluída. Em tais casos, uma pausa é assumida entre os versículos 17 e 18, na qual se supõe que o dia do arrependimento que Joel pediu foi celebrado. Porque 17 foi um chamado ao arrependimento, a suposição é que a oferta de arrependimento foi algo que foi observado, e então em 18 e seguintes você tem a resposta do SENHOR. É a descrição de uma mudança no relacionamento do SENHOR com seu povo como resultado do arrependimento já manifestado. Isso então se torna o principal ponto de divisão em todo o livro, conforme interpretado por Bullock e outros.

O problema com isso, a meu ver, é que não há menção ao presumido dia de arrependimento. É chamado, mas não há descrição de que tenha realmente ocorrido. E muito do que está contido no restante da passagem é difícil de interpretar como já ocorrido, mesmo que o capítulo se refira apenas a uma praga de gafanhotos contemporânea. O que quero dizer com isso é, veja o versículo 19 no rescaldo da resposta do SENHOR. O SENHOR diz no versículo 19: “Não mais te farei opróbrio entre as nações”. A NVI diz: “Nunca mais farei de você um objeto de escárnio para as nações”. O versículo 20 diz: “Afastarei de você o exército do norte e removerei o invasor do norte”. O versículo 25 diz: “Eu te recompensarei pelos anos que os gafanhotos comeram”. Mas o mais importante é olhar os versículos 26b e 27a. 26b diz: “Nunca mais meu povo será envergonhado.

E 27b diz a mesma coisa: “Nunca mais meu povo será envergonhado”. Se alguém entender que Joel está descrevendo uma praga de gafanhotos e um chamado ao arrependimento que foi observado entre os versículos 17 e 18 e depois 18 é a resposta do SENHOR e você traduz isso no passado, “O SENHOR era zeloso por sua terra , ele teve muita pena de seu povo”, como você pode, no fluxo restante dessa resposta, fazer a declaração “nunca mais meu povo será envergonhado”? Após o tempo de Joel, Israel foi envergonhado repetidamente.

Joel 2:18 e o Perfeito Profético Isso nos traz de volta à questão da tradução no versículo 18. Se você olhar para o texto hebraico, há um *waw* consecutivo ao imperfeito. “E o SENHOR” você normalmente traduziria que “tinha ciúmes de sua terra”. Esse *waw* consecutivo lança o tempo imperfeito em ação concluída normalmente. E a segunda frase “e tenha pena de seu povo” usa a mesma forma, um *waw* consecutivo com o imperfeito. No entanto, você olha nesta discussão para Ridderbos, por exemplo, assim como outros, argumenta que a forma que é o *waw* consecutivo com o imperfeito não exclui a possibilidade de traduzir os verbos como futuro. “Mas então o Senhor terá ciúmes de sua terra.” É assim que a NVI traduz. Se você procurar nas gramáticas, Jouon em *A Grammar of Biblical Hebrew* , que é considerada uma das melhores gramáticas hebraicas, parágrafo 112h em sua discussão sobre o 'perfeito profético' diz: “Esta noção de perfeito profético é estendida por Ibn Ezra ”, um dos primeiros estudiosos judeus, “mesmo para casos de *way yiqtol* como em Joel 2:18, veja seu comentário”. Em outras palavras, o argumento é que você tem um perfeito profético, pois a ação completa do tempo perfeito pode ser considerada futura no que diz respeito à sua ideia. Essa é a igualdade verdadeira do *waw* consecutivo com o imperfeito que realmente cria o mesmo conceito. Então, aqui você entra em uma questão interpretativa que não é determinada estritamente ou apenas pela forma do verbo hebraico. Quanto ao perfeito profético, você deve olhar para o contexto e fazer um julgamento. Agora nós olhamos para isso com Obadias: “Eu te farei pequeno entre as nações,”

falando sobre Edom. Isso está falando sobre o futuro ou é “Eu te fiz pequeno”? Você tem que lutar com isso no contexto. A forma verbal permitirá que você vá de qualquer maneira.

Você pode pegar um imperfeito com o *waw* consecutivo como um perfeito profético. Eu acho que é provavelmente a melhor coisa a fazer com isso. Se você fizer isso, os versículos 17 e 18 não se tornarão um grande ponto de divisão no livro de Joel. O capítulo 2 segue do versículo 1 ao versículo 27.

Vamos parar aqui e pegar isso na próxima vez e passar um pouco mais de tempo em Joel, particularmente em Joel 2:28-32, onde você tem o derramamento do Espírito sobre toda a carne e a citação em Atos. Então começaremos nossa discussão sobre Jonas.

Transcrito e editado por Ted Hildebrandt
Editado por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 19

Joel 2-3

1. Joel 2:17-18

Da última vez houve uma discussão sobre como entender Joel 2:18 e seguintes. Se você se lembra de sua leitura de Bullock, ele faz o principal ponto de divisão estrutural de todo o livro entre os versículos 17 e 18. A questão no versículo 18 é como entender a declaração, “então o Senhor” ou “ficou com ciúmes” ou “será tem ciúmes de sua terra e tem pena de seu povo”. Bullock entende isso como “estava com ciúmes” e isso foi uma resposta a um suposto arrependimento que ocorreu após o chamado ao arrependimento na seção anterior. Então, naquele espaço entre 17 e 18, ele diria que o arrependimento ocorreu e agora você tem um registro da resposta do Senhor a esse arrependimento.

Se você se lembra da sugestão que fiz da última vez no final de nossa discussão, acho que 18 é futuro e não é uma resposta histórica a um suposto arrependimento que já foi realizado. Acho que todo esse capítulo é escatológico. Você tem a imagem dos gafanhotos sendo usados para retratar os cavalos que virão escatologicamente contra Israel antes do dia do Senhor. Se você considera 18 algo que já passou e já aconteceu, o que você faz com 26b e 27b, onde diz: “Nunca mais meu povo será envergonhado”? Certamente, desde a época de Joel, o povo judeu foi envergonhado. É difícil sustentar que isso é algo que já aconteceu.

2. Joel 2:23b Chuva ou Mestre da Justiça

Agora eu digo isso assim como na introdução, onde retomamos o versículo 23b, que diz: “Alegra-te, ó povo de Sião, regozija-te no Senhor teu Deus, porque ele te deu as chuvas de outono em justiça. Ele enviou a você chuvas abundantes, tanto no outono quanto na primavera, como antes. Na NVI que estou lendo, onde diz: “Ele deu a você as chuvas de outono em justiça” tem uma nota de texto K que diz: “ou o professor para a justiça”. Então a pergunta se torna: sobre o que esse versículo está falando? Qual é o problema de tradução entre o Senhor dar “chuvas

de outono em justiça” ou um “mestre em justiça”? Há uma diferença bastante significativa de significado.

Olhe para o seu folheto onde eu dei o hebraico lá para “ele deu a você,” essa é a frase que está em questão. O que significa *moreh* ? Abaixo disso, há NIVa e NIVb. NIVa diz, “pois ele te deu um professor para a justiça.” NIVb diz: “Ele deu a você as chuvas de outono em retidão.” No que diz respeito à NIVa e NIVb, isso faz parte da história do processo de tradução e publicação da NIV. Quando a NVI foi inicialmente traduzida, dizia: “ele te deu um mestre para a justiça”. Houve revisões periódicas no texto da NVI ao longo de vários anos.

Não sei se você já se deparou, sentado em uma igreja em algum lugar com alguém lendo a NVI e o que você está olhando é diferente do que você está ouvindo. Isso criava confusão porque o comitê de tradução coletava questões levantadas sobre traduções específicas e depois modificava o texto a cada impressão adicional da NIV. Portanto, eles tinham várias impressões de NIV diferentes que diferiam umas das outras. Em um determinado momento, eles pararam com isso. Mais recentemente, eles coletaram muitas das questões que estavam sendo levantadas sobre as traduções e fizeram uma revisão completa do texto da NVI, que foi publicado há cerca de um ano no TNIV, que é a Nova Versão Internacional de Hoje. Mas, em qualquer caso, isso é NIVa e b.

A King James tem, “ele te deu a chuva anterior moderadamente.” É preciso compreensão da “chuva”. O Novo Padrão Americano tem “chuva”. O comentário de Keil e Delitzsch tem “mestre para a justiça”. A Septuaginta tem “duas vezes”, e de onde vem isso não tenho certeza. Talvez tenha havido uma leitura errada do termo *moreh* ? Deixe-me apenas dar-lhe mais algumas traduções. A versão padrão em inglês tem “chuva antecipada para sua vindicação”. A New Living Translation tem “chuva” também. Portanto, a maioria das traduções recentes é “chuva” em vez de “mestre para a justiça”.

A palavra crucial na frase, *moreh* , é tida por alguns como “professor” e por outros como “ex” ou “primeira chuva” devido a alguns problemas contextuais.

Isso fica um pouco complexo, mas siga-me com isso. A maioria dos rabinos e dos primeiros comentaristas a traduzirá como “professor”. Outros, incluindo Calvino e muitos comentaristas modernos, consideram isso como “chuva precoce”. Um dos significados de *yoreh* que você encontra neste texto, *moreh* significa “professor”, que está em disputa. *Moreh* significa professor. *Yoreh* a seguinte palavra significa “chuva precoce”. É a chuva que cai na Palestina desde o último mês de outubro até primeiro de dezembro, na época da sementeira para a germinação das sementes; mas isso está aberto à interpretação. Então há *geshem*, que ocorre na segunda linha desse texto hebraico. Ele derramou para você, *geshem* “a chuva”, e então na última frase desse texto hebraico você obtém *moreh* é “chuva serôdia”, parece nessa última frase que *moreh* é um uso equivocado, provavelmente devido à ditografia, um erro de cópia porque a última frase diz, “as primeiras e as últimas chuvas” como antes.

O que chama a atenção é que *moreh*, que ocorre duas vezes neste versículo, é inquestionavelmente usado na última cláusula do versículo, no sentido de “chuva precoce”. Você dificilmente pode fazer qualquer outra coisa com ele. Em todas as outras instâncias do Antigo Testamento, a chuva precoce não é *mais*, *exceto* algo no inglês onde há problemas textuais, mas isso é uma questão diferente.

Ditografia: *Moreh* escrito em vez de *yoreh* Então, o que está acontecendo? Parece-me provável que o *moreh* na última frase do verso seja um exemplo do erro do copista chamado ditografia. O escriba escreveu um *mem* em vez de um *yodh*, por causa da ocorrência *mais cedo* no verso. É muito fácil seu olho confundir, você olha para ele e vê que o *moreh* e o *yoreh* são muito parecidos. Você colocou o *mem* lá embaixo em vez do *yodh* porque *moreh* estava no início do verso.

Profecia Messiânica? Cf. Qumran

A seguinte palavra depois de *moreh* na primeira linha do texto, *sadaqah*,

significa “na medida certa no tempo apropriado,” se você for traduzir isso como chuva ao invés de professor. Isso é *sadaqah* ; porque é usado no sentido ético de retidão, não no sentido físico. Como *sadaqah pode* se referir à chuva? Pode, no entanto, referir-se a um professor. O entendimento “mestre” é uma antiga interpretação judaica e é encontrada na Vulgata e Rashi. Parece-me que há um bom argumento a ser feito para entender isso da maneira como foi entendido por séculos; e isso é “mestre para a justiça”. Se “mestre para a justiça” for aceito, então o que temos aqui provavelmente é melhor interpretado como uma profecia messiânica. Se este capítulo for todo futuro e estiver falando sobre o fim dos tempos, dia do Senhor, haverá aquele mestre da justiça. Embora alguns vejam isso como uma referência a Joel, o fato de Joel estar falando sobre si mesmo é contestado e, no contexto, não é muito provável que ele use essa definição para se referir a si mesmo. Keil o vê como todos os profetas idealizados em Cristo; ou como em Qumran, algum líder em particular. Você se lembra que havia um professor de retidão na comunidade dos Manuscritos do Mar Morto em Qumran. Chamaram seu líder de “mestre da justiça”. Onde eles conseguiram isso? Eles tiraram isso deste texto, o único lugar no Antigo Testamento que você tem essa frase.

Payne vê isso como uma auto-referência ao próprio Joel Payne vê isso como uma referência a Joel. Sua visão pressupõe que Joel aqui está falando de algo que já veio. Os filhos de Sião devem se regozijar porque Deus lhes deu Joel, o professor que os instrui em retidão com o resultado de que Deus agora enviou a chuva. Mas, como eu disse, não me parece muito provável que Joel rotule a si mesmo como um mestre da retidão e sua vinda como motivo de regozijo.

Além disso, a visão de Payne só pode ser aceita se você aceitar sua abordagem geral mais ampla para a interpretação de Joel 2. O que ele faz com Joel 2 como um todo é que ele diz que 2:1-11 é uma praga local contemporânea iminente no tempo. de Joel . Em outras palavras, ele não considera isso

apocalíptico ou simbólico. É uma praga de gafanhotos contemporânea iminente. 2:19-26 ele vê como uma libertação contemporânea de gafanhotos invasores e, claro, o versículo 23 está no meio disso. Então, quando 23 diz: “Ele dá o mestre para a justiça” não é o Messias ou o líder da seita em Qumran, mas aparentemente o profeta Joel referindo-se a si mesmo e à sua própria pregação.

Bem, o que ele faz com 26b se tudo foi cumprido em seu próprio tempo? 26b diz: “Nunca mais meu povo será envergonhado”. Payne diz que 26b e 27 são o futuro ensinamento messiânico. Em outras palavras, houve um intervalo de tempo entre 26a e 26b. Ele mudou 26 do tempo de Joel para o tempo do fim. Essa é a questão sobre a qual falamos sobre a perspectiva de tempo, e há exemplos claros em que você quase é forçado a dizer que há um intervalo de tempo. Acho que como princípio hermenêutico é possível, mas há uma razão para fazer isso aqui? Parece-me que o fluxo do texto é bastante natural. Então eu acho que todo o capítulo está olhando para o futuro. Uma consideração adicional é que os habitantes de Qumran interpretaram evidentemente a palavra como “mestre” porque seu líder era conhecido como o mestre da retidão. De onde veio esse título senão dos ensinamentos de Joel? Então, estou inclinado a tomar 2:23 como “mestre para a justiça” e não “chuvas de outono e justiça”; e veja o capítulo 2, como eu disse, como descritivo das coisas que acontecerão antes da vinda ou em conexão com a vinda do dia do Senhor.

Análise de Vannoy: Conexões do Caminho do Convênio, do Professor e da Chuva

Agora, quero apenas acrescentar a esses comentários alguns outros que não estão naquele folheto sobre a conexão entre andar no caminho do convênio e a bênção da chuva. Acho que neste versículo, 2:23, com este *moreh/yoreh*, você tem pelo menos algum elemento de um jogo de palavras e uma conexão de conceitos que estão enraizados em passagens anteriores do Antigo Testamento. Se você for a Êxodo 24:12, você lê lá: “O Senhor disse a Moisés: 'Sobe a mim na montanha e fica aqui e eu te darei as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos

que escrevi' ” e essas duas últimas palavras ali, “para sua instrução ”. Essa é uma forma verbal Hophal. É a mesma raiz de onde vêm *moreh* e *yoreh* . Portanto, “darei a você as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos que escrevi para sua instrução”. Uma forma *Hophal* de *yora* .

Abra em Levítico 26:3-5. Lá você lê: “Se você seguir meus decretos e for cuidadoso em obedecer aos meus mandamentos, enviarei chuva a seu tempo e o solo produzirá suas colheitas e as árvores do campo seus frutos; a debulha continuará até a colheita das uvas e a colheita das uvas continuará até o plantio e você comerá tudo o que quiser e viverá seguro em sua terra. Então a chuva é dada neste texto. A chuva é a palavra hebraica *geshem* ; é aquela outra palavra que é usada no final da passagem. A chuva é dada quando os israelitas seguem a Torá, as instruções.

Abra em 1 Reis 8:35-36. Esta é a oração de Salomão por ocasião da dedicação do Templo, e nessa oração ele diz: “Quando os céus se fecharem e não chover porque o teu povo pecou contra ti, e quando eles orarem voltados para este lugar e confesse o seu nome e se afaste do pecado deles porque você os afligiu, então ouça do céu, perdoe o pecado de seus servos, seu povo Israel. Então observe o que se segue: “Ensine-lhes o caminho certo para viver e enviar chuva”. “Ensinar” é *yoreh* novamente, “Ensine-lhes o caminho certo para viver e enviar chuvas.” Veja esta conexão entre ensinar e andar no caminho certo e dar chuva. “Manda chuva sobre a terra que deste a teu povo por herança.”

Vá para Isaías 30:20 e seguintes. Isaías diz: “Ainda que o SENHOR vos dê o pão da adversidade e a água da aflição, os vossos mestres,” isto é *mais* , “não mais se esconderão. Com seus próprios olhos você os verá”. Você olha no texto hebraico e o “eles” ali são seus professores, professor é repetido, *moreh* . “Quer você vire para a direita ou para a esquerda, seus ouvidos ouvirão uma voz atrás de você dizendo: 'Este é o caminho, ande nele’”, ande no caminho da Torá. “Então você contaminará seus ídolos cobertos com prata e suas imagens cobertas com ouro, você os jogará fora como um pano menstrual e dirá a eles fora de você:” O

que se segue no versículo 23? “Ele também enviará chuva para vocês.”

Então, você obtém várias passagens onde há uma conexão entre andar no caminho da aliança, mestres e chuva. Portanto, a linguagem de Joel 2:23 não é algo sem precedentes em passagens anteriores do Antigo Testamento. Parece-me que isso fornece, pelo menos, alguma medida de resposta aos argumentos usuais de que não faz sentido traduzir a primeira parte de 23b como: “Ele deu a você um mestre para a justiça”. Afirma-se que não faz sentido traduzir *moreh* ali como “professor” porque o restante do versículo fala sobre chuva. Veja que a última parte é: “Ele enviou chuvas abundantes, chuvas de outono e primavera como antes”. Só porque essas últimas linhas estão falando sobre chuva, não torna inapropriado que a linha anterior esteja falando sobre um professor. Há muitas referências anteriores no Antigo Testamento que conectam mestre e chuva e andar no caminho da aliança.

Então, parece-me que pode ser feito um bom argumento de que Deus dará um profeta ou um professor que o ensinará a andar no caminho certo e isso levará à bênção temporal da chuva. Portanto, o versículo faz todo o sentido e é consistente com usos anteriores de linguagem semelhante e associação de palavras.

3. Joel 2:28-32 e sua conexão com Atos 2:14ss – Diferentes Abordagens

Vamos para o número 2, Joel 2:28-32. Existe o esboço do livro de Joel que estamos seguindo. Numeral romano I, que é o capítulo 1, “Descrição da praga de gafanhotos contemporânea”. Então a seção 2 do livro de 2:1 a 3:21, pelo menos a meu ver, contém “Três descrições da vinda do dia do Senhor”, enfatizando diferentes aspectos. Acabamos de ver um. sob o que é 2:1-27, primeira descrição do dia do SENHOR.” b. 2:28-32, “A segunda descrição da vinda do Dia do Senhor, e aqui a promessa da vinda do Espírito Santo precederá o Dia do Senhor. Então, vamos pegar e seguir em frente a partir daí.

Na *Introdução aos Profetas do Antigo Testamento de Hobart Freeman*, ele

lista 5 interpretações diferentes do cumprimento da profecia de Joel 2:28-31, que no texto hebraico é o capítulo 3 de Joel. A questão é, a profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito Santo foi cumprida no dia de Pentecostes, em Atos 2:14-24? Se foi, em que sentido foi cumprido? Agora provavelmente devemos abrir em Atos 2. Em Atos 2:14 você lê: “Pedro levantou-se com os onze levantou a voz, dirigiu-se à multidão: 'Companheiros judeus e todos vocês que moram em Jerusalém, deixe-me explicar isso a você . Ouça com atenção o que eu digo. Esses homens não estão bêbados como você supõe, são apenas nove da manhã. Não, isso é o que foi dito pelo profeta Joel””, então ele cita Joel 2:28 e seguintes e diz: “Nos últimos dias, Deus disse: 'Derramarei meu espírito sobre o povo. Seus filhos e filhas profetizarão, seus jovens terão visões””, e assim por diante. Acho que 2:16 é uma afirmação bastante forte quando Pedro diz: “Isto é o que foi dito pelo profeta Joel”.

Mas tenha isso em mente ao olhar para essas cinco visualizações. Há uma visão de “Término no Pentecostes”. Ridderbos sustentou que o cumprimento da profecia de Joel deve ser aplicado a certos eventos do tempo de Joel, bem como no Pentecostes, momento em que a profecia terminou. Vários intérpretes judeus, de acordo com Keil, viram na profecia uma referência a algum evento no próprio tempo de Joel com seu cumprimento terminando no fim dos tempos.

b. é “Cumprimento no Pentecostes”, uma profecia da era messiânica quando o Espírito de Deus é derramado sobre toda a carne, e o evangelho será oferecido a todos. O cumprimento da profecia é encontrado em Atos 2:17, quando o Espírito Santo foi derramado no Pentecostes.

c. “Um não-cumprimento ou visão escatológica.” “Quando o Espírito Santo veio no dia de Pentecostes, não cumpriu a profecia de Joel. Essa profecia nunca se cumpriu, nem se cumprirá na presente era, em que a igreja está sendo formada”. Isso é Gaebelein articulando uma espécie de visão dispensacional clássica. “Depois que isso for realizado, o Senhor começará seu relacionamento com seu povo terreno [Israel]; quando ele aparecer em seus dias, eles experimentarão o

cumprimento dessa grande predição. ” Então ele está realmente dizendo que você tem duas pessoas, Israel e a igreja, e isso diz respeito a Israel. Não foi cumprido. A igreja é aquele mistério ou parêntese sobre o qual o Antigo Testamento nada sabe.

d. “ A visão típica do cumprimento” vê a profecia de Joel como sendo cumprida “intensamente” no Pentecostes, mas não totalmente realizada até o milênio. Isso é apresentado no comentário de Jamieson, Fauset e Brown. É um duplo sentido, cumprido no Pentecostes, mas para ser completado com o cumprimento final escatologicamente. O Pentecostes diz: “Pedro não está citando a experiência diante deles como o cumprimento da profecia de Joel, mas como uma analogia ao seu cumprimento na era milenar”.

E então e. “Uma visão de cumprimento contínuo”, a profecia de Joel terá cumprimento contínuo desde Pentecostes até o tempo escatológico. Então, essas são as cinco opções disponíveis. As pessoas têm ido em direções diferentes com isso.

Joel 2:28 Então vamos ver a profecia. Se você for para 2:28 em Joel, você lerá: “E depois derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Seus filhos e filhas profetizarão, seus velhos terão sonhos, seus jovens terão visões. Até sobre os meus servos, tanto homens como mulheres, derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios nos céus e em toda a terra, sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se converterá em trevas, a lua em sangue antes do grande e terrível dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, como o Senhor disse, mesmo entre os sobreviventes a quem o Senhor chamar.

“Depois” e/ou “nos Últimos Dias” Então, vamos olhar para isso um pouco mais de perto. Começa com as palavras que a NIV traduz “e depois”. A Septuaginta traduz isso “depois dessas coisas”. Na citação de Pedro sobre isso em Atos 2:17, ele substitui “depois ” por outro, o que eu diria é, uma designação de

tempo mais precisa. Em vez daquele geral “depois”, ele diz, “nos últimos dias”. Se você olhar para Atos 2:17: “‘Nos últimos dias’, diz Deus, ‘derramarei sobre eles o meu Espírito’”. designação “nos últimos dias”. Este é o sentido em que a frase deve ser entendida. Isso significa que não deve ser tomado com referência sequencial direta ao que o precede no contexto de Joel 2.

Em outras palavras, quando você volta para 2:28 e diz: “e depois” depois que ele veio, isso não está falando sobre depois do que está descrito no versículo 27. Joel 2:27 diz: “Vocês saberão que estou em Israel, que eu sou o Senhor teu Deus, que não há outro, nunca mais o meu povo será envergonhado”. Então você está começando uma nova seção aqui no versículo 28. Essa designação de tempo está falando sobre os últimos dias, não tem referência sequencial ao que a precede no contexto de Joel 2. Lembre-se que no texto hebraico há um capítulo separado começando com Joel 2:28. Embora, é claro, isso não estivesse no texto original, mas entendeu-se que havia uma quebra lá, indo para trás. Da citação do Novo Testamento parece que “depois” é usado em Joel 2:28 no sentido de indicar um novo período no trato de Deus com Seu povo. “E depois” é esse novo período em que farei algo pelo meu povo, é isso que está em vista. Os “últimos dias” são entendidos como começando com o primeiro advento de Cristo e então terminarão com o segundo advento e os eventos relacionados a ele.

Parece-me que se ele escreveu alguns desses textos que listei lá, é uma maneira bastante comum pela qual os “últimos dias” são usados no Novo Testamento e o tempo entre os adventos. Essa é a designação de tempo introdutória e é melhor entender “depois” no sentido que Pedro interpretou acrescentando, “nos últimos dias,” este novo período de Deus lidando com seu povo e o tempo entre os adventos, “Eu derramarei derramar meu Espírito sobre todas as pessoas”.

Derramando do Espírito

Essa frase “eu derramarei meu espírito sobre todas as pessoas” precisa ser

examinada um pouco mais de perto. No Antigo Testamento, chegar ao Espírito não faltava completamente; o Espírito Santo certamente estava ativo no período do Antigo Testamento. Mas agora o Espírito neste novo período de atividade divina deve ser derramado sobre toda a carne. Há algo novo que está para acontecer.

No período do Antigo Testamento, o Espírito Santo é referido em conexão com a capacitação para determinadas tarefas ou funções na teocracia para certos indivíduos selecionados. Se você olhar as referências ao Espírito Santo, esse é o tipo de referência que você encontrará. Por exemplo, o Espírito veio sobre os artesãos que construíram o tabernáculo, Êxodo 31:3, e os capacitou a fazer seu trabalho artístico. O Espírito Santo vem sobre vários juízes, Juízes 6:34 e 11:29; capacitando-os a libertar Israel de seus opressores. O Espírito Santo vem sobre Saul e Davi quando eles estavam se tornando reis em 1 Samuel 16:13-14 para equipá-los para as tarefas na teocracia que lhes foram dadas. O Espírito Santo vem sobre os profetas para capacitá-los a falar as palavras de Deus, 2 Samuel 20:32-38. Nesses casos, o Espírito veio sobre esses indivíduos para qualificá-los e consagrá-los para sua tarefa específica na teocracia.

No novo período, do qual fala Joel, o Espírito virá sobre toda a carne, este é um termo geral (*basar*: carne), mas implica que a obra do Espírito não se limitará a certos líderes do povo e, se não diretamente, certamente por implicação, estende o dom além do povo de Israel, para toda a carne; não está necessariamente confinado a Israel.

Agora, tendo dito isso, isso não precisa ser entendido como implicando que o Espírito Santo não funcionou nos tempos do Antigo Testamento para afetar a regeneração e o crescimento espiritual do povo de Deus, embora não haja referência explícita no Antigo Testamento à obra do Espírito desse tipo.

Espírito Santo no Antigo Testamento

Leon Wood, em uma obra chamada *The Holy Spirit in the Old Testament*

(O Espírito Santo no Antigo Testamento), discute numerosas referências do Antigo Testamento ao Espírito Santo e à obra do Espírito Santo. Não há muita literatura sobre a obra do Espírito Santo no período do Antigo Testamento. Eu acho que esse pequeno livro, de Leon Wood, é uma discussão tão boa quanto você encontrará. Infelizmente, está esgotado - você pode ter encontrado em algum lugar, mas é uma discussão muito útil sobre o Espírito Santo no Antigo Testamento. Sua conclusão é que só porque não há referência no Antigo Testamento à obra do Espírito em efetuar a renovação espiritual em uma pessoa, isso não é motivo suficiente para concluir que o Espírito não estava ativo nesse ponto. Abraão, Davi e outros são exemplos de homens de fé. Eles conseguiram isso por seus próprios esforços, sem o Espírito de Deus? Eles tinham algum recurso que alguns crentes do Novo Testamento não têm? A evidência de que o Espírito estava operando na vida dos santos do Antigo Testamento pode ser vista na maneira como eles viveram. Se suas vidas mostraram os frutos do Espírito que são definidos no Novo Testamento, então o Espírito deve ter operado neles. Como uma vida pode exibir o fruto do Espírito se o Espírito não está trabalhando na pessoa para produzi-lo?

Com base no ensino do Novo Testamento sobre a obra do Espírito, podemos deduzir que os santos do Antigo Testamento foram regenerados assim como os santos do Novo Testamento. Agora, isso é reconhecidamente uma dedução, mas me parece uma dedução teológica legítima. Por que o Antigo Testamento não discute a regeneração? Wood diz: “A resposta só pode ser que Deus achou por bem esperar com esta revelação até o tempo do Novo Testamento”. Então, basicamente, parece que esta é uma conclusão legítima.

Citando Abraham Kuyper, que também escreveu um volume sobre a obra do Espírito Santo, Wood diz: “Os israelitas crentes foram salvos. Portanto, eles devem ter recebido a graça salvadora, uma conclusão lógica, e uma vez que a graça salvadora está fora de questão sem uma operação interior do Espírito Santo, segue-se que ele foi o obreiro da fé em Abraão, assim como em nós mesmos. Acho que isso meio que resume a questão.

Diferença da Obra do Espírito no AT e no NT [Madeira]

Mas se é assim, então qual é a diferença entre a obra do Espírito Santo nos tempos do Antigo Testamento e no novo período dos últimos dias? O Espírito Santo estava operando regenerando, santificando, na vida dos santos do Antigo Testamento – sobre o que esta profecia de Joel está falando? Nos últimos dias, entre os adventos de Cristo, derramarei meu Espírito sobre toda a carne. Qual é a diferença?

Wood aponta que vários termos são comumente associados à obra do Espírito no Novo Testamento, incluindo: regeneração, habitação, selamento, enchimento, capacitação e batismo. Wood argumenta, e ele faz isso muito bem em seu livro, que regeneração, habitação, selamento, preenchimento e capacitação são encontrados em ambas as dispensações. Então, é apenas o batismo do Espírito que é novo no Novo Testamento – essa é a tese dele. É esse aspecto da obra do Espírito que começou no Pentecostes. Agora, cito Wood: “A razão para isso é que o batismo tem a ver com a igreja, e a igreja não começou como um organismo distinto até o Pentecostes. De fato, foi o batismo dos crentes pelo Espírito Santo que inaugurou a igreja.... Começou quando os crentes foram batizados para formá-lo. Isso aconteceu quando o Espírito veio sobre os crentes reunidos em Jerusalém no dia de Pentecostes Atos 2:1-12.”

Batismo do Espírito em 1 Coríntios 12:13-14 A verdade do batismo pelo Espírito é apresentada em 1 Coríntios 12:13-14. Se você fizer a pergunta, “o que é o batismo pelo Espírito?” 1 Coríntios 12:13 define isso dizendo: “Porque em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gentios, quer escravos, quer livres; e todos foram dados a beber de um só Espírito”. Assim, Wood comenta: “O batismo do Espírito é aquela obra que une os cristãos em um vínculo comum de relacionamento na igreja”. Se você for a 1 Coríntios 12:13 em seu contexto, o contexto há uma passagem onde Paulo está falando sobre a

unidade do corpo de Cristo. Somos um só corpo , e o batismo pelo Espírito traz aquela sensação de ser o corpo de Cristo e a unidade que existe entre os crentes através das barreiras raciais, étnicas e lingüísticas. Existe agora este único corpo; um corpo espiritual da unidade em Cristo. É isso que o batismo faz. O batismo é a “obra que une os cristãos no vínculo comum do relacionamento da igreja. Ele os une, dando-lhes uma unidade orgânica. Fornece-lhes um sentimento de amor mútuo e apresenta-lhes um propósito comum. É por causa deste baptismo unificador que os cristãos, onde quer que se encontrem, sentem uma proximidade e uma amizade imediatas. Eles são um grupo, uma parte de um grande empreendimento...”

“ O momento do batismo é o mesmo que o momento da regeneração; na verdade, é o mesmo também que o momento em que a habitação e o selamento começam... a mensagem do evangelho. Cristo já havia vivido e morrido e as boas novas da salvação estavam prontas para serem levadas a um mundo perdido. Nos dias do Antigo Testamento, Deus havia segregado em grande parte sua palavra em Israel, até que a provisão para a salvação do homem pudesse ser feita na obra de Cristo. Agora que isso havia sido feito, não havia mais necessidade de segregação. O mundo em geral deveria ouvir sobre a maravilhosa provisão. Não deveria mais haver um povo especial — em termos de nação — mas um povo universal, sem barreira ou 'parede divisória' entre eles. Por esta razão, um novo organismo foi chamado, estabelecido em uma base diferente da nação de Israel. Este organismo era a igreja. O organismo precisava de unidade, um senso de unidade, para que pudesse se reconhecer e se apresentar como um grupo comum. Isso foi fornecido inicialmente pelo batismo coletivo de crentes no Pentecostes e continua a ser fornecido por um batismo contínuo de indivíduos no momento de sua regeneração.

Agora Wood diz: “A última questão a notar é que o batismo envolve um certo aspecto de capacitação para o crente.... Este poder para a proclamação do evangelho já foi prometido por Cristo em Lucas 24:49 , 'Permaneeci aqui na cidade de Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder.' Jesus novamente

prometeu isso em Atos 1:8, pouco antes de sua ascensão ao céu: 'Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.'" Então você vê que o que Wood está sugerindo é que o derramamento do Espírito de Deus sobre toda a carne é algo que acontecerá nos últimos dias, precedendo o dia do Senhor, e envolve este batismo pelo Espírito e capacitação para a proclamação do Evangelho. Isso é o que há de novo, isso é o que é diferente do período do Antigo Testamento. Isso está relacionado com a diferença que agora começa na organização do povo de Deus na transição de um corpo nacional para um corpo espiritual, que atravessa fronteiras étnicas e nacionais.

A discussão de Wood naturalmente levanta a questão de Israel e da igreja. Há aqueles que postulam, acho demais, a descontinuidade entre a igreja e Israel. A visão de que isso não estava sendo cumprido no Pentecostes, mas será cumprido no futuro em Israel, este grande parêntese é onde os extremos se formulam. É uma visão de dispensação que não vê continuidade de dois povos, dois destinos e dois caminhos de salvação; em suma, uma descontinuidade total. Outros fizeram pouca distinção entre Israel e a igreja. Em outras palavras, alguns diriam que a igreja está no Antigo Testamento.

Parece-me que existe um povo de Deus, mas o princípio de organização é diferente. É nacional no Antigo Testamento, é supranacional no Novo Testamento, onde suas qualidades espirituais são comparadas a esta organização nacional e étnica. Assim, outros fizeram pouca distinção; eles são equiparados sem reconhecimento suficiente dos diferentes princípios de organização e da nova economia do trato de Deus com Seu povo, que é inaugurada com o derramamento de Deus de seu Espírito no Pentecostes. A perspectiva bíblica é a de um povo de Deus, mas duas formas distintas de organização. Há continuidade em um caminho de salvação pela graça por meio da fé. Acho que está claro. Não acho que as pessoas foram salvas pelas obras no Antigo Testamento, mas pela graça no Novo Testamento. Isso é muita descontinuidade. Ao mesmo tempo, existe uma medida

de continuidade na mudança de um corpo espiritual nacional para um corpo espiritual supranacional. Portanto, é uma questão de manter a continuidade e a descontinuidade na perspectiva adequada, e isso muitas vezes não é feito.

Retorne a Joel 2:28a e a Obra do Espírito em Atos

Agora vamos voltar ao nosso texto. Joel 2:28a diz: “Derramarei meu espírito sobre todas as pessoas” e continua dizendo: “Seus filhos e filhas profetizarão, seus velhos terão sonhos, seus jovens terão visões. Até sobre os meus servos, tanto homens como mulheres, derramarei o meu Espírito naqueles dias”. Como entendemos os versículos 28 e 29? O significado aqui parece ser que o Espírito será dado de maneiras discerníveis ao povo de Deus, independentemente de sua idade, sexo, posição ou posição na vida, até mesmo escravos receberão os frutos do Espírito. Isso é tudo carne e todos os tipos de pessoas receberão o Espírito.

Ao interpretar o significado das expressões “profetizar”, “sonhar”, “ter visões”, parece bastante razoável seguir a sugestão de Calvino quando ele diz que Joel aqui fala nos termos das concepções comumente conhecidas do Antigo Testamento sobre a função do Espírito Santo. Em outras palavras, ele está usando a linguagem que se entendia sobre a maneira como o Espírito Santo funcionava na época de Joel. Eles não devem ser interpretados rigidamente como restritos apenas a essas funções específicas no que diz respeito ao seu cumprimento. Também não se deve presumir que a profecia deve ser limitada a filhos e filhas, pois diz “teus filhos e filhas profetizarão”. Somente filhos e filhas profetizarão? Ou que os “sonhos sonhadores” serão limitados aos velhos. Esse uso, como sugere Keil, pode ser melhor entendido como “individualização retórica”. Em outras palavras, o que está sendo dito aqui é que a multiforme obra do Espírito Santo será comprovadamente dada a indivíduos em todas as esferas da vida na nova era da qual Joel fala. Todas as múltiplas obras do Espírito Santo virão sobre pessoas de todas as idades e funções na sociedade.

Jesus havia prometido que o Espírito viria, em vários textos do Novo Testamento no evangelho. Os discípulos, sem dúvida, esperavam o cumprimento dessa promessa. Em Atos 1:4-7, após a ressurreição, Jesus disse aos discípulos para não deixarem Jerusalém, mas “esperar pela promessa de meu pai, da qual vocês me ouviram falar”. Veja Atos 1 ali, algo interessante aconteceu. Você lê no versículo 4 que ele diz: “Não saia de Jerusalém, mas espere pela promessa de meu Pai, da qual você me ouviu falar. Pois João batizou com água, mas em poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo”. Qual é a resposta? Veja o versículo 6: “Então, quando eles se reuniram, perguntaram: 'Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?' Ele lhes disse: 'Não é para você saber os tempos ou datas que o Pai estabeleceu por sua própria autoridade. Mas você receberá poder quando o Espírito Santo descer sobre você; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra’”.

Jesus disse: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual vocês me ouviram falar”. O interessante sobre a resposta dos discípulos é a afirmação de que eles perguntaram a Jesus: “É neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” É claro que por algum motivo os discípulos relacionaram a vinda do Espírito com a vinda do Reino. Parece-me que não há outra maneira de entender a resposta deles. Jesus diz: “Espera pela promessa do Espírito de que vos falei”. O que o Espírito tem a ver com a vinda do reino? Por que eles ligariam a vinda do Espírito com a vinda do reino? A explicação mais provável é que eles sabiam muito bem a conexão que Joel havia feito entre a vinda do Espírito e a vinda do dia do Senhor, porque você vê nesta passagem em 2:28 e seguintes, este derramamento do Espírito de Deus no versículo 28 flui direto para o versículo 31, quando “o sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”. O derramamento do Espírito precederá a vinda do dia do Senhor. Eles associaram os dois . Ambos pertencem à mesma era dos últimos dias.

A resposta de Jesus, entretanto, evita um compromisso específico de

quando ocorrerá a restauração do reino de Israel. Parece melhor então entender o cumprimento de 28 e 29 como começando no Pentecostes e continuando no período dos últimos dias. Esta é pelo menos a minha opinião. Pedro diz claramente que os eventos que ocorreram em Jerusalém no dia de Pentecostes foram o que foi dito pelo profeta Joel. A noção de cumprimento contínuo deve ser distinguida de uma visão de cumprimento parcial ou cumprimento típico. A profecia foi cumprida no Pentecostes e continua a ser cumprida durante o período dos últimos dias. O intervalo de tempo nos últimos dias é desconhecido. Quanto tempo é o intervalo de tempo? Obviamente, desde o Pentecostes até agora, alguns milhares de anos. Então me parece que é isso que está em vista.

4. Joel 2:30-32 Sinais e o Espírito no Pentecostes

Vamos para Joel capítulo 2 versículos 30 a 32. A profecia continua anunciando sinais nos céus e na terra que precedem o dia tenebroso e terrível do Senhor. Parece-me melhor considerar esses sinais como ainda a serem cumpridos. Alguém pode perguntar por que Pedro citou quase toda a passagem, se apenas parte dela foi cumprida no dia de Pentecostes? Parece-me que temos aqui um exemplo de perspectiva de tempo profético em que duas coisas são justapostas, ambas pertencentes ao último dia, mas separadas por um período de tempo não anunciado. Tanto a concessão do Espírito a toda a carne como o dia do Senhor pertencem ao período do trato de Deus com seu povo que estava começando naquele ponto específico. O período de tempo que separa os dois adventos de Cristo nunca é indicado nas Escrituras. Em vez disso, a ideia é a iminência, que pode ocorrer a qualquer momento, em relação ao fim dos tempos. Portanto, esteja pronto, é o que diz.

Minha opinião é que há um futuro para Israel em certo sentido. Parece-me que há muita ênfase no Antigo Testamento em numerosas profecias sobre a dispersão e exílio, no próximo retorno à terra. Mas eu procuro um professor para Israel e parece-me de Romanos 9-11 que Paulo apóia isso. Mas é isso que está por

trás dessa afirmação.

Bavinck (*Dogmática Reformada*) sobre o Espírito

Deixe-me chamar sua atenção para um parágrafo de Herman Bavink em seu *Reformed Dogmatics* . É interessante que Herman Bavink tenha escrito uma teologia em quatro volumes, um excelente trabalho. Fazia muito tempo que não era traduzido para o inglês. Está sendo traduzido agora; os primeiros dois ou três dos quatro volumes foram publicados nos últimos dois anos. Eu não acho que eles tenham o quarto volume. Mas achei que valia a pena inserir este parágrafo sobre o Espírito Santo aqui. Observe o que ele diz: “A primeira atividade que Cristo realizou após sua glorificação consiste no envio do Espírito Santo. Porque foi exaltado à direita de Deus e recebeu a promessa do Espírito Santo, ou seja, o Espírito Santo prometido por Deus no Antigo Testamento; ele agora poderia enviar este para o seu povo na terra (Atos 2:33) ... Antes da ascensão, o Espírito Santo não existia, porque Cristo ainda não havia sido glorificado. Essa é uma declaração interessante em João 7:39 que eu acho que é facilmente mal interpretada. Bavink diz: “Isso não pode significar que o Espírito Santo não existia antes da glorificação de Cristo, porque no Antigo Testamento fala-se constantemente do Espírito de Deus”. Então, quando João 7:39 diz, antes da ascensão o Espírito Santo não existia porque “Jesus ainda não havia sido glorificado”, isso não significa que o Espírito Santo não existia, não pode. “E os Evangelhos nos dizem que João Batista e Isabel foram cheios do Espírito Santo.” Há enchimento antes de Pentecostes. Em Lucas 1:15 diz que “Simeão estava no templo pelo Espírito”, Lucas 2:26-27. Que Jesus foi ungido pelo Espírito sem medida, João 3:34. E a intenção também não pode ser que os discípulos não soubessem que existia um Espírito Santo antes de Pentecostes. Porque eles foram ensinados pelo Antigo Testamento e pelo próprio Jesus. Até mesmo os discípulos de João disseram a Paulo em Éfeso que eles em seu batismo não apenas não receberam o Espírito Santo, mas também não ouviram se havia um Espírito Santo

(Atos 19:2).

Isso não indica com isso que a existência do Espírito Santo era desconhecida para eles, mas apenas diz que uma operação extraordinária do Espírito Santo, que é a obra maravilhosa no Pentecostes, eles não tinham ouvido falar. Eles sabiam muito bem que João era um profeta enviado por Deus e dotado de seu Espírito, mas eles permaneceram discípulos de João e não se tornaram discípulos de Jesus. Assim, eles permaneceram fora do círculo de crentes que receberam o Espírito no dia de Pentecostes.

O evento ocorrido neste dia, portanto, não pode ter outro significado senão o de que o Espírito Santo, que antes já existia e deu muitos dons e operou muitos poderes, agora, após a ascensão de Cristo de seu povo, agora veio viver em seu povo como em seu templo”. Observe que esta próxima declaração é ótima porque é tão impressionante: “O derramamento do Espírito Santo é, após a criação e a encarnação, a terceira grande obra de Deus”. Agora, como disse Bavink, existem três grandes obras de Deus: a criação, a encarnação e o derramamento do Espírito Santo. É um evento de enorme significado. Este dom extraordinário do Espírito Santo foi repetidamente prometido no Antigo Testamento e por isso você não quer minimizar o significado do que aconteceu no Pentecostes. Parece-me o que continua a acontecer na vida e na experiência de cada crente desde o dia de Pentecostes até hoje. Há nos últimos dias um derramamento contínuo do Espírito Santo sobre todos aqueles que foram regenerados neste corpo e, então, capacitando-os para pregar o evangelho. É disso que se trata.

Joel 2:31 E A Obra do Espírito em Atos

Vamos um pouco mais longe, o dia do Senhor é mencionado em Joel capítulo 2 versículo 31, como foi em 2:11. Na minha opinião, esses três versículos estão falando da vinda do Dia do Senhor. Aqui, porém, vem depois do derramamento do Espírito e dos sinais cósmicos nos céus. Esta passagem assume, portanto, um lugar importante no esboço do progresso da história da redenção.

Aprendemos nesta passagem que o envio do Espírito precederá o dia da vinda do Senhor. Várias coisas podem ser inferidas disso neste período em que o Espírito é derramado . A plenitude do Reino de Deus ainda não foi revelada porque precede o Dia do Senhor.

E segundo, esse período pode ser adequadamente caracterizado como o período do Espírito nos últimos dias, o tempo entre os adventos. O que segue no restante deste folheto é uma discussão sobre a obra do Espírito, particularmente conforme retratado no livro de Atos. O Espírito conduziu Filipe ao eunuco etíope, o Espírito conduziu Pedro a Cornélio, o Espírito conduziu a igreja a Antioquia, o Espírito guiou a igreja nas questões cruciais decorrentes das tarefas missionárias, o Espírito não permitiu que Paulo entrasse na Ásia, e assim e assim por diante. Então, você sabe que algumas pessoas escreveram e disseram, em vez de ser intitulado “Os Atos dos Apóstolos” deveria ser intitulado “Os Atos do Espírito Santo” porque é isso que flui através do restante do livro.

5. Comentários sobre Joel 3: Julgamento das Nações e Salvação do Povo de Deus

Deixe-me fazer rapidamente alguns comentários sobre a terceira passagem, que é Joel capítulo 3 na Bíblia em inglês, capítulo 4 na Bíblia hebraica. Dei o título a esta terceira passagem sobre a vinda do dia do Senhor, “O Julgamento das Nações e a Salvação do Povo de Deus”. Deixe-me apenas fazer alguns comentários, porque eu não iria lidar com isso em detalhes. É Joel 3:1-21 em sua Bíblia em inglês e o capítulo 4 na Bíblia hebraica.

Joel 3:1 Naqueles dias

Você obtém uma designação de tempo novamente para introduzir esta passagem, observe Joel 3:1, “Naqueles dias e naquele tempo.” Em que dias e a que horas? Eu não acho que seja exatamente como a passagem anterior referindo-se ao que aconteceu antes. Acho que “naqueles dias e naquela época” é realmente definido pelo que segue no versículo um: “Naqueles dias e naquela época, quando

eu restaurar a sorte de Judá e Jerusalém, reunirei todas as nações e as derrubarei . ao vale de Josafá”. Então é, “nos dias em que eu faço essas coisas.” Portanto, a designação de tempo refere-se à frase seguinte, e não à que a precede imediatamente; e a frase introduz a terceira passagem que descreve o dia vindouro do Senhor.

Vale de Josafá Então, Joel diz: “Naqueles dias, naquele tempo, quando eu restaurar a sorte de Judá e Jerusalém, reunirei as nações e as farei descer ao vale de Josafá. Ali entrarei em juízo contra eles a respeito da minha herança, meu povo Israel”. Onde está o vale de Josafá onde o Senhor reunirá todas as nações e as julgará? Alguns sugerem que é o vale de Beraca, com base em 2 Crônicas 20:26, onde Josafá derrotou os moabitas e os amonitas. O problema com isso é que o vale não é chamado de vale de Josafá, é chamado de vale de Beraca. Se você refletir sobre o nome “o vale de Josafá”, Josafá significa “o Senhor julgou”. Tem a raiz hebraica *shaphat* e o prefixo de que “o Senhor julgou”. Visto que o Vale é o local de um julgamento do Senhor, é possível tomar o nome como um símbolo do julgamento, e não como um nome de lugar geográfico. Se você for ao versículo 14, terá uma referência semelhante: “multidões, multidões, no vale da decisão, porque o dia do Senhor está próximo no vale da decisão”. Portanto, não tenho certeza se devemos tentar fixá-lo em uma localização geográfica precisa. Este é o lugar onde o Senhor entrará em julgamento contra as nações que se reuniram contra Israel.

Joel 3:2 – Julgamento das Nações O versículo 2 fala de todas as nações com as quais o Senhor entrará em julgamento. Agora, qual é esse julgamento? Quem é que deve ser julgado? Parece-me que o julgamento é simplesmente a vitória que será conquistada pelo Senhor em sua aparição em poder e glória quando os inimigos do Israel retornado forem convocados para a batalha antes do estabelecimento do reino milenar. Agora, é claro, isso pressupõe que exista algo

como um reino milenar. Eu relacionaria isso a textos como Zacarias 14:2, onde você lê: “Reunirei todas as nações em Jerusalém para lutar contra ela. A cidade será capturada, as casas saqueadas, as mulheres estupradas. Metade da cidade irá para o exílio, o resto do povo não será levado da cidade. Então o Senhor sairá e lutará contra essas nações enquanto luta no dia da batalha. Naquele dia seus pés estarão no Monte das Oliveiras”, que é a segunda vinda. Parece-me que se refere ao capítulo 2. Você também pode associá-lo a Apocalipse 19.

Quando você desce um pouco mais na passagem, lê no versículo 9: “Proclamai isto entre as nações, preparai-vos para a guerra, despertai os guerreiros, que todos os guerreiros se aproximem e ataquem. Transforme suas relhas de arado em espadas, suas tesouras de poda em lanças.” Observe a reversão da passagem de Isaías? Transforme suas lanças em arados; isso é o inverso disso. “Deixe o fraco dizer: 'Eu sou forte'. Venham todas as nações de todos os lados, reúnam-se lá. Tragam seus guerreiros, despertem as nações, avancem para o vale de Josafá, pois ali me sentarei para julgar todas as nações de todos os lados. Esse julgamento é simplesmente a vitória que o Senhor alcança sobre as nações reunidas contra Israel. Portanto, a batalha e o julgamento são a mesma coisa. Acho que vou deixar meus comentários com isso, mas essa é a terceira passagem que descreve a vinda do dia do Senhor em associação com esse julgamento das nações.

Transcrição de Audrey Dias
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 20

Jonas

4. Jonas

A. Nome e escritor de Jonas

Vejamos o numeral romano IV e A., “nome e escritor de Jonas”. O livro deriva seu nome de Jonas, filho de Amittai. Se você olhar para Jonas 1:1, você lê lá: “A palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai.” Em 2 Reis 14:25, diz-se que um profeta de mesmo nome veio de Gath Hepher, um lugar ao norte de Nazaré, no Reino do Norte. Quero examinar esse texto 2 Reis 14:25 porque é significativo em outra conexão. Aqui você lê sobre Jeroboão II: “Ele foi quem restaurou os limites de Israel desde Lebo Hamate até o mar da Arabá, de acordo com a palavra do Senhor de Israel, falada por meio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta de Gate Hefer. Assim, Jeroboão II estendeu as fronteiras de Israel para o norte e para baixo até o Mar de Arabá, o Mar Morto, de acordo com uma profecia de Jonas. Parece bastante claro que Jonas, filho de Amitai, durante o tempo de Jeroboão II, é o mesmo autor do livro de Jonas. Assim, em 2 Reis 14:25, diz-se que o profeta de mesmo nome veio de Gath Hepher. De acordo com esta referência, ele deve ter vindo durante ou antes da época de Jeroboão II. Se foi na época de Jeroboão, ele foi contemporâneo de Amós e Oséias. Ele profetizou que Jeroboão recuperaria as antigas fronteiras de Hamate, no norte, até o mar de Arabá, no sul. Fora isso, não sabemos nada sobre Jonas além do que é contado no livro.

Agora chegamos à história de sua missão de ir a Nínive e sua falta de desejo de fazer isso, o peixe o engolindo e, eventualmente, indo para Nínive. O autor do livro não é especificado, mas não há razões convincentes para supor que Jonas não seja o autor. Deve-se acrescentar, no entanto, se o livro foi escrito por alguém que não seja Jonas, isso de forma alguma afeta sua autenticidade, uma vez que o escritor não é especificado.

B. A Natureza do Livro: Histórica ou Não-Histórica -- Levantamento de Abordagens

B. é uma discussão de como entender este livro, “A natureza do livro: histórico ou não histórico”. Isso se torna um assunto muito discutido. Então vamos dar uma olhada nisso. O livro se distingue muito dos outros profetas menores. Seu conteúdo não é apenas um registro das profecias de Jonas, mas é uma narrativa na qual o profeta é uma figura central. A esse respeito, tem mais semelhança com as narrativas relacionadas a Elias e Eliseu; isso é como uma narrativa de Reis. Há uma grande diversidade de pontos de vista a respeito do caráter da narrativa. O seu valor religioso é reconhecido por quase todos, enquanto o seu valor histórico é muitas vezes considerado deficiente. Uma vez que este livro é um dos primeiros a ser citado por aqueles que escolheram questionar a confiabilidade histórica da Bíblia, devemos considerá-lo com algum detalhe.

Dizem que o autor tinha um propósito didático em mente quando escreveu esta história, que ele a contou para ensinar certas coisas. A partir dessa premissa conclui-se então que o objetivo dessa história não é dar informações históricas, mas sim ensinar certas lições e que o autor usa a forma da história para cumprir esse propósito didático. Geralmente não se reconhece que poderia haver algo como história didática tão bem quanto ficção didática.

Veja TD Alexander “Jonas and Genre,” está em sua bibliografia, página 17. Se você estiver interessado neste tópico, podemos dar uma olhada neste artigo. É um bom artigo. Mas nele, Alexander diz ao pesquisar as maneiras pelas quais Jonas foi classificado e que rótulo foi anexado a ele. Ele diz que mesmo a pesquisa parcial revela uma grande variedade de propostas, e anota cada um desses rótulos. Alguns dizem que é história, alguns alegoria, algum midrash, alguns uma parábola, alguma parábola profética, alguma lenda, alguma lenda profética, algum romance, alguma ficção didática, algum satírico, algum conto, e a lista continua. Em outras palavras, se você olhar para as pessoas que trabalham com este livro e

tentar fazer uma classificação de gênero, terá essa longa lista de possibilidades.

O próprio Alexandre a classifica como história didática, ou história que tem por objetivo ensinar algo. Entre o grupo não-histórico há diferenças de pontos de vista sobre sua natureza. As mais comuns são ficção, lenda, alegoria e parábola. Ver Alexander, páginas 36 e 37.

Abordagens não-históricas

1. Jonas como ficção, lenda, alegoria e parábola

Então vamos ver cada um deles. Um, ficção. Alguns acham que o autor pretendia que a história fosse uma ficção em prosa. Dois, lenda. Outros acham que o autor fez uso de uma lenda profética que circulava entre o povo de Israel. Essa visão aceita que pode haver um núcleo histórico real por trás dessa história. Talvez alguém chamado Jonas realmente tenha ido a Nínive. Talvez uma mensagem real ou mesmo uma mensagem de conotação religiosa, mas esse núcleo original de fatos históricos é cercado por todos os tipos de expansões e acréscimos lendários que foram adicionados, como a história do peixe. Eu poderia dizer essas três coisas: o peixe, a cabaça e a conversão dos ninivitas costumam causar mais problemas às pessoas, pois são as coisas que mais questionam sua historicidade. Em algumas expressões, particularmente com a história do peixe, alguns encontram um ponto de concordância com não-israelitas como lendas de libertação de monstros marinhos. Diz-se que o autor usou esse motivo lendário para seus próprios propósitos, incluindo o ensino de coisas como a misericórdia de Deus para com os pagãos e a rebelião e o pecado de Jonas se recusando a fazer a vontade de Deus. Que coisas desse tipo são ensinadas não é negado por aqueles que veem a história como verdadeiramente histórica. A questão é: com base em que podemos dizer que não é histórico? Quais são as implicações de tal visão?

A terceira abordagem entre aqueles que negam os eventos históricos do livro é uma visão alegórica. A forma mais comum dessa visão vê Jonas como o povo de Israel, Nínive é o mundo pagão a quem Israel tinha a tarefa de proclamar a

mensagem de arrependimento. A infidelidade de Jonas é, portanto, a infidelidade de Israel para ser uma luz para os gentios. Jonas engolido pelo peixe é o cativo de Israel, Jonas lançado em terra é o retorno de Israel do cativo. O retorno de Israel deve tornar a verdade religiosa conhecida pelos pagãos e eles se tornarem recipientes da graça de Deus pela conversão. Israel será rejeitado por causa da insatisfação com a misericórdia do Senhor para com os gentios. Estas são as linhas gerais da visão alegórica.

A quarta categoria é a visão da parábola. Outros não dariam tanto destaque aos elementos alegóricos, mas sim veriam a história como uma parábola inventada para ensinar algumas lições. Tal visão não necessariamente negaria a inspiração divina da história, mas estaria disposta a negar sua historicidade. Agora, um exemplo disso é Leslie Allen no NICOT Commentary. Se você olhar em suas citações, página 41, parágrafo 2, há um parágrafo do comentário de Leslie Allen sobre os livros de Joel, Jonas e Micah, onde Allen diz: “Por muito tempo, o livro de Jonas foi interpretado de maneira fortemente histórica . . . No entanto, embora os Padres da Igreja, que em sua maioria usaram Jonas simbolicamente, admitissem sua historicidade, havia quem duvidasse, inclusive no século IV Gregório de Nazianzo... Lutero considerou a história não-histórica. Não tenho certeza de onde ele conseguiu isso, pois não há notas de rodapé. “ Hoje existem círculos católicos romanos e protestantes que mantêm a historicidade do livro com um fervor que assume que sua inspiração e autoridade dependem dele: Se o livro de Jonas é história, é parte da evidência da verdade mais importante. imaginável, ou seja, que o Deus Todo-Poderoso busca levar os homens ao arrependimento e perdoará aqueles que se arrependerem verdadeiramente”. Há alguém que está pressionando essa visão. Aqui está o comentário de Allen: “ Mas se o livro não é histórico, então é apenas a opinião de algum judeu de mente aberta que Deus deve perdoar até mesmo os gentios se eles realmente se arrependerem”. inspirado para ensinar esta lição tão necessária? Tal ponto de vista corre o risco de restringir o Espírito de Deus e menosprezar o valor da parábola como um meio bíblico genuíno . Para

mim, ele realmente levanta a questão: isso é uma parábola? você conclui que isso é uma parábola? E o que isso significa? Certamente, Deus pode inspirar alguém a contar uma parábola. Mas é isso mesmo?

Comentários sobre Abordagens Não-Históricas

Agora volte para o seu folheto de Jonas, primeiro quero fazer alguns comentários gerais sobre pontos de vista não-históricos. Mais adiante, na próxima página, farei alguns comentários mais específicos sobre visões não-históricas. Mas a primeira são as grandes questões gerais envolvidas. Parece-me que não há base suficiente para a validação dessas visões não-históricas e algumas fortes razões para rejeitá-las. Eu listei três razões aqui.

a. O próprio livro alega ser histórico

Primeiro, o próprio livro não dá nenhuma boa razão para tomá-lo como algo que não seja histórico, a menos que a presença do miraculoso seja considerada uma evidência contra isso. Certamente, há um forte elemento do milagroso. Se a possibilidade de milagres não fosse um problema, o próprio livro não daria nenhuma boa razão para ser considerado algo além de histórico. A referência à personalidade principal na narrativa em 2 Reis 14:25 fornece uma base sólida para a historicidade de um profeta chamado Jonas. Veja, é aí que 2 Reis 14:25 desempenha um papel bastante significativo. Se tivéssemos apenas o livro de Jonas, poderíamos nos perguntar se isso é uma parábola. Sabemos que Jonas foi um profeta que profetizou durante ou antes da época de Jeroboão II.

b. Jesus o entendeu como histórico – Mateus 12:38-41 Dois, as referências de Jesus aos incidentes no livro de Jonas em Mateus 12:38-41 são indicativos de que ele o entendeu como histórico. Vamos ver Mateus 12:38-41. “Então alguns dos fariseus e mestres da lei lhe disseram: 'Mestre, queremos ver um sinal miraculoso da tua parte.' Ele respondeu: 'Uma geração perversa e adúltera pede um sinal

milagroso! Mas nada lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”. ao livro de Jonas e discuta esta questão histórica, conecte-a com o versículo 40: “Como Jonas esteve três dias no ventre, assim estarei três dias no coração da terra”. Não é aí que me parece que cai o argumento. É com os versículos 41 a 42, observe o que Jesus continua dizendo: “Os homens de Nínive se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas, e agora um maior do que Jonas está aqui. A Rainha do Sul se levantará no julgamento com esta geração e a condenará; pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora está aqui quem é maior do que Salomão.” Agora observe o que Jesus faz lá com os versículos 41 e 42. Rainha de Sabá. Ele coloca a resposta dos ninivitas no mesmo plano das pessoas de seu tempo. Em outras palavras, os ninivitas se arrependeram quando Jonas veio pregar para eles. Você não está se arrependendo e eu sou maior que Jonas. Há uma analogia histórica aí. Se o povo de Nínive não se arrependeu historicamente com a pregação de Jonas, a analogia cai por terra. Supõe-se que essas coisas aconteceram. Jesus está usando isso para condenar as pessoas de sua própria geração.

Agora veja o que Allen diz sobre isso, Allen diz: “ No entanto, a declaração de Jesus a respeito de Jonas em Mateus 12:39-41 não constitui um testemunho da historicidade de nosso livro? Von Orelli, que interpretou a história assim, admitiu: 'Não é de fato provado com necessidade conclusiva que, se a ressurreição de Jesus foi um fato físico, a morada de Jonas na barriga do peixe também deve ser igualmente histórica. ”Mas veja que esse não é realmente o cerne do argumento. “ A esse respeito, é importante notar uma característica que será mostrada na seção posterior sobre o sinal de Jonas, que não é uma exegese estrita que se reflete no uso que Jesus faz da narrativa de Jonas e o peixe, mas o popular entendimento judaico, que o Senhor assumiu e empregou como um veículo para a verdade a seu respeito. Se assim for, é bem possível sustentar que sua referência meramente

reflete a visão contemporânea sem necessariamente endossá-la para o estudante do AT.” Em outras palavras, as pessoas acreditavam que Jonas era histórico e, portanto, Jesus fala nesses termos como se fosse, mas não era. “ Além disso, deve-se fazer uma concessão para um elemento figurativo no ensino de Jesus, um elemento que os literalistas ocidentais notoriamente encontraram dificuldade em compreender. Se um pregador moderno não seria culpado se desafiasse sua congregação com uma referência a Lady Macbeth ou Oliver Twist, Jesus não poderia ter aludido da mesma maneira a uma história bem conhecida para reforçar sua própria mensagem distinta? ”Agora eu acho que Allen realmente não entendeu o ponto. Não é tanto que Jesus diz que Jonas esteve três dias na barriga do peixe e foi engolido pelo peixe. Há também uma referência histórica ao arrependimento na pregação de Jonas pelos ninivitas e que é contrastada com a falta de arrependimento do povo de seu tempo quando ouvem sua própria pregação.

Veja o livrinho de GC Aalder, *O Problema do Livro de Jonas*. Ele diz: “ Finalmente, e isso é muito mais importante, nosso próprio Senhor Jesus Cristo sem dúvida aceitou os eventos narrados no livro de Jonas como verdadeiramente históricos. Isso é manifesto não apenas pelo fato de que ele alude à estada de Jonas no ventre da baleia, mas também por sua referência ao arrependimento dos ninivitas: 'Os homens de Nínive se levantarão em julgamento com esta geração e condenarão isto: porque se arrependeram com a pregação de Jonas, e eis que está aqui quem é maior do que Jonas.' Nosso Senhor não poderia ter feito um pronunciamento tão sério, a menos que estivesse firmemente convencido de que os ninivitas realmente se arrependeram com a pregação de Jonas. Uma interpretação parabólica desse arrependimento é absolutamente impossível à luz dessa enfática advertência de Cristo”.

“Agora, isso pode não significar muito para muitos comentaristas, mas significa tudo para nós que cremos nele como nosso precioso Salvador, o Filho do Pai, sem defeito em sua humanidade. E talvez possa significar algo para aqueles que compartilham dessa crença, mas não concordam plena e inteiramente conosco

em aceitar o Antigo Testamento como parte integrante da infalível e autorizada Palavra de Deus . Acho que a declaração de Aalder aumenta a resposta contra uma posição como a de Allen.

Você vê em seu esboço que Charles Harris diz: “ É verdade que um pregador pode citar ilustrações de personagens fictícios ou alegóricos, mas ele não deve citá-los como evidência analógica. Deixe-o tentar isso diante de uma audiência de incrédulos e ele os encontrará resmungando: 'Isso não prova nada, a coisa nunca aconteceu.' ” Veja, esse é o ponto crucial, parece-me. Jesus usa isso como uma analogia e a analogia falha se não houver uma realidade histórica de arrependimento. Dillard e Longman, em sua *Introdução ao Antigo Testamento* , páginas 392-393, comentam: “O argumento mais convincente a favor da leitura histórica é que a referência de Jesus a Jonas e Nínive indica que ele acreditava que o livro era histórico. O comentário é, no entanto, embora isso seja possível, não é certo.” Afinal, Jesus poderia se referir ao evento se estivesse pregando, mesmo que fosse uma parábola. De maneira semelhante, um pregador hoje exorta a congregação a ser como o bom samaritano, embora poucos acreditem que o bom samaritano foi uma pessoa histórica. O bom samaritano não é nomeado, Jonas é nomeado. Em Reis sabemos que ele foi uma pessoa histórica que viveu durante ou antes da época de Jeroboão II. Mas não acho que a analogia sustente que isso possa ser uma parábola. Isso não me parece adequado às exigências da analogia histórica que Jesus estava fazendo em sua declaração. Este é um segundo comentário geral sobre as visões não-históricas.

c. A Inclusão de Jonas no Cânon das Escrituras

Em terceiro lugar, a inclusão de Jonas no cânon das Escrituras e as referências mais antigas a ele nas literaturas judaicas sugerem que ele sempre foi entendido como histórico. Vá para suas citações, página 42 – tenho uma citação mais longa de HL Ellison, que diz: “ O que realmente importa é a historicidade do livro. É bastante claro que sua verdade literal nunca foi questionada na tradição

judaica. De fato, Fílon de Alexandria, aquele grande mestre da alegoria, que sem dúvida teria se apegado avidamente a uma explicação simbólica ou alegórica se ela fosse do seu conhecimento, 'se esforçou muito para explicar a maravilha do peixe'.

“Igualmente, a canonicidade do livro parece nunca ter sido questionada. Quer o estudioso moderno explique o livro como lenda profética, narrativa simbólica ou ficção didática, ele se depara com a impossibilidade de explicar como o povo judeu, e em particular nosso Senhor, passou a considerá-lo historicamente verdadeiro. A dificuldade é maior quando percebemos que nossa explicação espiritual dele como um relato historicamente verdadeiro será, em maior ou menor grau, significativamente diferente do que deveríamos dar, se o considerássemos como ficção. Somos solicitados a acreditar que os judeus não apenas esqueceram que era ficção, mas também esqueceram seu verdadeiro significado. Não é injusto lembrar também que os modernos estão singularmente em conflito quanto ao seu propósito e significado originais.

“Aqueles que negam a verdade factual do livro devem arcar com o ônus de explicar como um livro tão diferente dos outros livros proféticos veio a ser incluído no cânon profético, como foi esquecido que era uma ficção simbólica ou didática e, acima de tudo, tudo como nosso Senhor era incapaz de perceber sua verdadeira natureza.

“Vamos enfrentar um fato simples. A partir de Eichhorn, a negação da historicidade do livro foi, em primeiro lugar, resultado da então dominante visão racionalista do mundo, na qual não havia espaço para milagres ou para a interferência divina nas coisas físicas.

“O conservador deve assumir parte da culpa, no entanto. Para ele, muitas vezes, a primeira metade do livro é tudo o que importa. Ele tende a ignorar que as relações milagrosas de Deus com Jonas foram apenas uma preparação para a revelação do caráter divino. Se quisermos que a verdade literal do livro seja levada a sério, devemos dar-lhe uma interpretação espiritual adequada e justificar o

elemento milagroso excepcional nele.” Em outras palavras, se você se concentrar apenas nos detalhes históricos, poderá perder o real significado do livro.

4. A Opinião do Judeu – Eles não consideraram isso uma parábola No topo da página 4 de seus folhetos há outra referência à sua citação na página 39 do comentário de Aalders sobre este último ponto, parágrafo 2 de Aalders quando ele está falando sobre a forma como o povo judeu entendeu o livro. Ele disse: “ Essa também era a opinião dos judeus. Eles não consideravam o livro de Jonas uma parábola, mas presumiam que fosse um registro de eventos históricos reais. Isso é evidente no livro apócrifo de Tobit. Quando Tobit está morrendo, ele chama seu filho, Tobias, e ordena que ele vá para a Mídia, 'pois (diz ele) eu acredito na palavra de Deus sobre Nínive, que Naum falou, que todas essas coisas acontecerão e acontecerão na Assíria. e Nínive.' Este texto provavelmente está correto, mas a Septuaginta traz Jonas em vez de Naum. Esta pode ser uma emenda falsa, mas prova que os judeus certamente não consideravam o livro de Jonas uma parábola. No terceiro livro dos Macabeus, o sacerdote Eleazar, ao orar, refere-se à libertação de Jonas da seguinte maneira: 'E quando Jonas estava definhando sem piedade no ventre do monstro nascido no mar, tu o restauraste, ó Pai, ileso a todos os seus doméstico.' Esta referência é precedida por lembranças semelhantes do Faraó que foi afogado junto com seu orgulhoso exército, de Senaqueribe, que foi derrotado à vista da cidade santa, da libertação dos três amigos da fornalha ardente e de Daniel dos leões. ' den. Isso também é uma prova firme de que os judeus consideram o livro de Jonas como um registro de eventos históricos reais. E Josefo, que repetidamente enfatiza o caráter histórico de sua obra, inclui o conteúdo do livro em suas Antiguidades. Embora possamos ter boas razões para questionar o valor real de sua precisão histórica, não há dúvida de que ele expressa a opinião de seu povo ”, que Jonas era uma narrativa histórica. Portanto, esses são comentários gerais sobre visões não históricas. Acho que essas são três fortes razões para rejeitar a visão não-histórica.

Análise de Vannoy das Abordagens Não-Históricas Agora chegamos a comentários mais específicos. Primeiro, parece-me que aqueles que têm pontos de vista não-históricos geralmente o fazem por duas razões. A primeira, a., é que “os eventos descritos são vistos como improváveis ou impossíveis”. Em outras palavras, a historicidade do livro é negada com base nos elementos milagrosos que ele contém. Alguns são de opinião que milagres não acontecem, então relatos deles não podem ser históricos. Outros estão dispostos a aceitar o milagroso em geral, mas sentem que a multiplicação do elemento milagroso em Jonas é tão grande que é melhor não considerá-lo histórico. Isso é basicamente o que Allen diz em seu comentário NICOT. Allen diz: “Esse elemento surpresa é um fator chave ao longo do livro. A viagem de um profeta a Nínive para entregar sua mensagem é um fenômeno extraordinário. Oráculos proféticos contra as nações são comuns, mas normalmente eram falados no solo nativo do profeta para o benefício de seus compatriotas. A missão política de Elias e Eliseu em Damasco é o paralelo mais próximo, mas a jornada de Jonas é de natureza diferente.” Portanto, é surpreendente que os profetas estejam indo para outra nação. “Outra surpresa, chocante, é a recusa de Jonas em assumir seu fardo profético. Moisés, Elias e Jeremias realmente se esquivaram de suas atribuições, mas a recusa direta de Jonas vai muito além de sua hesitação. Na verdade, este livrinho é uma série de surpresas; está repleto de um acúmulo de fenômenos de arrepiar os cabelos e de arregalar os olhos, um após o outro. A violenta tempestade marítima, o peixe submarino no qual Jonas sobrevive enquanto compõe uma canção, a conversão em massa de Nínive, a planta mágica - essas não são características comuns das narrativas proféticas do AT. Embora um ou dois eventos emocionantes não levantem dúvidas, o bombardeio do leitor com surpresa após surpresa de maneira provocativa sugere que a intenção do autor é outra do que simplesmente descrever fatos históricos.” Portanto, não é o milagroso em si, mas “é o acúmulo de fenômenos de arregalar os olhos” que faz você começar a se perguntar se isso

realmente se destina a ser lido historicamente. “ Corajoso seria o homem que ousasse dizer que esta série de acontecimentos era impossível, pois quem pode limitar a onipotência de Deus e dizer categoricamente que algo não poderia acontecer? Não impossível, mas improvável é como eles atingem o leitor comum. E se o autor pretendesse prender nossa atenção e concentrá-la em sua mensagem por meio de uma série de improbabilidades? ” Então é assim que Allen aborda essa questão.

Abordagem de John Stek: Analogia da História Veja nas páginas 42 e 43 uma resposta a esse tipo de abordagem de Allen, esta declaração de um artigo de John Stek. Ele foi por muitos anos o professor de Antigo Testamento que agora está aposentado, mas escreveu um livro chamado *A Mensagem do Livro de Jonas* , que eu acho que é muito útil para esta questão da historicidade do livro, mas também da mensagem do livro de Jonas. Mas observe o que Stek diz, ele diz: “ O escritor assume a historicidade dos eventos narrados. Esta é uma suposição que a maioria dos leitores... está fortemente inclinada a rejeitar. Levantando esta narrativa de seu próprio contexto canônico e histórico único, e consciente ou inconscientemente lendo-a no contexto da história geral onde milagres como os aqui narrados não acontecem, exceto em mitos, lendas e contos de fadas, o leitor moderno e Os estudiosos se sentem compelidos pela analogia da história a encontrar alguma explicação para a narrativa além de que os eventos narrados realmente aconteceram . Veja que a referência à “analogia da história” é aquele princípio freqüentemente usado para propósitos históricos: Se você não consegue encontrar fenômenos análogos em sua própria experiência, então há um problema. O princípio do que Stek está dizendo é que os leitores que fazem isso tendem a tirar isso de seu próprio contexto, no contexto da história redentora na qual Deus está trabalhando, e colocá-lo em outro contexto da história geral e então concluir que não aconteceu. Ele diz: “ Empregando o princípio da analogia da história, recorre-se geralmente, como faz Eissfeldt, a “um motivo mitológico de conto de

fadas que é encontrado em todo o mundo, ou seja, o motivo da deglutição e vômito de um homem por um grande peixe, conhecido, por exemplo, em uma forma da saga de Perseu .

“ O método aqui ilustrado é insidioso. Implica, se a consistência é uma virtude, que o mesmo deve ser feito com toda narrativa bíblica de um evento maravilhoso. O resultado fatal é que todas as maravilhas bíblicas são explicadas com base no princípio da analogia da história.

“O presente escritor reconhece a validade do princípio da analogia histórica, mas insiste que os únicos análogos históricos apropriados para os eventos maravilhosos registrados no livro de Jonas são os eventos igualmente maravilhosos pertencentes à história da salvação da qual os escritores bíblicos dão testemunho , a saber, a história dos atos poderosos de Deus. Este é o único contexto adequado para a leitura do livro de Jonas. Nesse contexto, a narrativa histórica leva a historicidade a sério, mesmo ao narrar os acontecimentos mais inusitados – justamente porque há acontecimentos inusitados a serem narrados. E dentro da literatura bíblica, o Livro de Jonas encontra sua analogia mais próxima como literatura na narrativa histórica profética, como a maioria dos estudiosos admite. Em outras palavras, você encontra a analogia mais próxima na literatura histórica do Antigo Testamento, a história do Êxodo e as histórias do livro dos Reis.

O arrependimento de Nínive é questionado Então, o próximo parágrafo é uma nota de rodapé, 35, onde Stek diz: “ O relato de um arrependimento dos ninivitas tem sido freqüentemente usado como prova do caráter lendário deste livro profético. HH Rowley coloca isso sem rodeios: 'Que Nínive foi instantaneamente convertida é uma tese que não convencerá nenhum estudante de sua história, a menos que a conversão tenha sido tão efêmera quanto rápida - caso em que foi sem valor e dificilmente enganaria Deus .' Se o presente escritor interpreta corretamente o propósito do livro de Jonas, um arrependimento 'efêmero' por parte

dos ninivitas foi suficiente para o propósito de Deus. Pois mesmo tal arrependimento, que começou a se manifestar já quando a pregação de Jonas a Nínive mal havia começado - 'E Jonas começou a entrar na cidade a uma jornada de um dia' (3: 4) - está em nítido contraste com a insensível e milagrosa rejeição de Israel. ministérios cheios de Elias e Eliseu. Por sua resposta a uma advertência profética, por mais efêmera que tenha sido, os ninivitas envergonharam o coração duro de Israel ”, acho que é a mesma coisa que Jesus está dizendo. Os ninivitas se arrependeram, mas alguém maior do que Jonas está aqui e você não está se arrependendo.

Os israelitas não se arrependeram com o ministério de Elias e Eliseu e os ninivitas responderam com a resposta que Israel deveria ter. “ Além disso, que Deus responde graciosamente até mesmo a um arrependimento efêmero é evidenciado por ter poupado Acabe, que de forma semelhante manifestou o que só poderia ter sido um arrependimento efêmero em resposta à ameaça de julgamento iminente de Elias .” Você se lembra de quando Acabe se arrependeu ou adiou o julgamento que viria sobre seu filho.

Problema dos Milagres Múltiplos Se você está indo na direção de Allen e outros, que dizem que é a multiplicação dos elementos milagrosos deste conto que o leva à conclusão de que o autor não pretende descrever a história, você tem que perceber essas coisas tendem a acontecer em outros lugares também. O que você faz então com 2 Reis capítulos 4-7? Em 2 Reis 4-7, você tem 4 capítulos. Em Jonas você tem 4 capítulos. Em 2 Reis 4-7, em 4:1-7, o óleo é multiplicado naquelas vasilhas da esposa de um membro da companhia dos profetas para pagar a dívida. Em 4:8-37, Eliseu promete à mulher sunamita um filho e depois o ressuscita dos mortos. Em 4:8-34 Eliseu purifica e multiplica o alimento para os filhos dos profetas. No capítulo 5, Eliseu cura Naamã. No capítulo 6, uma cabeça de machado é lançada. No capítulo 6:8, alguns de Israel foram atingidos pela cegueira. Em 6:24 a 7:20 ele profetizou sobre a libertação de Samaria durante um

cerco. Então eu acho que o que você pode dizer é que quando você vai para as narrativas de 2 Reis, você tem 4 capítulos que têm eventos milagrosos igualmente “arregalados”, se isso vai fazer você dizer: “o livro de Jonas não é histórico.” Parece-me que a consistência deve fazer com que você diga que 2 Reis 4-7 também é uma lenda profética. Depois de fazer isso, para onde você vai a partir daí? Porque me parece que o tipo de literatura que você encontra em Jonas é o mesmo tipo de literatura que você encontra em 2 Reis 4-7. Não vejo como você pode ter 2 Reis 4-7 como histórico, mas depois dizer, mas não posso aceitar Jonas, ou vice-versa. Assim, parece-me que a questão não é o que alguém pensa ser possível ou provável. Em vez disso, é se o escritor aqui pretende ou não descrever a realidade como ele a conhece. Qual é a intenção do escritor sobre se isso aconteceu ou não? A inclusão dos eventos milagrosos, mesmo que esses eventos sejam registrados em rápida sucessão, não é um critério válido contra sua historicidade.

Voltamos agora ao êxodo como CS Lewis diz: “Agora é claro que devemos Concordo com Hume que se há absolutamente "experiência uniforme" contra milagres, se em outras palavras eles nunca aconteceram, então nunca aconteceram. Infelizmente, sabemos que a experiência contra eles é uniforme apenas se soubermos que todos os relatórios sobre eles são falsos. E sabemos que todos os relatos são falsos apenas se já soubermos que milagres nunca ocorreram. Na verdade, estamos discutindo em círculo.” Acho que, no final das contas, voltamos a essa questão de visão de mundo e se você está ou não disposto a admitir a possibilidade de intervenção divina. Então, isso é um pouco mais detalhado.

História dos peixes e monstros marinhos antigos

Eu disse que existem visões não-históricas geralmente por duas razões. Primeiro seria o milagroso. A segunda razão é que a história do peixe é vista como derivada de mitos e lendas de outros povos. Em seguida, quando você examinar as evidências de derivações, acho que descobrirá que não há muita correspondência

entre a história de Jonas e as outras. A maioria dos paralelos é encontrada na ideia de alguém ser salvo da barriga do monstro marinho. Na literatura grega, Hesione, filha do rei troiano, foi dada a um monstro marinho para apaziguar os deuses, mas foi salva por Hércules. Mas a recompensa não foi dada a Hércules. Também na literatura grega, Perseu resgatou uma donzela de um monstro marinho e se casou com ela. Heródoto conta sobre Arion, que foi empurrado para fora de um monstro marinho e salvo por um golfinho.

Vá para a página 41 para ver os comentários de Aalders na página 41. Ele diz: “ Um terceiro argumento que deve ser descartado é aquele baseado nos paralelos, especialmente na história do peixe. Muitos estudiosos têm se empenhado em coletar paralelos de fontes não bíblicas. Repetidas vezes foi afirmado que o autor utilizou mitos antigos e contos folclóricos para compor sua história. É, no entanto, impossível provar que ele estava familiarizado com tais histórias . Não há nenhuma razão para supor que o autor tenha emprestado de tais fontes. “ Os pontos de conformidade que podem ser mostrados são tão poucos e insignificantes, que é impossível provar a partir deles que o autor de Jonas usou ou mesmo conheceu as lendas pagãs. E se a familiaridade com tal material não pode ser claramente provada, como esses paralelos podem contribuir para a solução do problema se o autor pretendia dar um registro histórico ou compor uma ficção didática?”

Observe na parte inferior da página 5 do folheto, até mesmo Abraham Kuenen disse que a história do milagre do peixe está inteiramente de acordo com o ponto de vista religioso do autor e que, portanto, não temos o direito de atribuir alguma origem alienígena, particularmente derivação de mitos ou lendas nas quais apenas alguns pontos de acordo podem ser mostrados.

Problemas com a abordagem alegórica

Agora alguns comentários mais específicos. Uma delas foi essa discussão das razões das visões não-históricas: o miraculoso. Dois, os comentários mais

específicos sobre a abordagem alegórica. Acho que a dificuldade com a abordagem alegórica é que ela encontra dificuldade quando pressionada aos detalhes. Por exemplo, a própria insistência de Jonas para que a tripulação o lançasse ao mar dificilmente se aplica à de Israel indo para o cativo. Na história, o peixe é o meio divinamente ordenado de resgatar Jonas do afogamento na morte, o que também dificilmente se aplica ao cativo. Isso não nega que, em certos aspectos, Jonas possa ser considerado típico ou representativo de Israel. Acho que isso é bem possível. Na verdade, acho que provavelmente é melhor entendê-lo dessa maneira. Mas isso é totalmente diferente de sustentar que a narrativa foi concebida como alegórica de Israel. Um significado representativo ou típico de Jonas assumiria certas analogias entre Jonas e Israel. Em uma interpretação alegórica, seria de esperar uma correspondência detalhada.

Isso fica mais claro quando comparamos o livro de Jonas com outros exemplos de alegorias do Antigo Testamento. Existem algumas alegorias no Antigo Testamento. Vou te dar dois deles. Em Ezequiel 17:2-10, Ezequiel diz: “Filho do homem, apresente uma alegoria e conte uma parábola à casa de Israel. Diga-lhes: 'Assim diz o Soberano Senhor: Uma grande águia com asas poderosas, longas penas e plumagem cheia de cores variadas veio ao Líbano. Segurando o topo de um cedro, ele quebrou seu rebento mais alto e o levou para uma terra de mercadores, onde o plantou em uma cidade de comerciantes. Ele pegou um pouco da semente da sua terra e colocou em solo fértil. Ele a plantou como um salgueiro junto a muita água, e ela brotou e se tornou uma videira baixa e extensa. Seus galhos se voltaram para ele, mas suas raízes permaneceram sob ele. Então ela se tornou uma videira e produziu ramos e brotou ramos frondosos. Mas havia outra grande águia com asas poderosas e plumagem completa. A videira agora lançou suas raízes para ele do terreno onde foi plantada e estendeu seus galhos para ele em busca de água. Tinha sido plantada em boa terra por água abundante para que produzisse ramos, desse frutos e se tornasse uma videira esplêndida'. Diga-lhes: 'Assim diz o Soberano Senhor: Será que vai prosperar? Não será arrancado pela

raiz e despojado de seus frutos para que murche? Todo o seu novo crescimento murchará. Não será preciso um braço forte nem muita gente para arrancá-la pela raiz. Mesmo se for transplantado, vai prosperar? Não murchará completamente quando o vento leste a atingir - murchará no terreno onde cresceu?”

Agora, a águia no versículo 3 com asas poderosas é Nabucodonosor, e ele veio do Líbano para o pequeno país de Judá. Segurando a ponta de um cedro, ele quebrou o rebento mais alto e o levou embora.” Esse é Joaquim, que foi levado “para uma terra de mercadores, onde a plantou em uma cidade de comerciantes”, essa é a Babilônia. “Ele pegou um pouco da semente de sua terra e a colocou em solo fértil,” isso é Zedequias. “Ele a plantou como um salgueiro... e ela se tornou uma videira rasteira. Mas havia outra águia”, era o Faraó Hofra do Egito. Continuando, “E você, filho do homem, não tenha medo deles ou de suas palavras. Não tenha medo, embora abrolhos e espinhos estejam ao seu redor e você viva entre escorpiões. Não tenham medo do que eles dizem nem fiquem apavorados com eles, ainda que sejam uma casa rebelde. Tens de lhes dizer as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes.”

Agora, isso se encaixa bem na história desta época, e quando você vai até o versículo 12, você obtém uma interpretação do próprio texto. Versículo 15: “Mas o rei se rebelou contra ele, enviando seus emissários ao Egito.” Então a interpretação está aí. É introduzido pela afirmação de que é uma parábola, conta-se, depois há uma interpretação.

Em Ezequiel 19 você tem outra alegoria. Ezequiel 19:1, “Levanta um lamento sobre os príncipes de Israel e dize: 'Que leoa era a tua mãe entre os leões! Ela se deitou entre os leões novos e criou seus filhotes. Ela criou um de seus filhotes, e ele se tornou um leão forte.'” O leão parece ser Israel. Um de seus filhotes é Jeoacaz. “Ele se tornou um leão forte. Aprendeu a despedaçar a presa e devorou os homens. As nações ouviram falar dele, e ele foi preso em sua cova. Eles o levaram com ganchos para a terra do Egito. Ele foi tomado por uma oração. Quando ela viu sua esperança não realizada, sua expectativa perdida, ela pegou

outro de seus filhotes e fez dele um leão forte. Ele rondava entre os leões.” Isso parece ser Joaquim. Assim, podemos traçar isso de volta ao livro de 2 Reis e, em seguida, ler uma descrição alegórica da história daquela época.

Se você comparar exemplos como este com o livro de Jonas, o que você encontra lá é muito mais curto. Eles têm uma indicação inequívoca de seu caráter alegórico. Você não vai ler Ezequiel 17:19 e concluir que isso é histórico no sentido das palavras do que foi dito sobre águias e cedros. Portanto, há indicação do caráter alegórico. Tais indicações não podem ser encontradas no livro de Jonas, e parece que estamos justificados em concluir que não deve ser entendido em um sentido alegórico.

Problemas com a Abordagem da Parábola

Isso nos leva à “parábola”, e você pode comparar Jonas com exemplos de parábolas do Antigo Testamento. Acho que novamente você descobre que as parábolas são bem diferentes do que você tem em Jonas. Liste três que são parábolas. Você pode ler Juízes 9, a parábola de Natã em 2 Samuel 12:1-4, e a parábola da sábia de Tecoa em 2 Samuel 14:6-7. Se você olhar para eles, não vou perder tempo, mas quando você olha para eles e os lê, acho que duas coisas se destacam. a., eles são muito curtos, simples e pontiagudos. O significado é claro. Em cada caso, há um ponto básico sendo feito. Juízes 9 aponta para a tolice de fazer Abimeleque rei. 2 Samuel 12:1-4, que Davi é culpado com Bate-Seba. 2 Samuel 14:12-14, Davi deveria permitir que Absalão voltasse a Jerusalém. E b., há uma indicação direta ali no contexto deixando bem claro. David foi informado de que era uma história. Se você comparar isso com o livro de Jonas, o livro de Jonas não é caracterizado nem por fazer um ponto singular nem por qualquer indicação de aplicação. Além disso, não há explicação de por que uma pessoa real é a personalidade principal da história. Parece-me que essas coisas combinadas argumentam contra uma interpretação parabólica.

Veja a página 43 de suas citações onde DJ Wiseman deu uma declaração em

um artigo que está no *Tyndale Bulletin*. Ele diz: “ Se esta é uma parábola, é única em sua extensão e falta de explicação em comparação com outras no Antigo Testamento e na inclusão de 'elementos milagrosos', ausentes de todos os outros paralelos do antigo Oriente Próximo. Isso é especialmente notável se "a força de convicção da parábola depende de sua verossimilhança ao retratar uma situação humana". ” Em outras palavras, você não esperaria encontrar elementos milagrosos em uma parábola. Isso não é característico do gênero parábola.

O parágrafo 3 dá a resposta de Allen. Ele diz: “ Certamente a história é apresentada em forma de narrativa, mas “todas as parábolas se assemelham a um registro de eventos históricos... eventos ”. Em outras palavras, as formas de parábola estão tão próximas da forma histórica que você realmente não consegue distinguir.

“ Outro fator a ser levado em consideração é a identificação obviamente pretendida do herói ou anti-herói com o profeta de 2 Reis 14:25”, então ele aborda essa questão de Jonas mencionada fora do livro de Jonas também em 2 Reis . “Aqui está pelo menos uma base histórica, que sugere que os incidentes relatados em nosso livro são históricos.” E então ele diz: “ Pode muito bem haver um núcleo histórico por trás da história, mas isso não é relevante para sua compreensão em sua forma atual. Atrás da parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37) está 2 Crônicas 28:15... enviado a Sodoma para testar a hospitalidade de seus cidadãos. Mas ninguém deixaria de diferenciar essas parábolas de um simples relato de eventos. Em cada caso, um tema mais antigo foi usado como matéria-prima para a criação de algo novo e contemporâneo.” Agora ele faz várias associações que estão por trás de algumas das parábolas. Entre nisso e discuta-o e acho que você pode questionar algumas dessas associações, mas mesmo além disso, nenhum dos exemplos que ele dá trata de uma pessoa histórica conhecida pelo nome na parábola. O livro de Jonas tem, então me parece que a analogia ali, embora interessante, realmente não carrega o peso que ele está tentando fazer suportar.

Vejo que meu tempo acabou, não chegamos ao “conteúdo”. Então vamos

parar neste ponto. Da próxima vez teremos que discutir um pouco sobre o conteúdo de Jonas e passar para Amós.

Rough editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Katie Ells

Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 21a

4. Jonas

C. O Conteúdo de Jonas

Estávamos no livro de Jonas, que é o numeral romano IV. Na segunda seção, examinamos a expressão do personagem do livro. Isso é escrita histórica ou não? Então chegamos a C., “O conteúdo do livro”, e tenho dois subpontos. Não vou trabalhar em todos os quatro capítulos. Mas quero falar sobre o contexto histórico porque acho que tem relação com a mensagem do livro. Então, em segundo lugar, quero ver o propósito do livro.

1. Antecedentes Históricos a. Ascendência Externa da Assíria Então, primeiro “O pano de fundo histórico”. Primeiro, a., “Externo”, qual é a situação internacionalmente fora de Israel na época de Jonas. Eu gostaria de passar por isso, então não vou ler tudo, mas vou resumi-lo. Você percebe que na época de Onri , a Assíria começa a recuperar força. Ashur-nasir-pal (883-859 aC) é uma das figuras assírias que restabelece o poder assírio. Os assírios militarmente eram combatentes implacáveis; Tenho em suas apostilas uma descrição dos tipos cruéis de estratégias e táticas que os assírios usavam. Mas digo isso porque a Assíria começou a afetar Israel. Você percebe que Israel teve uma série de encontros com a Assíria. Na época de Ahab (853 aC), Ahab juntou forças para lutar contra os assírios na batalha de Qarqar no rio Orontes. Isso não é mencionado na Bíblia. Em segundo lugar, em 841 sob Shalmaneser III após aquele impasse no rio Orontes, a Assíria voltou, e os reis do norte, Jeú em particular, foram forçados a pagar tributo ao rei assírio. Há um famoso Obelisco Negro no qual Jeú foi retratado ajoelhado prestando homenagem aos assírios em 841 aC Assim, a Assíria começa a afirmar ameaças reais à contínua independência do Reino do Norte. Em 833 aC, Jeoacaz prestou homenagem a um rei assírio que o sucedeu. Assim, nos anos 800, a Assíria começou a pressionar Israel.

Jonas e Urartu — Enfraquecimento da Assíria

Como isso afeta Jonas? Jonas é um pouco mais tarde, por volta de 782-780 aC. Mencionei que a Assíria estava envolvida em uma luta com Urartu ao norte. Eram pessoas que desceram das montanhas da parte norte da Mesopotâmia. Eles avançaram a cem milhas de Nínive. Alguns acham que a própria existência da Assíria foi ameaçada por esses guerreiros da montanha. Este é o momento da fraqueza assíria em que não temos muitas informações, então há uma boa quantidade de disputa. Mas alguns pensam que esta é a época em que Jonas estava em Nínive e, se for esse o caso, a própria Assíria está sendo ameaçada por essas pessoas do norte. Isso pode explicar a prontidão dos assírios em ouvir a mensagem de Jonas quando ele disse: “Em 40 dias, Nínive seria destruída”. Talvez não fosse apenas uma ameaça esfarrapada; talvez fosse uma ameaça real para a Assíria.

Em um artigo que está em sua bibliografia por DJ Wiseman, ele sugere que houve um eclipse solar em 763 aC, uma fome em 765 e um terremoto que ocorreram naquele período geral e, portanto, esses tipos de sinais também podem ter contribuído para a disposição da Assíria em ouvir a mensagem de Jonas. Se você voltar para Israel, nada teria sido melhor para Israel do que a derrota da Assíria. Antes da época de Jonas, eles haviam sido ameaçados não apenas pela Síria, mas também pela Assíria. A Síria deixou de ser uma ameaça e a Assíria tornou-se mais uma ameaça.

Nesse contexto, Jonas é enviado a esta nação que constitui uma séria ameaça a Israel. Acho que isso nos ajuda a entender a relutância de Jonas em ir àquela cidade, bem como a abertura dos assírios para ouvir a mensagem de Jonas. Este é um breve resumo do contexto histórico externo.

b. Interno:

Prosperidade sob Jeroboão II

Agora “interno”. Muitas das idéias aqui sobre a situação interna são tiradas

do artigo de John Stek, “A Mensagem do Livro de Jonas ”, no qual ele aponta que tanto Israel quanto a Assíria estavam em um período de ressurgimento econômico. A época de Jeroboão II foi muito parecida com a época de Davi e Salomão; As fronteiras de Israel foram estendidas e houve prosperidade econômica. E você se pergunta o que está acontecendo de errado, porque Israel não é fiel ao Senhor. Os profetas estão falando do julgamento vindouro por causa do adultério e da imoralidade em Israel. Então você não pode dizer que a prosperidade é a recompensa de Deus para um povo arrependido e agora fiel. Mas, ao contrário, parece ser a graciosa concessão de alívio de Deus a uma nação que ele havia castigado recentemente com grande severidade por causa de seu pecado.

Veja 2 Reis 14:26. Você lê lá: “O Senhor tinha visto quão amargamente todos em Israel, escravos ou livres, estavam sofrendo; não havia ninguém para ajudá-los. E como o Senhor não havia dito que apagaria o nome de Israel de debaixo do céu, ele os salvou pela mão de Jeroboão, filho de Jeoás. Agora, o que esse versículo está se referindo é o sucesso de Jeroboão em obter prosperidade por meio de Israel estendendo suas fronteiras, em contraste com o que havia sido anteriormente opressão pelos sírios - não os assírios, mas os sírios - que pressionaram Israel. Portanto, o que noto em seu esboço é que o povo ainda se lembra de como Deus lidou com Israel no tempo de Elias e Eliseu, no tempo de Acabe e Jeoacaz, em que não havia apenas o governo de uma nação estrangeira em Israel, o palavras de repreensão dos profetas, mas também indicações da bênção de Deus sobre os gentios vizinhos.

Benefícios de Elias e Eliseu para a Síria

Por exemplo, no tempo de Elias havia muitas viúvas em Israel, mas foi por meio da viúva de Zerafta que o Senhor enviou Elias no tempo de fome para sustentá-la. Agora Jesus se refere a isso. Havia muitos leprosos no tempo de Eliseu, mas somente Naamã, o oficial sírio, foi curado. Essa misericórdia foi demonstrada a ele, embora, naquela época, fosse sua nação, a Síria, que dominava

Israel. De fato, neste tempo geral, de Acabe a Jeoacaz, você descobre que a Síria recebeu um favor especial de Deus por meio da prosperidade. Elias havia sido comissionado para ungir Hazael na Síria, Eliseu profetizou que ele seria mau para Israel. Eliseu salvou milagrosamente as forças sírias que estavam atacando Israel. Então você se pergunta, o que está acontecendo aqui?

Deut. 32:21 Deus Provoca Israel à Ciúme Abençoando Nações Estrangeiras

O que Stek aponta é que o princípio em ação parece ser aquele que Moisés explicou a Israel nas planícies de Moabe em Deuteronômio 32:21. Diz: “Eles me deixaram com ciúmes do que não é deus e me irritaram com seus ídolos inúteis. Eu os farei invejosos por aqueles que não são um povo; Vou irritá-los por causa de uma nação que não tem entendimento”. Meredith Kline comenta sobre isso em seu trabalho sobre Deuteronômio, *Tratado de um Grande Rei*, e diz: “As maldições da aliança ameaçavam Israel com a extinção se ela se prostituísse com os não-deuses de Canaã. Aplicando o princípio da *lex talionis*”, ou seja, a lei da retaliação, “Deus incitaria ciúmes em Israel por meio de um povo de ninguém”. Eles me fizeram inveja por aqueles que não são deus, eu os farei invejosos por aqueles que não são pessoas. “Ele rejeitaria o povo escolhido que o havia rejeitado, removeria deles sua proteção pactual e concederia a um povo que não conhecia seu favor pactual triunfar sobre seus filhos.” Assim, parece que o princípio da retaliação, ou princípio da substituição, você pode chamá-lo, está operando em Israel, pouco antes da época de Jonas, nos tratos de Deus com Israel e a Síria. Ele está abençoando a Síria de certa forma e oprimindo Israel. Então isso é um pouco antes da época de Jonas. Agora, a Síria está em declínio por causa de sua derrota para a Assíria. E a palavra do Senhor falada por Jonas a respeito de Jeroboão ia se cumprir. Você se lembra que foi profetizado que as fronteiras de Jeroboão se estenderiam até o Eufrates. Isso está acontecendo às custas da Síria. Israel se estendia até o norte, até Hamate.

Amós e Oséias denunciam o pecado de Israel

No entanto, enquanto isso está acontecendo, nem tudo está bem em Israel. Amós estava denunciando ou prestes a denunciar o pecado de Israel. Veremos alguns desses textos quando entrarmos em Amós. Ele estava profetizando que Israel iria em cativeiro para além de Damasco, que é a Assíria. Israel deve ser humilhado. O instrumento desse julgamento seria uma nação da região da Mesopotâmia. Oséias estava pregando a mesma mensagem em 4:1, 10:6 e 11:5. Oséias menciona a Assíria. Portanto, Israel é caracterizado por um espírito de orgulho e complacência, persistência na apostasia religiosa e corrupção moral. Ela realmente perdeu sua posição especial que era dela em virtude de ser o povo escolhido de Deus, mas na verdade o que está acontecendo é que Israel viu sua eleição como uma eleição para privilégio, mas foi um equívoco, e ela estava cega para o fato de que foi uma eleição para o serviço.

Substituição: Volte para Deus ou Ele Trabalhará em Outro Lugar

Então essa é a situação. Deus diz a Jonas para ir para a Assíria. Ele deve apresentar a uma nação pagã as obrigações e privilégios da aliança que Israel está rejeitando. E parece que essa ideia de substituição é mencionada por Jesus em Lucas 4:25-26 com respeito à viúva de Zaratã e Naamã; esse princípio que já havia se demonstrado por esta época com relação aos sírios. Se o povo de Deus rejeitasse esta mensagem quando o fizesse, os pagãos seriam chamados às obrigações e privilégios da aliança. Agora, essa é a sugestão de Stek para o que está acontecendo internamente e qual é o significado teológico dessa missão de Jonas indo para Nínive. É substituição; se você não se voltar para o Senhor, o Senhor trabalhará em outro lugar. O povo de Deus deve estar sempre consciente desta verdade. “Aquele que pensa estar em pé, cuidado para que não caia.” Não possuímos a palavra de Deus. Se não formos fiéis e obedientes, Deus pode levar sua obra para outro lugar e nos colocar sob sua maldição e julgamento.

Deve ser interessante ver o que acontece nos próximos 25 a 50 anos com relação ao cristianismo no Ocidente. E o que acontece com o cristianismo, digamos na China, que tem sido um país fechado, mas pelo que estou lendo, o cristianismo está florescendo notavelmente lá. Este é outro exemplo desse princípio de substituição? Deus está se afastando das pessoas que têm todos os privilégios e trabalhando e seguindo em outro lugar?

Voltando a Jonas, o significado de sua missão em Nínive não se limita apenas aos ninivitas, mas também envolve Israel e seu próprio relacionamento com Deus. Deus não estava pressionando seu próprio povo rebelde por meio dessa mensagem profética aos assírios, seguindo o padrão semelhante de Elias e Eliseu? Então, esses são meus comentários sobre o contexto histórico.

2. Os principais propósitos do livro a. A repreensão de Jonas ao pecado carregado de Israel

Depois disso, “Os principais propósitos do livro”. Em “Finalidades”, listei quatro pontos. Primeiro, acho que o ministério de Jonas serviu para destacar, por contraste, o caráter rebelde dos israelitas. Houve muitos profetas, mas eles não se arrependeram. Mas quando Nínive ouve a palavra, ela se arrepende!

Veja a página 44 em suas citações, Stek comenta sobre isso: “Os eventos da missão profética de Jonas a Nínive também servem como repreensão ao Israel teimoso e carregado de pecado. Até os marinheiros pagãos ficam surpresos com o fato de Jonas, que serve ao 'Deus do céu, que fez o mar e a terra seca', tentar fugir de tal Deus, e suas palavras de surpresa registram ao mesmo tempo uma repreensão (O pergunta *O que você fez?* [1:10]) parece sempre implicar surpresa e acusação. Além disso, a preocupação dos marinheiros com o bem-estar de Jonas contrasta significativamente com a atitude insensível de Jonas para com os ninivitas. Também é evidente que o arrependimento dos ninivitas no ministério de um sinal de Jonas serve como uma repreensão permanente ao pecado de Israel, que teimosamente se recusou a ouvir as advertências dos profetas, mesmo quando

essas advertências foram acompanhadas por sinais poderosos . como nos ministérios de Elias e Eliseu. Mais uma vez, o Senhor procura 'incitá-los com aqueles que não são um povo". Assim, em contraste, a mensagem de Jonas também fornece uma advertência para a rebeldia de Israel.

b. Israel não tinha direitos exclusivos sobre a salvação do Senhor Segundo, acho que a missão de Jonas serve para impressionar Israel de que ela não tinha direitos exclusivos sobre a salvação do Senhor. Você consegue isso no final do livro por causa do arrependimento dos ninivitas. Qualquer ideia de exclusivismo religioso baseada no orgulho nacional e em um conceito errado de eleição é rejeitada aqui. A eleição de Israel foi pela graça e misericórdia de Deus, e pode ser estendida onde quer que Deus deseje; não era exclusivamente para eles. E Jonas até ficou ofendido quando Deus o estendeu além dos limites de Israel.

c. Jonas foi destinado a desempenhar um papel representativo Em terceiro lugar, é provável que Jonas tenha a intenção de desempenhar algum tipo de papel representativo e que o livro seja percebido dessa forma por aqueles que o lêem. Acho que se você olhar para os comentários e intérpretes, muitos comentarão sobre isso, mas não há grandes evidências para exatamente qual é o papel representativo. Aqui estão três sugestões para isso. Primeiro, representativo da humanidade em geral. A narrativa diz algo sobre os caminhos de Deus com o homem e os seres humanos e suas relações com Deus. Em segundo lugar, representativo daqueles a quem Deus confiou um ministério profético. Jonas é uma lição objetiva para aqueles que se afastaram de seu chamado. O foco ali é especificamente em Jonas e seu chamado. Em terceiro lugar, e provavelmente a hipótese mais válida, é que Jonas é representante de Israel, o povo de Deus. Stek comenta: "Não há razão para duvidar que na atitude de Jonas para com os assírios todo o Israel se identificaria com ele e saberia que foi repreendido por ele. E também não há razão para duvidar que isso é exatamente o que o escritor

pretendia. Além disso, Jonas também pode tipificar algo da história futura de Israel. Jonas, um israelita, foi lançado ao mar e depois entregue para cumprir sua missão. Assim, a nação de Israel passaria pela aflição do exílio por causa de sua desobediência até que um remanescente pudesse retornar para cumprir sua missão no mundo. Nesse sentido, a escola simbólica pode estar certa. Jonas pode muito bem representar Israel. Mas, ao mesmo tempo, Jonas é uma figura histórica real.

d. A infidelidade de Israel não frustrará os propósitos de Deus A mensagem para Israel é que não importa o quanto Israel se rebele e falhe - Deus alcançará seus propósitos em e através de Israel. Como diz Stek, "... a atual infidelidade de Israel não frustrará esses propósitos históricos de Yahweh. Embora isso tenha ficado evidente antes em vários períodos críticos da história de Israel, aqui é demonstrado de forma altamente dramática. Jonas, incorporando em uma pessoa o ofício de profeta - um dos principais dons carismáticos de Deus para Israel - e a pervertida estreiteza de espírito do povo 'eleito', é constrangido por Deus, ao contrário de sua vontade, a cumprir uma missão de misericórdia para Nínive. O pecado do profeta israelita não pode frustrar o gracioso propósito de Deus para a cidade assíria. Deus é até mesmo capaz de usar esse pecado para promover Sua vontade. Quando Jonas finalmente vai para Nínive, ele vai não apenas como um profeta de Israel, mas também, de acordo com nosso Senhor (Lucas 11:30), como um sinal notável feito por Deus para os ninivitas que teria um impacto profundo em eles. A imperfeição, fraqueza e quebrantamento da resposta de seu povo a ele não impede o soberano Senhor da história de realizar seus propósitos salvadores. 'A salvação é de Javé.' O Senhor fará sua obra salvadora em Israel apesar dela, não por causa dela".

e. Dominate Theme: A Soberania de Deus que Cumpre Seus Propósitos apesar da Rebelião Humana

Acho que essa perspectiva incorpora o tema mais dominante do livro: a soberania de Deus que realiza seus propósitos apesar da rebelião humana.

É Deus quem tem a primeira palavra e a última. Ele escreveu o livro. Observe que começa em 1:1 e termina “não me importaria eu com aquela grande cidade?” Veja Jonas 4:10 e 11: “Mas o Senhor disse: 'Você tem se preocupado com esta videira, embora não a tenha cultivado ou feito crescer... Mas Nínive tem mais de cento e vinte mil pessoas... Eu não deveria estar preocupado com aquela grande cidade?’” Portanto, é Deus quem tem a primeira e a última palavra. No corpo da narrativa ele está sempre forçando a questão. Então Stek diz: “Seu julgamento ameaça Nínive; ele comissiona o profeta; ele envia a tempestade no mar; ele 'aponta' o peixe; ele poupa a cidade arrependida; ele fornece a cabaça; ele 'aponta' o verme destrutivo; ele 'aponta' o opressivo vento leste; ele repreende o profeta”. Até mesmo a oração de Jonas testifica: “A salvação vem do SENHOR”, isso está em Jonas 2:9. Portanto, a narrativa é realmente uma narrativa dos atos de Javé. Stek diz: “Qualquer exposição, portanto, que por afirmação explícita, ou por sugestão implícita, coloca Jonas no centro só pode ser julgada como uma leitura errada deste escrito profético”. Jonas é um instrumento nas mãos de Deus. A soberania de Deus está no centro deste livro.

d. Jonas como uma ilustração do ponto de morte e ressurreição do Messias d. Muitas vezes é dito que o propósito do livro é apontar para alguém que é maior do que Jonas por causa da referência de Mateus. EJ Young diz de fato: “O propósito fundamental do livro de Jonas não é encontrado em seu ensino missionário ou universalista. É antes para mostrar que Jonas sendo lançado nas profundezas do Sheol e ainda assim trazido vivo é uma ilustração da morte do Messias por pecados que não são dele e da ressurreição do Messias.” Parece-me que Young exagera quando diz que esse é o propósito fundamental do livro.

Compare o comentário de Young com o de J. Barton Payne, que diz: “O Senhor Jesus mais tarde utilizou o período de permanência de Jonas no peixe para ilustrar seus próprios três dias na sepultura; mas, assim, ele não constitui o profeta como um tipo de si mesmo, nem sugere que essa tenha sido a intenção original de

Deus ao decretar a experiência milagrosa de Jonas.

Stek comenta: “Alguns têm tratado todo o livro de Jonas como se seu propósito principal fosse simplesmente fornecer um tipo profético de Cristo. Mas se isso é tudo o que pode ser dito, então deve-se reconhecer que o tipo teria permanecido um enigma completo até o aparecimento do antítipo, e o Israel a quem o livro foi inicialmente endereçado não poderia deixar de interpretá-lo mal. Seu verdadeiro significado teria necessariamente permanecido um mistério fechado para eles”. Acho que Stek está certo nisso. Eu acho que é uma ênfase errada; Eu preferiria dizer algo onde ele diz que Jesus usou essa história para ilustrar seus três dias na sepultura, em vez de fazer todo o propósito do livro depender dessa analogia de Jesus e Jonas no peixe.

V. Amos A. Autor e fundo

Vamos para Amós. Quero ser seletivo no que destaco nas notas. Eu queria economizar algum tempo para a passagem de Amós 9. Em A, “Autor e antecedentes”. Um, é “Seu nome”. Ele é Amos, um pastor de Tekoa, de 1:1. Ele é o único Amós no Antigo Testamento. Ele vem de Judá e era pastor.

2. “O lugar de sua atividade profética”. Ele, ao contrário de Oséias, era do Reino do Sul, mas sua atividade profética era dirigida principalmente a Israel, ou seja, o Reino do Norte. Isso aparece não apenas na frase introdutória em 1:1, mas também no capítulo 7, onde Amós aparece em Betel. Isso não significa que ele não tenha nada a dizer sobre Judá, e há uma seção especificamente sobre isso. Ele é uma reminiscência do homem de Deus de Judá mencionado em 1 Reis 13 na época de Jeroboão I, quando eles estavam montando os bezerros de ouro em Betel.

3. “O tempo de sua atividade profética”. Amós 1: 1 disse que ele profetizou no tempo de Uzias em Judá, você lê: “As palavras de Amós, um dos pastores de Tecoa - o que ele viu a respeito de Israel dois anos antes do terremoto, quando Uzias era rei de Judá e Jeroboão filho de Jeoás era rei de Israel”. Assim profetizou no tempo de Uzias, de Judá, e de Jeroboão, filho de Jeoás, de Israel, dois anos

antes do terremoto. Ele foi contemporâneo de Oséias, embora Oséias tenha profetizado por meio de reis posteriores. Se você olhar para Oséias 1:1, Oséias acrescenta a Uzias - Jotão, Acaz e Ezequias. Portanto, geralmente se pensa que Oséias foi um contemporâneo mais jovem e sucessor de Amós, com alguma sobreposição.

Amós 1:1 também menciona este terremoto, ele profetizou “dois anos antes daquele terremoto”. Há uma referência a esse terremoto em Zacarias 14:5, onde diz: “Vocês fugirão como fugiram do terremoto nos dias do rei Uzias de Judá”. E lembre-se que Zacarias foi depois do exílio, então isso foi um pouco mais tarde, ainda há memória desse terremoto desde a época de Uzias até depois do exílio. O problema é que não sabemos a data exata desse terremoto. Portanto, não é de grande ajuda em termos de especificar a data do terremoto. Freeman sugere cerca de 760 a 753 aC para a época do ministério de Amós, e isso se baseia no silêncio da morte de Jeroboão em 753 aC. Em outras palavras, a suposição é que se Jeroboão tivesse morrido, isso teria sido um evento tão importante que você esperaria uma menção a isso. Portanto, é antes de sua morte, aproximadamente 760 a 753 AC. Portanto, existem pontos finais.

Transcrito por Linnet Walker, Ashley Pengelly, Mallory Moench, Brady Champlin, Nicole Rook, Ted Hildebrandt, Stephanie Fitzgerald (ed.)
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 21b

Amos

Amos

5. As condições políticas e sociais da época

Voltemos à nossa discussão sobre Amós. O número 5 é: “As condições políticas e sociais da época”. Tanto Israel quanto Judá estavam prosperando. Israel foi aliviado da pressão da Síria e da Assíria. Em nenhum lugar Amós fala explicitamente da Síria, e não há indicação de que ele esteja em apuros por isso. Veja 5:27: “Portanto, eu os enviarei para o exílio além de Damasco”, diz o Senhor, cujo nome é Deus Todo-Poderoso.” Em 6:7, “Portanto, você será o primeiro entre nós a ir para o exílio e seu banquete e descanso terminarão”. Em 6:14, uma redação interessante aqui: “O Senhor Deus Todo-Poderoso declara: 'Incitarei contra ti as nações, ó casa de Israel, que te oprimirão desde Lebo Hamate até o vale da Arabá.’” Isso soa um sino? Especialmente, “desde Lebo Hamate até o Vale do Arabá”. Veja a referência a respeito de Jonas em 2 Reis 14:25. Diz lá que Jeroboão foi “aquele que restaurou os limites de Israel desde Lebo Hamate até o mar da Arabá, de acordo com a palavra do Senhor, o Deus de Israel, falada por meio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta formador Gath Hepher.” Então você vê que Jonas havia profetizado que Israel estenderia suas fronteiras de Lebo Hamate até o mar da Arabá. Aqui Amos vem e diz: “Eu o oprimirei desde Lebo Hamate até o vale do Arabá”. Assim, Amos chega perto de fazer uma identificação da nação opressora como sendo a Síria, embora não use explicitamente a palavra.

Interno – Prosperidade Internamente havia prosperidade. Você tem referências às casas extravagantes dos ricos em 3:15: “Destruirei a casa de inverno, juntamente com a casa de verão; a casa adornada com marfim será destruída e as

mansões serão demolidas”. Existem agora escavações de Samaria, onde foram encontradas centenas de marfins incrustados. Os banquetes com luxos são descritos em 6:4-6: “Vocês se deitam em camas incrustadas de marfim e descansam em seus leitos. Você come cordeiros selecionados e bezerros gordos. Você dedilha suas harpas como David e improvisa em instrumentos musicais. Você bebe vinho em taças e usa as melhores loções, mas não lamenta a ruína de José. Portanto, você estará entre os primeiros a ir para o exílio, seu banquete e descanso terminarão.” Então, há muito luxo e riqueza. Mas, como Ellison aponta, esse é um lado da imagem. Nós olhamos para os ricos, mas devemos nos voltar para as casas dos pobres para ver como eles vivem. Esse lado da imagem aparece se você olhar para 2:6 onde você lê. “Por três pecados de Israel, mesmo por quatro, não retirarei minha ira. Vendem o justo por prata, e o necessitado por um par de sandálias. Pisam as cabeças dos pobres como se fossem o pó da terra e negam justiça aos oprimidos”. Então havia muita injustiça. Amós 8:4-6 continua este tema: “Ouvi isto, vós que pisais os necessitados e acabais com os pobres da terra, dizendo: 'Quando passará a lua nova para vendermos o trigo e terminará o sábado para que podemos comercializar trigo?' Economizando na medida e aumentando os preços e trapaceando com balanças desonestas, comprando os pobres com prata e os necessitados por um par de sandálias, vendendo até o lixo com o trigo”. Então, como Ellison aponta, os escritores gostam de descrever a prosperidade, mas na maioria das vezes eles aparentemente falham em se concentrar na justiça. Então, esses são comentários sobre o autor e os antecedentes do livro.

B. O Livro de Amós e Seu Conteúdo 1. Esboço Geral B . é: “O livro de Amós e seu conteúdo”. Um deles é o “Esboço Geral”. Acho que o livro se divide em quatro seções. Primeiro, “Julgamento pronunciado sobre as nações vizinhas” e veremos isso brevemente. Amós adverte as nações vizinhas, principalmente Judá, e se concentra em Israel. Esses são os dois primeiros capítulos. Então o que ele faz

na segunda seção é dar julgamentos mais específicos sobre Israel e as razões para isso. Esses são os capítulos 3 a 6. E então, em terceiro lugar, uma seção de cinco visões nos capítulos 7, 8 e 9. A última seção é uma promessa de bênção futura, Amós 9:11-15. Então é assim que o conteúdo cai. O tema principal é “Julgamento sobre Israel por injustiça social”. Há uma ênfase na justiça social, mas também no formalismo religioso. Assim, Amós termina a seção com a justiça de Deus no final do livro com a grande esperança da promessa da futura restauração sob a lei. 2.

Os capítulos 1 e 2 de Amós 1 e 2 são a primeira seção, “Julgamento sobre as nações vizinhas”. Você tem julgamentos sobre seis nações vizinhas, seguidos por um julgamento culminante. Amós segue o padrão regular de introduzir cada seção com a frase: “Por três pecados” e então ele cita uma certa cidade ou nação, “e por quatro não desviarei minha ira”. Então você percebe no versículo 3: “Por três pecados de Damasco, sim, por quatro, não retirarei a minha ira”. Em seguida, o versículo 6: “Por três pecados de Gaza, sim, por quatro, não retirarei a minha ira”, e o versículo 9, “Por três pecados de Tiro, sim, por quatro, não retirarei a minha ira”. E isso segue ao longo do capítulo e no segundo capítulo, “Por três pecados,” e então uma certa cidade ou nação, “e por quatro não retirarei a minha ira”. A expressão é melhor entendida como indicando a plenitude de sua pecaminosidade - por três pecados e por quatro.

Amós também segue um padrão na ordem das nações de que fala. Ele fala de todos os povos estrangeiros pelo nome de sua capital. Ele fala da Síria e faz referência a eles pela capital Damasco. Ele fala da Filístia usando a capital Gaza em Amós 1:6. E ele fala da Fenícia usando a capital Tiro no versículo 9.

Então ele primeiro se dirige às nações estrangeiras, então ele se move para as nações primas, Edom, no versículo 11. Edom vem de Esaú. Amon no versículo 13; Amon é parente de Israel e os amonitas vêm da filha mais velha de Ló. Moabe no capítulo 2 versículo 1; Moab descende da filha mais nova de Ló. Então ele primeiro olha para três nações estrangeiras e então passa para três nações primas.

Então ele chega mais perto de casa. Ele fala da nação irmã, você pode dizer, Judá em 2:4, antes de se concentrar no próprio Israel, o Reino do Norte, em 2:6. Portanto, acho que a progressão é uma maneira eficaz de ouvir, principalmente daqueles que puderam ver o mal de Israel. Isso reforça a mensagem de Amós e se concentra na questão, até mesmo sobre Judá — é aí que ele faz comentários. Os pecados neles não se limitam aos abusos que estão presentes em Israel. Geralmente, ele reconhece o mal em si por todas as nações e essas nações enfrentarão reparações, mas não sem responsabilidade moral. O julgamento é pronunciado pelos pecados que são reconhecidos. Os meios do julgamento não são especificados, mas se você olhar para a história desses povos e nações, parece que o julgamento foi realizado.

Foco de Amós em Judá Amós começa a focar sua atenção internamente em Judá. Você percebe em 2:4 e 5 que ele diz: “Por três pecados de Judá, mesmo por quatro, não retirarei a minha ira. Porque eles rejeitaram a lei do Senhor e não guardaram seus decretos, porque foram enganados por falsos deuses, os deuses que seus antepassados seguiram, enviarei fogo sobre Judá, que consumirá as fortalezas de Jerusalém”. Ele chega a Judá e há uma transição significativa. Lembre-se de que ele está falando com o Reino do Norte, embora ele próprio seja do sul. Se ele tivesse se voltado diretamente para Israel, poderia ter sido acusado de parcialidade. O norte era mais forte econômica e politicamente, mas o sul tinha a presença do templo. Amós descreve a lei do Senhor e não guarda seus estatutos e segue outros deuses. Isso foi cumprido em 2 Reis 24-25 na destruição de Jerusalém em 586 aC Então o julgamento está vindo sobre Judá.

Amós sobre Israel Em Amós 2:6-16, “Por três pecados de Israel, sim por quatro, não retirarei a minha ira. Vendem o justo por prata e o necessitado por um par de sandálias”. Eu não vou ler tudo. Mas pule para “Eu também suscitei profetas dentre seus filhos e nazireus dentre seus jovens”. Em seguida, o versículo

13 e seguintes: “Agora, pois, eu os esmagarei como um carro esmaga quando carregado de grãos. O veloz não escapará, o forte não reunirá suas forças e o guerreiro não salvará sua vida. O arqueiro não resistirá...” Versículo 16, “Até os mais valentes guerreiros fugirão nus naquele dia.” Este é o clímax destes dois primeiros capítulos. Ele pronunciou julgamento sobre os inimigos de Israel, um após o outro, e agora vem sobre Israel. Agora ele dirige sua mensagem a Israel, que receberá o julgamento principal. Eles avisaram as pessoas antes pelas nações vizinhas. Um dia de trevas em vez de luz, um dia de julgamento.

Ação judicial a. Acusação e indiciamento Para trazer esta mensagem, Amós usa o que alguns chamam de “processo da aliança”. As características desta forma jurídica são aqui observáveis. Observe como isso funciona. Primeiro você tem uma acusação ou indiciamento, que está no versículo 6-8. Eu li parte disso: “Eles vendem os justos por prata Eles pisam nas cabeças dos pobres”. Versículo 7, “Pai e filho usam a mesma garota e assim profanam meu santo nome. Eles se deitam ao lado de cada altar sobre roupas tomadas em penhor. Na casa de seu deus eles bebem vinho tomado como multa.” Essa acusação envolve violações sociais, morais e religiosas — opressão dos pobres nos versículos 6 e 7 e apostasia moral e religiosa no versículo 8. Envolviam a prostituição sagrada, que eles pensavam que produzia magicamente a fertilidade da terra. Israel foi avisado para não se envolver nisso. Aqui o Senhor está sendo adorado como Baals comuns seriam. Essa prática era uma violação grosseira da aliança. O que piorou, foi feito com coisas obtidas através da opressão dos pobres. “Eles se deitam ao lado de todo altar sobre roupas tomadas em penhor.” Eles estavam fazendo religião às custas dos pobres. Então essa é a acusação do processo da aliança.

b. Atos de Graça do Soberano em Vss. 9-11

Em segundo lugar está o relato dos atos graciosos do soberano nos versículos 9-11. Os versículos 9-11 dizem: “O Senhor diz: 'Eu destruí o amorreu diante deles,

embora ele fosse alto como os cedros e forte como os carvalhos. Destruí seu fruto acima e suas raízes abaixo. Tirei-te do Egito e durante quarenta anos conduzi-te no deserto para te dar a terra dos amorreus. Também levantei profetas dentre seus filhos.” Isso não é verdade? Eu fiz todas essas coisas. Eu tenho sido fiel. Eu fui gentil. Portanto, um recital dos atos graciosos do Senhor. Deus manteve consistentemente a aliança.

c. Rejeição do Aviso do Pacto Profético O terceiro elemento do processo do pacto é a rejeição do aviso do pacto profético. Isso é encontrado no versículo 12. “Mas você deu vinho aos nazireus e ordenou aos profetas que não profetizassem”. O profeta chama o povo a retornar à aliança com fidelidade e arrependimento, mas ambos foram rejeitados.

Isso leva ao número quatro, a sentença no versículo 13-16. Eu já li isso. É dado em termos gerais. Não há previsão específica, mas o julgamento está listado. Então esse é o clímax da primeira seção do livro, onde Amós se transforma de nações estrangeiras, para nações primas, para uma nação irmã de Judá e, finalmente, para Israel.

3. Amós 3-6 Pronunciamentos de Julgamento Vamos para a segunda seção, capítulo 3-6, onde há pronunciamentos de julgamento mais específicos. Esta seção consiste em três discursos, cada um começando com esta frase: “Ouçam esta palavra que o Senhor falou”. Você percebe isso em 3:1: “Ouçam esta palavra que o Senhor fala contra vocês, ó povo de Israel”. Em 4:1, “Ouvi esta palavra, vacas de Basã, no monte Samaria, mulheres que oprimem o pobre e esmagam o necessitado.” E 5:1, “Ouçam esta palavra, ó casa de Israel, este lamento que levanto a vosso respeito.” Estas são três introduções estereotipadas dessas seções.

a. Amós 3 Quero examinar particularmente o capítulo 3. O capítulo 3:1-2 diz: “Ouçam esta palavra que o Senhor fala contra vocês, ó povo de Israel, contra toda

a família que tirei do Egito: 'Vocês só têm escolhi de todas as famílias da terra; portanto, eu os castigarei por todos os seus pecados.'" Acho que esse versículo resume a essência da mensagem. A ideia da aliança é central aqui, embora o termo *berit* [aliança] não seja encontrado. No capítulo 6, "Portanto, eu te punirei", que é retirado de uma abordagem tradicional de longa data das ideias da aliança, onde você localiza todos os profetas que usaram a palavra *berit* [aliança] e avalia o resultado com base *nisso* . . . Como a palavra *berit* [aliança] não é usada extensivamente pelos profetas, D. Hillers conclui inadequadamente que a aliança não ocupava um lugar muito importante no mundo conceitual dos profetas. Mas o que Hillers sugere, e ele chama a atenção para o fato de que, nos últimos tempos, há muitas tentativas em três áreas de trabalho em relação à aliança e aos profetas. Um, a terminologia da aliança. Em outras palavras, sim, os profetas podem nem sempre usar a palavra *berit*, aliança, mas eles usam a linguagem da aliança. Assim, você obtém uma abordagem mais indireta do funcionamento da aliança usando a terminologia da aliança. Em segundo lugar, o padrão literário da aliança que acabamos de ver no final do capítulo 3 com o processo da aliança. E, em terceiro lugar, há o uso de maldições da aliança.

Terminologia do Pacto A primeira sobre a análise da terminologia do pacto, tenho aqui em suas notas uma citação usando *yada'* [saber] no capítulo 3:2. A NVI diz: "Você só eu escolhi." Veja o texto hebraico. Não diz isso. Ela diz: "Você só sabe que eu." É *yada'* [saber]. "Só a vós conheço de todas as famílias da terra; portanto, vou puni-lo. O que isso significa? O que isso poderia significar? "Só eu sei." O Senhor não sabia que havia outros povos na terra além de Israel? E por que a conclusão "você só eu conheço, portanto vou puni-lo"? O que saber tem a ver com punir? Então, alguns comentários sobre *yada'* . O termo tem uma ampla gama de significados, desde "compreender" até "relações sexuais". O que significa em relação às exigências de Deus ou quando o Senhor diz: "ele conhece Israel"? Saber pode ir em ambas as direções. Mas é isso que está escrito em Amós 3:2: "A

vós só eu conheço... portanto, eu vos castigarei.” Em que sentido é verdade que Javé conheceu apenas Israel e por que isso ocorre em Amós 3:2? Assim, há uma conexão lógica entre o conhecimento de Deus sobre Israel e sua destruição. Ficou claro que temos aqui um uso de "saber" emprestado da terminologia das relações internacionais. Huffmon tem um artigo sobre *yada'*. Ele diz que os reis do Oriente Próximo usam *yada'*, para saber, em ambos os textos hitita e acadiano para reconhecer um vassalo legítimo. Veja a página 49 de suas citações em Herbert Huffmon. Ele diz: “O uso técnico mais óbvio de “saber” é aquele com referência ao reconhecimento legal mútuo por parte do suserano e do vassalo”. Na Ásia Menor, os vassalos prometiam conhecer apenas o grande rei. Além disso, “outro Senhor você pode não conhecer”. E nos tratados, o suserano hitita garante aos vassalos que, em caso de rebelião contra o vassalo, “o Sol conhecerá apenas você”. Portanto, “conhecer” ali reconhece alguém como suserano ou vassalo legítimo. O contexto é um tratado ou convênio.

Mas Huffmon continua dizendo: “'Saber' também é usado como um termo técnico para o reconhecimento das estipulações do tratado como obrigatórias.” Eles listariam os regulamentos e diriam: “Você os conhece”. Agora, com esse pano de fundo, as palavras de Amós não são mais misteriosas. O vocabulário é familiar às relações internacionais. Javé havia reconhecido apenas Israel como seu servo legítimo, seu vassalo. Como esse tipo de pacto envolvia obrigações e o vassalo não as cumpria, “portanto, eu o castigarei por todas as suas iniquidades”. Alguns de vocês em seus jornais notaram que este termo “conhecer” entre o Senhor e Israel aparece em vários lugares. Veja Oséias 13:4-6. Você consegue isso de outra direção. “Mas eu sou o Senhor, seu Deus, que os tirou do Egito. Você deve,” a NIV diz, “reconhecer,” mas isso é *yada'*, “nenhum Deus além de mim, nenhum Salvador exceto eu. Eu me importava,” isso é *yada'* também, “por você no deserto, na terra de calor ardente. Quando os alimentei, eles ficaram satisfeitos; quando ficaram satisfeitos, ficaram orgulhosos; então eles me esqueceram. Então eu virei sobre eles como um leão.”

Jeremias fala de maneira semelhante em Jeremias 24: 7: “Darei a eles um coração para me conhecer, que eu sou o Senhor. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus, pois eles se voltarão para mim de todo o coração”. Que esse tipo de conhecimento está intimamente relacionado com a conduta do povo fica evidente em outra passagem, em Jeremias 22:15, onde você lê, e esta é de Salum, filho de Josias: “Ele diz: 'Edificarei para mim um grande palácio com quartos superiores espaçosos.' ... Faz de você um rei ter cada vez mais cedro? Seu pai não comeu e bebeu? Ele fez o que era certo e justo, então tudo correu bem com ele. Ele defendeu a causa dos pobres e necessitados, e tudo correu bem. Não é isso que significa me conhecer? declara o Senhor”. Também vemos uma conexão entre a terminologia profética associada aos relacionamentos do tratado. Mesmo que *berit* não seja usado com frequência, o complexo de ideias associado ao pacto está presente. De um longo trecho de JA Thompson, o vocabulário da aliança está extraindo um pouco da linguagem da aliança que você pode não perceber ao olhar para as palavras. Ele diz: “ Em geral, tanto no Antigo Testamento quanto nos tratados do Oriente Próximo, as partes eram descritas como 'rei' ou 'senhor' de um lado, e 'servo' do outro. As estipulações da aliança eram conhecidas como 'palavras' ou 'mandamentos'. Todos os tratados e convênios tiveram 'testemunhas' do 'juramento' feito. Os verbos 'governar', 'amar', 'servir', 'abençoar', 'amaldiçoar', 'obedecer', 'jurar', 'fazer jurar', 'chamar como testemunha' e outros, todos pertencem ao mesmo general *Sitz im Leben*, ou seja, para a sociedade suserano-vassalo que deu origem aos tratados do Oriente Próximo, e que forneceu uma metáfora rica para a expressão da aliança”, e *yada'* está incluído aí.

Padrão Literário: Maldições do Pacto O segundo é o padrão literário do pacto que já examinamos. Uma terceira categoria é o uso de maldições da aliança. Hillers aponta: “ Pois repetidas vezes descobrimos que os profetas moldam seus oráculos de aflição em termos que ecoam as maldições associadas a tratados”, semelhante a Levítico 26 e Deuteronômio 28, conhecido “ porque é uma longa

lista de maldições associadas a um aliança com o Senhor—ela diz o que vai acontecer, 'Se você rejeitar meus estatutos e abominar minhas leis para que você não cumpra todos os meus mandamentos e assim quebre minha aliança.'" São as maldições do tratado . Isso se torna importante em Amós 3:10, onde isso se torna importante para a avaliação dos profetas. Muitos estudos modernos sobre os profetas foram dedicados à psicologia profética, tentando capturar seus estados mentais. Eles estavam preocupados com o monoteísmo e uma vida justa. Mas a perspectiva que estamos considerando considera os profetas figuras que usaram frases-chave da história e da aliança de Israel, e não de sua própria consciência. Seus oráculos são simplesmente maldições da aliança. Eles estão simplesmente voltando aos seus fundamentos em Deuteronômio 28 e Levítico 26.

b. Amós 4

Agora vamos passar para o capítulo 4. Este é um exemplo disso mesmo. Você vê em 4:6-12 que Amós diz: “Eu vos dei estômagos vazios em todas as cidades e falta de pão em todas as cidades, mas vocês não voltaram para mim”. Aquele refrão “mas você não voltou para mim” é repetido cinco vezes. Está em 6b, 8b, “As pessoas cambaleavam de cidade em cidade para buscar água, mas não conseguiam o suficiente para beber, mas você não voltou para mim.” 9b e 10b, “Enviei pragas entre vocês como fiz ao Egito, matei seus jovens à espada ... mas você não voltou para mim. ” Está em 11b, “mas você não voltou para mim.” E então em 12: “Portanto, isto é o que farei com você.” Deus enviou muitos avisos na forma de maldições da aliança, mas estas caíram em ouvidos surdos .

Vá para Deuteronômio 28 e Levítico 26 e observe a lista de versículos em seu esboço. Você descobrirá que no versículo 6 de Amós 4 está a fome. Volte para Deuteronômio 28:17 e 18, onde lemos: “Seu cesto e sua amassadeira serão amaldiçoados. O fruto do teu ventre será amaldiçoado, e as colheitas da tua terra, e os bezerros dos teus rebanhos e os cordeiros dos teus rebanhos”. Volte para Amós 4:7, 8 - você tem seca. “Mandei chuva para uma cidade, mas retive-a de outra. Um

campo teve chuva; outro não tinha e secou. Deuteronômio 28:23: “O céu sobre a sua cabeça será de bronze, o chão abaixo de você será de ferro. O Senhor transformará em pó a chuva do seu país”. Amós 4: 9a, mofo: “Atingi seus jardins e vinhedos com ferrugem e bolor”. Deuteronômio 28:22, “O Senhor te ferirá com uma doença devastadora, com febre e inflamação, com calor abrasador e seca, com ferrugem e bolor.” Amós 4:9b, gafanhotos: “Os gafanhotos devoraram as vossas figueiras e oliveiras.” Deuteronômio 28:38 e 42: “Semearás muita semente no campo, mas colherás pouco, porque os gafanhotos a devorarão.” Eu os enviei, mas isso não fez com que você se arrependesse. No final disso, no versículo 11, “ainda você não voltou para mim”.

Então o versículo 12: “Portanto, isto é o que eu farei com você, Israel.” O que ele vai fazer? Não diz . “E porque eu farei isso com você, prepare-se para encontrar seu Deus, ó Israel.” É uma expressão incompleta. Alguns sugerem que os verbos foram perdidos e é encontrado em 3:14b: “Destruirei os altares de Betel, as pontas do altar serão cortadas”. Então você teria: “Portanto, isso é o que farei com você, Israel”, e depois inseriria: “Destruirei os altares ...”. Mas isso é totalmente arbitrário - poderia ter sido extraído de qualquer lugar. Está entendido. Você passa por todos esses pecados e “ainda não voltou para mim”. A implicação é que será pior do que o que já havia acontecido. Parece-me que o que Israel pode esperar neste clímax são as maldições da aliança. Acho que é isso que está implícito aqui e o que se entende sem dizer. Volte para Levítico 26:27 e siga: “Se, apesar disso”, isto é, essas maldições da aliança vierem sobre você por causa de sua desobediência, “você não me ouvirá, eu os punirei por seus pecados sete vezes mais .” Versículo 31 , “transformarei suas cidades em ruínas.” Versículo 32: “Vou devastar a terra.” Versículo 33: “Eu os espalharei entre as nações, desembainharei minha espada e os perseguirei. Sua terra será devastada e suas cidades ficarão em ruínas”. Então é isso que vem no final da mensagem profética se você ainda não voltar para Deus. Então, parece-me que isso seria entendido. Isso é o que farei, executando as maldições da aliança sobre aqueles que se recusarem a se

arrepende e aqueles que não “voltarem para mim”.

Da próxima vez, veremos em detalhes a conclusão de Amós 9:11-15 e sua citação em Atos 15.

Transcrição de Ted Hildebrandt
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

Robert Vannoy, Fundamentos da Profecia Bíblica, Palestra 22

Amós 9:11-15

Amós 9:11-15 Promessa de Bênção Futura

Veremos Amós 9:11-15, que é sobre a quarta seção do livro: “Promessa de bênção futura”. Aqui Amós apresenta uma nota de esperança no contexto dos muitos pronunciamentos anteriores de julgamento. Tem havido muita discussão sobre duas questões relativas a esta seção final do livro.

1. Autenticidade Um, a questão de sua autenticidade, isto é, esta seção deve ser atribuída ao próprio Amós ou é algo que foi anexado ao livro posteriormente? A linha de argumentação usada por aqueles que questionam a autenticidade diz que o contexto histórico implícito não é o do tempo de Amós. A situação indicada nos versículos finais é que Judá foi levado cativo pelos babilônios.

Além disso, é difícil acreditar que, numa época em que a dinastia de Davi estava de pé, os homens foram convidados a procurar a restauração de sua “cabana caída”, o fechamento de “as brechas dela”, o levantamento de “suas ruínas”. e sua reconstrução “como nos dias antigos” (v.11). Em outras palavras, no Epílogo, o ponto de vista é alterado; e o problema torna-se semelhante ao da autoria de Isaías.

Lembra quando discutimos esse assunto com relação a Isaías quando ele fala sobre o retorno de Israel? Portanto, a mesma linha de argumentação é usada aqui. Em resposta, eu apenas diria muito brevemente que acho que certamente pode ser perguntado por que um profeta não pode pressupor a ocorrência do que ele previu? Amos diz que você vai para o cativo além de Damasco. Ele diz que seus prédios serão destruídos. Seus guerreiros não escaparão. Por que Amós, que profetizou a queda de Jerusalém em 2:4-5, não poderia pressupor que isso tivesse acontecido e então olhar além disso? Em outras palavras, não me parece que essa seja uma linha de argumentação convincente e, portanto, não deveria haver nenhuma dúvida sobre a autenticidade desta última seção do livro.

2. Questões sobre a interpretação de Amós 9:11-15 Mas não acho que essa questão seja tão significativa quanto a segunda. A segunda questão é a questão interpretativa de como você entende Amós 9:11-15. Como devemos interpretar os versículos 11 a 15 no capítulo 9, incluindo o uso dos versículos 11 e 12 por Tiago no Concílio de Jerusalém em Atos 15? Para mim, há uma questão dupla aqui. Como entendemos o que ele disse aqui e seu uso por Tiago no Concílio de Jerusalém? Mas também mais internamente a Amós 9:11-15: qual é a relação na interpretação dos versículos 11 e 12 desta passagem com a interpretação dos versículos 13 e 15? Em outras palavras, esta passagem é uma unidade na qual está falando basicamente sobre a mesma coisa, ou há algum tipo de disjunção entre 11 e 12 e 13 e 15? Como você relaciona 11 e 12 a 13-15?

Amós 9:11-15 e Atos 15:12-19 JA Motyer diz sobre Amós 9:11-15: “ O governo mundial do Messias davídico é uma característica profética regular e figura com destaque nos Salmos reais. A metáfora guerreira em muitas dessas passagens deve, obviamente, ser entendida em termos de ,” observe suas palavras aqui, “ a realeza do Senhor Jesus Cristo e a expansão missionária da igreja. Esta é a interpretação autorizada pelo NT em Atos 15:12-19.” Em outras palavras, quando Tiago cita Amós 9 nas discussões no Concílio de Jerusalém, ele está interpretando Amós 9 como falando da realeza do Senhor Jesus Cristo na reconstrução da cabana caída de Davi e na expansão missionária da igreja. Essa é uma interpretação bastante comum que aparece em muitos de seus próprios artigos.

OT Allis, em *Prophecy and the Church* , diz sobre Amós 9: “Talvez a melhor passagem do Novo Testamento para testar a exatidão do método dispensacional de interpretação das Escrituras”. Portanto, Allis é um amilenista e se opôs fortemente ao método interpretativo dispensacional.

Observe nas notas de Old Scofield em Atos 15, a declaração feita sobre o

uso de Amós 9 em Atos 15: “Dispensacionalmente, esta é a passagem mais importante do Novo Testamento”. Portanto, é interessante para mim do lado dispensacional deste debate, bem como do lado amilenista do debate, que o desacordo que tem a ver com esta passagem é muito importante.

A passagem tem sido usada à maneira de JA Motyer e OT Allis, e por muitos na escola amilenista de interpretação. As conclusões tiradas desta passagem, conforme usadas aqui no Novo Testamento, são usadas para apoiar interpretações semelhantes de outras profecias do reino do Antigo Testamento como referências à igreja. Em outras palavras, se, como ele diz em Amós 9 versículo 12 que “possam possuir o remanescente de Edom”, e em Atos 15 que “possuir o remanescente de Edom” é modificado para dizer, “para que o remanescente dos homens possa buscai ao Senhor” no versículo 17. Se essa é uma interpretação da declaração de Amós, então você tem uma interpretação figurativa, pode dizer, dessa declaração sobre Edom que é adotada pelo Concílio de Jerusalém.

Ponto de Vista Amilenista Agora, a linha de argumentação desenvolvida por aqueles com este ponto de vista é a seguinte. Primeiro, no versículo 11 de Amós 9, o levantamento do tabernáculo caído de Davi é tomado como uma referência ao poder de Cristo como o Filho de Davi no tempo presente da pregação do evangelho. Em outras palavras, o versículo 11 diz: “Naquele dia restaurarei a tenda caída de Davi, consertarei suas ruínas e a reconstruirei”. Isso é falar de Cristo e se cumpre no tempo presente da pregação do evangelho. Theodore Laetsch comenta: “Ele levantará a cabana caída e a elevará à glória que supera em muito seu esplendor anterior mais alto... isso foi cumprido nos dias do Messias. Jesus e os apóstolos começaram seu trabalho chamando ao arrependimento as ovelhas perdidas da casa de Israel. Entre esses convertidos dos judeus havia, sem dúvida, vários membros das dez tribos. Na Igreja do Novo Testamento, a brecha que separa o Reino do Norte e do Sul de Israel será sanada.” Portanto, seu

cumprimento é para o primeiro advento e o estabelecimento da igreja nos primeiros evangelhos.

OT Allis em *Prophecy and the Church* diz: “ As palavras 'Eu levantarei o tabernáculo de Davi que está caído' não se referem a um futuro reino davídico”, nem há uma conexão com o levantamento do clã caído de Davi. em conexão com Cristo no segundo advento. É o primeiro advento e não se refere a um futuro reino davídico . “A casa de Davi, o poderoso reino de Davi e Salomão, havia afundado ao nível de uma 'cabana' humilde. Quando Emanuel, Jesus, o Filho de Davi, nasceu em Belém, foi anunciado e aclamado pelos anjos; e a encarnação da Segunda Pessoa da Trindade como o Filho de Davi foi o começo do levantamento da tenda caída de Davi. E quando o Filho de Davi ressuscitou triunfante sobre a morte e comissionou Seus discípulos com as palavras: 'Todo o poder me foi dado no céu e na terra', Ele reivindicou uma soberania muito maior do que Davi jamais conheceu ou jamais sonhou possuir.

Assim, quando Pedro e os outros apóstolos declararam que Deus ressuscitou Jesus e 'o exaltou à sua direita para ser Príncipe e Salvador', eles estavam insistindo que os atos poderosos que eles foram capacitados a realizar eram o exercício direto por meio de eles do seu poder soberano”. Assim, o versículo 11 foi interpretado como falando sobre o primeiro advento de Cristo, Jesus levantando a casa caída de Davi.

O versículo 12 diz: “Para que possuam um remanescente de Edom e todas as nações que levam o meu nome, declara o Senhor”. Possuir o remanescente de Edom é equivalente à “conversão dos gentios”. Isso se baseia na mudança de redação na citação da passagem de Amós em Atos 15:17, onde se lê , em vez de “possuir Edom”, “para que o restante dos homens busque o Senhor, e todas as nações sobre quem meu nome é chamado.” Esta mudança significativa nas palavras é interpretada como uma interpretação deliberada e inspirada da passagem de Amós por meio da qual a declaração do VT é elevada a um nível mais alto de significado. Você está deixando de possuir o remanescente de Edom

para o restante dos homens que buscam o Senhor. Deve-se notar, no entanto, que Tiago cita as palavras da Septuaginta.

Passaremos de 13 a 15. Os versículos 13 a 15 dizem: “Dias virão, declara o Senhor, em que o ceifeiro será alcançado pelo lavrador e o plantador pelo que pisa as uvas. O vinho novo escorrerá das montanhas e fluirá de todas as colinas. Trarei de volta o meu povo exilado Israel; eles reconstruirão as cidades em ruínas e viverão nelas. Plantarão vinhas e beberão o seu vinho; farão hortas e comerão de seus frutos. Plantarei Israel em sua própria terra, para nunca mais ser arrancado, da terra que lhes dei, diz o Senhor”. A partir dessa perspectiva interpretativa, o primeiro advento e a conversão dos gentios estão no versículo 12. Os versículos 13 a 15 são geralmente considerados como descritivos da Igreja Cristã por meio de linguagem figurativa.

Deixe-me ler aqui da página 192 de Laetsch, onde ele diz sobre o versículo 13: “O ceifeiro será alcançado pelo lavrador e o plantador pelo que pisa as uvas”. Ele diz: “o lavrador que prepara o solo para uma nova semeadura alcançará o ceifeiro. Colhendo ativamente a colheita da semente lançada pelo semeador no solo preparado pelo arado. Por outro lado, o pisador de uvas alcançará o homem que está semeando diligentemente as sementes para as colheitas futuras. Em outras palavras, do que isso está falando? Na Igreja de Cristo haverá preparação incessante e busca de heresia, ceifa e colheita na Igreja de Cristo, o trabalho é preparado no envio de missionários que estão pregando a palavra, que durará para sempre. E igualmente contínuo será o alegre recolhimento dos feixes ao trazer os convertidos para a igreja”. E isso é feito consistentemente com a passagem de Amós, mas o versículo 15 diz: “Plantarei Israel em sua própria terra, para nunca mais ser arrancado.” O que isso está falando? Dito isso, o versículo 15 é “a linguagem do Antigo Testamento para as profecias do Novo Testamento, como João 10:27, que diz: 'Ninguém jamais as arrebatará de minhas mãos', a segurança do crente”. Portanto, os versículos 13 a 15, nessa maneira de interpretar a passagem, são geralmente considerados figurativamente como descritivos da

igreja. Anthony Hoekema os considera como descritivos do estado eterno, e não da igreja, mas então alguém pode perguntar por que a ênfase em Israel ? “Plantarei Israel em sua própria terra, trarei de volta Israel, meu povo exilado; eles reconstruirão as cidades em ruínas”.

Eu coloquei em negrito em seus folhetos, veja Anthony Hoekema *A Bíblia e o Futuro* para um exemplo de como exatamente usar uma hermenêutica que pode ser aplicada a outras passagens também. Essa é a questão da importância dessa passagem em particular e seu uso no Novo Testamento porque os intérpretes dessa escola de pensamento derivam dela seus princípios de interpretação. Aqui está o que Hoekema diz: “ Profecias desse tipo podem, no entanto, também ser cumpridas *figurativamente* . A Bíblia dá um exemplo claro desse tipo de cumprimento. Refiro-me à citação de Amós 9:11-12 em Atos 15:14-18. No Concílio de Jerusalém, conforme relatado em Atos 15, primeiro Pedro e depois Paulo e Barnabé contam como Deus trouxe muitos gentios à fé por meio de seus ministérios. Tiago, que aparentemente presidia o conselho, agora diz: 'Irmãos, ouçam-me. Simão [Pedro] relatou como Deus primeiro visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. E com isso concordam as palavras dos profetas, como está escrito: “Depois disso voltarei e reconstruirei a morada de Davi, que caiu; Reconstruirei as suas ruínas e a edificarei, para que o restante dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios que são chamados pelo meu nome, diz o Senhor, que desde os tempos antigos tem dado a conhecer estas coisas” (Atos 15:14-18). Tiago está aqui citando as palavras de Amós 9:11-12. Isso indica que, em seu julgamento, a predição de Amós sobre o levantamento da tenda caída ou tabernáculo de Davi ('Naquele dia levantarei a tenda caída de Davi...') está sendo cumprida agora, como Gentios estão sendo reunidos na comunidade do povo de Deus. Aqui, portanto, temos um exemplo claro na própria Bíblia de uma interpretação figurativa e não literal de uma passagem do Antigo Testamento que trata da restauração de Israel... Aqui, então, encontramos o próprio Novo Testamento interpretando uma profecia do Antigo Testamento sobre a restauração

de Israel. de forma não literal. E então observe seu próximo comentário. “ Pode ser que outras profecias também devam ser interpretadas figurativamente . Em outras palavras, aqui está um exemplo bíblico desse tipo de interpretação, então por que eles não podem usar esse método interpretativo com outras profecias que se referem ao futuro de Israel? Pelo menos não podemos insistir que todas as profecias sobre a restauração de Israel devem ser interpretadas literalmente.

Interpretando Amós 9:11-15

1. Amós 9:12

Agora, vamos olhar para essas questões interpretativas um pouco mais. O que eu quero fazer é começar com o ponto dois, versículo 12, em Amós 9. Eu fiz o ponto um, versículo 11, ponto dois, versículo 12, ponto três, versículos 13-15. Você pode dividir a passagem de Amós no versículo 11, versículo 12 e versículos 13-15 e pontos um, dois e três. Quero examinar o ponto dois primeiro porque acho que o ponto dois, que é o versículo 12 da passagem de Amós 9, é o cerne da questão. Portanto, olhe para isso primeiro, e acho que o versículo 12 é um ponto de particular importância porque, primeiro, a citação do Novo Testamento que vem dele e, em segundo lugar, acho que a conclusão que você tira sobre as questões interpretativas no versículo 12 de Amós tem um significado importante. sobre como você interpretará o versículo 11, bem como o versículo 13-15. Em outras palavras, acho que o cerne disso se encontra no versículo 12 e determinará o que você fará no versículo 11 e nos versículos 13-15.

Darash (procurar) LXX & DSS ou Yarash (Possuir) MT

Olhando primeiro para o versículo 12, há um problema textual. Alguns de vocês se depararam com isso. Um artigo de 1953 em “Abordagem científica do Antigo Testamento”, de Allan MacRae, refere-se a esta passagem de Amós 9. E o que ele observa é algo que outros também notaram, é que a redação em Atos é uma citação da Septuaginta. Em outras palavras, quando Tiago cita Amós, a linguagem que ele usa concorda com a Septuaginta. Não concorda com o texto

massorético em Amós 9. Allis também concorda com isso. MacRae observa ainda, no entanto, que se houver qualquer elevação da profecia do AT a um nível mais alto de significado, como sugerem os intérpretes amilenistas, é a Septuaginta que inicialmente fez isso, não Tiago. Certamente os escritores desconhecidos da Septuaginta não devem ser considerados inspirados.

Então, como vamos explicar a diferença entre a Septuaginta e o texto Massorético? MacRae sugere que a resposta mais lógica é que a Septuaginta e o texto hebraico estavam de acordo na época do Concílio de Jerusalém, e que a mesma redação foi encontrada em ambos. Se Tiago havia usado uma citação diferente daquela que os homens do Concílio sabiam ser o original hebraico, por que alguém não disse "espere um minuto, uma citação imprecisa do AT não será a base para decidir a questão deste conselho para nós!" O que torna essa sugestão particularmente viável é que a mudança de apenas uma letra hebraica, *yodh* para *daleth*, que é facilmente confundido de qualquer maneira, dá um original hebraico compatível com a Septuaginta, mais a adição de duas letras vogais que podem ter sido introduzidas no texto hebraico após a época da tradução da Septuaginta. Em outras palavras, a palavra-chave aqui é este *yarash* (possuir) ou é um *darash* (buscar), "Para que eles possam 'me procurar'?" O "buscar" pressupõe *darash* em vez de *yarash* (possuir), se esse *yodh* foi alterado para um *daleth*. Você vê o que é chamado de *vorlage*, que era o texto hebraico apresentado aos tradutores da Septuaginta. Poderia ter sido consistente com a forma como o Novo Testamento cita Amós.

Essa sugestão, e isso é algo que MacRae não sabia porque não foi mencionado no artigo, é fortalecida pela observação de J. de Waard de que um dos Manuscritos do Mar Morto 4QFlor 1.12, que não é um dos textos bíblicos dos Manuscritos do Mar Morto. É um texto que contém uma antologia de textos centrados na promessa davídica de 2 Samuel 7, e há uma alusão a Amós 9:11-12. A redação hebraica corresponde exatamente à redação da citação em Atos. Em outras palavras, com o 4QFlor 1.12 dentro dos Manuscritos do Mar Morto, há um

texto hebraico que corresponde à tradução de Atos deste versículo, em vez da tradução do texto Amos Massoretic. De Waard comenta: “ Não seria necessário fazer esta pergunta se um exame cuidadoso de Am 9,11 em 4QFlor I.12 e em Atos 15,16 não nos obrigasse a fazê-lo. A forma de texto da citação de Amós em Atos difere daquela do Texto Massorético e da Septuaginta , mas é exatamente idêntica à de 4QFlor.” A Septuaginta está no versículo 16, não no versículo 17, em Atos. Nos Manuscritos do Mar Morto, temos o *darash* (buscar) em vez do *yarash* (possuir). Parece que esta sugestão tem peso adicional, já que temos evidências disso nos Manuscritos do Mar Morto agora.

Mas, em segundo lugar, qual foi o assunto em discussão no Concílio de Jerusalém e como a profecia de Amós aborda esse assunto? Em outras palavras, como Tiago avança em seu argumento e chega à conclusão de que eles chegaram ao Concílio de Jerusalém com base nessa citação da passagem de Amós? A questão em discussão no Concílio de Jerusalém precisa ser claramente compreendida. A questão não era se os gentios poderiam se tornar cristãos. Essa questão já havia sido resolvida, volte para Atos 1:1-18, “O Espírito Santo veio sobre eles como sobre nós.” A questão era se aqueles gentios convertidos também precisariam ser circuncidados. Ou seja, eles precisariam primeiro se tornar prosélitos judeus para serem aceitos pela Igreja. Aberto em Atos 15:5-6, “Então, alguns dos crentes que pertenciam ao partido dos fariseus se levantaram e disseram: 'Os gentios devem ser circuncidados e obrigados a obedecer à lei de Moisés.’” Os apóstolos e anciãos se reuniram. para considerar esta questão. Temos que circuncidar esses gentios para torná-los elegíveis para se tornarem membros da igreja. Tiago cita a passagem de Amós para resolver essa questão. Quem deve ser circuncidado? Seu argumento é o seguinte.

Primeiro, ele resume a referência de Pedro à conversão de Cornélio e sua família no versículo 14. Abra em Atos 15, versículo 13: “Quando terminaram, Tiago falou: 'Irmãos, ouvi-me. Simão descreveu como Deus a princípio mostrou sua preocupação ao tomar dos gentios um povo para si.’” E vejam, Pedro levantou-

se, volte para o versículo 7. Há muito tempo, Deus escolheu entre vocês que os gentios ouvissem de meus lábios a mensagem do evangelho e acreditassem. Deus, que conhece os corações, mostrou que os aceitou dando-lhes o Espírito Santo, assim como a nós. Ele não fez distinção entre nós e eles, pois purificou seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais pôr à prova a Deus, pondo sobre os pescoços dos discípulos um jugo que nem nós nem nossos pais pudemos suportar? Não! Acreditamos que é pela graça de nosso Senhor Jesus que somos salvos, assim como eles são”. É por isso que Tiago se levanta e diz: “Simão descreveu como Deus a princípio mostrou sua preocupação ao tomar dos gentios um povo para si”.

Amós 9:12 Citação em Atos 15 – Citação Simples não necessariamente uma Citação de Cumprimento De volta aos seus folhetos, ponto b. Ele então diz que as palavras de Amós concordam com isso. Na verdade, ele diz que as palavras dos profetas estão de acordo com isso e depois cita Amós. Ele não diz que a passagem de Amós predisse o assunto específico que Pedro descreveu, ou seja, a conversão dos gentios e o início da igreja. Devemos lembrar que o ponto em questão no concílio de Jerusalém não era se os gentios poderiam ser convertidos; mas, ao contrário, os gentios seriam obrigados a circuncidar e guardar a lei de Moisés. Não é lógico sustentar que Tiago citou uma predição do VT dizendo que os gentios virão a Cristo, e daí concluiu que, uma vez que o VT diz que os gentios virão ao conhecimento de Cristo, eles não precisam ser circuncidados. Tal conclusão justificaria a pergunta que estava sendo feita. A interpretação que sustenta que Tiago estava citando um versículo para estabelecer que os gentios serão convertidos não aborda diretamente a questão da circuncisão. Visto que o Concílio concordou em adotar o conselho de Tiago, devemos presumir que a passagem que ele citou abordava de alguma forma a questão da circuncisão. A interpretação amilenista, normalmente, não dá reconhecimento adequado a este ponto. A questão da certeza não é se os gentios podem ser convertidos - sim, eles podem ser

convertidos - mas quando o fazem, precisamos circuncidá-los ou não? Se alguém assumir que a passagem de Amós está falando sobre o reino escatológico e sobre um cumprimento subsequente ao Concílio de Jerusalém, o uso que Tiago faz da passagem assume um significado diferente.

Amós 9:11 em Atos 15

Observe que Tiago fala sobre a aparição de Pedro dizendo: “Simão declarou como Deus **primeiro** mostrou sua preocupação ao tomar dos gentios um povo para si”. Essa é uma afirmação bastante estranha. E você percebe, como eu coloquei em negrito aqui, 'no início'. Por que ele coloca isso 'no início'? Em seguida, ele resume o que Pedro lhes disse. Quando Tiago relaciona a citação de Amós com a conversão dos gentios, ele diz (versículo 16a) “ **Depois disso** voltarei e ...” O “ **depois disso** ” de Tiago segue com “ **no início** ” do versículo 14 e é uma modificação clara da redação hebraica de Amós 9:11 . Em outras palavras, conforme você lê em Atos, Tiago diz: “Deus primeiro fez isso... depois disso voltarei”. Assim, em Atos há essa sequência, “no início”, depois “depois disso”. É uma modificação clara da redação hebraica de Amós 9:11. Na redação hebraica de Amós 9:11, não diz “depois disso”. Amós 9:11 começa: “Naquele dia me levantarei”. Quando James cita “naquele dia eu levantarei”, ele substitui lá “depois disso voltarei e levantarei o tabernáculo caído de Davi”. As palavras “depois disso voltarei” não estão no livro hebraico de Amós, nem na Septuaginta. Parece haver pouca dúvida de que Tiago deliberadamente substituiu o “depois disso voltarei e levantarei o tabernáculo caído de Davi” para a expressão de tempo geral com a qual a passagem de Amós começa. James introduz esta citação colocando-a em um período de tempo mais específico.

Então, se Deus primeiro levantou os gentios e depois disso voltará, isso não é a primeira metade, é a segunda metade. Além disso, como foi observado antes, Tiago não diz que Amós havia predito que Deus visitaria os gentios para tomar deles um povo para o seu nome, Atos 15:14b. Porque ele diz: “Nisto concordam as

palavras dos profetas”. Tiago não está sugerindo que Amós previu especificamente os eventos que Pedro havia descrito, mas está sugerindo que Amós, e este é o cerne da questão, prevê um tempo em que esse povo já existirá.

Portanto, de acordo com Tiago, o que Amós diz concorda com o fato registrado por Pedro e Paulo de que Deus começou a “visitar os gentios para tomar deles um povo para o seu nome”. Se a passagem inteira for lida com essas considerações em mente, não será difícil ver a relação da passagem com a questão da circuncisão. Para os conselheiros, o argumento parece ter ficado bastante claro. Lembre-se, a questão no concílio não era se os gentios poderiam se tornar cristãos, mas se eles poderiam se tornar cristãos e permanecer gentios. Assim, a citação de Amós deve, de alguma forma, dar uma razão clara e lógica pela qual o concílio deveria decidir que não era necessário que os novos gentios convertidos fossem circuncidados. Ele faz isso, apenas se for entendido como uma descrição da situação que existirá no momento em que Cristo voltar para estabelecer seu reino. Se Amós não está falando deste tempo futuro, quando haverá gentios sobre os quais o nome de Cristo é invocado, mas está apenas predizendo que os gentios serão salvos, então a profecia não tem relação clara com a questão da circuncisão.

Conclusão:

Conclusão: Aqueles que interpretam a citação de Amós como uma descrição do estabelecimento da igreja são um deles, atribuindo uma “interpretação figurativa de Amós” a Tiago, quando na verdade ele estava simplesmente citando os textos corretos do Antigo Testamento como evidenciado pelo Mar Morto. Pergaminhos manuscritos, que foram posteriormente corrompidos. Dois, eles estão interpretando a citação de uma forma que não tem relação com a questão central, se os gentios convertidos precisavam ser circuncidados. E terceiro, eles estão desconsiderando a linguagem em que Tiago introduz a citação ao omitir a frase de Amós “naquele dia” e substituí-la por “depois disso voltarei” e para indicar um tempo específico em que a profecia de

Amós será cumprida. Em outras palavras, parece que há uma sequência em que Tiago diz: “No princípio, Deus se preocupou em tomar os gentios como um povo para si”, resumindo a discussão de Pedro sobre a conversão dos gentios. E então ele diz que a palavra de Deus concorda com isso. Então, em vez de “naquele dia”, ele diz “depois disso”, “depois disso voltarei”. Depois da conversão dos gentios, eu voltarei. E quando eu voltar, veja no versículo 17, haverá gentios que levarão meu nome. Haverá gentios naquele dia sobre os quais o nome do Senhor é invocado. Se os gentios estiverem lá na época do segundo advento de Cristo, sobre os quais o nome do Senhor é invocado, obviamente os gentios não precisam ser circuncidados. Parece-me que essa é a linha de argumentação.

Implicação para Amós 9:11 e 9:13-15 Agora vamos voltar. Se você adotar essa visão do versículo 12, isso pode mudar fortemente a interpretação do versículo 11 como uma referência ao reino escatológico de Cristo no segundo advento, e não à Igreja no primeiro advento de Cristo. E parece que também, com relação ao versículo 13-15, isso sugere que devemos ler 13-15 como descritivo das condições que existirão naquele tempo, não como uma descrição figurativa da Igreja. Observe que J. Barton Payne assume uma posição de mediação. Ele vê o versículo 11 como o reavivamento da linhagem de Davi na primeira vinda de Cristo. Então ele vê o cumprimento de Amós 9:12 como a introdução de gentios em Israel, que é a Igreja. Ele considera a frase “depois disso e eu voltarei” em Atos 15:16 como significando após o exílio e a preservação de Amós 9:9-10. Também, é um equivalente para a expressão de Amós, “naquele dia” no contexto de Amós ao invés do contexto de Atos. Agora, para mim, isso não faz muito sentido. Parece-me que é o contexto de Atos que vemos que Tiago está modificando as palavras. “A princípio” e este “depois voltarei” é o contexto de Atos, não é o contexto de Amós. Mas as pessoas discutem isso. Mas o que ele faz com 13-15? Ele diz que 13-15 são descritivos da prosperidade milenar. Assim, Payne se move desde o primeiro advento de Cristo até a fusão dos gentios em conexão com ele até a

prosperidade milenar do fim dos tempos. Isso é necessário? Esta passagem é uma unidade?

Amós 9:13-15 Aalders, que é amilenista, então normalmente você espera a conversão dos gentios como uma descrição figurativa da Igreja em Atos 15:13-15, diz: “ Minha conclusão é, portanto, que temos duas profecias separadas em Amós 9:11-15 que tratam de dois assuntos separados e que encontram cumprimento em dois períodos totalmente diferentes. A primeira (versículos 11-12) é uma proclamação do governo messiânico da dinastia davídica. Isso se cumpre com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e seu cumprimento continua na conversão dos pagãos pela pregação do evangelho. A segunda (versículos 13-15) é uma promessa de retorno do exílio, e se cumpre no retorno decretado pelo rei persa Ciro. Em outras palavras, é cumprido no período do Antigo Testamento. Cronologicamente os versículos 13-15 seriam anteriores aos 11 e 12. E ele diz: “ Com esta abordagem eu me oponho, por um lado, aos quiliastas que entendem os versículos 13-15 como uma referência ao retorno dos judeus à Palestina no tempo messiânico, ” Eu me opus a isso, “ mas, por outro lado, também vários expositores não quiliásticos que espiritualizam os versículos 13-15, e totalmente contra o sentido claro das palavras, vejam aqui os benefícios espirituais que Cristo concede à Sua igreja”. Em outras palavras, ele encontra dificuldade em aceitar aquela hermenêutica que poderá encontrar a Igreja nos versículos 13-15. Há um tipo de linguagem literal que temos lá: o ceifeiro, o lavrador, traga de volta meu povo exilado Israel, plante Israel em sua própria terra, para nunca mais ser arrancado. Ele diz: “ Nem uma nem outra ideia é correta”. Em outras palavras, o milenar ou o espiritual. Só podemos fazer justiça às palavras como estão agora se mantivermos ambas as profecias (de acordo com o que é frequentemente visto na profecia) separadas e entendermos a primeira como uma referência ao Messias, mas a segunda como o retorno de Israel do cativeiro babilônico. . Você pode ver com o que ele está lutando? Ele está lutando com a legitimidade de pegar os versículos

13-15 de forma figurativa e aplicá-los à igreja. Isso faz justiça à linguagem em 13-15? Ele diz: “Não”.

Bem, então qual é a opção dele? Veja, do ponto de vista dele, não há um período milenar; portanto, se você for ler de maneira literal, deve ser o retorno do exílio babilônico. Mas isso cria tantos problemas quanto resolve porque, primeiro, o fluxo da passagem está de volta a algo anterior a isso. E segundo, as palavras: “Vou plantá-los na terra para nunca mais serem arrancados”, mas eles seriam arrancados novamente após o retorno do exílio. Então, você vê onde ele está lutando, mas ele não apresenta uma boa resposta.

Sugestão de Vannoy Acho que a abordagem que estou sugerindo nos leva ao segundo advento e não como algum tipo de referência à conversão dos gentios no versículo 12, mas simplesmente como a declaração naquele tempo como uma referência ao segundo retorno de Cristo. “Haverá gentios dos quais será chamado o meu nome” significa que não temos que circuncidar os gentios, porque quando Cristo voltar todos nós seremos gentios sobre os quais o nome de Cristo é invocado. E se for esse o caso, por que vamos circuncidar essas pessoas agora? Esta é uma passagem complexa, e há uma série de questões interpretativas. O que se segue aqui não acho que seja tão crítico, é apenas uma discussão adicional de alguns pontos de vista diferentes.

Transcrição de Jared Kuipers
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt